

A photograph of a stone wall under a cloudy sky. The wall is constructed from large, grey, rectangular stone blocks. The sky is blue with scattered white clouds. The overall scene is a close-up of the wall, with the sky visible in the upper right corner.

**A ESQUINA
DE
PEDRA**

Wallace Leal V. Rodrigues

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Esquina de Pedra

Sobre o que estão fundadas as suas bases? ou quem assentou a sua pedra de esquina? — Job, 38,6.

A Pedra que os edificadores rejeitaram se tornou a cabeça da esquina — Salmos, 118,22.

Portanto, assim diz o Senhor Jeová: Eis que eu fundo em Sião uma pedra, uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina, que está bem firme e fundada: a- quele que crer não se apresse. Isaías, 28, 16.

Esta 6 a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina. Atos, 4, 11.

Pelo que também na Escritura se contém: Eis que ponho em Sião a pedra principal da esquina, eleita e preciosa, e quem nela crer não será confundido.

Assim, para vós, os que credes, é preciosa, mas, para os rebeldes a pedra que os edificadores reprovaram essa foi feita cabeça de esquina;

É uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, para aqueles que tropeçam na palavra, sendo desobedientes; para o que também foram destinados. I. Pedro, 2 — 6, 7, 8.

Stella.

Eis aqui a tua narrativa, exatamente como, neste ano que se findou, tu m'a confiaste. A explicação que eu poderia ter para tudo quanto sucedeu contigo talvez não seja válida para todos os entendimentos. Eis porque em nenhum momento quis ser explicativo. Duvido mesmo que tenha, por um breve espaço de tempo, traído a sucessão dos acontecimentos. Sebastes existiu e foi a "Rainha do Ponto". Arrius, Atanásio, os quarenta mártires de XII Legião existiram. O conflito no seio da igreja cristã, tal como o descreves, ó um fato histórico.

Entrego o livro ao público em teu nome e só o tempo nos dirá como o esforço de minha fidelidade e o valor de tua verdade serão acolhidos.

...Constantino, vencedor, muito potente e muito augusto, a Alexandre e a Arrius...

Ultimamente, quando uma intolerável loucura se apossa de toda a África, por culpa de alguns temerários que dividem a religião dos povos em seitas diversas, Eu, querendo conter esse mal, não vejo melhor remédio que procurar alguns de vós outros, bispos do Oriente, para vos encarregarem de restabelecer a concórdia entre os dissidentes. Pois que, pelo favor de Deus, os raios da verdadeira luz e a regra da verdadeira religião, partiram do seio do Oriente para iluminar o Universo inteiro, e eu penso que deveis continuar sendo os guias salutareis de todas as nações.

Mas, Oh! bondade divina, uma notícia chegou aos meus ouvidos e feriu minha alma. Aprendo que há entre vós maiores dissentimentos que os que dividem a África, de maneira que vossa terra, de onde eu esperava o recurso, tem mais necessidade de remédio que outra qualquer. E refletindo sobre a origem dessa divisão, encontro que a causa é ligeira e de todo indigna de tal contenção de almas. Eis porque vejo-me reduzido a vos endereçar esta carta e, invocando o recurso da Divina Providência, me ofereço por árbitro e intermediário de vossa defesa... E eis como depreendo que começou vossa controvérsia.

Vós Alexandre, procurastes saber de nossos padres o que pensavam sobre um ponto de coisas escritas na lei, ou antes, sobre uma questão de pouca importância, e vós Arrius avançastes sem prudência sobre o que deveis, ou nunca pensar, ou se pensar, guardar em silêncio. Daqui a discórdia nasceu entre vós, a boa harmonia foi rompida e o povo santo, dividido em duas partes, perdeu a sua unidade.

Mas agora cada um de nós vos perdoareis reciprocamente e acatareis o conselho que vosso irmão em Deus vos propõe muito justamente.

De que se trata com efeito? Não é preciso, sobre esta questão, nem interrogar, nem responder,

pois são de nula necessidade legal, desnecessárias de serem agitadas, mas que são postas em discussão para o divertimento dos ócios; e, embora possam servir para o exercido do espirito, entretanto deveis tomar o cuidado de contê-las no interior dos vossos pensamentos e não discuti-las ao acaso, nas reuniões públicas, e não levá-las, sobretudo, sem discricção, às orelhas do público. Quantas pessoas podem, com efeito, compreender exatamente o alcance de tão grandes e tão difíceis matérias e de as expor dignamente? E se alguns pensam adquiri-las, quantos no seio do povo poderiam compreendê-las? + Quem pode, na delicadeza de semelhante questão, estar seguro de se preservar do perigo de cair em erro? É preciso, pois, sobre todos estes assuntos, reprimir a língua, por medo de que a fraqueza daquele que fala não o impeça de se explicar de maneira suficiente, ou de que a lentidão de espirito daquele que ouve não o faça negligenciar de uma parte do que se diz e que por um motivo, ou por outro, o povo não caia nas blasfêmias e nos cismas.

A interrogação tem, pois, sido imprudente, e a resposta indiscreta, pois não se trata, entre vós, de um dos pontos principais de nossa fé, e não se vos impinge um dogma novo sobre a adoração a Deus. Tendo no fundo a mesma opinião, podeis retornar facilmente à mesma comunhão. Vende os filósofos de uma seita como professam a mesma opinião e, entretanto, têm, quase sempre, diferenças sobre qualquer ponto em particular. Mas, embora divirjam sobre pontos-de-vista que tenham quanto à perfeição da ciência, no que faz o alicerce da doutrina, restam sempre unidos. Como não seria conveniente que vós, servidores do Deus Altíssimo, vos mantivésseis unidos na profissão da mesma religião?!...

Voltaí, pois, ã vossa muita caridade... Dai-me a mim meus dias tranqüilos e minhas noites sem inquietudes...

CAPITULO — I

A noite passada, tornou a acontecer. Os sonhos voltaram, ou eu voltei aos sonhos. Adormecera tranqüilamente e nenhum pensamento ocupava-me a mente a não ser um inesperado interesse pelo vento que começara a soprar e uma súbita ternura para com o tique-taque do velho relógio, dois sons amigos e confortadores. Assim adormeci. E como o navio que se desgarrá, levado por traiçoeira e silenciosa correnteza, flutuei por um breve instante; partida» as inapercebidas amarras, fui levada, mais e mais, inerme, na ignorada rota da noite interior.

E, tal como acontece nos sonhos, sem qualquer surpresa, vi-me outra vez a cavaleiro da colina, sobre o estreito vale do rio.

Creio ter ficado um largo tempo ali, examinando com melancólico interesse, o cenário enluarado, até que, inesperadamente, percebi que meus lábios chamavam nomes conhecidos à minha memória adormecida, porém que ignoro desperta. Eu chamava, mas ninguém respondia! Em verdade toda a paisagem em torno, fria e obscura, estava morta. Nenhum som, nem mesmo o murmurar do rio, rolando entre as margens lunares, ou o sussurro do vento...

Então uma imensa melancolia obrigou-me a avançar. No mais íntimo recesso de mim mesma, um insuspeitado mecanismo trouxe-me a saudade de criaturas ausentes, construções, animais, que, em certo tempo, tinham oferecido especial e terna fisionomia à inativa paisagem.

Eu chorava, e aquela tristeza, como outras vezes já sucedera, tangeu-me mais para a frente. Desci a áspera trilha, do lombo da elevação e, lá em baixo, fui de encontro às ruínas da velha fortaleza. As negras paredes desapareciam sob a terra que, em anos capazes de somar séculos, c vento carreara, sob as plantas selvagens, as urtigas e os espinheiros alvares. Estendi as mãos e toquei as pedras tingidas pelo luar. Um frio mortal impregnara-se nelas.

Um pouco abaixo, as plantas mais vigorosas fechavam-se sobre as paredes derreadas, em abóbodas de impenetrável sombra, e, estranhando *aquela* vitalidade na terra árida da encosta, percebi, com surpresa que o rio modificara o seu curso. Suas águas formavam agora um paludoso

remanso rente aos muros devastados.

Com ansiedade procurei no céu os traços de fumo que as fogueiras dos bivaques desprendiam, e espiei entre as frestas das muralhas, buscando o lucilar das labaredas. Mas apenas o luar e as sombras profundas se justapunham entre os arcos fendidos.

Fui avançando entre as parasitas e lianas, as grossas raízes que se enroscavam saltando do solo duro e frio um pouco para o Oeste, depois para o Norte, onde deveria estar, aconchegada entre as colinas, a alva cidade. Era um rumo intuitivo; entretanto, pouco adiante, vi que grandes pedras haviam rolado pelas encostas. Agora descansavam como tranqüilos e disformes animais chafurdados no solo. Como elas, pequenos aludes tinham, de pouco em pouco, deslizado, obstruindo meus furtivos passos.

Todavia pude, magicamente, prosseguir. E assim, galgando o cômodo, vi-a, finalmente, branca, imóvel, como um esqueleto alvejando ao luar.

Não pude prosseguir. Cerrei fortemente os olhos e gritei. Ergueram-se labaredas por detrás de minhas pálpebras e o medo me dominou. Era Sebastes que eu vira, na concha da noite, na solene cripta de uma memória perdida. Alguns ciprestes, figueiras, juníperos, rododendros, tamarineiros, pequenos pomares em torno às últimas muralhas, o polácio do procurador pairando sobre o casario, entre fontes e colunatas envoltas em heras. E, de inesperado, tudo aquilo ardeu num incêndio devorador.

Ouvindo o galopar desabalado de meu próprio coração, voltei-me em direção ao rio. Lá estava a tarja cinzento-prateada no contorno fulvo das colinas, fugindo em direção ao Ponto Euxino.

Nenhum som, nem mesmo o crepitar das chamas, mas no céu lavado as nuvens horrendas de fumo manchavam a estranha limpidez do ar...

CAPITULO II

Tornou a acontecer... Pela Porta Dilatia perambulei ao longo do caminho do Sul, o que leva ao Mare Nostrum e que as caravanas comerciais percorrem carreando produtos das estepes para os mercados da costa. Por ali chegam os contingentes militares para as mudas periódicas, quando, empregando pesadas balsas se movem de uma para outra cidade ribeirinha.

Desci ao desembarcadouro. As plantas más apagavam os limites do molhe, levantando as pesadas lages do ancoradouro ao posto-de-guarda.

Voltei sobre meus passos desejosa de encontrar um certo lugar, além, entre as colinas, à face do Sol. Entretanto ao meu olhar ansioso apenas ofereceu-se-me o velho cemitério e, então, como por misericórdia, a luz fugiu num fulminante crepúsculo: apagou-se e desfez a visão.

Fiquei desperta no sonho, um largo espaço, expectante, e quando a claridade, como num sonolento alvorecer, de pouco em pouco retornou, senti, com suave reconforto, que as dores temidas eram de todo impotentes. Desde há muito estavam mortas!

Meu coração repousava! Entrefitei firmemente, os três lanços de ruínas, na encosta da colina, elas também assaltadas pelas plantas invasoras. Acantos e urzes, cujas sementes tinham longamente dormido sob a terra, vtcejavam agora sobre os pomposos mausoléus romanos, e a vegetação malfazeja afogava colunas, envolvia as grandes urnas esculpidas, violentando os suaves contornos dos mármore delicados.

A poeira dos anos acumulara-se sobre os monumentos numerosos e a cerca divisória, com seus belos balaustres, jazia por terra, misturando as quadras de judeus e capadócius à necrópole dos senhores poderosos.

Dor e medo sepultavam-se ali, e fora impossível a ressurreição, mesmo para os obstinados israelistas que, tão seguramente, esperavam por ela. Então ocorreu-me que, não obstante, no misterioso mundo dos sonhos eu própria tinha ressurgido do túmulo e era muitas pessoas somadas numa só, muitos seres ao mesmo tempo, contemplando a pequena dimensão de tempo que, tão

intimamente, se relacionava com o semblante juvenil, por vezes arrogante, por vezes suave e doce, a que chamavam Gal-la.

Eu quis pensar em mim mesma, tal como o fora! Então seriam meus os ruídos do rio entre as margens barrentas, o sussurro do vento entre as folhas dos rododendros, o grito cortante do falcão planando sobre a estepe acobreada e áspera.

Recordaria a casa singular, as paredes de pedras e as salas, os cômodos cavados no penedo, a grande cadela pastora cujo pelo a brisa penteava lerdamente e cuja língua cor-de-rosa pendia plácida e úmida.

São memórias de paz...

Eu ia acordar dali há pouco; em breve estaria outra vez estendida sobre o leito, centenas de anos à distância, e todos aqueles propícios sortilégios talvez não voltassem a ser repetir...

Eu não tornaria a dormir e ficaria pensando, tentando coordenar as peças a fim de que, como no jogo-de-xadrez, pudesse vencer a partida contra a insidiosa correnteza, cujos fluxos e refluxos levam-me e trazem-me, para onde...

Onde... Como? ... E por que...

CAPITULO III

Gostaria de falar aos outros sobre quanto tem acontecido, desse passado reencontrado entre as meia-luzes do sono. Entretanto sei que muitos rir-se-ão e outros reunirão complicadas teorias. Alguém poderá dizer que o passado está irremediavelmente morto e eu terei de silenciar embora sentindo em mim mesma o quanto vive, nas mais sensíveis fibras e que, no misterioso mar do tempo, flutuo como em precária prancha de cortiça.

Pensava em tudo isto, com fria consciência e, de pouco em pouco, como a folha que tomba, descrevendo um vagaroso círculo, eu também pendi no vazio, e vi que duas noites diferentes se esbatiam, fundiam-se uma sobre a outra, como paisagens realizadas na mesma tela e que a tinta esgarça não pode cobrir inteiramente!

CAPITULO — IV

O mais importante se esconde por detrás do berço. Se as tênues divisões desmoronam, surgem os outros andares do edifício.

Disse-me alguém, — talvez eu mesma me tenha dito, — que ninguém pode viver impunemente na companhia constante do passado. Por isso tenho medo.

Prisco veio e voltou e nisso pode residir a minha tentação. Foi E-rily Bronte quem escreveu este verso:

'Não te conheci e todavia amei-te! Agora dormes o sono lívido e sem medo, embora o rugir do mar...'

Eu preciso imaginar o olhar profundo, vagamente grave, vagamente triste em que, por vezes, vagava a sombra de um sorriso embora a impenetrabilidade da face. Quedo então perplexa e luzes de alegria, sombras de tristeza vejo perpassar sobre o rosto pensativo e belo.

Tenho de vencer os meus demônios e nisso toda a ironia que me resta. A compra da liberdade só nos parece fácil muito depois que a transação foi feita. Mas é sempre difícil distinguir o que podemos levar conosco para além do relógio do tempo.

Muitas vezes imagino que ele sorri para mim, o sorriso da nossa juventude sem nuvens e, então, um louco pensamento, o de que as barreiras se desfazem, me empolga, e eu lhe pergunto.

— Como te chamastes e como te chamarás depois disto? Dize-me a fim de que te possa encontrar! Fujo pela estrada gelada, com os olhos postos na Estrela Polar. Como o botão da flor, a memória

se abre em pétalas de lembranças.

Aquém do rio, entre os vales e as colinas, as trompas dos pastores quebram a paz da tarde. Os ladridos de Coronna encham o ar do Verão, ela surge em saltos de alegria para me lambe as mãos. E no alvoreço debandam casais de pássaros escondidos nas moitas e, por um momento, o rufiar das asas em fuga, agita as ramas, traça escuros riscos no ar claro. O ruído, as castanhas pinceladas, perdem-se à distância e outra vez é o silêncio.

O céu se torna rubro como labareda e as sombras côm-de-violeta escorrem mansamente da cordilheira. O Taurus se envolve em um manto de rei...

Espero que vovô me chame. Ele fará soar a sua trompa de chifre, eu responderei ao seu toque. Depois, auxiliada por Coronna, reunirei o rebanho e voltarei para casa. Nas margens do rio o verde das folhas se torna mais intenso; em breves minutos os salgueiros e os choupos se farão quase negros. Nesta época do ano as luzes fogem muito rápidas. Se me demorar um pouco, novo toque ansioso estrugirá no ar, quebrando-se pelas dobras dos morros. Vovô receia os lobos e, os salteadores muitas vezes, vem ao meu encontro. Ele e Cirilo já estão de volta. Seguramente, lavam-se para a ceia.

Eu sou distraída e gosto de ver o avanço da noite contra o Sol posto, as colunas de sombras e os pórticos de ouro. Dizem-me que o Sol. é um deus no seu carro de fogo: não o aceito, mas não recuso imaginar a biga incendiada e o formoso Apoio. Grito para os animais enquanto Coronna se agita em curtas carreiras, orientando-os em direção às passagens. Os nervosos balidos anunciam em casa a minha aproximação.

Empunho o comprido cajado e trago a tiracolo o meu cabaz com água. Esta tarde venho cantando uma canção que todo o meu povo canta. E rapidamente meus pés, calçados de rústicas soleas, vencem a distância.

A canção morrerá em meus lábios se eu pensar que o processo do passado está aberto e que posso ser ré; se pensar que os dedos dos acusadores já estão em riste e apontam para mim. Mas a idéia não me ocorre... Eu canto porque tenho 16 anos e porque é Verão.

Nenhuma voz poderá me magoar agora; depois, quem sabe... O passado e o futuro são Amor unicamente e no presente eu canto:

"Pan está sentado no barranco Pan sorri velhaco. Ele corre Seus ladinos dedos na cabeça Dos suaves cordeirinhos E os cornos nascem..

Corro em direção da estrela e, neste momento, também ela corre para mim. Descreve suave trajetória e vem ficar sobre minha cabeça, É como uma joia linda, a única que posso possuir.

A brisa da tarde perpassa ligeira, toma em suas mãos invisíveis o chale de fumaça que escapa da rústica chaminé e tenta envolvê-lo na estrela. Eu salto para a escada da frente e grito a Cirilo:

— Vem ver! Como é bonita... é verde a minha estrela...

Damo-nos as mãos e ficamos a olhar. Temos temperamentos muito semelhantes e, de certa forma, gostamos das mesmas coisas, fazemos idênticas escolhas, recusamos o mesmo. Dá-me prazer verificar que meu irmão é bom. Mamãe chama-nos.

Subimos a correr os degraus rústicos, entramos na gruta que uma parede, na frente, veda para o exterior.

É nossa sala e quarto, pois que, no canto oposto, Cirilo e eu dormimos. Nos fundos estão a cozinha, a divisão de mamãe, a de vovô e, na gruta inferior, rodeado pela paliçada de espinheiros, o redil.

Nossa casa, construída por papai e vovô, não difere da maioria das habitações dos pastores capadócijs. Lavamo-nos e vamos nos reunir para

9 a refeição da tarde. Posso enumerar, um a um, os alimentos, pois nunca sofrem alteração. Auxílio mamãe a trazê-los para a rústica mesa: uma grossa fatia de pão para cada um, frutas secas e frescas, azeitonas, queijo, um pote de leite. Nunca tomamos vinho, pois este teria de ser comprado.'

O pão fresco, ensopado no azeite de oliva, nos parece delicioso e comemo-lo com satisfação.

Revejo o quadro singelo, iluminado pelas últimas luzes do crepúsculo, o aposento cheio de odres e bilhas onde eram acumulados o óleo, o leite, a manteiga, as azeitonas conservadas; a cozinha com o fogão baixo, sobre lages de pedra; as janelas se abrindo para a monotonia da estepe, o balir das cabras e carneiros sob nossos pés, o ruído do vento...

A porta, retângulo de madeira bruta sobre o qual esticam-se peles de cabras costuradas rusticamente, vai se abrir e vovô se deterá um instante antes de entrar, com suas roupas capadócias, tais como as usam todos os homens das estepes; depois mamãe, Cirilo, com seu amistoso sorriso e, por último, Coronna, o animal amigo que vem estender-se aos pés de meu irmão, lambendo-lhe os dedos a cada vez que, astuciosamente, passa-lhe pedacinhos de pão e queijo por debaixo da mesa.

Cirilo e eu trocamos compreensivos olhares enquanto nossa mãe serve bolos de aveia; em dias especiais, o doce de leite coalhado e mel, ou a fatia do pão especial recheiado de nozes e avelãs.

— Comei o que quizerdes, — ela diz, — sempre com o mesmo tom de desafio na voz.

É que veio a modificação dos impostos e foi aplicado o jugurn. As autoridades romanas calcularam de maneira a que cada família fique apenas com a quantidade necessária ao número de pessoas que a constitui. Os vizinhos cochicharam seus receios; Cirilo e eu somos bastante crescidos para perceber que a situação é séria.

O *agente in rebus* vem a nossa casa e temos que nos apresentar diante dele para a prova das bocas. As cabeças do rebanho foram contadas e medido o terreno que cultivamos, irrigado por uma nora construída à margem do rio. O homem estabelece nossos limites e mamãe, com atrevimento, lembra-lhe o nosso apetite. O agente olha-nos com desprezo mas seu olhar se modifica quando se põe sobre ela. Nossa mãe é esbelta e jovem: Seu rosto, enfeitado com pesadas tranças loiras, é belo, apesar de tisonado pelo Sol. O homem sugere que ela o procure a fim de que o assunto seja discutido junto ao Procurador. Claro está que preferimos moderar a nossa disposição.

Os soldados deixam-nos desinquietos e instintivamente nos retrai-mos. Pinta-se a angústia no rosto de nosso avô. Ele não pode falar e assim todas as respostas devem ser dadas por nossa mãe. Anos atrás homens como aqueles Unham-lhe cortado a língua.

Tudo isso se acabou. Outros povos, através de outras tantas eras, invadiram terras alheias, ditaram leis, oprimiram inofensivas populações. E, sempre que possível, num mesmo desafio, as mães disseram aos seus filhos:

— Comei o que quizerdes.

Não me lembro de que, naquele tempo, lamentássemos a liberdade que nosso povo perdera; talvez fôssemos muito jovens para isso! Onde morávamos, apenas uma vez por outra apareciam o *limitanei* tão temido pela população das cidades e que a própria Coronna aprendera a odiar.

O Império Romano se desfez, dele restam apenas as ruínas melancólicas que sofrem a intolerância do tempo. Os exércitos tumultuários, semelhantes às pragas, vencedores sempre, não puderam vencer o tempo e a morte.

Hoje os turistas distraídos passeiam pelas arcadas vazias dos palácios imperiais ou erram impunemente pelos aposentos dantes proibidos. Os edifícios que abrigavam o poder, deixam passar o vento e os caminhos famintos, que devoravam as distâncias em todas as direções do mundo, se a erva não cobriu e o pó não os apagou, sonham tão somente com o louco rodar aas bigas vaidosas, com o ressoar dos cascos dos *equites* soberbos, com o ritmado marchar dos *cueis e vexillatores*.

Éramos conhecidos como um povo bárbaro e agressivo. Em todo o mundo antigo dizia-se que, mordendo um capadócio, era a serpente que morria e, por isso, as autoridades sentiam-se justificadas subscrevendo as medidas de maior rigor.

A segunda operação cadastral, revisada cada quinze anos, encontrou-me mocinha. Eu era esguia, de cabelos quase loiros e pele bronzeada pelo Sol. Como a gente do povo, vestia roupas cortadas em tecidos fabricados em casa, não sem um certo requinte, devido ao sangue macedônio de minha mãe.

Papai era filho de um mercenário galo e não me lembro, entre todos os nossos conhecidos, de um

só que não tivesse mestiçagem. Cirilo e eu éramos altos e diziam que nos parecíamos com nossa mãe. Eu me lembrava ainda de nosso pai, que fora um homem louro, maciço, grande e forte. Mataram-no em 312 já quando arrefecia o furor das perseguições. Desse último édito nosso avô escapou embora lesado, para sempre, do recurso da fala. Meu nome homenageia a lembrança de meu pai.

A noite está cálida, as janelas abertas espiam-na. A chama da candeia lucila aos tênues sopros da brisa. Reunimo-nos para a prece comum antes do repouso da noite. Nossa mãe repete o nome de Jesus com ternura e lembra nosso pai, no mundo-dos-Espíritos. Temos as cabeças baixas e alguma coisa de suave e terno aquece-nos o coração. Quando a singela súplica termina, vejo o rosto enrugado de meu avô umedecido pelas lágrimas.

Deitamo-nos. Cirilo vai assoprar a chama, porém, animadamente, volta-se para mim:

— Não te contei ainda: mudou-se uma nova família cristã para a cidade. Veio de Arnaséia. Cândido atirou-me sua *triptycha* enquanto passava no rio. Escreveu que o filho da casa é um comentarista inspirado. Chama-se Filoctemo. Na primeira oportunidade convida-lo-emos a vir até aqui...

Preciso dizer que a *triptycha*, como a *diptycha*, ou a *poliptycha* eram tabuinhas recobertas de cera, que usávamos para escrever, com o auxílio de um estilete.

Ê curioso recordar também que aqueia era a primeira vez em que eu ouvia pronunciar o nome de Filoctemo.

CAPITULO - V

CIRILO

Sente-se num curioso estado de duplicidade. Flutua no quarto, e, entretanto, seu corpp continua lá embaixo, na cama, impassível ao que se passa, pois que a sède da inteligência também flutua, já não reside na forma letárgica que é ele njesmo. Aproxima-se, observa-se.

Sua cabeça está recostada sobre o braço esquerdo, Junto â parede, o outro braço deslizará no sono e pende livremente. Seu peito arfa com \- passadamente e ele percebe que um tênue fio de prata prende-o ao corpo que repousa. Ê difícil compreender. Por certo sonha...

— *Não, não sonhas, diz-lhe uma voz conhecida. Volta-se. Ê seu pal, exatamente como era antes, quando ainda vivo. Atira-se-lhe nos braços.*

— *Pai, eu sonho... eu sonho...*

— *Não, não sonhas. Vê bem: ali está teu corpo adormecido. Tenho- te nos braços, e tu me sentes, me tocas porque estás aqui em espirito. A assim mesmo, não estranhes. — Aponta-lhe o fio extremamente mobil e diz: — Quando morreres e te desligares do corpo material, quando este fio se romper, ficarás então definitivamente no mundo dos Espíritos, onde estás comigo, agora.*

— *Temos então, realmente, um espirito como tu nos ensinavas? Esta é a parte eterna que nós todos temos e 6 assim, por isso, que a morte não existe?...*

— *Sim, como eu te ensinava...*

Um breve silêncio cal na penumbra do quarto.

— *Pai, eu relutava. Eu tinha fé, mas relutava. Sabias disso?*

— *Sim, sabia-o...*

— *Amava ouvir-te faiar porque a mensagem de Jesus era bela, como um cântico, como uma poesia...*

— *Sim, sim... Não necessitas explicar.*

— *Tu te aproveitaste deste momento para confirmar...*

— *Sim, roguei isto a Jesus muitas e muitas vezes e me foi concedido. Necessitas crer sem hesitações. Tens as forças físicas que tua mãe e eu, pelas leis da Natureza, demos-te.*

Necessitas de forças espirituais.

— *Agora está feito. Eu não me esquecerei?*

— *Não, não esquecerás. Apenas não deves contar aos outros o que se passa agora. Este ô um segredo entre nós.*

Vinculados por uma profunda afinidade abraçam-se ainda. Cirilo-diz:

— *Ê maravilhoso. Eu tardava em me decidir, não ô?*

— *Sim, e necessitavas faze-lo de uma vez por todas.*

— *Eu posso seguir Jesus por minha razão e meu sentimento.*

— *Sim, e isso preparar-te-á o vôo. Não poderias fazê-lo antes, sabes por que?*

— *Porque tinha uma asa só.*

Sorriem-se alegremente. E bem o pai ali, com suas ingênuas brincadeiras, o seu porte de gigante inofensivo.

— *Não mudaste, pai. Continuas o mesmo. A morte não nos modifica?*

— *E porque haveria de nos modificar? Tu, sim, te modificaste, es-tàs um rapaz e em vósperas de importantes acontecimentos. Mas, agora devo deixar-te. Vais despertar em teu leito.*

— *Garantes que não me esquecerei? — Cirilo pergunta com ansiedade.*

— *Sim, não esquecerás.*

Beija-o na fronte. Cirilo desperta, salta do leito. Onde o visitante amado? Quase o chama, porém suas idéias se recompõem. Ele se lembra... ele se lembra... Funda emoção o domina. Silenciosamente abre a janela e fica a olhar a estepe envolta na noite azul- Cirilo diz baixinho:

— *Obrigado papail Obrigado Jesus!...*

Somos cristão e, por isso, muitos riem-se de nós. Outros se afastam tomados de asco, como se portam relativamente aos loucos.

Nestes últimos oito anos as perseguições abrandaram e apenas em um ou outro ensejo a mão da intolerância pesa sobre nós. Somos assíduos às reuniões da ecclesia, (a igreja), isto é, reunião de fiéis de Sebaste, ou, discretamente, nos acolhe num subúrbio denominado "do Estuque", devido aos pedreiros que se aglomeram residindo ali. Nossos bens e propriedades são administrados em regime de comunidade. As reuniões doutrinárias fazem-se singelamente: Os textos evangélicos são estudados com desvelo e comentados pelos frequentadores em geral. Viver a mensagem do Cristo Jesus é a mais alta preocupação e, por tal motivo, à prálica der ve-se seguir ímediatamente a ação. Assim a ecclesia enche-se de sofredores e deserdados da sorte, pelos quais a comunidade vela ofertando-lhe a advertência pela palavra e a assistência material através da deápena-co-munal.

Naquele tempo, os agrupamentos mais antigos do Ponto ainda adoravam Ma, a divindade trazida pelos soberanos ariarates, havia muitos e muitos anos. Os romanos tinham também trazido os seus deuses e, para eles, construíram ricos templos que não tardaram, pelos rituais magníficos, a pompa dos sacerdotes e as celebrações públicas, a recrutar adeptos em todas as camadas do povo.

Em comum com os judeus, tínhamos a crença no Deus único. Todavia diferenças abismais nos separavam. Todos os agrupamentos sec-taristas nos execravam e, na vida cotidiana, estávamos, quase a respeito de tudo, inevitavelmente ao seu alcance. Éramos isca sempre que se tornava preciso deflagrar algo de perigoso, e servíamos de bode-expiatório quando ureia que pagar por alguma coisa. Nesse sentido os gregos prosáicos, os astutos judeus ou os tardos capadócius nos julgavam úteis ou até mesmo imprescindíveis, pois que a experiência mostrara-lhes que, além de tudo, éramos aqueles de quem nada tinham a temer.

Agrícola governava a Síria e, para a Capadócia, foram indicados legados, quase todos propretosres da categoria senatorial, antigos cónsules ou antigos pretosres. A testa dos negócios públicos, em Sebaste, tínhamos Emílio Lépidio Mamerco, o mesmo que, oito anos antes, recém-chegado e com forças frescas, ativara a aplicação do édito que vitimara nosso pai.

Entretanto as notícias que nos chegavam do Sul eram alentadas. A cabeça do império estava dividida entre Lícínio e Constantino e havia muitos que confiavam neste último. As cartas que circulavam das *ecclesias* de Roma para as *ecclesias* da Ásia eram esperançosas. Talvez a paz definitiva não estivesse tão remota para todos nós.

Na instituição singela e humilde do Estuque, entretanto, mal podíamos advinhar a febre de poder material que, de pouco em pouco, dominava os mais altos postulantes da Boa Nova, em Roma e Alexandria. Formulavam-se planos e Constantino ia ser o veículo. Mas em Sebaste estávamos ainda muito distantes de tudo aquilo. Entre nossos trabalhos particulares, os estudos e a assistência aos irmãos necessitados, víamos transcorrer tranquilamente os dias.

O mais maravilhoso evento que jamais ocorreu à Humanidade, o Cristianismo, transcorria ainda em seu curso natural, sem tropeços, pois que os editos, as chacinas, os espetáculos dos circos apenas nos fortaleciam e purificavam nossos anseios.

Lembro-me de uma certa noite quando papai estava ainda entre nós, lera as anotações de Levi que ele mesmo copiara e, depois, dissera acariciando o pergaminho: "Eis o plano para o novo mundo". Lembro-me também de que, pouco depois, nossa mãe estendera-me a bilha, pedindo-me que eu fosse à fonte.

Havia luar lá fora. Sobre a colina, vi o espiral de fumaça que, lá longe, entre as ruínas da fortaleza Cabíria, indicava que os soldados estavam bivacados, à espera das grandes balsas. Rio acima ou rio abaixo, elas os transportavam para as outras cidades do Ponto. O vento eslava a meu favor e eu ouvia, embora abafados, os ruídos com que perturbavam a tranquilidade da noite estival. Eu não ignorava que, com a anuência dos comandantes, traziam mulheres para ali. Riam-se e bebiam à iuz das fogueiras, aproveitando-se da cálida estação que ia em curso.

Papai confiava, com certeza absoluta na melhoria do mundo, todavia, naquela noite, ocorreu-me que profundas excrecências precisavam ser removidas, antes que a pele sensível da Humanidade pudesse surgir.

Eu era muito jovem e inexperiente, mas já vira o suficiente para saber que os detentores do poder material se negariam a aceitar idéias avassaladoras como : "*Os últimos serão os primeiros*"; "*Bem aventurados os simples de espiritoou, "Ai! de vós os ricos*"

Uma luta terrível necessitaria ser travada. Contra quem? Eu me surpreendi verificando que cada um contra si mesmo.

Enchi a bilha e voltei para a casa, lentamente. Por certo me demorara pois que mamãe me esperava à porta.

Alguns anos se passaram e, em outra noite de Verão, voltei a encher a bilha na fonte. Guardo bem a lembrança porque me atrazei exatamente pelo mesmo motivo: o vento trazia os écos da algazarra que se fazia entre as ruínas. E, como da outra vez, eu ficara a pensar no problema crucial da inconsciência do homem. Vi a silhueta de mamãe recortada contra o quadrado amarelo da porta. Havia um visitante na casa pois que um cavalo selado mordiscava a relva entre o redil e a escada. Ao ver-me, mamãe voltou-se para o interior. Eu galguei os degraus, — eram vinte e dois, — e parei um breve instante à porta. O estranho estava assentado entre Cirilo e vovô.

Entreí silenciosamente e deposei a bilha de água fresca sobre a mesa. O desconhecido levantou-se. O assunto de que tratava deixara seus ouvintes rubros e de brilhante olhar. Fixei-o com curiosidade e ele sorriu para mim.

FILOCTEMO

Ouvem, antes, um latido e, em seguida, o entrechocar das patas de cavalo sobre as pedras da praça. O comentarista se cala e, na pausa de silêncio, ouve-se pio do mocho. As pessoas se levantam sem ruído- Em voz baixa, porém audível, um homem comanda:

— Pelo estábulo, pelo estábulo... Sem ruídos, saiam todos!

O menino dá-se conta de que o momento é extremamente grave. Um medo intenso domina-o e taz com que suas pequenas pernas estremeçam. As pessoas se empurram silenciosas em direção à porta dos fundos que, já aberta, deixa entrar o ar frio da noite. São muitos, inclusive crianças que as mães não tiveram com quem deixar em casa. Atravessam o pátio de serviço, correm para os estábulos por detrás dos quais coleia o riacho. Este oferece uma extensão de vau que será preciso percorrer a fim de que o faro dos cães se desnorteie. Com um pouco de sorte estarão a salvo dos enfurecidos limitaneis para os quais é um caceteamento essa infundável história de batidas e batidas, motivadas pelos enfadonhos cristãos.

As pessoas saem mas é preciso desfazer os vestígios da reunião- Será também natural que alguém esteja dormindo na casa àquela hora. Em suma, a cobertura aos fugitivos depende de que se dê a impressão de uma casa comum, em que as pessoas já adormeceram. E nessa noite o pai de Filoctemo não está presente. Ele compareceu a sós. Mas pela experiência de outros episódios semelhantes, compreende que deve ficar para atrás. A presença de uma criança é sempre garantia de que o truque vai dar certo. Assim, trêmulo e tomado de medo ele permanece.

Apressurosamente dispõem os bancos pelos cômodos, alguns por debaixo das camas, outros no desvão do forro, para isso preparado.

Lá de fora o ruído dos passos parece se aproximar e o terror do menino aumenta. O instinto aponta-lhe a porta de fuga mas o seu senso de dever é mais forte e prevalece. Agora os cães latem freneticamente. Os homens estão no pátio, renteiam a casa, esmurram a porta. Lá dentro os dois retardatários envolvem-se em cobertas e acendem a candeia maior.

Com suas pesadas lanças os limitaneis forçam a entrada da frente. A luz corre ao longo das paredes escuras: a porta vai ser aberta. Os dentes do menino entrechocam. Ele sente frio e calor. Silano retira a tranca e os soldados agora estão no interior da casa. Os captores iluminam-se com taedas e, à luz delas, Filoctemo fita-lhes os rostos agressivos e desconfiados, os olhos perfunctórios que parecem atravessá-lo-

Silano dialoga com o soldado a cavalo.

No momento seguinte ele, Filoctemo, poderá estar sendo interrogado, espancado e morto. Sim, isto pode acontecer no instante seguinte. Então, uma estranha onda parece aquecer o menino, É certo, ele pode morrer dali a pouco! Mas quer morrer cristão, quer morrer fiel a Jesus como tantos outros têm feito. Todo o seu pequeno ser grita esse desejo e, ao profundo influxo, sem terror desaparece.

Os Indecisos matizes de sua alma infantil desfalecem nos fortes Impulsos de um ideal de contornos puros, pelo qual viverá ou morrerá. Agora sabe que crê, e uma inefável alegria jorra-lhe da alma.

O comandante volta-se para ele e fala-lhe. Uma a uma, tranquilamente, vai respondendo às perguntas. Um forte magnetismo parece oromanar de sua figura pequenina, do seu olhar cintilante, lícido e sereno... Silano sente-se pasmar. E a onda que promana do menino contagia os próprios soldados, que se relaxam. A busca perdeu sua razão de ser...

Os homens voltam atrás sobre seus passos. Desaparecem na noite. Por esta altura, também os fugitivos já estão a salvos. No interior da casa, mudos, o homem e o menino cerram a porta da frente, a- travessam os cômodos desertos e, também eles, saem para o estábulo banhado de luar. AU, porém, o fio distenso rompe-se! Silano ajoelha- se, aperta o pequeno companheiro contra o peito. Põem-se ambos a soluçar. ...

— Filoctemo ceiará conosco.

Sorri-lhe e entrei para auxiliar nossa mãe. O visitante e Cirilo voltaram a conversar. Entre minhas idas e vindas eu ouvia uma ou outra frase. Agradava-me ver como o estranho dispensava especial atenção a vovô, incapacitado de participar da conversação. Dirigia-se-lhe com solicitude e

naturalidade e eu percebia que o prazer do velho era tal como se fôsse, realmente, participe do diálogo. Tratavam de Arrius e seus seguidores. O assunto, embora empolgasse as *ecclesias* da costa, só agora despertava o interesse da comunidade de Sebaste.

Cirilo e Fiiotemo queriam estabelecer o conceito da palavra "heresia" pelas suas origens, e a cultura de nosso hóspede vinha em auxílio de meu irmão. É que a palavra, — até então significando eleição, ou adesão a um partido, a uma opinião determinada, — ganhava o sentido de erro voluntário e obstinado contra o dogma.

Embora na ocasião não nos ocorresse isso, mais tarde vim a compreender: aqueles eram os primeiros rumores do profundo abalo que se., avizinhava. Naquele tempo, porém, a própria palavra, "dogma", não fazia parte de nosso vocabulário, já que as adesões ao Cristianismo eram espontâneas, um movimento puramente interior, um novo estado de espírito.

Estive a ouvir enquanto durou a frugal refeição. E quando ela terminou, levantei-me para ir assentar à distância. O hóspede me chamou pelo nome.

— Fica! — Pediu. — Senti-lhe a mão na minha. No momento seguinte eu estava assentada sobre o rústico *pulvjnar* recoberto de peles de carneiro. ...

Fiiotemo contou-me que tinha uma irmã de minha idade, chamada Gemma e, com espontaneidade disse que era tão bonita quanto eu. Corei, porém Cirilo e vovô riram-se. Não sei como fiz para me levantar e sair para a cozinha sem dar a idéia de uma fuga. Sei que me vi no cômodo vizinho e que só depois de algum tempo e de ter respirado fundo, muitas vezes pude retornar à sala. Fui assentarme num pequeno escabelo, junto à porta e, à meia luz, pus-me a observar os outros, hábito que mamãe detestava em mim.

A lâmpada fora posta junto ao visitante e iluminava-lhe o rosto, deixando todo o seu corpo na sombra. Devia ter, como Cirilo, pouco mais de vinte anos. Suas feições eram finas, belas, serenas e talvez um pouco imóveis. Quando virava o rosto via-lhe o perfil e, ainda assim, era agradável.

Não sei porque dava-me a impressão de conhecê-lo, de tê-lo visto antes e isso fez com que perdesse a timidez. Eu vestia uma roupa leve de lã, de boa qualidade e uma *subúcala* cor-de-castanha, presa ao ombro por um alfinete comum.

Coronna tinha vindo deitar-se junto a mim e eu me pus a afagar-lhe a cabeça felpuda; depois, não sei como, distraidamente comecei a enrolar sua macia orelha entre meus dedos até que, de súbito, o pobre animal soltou um uivo de dor. Corei intensamente, pela segunda vez a- quella noite. Fugi ao olhar reprobativo de nossa mãe e fiquei a espiar a noite pela porta aberta. Os insetos noturnos zumbiam lá fora e uma estrela saltou no espaço despencando em direção à cidade.

Senti-me triste e creio que meus olhos se umedeceram com furtivas lágrimas. Foi então que notei os olhos de Fiiotemo postos em mim. Tinha, com certeza, me acompanhado durante todo aquele tempo. Essa descoberta perturbou-me e eu não voltei a fitá-lo, muito embora essa medida em absoluto não me aliviasse.

Os outros conversavam mas eu perdera o interesse pelo assunto que era Anasarca, a cidade de onde Filoctemo viera. Todavia um grunhido de vovô tornou a despertar minha atenção. Tinham voltado de novo à disputa em torno de Arrius.

Aquele dia se marcaria como um divisor de águas. Dali por diante passaríamos a nos apaixonar mais e mais pelo assunto, estabelecendo, definitivamente, nossa posição em matéria de fé.

Lembro-me de que, a partir daquela noite, para Filoctemo e Círiilo, e mesmo para mim, tornou-se estéril a elocubração de Alexandre de Alexandria e simplesmente surpreendente que Atanásio se deixasse empolgar por ela.

— Tudo isso diria mais à filosofia, — disse Filoctemo convicto. — Não interessa à doutrina de Jesus, já completa e perfeita em si mesma. Claro está que, com a supervisão do próprio Mestre, podemos esperar que uma sutil interpretação, por força das exigências da evolução do homem venha, no futuro, a dilatar áreas interpretativas. Entretanto a intromissão de conceituação humana nos

Evangelhos é interpolação e merece repulsa.

— Paulo, por exemplo, não acreditaria em seus olhos e ouvidos. E que atitude tomaria? Percebo que o silêncio que se faz é cheio de preocupação.

— Reinterpretado na medida da filosofia grega, o Evangelho irá servir às vaidades pessoais e à satisfação do orgulho dos homens. Não é verdade, por exemplo, que o ensino dos apóstolos tem-se mantido em sua integridade. Não é verdade! — É Ciriio quem o diz. Ele se volta para nós a guisa de explicação: — Filoctemo conhece as igrejas da Ásia e as de Roma. Já não são as mesmas.

— Não são as mesmas! E a igreja de Sebaste é, talvez, o último reduto fiel às normas de trabalho elaboradas pelos homens das casas do Caminho.

Não esperávamos por essa revelação. É como se o teto se desmoronasse sobre nossas cabeças. Posso imaginar quão penosa fora aquela última frase para mamãe. Ela tenta articular qualquer coisa a cerca dos discípulos fiéis mas não o consegue. A lembrança de papai desborda em seus olhos na forma de lágrimas que ela enxuga no seu grande avental. Assisto, com quase horror aos esforços de vovô e também sinto lágrimas nos olhos ao ouvir os seus grunhidos desesperados - ue, finalmente, morrem em sua boca impotente na forma de uma dolorosa crispação.

Ciriio diz qualquer coisa em que existe uma apaixonada censura, e a resposta de Filoctemo é a segunda surpresa para nós.

— Como poderíamos saber!... Talvez o próprio Jesus já sentisse que tudo se processaria assim, através de marchas e contra-marchas.

Troquei um olhar com Ciriio, apanhando o significado daquelas palavras. Com Marchas e contra-marchas, o avanço sempre se pode processar. Ocorreu-me que, embora concordando com Filoctemo, éramos jovens demais para não nos esquecermos daquele anunciado. E, como de fato o tempo provaria, no momento da disputa renhida, aquela compreensão cataiizadora cederia diante de nossa recusa e paixão. Nossa mãe veio ao encontro do meu raciocínio ao argumentar:

— Estou longe de me considerar uma autoridade evangélica, porém rem por isso me confundo entre o que presta e o que não presta.

O que ocorria era que gente demais já se sacrificara e morreria, sofrera e renunciara, era tarde demais para que um pequeno grupo se apoderasse do que era da multidão. Golpes bem urdidos poderiam ser desfechados, mas a semente da rebelião estava na própria parábola que configura o fermento no seio da massa.

Houve um silêncio e a luz bruxoleou na trêmula aragem. Eu participara apenas emocionalmente daquele diálogo inicial e minhas emoções iam ser o flagelo de toda a minha mocidade. Necessitaria pedir a Cirilo que me esclarecesse, mesmo porque, naquela noite, eu fixara como clarões de um relâmpago os fragmentos da conversação.

Creio que Filo» temo percebeu minha confusa ansiedade pois sorriu para mim como a dizer-me: "Tem calma". Mais facilmente eu esperaria dele uma simples perplexidade. E em seguida, como que tentando de alguma sorte, desafogar aquela atmosfera de tristes interrogações, pôs-se a falar dos percalços que tinham encontrado no decorrer da mudança de sua família. Estavam no negócio de lãs e couros, matérias para as quais Sebastes era favorável. Tinham imaginado uma série de entrepostos que, para suas ofertas comerciais, marcavam pontos ao longe do rio Ister e do Danuvius. Ele viajara muito pois que, em todos esses mercados residiam, como associados, os irmãos de seu pai. Filoctemo estivera na famosa Bizantium, em Odessus, Antióquia e Mileto. Mamãe sofria de uma espécie de nostalgia das estepes. Ela colocou os cotovelos sobre a mesa e disse com infantil interesse:

— Não serão tão áridos esses lugares. Devem ser verdes e, depois do inverno, as plantas florescem, não é assim?

Aquela pergunta pareceu interessar também a vovô. Filoctemo voltara-se para eles. Houve uma modificação sutil em seu olhar, talvez um terno refulgir. Começou a falar dos pomares e jardins, dos campos verdes e das árvores altas; dos talos da relva, das flores na Primavera e dos Outonos pesados

de frutificação.

De pouco em pouco a tensão se desfez e naquela pausa macia e agradável, a voz de Filoctemo lembrava-me, a suave vibração de uma flor atirada à superfície de um lago. Naquele instante descobri nele o ser humano cheio de inesgotável capacidade de amar.

Olhei para mamãe e havia uma radiosa serenidade em seu rosto. Aquele sempre fôra o seu assunto predileto. Seus olhos pareciam dilatados e brilhantes, como se, num esforço de ver com os olhos materiais tudo quanto celeremente perpassava por sua imaginação, suas pálpebras se armazenassem de lágrimas. Não me era estranho aquele seu anseio pelas paisagens distantes, pelas fontes e as verdes pastagens. E mais uma vez deu-me pena verificar que ela nunca se identificara e jamais se identificaria com a estepe rude, monótona e seca onde, entretanto, nascera.

Agora as compridas caravanas desfilavam pelas estradas contornadas de relva fresca: nos mercados exóticos, a burla de comerciantes e caravaneiros; nas praças públicas os trajés exóticos, pessoas com dez tons de peie diferentes.

Olhei para vovô: o seu silêncio era frio e distante. A luz da candeia oscilou, levantei-me e sai em busca de outra abastecida. Estava no outro cômodo quando ouvi ruídos de cascos nos saibros. Outra pessoa chegava! Houve um breve rumor na saia, em seguida a voz de Filoctemo chegou onde eu estava:

— Não te detenhas por minha causa. A noite desceu muito depressa, papai já deve estar voltando. Ê preciso que já estejas iá...

A outra pessoa disse qualquer coisa e riram-se. Depois ouvi o sonoro estalar de um tapa na anca do animal e outra vez o galope. Quando voltei ele estava lá fora também preparando-se para partir.

— Venha sempre que te fôr possível. — Mamãe dizia-lhe. — Só muito raramente temos visita.

Filoctemo estava de pé no retângulo iluminado que a porta projetava, eu estava na sombra. Pude, assim, observar que era elegante de movimentos e alto, embora não tão alto quanto Cirilo. Montou e ficou ainda a falar por algum tempo, la se ausentar uns poucos dias, porém na volta retornaria a ver-nos. Parecia não se decidir a partir e mamãe a Cirilo, por sua vez, compraziam-se certamente com aquela demora. Comentavam a falta de boas residências na cidade quando ele disse, a propósito de algumas dificuldades:

— Mas não estranhemos. Meus^pajs descendem de escravos libertos, têm ainda frescas na memória dificuldades bem maiores.

Dito isto, com absoluta serenidade, sorriu.

— Talvez eu possa ser útil em tua casa, nestes primeiros tempos de organização. — Disse mamãe. — Nesse caso vem me avisar.

Ele agradeceu:

— Não me esquecerei de transmitir a mamãe o oferecimento.

Cumprimentou-os e partiu. Cirilo acompanha-o encosta acima, com Coronna no seu rastro.

Entramos. A confissão das origens humildes dos novos companheiros predispuzera mamãe a visitá-los. Dois passos à minha frente, ela dá calorosas pancadinhas nas costas de vovô e diz-lhe:

— Não fiques triste, não fiques triste! Nascemos, morremos e tornamos a nascer, não é? Pois, de cada vez lutaremos um pouco. O campo de batalha nunca estará, assim, desguarnecido. Desanimas de 'utar?

De costas vejo o enérgico agitar da cabeça branca.

— Então! É cada um ficar bem firme em seu posto...

Abri a janela ao lado de meu leito e fiquei a olhar para fora. De longe chegavam os latidos alegres de Coronna e eu calculava, pela intensidade do som, que Cirilo acompanhara Filoctemo até bem além do vale. No fundo-de meus pensamentos havia um substrato de tristeza antecipando uma dor maior que estaria por chegar.

As reservas de minha mocidade agitavam-se desinquietas, entre vagas melancolias, preparando um íntimo lugar para o amor. E só por Isso eu olhava pensativamente as distâncias, o árido horizonte das estepes, fitava face a face a noite imperscrutável e parecia esperar...

Fazia-me perguntas que eu ríesma não podia responder. Transmutavam-se-me o corpo e a alma. Inconscientemente eu dizia adeus aos tranquilos dias de minha infância.

A direção da brisa se modificou e veio uma frescura leve e úmida, á diluída evaporação do rio. Voltei-me para o interior. A candeia ardia em meio à sala vazia. Olhei as paredes e o teto da casa. Era tudo (Tias ou menos disforme, da côr da terra, das colinas, da côr das estepes. Eu própria era daquela côr. Estendí o braço para perto da parede e confrontei a tonalidade. Então, rápido como um estilete, um fio de luar picou-me a mão. Era claro e brilhante, levemente azul. Tive um inocente desejo de banhar nele o meu rosto e isso fiz, abaixando-me levemente. Ele desceu-me pela fronte e as maçãs do rosto, escorregou-me dos lábios para o pescoço e aquele jogo inconseqüente teve a força de-me fazer sentir mulher pela primeira vez. Por quê? Eu me perguntei ofegante e surpreendida. Eu não sabia...

Tudo aconteceu há muito tempo e disso se constituiu a minha mocidade. De pequenos enleitos sensuais e pagãos como aquele e de apaixonados frêmitos de fé. Eu esperava alguém, embora sem saber e, a cada dia, meu coração se abria, um pouco mais, para que ele pudesse entrar.

Quando Cirilo entrou eu refazia as tranças para me deitar. Ele fechou a porta e puxou a divisão móvel que, feita de juncos e couros de cabra, dividia o aposento entre nós dois. Tive vontade de falar-lhe mas o receio de que viesse a perceber as minhas indecisões silenciou-me. Tomou a candeia e entrou para os fundos da casa. Deitei-me. Algum tem depois ouvi-o penetrando no curral para a última inspeção da noite. Coronna rosnou várias vezes, um ligeiro reboliço arrancou balidos sonolentos às ovelhas. *

Aqueles ruídos familiares fizeram-me bem. Eles me relacionavam-me com meu pai morto, com meu irmão, mamãe, vovô, com a fiel amiga canina, mesmo com os carneiros e cabras que, nas noites do Inverno, partilhavam conosco o seu calor. Eram sons antigos, que faziam parte de todos os meus dias de vida, como o rio, a noite, as colinas. Tudo aquilo dava-me a certeza de existir, era como que uma tácita garantia Saseada no perfeito processo de identificação.

Orei. Cirilo voltou e deitou-se. Fiquei a olhar a penumbra alfinetada de luar e, depois, o sono roubou-me os pensamentos.

CAPITULO — VI

De manhã, muito cedo, eu ajudava minha mãe a ordenhar as cabras e as ovelhas, ali mesmo, na divisão especial em que passavam a noite, separadas de suas crias. Depois íamos soltando-as para o meio do rebanho, entre berros e marradas, ou o ansioso balir das crias esfomeadas. Em seguida a família se dividia. O leite se transformava na tarefa diária de mamãe, Cirilo e vovô desciam para trabalhar nossa pequena plantação e acionar a nora, eu partia para o pastoreio mas só depois do Sol a pino quando entregava o rebanho aos cuidados de Coronna e voltava para a segunda refeição do dia, é que me orientava para mais longe, trocando de pastagens e dando tempo para que, neste ou naquele ponto, a erva raquítica engrossasse.

Naquela manhã, porém, Cirilo e vovô tinham recolhido quatro das nossas cabras mais mansas e as atrelavam ao plostelum, pequeno carro no qual transportávamos as nossas cargas. O jugum já tinha sido arrestado e, assim, mandávamos pequenas sobras à despensa comunal da ecclesia. Na comunidade cristã de Sebastes desconhecia-se o sentido estreito e rígido de propriedade.

Todas as famílias partilhavam seus bens dentro de um espontâneo e elogiável respeito, havia muitos e muitos anos. Não posso me lembrar de um único conflito estabelecido por disputa em torno do que quer que fosse. E por padrão servira a ecclesia mesma de Jurusalém, fundada e dirigida pelos

próprios discípulos do Senhor.

De tempos em tempos, conforme a tradição, os chefes das famílias se reuniam e elegiam o ancião de autoridade maior. Era sempre, entre todos, aquele cujos calos fossem eloquentemente atestados de equilíbrio e desprendimento, vivência evangélica e fidelidade à fé; aquele que despendesse maior número de horas no serviço do bem comum, que fosse o primeiro a furtar-se às honrarias e aos primeiros lugares e o último a exigir algo para si mesmo, a repousar o instrumento do trabalho, a cuidar da salvação de sua vida no instante do perigo.

Por esse tempo, em Sebastes, esse "primeiro em testemunhos" era Adastro, respeitável ancião bem amado por todos. Trezentos anos antes Barnabé, Apóstolo, reunira os primeiros seguidores, fundando o núcleo em casa de Abba, viúva do pedreiro Jacob, mesmo ali onde a igreja se encontrava agora. Quatro gerações se tinham sucedido.

Sebastes, mercado exportador de trigo e ópio, couros, tapetes e lãs, se desenvolvera e, com a cidade, o núcleo fiel e atuante. Os pergaminhos agora postos sob a guarda desvelada de Adastro, datavam dos primeiros tempos e, um deles, o que continha a Primeira Epístola de Paulo a Timoteo, era preciosa relíquia, cópia grafada com a própria letra de Barnabé.

A reverenciada Abba, transformando seu lar em oficina de trabalho em favor dos necessitados do corpo e do espírito, ao morrer, sem descendentes, doara as humildes instalações aos prosseguidores da obra. Em trezentos anos de refregas, em meio a um ambiente supersticioso e pesado, plantada no seio de uma população de raça síria e que as contínuas invasões tinham tornado perversa e arredia, a igreja sobrevivera pela sua feição de Casa do Caminho, acolhendo loucos e estropiados, órfãos, fracos e perseguidos, os caídos de todas as classes sociais que outras almas, iluminadas pelo Sol irradiante da cruz, recebiam de braços e corações abertos»

Conforme o paradigma da Casa de Jerusalém, o grupo cristão de Sebastes também se transformara numa só família. O que sobrava nas despensas familiares não era retido ou levado à venda. Atendido o fisco romano, pois que a obediência mandava dar a César o que era de César e a Deus o que era de Deus, os excedentes abasteciam a despensa comum. Tínhamos porém, o direito de lançar mão dos fundos, no caso de necessidade. O dinheiro só tinha uma finalidade: libertar infelizes escravos, sobretudo aqueles já muito velhos para o trabalho ou portadores de enfermidades crônicas que os inutilizavam.

Para esses refugos do mercado e para os pequeninos órfãos, dois confortáveis galpões tinham sido erguidos e era comum que as famílias recebessem um ou outro dos mais necessitados de assistência imediata.

Adastro fora, como de hábito escolhido sem nenhuma consulta às igrejas maiores como a de Roma, da Antióquia ou de Alexandria. Unicamente o interesse local tinha sido levado em conta.

Naquela manhã, Cirilo ia entregar a nossa contribuição. Apesar das *anonas* romanas já terem sido atendidas, ele precisava se acautelar e, por isso, mamãe fazia-lhe recomendações a cada instante, levantando-se e indo parar, na ponta dos pés, junto à paliçada de espinheiros.

Quando ele partiu as luzes do dia coloriam de róseo o nascente, para além da outra margem do Halys. Para que não o seguisse, Coronna fora amarrada e agora se impacientava, uivando tristemente. Puxado pelas cabras fortes e mansas, o plostelum rodou colina acima. Tínhamos terminado a ordenha, e as jovens crias, geradas em setembro saltavam ansiosas, desejando o espaço aberto.

De tarde, quando voltei, meu irmão já estava de retorno. Tinha trazido, deitado no fundo do carro, o filho de uns companheiros nossos, que Adastro lhe confiara. Vendo o jovem exangue, colorido pela febre, recordei a escura e abafada oficina de tapetes onde sua família laborava, a casa pobre e carecente de Sol, apertada entre casas maiores, num beco do bairro dos judeus. Vovô retirou a parte posterior do carro e, ajudado por mamãe, levantou-o da espessa camada de palha em que fora deitado, entre mantas de lã. Seus lábios estavam gretados e seu pescoço extremamente inchado.

— Eu o deixarei bom! — Disse mamãe com firmeza e simpatia, — Mas terás de aceitar quanto te dê, as tisanas amargas inclusive...

O enfermo teve um clarão de entendimento, porém sua cabeça pendeu e a consciência escapou-se-lhe.

JOAO

Durante todo o dia fica esperando o momento de correr à casa de Felipe para saber se há alguma novidade. E ao chegar, todas as vezes a família já fizera o repasto da tarde e está saindo. "Não, não há novidades", respondem-lhe com delicadeza e, em seguida, discretamente com humildes sorrisos, como a pedir desculpas, dão um passo ou outro, até que se despedem e saem rua acima. João pergunta-se por que todas as noites aquilo se repete Além de não se explicarem, como seria natural, não o convidam para os acompanhar.

Assim, não lhe resta mais do que voltar à casa e assentar-se entre a Irmã e o pai para mais um serão de trabalho, à luz das velas. Mas enquanto torce a lâ, os seus pensamentos são tristes. E a irmã e o pai percebem sua tristeza. Quando ele volta, querem saber se há notícias. João acena que não; os três abaixam a cabeça e põem-se a trabalhar. Dali a pouco deltam-se pois que é preciso levantar muito cedo para que o trabalho todo possa ser feito.

Esta noite João está desesperado. Corre à casa de Felipe, abre a porta com quase violência e pergunta:

— Felipe chegou?

Mas, então, dá-se conta de que está sendo grosseiro e intempestivo, deixa-se cair sobre um pequeno banco e põe-se a chorar. Felipe não cheou-

Maria, a mãe de Felipe, assenta-se ao seu lado, passa-lhe a mão pelos cabelos. Felipe não chegou, mas pode chegar a qualquer momento. Durante todos esses dias ela tem querido convidá-lo para alguma coisa, mas se trata de um segredo, de uma coisa a respeito da qual é melhor que ele, João, evite falar aos outros.

— O caso é que Felipe é cristão. Todos aqui somos cristãos. De noite freqüentamos o local das reuniões habituais dos seguidores de Jesus e, com os companheiros, oramos por Felipe. Por acaso gostarias de nos acompanhar?

Ele se sobressalta. Entretanto, a voz de Maria, serena e calma, o recompõe. Então Felipe **6** um dos homens do Caminho! Agora, não lhe estranham certas recordações que guarda do amigo, suas atitudes, reticências, o próprio gesto que dera origem àquele desassossego, àquela intranqüilidade que estava promovendo, de dolorosa maneira, o despertar-mento de sua consciência. João aceita o convite e Maria lhe diz:

— Tu te afogas de tristeza. A palavra de Jesus te reconfortará.

Ã esta primeira noite seguem-se outras. O culto em torno do Evangelho balsamiza-lhe a mente torturada. Na terceira noite formula questões, desejoso de estabelecer comparações em face do ensino ancestral do Torah. Solicitamente os assistentes, revezando-se, dispõem-se a responder-lhe. João tem a curiosa impressão de que, finalmente, é apenas abrandada.

— Barnabé voltou? Torna sempre a perguntar: Mas Barnabé não volta.

Entretanto seus escrúpulos em relação à fé de seus amigos de pouco em pouco se dissipam. Esta noite, em face do pai e da irmã, confessa que vem frequentando a igreja de Jesus. E sua argumentação é forte e vivaz, transfigurada, impossível de ser refutada. O adolescente frágil cede lugar a um atleta inflamado, cuja luz os cega. No dia seguinte, embora os rígidos preceitos dos antepassados, decidem-se a acompanhá-lo. E, nessa noite, exatamente, há notícias sobre Felipe. Felipe estavawortol

Felipe morrera em seu lugar! Conforme combinado na corporação dos tapeceiros, cada produtor, alternadamente, forneceria pessoa de sua confiança para acompanhar os carregamentos, rio abaixo,

até os mercados do Ponto. Chegado o momento, João apresentara-se por seu pai. Embora já estivessem em plena estação das cheias,, o rio conservava-se tranquilo e propiciava ainda aquele carregamento. Felipe estivera na última viagem, estava pois isento. Entretanto um instinto qualquer levara-o a substituir João.

Antecipara a partida em alguns minutos, o suficiente para que João encontrasse o embarcadouro vazio. ' E deixara-lhe um recado a- mistoso: que crescesse mais um pouco e se tornasse mais robusto para o próximo ano.

Nos dias que se seguiram as águas tornaram-se mais e mais caudalosas, mais e mais violentas. De longe ouvia-se o escochar das marotas. Chovia torrencialmente na cordilheira distante. Depois começaram a chegar notícias sobre desastres na região do mar.

Não se sabe ainda como tudo se passou, mas Felipe está morto. Para surpresa sua e dos seus, a família do morto cerca-o de carinhos e a- tenções. De olhos enxutos Maria colhe-lhe as lágrimas em seu próprio seio, acariciando-lhe a cabeça torturada. Sua resignação é como o rochedo contra o qual quebram-se vagas furiosas.

— Sois mais benévolos do que quaisquer outros o seriam! — Diz- lhes João com humildade e gratidão. — Posso agora ocmpreender porque sois assim?

Olha-os um a um em torno, a irmã, a mãe, o pai e em seguida diz:

— Tenho a rogar-vos algo de extrema importância para mim. Ê que me aceiteis no lugar de Felipe. Peço muito talvez, mas eu me esforçarei. .. é preciso que me compreendais...

— Sê tranqüilo, sê tranqüilo! — Diz-lhe Maria. E sua mão grande e calejada corre-lhe pelos cabelos macios...

* * *

Prendi o rebanho, separei os animais leiteiros, substituí a água dos cochos e entrei. João fora instalado num leito armado às pressas na passagem mais larga existente entre a cozinha e o quarto de nossa mãe.

Aquela noite pouco dormimos. A todo instante levantávamos e, em derredor do enfermo, trocávamos impressões, reavivávamos o fogo ou providenciávamos a cozedura de folhas e raízes que necessitava ser substituída.

Na noite seguinte a situação ainda não se modificara. Ceei antes dos outros e, a fim de que mamãe pudesse descansar um pouco, **substituiu** à cabeceira de João. Eia deitou-se e adormeceu quase que de imediato. Começamos então a falar baixinho e a andar na ponta dos pés para que o seu bem merecido repouso não se interrompesse. Quando vovô veio tomar-me o lugar, reuni os utensílios e ataquei a limpeza na cozinha. Estava ali quando ouvi o tropel de um cavalo. Como a porta da cozinha e a da entrada da frente abriam-se em linha reta, de onde eu estava conseguia ver o que se passava lá fora. Entretanto, antes de ver, eu já sentia a aproximação de Filoctemo. Era ele de fato e uma outra pessoa, uma jovem, segurava-se-lhe à garupa.

Não vi quando desapareara, nem quando entraram na casa, mas não tardou muito e já estavam na cozinha. Filoctemo trazia a mocinha pela mão. Tinha a epiderme mais branca pura e rosada que eu já vira; como as pessoas que vivem nos lugares altos e frios, intimamente lamentei que, muito em breve, a aspereza da estepe fosse roubar aquela Suave coloração de flor.

— Esta é minha irmã Gemma: — Disse-me Filoctemo.

Sorrímo-nos ali, entre panelas, bilhas e potes e, por um instante, fiquei sem saber se interrompia o serviço e os reconduzia à sala ou se terminava o serviço ignorando o cumprimento da hospitalidade sob o pretexto da situação inabitual. Gemma, entretanto, veio em meu auxílio dispondo-se a me ajudar. E, depois, Oirilo já estava nos nossos calcanhares .

Aqueles dias de minha vida tiveram um estranho ar de irrealidade, flecordando aquela cena, vejo-a com suave encanto. Apago-me e ficam apenas as tres jovens criaturas em meio às paredes de rocha escalavrada da cozinha, e, à luz ambarina da candeia, mesmo o rústico cenário ganha uma macia

aparência de névoa.

Conversando baixinho, entre sorrisos e olhares significativos, parecem-me luminosos e belos, plenos de uma misteriosa exultação e, entre eles, eu sou apenas um ser erecto, silencioso e apagado, de contraditórias emoções. Penso exaustivamente, sou uma candeia cuja luz é intensa demais para o seu pequeno depósito de azeite. Os outros também perdem sua infância, mas isso lhes parece extremamente fácil.

Naquela noite, entretanto, eu começava a participar. Tinha a impressão de compreender e ser compreendida. Nossos sussurros estumulavam-nos, era como se estivéssemos contando, uns aos outros, os nossos segredos. E, mais tarde, quando me senti atordoada de tanto tagarelar, Filoctemo e Gemma já estavam definitivamente integrados entre os muitos animais e as poucas pessoas do meu mundo solitário.

Depois, já com nossa mãe desperta, reunimo-nos em torno do leito de João e oramos juntos. Filoctemo impos-lhe as mãos sobre a cabeça, na forma de auxílio que vinha dos tempos apostólicos. Era a medicina do coração puro e bem intencionado, sempre capaz de obrar os melhores resultados.

Uma atmosfera de paz, uma sensação de renovação, pareceu acrescentar-se ao pequeno aposento. Percebi que os esforços de mamãe, agora poderosamente coadjuvados pelo mundo invisível, começavam a dar os primeiros resultados. A respiração e o sono de João se normalizaram, o fluxo de suor intenso se conteve.

Naquela noite houve um momento em que pude falar a sós com Filoctemo pela primeira vez. Estava sério ao dizer-me que advinhava alguma coisa de muito velho entre nós:

— ... um traço comum que muito me alegra e que gostaria de restabelecer.

— Papai costumava dizer-nos que nossa existência pode ser comparada a uma casa com muitos cômodos. Em cada vida abrimos e construímos um cômodo, na forma de porões, prisões subterrâneas, ou então de torres de onde vê-se o céu. Entretanto, se construímos subterrâneamente, teremos, para chegar à torre, de construir muitos cômodos de passagem. Talvez nós nos tenhamos visitado em certa época, em um ou, quem sabe, em vários desses cômodos...

— Sim, ó possível... — Ele disse pensativo.

Eu me sentia menos preocupada e por isso fiquei a olhá-lo com vivo prazer. Tive a impressão de que ia dizer alguma coisa, porém hesitou. E nesse instante os outros se aproximaram. Isso fez com que se desfizesse aquele breve instante de intimidade. Mas a sensação de mútuo aceite já era definitivo. Ocorreu-me que se realmente existia um antigo laço nos unindo, esse laço poderia ser de alegrias ou de tristezas. Mas, de qualquer forma, eu estava certa de que já não fugiria.

Despediu-se de mim com terna camaradagem. Pus-me a analisar todas as emoções e sentimentos que se tinham levantado em mim depois que o conhecera. Procurei a figura de Filoctemo no meu coração e encontrei-a numa antecâmara com muitas outras companhias. A porta do lugar secreto ainda não estava aberta. Ele era belo e bom, porém estava na antecâmara e eu nada poderia fazer. Minha consciência desejou formular um protesto, porém a mulher que se banhava no rio de luar habilmente silenciou-a.

Nos dois dias que se seguiram, suas ocupações não lhe permitiram voltar. Um mensageiro viera no primeiro dia em busca de notícias sobre o enfermo e no segundo Cirilo pretextou acompanhar o velho pai de João, que passara as horas da tarde em nossa casa, e descera à cidade. Consciente ou inconscientemente, — eu não poderia saber, — ele partia em procura da formosa Gemma.

Os cuidados de mamãe, as vibrações e preces com que cercávamos a João, o ar limpo da estepe, arrancavam-no das perigosas condições em que chegara. E numa das tardes que se seguiram, como sua irmã tivesse vindo a passar a noite conosco, deixamô-lo a sós, já sem motivos para preocupações maiores, e descemos à cidade para a reunião semanal da ecclesia.

Atravessamos a cidade discretamente, palmilhando as ruas que contornavam o interior das muralhas, na direção dos bairros dos trabalhadores. Um emaranhado de tamarineiros e

framboeiras espinhosas cercava e ocultava a construção singela aos olhares exteriores. Havia depois o pátio iluminado sempre por uma *taeda* de resina, no meio do qual fora cavado um poço. E seguida, entre pérgolas de plantas trepadeiras e vinhas, ficava o salão humilde de reuniões e preces, antecedendo os galpões construídos para se fazerem lar dos desamparados.

Ainda hoje posso experimentar o vivo prazer que me dava chegar até ali. Uma paz sobrenatural parecia envolver o escuro e feio conjunto, duas vezes centenário. Eu me arrepiava ainda no pátio e uma vívida alegria agitava meu coração. O ar ali me parecia mais puro, o melhor de mim mesma como que aflorava de íntimas reservas, oferecendo-me um divino e emocionado prazer. Eu imaginava o vulto de Barnabó fatigado da grande jornada que o trouxera da Palestina remota, para repetir a mensagem do Senhor. Via-o ao lado da generosa Abba, pela primeira vez articulando o nome de Jesus. Via-o se dessedentando no poço, ou abrindo os braços para os aflitos sob a pérgola envolvida nas parras. E esse extremado amor fazia-me ter visões. Aconchegada contra a noite azul e veludosa, acendida de estrelas, a *ecclesia* parecia-me promanar opalina claridade, as luzes como que de antecipado amanhecer. Tenho-a ainda assim ante meus olhos e projetando-a entre os templos que o Cristianismo dividido ergueu, ocorre-me que os homens avançaram demais. Eles não compreenderam e, por isso, ofereceram a Jesus aquilo que nunca lhe ocorrera receber. Acenderam-se luzes exteriores, mas as luzes interiores se apagaram.

Por *ecclesia*, igreja, compreendíamos então não o edifício, mas a reunião geral dos fieis. Por esse motivo, pessoas de todas as classes da sociedade misturavam-se ali, inclusive os tutelados da casa, em atmosfera de fraternidade e respeito. Ao chegar dirigi-me ao alojamento das crianças, muitas das quais, em situações diferentes e quase sempre doentias, tinham passado temporadas em nossa casa, tonificando-se ao ar puro do nosso plano pedregoso. Aprazia-me estar cercada pelas carinhas familiares, pelas minúsculas figuras que pareciam voar como abelhas em torno de mim, disputando-me o colo.

Gemma foi encontrar-me ali e nos distraímos por algum tempo a conversar com Andréa, devotada colaboradora de Adastro, a cuja guarda ficavam as crianças recolhidas na rua. Foi a visão de Adastro que se dirigia para o local da reunião, pela passagem interior que nos fez regressar e procurar assento nos bancos já quase que inteiramente tomados. No silêncio que se fez, fiquei a olhar sua figura veneranda, Ele humildemente entrava, dirigindo-se a um dos escabelos da frente, como de hábito. Trazia nas mãos queimadas de Sol, envoltos cuidadosamente em panos de linho e metidos em estojos protetores de madeira, os preciosos pergaminhos da igreja.

Adastro era trabalhador comum entre os servidos da casa pretoriana. De menino iniciara-se nos segredos da jardinagem e da horticultura, trabalho que lhe garantia o pão ainda nos dias de sua senectude, pão que, amoroso, dividia com o filho também já entrado em anos, porém cego e paralítico.

Visto ali, à luz da lâmpada de azeite, contornando pela auréola da barba e dos cabelos brancos, seu rosto cavado em rugas, tostado, parecia irradiar ainda o calor da luz intensa em que laborava. Era pequeno e seco de carnes. Visto entre outras pessoas não possuía sequer um único traço capaz de despertar atenção. Entretanto, dentre todos, singularizava-se como o que tinha dado os mais altos testemunhos de fé. Flajelado vezes sem conta, preso e escorraçado, Adastro pudera sempre manter a sua luz sobre o alqueire. E, naquele instante, embora não o soubéssemos, era também, talvez, o último representante da igreja cristã primitiva escolhido e eleito por seus pares através dos títulos mesmos do seu testemunho. Muitos alcançariam depois os postos de direção firmados em esperanças e expectativas. Aquele representava as gerações desaparecidas, para as quais toda uma vida de realizações sem jaça era o preço da escolha entre seus pares.

— Oremos. — Ele disse. E cerrou seus olhos cansados.

Ouvi então a rogativa habitual pela qual os elementos imprescindíveis à nossa jornada cotidiana eram humildemente solicitados: equilíbrio e paz, forças e alegrias para as lutas necessárias, vigilância íntima, amor para com todos. Então, em pequenas cestas de junco, foi distribuído o pão

simples, maneira pela qual comemorava-se a ceia do Senhor. Em silêncio as pequenas corbis corriam de uma para outra mão e, em seguida, irmanados no pequeno repasto feito em comum, nivelados na lembrança de Jesus, as criaturas, do alto funcionário ao escravo cuidadoso das horas, da senhora bem posta à humilde serva, como que impregnados por uma sublime envolvência, pareciam igualar-se na qualidade de filhos ante um Pai comum.

Muitas e muitas vezes estive a meditar sobre a força tremenda daquele ato aparentemente tolo e inóquo, sobretudo quando me ponho a observar o momento da refeição dos homens, quando, mais do que nunca, as criaturas se separam: de conformidade com posses, para as casas de pasto diferentes; os senhores aqui, os subordinados acolá; crianças à distância de adultos; são apartados de enfermos; antes os patrões, os servidores depois- Um abismo entre o homem do palácio e o homem caído na sargeta.

Aquele pedaço de pão, espontaneamente colhido na cestínha, realizava, porém, o sublime milagre que nunca mais, depois, se pode repetir.

E de todo o empreendimento levado a efeito em torno da lembrança do Senhor, nenhum outro, nunca mais, teve a peregrina beleza daquele, sobre os bancos rústicos, com uma simples cesta e a codea de pão escuro.

Lembro-me de que, de certa feita, tomando a palavra, Filoctemo falou-nos sobre o ágape. Comparando o ensino evangélico ao pão do espírito e dádiva do Criador, vendo no pão comum o alimento de todos os homens, dos reis e dos mendigos da rua, partilhando-o, recordávamos o imperativo da fraternidade e a igualdade de todos em face de Deus.

Abrindo suas anotações ao acaso, Adrasto sorteou para o estudo da noite o versículo dos Atos em que, havendo os circundantes se calado, Tiago tomou a palavra dizendo: "Varões irmãos, ouvi-me!" E em seguida, para minha surpresa, ofereceu a palavra a Filoctemo.

Nosso jovem amigo ergueu-se e, depois de uma pausa, pos-se a discorrer com fluência e naturalidade. Sua explanação, como todas as outras que, nos tempos que se seguiram eu tornaria a ouvir de seus lábios, era um veemente apelo em favor da modificação das mentes, com Jesus por modelo.

— Não permitamos, dizia com convicção, que os problemas externos, mesmo os do nosso próprio corpo, nos inabilitem para o serviço de nossa iluminação interior.

A lição dada era caminho para nova lição. Atrás do enigma resolvido, outros enigmas deveriam surgir.

— Lembremo-nos das aflições que sempre rodearam o espírito cristão, no mundo, desde a vinda do Mestre.

Era mister que cada um se dispuzesse a desculpar e a auxiliar sempre, a fim de que a gloriosa oportunidade de crescimento espiritual não se perdesse.

— Centralizemo-nos no esforço de ajudar no bem comum, seguindo, cada um com sua cruz, ao encontro da ressurreição das trevas da ignorância para a luz divina da compreensão. E nas surpresas constrangedoras da marcha, recordemo-nos de que, antes de tudo, importa orar sempre, trabalhando, servindo, aprendendo, amando, sem nunca desfalecer...

Horas depois, encerrados os comentários em torno do pequeno passo evangélico, Adrasto voltou a orar encerrando o trabalho da noite. Com outros jovens frequentadores da igreja, vi Cirilo corado e cheio de animação ao lado do orador que estreicara com geral agrado, colhendo sorrisos de aprovação. Vieram em grupo juntar-se a nós e eu, pela primeira vez, não me retraí ao encontro dos companheiros de minha idade.

CÂNDIDO

Na verdade sentia-se muito mal- Por muitas horas tentara resistir até que, finalmente, caíra sobre o controle do pesado leme. Agora estavam atracados e o capataz vociferava entre gritos de

fúria:

— *Abandonaste o teu posto sem permissão. Sabes o que significa. Não quero ouvir tuas desculpas, basta-me que tenhas abandonado teu posto sem permissão. Não é coisa que se tolere nem ao menos uma única vez!*

Cândido não diz nada. O capataz se aproxima e põe-se a vergastá-lo com o seu rebenque de couro. O capataz grita e seus gritos despertam a atenção de quantos se encontram no desembarcadão. A roupa do adolescente salpica-se de sangue, ele protege a face com os braços magros e aperta-se de dor contra os fardos de couro. Então, o homem alto e calmo se interpõe:

— *O menino desmaiou no leme, sentiu-se mal. Um magistrado não confundirá um desmaio com abandono de posto. O menino está doente. Sentes-te mal, não te sentes, filho?*

Cândido assente e o capataz olha-o com suspeita. Depois grita:

— *Então te sentiste mal? Se estiveres mentindo já sabes o castigo glorioso que te espera.*

Todavia, o capataz tem interesse em ser agradável ao passageiro habitual, distinto e bem posto. Assim, sua voz se torna mais contida. Diz:

— *Que desculpas tens, vamos, desembuxa!*

Mas Cândido não tem desculpa nenhuma e apenas gagueja:

— *Sim... foi isso... certamente...*

A cabeça roda-lhe. O homem suspende-o como se fosse um arenque defumado e larga-o sobre os fardos. Outra vez o desconhecido Intervém: ampara-o com cuidado e volta a chama-lo "filho". Esse tratamento, repetido, torna-se Incômodo para o capataz.

— *É horrível! — diz seu salvador presa de uma Inquietude sincera e meneando a cabeça com desolação. — Precisas ser tratado.*

Volta-se para o capataz e propõe:

— *Façamos um negócio, nós que nos conhecemos bem. Tu substitues o garoto por alguém em melhores condições. Desces e sobes o rio tres vezes. Na terceira volta devolvo-te o timoneiro em boa forma.*

Assim dizendo, da dobra da túnica retira a escarçela recheiada:

— *Então, ficamos entendidos?*

— *Bem... de minha parte também vos conheço o bastante para... Está claro, — Os dedos grossos do capataz estremecem. — o que quer que propuzeres, saberei acatar. Saúdo-vos senhor, saúdo-vos.*

O desconhecido ampara Cândido e tira-o do barco

— *Para onde me levais, senhor? — Indaga o menino acovardado.*

— *Estás doente e cansado Não tenhas medo, levo-te para minha casa. AH te recuperarás. Diz-me o coração que alguém espera por ti.*

Cândido compreende que, afinal, alguma coisa de bom está para lhe acontecer. Entretanto, os sentidos fogem-lhe outra vez. Em meio à névoa que se adensa, pode ainda perguntar:

— *Quem me espera, senhor?*

— *Jesus!*

— *E quem é Jesus?*

— *O médico e o amigo...*

... O médico e o amigo... — A consciência escapa-lhe docemente. — ... O médico e o amigo...

ANGIO

O dia escurece. Em volta do caminho que atravessa o jardim inculto e conduz á casa, a lama e a folharada, o lixo e os galhos secos se escondem sob a neve. Angio está de pé na janela e olha o crepúsculo cor de cinza. O mundo, lá fora, parece-lhe incrivelmente vasto e terrivelmente vazio.

Está a três noites sem dormir. A velha, presa de uma de suas crises costumeiras, embriagara-se

e fora se esconder onde ninguém pudesse encontrá-la. Angio está sozinho e, mais uma vez ocorre-lhe que seu irmão vai morrer.

Cândido chegara bom. De sua última viagem ausentara-se por um longo tempo. Ficara doente a bordo, mas um passageiro, um homem muito bom o recolhera, levava-o para sua casa e ali o curara tratando-o como a! um filho.*

Irradiava saúde e confiança quando saltara no desembarcadouro. Mas na manhã seguinte não pudera erguer-se. Cândido delira e nem ao menos tivera tempo de contar-lhe certa coisa maravilhosa que lhe ocorrera e que, demandando tempo, ficara para a manhã seguinte.

A velha não aparece, Angio trata do enfermo, procura mantê-lo aquecido com tijolos quentes, faz-lhe papas que ele não engole, vigia-o noite e dia sem parar. E tem um medo horrível, que ganha a forma de uma dor em seu coração. E se Cândido abandoná-lo para sempre?

E isso tem de acontecer agora, justamente quando já pode alcançá-lo, que sua idade lhe permite ser admitido na cabotagem do rio!

Descera a buscar auxílio na aldeia. Tinham-lhe dado raízes e folhas de infusão e tinham dito que a velha saberia como prepará-las. Mas a velha escapulira.

Angio não pode aceitar que Cândido venha a faltar-lhe. É o único motivo de seus pensamentos, o único assunto de suas conversas. Por isso o seu medo crescera tanto que se transformara em dor física.

Fecha a janela e vai assentar-se no quarto do enfermo. Também hoje não está melhor. A escassa claridade, vê-lhe o rosto purpúreo, a cabeça imóvel, a pálida mão que fuge por debaixo da manta. Um sentimento taciturno e grave une os dois irmãos, um silêncio, que deve compensá-los por todo o mais que não têm. Cândido abre os olhos redondos e cinzentos e fita o irmão. Sua mão se move levemente, ele tenta sorrir.

— *Não te dei um tempo livre para brincar e sair lá fora?*

— *Eu não poderia, a neve continua a cair. Estás melhor?*

Cândido não responde e olha bem o outro, como que sopesando sua sensibilidade e sua perturbação. Depois responde balançando a cabeça. Diz que não, que não está melhor. Há um momento de silêncio absoluto no interior do quarto diminuto, depois Angio arrebenta em soluços, sem poder por mais tempo conter sua dor e seu terror.

— *Tenho de fazer alguma coisa... É preciso... — Diz-me Cândido. — Por favor, dize-me o que fazer...*

— *Ouve, ia contar-te mas queria um bom momento, tu e eu a sós... Em casa do bom senhor, daquele de quem te falei... aprendi muitas coisas. Mano, tu já viste os homens do Caminho... sofrendo e morrendo por aquilo em que crêem? Sabes por que isso? Sabes qual o segredo? Têm uma grande compensação, uma compensação muito grande pelo despreso e a perseguição que lhes votam. De fato têm a coisa mais importante que um homem possa ter. Sabes o que? Uma luz!*

— *Mas, Cândido, que luz?*

— *Jesus, mano. Estou muito mal, não posso esconder. Mas este pode ser o teu momento. Angio, põe as tuas mãos sobre minha cabeça e roga a Jesus a benção da saúde em seu nome. Queres tentar? Dizias a pouco que... precisavas tentar, É o que nos resta. Queres tentar?*

Sim, sim, Angio quer tentar. Toda sua alma grita esse desejo. Cândido quer prosseguir falando, porém sua voz se transforma num engrolado sussurro. Sua febre faz-se tão alta que dele parece partir uma intolerável e aflitiva onda de calor.

Angio estende as mãos sobre a cabeça do irmão e dialoga infantilmente com o desconhecido Jesus. Diz-lhe que não o conhece mas que, mesmo assim, bate à sua porta, pois que os motivos são imperiosos. Insiste pelo socorro e, em prantos, no seu monólogo-diálogo, não sente o tempo passar.

De súbito reencontra-se em meio ao silêncio do quarto. O crepúsculo fez-se treva espessa. Seus ouvidos se apuram, ele ouve o manso cair da neve e, normal, a respiração do irmão. O que se passou?

Cândido dorme? Do leito, porém, chegè uma voz renovada:

— *Toca-me irmão!*

Ãngio tateia, encontra a fronte do enfermo- A febre foi-se. Com naturalidade assenta-se na cama. Agora a velha está de volta, entra com a candeia acesa. Cândido sorri, põe-se de pé. A luz da chama, seu rosto, embora emagrecido, já não é o mesmo. Ele anda, estão muito próximos, to- mam-se as mãos.

Cândido, achas que eu podz.-u ': retribuir a Jesus? Achas que eu possa ser um Seu senridor? Quero dizer, achas que Ele me aceitará?

— *Sim, sim, claro que sim...*

* * *

Com facilidade pus-me a conversar com Cândido e Àngio, os amigos de Cirilo que trabalhavam no rio. Lembrei-me de que a primeira notícia que nos chegara sobre Filoctemo, partira de Cândido, dias antes- Como o tempo passara depressa!

— Como o tempo passou depressa! — Eu disse alto. — Quando foi que atiraste tua triptycha a Cirilo, contando-lhe da chegada de Filoctemo?

Poucos dias antes aquele pretexto, da rápida passagem dos dias, teria sido o suficiente para que me ensimesmasse e fugisse para o meu mundinho de imaginação. Mas precisava agora firmar-me à nova situação- Os outros queriam conversar comigo, eu também queria conversar com os outros.

Gemma e Filoctemo trouxeram seus pais a nós. E com eles, compenetrada e linda, guardando os traços de sua mãe, Loreta, a filha mais nova do casal. E aquela foi uma outra pequena prova para mim.

— Quantos anos tens?

— Dezesseis!

Filoctemo tocou-me o braço e, de leve, empurrou-me em direção à porta. Entretanto, embora o rubor que me cobria, eu preferia aquilo ao desconforto de travar uma conversação com aqueles a quem eu chamava ainda "os adultos".

Por detrás de Filoctemo e Gemma advinhava-se a educação grega, requintada e severa. Ao lado deles eu não podia passar de uma pequena capadócia selvagem, desconfiada e sarcástica. Mas, naquele momento eu não queria, de nenhuma maneira, que a minha rusticidade me afastasse. Filoctemo dissera que talvez fossemos velhos conhecidos e de todo o coração eu desejava que assim fosse.

Posso ainda sentir aquela ansiedade e ver a noite azul-marinho para a qual saímos. O ar, no pátio, enchia-se com o agradável perfume da resina queimada nas taedas. Fomos nos assentar às bordas do poço e o vento noturno pos-se a rufiar, brandamente, nas barras de nossas túnicas. Sobre o altiplano da estepe, o céu reunia milhares de estrelas de brilho limpo e claro como diamantes. Eu olhava o céu, as árvores trêmulas, minhas mãos, com um novo sentido, com a sensação de quem observa com um mais penetrante olhar.

Foi ali, no pátio, que Filoctemo falou-me do que ele chamava a sua "corrente", pela primeira vez. Ele ouvia uma voz que lhe falava e me pareceu, de princípio, estranho que empregasse exemplos do Evangelho para explicá-la. Das primeiras vezes assustara-se e se retraíra ao visitante invisível. Depois lembrara-se da advertência de João: verificar se os espíritos vêm de Deus.

— Certo dia, convidado para o comentário evangélico, pus a "interferência" à prova. Pedi-lhe que me auxiliasse e, em breve, uma nova lucidez me visitava, as palavras surgiam mais exatas e mais rápidas, vestindo melhor meus pensamentos. Mesmo os conceitos ocorriam-me expontâneos e, passados pelo crivo de minha própria crítica, pareciam-me acertados e oportunos. Então alegrei-me.

Filoctemo não se importou de confessar que, de todas as belas coisas que oferecia, umas poucas palavras quando muito, eram realmente suas. A visão da "corrente" viera-lhe na noite do primeiro dia passado na cidade. Fatigado, procurara mais cedo o leito. Entretanto, antes de adormecer,

decidira-se à leitura de alguns trechos do Evangelho que lhe preparassem o repouso da noite. Sozinho em seu quarto pusera-se a ler. Em breve, porém, as letras se confundiam, distendiam-se e contraíam-se, dançando móveis como labaredas. De súbito vira, sobre o pergaminho, perfeitamente nítida, uma corrente de ferro. Não tinha nada de belo e, até aquele momento, nada de especial. De olhos bem abertos, fixos nela, pu- Zera-se a orar e foi depois disso que, como que intuído por outra mente, desejou contar os élos que a compunham. E, como de hábito seu, estendeu o indicador para iniciar a operação. Tocara no primeiro deles e um fenômeno curioso se processou. Feito como que de misteriosa substância, remontando-lhe e ultrapassando-lhe o dedo, o elo cresceu diante de seus olhos e, à feição de moldura, exibiu-lhe um rosto, nítido, identificável, não um retrato, mas uma fisionomia viva, na qual percebia o brilho dos olhos e o sangue a palpitar sob a pele. Dezenove vezes isso se processou. Na vigésima, todavia, o élo, em se destacando, empanou-se, avançou mas, em seguida, sem nenhum ruído, partiu-se em pedaços.

Um fundo desgosto empolgou-o e foi ansiosamente que fitou o vigésimo primeiro, sem, entretanto, ter coragem de tocá-lo. Mas, como para restabelecer sua confiança, por si mesmo aquele elo se moveu sob seu dedo, cobriu a falha e apresentou-lhe a face seguinte. Trinta e nove vezes o fato se repetira e, na quadragésima, para sua surpresa, viu-se a si mesmo. A visão fora tão impressionante que ele nunca mais poderia esquecer a- aquelas fisionomias. Filoctemo tinha ainda a cadeia sob seus olhos materiais quando uma voz falou-lhe nas fibras da alma:

— Agora espera; esperando, confia! Jesus pede a cada um aquilo que pode dar!

Ele adormecera em seguida. Não se passaram muitos dias e, no desembarcadouro, tomado de funda surpresa, defrontara ao Sol duas daquelas faces: Cândido e Angio. Depois, Cirilo, depois João.

Falando sobre aqueles fatos, junto ao poço da boa Abba, Filoctemo parecia-me perplexo e preocupado. Alguma coisa se preparava e sua juvenil curiosidade desejaria saber o que.

Eu experimentava uma espécie de carinho e de gratidão porque ele rne contara suas preocupações, aquele assunto tão secreto que, nos anos que iam seguir, — três curtos e inesquecíveis anos! — apenas nós dois conheceríamos- Ele, certamente, contava com meu silêncio, mas não m'o pedia e a essa confiança era sensível o meu coração.

Evitando sair em grupos, de pouco em pouco as pessoas abandonavam a ecclesia. Eu tive de me despedir.

Quando já estávamos longe, para além da porta da cidade, percebi um jasmim entre os dedos de Cirilo. Depois lembrei-me de tê-lo visto espetado na trança de Gemma. Meu irmão aspirava o perfume da pequenina flor. Olhando-lhe o rosto ao luar, lembrei-me da visão de Filoctemo e, sem saber porque, aquilo se avolumou dolorosamente em meu pensamento.

Silenciosos e apressados cortávamos em silêncio a estepe deserta, batida pelo vento, e eu me perguntava: O que poderá suceder quando aquela corrente for atirada numa certa direção, ou for distendida para conter alguma coisa?

Fitava meu amado irmão e quase podia ver seus pensamentos, a graciosa figura que boiava neles. Entretanto, mesmo assim, sonhador e distante, Cirilo dava-me impressão de força e firmeza. Eu imaginei que, como elo, meu irmão não seria o lugar onde se partiria a corrente.

CAPITULO — VII

Naquela mesma noite fomos atingidos pelas primeiras rafagas do *Africus*. Nos dias que se seguiram assoprou incessantemente, levantando cortinas de poeira ao longo do altiplano da estepe, arrancando os espinheiros e desfolhando as bétulas e rododendros nos vales do rio.

Estávamos no primeiro mês do Verão, — ao qual os romanos chamavam Hecatombion, — quando os ventos secos e quentes se levantam e as grandes ondas, no Mar Internum, investem como avalanches sobre as galeras desgovernadas. Era um tempo detestado pelos romanos, quando se

tornavam ainda mais irritados, intratáveis e quando, por isso, mais tínhamos a receiar.

Mas a gente da estepe, envolta até os olhos nos seus mantos cor de terra, apenas esperava, filosoficamente, que o vento deixasse de soprar.

Foi num dia assim que decidi tanger o rebanho parado Leste, o que me levava a aproximar-me da porta Sul da cidade, abeirando-me do porto do rio e das ruínas da fortaleza. Até certo ponto a encosta abrigava os animais; eu, porém, ia-me esconder entre as velhas muralhas escurecidas pelos anos. Ao tempo em que aquelas arcadas, incólumes, dominavam sombriamente o rio, Sebaste se chamara Dióspoiis e fora conhecida como a Rainha do Ponto. Em Roma, mandava Pompeu. Pitódoris chamava-se Sebaste, o que significava Augusta, honrando o primeiro dos imperadores romanos.

Eu gostava daquelas monumentais ruínas, tão vastas e tão intrincadas que nunca em meninos tínhamos podido explorá-las por inteiro. Sucediã-se em subterrâneos, arcadas, pátios, muralhas com seteiras e, na face do porto, uma área de forum e altar tão vastos, que nela frequentemente bivacavam os batalhões da XII Legio.

No Verão os rododendros ainda estavam vestidos de vermelho e, quando o *Africus* não soprava, eu podia ver os patos selvagens, as andorinhas, algumas vezes os formosos ibis do Nilo e, as mais das vezes, o silencioso vô dos gaviões que espreitavam, com seus agudos olhos, as lagartixas e lagartos entre as pedras.

Aquele dia assentara-me no cotovelo de duas paredes e ria-me assistindo aos obstinados esforços que as cabras faziam, tentando galgar os paredões. Alcançando os pontos mais altos expunham-se à forte corrente do vento que as desequilibrava. Eram, porém, teimosas e não desanimavam de alcançar o escasso prêmio de um maço de grammas ressequidas. Eram cômicas e, desde menina, faziam-me rir às bandeiras despregadas. De repente, Coronna latiu em certa direção. Voltei-me rápida e vi o homem. Encostava-se num arco, exposto à ventania e, entre nós, um pé de rododendro agitava-se doidamente, despetalando suas últimas flores sangüíneas. A luz tibia do Sol o seu *balteus* e as pedras que enfeitavam o broche de seu *sagum* coruscavam. Olhava-me e, possivelmente, devia estar ali havia muito tempo vendo-me a rir e a saltar com espalhafato, sem motivo suficiente.

Meu rosto ardeu de vergonha e irritação. O desconhecido deixou seu posto e, descendo, desapareceu por detrás das paredes. O instinto dizia-me que ia aparecer do outro lado, próximo a mim. Por isso, extremamente tensa, apertei nas mãos a buzina que trazia suspensa ao pescoço. Com Coronna atenta aos meus pés, eu faria a trompa soar ao primeiro movimento suspeito, contando que a direção do vento me ajudasse. O desconhecido surgiu e Coronna correu-lhe ao encontro. Esperei o pior, porém o animal se pôs a dar curtos ladridos de satisfação enquanto seu rabo felpudo se agitava festivamente no ar em movimento.

Vivemos muitas vidas, porém não tive, em todas, momentos de terror, desfalecimento, surpresa e encantamento como aquele. Ele parou alguns passos à distância de mim, com Coronna saltando-lhe em torno e sua mão a afagá-la com distraídos movimentos. Contra o fundo da encosta estéril e das paredes escuras, carcomidas pelo vento, Apoio, aquele que comandava o carro do Sol estava à minha frente.

Apesar do sibilar do vento e dos berros das cabras e carneiros, eu podia ouvir as batidas de meu próprio coração. Não sei como foi que nos assentamos. Pus-me a olhar as águas barrentas do rio, enrugadas de ondas, os caniços dobrados pelo sopro quente do vento. Depois o pelo castanho e branco de Coronna, que dançava e se repartia em macias franjas.

Não sei bem o que falamos, posso me lembrar apenas do que senti, recordar o timbre grave e quente de sua voz que, por vezes, ganhava um acento extremamente suave, como o de um menino. Eu estava acostumada a empregar apenas o nosso dialeto, feito de um grego corrompido pelo sí- ifaco e o armênio, mas, naquele momento surpreendi-me a falar, com desembaraço e segurança o latim que eu não amava e ao qual subtraía-me sempre, talvez por ser a língua dos nossos perseguidores.

Disse-me o seu nome, Prisco, e eu lhe disse o meu. Hoje percebo que nos encontramos e nos falamos como, desde que o mundo é mundo, um moço e uma jovem se encontram e se falam pela primeira vez. O que modificava tudo, entretanto, era um fluido misterioso, o encontro de duas correntes de força, que não se harmonizam sem a faísca inicial.

Não me apercebi das horas e me sobressaltei com a súbita modificação da luz. O vento amainara, mas a tarde ia se fazer sem as claridades limpas do céu da estepe. Senti frio e ao aperceber-se disso ele me envolveu em seu sagum encarnado. Ao fazer isso aproximou-se mais de mim. Eu me levantei, embora sem precipitação e lhe disse:

- Faz-se tarde! Eu preciso voltar. Fiz o movimento de retirar o sagum porém ele me deteve:
- Não, por favor! Disse-me.

Mas eu tinha voltado à realidade:

- Não, não posso...

Como eu explicaria aquele manto em minha casa? Eu quis me fazer despreocupada, entretanto meu tom era nervoso e tolo. Entreguei-lhe o manto com seu alfinete de pedras valiosas.

- Voltas?
- Sim.
- Amanhã?
- Quem sabe...

Retornei à casa vagamente irritada com aquele final. Naquele tempo eu era sujeita a insatisfações e pequenas revoltas contra mim mesma. O sangue novo da juventude fazia-me sonhar, despertar ranzinza, tornar a sonhar. Nem sempre me portava como desejaria.

Mas no caminho o sentimento arrefeceu. Eu antes me sentia contente, secretamente uma exaltação e um inocente orgulho apoderavam-se de mim. E porque as raízes pagãs não tinham de todo sido arrancadas, pus-me molecamente a cantar a canção que falava de Apoio e Dafne, a filha do rio que, desprezada, se converteu em loureiro.

Distraída atrazei-me pelo caminho, o que me valeu a censura de minha mãe. Cirilo veio ajudar-me a prender o rebanho e separar os animais.

- Aconteceu alguma coisa? — Perguntou-me.
- Não, — Respondi, — nada.

À noite, já deitada, lembrei-me de todas aquelas festas que Coronna fizera a Prisco. A intimidade significava que já se conheciam de muito tempo. Coronna era arredia, arisca, sua simpatia não se ganhava com facilidade. Se fosse possível interrogá-la! Eu estava, então, sob observação havia muito tempo, talvez não apenas ali nas ruínas mas também nas outras pastagens... E de que viera ele? A cavalo? De biga? Os jovens romanos de posição apreciavam as bigas. Era este o segundo detalhe que minha perturbação deixara escapar. Ele ficara ainda atrás e não o vira chegar, inesperadamente fui assaltada por uma impressão de sonho, de irrealidade. Encontrara um soldado romano entre as ruínas? Falara-lhe?

Senti-me confusa e angustiada e pus-me a chorar baixinho, abandonando-me à correnteza de minhas emoções. Uma cordilheira de nuvens parecia estender-se sobre o horizonte até onde eu desejava abarcar. Quanto tempo se passaria antes que eu voltasse a sentir-me segura outra vez? Sentia-me incapaz de dominar minhas emoções e essa incapacidade, somada às flutuações de humor a que estava sujeita, aos repentinos de tristeza e de alegria, às oscilações entre momentos de pueril fantasia e profundas reflexões, faziam-me sofrer.

Só adormeci pela madrugada e, no dia seguinte, aquela impressão de sonho estava aceita. A vida habitual da casa, ao amanhecer, a rotina... Muitas pessoas viam Pan, o deus caprino, nas encostas dos morros. Meus pensamentos vagavam sobre as nuvens, eu vira Apoio.

Não era fácil abandonar a infância. Seria fácil envelhecer?

O Africus se acalmara naquele quarto dia. O vento funesto do He-catombeon diziam que fazia

as pessoas enlouquecerem. Eu delirara.

Era alto e com seu *sagum* inflado pelo vento, lembrava um navio encalhado nas pedras. Dissera chamar-se Prisco: o que pode proibir os seres do sonhos de se darem um nome?! Suas mãos eram morenas e belas, e belo era o seu rosto, como o de um deus de terracota, com os olhos tristes, mas que às vezes sorriam embora a imobilidade do rosto. Seus cabelos eram negros e também negros os cílios enormes que filtravam o nostálgico olhar.

Recompondo a sua figura no espírito saturado de tristeza, uma profunda paz, uma alegria desconhecida tomaram-me de assalto- Eu estava chorando e Cirílo olhava para mim com cuidado. Ainda estávamos a sós **10** cercado e eu lhe disse sorrindo:

— Não te assutes, eu choro à-toa. Ando emotiva ultimamente, ad- vinhando, quem sabe, que a vida começa para nós...

Ele estava sério, ajoelhou-se junto a mim e colheu-me as mãos, interrompendo a ordenha. Apertou-as com força contra seu peito. Eu lhe disse:

— Crê, eu não escolheria outro, se não tivesse irmão e Deus me o- ferecesse um!

Mas percebi que esta frase o emocionara e que eu, além disso, a- gravara sua preocupação. Por isso sorri. Encostei meu rosto a morno pelo da cabrita e pus-me a rir:

— Como sou tola! — Disse. — Para que te servirá uma irmã choramingas?

Só três dias depois decidi-me a voltar às ruínas. João, sensivelmente recuperado, já saía para respirar o ar puro das rfiãnhãs. Ele ajudou- me a soltar o rebanho. Cirilo descera para a cidade e vovô se dirigia ao rio. João me disse:

— Tens medo?

— Não. Porque teria? Por que perguntas?

— Por nada, sinto-te preocupada.

— Já viste os cabritos e as ovelhas quando estão a crescer? — Perguntei-lhe. E disse depois sorrindo: Pnis eu me sinto assim!

Soltei Coronna e encaminhei o rebanho. Antes de chegar senti que ele estava lá. Era um vulto solitário no mesmo arco das ruínas, de onde a vista abarcava os arredores. Da outra vez não pudera ver o transporte de que se servira. Agora vira-o, na dobra da colina, uma leve biga bronzeada.

O dia estava apenas amanhecendo. Coronna emitiu um alegre ladrido e pos-se a correr em direção a ele. Sorrímos ao nos encontrar como as crianças fazem quando se querem bem. Não perguntou porque eu não viera antes e apenas saudou dizendo:

— Auguri!

Depois foi andando ao meu lado, na perfeita paz do amanhecer, a- té o ponto que nos assentáramos da outra vez. Naquele dia falou-me de sua terra, o promontório Taenarum, descrito como ò ponto mais meridional do lugar chamado Mesenia. Vezes e vezes voltarta a falar-me daquela vila junto ao mar, entre dois golfos que ele denominava Mesianicus e La- conicus. Falou-me do mar e do céu, profundamente azuis, dos penedos, das vagas espumosas por onde um delfim levava em suas costas, salvan- do-o, um poeta de nome Árión. Falou-me dos roseirais e dos pomares, porém n&o tocou em si mesmo. Também eu nada dissera de mim mesma, como se, tacitamente, sentíssemos que, durante todos aqueles anos, tivéssemos estado um no outro, embora em forma de espera.

Sua terra tinha flores e nuvens. Suas palavras faziam-me vê-lo menino à margem do mar, sobre os penedos. Os pássaros marinhos tataiavam asas em bandos numerosos e emitam agudos gritos. O sol pintava-lhe de ouro o pequeno corpo molhado.

Lembrei-me de mamãe, de sua saudade das distâncias que seus o- inos nunca viram, padecendo a nostalgia das fontes e das verdes colinas.

A vila no Taenarum era branca, com colunas sobre as quais as vinhas pesavam no outono. As grandes marés, com seus surdos rumores desmanchavam-se contra uma esplanada enfeitada de estátuas de deuses bonançosos. Por detrás da casa, nas colinas enfeitadas de flores, havia carvalho

e ciprestes e o jardim da vila dividia-se entre rosas, jasmims e bogaris, lilases cor-de-rosa, sebes de azáleas e oliveiras cor-de-prata.

Prisco oferecia-me as belezas de sua infância e, em torno de nós, a estepe monótona pesava, embora o fulgor e a beleza de minhas emoções. Eu não tardaria, porém, a encontrar, dentro daquela cesta de flores, a víbora peçonhenta. Compreenderia então o fulgor triste dos olhos do moço que eu já amava.

Mas, naquela manhã, eu ainda não sabia e ele pode esquecer, É-ramos muito jovens e assim, porque um lagarto entre as pedras ou a sombra de um gavião voando baixo, espantasse o rebanho, corremos e rimo* à claridade do Sol. Bem junto ao rio ele colheu uma estranha flor silvestre de adocicado perfume e aquele foi o primeiro e o único presente que jamais me pode oferecer. Muitos anos depois, quando os meus cabelos branquearam aquela saxífraga áspera ainda era um dos meus tesouros mais caros.

De entre as ruínas veio o canto conhecido dos marinheiros. Rio acima, presos por grossas cordas, rebocavam exaustivamente as jangadas e barcos. Para afastar o cansaço e o tédio cantavam canções que, através dos séculos, seguiriam cantando. O sabor e o fascínio da descida faziam-nos esquecidos dos pesados momentos e então, só raramente via-os cantar. Agora surgiam como animais de trela, presos pelos ombros, palmilhando as trilhas laterais do curso.

Na outra margem vi Angio e Cândido. Coronna latiu alvoroçada e contente e eles também nos viram. Gritaram meu nome e eu lhes acenei correndo para um ponto mais próximo. Estavam suados e sujos e, como de outras vezes, enchi-me de pena. Eles, entretanto, apreciavam aquela vida e, sobretudo, estavam juntos, o que tinha a mais alta significação. Acenei-lhes outra vez e eles me acenaram também. E depois que passaram, embora eu retornasse espontânea e alegre, percebi que Prisco se constrangera.

— Tu os conheces? — Perguntou-me.

— Sim, conheço-os.

Havia perplexidade em sua voz quando prosseguiu:

— Eles gritaram o teu nome, aqueles marinheiros do rio.

— Sim, gritaram. Cândido e Angio são amigos de meu irmão, de Cirilo. São recebidos em minha casa. Tu me encontraste duas vezes já Prisco, e como foi que não viste? Que milagroso véu tolda-te a visão para que não tenhas ainda enxergado a rude moça do pastoreio?

Eu pudera dizer tudo aquilo sem me tornar agressiva. Queria apenas que ele tivesse a visão integral, de uma vez por todas. Aquele incidente banal tivera o dom de desfazer a bruma de sonho em que nos movíamos. Eu tomara sua mão e passara-a por minhas roupas grosseiras e lhe dissera:

— Vê!

Ele estava sério, uma funda ruga entre as sombrancelhas. Eu me decidira a tudo dizer. "Melhor agora, melhor já!"

— Não penses que eu seja a deusa disfarçada de pastora, sou a moça do povo, amiga dos moleiros, dos tecelões, dos marinheiros.

Ele não disse nada. Estava visivelmente magoado e eu, então, tive pena.

— Melhor agora! — Voltei a dizer. — Não é fácil falar-te assim, Prisco. É corajoso sofrermos antes se sabemos que vamos sofrer depois. Ainda há pouco falavas com beleza e ternura do mundo em que vieste, onde tu te formaste. Da vila de Taenarum promana uma forma de vida, regras de conduta, pensamentos que deslizariam sobre mim como a gota do orvalho sobre a palma do cactus. O Prisco da vila de Taenarum seguramente tem de estranhar o apelo dos marujos do rio.

Detive-me um instante quase sem coragem de prosseguir:

— Prisco, aquela gente que viste é a minha gente e por nada no mundo eu a deixaria. Além disso há uma coisa seríssima que preciso dizer-te sem reboços, de uma vez por todas: sou uma conversa

à religião de Cristo Jesus, quer dizer, sou uma cristã. Pelo código evangélico, que aceito, todos somos irmãos, eu não te diferencio de Angio e Cândido. Para o cristão, o último pode ser o primeiro e isso transtorna horrivelmente o raciocínio de quem não pode compreender. Peço-te perdão se te magoô mas a verdade é está, assim penso, convictamente. E seria indigno não t'o revelar!

Houve um silêncio longo entre nós. A cabeça dele pendera e eu experimentei um desejo sofrido de acariciar-lhe o rosto que não podia ver. Fiquei olhando as insignias de seu posto militar, pensando que eram outros símbolos, entre muitos, das coisas que sem dúvida nos separariam.

Aquilo que é a nossa maior alegria pode, também, ser a nossa maior tristeza. Percebi que falara longamente e não sabia onde fora buscar minha coragem, a não ser nas próprias transformações que se operavam em mim. Vencia as pequenas covardias, os receios antigos... Sim, vencia-os mas, como é difícil à mocidade dissimular o gosto amargo, se o tem na bocal...

— Então, como foi o dia? — Mamãe perguntou-me depois de me olhar antes, por acaso, depois argutamente.

Abri a canastra de couro fingindo procurar alguma coisa. João as- sentara-se ao lado e eu ihe disse:

— Sabes jogar o *latrunculi*?

Eu sabia que o jogo estava lá dentro e assim fingia não ter ouvido. Ela, entretanto, voltou a perguntar pela segunda vez descansando o *vannus* de lentilhas sobre a mesa:

— Aconteceu alguma coisa?

— Claro que não, o que poderia ter acontecido! — menti. — Estive nas ruínas, perto da estrada...

Sim? — Ela disse com voz sumida, sem muita convicção.

Desgostava-me mentir-lhe, mas como poderia contar o que se passara sem explicar o que sentia?! Eu não seria clara nem razoável, traria a- penas mais aflições. Além disso ele, com certeza, não voltaria mais e assim era inútil martirizar alguém com um episódio encerrado.

Coloquei as peças do jogo sobre a mesa e comecei a dispô-las entre mim e João. Minhas mãos gelavam, mas meu rosto escaldava.

Concentrei-me nos lances mas, quase em seguida, João arrebatou- Tne as primeiras figuras.

Esquecemô-nos de muito que nos acontece e é salutar esquecer. Se vivemos muitas vezes, perguntaram-me de certa feita, por que não nos Uembramos? O que seria de nós, eu perguntaria, se não fosse o olvido? Se as dores de ontem são, muitas vezes, tão difíceis de levar, o que seria de nós sob o peso de todos os sofrimentos reunidos? Mas é verdade também que muitos deles, como as pequeninas bolhas de ar na água que ferve, soltam-se lá do fundo e espoucam na superfície. Não sabíamos que ali estavam, mas bastou o fogo para que se fizessem sentidas e rapidamente subissem para a superfície.

Assim somos nós e assim me vejo naqueles dias, trêmula e ansiosa, procurando conter a minha pressa, na estepe, na *ecclesia*, dentro de casa, a pequenina bolha tangida pela chama.

Eu falara a Prisco, com palavras de gelo, sobre as diferenças que nos separavam. Ele se fora mudo e *grave*. Eu regressara para casa devorada por ansiedades; entre curtos sonos vira transcorrer a noite. Na manhã seguinte voltei e ele estava a minha espera. Por enquanto, as simples palavras eram impotentes para nos separar.

Em todos os dias que se seguiram foi assim. Ao nascer do Sol estava à minha espera e ao *ver-me* sorria, vinha ao meu encontro. Permanecíamos algumas horas juntos e a conversa *rodava em círculos*. Havia em nós, depois de meio dia e uma noite de ausência, um tal entusiasmo em nos revermos, que a simples circunstância de nos olharmos já era uma alegria e uma felicidade difícil de suportar. E a cada dia essa felicidade, em dado momento se turvava porque, por fatalidade, um assunto ou outro, as mais diversas coisas terminavam semprp por nos conduzir ao terreno vago, delicado e doloroso que havia entre nós e que eu ou ele deveríamos franquear.

Desses rápidos intervalos eu saía sempre com um espinho em minha fé, ele com seu orgulho aborrecido.

As explicações que eu lhe dava me pareciam tão claras e, além disso estavam aquecidas pelo meu amor! Não podia compreender como ele podia se retrair ante a lógica da humanidade e do amor geral. Eu percebia os seus esforços, porém a simples alternativa era dolorosa demais para ele. O altar doméstico na casa de colunas brancas do promontório parecia onipresente em seus pensamentos. Impregnara-se, desde pequeno, da orgulhosa e falsa responsabilidade adquirida junto às imagens de cera dos antepassados, impregnara-se de um virulento preconceito e, olhando friamente, só uma inacreditável situação permitia que uma plebeiazinha afrontasse e tentasse romper os seculares estatutos.

Éramos ao mesmo tempo tão iguais e tão diferentes! Nisso residia a nossa dor.

Em Roma Prisco assistira a alguns processos a que chamavam pro- *ditio*, envolvendo famílias conhecidas, até mesmo de sua parentela, e lhe causava desgosto, repugnava-lhe presenciar a derrocada de um velho nome probo, a dispersão de propriedades ancestrais pela fidelidade a um líder estrangeiro, como lhe parecia Jesus. Séculos de segurança, sob os numes tutelares, desfaziavam-se ao simples toque daquela ideologia perigosa e que ele compreendia fosse combatida com vistas à proteção dos cidadãos. Quando falava de Jesus, eu tinha a impressão de se tratar de um homem morto há três séculos, de distância e irrealidade. Quando falávamos de Jesus, com Filoctemo sobretudo, quão diversa era essa impressão: Ele estava vivo, maravilhosamente próximo, era real e palpante, Intimo, quase tangível.

Eu percebia com desânimo que a mente de Prisco não tinha elementos, não conseguia configurar o que lhe dizia. Era assim como tentar com pequenos seixos, atingir o fundo de um lago e ver os projéteis repelidos à superfície. No sentido de fé, ele elaborava num plano quase que exclusivamente material e nesse sentido Jesus era um homem morto e tudo quanto promanava dele rescendia a morte. Eu pensava com tristeza que Prisco era como um homem encarcerado que não podia ver outra coisa além das paredes da cela. Se lhe falassem da noite, das estrelas, do vento e do horizonte, ele não poderia compreender.

Nos momentos em que minha tristeza era mais intensa, eu me recordava de Saulo que se transformara em Paulo quando as paredes da prisão ruíram.

Lembro-me dessa situação e do prazer que me causava a esperança. Por causa dela eu retornava à superfície cheia de coragem e confiança e essa mudança produzida em mim, nos poucos segundos que duram uma lembrança, transformava-se em triunfo para nós. Era um voto de confiança da vida que punha um novo brilho na manhã.

Hoje sopeso a força e o valor que teve aquele desafio lançado à minha fidelidade. A arte de convencer me era desconhecida porém já a- prendera aquela tão mais difícil, que é a de silenciar mobilizando os recursos íntimos, através da prece, para antecipar a vitória.

Eu olhava sua frente morena onde os negri JS cabelos brincavam na brisa, olhava os seus lábios. Oh! Como me importavam as idéias daquela frente e as palavras naqueles lábios.

A trompa soava ao longe: tudo estava perdido para nós... Um dia perdido e os dias perdidos tinham feito as perdas existências...

Muitos e muitos anos depois, as conversões se tornaram exteriores- Até mesmo as ameaças, a mão prepotente de quem tinha a força, a intolerância, puderam rotular as criaturas. Naquele tempo, porém, as pessoas ainda se convertiam. Vinham de cultos diferentes, ocidentais e orientais, e se uniam sob a bandeira de Cristo. E por isso tinha a força suficiente para o desafio que lançavam.

Havia também os momentos de esquecimento. Eu olhava para ele, fechava os olhos e pensava: "Não quero nunca mais esquecer este momento!" E quando abria-os de novo procurava contar os dias, saber quantos se tinham passado e não sabia dizer. Meu amor multiplicava as noites e os dias, fazia naufragar o barco das horas.

Certa tarde em que Filoctemo estava em nossa casa, contei os dias que se tinham passado: dez. Passeávamos distraidamente à margem do rio, conversando e ouvindo os primeiros trilares dos insetos noturnos. Na pequena enseada para além da nora, eu parei e, ocasionalmente, vi-me inteiramente na superfície calma da água e que a luz crepuscular dava um polimento de espelho. Dez dias apenas tinham feito aquela modificação! Meu corpo se transformara, meu rosto tinha um novo aspecto. Mas foram sobretudo meus olhos que me impressionaram. Estavam maiores e graves, o álcacre esplendor se desfizera. Sem que eu percebesse Filoctemo se aproximar, eu o via junto a mim. Nossas figuras refletidas se olhavam. Então percebi, ou julguei perceber. Ele quase falava, seus lábios fremiam de leve, era extraordinária demais a doçura e o encanto daquele olhar. *Nossos* olhos se prendiam no espelho das águas e não sei como foi que as lágrimas vieram-me. Escorreram, antes uma, depois a outra, lerdamente. Senti-lhes o amargo sabor salino em minha boca. Ele não fez um movimento, não disse nada, mas, daquele momento em diante os segredos entre nós se fizeram maiores.

Quando voltamos para casa me refugiei no meu canto. Havia qualquer coisa de sórdida em mim, eu pensava, para que não pudesse retribuir o nobre sentimento do amigo querido.

Naquela tarde, pela primeira vez, tomei consciência do meu destino. Olhava para meus companheiros e pensava no futuro que nos aguardava. Aparentemente estávamos unidos, mas, em verdade, seguíamos cada qual seu próprio caminho. Para cada um, o curso do Sol seria diferente. Teríamos de construir sozinhos nossa escada, embora, por um breve instante, pudéssemos compartilhar a vereda.

Meus sentimentos para com Filoctemo eram de dolorosa ternura. Nós nos afastávamos um do outro e era ele quem tinha asas para vir até mim. A desconhecida mão trouxera o outro da praia do mar remoto. Tangidos nos encontráramos ínapelavelmente.

Não sei porque sentí-me terrivelmente solitária. Um lobo uivou no fundo da estepe e o seu regougo ecoou na noite recente. O tempo passará depressa, eu disse a mim mesma. Depois desta noite virá o dia, depois a noite e outra vez o dia. Assim o tempo passará depressa... Depois eu diria: Esqueci-me!...

Quando Filoctemo foi-se embora o seu sorriso era calmo e manso, tinha uma resignada aceitação que enchia se. J rosto de uma luminosa beleza.

— Não te contei ainda, — Disse-me baixinho. — Tenho um novo élo. Um moço, um jovem legionário da XII Legião que chegou estes dias.

Estávamos lá fora. Eu tive a impressão de que a noite se tornara uma massa espessa, que eu não podia respirar. Dominei-me pensando nos jovens romanos, legionários, que todos os meses chegavam á cidade. Além disso, que ligação podia ser estabelecida entre Ciriio, João, Angio, Cândido, mesmo entre Filoctemo e Prisco?

Eu não disse nada. Não conhecia nenhum romano além de Prisco e este não fazia propósito na conversa. Fixava o rosto de Filoctemo, a boca gentil que dizia:

— Não lhe falei, apenas vi-o por um breve instante. Um rosto que desperta confiança. Não será curioso se o encontrarmos amanhã, na reunião?

Sim, ele estaria na reunião para fazer sentido. Mas então não seria Prisco.

CAPITULO -VIII

Tenho recapitulado, vezes e vezes, o momento de nossa partida definitiva de Sebastes, as amarguras, como hóspedes indesejáveis, que se tinham instalado sem prazo de mudança, em cada um de nós, os momentos de irritante tensão que foram os últimos.

Fechamos cuidadosamente a porta da casa e a deixamos para sempre. Nosso horizonte não era

mais do que o plostelum carregado daquilo que podíamos levar, algumas cabras e alguns carneiros. Isso foi há muitos anos atrás. A viagem prosseguiu, mas o horizonte não foi ainda ultrapassado .

No fundo do passado, a árvore do evangelho, em galhos góticos se petrificou, sem folhas, sem flores, sem frutos.

"E passando pela árvore da figueira, a margem do caminho, Jesus voltou-se e porque não ostentava os frutos, que não era tempo, amaldiçoou- a e ela se secou".

Mas a própria vida ensina a esperar. De repente o hoje não é mais hoje, é ontem, é passado. E o amanhã que se apresenta em forma de hoje, é promessa de renovação. Assim se dá com o ensino do Cristo e por isso tudo se explica; e valeu a pena esperar.

Mas naquela madrugada em que levávamos os últimos trastes para o plostelum, tínhamos a morte na alma. Embora fosse enfrentar o desconhecido, eu não queria ficar: era melhor partir. A própria casa vazia parecia, de certo modo, ansiar pela nossa partida. O aprisco se esvaziara. A qualquer preço tínhamos vendido, no dia anterior, os animais que nos restavam, reservando entretanto, uns poucos que nos forneceriam leite fresco e se revesariam ao longo da viagem.

Lembro-me de ter visto Coronna sair, lerdamente, do cercado vazio, perplexa como um ser humano que não pudesse compreender.

Várias estações antes disso, entretanto, o plostelum estava parado naquele mesmo lugar e ela olhava-o com os trejeitos interrogativos que sempre tinha em tal situação, como a querer saber se era Cirilo, o seu a- mado senhor, que ia se ausentar.

Na tarde da véspera Filoctemo e eu tínhamo-nos fitado no espelho das águas e, ao invés de nossos corpos, viramos nossas almas. Agora voltávamos à assembleia da igreja e tornaríamos a nos encontrar. Mamãe ficava com João e vovô seguia conosco. Quando se viu impossibilitada de nos seguir, Coronna pos-se a ganir lastimosamente, apesar dos afagos que? lhe fazia João.

As vezes, mesmo no Verão, as noites se faziam extremamente frias na estepe. Aquele dia vestíamos roupas leves e nossa mãe desceu a escada a correr, trazendo-nos as túnicas.

As rodas do carro rangiam, deixando um rasto de áspero rufdo no ar da tarde. Bem alto, no céu, voavam as temíveis águias, cujos ninhos e- ram construídos nos pontos mais altos do Tauro e que punham em fuga a- té mesmo os astutos gaviões. Cirilo acompanhava suas evoluções com a- gudo olhar. Meu irmão se mostrava animado, prosa e eu sabia bem o porque.

Detive-me no pátio quando chegamos, As taedas não tinham ainda sido acesas e nem as crianças recolhidas, Reunia-as em torno de mim e contei-lhes os casos engraçados dos meus cabritinhos. As crianças da igreja, com raras exceções, não eram belas. Muitas eram disformes, outras aleijadas. Algumas tinham chegado com a saúde tão comprometida que não se esperava chegassem a ficar adultas. Eram avezinhas que os vendavais atiravam dos ninhos, como dizia Adrasto. Não eram belas, porém mesmo assim podíamos amá-las. Creio que o sentido da maternidade naquele tempo já era muito forte em mim. Eu me sentia feliz quando tinha uma delas contra meu coração, quando uma pequena cabeça de ralos e ásperos cabelos pendia sobre meu peito e se ageitava confortavelmente no ângulo de meu braço. Vê-las adormecidas era um outro momento grato a minha alma- Quando chegou o momento de recolhe-las, entrei com elas, deitei-as, e só depois passei à sala.

Aquela noite foi especial porque iniciou, para nós, o debate em torno de Arrius. Um emissário de Alexandre, o patriarca de Alexandria, estava presente. Era um daqueles religiosos acemetes, os que não dormiam, sediados num monastério junto ao Eufrates. A reunião se iniciara como de hábito e, por dever de hospitalidade, em primeiro lugar, Adrasto deu a palavra ao visitante.

De pé, pude ve-lo melhor. Era um homem jovem ainda mas que as penitências destruíam. Tinha os olhos fundos nas órbitas e as pálpebfas inflamadas. Quando se pos a falar, perdeu o ar ausente que de início eu notara e olhou furtivamente a assembléia. Desinteressei-me de sua palavra poucos minutos depois, muito embora o arroubo e o tom exarcebado com que parecia empolgar-se a si mesmo. Formulava calorosas ameaças, o inferno e o fogo eterno pairavam sobre as criaturas. Nós

não acreditávamos naquilo. Em reuniões especiais, que a igreja promovia, os espíritos dos mortos falavam-nos através das faculdades de profecia de alguns companheiros nossos. Sabíamos que, para além do túmulo, havia faixas de agudo sofrimento em que as almas penavam seus erros e remorsos, um inferno interior que era de chamas apenas para os incendiários. Mas as almas retomavam à vida da carne em novos nascimentos, voltavam a aprender, a se purificar pelos recursos das próprias experiências, ascendendo para Deus. Os próprios mortos nos falavam assim. Impelidos por uma forma de insanidade, o acemete abominava a bênção do sono que o Criador oferecera para o reparo necessário das criaturas. O sono era a treva e na treva do sono o demônio espreitava e se apoderava do incauto.

A pacífica atmosfera da igreja se ressentia. Os ouvintes se encolhiam desagradavelmente impressionados. As suaves e simpáticas vibrações como que se desfaziam. Não sei o que disse a propósito de Arrius, pois que me concentrei em preces e só quando a frãii^Qlla palavra de A- drasto soou, voltei minha atenção à sala. A passagem evangélica não fora abordada e assim, mansamente, o ancião da igreja se pos a analisá-la. Falava com simplicidade, o olhar profundo e calmo pousando em cada face. O clima da sala de pouco em pouco se modificava, as atenções assustadas se restabeleciam.

Creio que sem querer sorri, pois que lá da frente, Adrasto também sorriu para mim. Eu sabia o que Filetemo estaria pensando. Era contra o refúgio. Para ele o lugar do cristão era o mundo, o seio da multidão. O homem fora feito para dar-se.

— Quando Jesus chama aos discípulos sal da terra, o que quer significar? Para que serve o sal? Para dar sabor, para evitar a putrefação, para conservar. Para que serviria o sal em seu próprio depósito? O sal no sal?

Assim dissera eie. Quando? Não pude dizer, não pude me lembrar. Pensara apenas, ou assim dissera em outra vida? Mas Filoctemo também me falara do jovem romano. Esquadrinhei a saia em busca da face conhecida, mas em vão. Junto ao acemete havia um desconhecido. Era alto, magro. Não era um romano. Antes seria um egípcio ou um descendente da sente do Nilo. A pele escura e os traços finos o demonstravam. A pregação do patriarca não parecia interessá-lo. Por sua vez sério e atento ao exame de Adastro, Filoctemo não parecia notar o desconhecido.

— ... "pois que ser o primeiro entre os homens não é o mais difícil de alcançar! Verifiquemos em nosso derredor e os encontraremos nas mais diversas situações materiais.

No governo da província, à testa da cidade, no comando da legião, no corpo dos fiscais, no posto da arrecadação, nos templos, no comércio.

E no governo da província, o primeiro pode ser o tirano a exigir o cumprimento de decretos desumanos, à testa da cidade, quanta vez, o perseguidor das populações escravizadas; no comando da legião, o cruel agressor de homens indefesos; no corpo de fiscais, o indiferente a exigir quotas abusivas; na arrecadação, o impedido que se ri da miséria de outrem; no templo, o fanático incapaz de respeitar a crença alheia; no comércio o ganancioso que não hesita em fechar os ouvidos e olhos à miséria.

Ser o primeiro no recinto abençoado do Evangelho, entretanto, é difícil de alcançar.

Nas diversas situações da vida material, os primeiros são os que vêm à frente no campo das exigências imediatas. Há que servir-los, obedecê-los, dispensar-lhes as principais considerações.

No recesso do Evangelho de Jesus, os primeiros não têm exigências esquecidos que estão no serviço de todos e se fazem os últimos na recepção dos benefícios já que, para eles, o benefício maior é o bem de todos. Não esperam obediência já que eles mesmos obedecem à lei de colaboração fraterna, e não exigem a consideração formal, preocupados que es- **49** tão em compreender e considerar com amor a situação alheia.

Se Jesus nos concita a segui-lo, façamos como Ele fez que, sendo o maior não hesitou ante as tarefas menores em face da última das criaturas humanas, na obra do amor.

Irmão, Jesus nos abençoel

Fez-se, então, a prece de encerramento. A presença de meus pais junto da família de Filoctemo, e Cirilo junto de Gemma, já se tornou um hábito. A beleza da juvenzinha fazia-a amada por todos. Cirilo tinha doçura de gênio, uma amabilidade natural e sorridente. Juntos eles tinham superiores armas para a conquista do afeto geral. Eu os contemplava com ternura quando Filoctemo se aproximou pelas minhas costas e disse:

- É pena! Ele não veio..
- Quem não veio? perguntei estremecendo*
- O moço romano de que te falei.

Oh! Sim! Tentei rapidamente me controlar. Dei as costas à luz e disse:

- Aquele na companhia do acemete, quem é?

Chamava-se Méilton e viera a Sebastes para ficar. Com instruções pessoais de Alexandre, vinha propor algumas modificações no trabalho da igreja, o que surpreendeu a todos. Mas as alegações de Alexandre tinham fundamento: tratava-se de dinamizar o movimento cristão, através de processos condizentes com a época.

Para Filoctemo e depois para mim aquele verbo "propor" parecia extremamente suspeito. Até então, as assembleias de cada cidade eram independentes entre si. Ecclesia, convocar, era ainda tomada no sentido apostolar, designando a comunidade cristã, as assembleias de cada cidade, independentes entre si. A significação global, de corpo inteiro submetido a uma célula governativa central, só veio muito depois. A ordem gerai promanava de Jesus, pelo código do Evangelho atuante.

Bebendo ainda nas fontes primitivas, a igreja de Sebastes se achava entre a de Cesaréia, presidida por Eusébio e a de Alexandria, presidida por Alexandre, núcleos que se tornariam famosos no mundo antigo. Filoctemo conhecera a Eusébio, dantes discípulo de Panfilo, homem de extraordinária erudição.

Lebro-me de que, naquela noite, falou-me sobre isso enquanto as pessoas procuravam tomar contacto com ele tomadas de certa apreensão. E o que elas pensavam eu também pensava. O ensino de Jesus era invulnerável? Mas as questões que eu ouvia eram bem outras:

- Uma solução pode ser encontrada proibindo-se certas pregações!
- Adrasto alega os preceitos da tolerância e da fraternidade...
- Sim. Mas entre a tolerância e a fraternidade, onde fica a ordem?

De súbito descobri um desconhecido traço comum entre Prisco e mim: a intolerância. Eu era intolerante. Com honestidade via agora que não éramos diferentes, apenas exercíamos, cada qual a seu modo e em diferentes terrenos, as nossas medidas de repulsa.

Eu amava a igreja de Sebastes, mil vezes me dissera isso. Meus nervos estavam tensos. Não tinha dúvida de que havia alguma coisa no ar, uma ameaça distante mas perceptível.

— O espírito do Cristianismo pode atravessar as tragédias dos circos, as mais duras perseguições não puderam vencê-lo! — Disse Filoctemo.

— Sim, comentei pensativa, mas não são as ofensivas de fora para dentro que devemos temer. Essas já foram feitas, nós as conhecemos. Eles tentarão outra maneira quando arremeterem...

Filoctemo estremeceu:

- Eles quem, Galla, eles quem?

Havia terror na sua voz e eu quis afastar rapidamente aquele pensamento. Não respondi. Desci os três degraus que levavam ao pátio e saí correndo. Fui me assentar, ofegante, à sombra dos tamarineiros. Inesperadamente toda minha coragem se perdera. Filoctemo chamou-me alto no pátio, viu-me, veio assentar-se ao meu lado. Quis me desculpar mas não encontrei palavras.

— Estás nervosa e cansada! — Ele disse com bondade e ternura. — Alguma coisa perturba-te. O que?

Eu estava cheia de receios, e não me sentia à vontade. Tinha medo de falar, de dizer coisas

idiotas para não revelar o que sentia. Se ele insistisse um pouco eu provavelmente teria falado. E seria pior. Mas Filoctemo não insistiu. Simplesmente disse:

— Não penses que de quando em vez não me sinto como tu te sentes. .. A violência da reação de Arrius, o modo desabrido com que se pronunciou significam um sinal de perigo. Imagino se não se joga uma partida decisiva, se o trabalho dos séculos não se definirá nesta esquina!

— Filoctemo, lembras-te do que escreve Job, os Salmos, Isaías, sobre a pedra da esquina?

— Sim... E também os Atos e Pedro na primeira epístola.

— Filoctemo, — Repeti pensativa, — o significado da esquina... quem sabe o conheceremos agora...

Houve um silêncio longo entre nós. Tínhamos falado rapidamente e agora estávamos como que cansados por um grande esforço. Olhei para Filoctemo. Nossos segredos outra vez tinham-se feito maiores. Por que, por que acontecia assim? Ohi Como eu desejaria partilhar com ele também meus sentimentos, como eu desejaria simplesmente amá-lo! I I

Estávamos no escuro e eu me pus a chorar miseravelmente. Ele voltou a falar, mas eu não compreendi de pronto o que pretendia saber:

— Galla, não posso deixar de te perguntar. O que quiseste dizer na sala quando falaste deles?

— Eu não sei... eu não sei...

A voz dele se fez grave, o «eu rosto estaria severo se eu o pudesse ver:

— Procura pensar, foi ainda há pouco. Tu disseste: Eles tentarão outra maneira quando arremeterem. Eles quem?

Algo tamborilou em minha cabeça, experimentei um momento de bieve desespero:

— Pelo amor de Deus, — Pedi-lhe, — não voltes a este assunto. Não sei porque o disse... não sei ..

Houve outra pausa de silêncio entre nós. Um golpe de vento assoprou folhas secas ao longo do pátio e dobrou as chamas das tochas. Fez também os galhos dos tamarineiros oscilarem e, entre intervalos de luar e sombra, vi o rosto de Filoctemo. Os olhos dos falcões desejosos de furar as nuvens seriam como os dele. Voltava-se para mim e o movimento das ramas altas mostraram-lhe o meu rosto infeliz. Então aquela ânsia de perscrutar o futuro desconhecido se desfez e o suave hálito do amor surgiu-

— Pobre Galial — Disse baixinho. — Pobre Gaila... Eu te faço sofrer...

Tomei-lhe as mãos e apertei-as contra meu rosto molhado pelas lágrimas.

— Como me poderias perdoar, como?

— De nenhuma forma... irmãzinha... Quanto temos falado, e quão poucos dias se passaram desde que nos conhecemos! E quanto temos ainda a nos dizer...

Com suas mãos enxugou-me o rosto e me disse:

— Vamos voltar. Tenho mais dois elos para te mostrar.

TEÓFILO

Então, algo distraiu sua atenção. Por detrás do templo, junto ao qual se detivera, se encontrava o liceu. Na realidade não passava de uma velha granaria construída de pedras, oblonga, alta e pouco atraente, mas que uma ou algumas pessoas de gosto tinham cercado de canteiros florescidos e de três macieiras de copa verde, de onde partiam os chillrelos dos pardals.

Naquele exato Instante o Instrutor sai pela larga porta, rodeado pelos adolescentes que falam sem cessar. Teófilo tem vontade de segui-los A rua desce abruptamente e morre nos saibros da praia. Existe ali ruínas de um antigo porto e é nas pedras roídas pelas ondas que o grupo se Instalara.*

Não é difícil verificar que os adolescentes que constituem o grupo são filhos de camponeses e trabalhadores da estiva. Estão queimados pelo Sol e suas mãos são rudes-

O instrutor é jovem ainda, pequeno de estatura, de figura frágil, Insignificante, mas tem uma qualquer coisa que o faz parecer alto e que lhe dá Importância. Notou, certamente, que Teófilo os seguiu, mas não parece dar importância ao fato. Mas, depois que todos já estão acomodados volta-se para ele e, de longe, chama-o pelo nome.

Faz isso com tanta naturalidade, que Teófilo se assusta. Atende ao chamado e, em se aproximando, cumprimenta o instrutor:

- *Auguri..,*
- *Auguri! Podes te assentar conosco.*
- *Com vossa permissão*

No breve diálogo que se segue, Teófilo segue de surpresa em surpresa. O instrutor sabe de onde veio e para onde vai, conhece o nome de seus pais, enumera as coisas que o interessam. O jovem assusta-se e pergunta:

- *Como podeis saber tudo isso, senhçr?*
- *Falam-me os espíritos dos mortos. Mas não tenhas medo. Os espíritos dos mortos não são diferentes d3 nós mesmos. Tu és um espírito, eu o sou, todos estes jovens são espíritos. Apenas somos espíritos ainda vestidos de carne. Ao morreremos perdemos este envoltório, esta casa. Se- rà motivo para que nos tornemos aterrorizantes?*

Colocada a situação dessa forma, Teófilo concorda em que tudo se torna fácil. O homem prossegue explicando: os espíritos falam-lhe, outras vezes aparecem-lhe.

- *Hoje pela manhã, teu velho mestre Procópio avlsou-me que virias. Assim, eu te esperava. Quando saíste de trás da edícula de Diana, sabia que eras o rapaz de Procópio. Dependendo de tua vontade poderás permanecer conosco três dias, não é assim?*

Procópio estava morto havia dois anos e ninguém ali podia conhecer o número de dias que ele, Teófilo, dispunha.

- *Sim. — Respondeu simplesmente.*
- *Procópio esperava que o teu entendimento se dilatasse, antes de tratar contigo sobre um assunto que lhe parecia da maior importância. A- firma que o momento chegou. Está conosco aqui, fala-me... Sentes a sua presença?*

Teófilo experimenta a sensação de um toque suave, de uma branda mão em sua cabeça. Procópio procedia assim. Ele estremece, mas não experimenta receios. A saudade do generoso velhinho, que um breve instante aquecera-ihè a alma, transforma-se na alegria de sua presença, quase tangível.

- *Deveis, pois, instruir-me. Sobre que assunto?*
- *A doutrina de Jesus, Teófilo.*

Ante a juvenil assembléia, o instrutor comenta, entre perguntas e apontamentos dos aprendizes fortemente interessados, certos ângulos su- t/s e renovadores do sermão sobre a montanha. E quando um pequeno silêncio cai sobre o grupo meditativo, Teófilo olha as ondas que se sucedem, calma e seguramente, uma após outras, garantindo o movimento do mar. E compreende que todos aqueles anos sob a tutela de Procópio tinham preparado o seu coração infantil exatamente para aquele momento.

Pois tudo se faz tão claro quanto a luz do Sol que os iluminai

** * **

No interior da saia Filoctemo apontou-me o moço que, com respeitoso interesse, ouvia Adastro- Eu o conhecia.

- *É Teófilo, escriturário na casa do pretor.*
- *E o outro, o que atravessa a sala e se aproxima de Teófilo?*

SISÍNIO

Pois muito bem, estás abandonado a ti mesmo. Há caminhos ã direita e caminhos ã esquerda". Ele

deve escolher o seu. Quer, entretanto, um trajeto que o conduza ao topo, está cansado, asfixia-se ao res-do-chão. Percebe também que o menor movimento desavisado poderá precipitar a avalanche. E isso de escolher vai muito longe. Optando pelo caminho, ao longo dele vai ter de abrir portas, terá de escolhe-las: esta sim! esta, não! E abri-las.

Assenta-se num tronco caldo para poder pensar melhor. Agora, pela trilha, vem um camponês muito velho. Seus cabelos e barbas são compridos, suas sombrancelhas enrolam-se sobre os olhos. Veste um capote de couro de carneiro e usa calças de grosseiros tecidos, ajustadas às pernas por tiras de cânhamo-

Ele Inveja esse velho recurvo que já se encontra no fim da estrada, que já fizera suas escolhas, boas ou más, que importai Sislno raciocina que o pior momento ó o momento da decisão.

Bem ao passar por ele o velho hesita ao firmar seu cajado, escorrega e cai. O moço precipita-se a ampará-lo.

- Ê cansaço, o velho diz.
- Não seria bom assentardes um pouco?
- Não. Ajuda-me a chegar à casa...

Ampara-o com o braço e, vagarosamente, progridem pela trilha. A habitação do velho é um quadrado de pedra envolto na luz crepuscular. Entrando, nada se vê, a principio, nada. Antes de vislumbrar o catre onde vai depositar o velho, Sislno tropeça num banco e vai encontro à mesa. Existe no ar o cheiro acre de certas madeiras em combustão. No canto extremo do aposento encontra brasas ainda vivas, assopra-as e refaz as chamas. Encontra um toco de vela e acende-o. Ao lucilar das chamas o velho ganha um ar de Irrealidade e de beleza. Lembra a figura de um rei antigo. Sislno sente seu coração tocado.

As mãos do velho, grossas, gretadas, cobertas de rugas, estão caldas sobre as abas do casaco e ele seguramente dormiu, pois que tem um sobressalto quando Sisinio fala-lhe para saber se se sente melhor.

- Nem te ofereci um assento. — Diz o velho. — Perdoa-me a des- cortezia- Sua voz é sonora e agradável. Já não sente nada. Fatigara-se nd caminho. Basta, porém, que dormisse um pouco e se refaz.

Sislno vai-se embora, porém retorna nos dias subseqüentes a visitar o velho, ao qual se afeiçoa. Saem a passear em torno do sopé do monte e falam-se sobre experiências pessoais. O ancião viajara muito, estivera para além do Sinus Persicus, no país dos grandes ídolos de pedra chama- oos Budas, sua conversa é vivaz e rica, seus pontos de vista comandados por uma curiosa filosofia. Para o velho, antes de tudo, vem a necessidade da compreensão, da tolerância, da fraternidade entre os homens. O moço fala-lhe de sua solidão, de sua insegurança diante de uma vida que se inicia, das suas hesitações ante as escolhas.

- Essa forma de preocupação agrada-me em ti— Diz o velho. — Não é mau que sejas assim. Depois fala-lhe do caminho estreito e do caminho largo, das portas que existem nesses caminhos. Lembra o perigo das facilidades e o mérito da luta. A experiência do velho é valiosa. Sislno sente-lhe a inteligência, a argúcia. Leis naturais sobre as quais nunca dantes ouvira falar deflagram- lhe no entendimento com o fulgor dos raios: a lei das vidas sucessivas, da ação e reação, da causa e efeito, do menor que se torna maior. Sobre o motivo de suas preocupações fundamentais, o ancião lega-lhe pequeninas frases Inesquecíveis:

- Quem serve prossegue... Seguir é renovar-se todos os dias... Tuas ações preparam-te o caminho... Mais vale auxiliar hoje, que ser auxiliado amanhã... O arrependimento ó útil; arrepender-se a toda hora, é sinal de teimosia e viciação... Devagar, mas sempre...

O reconhecimento de Sislno procura extravasar-se em frases de gratidão. O outro escusa-se.

- A sabedoria ó assim, vem de uns para os outros. Tu deverós transmiti-la também•
- E de quem vos veio?

— *De homens que aprenderam de outros homens. E estes aprenderam de Jesus. Gostarias que te fale dele?*

* . *

— £ Sisínio, também funcionário junto a Mamerco. Ele e Teófilo freqüentam a igreja já faz algum tempo*

— Pois fazem parte dos elos. É estranho... não posso explicar o que se passa! £ assim como se o retrato que tenho na memória de súbito se adaptasse, se identificasse, inteiramente, ao rosto que tenho pela frente. E o mais curioso é que, em todas essas vezes, não me fica a mais leve sombra de dúvida!

Confessei-lhe que não podia compreender aquela eleição, mas silencieei a respeito da inquietação que me trazia.

— Não se trata de eleição. Ele disse. — Todos nos equivalemos. £, talvez, uma questão de grupo... não sei... £ tão difícil saber...

Em seguida falou-me de um velho projeto que acariciava: o de reunir a mocidade cristã num movimento coordenado com a vida da igreja, e que fosse capaz de preparar a juventude especificamente para o trabalho da evangelização. Lembrei-me de que uma vez Cirilo me falara sobre isso e aconselhei-o a tocar no assunto com ele.

Não podíamos imaginar, naquele instante, que bem cedo, o piano seria posto em realização, quase que independentemente dele ou de meu irmão.

Mas, naquele instante nossa atenção se distraía entre os que partiam e que nos diziam os seus cumprimentos de paz. Filoctemo esqueceu-se e eu também me esqueci. E nos dias que se seguiram não voltei a pensar naquilo.

Prisco já não vinha pela manhã, porém à tarde, pois que qualquer coisa se alterara no comando da Legião. Mas o nosso prazer não se modificara. Assentávamos sobre o granito mergulhado no ar adormecido da tarde e tranqüilamente esperávamos que vovô ou Cirilo fizessem soar a trompa. Não nos tocávamos. Só nos olharmos bastava e não me ocorria que pudesse haver alguma coisa a mais que isso.

Eu olhava para as mãos dele, morenas, fortes, que prendiam as coisas com firmeza, que me pareciam honestas e que eu amava. Ele notou o **55** meu olhar, desenlaçou-as, pois prendiam-lhe o joelho desnudo e ergueu uma delas no ar. Fez um movimento:

— Vê, assim empunha a adaga...

— Não, — Corrigi. — vê antes a precisão dos movimentos, a harmonia. .. Julgas que tudo isso sirva apenas como o instrumento para a violência?

Ele não respondeu, ficou a olhar seus próprios dedos a esboçar sucessivos movimentos. Eu prossegui:

— Assim os ouvidos, os olhos, o dom da fala...

— Fora preciso que o homem compreendesse...

— A incompreensão é sombra, urge que se arranque o homem dela.

— Pomo?

— Dando-lhe a luz!

Ele percebeu onde eu queria chegar. Virou-se rapidamente para mim e perguntou-me se não desejaria partir com ele, se eu não seria capaz de tomar uma decisão e casar-me com ele.

Estávamos muito perto, eu via uma veia em sua testa que pulsava agitadamente. Eu não esperava que aquilo acontecesse, nunca pensara em tal coisa, naquela possibilidade. Mas, para minha própria surpresa não me descontrolei. Também não respondi de pronto e o meu silêncio pesou sobre nós. Ele se enrijeceu.

— Abençoeem-te os deuses pela resposta... — disse com amargura.

Então senti-me envergonhada e trêmula:

— Não... por favor... — Gaguejei sem encontrar as palavras exatas para me explicar.

— Sabes que terias deveres exatamente iguais aos meus, não sabes? — Fez com rispidez. Levantou-se. Depois disse com abrandamento: Tudo é perfeito entre nós; uma única diferença compromete e arruina o conjunto inteiro. Mas temos de nos compreender mutuamente.

Eu tentava arrepanhar mentalmente os meus pensamentos percebendo, melancolicamente a inutilidade de contemporizar. Ele ficou a olhar as águas barrentas que rolavam no rio até que se apercebeu de minha melancolia.

— Estou sendo estúpido e cruel. Não é essa a idéia que te quero dar de mim.

Subitamente apercebi-me dos pensamentos e sentimentos que ele lutava por conter. Como, entretanto, eu não poderia exacerbar o seu rancor, como eu poderia abrandar a sua repulsa? E o seu orgulho, que era também o orgulho de sua gente, como superá-lo sem que ele se sentisse, aos meus olhos, como um pagão apenas.

A palavra parou-me no espírito como um pedaço de pão envenenado e eu me apercebi do seu sentido estúpido e cruel, tão estúpido e cruel quanto o fora aquele outro, já esquecido, e que, em uso, nos discriminaria também: gentio.

Tentei explicar-me com ele, falar-lhe honestamente, porém sentia-me confusa e perplexa, a velha inibição tomava conta de mim. Não sabia riem ao menos como começar, não tinha as palavras exatas para exprimir o que pensava. E, ao mesmo tempo, como que para aumentar a minha confusão, minha imaginação pos-se a trabalhar avidamente.

Via-me na casa das estátuas brancas, ouvindo o marulhar das ondas do mar, ouvindo o sussurro do vento no jardim das rosas, sentindo o perfume das uvas sazoadas e dos limoeiros floridos. Estava de mãos dadas com ele e passeávamos na colunata. Depois corriamos de pés descalços, na areia da praia, borrifados pelas ondas espumosas. Mordiscávamos a casca perfumada das laranjas e, de tarde, eu punha um jasmim em meus cabelos. Via, ao lado dele, a fosforescência das ondas, na hora em que o Sol nascesse.

Sobre tudo aquilo Prisco me falara, e como parecia tão perto pela imaginação! Mas não estávamos na casa do promontório Taenarum, estávamos na estepe da Capadócia... Fui voltando devagarinho do meu sonho. A pétrea mudez dele se desfazia:

— Quem sabe, — Dizia, — quem sabe serias capaz de calar tua convicção e ignorar a minha?... Tu me acompanharias, digamos, formalmente. Então eu te prometeria não interferir no que pensasses...

Eu percebia seus pensamentos desesperados, a fenda dolorosa que se abria em seu orgulho e o olhava dolorosamente, querendo dizer a mim mesma que ainda não era verdade, que eu imaginava apenas. Quem sabe era possível conciliar... Mas, que preço eu estaria disposta a pagar pela minha felicidade? Então minhas idéias se aclararam. Sim, seria possível conciliar... se eu não fosse quem era.

Antes que uma questão de foro íntimo, para Prisco aquela era uma questão de postulação social, de clã. Para mim, entretanto, aquela era uma questão de vida ou de morte!

Eu me levantara afogueada e trêmula e quando ele leu em meus olhos, não sei porque, julguei ver nos dele uma aprovação.

— Não, eu não poderia! Pergunto-me qual seria a maior oportunidade e percebo que é a mais grave. Se negasse a Jesus, — Disse com simplicidade e convicção, — também te negaria a ti. A fragrância, do amor que te dedico vem da flor que Ele depositou entre minhas mãos ainda não de todo fortes para segurá-la. Se deixá-la cair...

Prisco compreendia, ele ia aceitar minha amorosa obstinação. Eu prossegui:

— Não poderia dar-te os meus sentimentos contaminados no erro. Amarte-ei apenas na bondade e na beleza que, postas onde os dois, pudermos tocar, partilhar os dois.

Ouvi que suspirou. Naquele instante de expectativa vi que não me enganara: havia aprovação em seu olhar. Estávamos, porém, ambos demasiado tristes para que pudéssemos dizer mais alguma coisa. Com aquela negativa o quadro de nossas vidas se completava e este era o único consolo que nos restava. Éramos muito jovens mas tínhamos sabido retirar de qualquer ponto misterioso e profundo de nós mesmos, a força suficiente para nos provar que, em nosso amor, não havia lugar para a escória inútil.

E a partir dali estava decidida a não mais fazer planos para o futuro. O mesmo, entretanto, não sucedia a Prisco como, bem cedo, eu teria a prova.

Um dia se passou e também o seguinte. Eu me consolava pensando que, em outros lances de vida, nos encontraríamos para não dizer adeus*

Estava naquele mesmo ponto das ruínas quando as liteiras chegaram, com cortinas de seda e almofadas bordadas a ouro. Grupos de escravos fortes e bem alimentados sustinham-nas e à frente da primeira delas vinha o *anteambulo*, homem maciço, armado de um forte cajado. Corona se pôs a ladrar e eu me esforçava por contê-la quando a comitiva se deteve e os *lecticarii* descansaram as liteiras. De uma para outra houve então uma pequena manobra que o *anteambulo* realizava com pequenas corridas solícitas. Depois o homem pôs-se a fazer sinais para que eu me aproximasse.

Ordenei a Corona que se calasse e, com ela nos meus calcanhares, subi a pequena lombada e me aproximei. A uma ordem sussurrada; a liteira que estava mais recuada se aproximou de mim e eu me vi entre as duas, embora sem perceber ainda com quem ia tratar, pois que as cortinas de seda se conservavam descidas. Percebia que, no silêncio que se fez, observavam-me. Podia sentir o exame, era quase como se me tateassem.

Um curto espaço transcorreu e uns dedos brancos, de compridas unhas pintadas, carregados de anéis, fizeram correr as cortinas perfumadas. Vi então, sobre as almofadas bordadas, uma dama já avançada em anos, mas ainda bela, de tez muito clara e cabelos dourados. O nariz, a linha da boca, denunciavam a mulher romana. Sua expressão era de agastamento e ironia.

Não precisou muito para que a reconhecesse com extrema surpresa. Era Albina Sexta, a esposa do legado. Vira-a outras vezes, na estrada, quando se dirigia com seu séquito para a propriedade campestre que possuía num belo trecho do vale do rio.

Num surdo murmúrio a dama falou à outra pessoa na liteira vizinha. Eu estava longe demais para entender seus cochichos, porém a outra estava suficientemente perto para ouvir e responder. Entretanto eu percebia que era em latim que falavam. Trocaram várias frases até que, a certa altura, da liteira fechada veio uma exclamação alta, um protesto:

— Certamente que não! — Disse uma nova voz e a cortina foi aberta com um súbito repelão.

Aquela que se mostrou, eu já a vira e dela já ouvira falar. Era Otávia, hóspede ilustre de Sebastes, residindo em casa do legado. Gemma louvara sua beleza.

Em certo trecho da jornada, quando a família de Filicctemo mudava-se para Sebastes, o séquito de Otávia juntara-se-lhe no caminho. Gemma vira-a naquela situação e eu me lembrava agora de que também mencionara aquele hercúleo *anteambulo*, escravo de confiança que comandava o séquito.

Eu fazia, certamente, uma triste figura à frente delas, com minhas vestes rústicas e o comprido cajado de pastora firmemente apertado nas mãos, mas, por compensação, elas me pareciam terrificamente esplendentes. Eram como um quadro da Bíblia quando Jesebel, Dalila ou Betsaba surgem. Elas iam brincar de rato e gato comigo, e eu pensava: era contra mulheres como aquelas que os profetas antigos gritavam sua indignação. O modo como a mais velha iniciou o interrogatório que se seguiu não se coadunava com o que viria depois:

— Onde foi arranjar esses cabelos loiros? — Perguntou-me ela.

— Herdei-os de meus avós macedôneos. — Respondi com simplicidade.

O que disseram em seguida veio sem reticências nem rebuscos. Otávia estava visivelmente escandalizada. Para ela eu conhecia aquelas plantas espinhosas e estranhas da estepe e com elas

fizera filtros que dera a beber a *e/le*. Não me foi difícil perceber que se tratava de Prisco. Albina Sexta procurava rebater os argumentos examinando-me, medindo-me e pesando-me com os olhos, atribuindo-me cruamente o "capricho da situação". Era um espírito mais arejado, mais objetivo e esperto, ao contrário de Otávia que me parecia dotada de sentimentos pesados, supersticiosos, capazes de uma crueldade animalizada e terrível.

Não se tinham dado o trabalho de me perguntar se eu conhecia Prisco. O espião que as informara merecia-lhes inteiro crédito. A questão que Albina Sexta propôs em seguida, teve o condão de informar-me da situação:

— Dize-me, estarias mesmo disposta a te casares com ele? O tom de intensa curiosidade que puzera nessa pergunta se modificou em nuances de fingida cospelheira: Filha, tiraste um instante para considerar as diferenças que os separam? Porque não deves, nem por sonhos, imaginar que tudo se arranje facilmente. Uma simples licença do legado não seria suficiente, é preciso ir ao procurador-geral e, dependendo da situação, ao próprio Governador da Siria. Já pensaste no que vai custar essa licença, minha cara? Pelos deuses, em que enrascada está se metendo esta pastora...

Experimentei um desejo idiota de rir e de chorar ao mesmo tempo. A cena era, dolorosa e ridícula e eu não sabia como tais mulheres não se apercebiam disso. Por um momento desejei nunca ter conhecido Prisco, ter continuado como era antes até o fim de minha vida.

Otávia deixou escapar uma série de risadinhas nervosas e curtas. Comparou-me à água parada e à brasa dormida e tornou a rir-se.

— Foi sorte tua que soubéssemos da coisa. Viemos aqui para salvar-te, cara! Disse a dama. Está claro que não te enrascarias sozinha, ele estaria metido na tolice e isso seria imperdoável!

Albina Sexta olhava as ruínas e foi por isso que deixou escapar a frase que incendiou a outra:

— Vê só! Ai se encontram.

Seu irônico sorriso, entretanto, rapidamente se desfez. A sugestão, a visão do local, com suas arcadas e corredores, fizera Otávia erguer-se tomada como que das sete fúrias. Pálida, de olhos chamejantes, fechava os punhos diante de meu rosto, chamando-me de vagabunda e velhaca. Gritou que eu queria destruir e avançou um passo para rme. Coronna interceptou-a. A cena agora ganhara os tons de um pesadelo. Otávia chorava e ululava, agitava-se em convulsões despedaçando as roupas. A mulher do legado também gritava em desespero e exasperação exigindo a cooperação do *anteambulò* afobado e cjaronto. Já então Otávia se desnudara de todo, fato que não parecia r.borrecer nem incomodar a Albina Sexta. De não sei de onde surgiu um pequeno pote de unguento balsâmico que foi levado às narinas da moça presa de ataque.

Entre todos aqueles gritos, gemidos e imprecações, Coronna latia furiosamente interpondo-se entre mim e os escravos agressivos que não se animavam a me tocar. Eu tinha a impressão de um sonho mau e desejava acordar, poder dizer que era tudo mentira, que uma coisa semelhante não poderia, jamais, me suceder!

Sei que o alarido morreu e que a mulher cerrou as cortinas, ordenando o retorno. Entretanto, antes de partir dirigiu-se a mim pela última vez e agora não escondia as ameaças:

— Não acredites se falar em casamento... não acredites. Ele não envergonharia os amigos a este ponto, não se atreveria. De qualquer forma vê bem se desejas a desgraça de tua família. Nem penses em nos desafiar, nem penses...

Atirou-me um duro olhar e desceu o cortinado cor-de-esmeralda. Todas aquelas palavras começaram a ecoar dentro de minha cabeça. Desci para o meio das pedras, fechei os olhos e apertei com força as mãos contra os ouvidos. "Herdei-os de meus avós macedôneos..." só isso eu pudera dizer. Mas aquelas mulheres estariam dizendo a verdade, era uma pura loucura o que se passava. Em que se estava transformando minha vida? Em que?

Deixei a cabeça pender sobre o peito e pus-me a chorar perdidamente. Em torno de mim Coronna latia, tocava-me com a pata, também ela cheia de desinquietação e c fato de partilhar meu

sentimento com o animal generoso e amigo, — pois que a ninguém mais eu ousaria contar, — serviu apenas para aumentar o meu desespero.

¹ Aquele era o meu primeiro contacto com o mundo de Prisco e eu saíra arrasada, ferida para sempre. Mas eu não o desejava e nem poderia participar dele. Se fosse um pergaminho entre minhas mãos, eu o rasgaria!

Minha dor era também vê-lo para sempre preso ali. Todas as vidas que vivêramos não tinham bastado para libertá-lo e por isso nossas necessidades eram tão diferentes.

Minhas emoções eram confusas e minhas lágrimas abundantes. Dantes eu me dizia: Eu poderei esperar por ele! Mas agora não mais podia repetir assim. Eu me exaurira, já não podia esperar.

Levantei a cabeça e olhei a vasta estepe vazia, triste, avermelhada pelo primeiro clarão do crepúsculo. De longe veio o toque da trompa e Coronna pos-se, por si mesma, a reunir os animais.

Enquanto voltávamos, em sua vigilância, não se esquecia de mim. Punha-se ao meu lado com a língua rosada à mostra e olhava-me com seus líquidos olhos, com aquele arnor que só os cães sabem ter. Essa ternura encorajou-me. Pus-me a orar enquanto caminhava. Sim, tudo acabaria bem, nfto obstante as provas que estivessem de permeio. Olhei para o céu e pedi:

— Por favor, sô conosco

CAPITULO — IX

Quando o Outono se aproxima, nuvens leves como farrapos de seda costumam perpassar à noite sobre a estepe. São baixas, um sopro húmido esgarçado pela brisa, vaporosos fantasmas que eu gostava de ver passar. ..

Eu não pudera dormir. Descerrara silenciosamente a janela e pensava! Vinha tentando esquecer sem o conseguir. Eu queria dormir mas não conseguia: virava de um para o outro lado e os mil pequeninos ruídos da noite na estepe alimentavam-me a insônia.

Eu pensava: Como foi que se deu, como foi? Procurava imaginar como se passara, o que Prisco dissera e a quem. "Pedi a ela que se casasse comigo!", apenas isso, rapidamente.

Eu queria esquecer, desejara nunca mais tornar a ver aquelas mulheres. Mas, como por fatalidade, voltara a ver Otávia. Quantos dias depois daquele primeiro encontro? Eu não sabia. Descêramos à ecclesia e, em Sebastes, ocorria a celebração da Adonia, festa da qual as mulheres da mais alta sociedade participavam. Honravam-se Venus e Adónis. Em pontos diversos da cidade, imagens de jovens mortos tinham sido colocados. Enlutadas, chorando e cantando nêrias, gritando lamentos fúnebres, as mulheres transportavam-nos e zelavam por eles.

A procissão cortara o nosso caminho com velas, tochas acesas, grupos de músicos executando composições fúnebres. Apertamo-nos contra um beco e, tocada por um forte instinto, velei-me na manta. Por nós passavam agora pessoas que levavam vasos de terra com trigo apenas germinado, ervas recém brotadas, flores em botão e frutos verdes, simbolizando a morte de Adónis em tenra idade. Todas essas oferendas iam ser atiradas à correnteza do rio. Eram aqueles dias considerados lutuosos, nos quais não se trabalhava hem se entabulavam negócios. No segundo dia, Adónis ressurgiria de entre os mortos e isso se celebraria com danças e festejos.

Entre as mulheres enlutadas eu vira o rosto que já não podia esquecer. Sem ser notada, pude vê-lo bem. Embora a máscara de loucura, embora suas faces congestionadas e os olhos de possessa, ela era bela. Sua face, o colo descoberto, os braços nús, eram de uma brancura e uma suavidade de neve. Suas manifestações eram ardorosas, ela gritava e gemia, quase como daquela outra vez, a sua cabeleira desgrenhada, que eu via, tinha um tom quente de cobre, dava-lhe um selvagem aspecto que me fascinava. Ela chorava de fato, ao invés das outras que apenas representavam. As lágrimas pingavam-lhe sobre o busto que, sob a gaze negra e leve, eu podia adivinhar.

A procissão passou, ainda esperamos um breve instante e, em seguida, tocamos caminhada.

Nisto tudo eu pensava vendo os fugazes vapores contra a noite. Cra aquele também o tempo em que os ibis do Nilo voavam através do Mar Internum e vinham aparecer nas pequenas enseadas do Halys. Os capadócios olhavam-nos com respeitoso temor porém nós o víamos apenas com curiosidade. Lembro-me de que papai explicava a presença deles, naquela parte do ano, pela frutificação de uma das espécies do junco, com as sementes do qual insetos e lagartas se alimentavam fartamente. Então se multiplicavam, aos milhares. Os pequenos animais constituíam por sua vez um alimento de especial predileção para os ibis. Assim, vinham todos os anos.

Era exatamente aquele o tempo e porque João se fazia mais e mais forte, tínhamos combinado excursões a alguns pontos, rio acima, onde era certo vê-los. Eu procurava aderir, queria participar de tudo, tentando me aliviar. Mudara de pastagem e não tornara a ver Prisco.

Tinha longos silêncios que se atribuíam à fadiga e ninguém suspeitava, mesmo porque não era de noso feitio suspeitar. Eu olhava para os outros e tinha inveja, desejava ser como eles. Davam-me a impressão de que, facilmente, toleravam suas próprias emoções.

Era-me difícil esquecer. A recordação da absurda cena que vivera dava-me momentâneos desfalecimentos. Eu me surpreendera de repente em meio a uma fantasmagoria, a um jogo estúpido para o qual não estava preparada e do qual não queria participar. Queria acordar, ser como todas as pessoas, no que tinham e no que lhes faltava. Por isso se aguçara em mim aquele prazer em observar os outros, em desfrutar, como um caçador furtivo, sua despreocupação.

Companheiros de João vinham visitá-lo, e era para mim um prazer ouvi-los falar. Cirilo e Filoctemo se lhes juntavam e, então, o tempo passava mais depressa. Eram cristãos também e eu costumava vê-los na ec-lesia. Posso me lembrar de que Cúrio e Melécio foram os primeiros a vir, e de como inflamaram a imaginação de Filoctemo que os identificou na "corrente".

CÚRIO

— *Morto? Perguntou a mulher de olhos estatalados, embora a imobilidade do corpo e a brancura caliginosa do rosto tornassem sem necessidade qualquer verificação.*

— *Ê o que digo! — A nutra respondeu.*

Puxou o cadáver com a vara provida de gancho que usava para recolher a roupa levada pela correnteza do rio.

Foi depois disso que '.../e a empurrara rosnando e defendendo o companheiro morto, como um cão selvagem. A lavadeira está disposta a atingi-lo com a vara, a espancá-lo, porém a outra a detém:

— *Lamba-te Vulcano! Que te arrebetes...*

Entre resmungos, xingos e pragas dão-lhe as costas e deixam-no a sós com o morto.

Estão sob a ponte, onde dormem com outros cães perdidos da rua- Ele olha o corpo extremamente magro do amigo e pensa que não teria morrido se pudesse comer todos os dias. Não o vira morrer. De manhã tropeçara nele, nncolhidinho, com o rosto de cera dos mortos. Agora precisa enterrá-lo, pois é assim que se faz, porém não sabe como. Ê então que a mulher aparece. Certamente vira-os, a ele e ao morto, pois que desce o declive com uma manta e um bipalium, uma pá. Sorri para ele com tristeza e põe-lhe a mão nos ombros, à alta, Eutiquio chega-lhe apenas á altura da cintura, gorda, pesada, dificulosamente descera o declive até onde estavam.

— *Precisamos dar sepultura ao teu amigo. — Diz-lhe. — Eu te ajudarei, queres?*

Sim, ele quer. Levam o corpo na manta e ele segura-o pelo lado dos pés. Cruzam o caminho e, no vergel, ela se põe a cavar. De quando em vez ele a ajuda, embora o seu trabalho renda muito pouco.

Quando a cova está pronta, com um gesto respeitoso a mulher deposita o menino morto lá dentro, devolvem a terra e cobrem a cova com pedras avulsas. Então encostam-se no barranco para descansar. A manhã ainda não avançou de todo, o ar está fresco, a brisa sopra do rio e traz ainda o cheiro noturno das plantas odoríferas.

— *Já comeste hoje? — Ela pergunta. E como ele balança a cabeça, numa negativa, convida-o: —*

Vem comigo

A mulher tem um sarracum puxado por um boi a sua espera e, por certo, volta do mercado. Cúrio percebe que, para envolver o menino morto, ela usara a manta com que se abrigava do frio da manhã. Que mulher é esta, afinal? Afastam-se da cidade, mais e mais. A casa onde vão descer é pequena, limpa, confortável, cercada de hortas e plantações. Cúrio olha com prazer o chão lavado. E quando o hortelão chega, a mulher fala-lhe, explica-se, argumenta. Seu falar tem acenos em direção do galpão para onde se abrem duas portas estreitas. Depois disso os dois vêm' falar com ele. O homem é rústico, porém bondoso. Ele diz:

— *Viste o que sucedeu ao teu amigo... O mesmo se dará contigo se não te cuidares- Queres viver aqui? Terás o que temos. Em troca nos ajudarás nos canteiros. Aceitas?*

A claridade que desce do céu lhe parece suave e propícia. Cúrio não quer voltar para debaixo da ponte. Aceita.

Dão-lhe um pequeno quarto limpo, cujo leito é macio e que ele estranhará por muito tempo. A mulher tem idéias esquisitas. Dospo-o, esfrega-o dentro de uma tina, tão violentamente que suas orelhas ardem e seus olhos facrimejam.

Neste dia Cúrio tem quatro abundantes refeições que o saciam de uma velha fome. Com o casal, luta corajosamente contra a erva-daninha, aprende a estaquear plantas, levantar trepadeiras. À tarde está exausto e, finalmente, assenta-se ao pé da cama- Tem muito sono, cabeceia, porém chamam-no à porta.

— *Vem cá, ó garoto. Precisas nos acompanhar. Já foi dito que nem só de pão vive o homem. Se cuidamos do teu corpo, devemos cuidar do espírito também. Vem conosco! E presta atenção no que vais ouvir pois que terás de m*o repetir na volta. Compreendeste?*

Sim, ele compreende e tanto compreende que repete para a mulher surpreendida a passagem toda da noite, a história de um homem assaltado por ladrões e que um bom samaritano recolhe e assiste. Ela bate palmas satisfeita e pergunta-lhe se tinha gostado.

Sim, gostara tanto de ouvir quanto de repetir a mágica história em que um ser humano, pelo menos, é bom. De fato o episódio que Jesus contara relacionava-se estreitamente com o episódio que ele mesmo vivera na manhã- Cúrio diz ingenuamente:

— *Jesus é como vós. Eu gosto de Jesus!*

— *Vamos para casa, vamos para casa... — Diz a mulher. E esfrega embaraçada a ponta do nariz.*

MELÉCIO

Firmemente disposto a não dormir, senta-se à beira da cama. Entrega-se à tarefa de ordenar seus pensamentos e, para isso, não dispõe de toda a noite. Seu pai desperta quando ainda as luzes não nasceram. Tem de pensar e agir.

O velho dorme e ressona alto. Melécio levanta-se e vai até a porta do outro quarto. O punho cerrado, aquele punho pesado e rígido que, no pai, era o símbolo de sua iracunda autoridade, está largado sobre a manta- £ como um animal que, quando menos se espera, salta e fere.

Com grande atenção fica a olhá-lo, vendo-o de diversos ângulos da lembrança, porém sempre encontrando a dor e o golpe. Mas seus sentimentos asserenam como o sono fez asserenar o rosto rodeado de forte barba do homem adormecido. O pai já não se parecia consigo, ele quase poderia dizer que a boca semi oculta na selva de cabelos fazia um esforço para sorrir. Em verdade, considerou que a sua impossibilidade de odiar aquele homem advinha da lembrança da mãe morta, constante, entre eles dois.

No canto do quarto estava a canastra que, naquela tarde, surpreendera aberta. Era um fato est arrecedor aquela canastra estar aberta. Há quinze anos que vê sua porta aferrolhada e guardada cuidadosamente. E no decorrer de todo aquele tempo, sua atenção se mantivera poderosa- mente atraída e alimentada pelo segredo que fizera arder sua curiosidade de menino. Estavam ali os

guardados de sua mãe, uma herança que tinha sido lerozmente posta fora do seu alcance e que o velho, entretanto, por um motivo difícil de compreender, não quizera queimar, destruir

Melécio quer ver aquilo, pelo menos tocar as coisas que foram de sua mãe. Sentia-se com direitos sobre os pertences da suave mulher de quem se lembrava sempre encolhida, como se a espera de que alguém lhe tosse fazer algum mal, que o olhava com seus fixos olhos azuis, sorria-lhe e o envolvia nos seus mornos braços, sempre, sempre a dizer-lhe:

— *Agora silêncio... Eu te peço...*

Num dia terrível, junto da janela, ela lhe anunciara que ia morrer.

— *Ês muito pequeno para compreenderes... — Dissera-lhe. — Quando ficares maior, procura entre os meus guardados, na canastra, e encontrarás tudo quanto eu desejo dizer-te e não posso, pois não está à altura de tua cabecinha...*

Aproximara-se da candeia para apagá-la e seu rosto estava branco e sumido. Deixara-se cair sobre a enxerga e ali vira a morte chegar.

Melécio avança pelo quarto com obstinação, abre a canastra com firmeza, inteiramente disposto a se apossar do que estava lá dentro. E a- penas um rolo de papiros amassados, em torno dos quais seus dedos se apertam silenciosos e decididos.

Em seu quarto acende a lâmpada que a mãe apagara para morrer. Põe-se, ansiosamente a ler. As luzes do dia retornam, Melécio ainda está desperto. Em folhas dispersas, a narrativa da vida de Jesus, chamado o Cristo, segundo o relato de Mateus, cobrem-lhe o leito.

Lá fora, os empregados da casa saúdam-se mutuamente com seus repetidos cumprimentos. Lágrimas lavam o rosto de Melécio.

— *Mamãe era, pois, cristã... e eu mesmo já o sou. — Ele pensa.*

E os empregados, seu próprio pai, parecem-lhe curiosamente mais próximos... Na verdade nada se modificara... ele se aproximara...

João, por detrás de sua fragilidade era senhor de uma oculta pujança. Era judeu e possuía o ardor religioso de sua raça. Dentro do Cristianismo aproximara-se dos enfermos e atribulados, o que o fizera amado e respeitado. Vendo-o no círculo de seus amigos eu verificava a rapidez, a habilidade com que se aproveitava das oportunidades. Eu percebia que quase todas as pessoas lhe eram gratas. Isso significava até que ponto se tomava útil.

Aqueles encontros se faziam animados e proveitosos, vinham ao encontro dos desejos de Filoctemo, embora este, inconsciente ainda, disso não se apercebesse. Eu ficava a ouvi-los, esquecida dos meus amargos pensamentos e porque mamãe se dedicasse a cardar a lã, no decorrer daqueles serões, punha-me a ajudá-la, torcendo os fios, infindáveis, com os dedos treinados. Quando Gemma acompanhava o irmão, punha-se a trabalhar conosco, embora não tão concentrada .n trabalho, ou na conversa que se desenvolvia. Neste ou naquele instante os olhos dela e os de Cirilo se buscavam. Sorriam-se e um tênue rubor borbulhava por debaixo de sua pele. Por um breve instante eu tentava estabelecer um paralelo entre os sentimentos deles e os de Prisco e os meus. Entretanto um sofrimento intenso me afogava e eu tentava de novo esquecer, concentran- do-me no que diziam.

Já então, as cartas de Paulo e Pedro estavam sempre abertas sobre nossa mesa. E as preocupações se dividiam entre o estudo acurado daqueles documentos e a onda crescente e já impossível de ser ignorada, que parecia correr em nossa direção.

Foi numa dessas primeiras noites que ouvi a respeito de Méilton. Méilton viera, realmente, com uma missão específica, isto é, exercer o dia- * onato na igreja de Sebastes. Essa função não importara até então, já que o conselho dos anciãos decida as dificuldades materiais existentes. O termo significava o servidor, o homem do serviço, seria aquele que, ao lado do bispo, o encarregado espiritual, se encarregaria dos bens da comunidade. Sabia-se que, por carta, Alexandre apelara junto a Adastro no sentido do fortalecimento das igrejas pela união. Era preciso, entretanto, para

essa união, que um procedimento idêntico e característico fosse adotado universalmente.

Tratava-se de um apelo singelo e aparentemente lógico. Adastro entretanto, declinava ao tratamento de *episcopi* como os outros, antes dele, tinham feito. Aquela denominação, a ele como a nós, parecia extrema-mente difusa. Os encarregados de inspecionar os templos pagãos eram assim chamados, os judeus dela se serviam para designar os chefes das sinagogas. Adastro recusava o tratamento de *episcopi*, entretanto, enviado pelo respeitável patriarca de Alexandria, Mélon era bem vindo. Na igreja cristã sempre havia lugar para os servidores sinceros. Se o moço viesse com o propósito de servir, de trabalhar pela alegria de todos, que Deus o abençoasse.

Por sua vez Filoctemo confiava em Adastro e dizia:

— Que Deus nos abençoe a todos!

Mas eu julgava perceber desgosto e dúvida naquela frase resignada.

Abaixava a cabeça e fugia ao seu olhar.

E assim foram os dias daquele Verão. Eu me familiarizava com meu problema, examinava-o detidamente, tomava consciência, media minhas responsabilidades e sabia onde havia esperanças para mim. Eu já não desejava que nada se modificasse; arrebatadamente me agarrava àquele nó. Sabia que, se não o desfizesse, iria encontrá-lo um pouco mais adiante.

De noite, fitando meus amigos reunidos em derredor da lâmpada de óleo, eu julgava ver em torno de muitos deles, como que uma auréola, a felicidade da libertação.

Sentia-me mais velha; o tempo das facilidades já se fora. Todavia percebia-me falha da experiência necessária ao jogo em que me envolvera. Essa experiência deveria ser arrancada de minhas reservas profundas, se as tivesse, ou então deveria esperá-la vinda do exterior. De uma ou de outra forma, teria de manter-me vigilante para que o recurso me viesse e por isso orava incessantemente. Sabia também que o meu ponto frágil residia em rrtinhas impaciências, minhas emoções ora brandas e lentas, ora intempestivas e apaixonadas.

Fiiotemo esperava com ansiedade o dia da excursão em busca dos ibis e, finalmente, esse dia chegou.

Uma tarde vovô viu-os voando bem alto e depois, em círculos, descendi na direção dos alagadiços, rio acima, um pouco além de nossa casa. Correu para Cirilo e mostrou-os; naquela mesma noite, ficou assentado que iríamos na manhã seguinte.

Era noite ainda quando ouvimos o tropel dos cavalos que chegavam. Saímos para fora. Nossa casa dava as cestas para o nascente e se abrigava dos ventos numa pequena depressão do terreno, a meio caminho do rio. Os cavaleiros surgiam do fundo da noite ainda estrelada, e se recortavam sobre a colina escura. Se Gemma pudesse vir, eu os acompanharia. Vi que eram quatro os cavalos. Além dela, quem mais acompanhava Fiiotemo? A tranquilidade de Cirilo fazia-me sentir que os visitantes eram esperados e que as minhas ausências tinham-me furtado de ouvir falar a respeito.

Não tive tempo para pensar, para me surpreender ou para recuar quando Prisco desceu do cavalo à nossa porta. A sua chegada foi uma decepção para mim, justamente quando eu me esforçava por aceitar sua ausência com a pequena dose de coragem de que dispunha, e que bem longe estava de bastar às minhas emoções de então. As efusões de Co-tonna, sempre suspeitosa, gelaram-me o coração. Entretanto o fato passava despercebido pela presença de Fiiotemo e Gemma e ainda porque um quarto personagem polarizava as atenções.

NICALO

Na esquina em que as duas principais ruas se encontram, detem-se Nicalo.

Numa direção irá ter à festa, ao banquete onde a sociedade patricia de que faz parte, seus companheiros de juventude, vão se reunir. Têm incompreensíveis caprichos. Nicalo também os tem. Nesta noite, entretanto esse capricho tem forma de dúvida. Ele deve tomar uma certa direção, mas está parado.

O céu noturno de Roma como que o imobiliza e absorve por um breve instante, É azul, mas o brilho das estrelas, o brilho do luar polvilhou-o de prata. Ele o contempla com a cabeça vazia de pensamentos mas a brisa da noite acaricia-lhe a pele com um sussurro de beijos- Sobre sua cabeça, a harmoniosa conjunção dos astros é como um convite para aqueles que desejam muito. Nlcalo gosta de viver, ele deseja-o muito. Mas recusa o lugar para onde o seu nascimento o conduz. Simplesmente porque, cada vez mais, tudo aquilo lhe parece insensato e tolo. E aceitar não é razoável. Ele, Nlcelo, tem direito à escolha. Dá um passo em direção ao vozerio, à música da festa, mas se detém outra vez.

Exatamente na direção oposta c h amam-no: "Nlcalo! Nlcalor. Ele ouve. É um chamamento suave, amoroso. Embora a rua esteja vazia, chamam-no. Alguém o espera, uma voz que parece partir do peito mesmo da noite.

Nlcalo sabe agora que não vai à festa. Lança dos ombros a carga que lhe parece supérflua. Vira-se, segue na direção oposta. Mas, para onde o levará? É curioso, diz a si mesmo.

Nlcalo sente-se aliviado, tem a sensação de que o sangue lhe flui provocando uma alegre sensação, um aguçamento, um amor desesperado pelo mundo, em suma, a sensação do encontro, com as coisas amadas, há muito tempo esperadas.

Deixa para atrás a rua larga, anda pelos becos ao sabor da sorte. Não teme os riscos que o seu traje de alto preço acarreta, os cobiçosos olhares das trevas. A noite é sua amiga, ela o guarda e protege. 'Tudo quanto desejamos se cumpre! — diz-lhe uma voz interior — Todos os sonhos que florescem dão frutos!'

— Batei e abri-me-vos-à, pedi e obtereis! — Diz a tranqüila e persuassiva voz que chega do desvão da muralha.

É como um estranho prosseguimento de seus próprios pensamentos, de suas íntimas cogitações. Nlcalo se detém, contorna a muralha e entra pela porta aberta. Por detrás do singelo anteparo de juncos, muitas pessoas ouvem atentamente aquela mansa voz. Tratar-se-á da Irmandade das pessoas pálidas? Nlcalo se põe a ouvir.

É estranho! A mesma paz que ele traz em si, se difunde na sala humilde, em ambiente de suavidade e recolhimento, embora o arrebatamento dos corações a se traduzir nos olhares.

Dirigia-se a uma reunião, ei-lo em outra. Tão diferentes, porém, la ao encontro dos grandes deste mundo. Aqui se encontra entre trabalhadores, humildes mães de família. Entretanto Nlcalo já apreendeu a real diferença entre os dois pontos de reunião. Num servem o banquete material, neste o banquete espiritual.

O discursador **16** e comenta pergaminhos manchados, certamente de suor e lágrimas e aquelas palavras são rapidamente filtradas por seu entendimento.

Uma coisa entretanto está clara: não se trata de uma reunião de neoplatônicos, aquela gente não pertence à Irmandade das pessoas pálidas, suas próprias faces o revelam. E há mais: pela primeira vez, razão e sentimento se reúnem nele, avidamente absorvendo... O que? O amor!

Nlcalo está ouvindo a mais fabulosa mensagem, a maior mensagem de amor que poderia esperar ouvir, É como se em todos os dias de sua vida, estivesse anhelando por aquela voz que o chamara e à qual atendera. Havia, então, algo mais excelente do que Plotino e por isso, até então, ele ansiava ainda...

Agora vai perseguir a cristalina e mágica torrente. Como não amar a fonte de onde jorrava? Uma criança chor r.inga junto dele e Nlcalo, como que respondendo à sua própria ternura, envolve-a em seu custoso manto, aperta-a contra o peito e deixa que durma reconfortada por seu próprio calor, que se embale ao pulsar feliz de seu coração.

— Estou nascendo hoje! — diz a si mesmo. — E pede: "Jesus — pois **6s** tu, Jesus, que estás presente aqui! — embora ainda que não me conheças, atende-me. Torna em paz e luz a inexperiência

de minha moei- . tíade. Aceita-me Senhor, como a pedra humilde da base do farol, de cujo cimo, orientando os viandantes dos séculos, brilhará a tua eterna luz...

* * *

Não avaliei Nfcalo de imediato. Minhas faculdades estavam bloqueadas. Não me lembro bem do que disse, lembro-me apenas de que uma pequena demora havida deu-me nos nervos e que me pareceu quase intolerável ficar ali, na penumbra do alvorecer, articulando monossílabos quase incapaz de sentir ou de pensar.

Seguimos a pé e o exercício, na madrugada, reanimou-me. íamos pelos carreiros dos rebanhos, sobre a estepe silenciosa. O caminho por vezes se aproximava do rio, envolto num branco vapor, pois que a noits na estepe é sempre fria. Ouvia as vozes dos outros e, entre elas, a de Prisco, que me fazia estremecer.

Já caminhávamos havia algum tempo quando o alegre vento matutino agitou os arbustos anônimos e alvoroçou nossas mantas. Então, se difundia no ar azul as primeiras claridades da manhã. Não sei como foi, ele estava junto de mim. Sem falar, apontou-me as brumas sobre as águas do rio e que a brisa tangia em línguas vaporosas como labaredas brancas. Unimo-nos repentinamente num mesmo sentimento de encantamento e surpresa. Eu suspirei e ele bruscamente olhou-me face a face. Uma pesada nuvem de tristeza toldava o seu olhar. Isso, entretanto, não me preocupou. Eu mesma estava mudada, emagrecera e o frio da manhã por certo empa- lidecia-me a face.

Passávamos agora por grupos de árvores cujo nome eu não sabia, por carpas e juníperos entrelaçados pelo vento. Eu pensava: "Todos estes dias, o que terá pensado?"

Experimentava por vezes um desejo intenso de interrogá-lo. Como teriam aquelas mulheres tomado conhecimento de que eu existia? Como fora que se tinham revoltado tão intensamente contra mim? Mas, afinal, que importava?

Uma suave luminosidade crescia no ar frio. Respirei fundamente quando Filoctemo se atrasou e, inocentemente, veio ficar ao meu lado. Entre Nícalo e Prisco sua conversa se estabeleceu delicada e solícita. Não pude impedir que Prisco sentisse e pi ^esse, friamente, observar sua ternura muda, porém que encontrava mil pequeninos ensejos para se exteriorizar. E não precisei ver o rosto dele para verificar o seu desgosto. Mas aquilo fez com que eu despertasse. Falavam sobre pássaros, suas penas, cores e cantos. Nícalo era vivaz e culto. Um preceptor grego atraíra-o pelo estudo das ciências naturais. Era o primeiro e o maior interessado por tudo quanto encontrávamos. Seu mestre possuía um (bis embalsamado; era um dos seus tesouros. Trouxera-o do Egito, onde fora encontrado numa velha tumba. Nícalo era também cheio de entusiasmo e de calor e me lembro do quanto aquela irradiante simpatia, aquele esfusante entusiasmo fez-me bem aquela manhã.

Fiioctemo conhecera-o não sabia onde e convidara-o para a excursão. Nícalo trouxera Prisco. Ai estava como a coisa se tinha passado. No tjndo, entretanto, um sentimento fatalista dizia-me que entre todos nós a- penas o passado estava em ação, estabelecendo posições às quais não podíamos fugir.

Ao passarmos por um pequeno maciço de rododendros, os moços puseram-se a colhê-los enchendo-nos os braços, aos de Gemma e aos meus. Prisco, que também colhera-os, dividiu sua colheita ao meio. Talvez estivesse arrependido de ter vindo, talvez se aborrecesse!

— É certo que, ao contrário dos outros paimípedes o ibis empoleira-se nos galhos? — Ele perguntou a Cirilo.

Sim, era verdade, muitas vezes os viramos empoleirados. Quantas espécies visitavam o Halys? Duas espécies.

— O branco, com a extremidade das asas negro-acizentadas, e o cinzento com reflexos verdes e violetas.

— E é certo que não se servem, para beber, da água suja dos bal« xios onde permanecem?

Nós os víamos sempre na época coincidente com o avolumamento cias águas e, não sabíamos se,

incidentalmente, junto à confluência de arroios de águas limpas, muito raros aliás, que confluíam com o rio.

O ar claro ressecou com selvagens gritos e antes que os víssemos sabíamos que se encontravam ali. Estávamos nos aproximando de uma pequena e tranquila enseada- Outras vezes, vezes seguidas, o grito baixo e rouco chegou aos nossos ouvidos. Então silenciámos e cautelosamente fomos nos aproximando. Um pequeno cômodo ofereceu-nos um bom ponto de observação. Havia um grupo de seis e outro de oito aves. Nícalo con-» iou-os baixinho que a razão dos números pares era a monogamia: cada grupo era constituído por casais. Ficamos a olhá-los procurando descobrir porque eram motivo de tão antigas superstições. Não eram belos. Suas asas eram pequenas, o pescoço e as pernas altos demais. Tinham, entretanto, hábitos doces e aprazíveis. Podiam ficar horas inteiras num mesmo ponto, revolvendo a vasa com o bico, emitindo seus desagradáveis gritos ou andando com passos lentos por entre os juncos. Havia na estepe quem lhes comesse a carne vermelha e gordurosa, que podia ser guardada por muito tempo sem se deteriorar. Quando Cirilo falou a tal respeito, Prisco e Nícalo puseram-se a rir.

— Isso prova o quanto é relativo o conceito do sagrado entre os homens! — Disse Prisco.

— Não apenas do sagrado. — ouvi João dizer. — A carne do ibis figura entre os alimentos impuros na legislação mosaica.

—Puro ou impuro, sagrado ou não, — Eu disse, o ibis é, afinal apenas um ponto na escalada estabelecida pelo Criador.

— Sim, concordou Filoctemo vindo em meu socorro, e, quando mais apenas um tema da ascensão da religião do irracional para o racional, a partir da mitologia da natureza.

— Mas, contrapôs Prisco, não se pode negar encanto à imaginação que pode ver naquela ciudazinha em forma de crescente, a imagem da lua nova, isto é, o símbolo da deidade, o sinete da deusa distinguindo este palmípede entre os demais.

Nícalo riu-se e disse:

— Isso prova que, no fundo, és um sonhador.

— Não, não o sou. Se o fosse, não veria nos animais, como um bom romano o vê, apenas dádivas para o propiciamento aos deuses.

Essa observação doeu em mim. Não sei se meu rosto retratou essa oculta emoção. Filoctemo olhava-me com seriedade. Não fugi a esse olhar: entre mim e Prisco houvera um começo e um fim simultâneos, eu precisava deixar desconhecido quanto se passara. Creio ter ouvido um débil suspiro escapando-se de seu peito. Ele se lamentava? Ele me lamentava?

Eu mesma não podia saber se a observação de Prisco era proposital ou não. E que importava afinal? Eu precisava ocultar, isto sim, eu precisava ocultar. Perguntei a Filoctemo se Nícalo era o jovem romano, o legionário de que me falara. Imagino que tenha pronunciado o nome um pouco alto demais, pois Nícalo se voltou para nós e Filoctemo se furtou a responder, desconversando a respeito da frutificação dos juncos. E, assim, também o comentário de Prisco pairou no ar, desconcertante e sem resposta; mais uma vez os romanos se afastavam de nós e nós deles.

O caminho, que fora descendente na ida, na volta fazia-se difícil para Gemma. Eu, porém, era rija, e desde que nascera trilhava aqueles terrenos. Cirilo e Nícalo auxiliavam Gemma que facilmente se estafava. Eu me pusera à retaguarda de João, não muito confiante em suas possibilidades; Filoctemo e Prisco volíavam em derredor de mim. E quando tínhamos de nos alçar sobre os barrancos, embora eu pudesse, levemente fazer aquilo, davam-me as mãos. Gotas de suor pelavam-me a testa. As mãos de Prisco nas minhas eram avalanches sobre meus propósitos. Fazia-se noite em mim, porém nas trevas, loucas lucilações elevavam-se deslumbrando-me, cegando-me, enchendo-me de alegria e de desespero.

Houve um instante em que, fazendo-se muito estreito o carreiro, Filoctemo e eu ficamos para atrás.

- Perguntaste por Nícalo. — Sussurrou-me.
- Sim. — Respondi quase num sopro.
- Ê o segundol

Eu não compreendi. Eie continuou:

- O segundo legionário!
- E o primeiro, quem é?
- Prisco.

Andei mecanicamente até o fim da trilha. Prisco! Mas, aqui, a lógica da situação, se lógica houvesse, se desmoronava. Era, pois, uma arrematada tolice aquilo tudo.

— Já ouviste de Nicalo o suficiente para compreendê-lo. — Eu disse a Filoctemo. É um neo-platônico. — Filoctemo sorriu, porém eu me fiz mais séria. — Não te rias, pedi. Não me tem passado despercebido quanto tu e os outros discutis à noite.

Na cidadela do Cristianismo, eu conhecia o suficiente sobre o neoplatonismo para identificá-lo como a um perigo. Era a torre brilhante e falaciosa que acolheria a teologia improdutora.

- Não te assustes. Nícalo foi um neo-platônico. Hoje é cristão.
- Sim? Mas... e o outro?
- O tempo virá em seu auxílio!

Senti-me melhor depois desta fala. Minha imaginação se aquietava. Olhei para Filoctemo. Havia nele uma tranqüillidade que, por vezes, me perturbava. Filoctemo apenas esperava. Tive vontade de falar-lhe de minhas desconfianças a respeito de sua visão.

- Nícalo é um romano, ô um militar... — Deixei escapar reticentemente.
- Muitas coisas podem acontecer. — Ele me disse terno e paciente. — É preciso confiar e esperar.

Cirilo mudara o caminho de regresso. Disso me apercebi ao enxergar os nômades. Reuniam-se em torno de uma fogueira para a primeira refeição do dia. Eram sujos, maltrapilhos e detestados por todos. Chegavam das terras a Nordeste do Ponto e estagiavam pelas prisões romanas, de cidade em cidade. Eram profissionais da pilhagem e do roubo. Encontrá-los era um mau sinal para as propriedades em derredor.

Paramos a observá-los, um pouco a distância, porém a morrinha que exalavam chegava até nós, fazendo-nos reter a respiração. Pareciam nos ignorar e até mesmo as crianças, habitualmente curiosas, fugiam ao nosso olhar. Eram tristes, mudos, estóicos. Suas faces escuras, de expressão pesada. Seus olhinhos mongóis, ariscos e astutos, davam-lhes a aparência de lóbos.

Retiramo-nos e eu notei que, enquanto foi possível, Prisco esteve a olhar para atrás, as escuras sombrancelhas reunidas com preocupação.

O que fizera, o que pensara em todos aqueles dias? Fiquei a pensar em como me era desconhecida a sua maneira de viver. Ignorava os seus hábitos, suas relações... Mesmo daquele Nícalo nunca me falara. Contara-me de seu passado, não de seu presente.

Agora via-o pelas costas e ao Sol da manhã sua figura tinha a beleza de um deus fugido dos olímpos. Sua cabeça era bem proporcionada e sua nuca bem feita. Ele caminhava olhando rigidamente para a frente, mas se eu apertasse o passo podia ver-lhe as sombrancelhas. E foi assim, não sei porque, que me apercebi de que ele carregava um fardo. Não o fardo de um nome, de uma condição social, de um passado incômodo que o vigiava no presente, não estes fardos, mas uma espécie de cruz. Ele sofria e nunca me falara a respeito.

Agora eu não tinha sombras de dúvida. Mesmo aqueles dias de ventura, em que rompíamos com a realidade e nos refugiávamos na embriaguês de um sonho, eram fáceis de ser compreendidos.

Eu nunca me perguntara, por exemplo, porque motivo ele fora parar nas ruínas... Uma nostalgia o levava para longe da cidade, para as estepes, a necessidade de se isolar...

Mamãe ofereceu-lhes o ientaculum: leite fresco, pão, queijo, frutos, o melhor que tínhamos,

quando chegamos de volta e eles entraram. Eu nunca imaginara Prisco em nossa casa e nem sei porque ele se modificou ali. Passeiava os olhos Dela estranha moradia, pelos cômodos rupestres que a habilidade de vovô e papai tinha fechado e transformado em seguros alojamentos. Posso imaginar que nossa pobreza honesta e limpa inspira* va-lhe confiança.

Cirilo explicou-lhe que, ao longo da estepe, todos moravam em casas construídas assim. Os penedos e as grutas que se aproveitavam, tinham cores vivas e diferentes; o conjunto, depois que as paredes suplementares eram levantadas, nunca era de todo feio. Ele foi polido e simpático. Eu percebia que mamãe oferecia-lhes a hospitalidade cristã, mas que seu coração se inquietava. E de quando em vez ela olhava para vovô que, cabisbaixo e encolhido, fora se refugiar a um canto.

Mamãe, todavia, era um ser intensamente vulnerável à beleza, e a misteriosa formosura de Prisco, o seu rosto varonil e tristonho, o fervor apaixonado de seus olhos noturnos, seu fugidio sorriso, não lhe passavam despercebidos. Ele tinha ainda, a seu favor em face das mulheres, aquele inexplicável ar de menino, que nos fazia sentir mães.

Senti um dolorido desejo de vê-lo todos os dias de minha vida inteira mas, sem poder harmonizá-lo ali; e a visão de vovô foragido em seu canto, fez-me os olhos úmidos. Entrei para os fundos e descii ao redil. Os animais me esperavam impacientemente; eu já estava atrasada.

Soltei o rebanho e tentei distrair-me. Mas a emoção não se fera. Eu dava as costas à casa e deixava que as Lágrima³ escorressem. Aquele desejo intenso de vê-lo, de amá-lo com todos os sentidos, de vê-lo envelhecer, de assistir à chegada de seus cabelos brancos, brutalizava o meu propósito de renúncia.

Desciam as escadas e preparavam-se para partir.

— Rogo-vos permissão para voltar. — Ele disse a mamãe.

Ela assentiu com a cabeça e eu, mesmo de longe, pressenti uma dor em seu olhar. Ela poderia dizer-lhe:

— "Sim, volta. Vós e os vossos sempre voltais, e, a cada vez, perdemos alguma coisa de nós mesmos. Tínheis 'oltado quando meu marido foi levado e morto, quando meu pai teve a língua arrancada..."

Ele montou e deu a volta à casa, passando por mim. Parecia avaliar o grau de resistência das paredes, a proteção que ofereciam as saídas. Percebi que argumentava com Cirilo e João sobre a perigosa proximidade com a tribo de nômades e esse cuidado foi um consolo e um reconforto para mim.

— Valei — Acenou-me de longe.

E partiu. Menos de meia dúzia de palavras tínhamos trocado e daquele encontro pouco me ficou para lembrar. Nas conversas familiares uma série de referências vagas foram feitas relativamente aos dois moços e eu pensei de mim para comigo que já era tempo de tentar de novo esquecer.

Nícalo, entretanto, voltou a aparecer. O Tato de ser um romano e um soldado da XII Legio eram razões de sobejo para que nos causasse suspeita e desagrado. Ele mesmo, todavia, veio ao encontro dos íntimos pensamentos de vovô e mamãe, expondo-lhes sua convicção cristã. Isso e a estima que Filoctemo parecia oferecer-lhe, bastaram para sua admissão.

— Pensando bem, — Ouvi mamãe dizer, — o fato de ser um romano não pesa. No mês de Dystre, quando Diocleciano mandou arrasar as igrejas, lançar ao fogo o Evangelho e destituir de suas funções, privar da liberdade os seguidores de Cristo, muitos romanos permaneceram fióis.

O preceptor de Nícalo fora um discípulo de Plótino. Nícalo se afi- nizava com o Neo-Platonismo que, como doutrina filosófica, dizia, podia ser considerada a irmã maior do Cristianismo, imbuída que estava de quase o mesmo espírito.

Época houvera em que seu espírito se alegrara com aquele estudo. Não muito tempo se passara e qualquer coisa ocorrera. Definira-se pelo Cristianismo que, dizia, possuía mais iuz. Mas Nícalo viera ao encontro de íntimos desejos de Filoctemo.

— A filosofia grega deve nos interessar. — Ele ponderava. — Sobretudo agora. Ela se enraiza sutilmente, no ensino de Jesus. Paulo comanda o momento, é preciso conhecer de tudo, para escolher o melhor.. •

Assim, aos escritos apostólicos vieram juntar-se as Eneadas, contendo os escritos de Plótino reunidos por Porfírio, chamado o seu discípulo mais eminente.

Em menina, muitas vezes eu vira os filósofos ambulantes pregando nas praças públicas. Suas doutrinas quase sempre eram inacessíveis ao homem comum. Papai gostava de ouvir os sofistas, os austeros mestres estóicos que, ocasionalmente, surgiam em Sebastes. Aqueles homens, papai nos explicava, ofereciam, além de seus ensinamentos, o exemplo de probidade de suas vidas. Eram, pois, dignos de respeito e acatamento.

Não me lembro de que, em alguma circunstância, tenham sido perseguidos como os cristãos o foram. Recordo-me de que, ao depararmos com eles, papai nos contava que, ainda na fase inicial das pregações em praça pública, os apóstolos se aproveitavam daquela forma de ensino, diatribes, palavra que não tinha o sentido que mais tarde lhe atribuíram, mas que tão somente significava os ensinamentos morais ou filosóficos-morais, breves e variados, por vezes com exposições antagônicas de pareceres. Eram quase sempre em forma dialogada e visavam divulgar entre as pessoas menos cultas as elocubrações.

Algumas vezes eu vira um ou outro membro da Irmandade das Pessoas Pálidas, como eram chamados pelo povo os seguidores do Plótino. Viviam em paz, pureza e ascetismo, num curioso contraste com as diversões ruidosas e o esplendor magnífico, a maldade da sociedade da época. Sorrindo maliciosamente papai nos dizia que aí estava o traço de semelhança que tinham com os cristãos. A dissemelhança estava em nossas peles, sempre tostadas pelo Sol.

Nícalo tratava com prazer o assunto que conhecia tão de perto:

— Plótino, — Dizia-nos, — foi o que podemos chamar um grande êspfrito. Sábio e tranquilo, ensinava sem pretensões retóricas. Fez das idéias de Platão uma mística extática, o que constitui um traço fundamental em desacordo com a doutrina de Jesus, de uma maravilhosa dinâmica social.

Ouvindo-o eu pensava que, num tempo como aquele, em que no seio do Cristianismo se esboçava a visão do mundo como um vale de lágrimas, Plótino nos trazia o conceito helénico dos cosmos como característica obra da glória divina. E aquela visão era nossa, pois que, à nossa juventude transbordante de fervor, repugnava a tristeza, a solidão, o cheiro de morte que ia pesar sobre o pensamento de Jesus.

Comentava-se que a vida ascética já era aceita e vista como prova de espiritualização. Líderes de respeitadas igrejas, como Alexandre, de Alexandria, fundavam casas de isolamento e alguns entre nós dizia com desolação:

— Não está certo! É incompatível... é incompatível...

Perguntava-me sobre o futuro dos Evangelhos, se Pedro, Mateus, Paulo ou Felipe se se tivessem enclausurado entre quatro paredes, ou se se tivessem dedicado sistematicamente a espancar o sono, mas a voz de Nícalo tirou-me desses íntimos pensamentos:

— Nenhuma de minhas ovelhas se perderá... — Ele citava Jesus. — Nem no universo, nem na vida humana, nunca existirá algo absolutamente perdido pelo mal... — Ele repetia Plótino. — A própria matéria é uma emanção divina e a beleza do mundo é o resultado da ação combinada do espírito universal na matéria...

Mas a matéria se corrompe e pode perverter o espírito humano. Porém, exatamente como alguém que se maculou no lodo pode se lavar e se tornar tão limpo ou mais limpo do que dantes, assim pode alijar da alma essa ganga impura, como as escórias se separam do ouro impuro, recuperando a beleza e o brilho que lhe são próprios. Os seres humanos têm os pés presos na lama, mas, com a cabeça, podem alcançar a Unidade, a fonte da vida. Pode conhecer a Deus.

— Todo o corpóreo é criado temporariamente e passa. Só é eterno o *existente*, a alma do

universo. Mas porque Deus pos a alma no corpo mortal? Por que essa mescla que produz desejos, concupiscências e dores? Para se processar o desenvolvimento das forças da alma, dizia Plótino. No estágio da vida terrena, a alma aprende a agir, progride, se desenvolve, purifica-se pelo sofrimento.

Nícalo parecia ganhar uma diafaneidade interior ao abordar o pensamento evangélico, sua voz, seu vocabulário se tornavam outros:

— Quando a alh.a chega, pela observância e o trabalho, a cumprir sua missão, então fez-se a irmã benfeitora de tudo e de todos, tem energia e forças para realizar, sem esforços, as mais notáveis coisas...

Ele tinha ardor e fantasia Jamais encontrei alguém que se divertisse tanto em viver:

— Através da alma unimo-nos ao céu estrelado, ao mar, aos animais, às plantas. É a alma que empresta à natureza sua beleza expressiva, sua impressionante melancolia, É o ser humano, um pedaço da natureza que despertou do letargo para falar a Deus e buscá-lo.

Esse conhecimento fora, certamente, o responsável por sua rápida adesão ao Cristianismo, adesão que não lhe fora fácil. Embora não falasse claramente a respeito, eu percebia que lutara contra o escândalo, com a falsa impressão de loucura que sua atitude levantara. Sua lúcida inteligência não recuara diante dos sarcasmos, dos conflitos. Convencera-se diante das claridades singelas do verbo de Jesus, tão estranhas e distantes dos discursos sem atos correspondentes.

Os dias daquele Verão se passavam assim... Duas vezes eu voltara às ruínas da fortaleza sem encontrar *Prisco*. *As vezes* olhava para Filoc- temo e via-o, absorto fitando-me. Entretanto, bem depressa parecia rein- têgrar-se no assunto dos estudos e exames, das aprazíveis polêmicas comparatórias que tanto o interessavam. Então recordava-me de Prisco. Ele, com que gastava as horas?

Uma tarde Nícalo foi ao meu encontro no pastoreio. Eu não me habituara de todo a ele e assim procurei fazer um esforço para não *perecer tímida* nem desconcertada. Trocamos algumas palavras sem importância e ele me perguntou se não tinha receio de ficar tão sozinha.

— É um trabalho que faço desde menina, — Respondi-lhe. — e que me dá prazer. Danies vínhamos os dois, *Cirilo* e eu. Até quando nosso pai foi mc.-to... Então ele o substituiu junto de vovô!

— Pode, entretanto, acontecer-te alguma coisa.

— Tenho *Coronna* e a trompa, — Disse-lhe mostrando o instrumento de chifre que trazia ao pescoço. — Posso ff Tê-la soar ao menor alarme. Conto também com a proteção do invisível...

Eu percebia que ele estava preocupado, porém sorriu finalmente. Pusemo-nos a andar vagarosamente *pela margem do rio, ao Sol da tarde*. Apontei-lhe as ruínas e disse-lhe:

— Vê? Tu te perderias ali!

— É onde *Prisco* vem encontrar-te, não é?

Não respondi e fiquei a fitá-lo, surpreendida. Senti-me levemente *vexada*. *Pela segunda vez* pareceu-me que era posta em suspeita a qualidade das minhas relações com Prisco. Mas, repentinamente, mudei de propósito:

— Ele te disse?

— Não isso exatamente! — Comentou com inesperado pesar. — Eu o obriguei.

Pressenti nas palavras dele um sinal de perigo.

— Aquelas mulheres que vieram ver-te... Otávia está furiosa! Sabes que frequento *s casa do pretor*. Ela contou-me.

Houve um silêncio entre nós. Estupidamente *eu* desejava que ele nunca tivesse vindo.

— Nada posso fazer... nada podes fazer... — Eu disse.

— Fui falar com Prisco. *Nós* nos conhecemos desde há muitos anos, ainda de quando nossos pais eram vivos. Somos como irmãos. Não podes imaginar como nos alegamos ao nos encontrarmos em *Sebastes*... Mas não me falou a teu respeito. Não é de seu feitio. Não me foi difícil, entretanto, perceber que alguma coisa de diferente se passara: ele parecia atordoado de alegria. Depois entristeceu, calou-se... Não quis fazer perguntas. Mas quando Otávia falou-me, não me *pude* conter.

Roguei-lha que me contasse tudo. Estava apreensivo, inquieto, febril. Galla, nem de leve podes *imaginar o que* representa a interferência de Otávia em qualquer assunto em que tenha interesse...

Nícalo fez uma pausa em que fitou muito alto, o vôo de um pássaro no céu extremamente limpo. Eu também segui hipnoticamente aquele vôo em círculos. Depois ele disse:

— E Otávia, não sei se o sabes, tem interesse neste assunto...

As palavras dele eram como um presságio. Olhu-me com funda simpatia e eu tentei sorrir-lhe, porém meus olhos se encheram de lágrimas- Eu estava absurdamente muda. Por mais que tentasse, não encontrava uma única palavra para dizer. Nícalo continuou:

— Prisco percebeu tarde demais que o vigiavam. E cometeu um segundo engano: solicitou ao legado informes sobre núpcias de romanos com estrangeiros! Vê só...

Sua voz que até então fora pezarosa e sem cor, ia ganhando uma aflitiva animação. Seu rosto purpurejou ao dizer-me:

— Tu corres perigo... De fato, eu não daria um caramujo pela tua segurança... a menos que essa segurança te venha do invisível... Prisco verificou de pronto que voltar a ver-te será quase assassinar-te, compreendes?

Ele bateu na perna, rubro, com impaciência:

— Não, não compreendes. Como poderias compreender? Terias de conhecer o que conhecemos, viver no mundo em que vivemos para compreenderes!

Eu não me sentia amedrontada, apenas surpreendida. Lembrei-me da tarde em que elas tinham vindo àquele mesmo lugar e tornei a ver, em imaginação, os olhos de Otávia presos nos meus, sua curiosa expressão, seu desprezo e ressentimento e de como me sentia infeliz e constrangida. Estremeci e disse a Nícalo com amargura:

— Mas é tão absurdo... Prisco e eu Apenas um abismo! Otávia deveria temer-me se fosse uma sua igual. Olha para mim, Nícalo? Justí- ficam-se as preocupações?

Havia sinceridade em minha voz e ele me olhou estranhamente.

— Quantos anos tens? perguntou.

— Dezesseis.

Creio que ele sorriu tristemente diante de minha mocidade:

— Pobre Galla, ingênua Galla...

O que ele disse em seguida, acerca de minha beleza que ele chamava límpida e radiosa fez com que eu abaixasse a cabeça cheia de timidez e de desconfiança.

— Nícalo, — Eu lhe disse. — por nada no mundo eu desejaria que alguém dos meus viesse a saber de tudo isso. Prisco acertou não vindo mais... está tudo acabado... Desde o início estava tudo acabado... Muitas e muitas vezes me sinto confusa e hesitante, porém nunca sobre este assunto. E agora tenho um único pensamento.

la dizer que não desejaria saber Prisco infeliz, mas a frase me pareceu inóqua e sem sentido. Parei um pouco, ofegante e hesitei sem saber se deveria ou não prosseguir falando. Se prosseguisse não seria difícil confessar que amava Prisco. Nícalo se comoveu:

— Muito bem, vamos orar os dois...

— E ele, como está? — Não pude deixar de perguntar.

— Prisco ama-a e teme por ti.

Disse essas palavras e olhou-me no rosto para saber o efeito que faziam. Eu suspirei.

— Paz ou dificuldades... — Eu disse. — Tenho pensado e repensado sobre tudo isso, Nícalo. Sobre Prisco e sobre mim. E me parece que a proteção divina protelou as nossas dificuldades até este momento em que outras luzes já me felicitam. Creio que saberei resistir, Nícalo... E essa resistência, quem sabe não servirá a dois?!

Ele me fitou hesitante por algum tempo.

— É maravilhoso que te sintas assim... É maravilhoso que alguma coisa nos possa tornar, ao

mesmo tempo, tão fortes e tão fracos...

la continuar mas se deteve como se tivesse ainda qualquer coisa a dizer e não soubesse como. Esperava talvez que eu lhe desse ensejo, mas se resolveu de repente:

— Eis aqui uma coisa que não posso compreender. O que foi que os aproximou, por que isso aconteceu?

— Um episódio comum, como nas canções! O jovem soldado e a pastora. Sabes que um amor pode ser muito mais velho do que nossa idade. Foi isso. Talvez existíssemos um no outro e, de súbito, nascemos...

— De Prisco posso dizer-te que é nobre, generoso... Tem as virtudes capitais do varão de nossa raça... mas isto não te basta, não é? Seria um trabalho difícil para ti...

— *Ele me encheu de alegria, enriqueceu-me! E sinto-me tão grata, Nícalo... Compreendes?* Um momentâneo silêncio caiu sobre nós.

— Prisco necessita de ti e tu podes ajudá-lo...

— Eu não poderia imaginar que houvessem interesses tão altos em relação a ele...

Outra vez ele me olhou cheio de curiosidade.

— Não te conhecia... conheço-te agora! — Disse. E depois mudou de assunto: — É curioso como viemos parar neste lado do mundo. Há dois anos nosso destino era Roma. Voltamos as costas ao velho Taenarum, nossa aspiração era Roma! Vê só...

Percebi que todo o meu constrangimento se fora, eu me sentia calma e à vontade junto dele. Lembrei-me do sonho de Filoctemo e liguei-o ao assunto mesmo que ocupava Nícalo. Sim, porque tinham vindo? E porque nos identificávamos assim, no melhor de nós mesmos? Eu olhava para Nícalo. Ele era o romano de uniforme. Eu era membro de um povo dominado e dentro desse povo fazia parte de um pequeno grupo perseguido. E justamente aí nos uníamos, justamente desse ponto fraco fazíamos a nossa força!

Nícalo esteve a falar-me de Constantino e Lícínio, que conhecia pessoalmente. As personalidades da máquina governamental romana, no Oriente, para se manterem, necessitavam de argúcia, necessitavam exercitar um jogo de ardis, sempre na direção vento. Esse assunto trouxe-nos insensivelmente ao assunto inicial. Eu lhe perguntei:

-- E tu, não corres perigo vindo até aqui?

Ele balançou a cabeça:

— Não, não creio. A maçã ó Prisco! Não é o melhor quinhão nascer nos palácios e viver no topo do mundo. Jesus realiza a sabedoria e a verdade espiritual através das palhas da mangedoura, na herança material da túnica, inconsutil pois que tudo isso é mensagem de libertação.

Houve outra pausa entre nós em que meditamos por um breve instante. Depois eu perguntei:

— Lá no Taenarum... é bonito, não ó?

— Oh! Sim... muito belo. Já viste o mar?

— Não nunca, mas posso imagina-lo. Um prado verde, com carneirinhos brancos...

. Ele se pos a rir:

— Sim, mas quando chove é cinzento. Sob o Sol é azul, prateado ao luar. Mas quando as nuvens o cobrem, torna-se verde como uma pastagem e as ondas espumosas lembram os teus carneirinhos.

— Prisco morava junto ao mar. Tu moravas junto ao mar?

— Não, ele apenas.

— Por favor, — Disse-lhe com juvenil interesse. — fala-me do tempo em que éreis crianças, tu e ele!

— Uma de minhas mais longínquas recordações leva-me aos jardins da casa de Prisco. Nossas mães visitavam-se e, nesses dias, jogávamos a crepitácula. O jardim de rosas era magnífico, mas o velho escravo que dele cuidava implicava conosco... A casa é bela. Tem dupla colunata, a fachada voltada para o mar.

Nícalo falava e a família de Prisco surgia à minha frente, todo o velho patriarcado. Senadores, juristas, tribunos, cônsules e dignatários sucediam-se. Um deles fora governador da Mauritânia, outro, chefe dos pretorianos e favorito de Adriano. Um outro, legado em Mesia. Seu bisavô estivera em Sebastes como cônsul suffectus, jovem ainda, ao tempo do Imperador Vero. Este fora o homem de confiança do imperador e que sufocara a rebelião de Avidio Casio. Na família, Prisco era, pois, o segundo que vinha à Capadócia, o que não deixava de me parecer curioso.

Dois anos antes Prisco e ele se tinham dirigido a Roma para o levantamento geral dos exércitos consulares, recrutados pelo *delectus militum* na classe dos *iuniores*. Não muito tempo se passara então, desde que Prisco perdera os pais num desabamento do solário da casa. Num inverno rigoroso, pesado de neve, ruiu sobre suas cabeças. Daí para a frente, o direito denominado *patria potestas* deixara de existir para Prisco e fora quase com alegria que ele abandonara a propriedade ancestral entregue a uma irmã casada e partira para Roma.

— Pouco tempo depois Otávia seguia-nos...

Eu olhei para ele sem compreender.

— Otávia também nasceu no Taenarus. A propriedade de seus pais se avizinhou com a dos pais de Prisco. Na verdade eles se conhecem desde crianças, eu não te havia contado... Retraí-me ao sopro deletério que fazia rodopiar a sociedade romana, graças aos princípios filosóficos que me tinham sido inculcados desde tenra infância- Prisco era abstrato, tristonho e retraído por natureza, era o encantado nato, como o chamavam jocosamente.

Para Nícalo, Prisco era uma dessas pessoas que não experimenta ninguém, que espera caimamente que os outros se revelem para depois aceitá-los ou repelir-las definitivamente.

— Também ele se retratava ao bulício frenético das reuniões romanas. Otávia, porém, encontrou-se em seu ambiente... A sensação que a beleza de Prisco fazia excitava-a e aborrecia-a, eu mesmo pude verificar isso. Prisco, porém, apenas se contrafazia. Além do mais, o Tibre não o compensava pela perda dos vagalhões em torno do promontório...

Nícalo tentara interessá-lo pela filosofia mas Prisco sorria:

— Imaginas, — Dizia-me, — se inoculas a todos tuas floridas idéias! O Império Romano se esfacelaria em três horas.

Foi exatamente aí, que vovó chamou. Alheios, eu ouvindo-o, ele com certeza ouvindo-se, com vaga melancolia, assustamo-nos quando a trompa soou no ar calmo da tarde. Nícalo voltou comigo para casa. Eu tinha em mim um estranho sentimento de reencontro. Ele ficou para a noite e a todo o instante em que meu olhar pousava sobre ele uma grata emoção me empolgava. Era como se Prisco estivesse por perto, o menino, o adolescente, o Prisco atual.

Lembro-me ainda de como aquela reunião me pareceu tão especialmente agradável e de como me senti pacificada aquela noite. Vibrando no mesmo diapásão que eu, o próprio Filoctemo me parecia alegre e desafogado. Algumas vezes nossos olhos se tocaram, até que sorri.

— Inclinados individualmente para Jesus, os homens se reunirão em multidão e sentirão de novo o fascínio dos primeiros tempos!

~ Em cada época, teóricos diversos apresentam sistemas de pensamentos, com promessas implícitas ao espírito da massa. Um pequeno número se afiniza e, por algum tempo, estabelece pactos com tais idéias. Passam-se os anos, o movimento se transforma em simples anotação histórica. Os enunciados de Jesus, entretanto, se aplicam a todas as fases da experiência humana, na eternidade do espírito, renovando-se em aplicações a cada surto evolutivo, assimilável e compreensível por todos, uma vez que traduz consolações e apelos imortais.

O fio corria levemente por meus dedos. Eu me sentia acomodada em minha situação e o mesmo julgava dar-se relativamente aos outros. Nícalo era bem nascido, mas harmonizava-se ao grupo sem dificuldades. Ricos e pobres, sãos e enfermos judeus e gentios, o nosso plano de viver era o mesmo. E nossa juventude tomava posse daquele lugar com sincero entusiasmo e respeitoso zelo.

CAPITULO — X

Tínhamos começado a tarefa estafante e aborrecida de tosquiar as ovelhas. Apesar de repetí-la vezes e vezes naquele ano as horas passadas entre os pobres animais nervosos, entre berros e balidos de irritação ô terror, angustiaram-me roubando-me o sono por muitas noites.

Lembrar, volver os olhos para atrás, é rever as manhãs já altas em que, iniciado o trabalho muito cedo, nos detínhamos para secar as nessas frentes empapadas de suor a trocar olhares de piedade e contrafação. Quando éramos pequenos Círiilo costumava dizer, acercando-se de mim:

— Não te entristeças, em breve estarão com suas grossas mantas outra vez.

Havia, porém, quem apreciasse aquilo. Em muitos dos anos de que me posso lembrar, Aécio e Eutíquio estiveram conosco.

AÊCIO

Naquela manhã fora como se tudo tivesse desencadeado. Havia escondido seu precioso traje num lugar que só ele conhecia. Para reunir uma a uma daquelas peças, durante os últimos anos, fora obrigado aos mais diversos expedientes, que iam da malícia ã mesquinhez.

O manto era contornado por uma cercadura de acantos em fios vls- tosamente coloridos, entremeados por cordões de ouro, e era preso por duas fibulas circulares de prata legitima com botões de pérolas e ambar amarelo. A caracaiia era da mais fina lã, com debruns, a tessitura tinta com púrpura. Para aquele traje ele adquirira sempre o melhor que podia encontrar no mercado, não importando o sacrifício que demandasse ou o trabalho que fosse preciso realizar para amearhar a soma.

Desde menino sonhava com a veste la à cidade com os seus molambos, via passarem as pessoas de riqueza e, sobretudo, os jovens em roupas bem postas, espicaçavam a sua inveja. Um dia haveria de ser como eles, um dia arrastaria os olhares, como agora arrastavam os seus.

Ao recordar os esforços feitos nos últimos anos, verificava que tinha sofrido muito, e, entretanto, não havia sido em vão. O traje completo, das crôpidas de macio couro ao manto contornado de acantos cor-de-bron- ze, estava oculto em lugar secreto, esperando o momento para ser usado, a primeira grande festa pública, quando toda a população saísse â rua. Agora é esquecer os sofrimentos, as privações e gozar o prazer que o traje vai oferecer.

Aécio faz o seu ensaio definitivo. Retira as peças do lugar secreto e enverga-as, uma a uma, com medida lentidão. No da seguinte, para o festejo da Adonia, vai sair ò rua. Estáj assim, tal como febrilmente sonhara. O pequeno espelho, de pouco em pouco, vai registrando sua aparência excelente. Perfeito! Sim, perfeito!

Mas... onde está sua alegria, o júbilo, o louco palpar do coração, o brilho dos olhos? Tem o espírito livre e preparado para todas as emoções mas... elas não vêm. E, de súbito, uma idéia fulmina Aécio:

— *Sou vingativo. Não vaidoso, vingativo!*

Apraz-lhe a vaidade mas a vingança o aborrece. E como pudera ser vingativo àquele ponto?

— *Não, não sou vingativo! — Ele dialoga consigo. — Foi por vaidade, por vaidade.*

Mas a sua verdade interior é muito clara. A vingança é a vaidade aborrecida? A vaidade é a vingança que ainda não se aborreceu? Que importa! ... As duas se confundem, têm a face das hârprias, das fúrias... Foi por vingança... foi por vaidade... vaidade... vingança!

Por Isso trabalhara naquele traje, um pouco de cada vez, todos a- queles anos. Tira a caracalla, o manto, as crêpidas. Tira tudo. É indispensável que tome inteira posse da realidade. Olha para o traje e percebe que, jamais, ele lhe poderá dar nada. Não tem um vestígio, um resquício, uma sombra de qualquer coisa capaz de provocar alegria.

O que aquele traje representa doe em Aécio. Ele diz a si mesmo:

— *Basta!*

Corre ao mercado, vende o seu traje. Sem dor, sem hesitação. Seus sentimentos se desencadearam, ele distribuiu dinheiro da venda entre os mendigos da praça. Mas seus gestos, seus movimentos são lentos, não se trata de um repente, de um impulso.

E, — pelas algas misturadas às barbas de Netuno! — Aécio encontra o júbilo e a alegria. Por um caminho diferente o seu rico traje dá-lhe o que procurava, Ê capaz de fazer aquilo por toda a eternidade. Dar, assim como faz, sem suspeitas em relação a si mesmo, em pura verdade!

Mas, quem procede assim? O ato não é novo à sua lembrança. Sim, os homens do Caminho, os seguidores de Jesus.

Isto significa o júbilo para além do túmulo, do corpo, do revestimento das roupas, por mais suntuosas, a libertação pelo reencontro com o lado de si mesmo capaz de fazê-lo rir e chorar de felicidade.

Aécio corre à ecclesia.

— *Vosso Mestre, Jesus, o Cristo, fala-vos sobre o túmulo. O que vos diz que me não posso lembrar?*

Oh! Sim, é isto, os túmulos pintados de branco...

— *Por favor, aceitai-me. é urgente que eu aprenda todo o resto..*

EUTIQUIO

Brigavam por causa do gorro. Não era seu mas disputava-o porque era o mais forte, e, assim, devia ficar com ele. O outro menino, apesar de legitimo proprietário, estava disposto a ceder em parte e, por isso, disse:

— *Não me podes emprestar o gorro? Só por um pouco?*

Eutiquio, porém, era inflexível. O seu "não" foi o "não" do mais forte e de tal maneira agressivo que o outro se pos a chorar Num acepsos de coragem e de ira, deu um passo à frente e, num movimento rápido e de- sesperado, colheu o objeto da disputa, que escondeu às costas.

Os olhos de Eutiquio fuzilam. Em torno, o alarido das demais crianças parece crescer. Eutiquio arreganha os dentes, franze um olho, levanta. um dedo e, como fazem os mais fortes, o põe em riste diante do nariz do' seu opositor em lágrimas.

— *Vou tomar o gorro! — Diz pausada e terrivelmente. — Tu ficas com a cabeça descoberta. Eu preciso do gorro, o gorro fica comigo.*

— *Não! O gorro é meu, foi minha mãe quem o fez, é meu...*

O outro não se arrisca a fugir e bate os pés, nervoso e cheio de medo, esperando o instante em que o grande e forte vai cair sobre ele.

Ê quando o menino estranho faz sua aparição.

— *Não brigues por causa do gorro! — Diz com calma — Se queres um gorro, toma o meu. Está bem?*

Ê um bonito gorro, com enfeites de lã em negro e açafião. Mas Eutiquio hesita.

— *Toma, fica com o gorro, é teu.*

Coloca-o entre suas mãos e, como o incidente está terminado, a- travessa para o canto oposto e segue rua acima, assoviando, sem nem ao menos olhar para atrás.

Eutiquio não sabe porque motivo o segue. Talvez porque não é capaz de fazer o gorro verdadeiramente seu. Ao contrário, causa-lhe estranheza, é assim como um objeto quente demais entre suas mãos.

Descobre onde o outro vive e, nos dias que se seguem, sempre com o gorro às mãos, passa a vigiar a casa, a seguir o desconhecido. Verifica que, á noite, com pessoas adultas da casa, dirige-se para

um ponto do arrabalde para onde outras muitas confluem Eutiquio fica a rondar no pátio írouxamente iluminado' pelas taedas, oculto â sombra dos tamarfnejros.

Nesta noite, porém, embora não deixasse perceber ou já o tivesse percebido de muito, o outro o vê. Volta do interior da casa de reuniões e pega-o desprevenido, contornando o pátio obscuro.

Fitam-se e o gorro pula entre as mãos de Eutiquio. Não sabe o que dizer e o seu silêncio embaraçado faz com que o menino estranho se a- proxime mais pegue-o pela mão e o empurre para dentro.

Eutiquio deixa-se levar surpreso e cheio de curiosidade. Assentam- se os dois; ele põe-se a ouvir o homem que fala. Relembra-se fatos que se deram há muitos anos, histórias que ele ouve absorvido e que acabam por enlevá-lo. O homem diz à certo instante:

— *E sete pedirem a túnica, dá também a camisa, se te pedirem que caminhas cem passos, caminha duzentos...*

Oram, comungam a fatia de pão singelo, falam-se alegre e pacificamente. Ao sairem Eutiquio está tomado de um inesperado desembaraço. Diz ao outro:

— *Não és forte, se o fosses, o que farias?*

— *Protegeria o fraco.*

Eutiquio silencia, roda o gorro entre os dedos.

— *Bem... vim devolver o teu gorro... não posso ficar com ele.*

— *Não ó mais meu. Ê teu... Eu te dei o gorro...*

Eutiquio respira fundo, depçr fala:

— *Bem, ao invés do gorro... preferiría ser amigo teu...*

O outro bate-lhe nas costas:

— *Seremos amigos. Inicio-me no conhecimento da doutrina de Jesus, gostarias de me acompanhar?*

— *Oh! Sim, muito!*

— *Então vem ã minha casa amanhã. Sabes a hora, não sabes? Eutiquio e João põem-se a rir...*

** * **

Aécio ria-se e dizia:

— *Eles precisam dar suas bonitas e quentes roupas. Todos nós temos de dar as nossas roupas. Não penses que se sentem desgostosos ou tristes por causa disso. É muito bom dar a nossa roupa.*

Eutiquio estava junto de João. Os três se olhavam, depois voltavam- se para Cirilo cheios de mistérios e Eutiquio dizia a sorrir:

— *Sim, é justo! Quando não temos um gorro para dar, é justo que nos livremos do manto!*

Eu dava de ombros e comentava:

— *A confraternização secreta do manto e do gorro-..*

Mamãe aceitava-lhes a colaboração espontânea, mesmo porque a presença de João na casa e os estudos que se processavam à noite, tra- zia-os a cada tarde. E foi no decorrer daqueles dias, quando a tosquia já ia ao fim que, certa noite, pressenti, insone, que alguém tentava invadir o aprisco. Um leve rosar de Coronna fez-me assentar na cama. Quando ela se pos a latir, Cirilo já estava de pé no meio da sala. Atenta e furtivamente nos movemos para o fundo da casa e abrimos a porta do alçapão que dava passagem à escada dos fundos. Mamãe e vovô vieram se juntar a nós. Ela sussurrou:

— *Há de ser um lobol*

Mesmo no escuro entretanto vi que vovô balançava a cabeça, dizendo que não.

Só muito fortuitamente eles apareciam e, mesmo assim, antes de atacar, era certo ouvir-lhes os uivos, muitas noites seguidas. Além disso só no Inverno mostravam-se atrevidos. Não, não era um lobo! Meu coração pos-se a pulsar loucamente. A conversa entretida com Nícalo, poucos dias atrás,

e que eu quase esquecera, voltou-me inopinadamente à cabeça.

Em curtas investidas, Coronna latia e rosnava em torno do cercado guarnecido de uma forte paliçada de espinheiros, intransponível aos animais selvagens. Eu me transformara em um feixe de nervos tensos e pus-me alerta a ouvir os menores ruídos que chegavam lá de fora. Depois não me contive. Ergui-me e esgueirei até a porta da frente. Desabridamente abri-a exatamente enquanto os latridos de Coronna se faziam mais raivosos e alarmados. Vi-os. Eram dois vultos a correr pela colina banhada pelo luar.

Vovô e Cirilo que chegavam pelas minhas costas também puderam vê-los antes que desaparecessem, do outro lado do cômodo. Corriam ligeiramente e Cirilo observou:

— São jovens, são dois jovens, dois gatunos. — Disse voltando-se para mamãe.

Aquela hipótese teve a faculdade de me acalmar e de fazer suportável as censuras que mamãe me dirigiu por ter aberto a porta. De fato eu agira sem pensar, abri-a casa aos assaltantes. Abaixei a cabeça e ouvi com humildade a repreensão. Como revelar o incoercível impulso que me levara do alçapão à porta? ^ ^

Na manhã seguinte despertei com a lembrança de Prisco pesando em meu coração. Era como se, diante de uma fonte, eu tentasse estancar a correnteza com as mãos, até quando a água não mais pudesse ser detida e, já em borbotões, se despejasse sobre mim. Eu procurava fugir aos pensamentos, dstê-los, porém eles apenas se acumulavam até o ponto em que se extravasavam dolorosamente. Demorei-me divagando no leito e só quando mamãe veio me espiar foi que me apercebi de que o meu atraso se fazia notado. De manhã levantei-me atrapalhada e me desculpei por haver demorado tanto. Surpreendi um brilho de surpresa no olhar de minha mãe. Era aquela a primeira vez em que me descuidava de minha cooperação na casa.

Aquilo ajudou a adensar minha tristeza. Eu não desejava que, mesmo por um simples instante, fosse rebaixara na confiança em que me tinham. Enquanto me alimentava, rapidamente, à vista dos quatro, pensava nas demoradas experiências por que tinha, vagarosamente, de passar, nos solitários e amargos momentos que, tudo levava a crer, me esperavam, embora eu nunca os supuzesse tão próximos.

Gútrio foi capturado na noite seguinte. Daquela vez os assaltantes, com um excesso de ousadia que podia ser atribuído à fome, tentaram alcançar o redil tomando a cadela de surpresa. Como uma forte brisa começara a soprar depois da meia-noite, trabalhando contra o vento, atearam fogo a um trecho da paliçada ext.emamente seca e tentaram transpô-la pela outro lado. O instinto de Coronna, porém, foi mais forte, ela abocanhou furiosamente a mão armada que se levantara para ferí-la de morte. Um grito de dor nos acordou. Já então, entre o estrépito dos animais em pânico, podíamos ouvir o característico e aterrorizante crepitar dos espinheiros em chamas. Apesar dos gritos de mamãe vi que vovô e Cirilo abriam a porta da frente e desciam como loucos os degraus da escada. Eu abri o alçapão e descí precipitadamente os degraus cortados na rocha, com João e mamãe nos meus calcanhares. No ângulo em que a paliçada tocava o paredão rochoso, atenta e furiosa, Coronna acuava os assaltantes, movendo-se como um pêndulo, na técnica que tão bem desenvolvera junto ao rebanho. Ao nos aproximarmos, iluminados pelas chamas, os desconhecidos tentaram um desesperado recurso de fuga e investiram em nessa direção. O mais alto e mais forte foi bem sucedido. Abrindo caminho entre João e mim, atirou-nos ao solo com violência e, saltando por sobre as chamas, escapou para fora.

Ao correr em direção a nós vi-lhe perfeitamente o rosto largo, os olhos, mongólicos e a negra trança enfeitada que lhe descia do alto da cabeça. Depois eu soube que, do outro lado, fora também de encontro a meu irmão e vovô. Estes, como nós, não lhe opuseram resistência.

Levantei-me rapidamente, corri para Coronna e abracei-a firmemente pelo pescoço. Com as ordens enérgicas que mamãe e João lhe gritavam, nós a contivemos. O outro assaltante, ainda um rapaz, tentava grimpar o paredão de pedra, porém as fôrças lhe faltaram. Ele caiu, com um surdo baque,

sobre o solo.

Nos momentos que se seguiram, quase sem pensar, nos pusemos em ação. Mamãe e João arrastaram o desfalecido para o interior da gruta e, dificultosamente o alçaram degraus acima. Eu corri ao auxílio de Cirilo e João que tinham iniciado o combate às chamas. A água que tínhamos em reserva, entretanto, bem cedo se esgotava. Foi preciso correr ao rio. Fiquei então, acionando a nora e enchendo os jarros que traziam a correr. Não sei quantas horas permaneci ali, sobre o barranco. Quando o dia nasceu vovô se aproximou e tomou-me pela mão, levando-me de volta à casa. Eu estava molhada e tiritava, tinha os braços doloridos e uma estranha sensação de peso na cabeça. Mamãe e Cirilo olhavam mudos a devastação. Aquela paliçada fora construída, cuidadosa e solidamente por nosso pai. Dois terços dela estavam completamente destruídos. Sem nada dizer mamãe deixava que as lágrimas escorressem de comprido por seu rosto e pingassem, uma a uma, em sua camisa de dormir.

Gastei ainda algum tempo para reunir os animais e quando voltei e entrei na casa, vi-a, já inteiramente recomposta, debruçada sobre o ferido. Era jovem, talvez da idade mesma de Cirilo, se não tivesse menos. Seus cabelos oleosos e sujos eram compridos e divididos em tranças. Co-ronna abocanhara-lhe o pescoço e rasgara-lhe os tecidos perigosamente, quase tocando as artérias. Sangrara abundantemente por vários lugares, porém mamãe já o enfaixara e cuidara- Agora jazia exangue e desacordado sobre algumas peles, diante do fogo.

Assentamo-nos para o desjejum quase sem nos falar. Sei, seguramente, que não havia rancor nem ressentimento em nenhum de nós, embora isso possa parecer estranho. E com certeza pareceu estranho ao desconhecido quando debilmente entreabriu os olhos e nos encontrou a fixá-lo com apenas uma certa curiosidade.

De início o terror pintou-se em sua face, depois a suspeita e, finalmente, verificando a circunstância de sua captura, um despeito amargo que o fez soluçar selvagememente, como um pequeno animal preso à armadilha. As forças faltavam-lhe até mesmo para esboçar um gesto de fuga. Mamãe ergueu-se quando o viu chorar.

— É um menino, — Disse. — uma criança!

E se algum rancor houvesse em nós, naquele Instante se desfez de todo. Ela se ajoelhou junto ao rapaz e tentou enxugar-lhe o rosto sujo e imberbe com a ponta de seu grande avental. Ele, porém, a repeliu apertando os lábios com orgulho.

— Nós não te deteremos. — Ela voltou a falar. — Poderás ir quando quizeres, mas não creio que devas por enquanto, mesmo porque tuas forças não te bastariam.

Ele pareceu não compreender e soluçou mais alto.

— Digo-te que não és um prisioneiro! — Mamãe Insistiu. — Poderás ir embora quando quizeres. Vê, cuidamos teus ferimentos, não queremos te fazer nenhum mal, compreendes?

Um olhar de pasmo foi sua primeira resposta. Conteve o pranto e fechou-os olhos. Mamãe abriu uma de nossas mantas e cobriu-o. Ele adormeceu.

Quando voltei, à tarde, estava num catre montado na cozinha. Soube que aceitara o leite e a papa que mamãe lhe dera. Mas naquela noite não lhe vi o rosto pois cobrira a cabeça e virara-se para a parede.

Não houvera tempo de improvisar uma cerca e então vovô imaginara o recurso de acender pequenas fogueiras em derredor do aprisco. A Todo o instante, no decorrer da noite, Cirilo e ele se levantavam para abastecer o fogo. Tinha sido combinado que, se em algum momento o estranho se levantasse e tentasse partir, não o deteríamos. Isso, entretanto, não aconteceu. Uma febre intensa se apou -ira dele e o prostara delirante, exigindo de mamãe e João uma assistência vigilante e constante.

Um dia e outros dias transcorreram. Penosamente levantamos um ai remedo de cerca usando galhos de espinheiros que cortávamos pelos arredores ao preço de mil e um arranhões doloridos. Se

perdoáramos a destruição havida, o mesmo não se dava com Coronna. Ao passar pela catre do jovem assaltante farejava o ar muitas vezes e olhava para nós interrogativamente, como a perguntar: — “E então, de que valeu castigá-lo?”

Na tarde em que nossos amigos costumavam vir, nosso trabalho foi suavizado. Enquanto duraram as luzes estiveram conosco a cortar e a arrastar as urzes, os agressivos galhos do espinheiro negro. Com eles um pouco de ruído diferente veio para dentro da casa e as tonalidades de tragédia e desastre arrefeceram. Filoctemo tratou-nos com naturalidade, não hesitou em tocar a fronte do enfermo, auscultando-lhe a febre, entre comentários ocasionais.

Senti que meu cansaço e abatimento não lhe tinham passado despercebidos quando me convidou a ir ver “os tesouros do crepúsculo”.

Saimos a andar vagarosamente até o alto da colina espiando as cores brilhantes do poente. Ele entretinha-me com assuntos ligeiros despertando-me a atenção para pequenos detalhes do Verão que ia em meio. Mas em breve regressamos, pois que os outros o esperavam para as leituras da noite. Lembro-me da suave vitalidade que parecia promanar dele, de sua voz, de toda a sua pessoa, e de sua cabeça envolta na doirada poeira do Sol no ocaso.

Lembro-me também de Cirilo a distender os braços do lado de fora da casa rubra pelo clarão da tarde, e a dizer:

— Vai ser divertido contar esta aventura!

Essa frase teve o dom de me fazer sorrir e um pouco do meu abatimento se foi. Uma onda de ternura jorrou de meu coração envolvendo o expansivo grupo. Aos meus olhos, naquele instante, meu irmão e seus jovens amigos surgiam altivos e graciosos, desanuviados, suas faces irradiavam um quente colorido.

Um deles, Caio, apelidado “paizinho” improvisando uma brete pantomina em risadas gerais, ofereceu-me flores colhidas de entremeio à poda dos espinheiros.

CAIO

Havia entrado e o pequeno Andreas corria a abraçar-lhe as pernas. O silêncio, dentro dos cômodos singelos o assustava e ele se aeteve esperando. Mas a voz do pequeno Andreas o chama:

— *Chega-te, chega-te...*

Caio transpõe o limiar. Seus olhos caem sobre Antistlos e o fixam em cheio. O velho parece estar olhando para ele e seus olhos são grandes e profundamente azuis. Estão claros, ninguém os dirá incapazes de ver. O velho Antistlos não diz nada e ele fica ali de pé, balançando-se aflito, desconcertado até que exclama:

— *Pois bem.. .1 — E arrebenta em soluços!*

Ajoelha-se aos pés do cego e descansa a cabeça nos seus joelhos.

— *Peio amor que te tenho, bom Antistlos, a questão será aclarada. Suficientemente aclarada como é preciso- Pedirei a papai, ele se encarregará de tudo, de uma investigação minuciosa. Amanhã, ao mais tardar, ele estará aqui- Então poderemos efetuá-la... estejam os outros de acordo ou não. A justiça vem á frente de tudo!*

O cego, que o deixara falar livremente, se sobressalta:

— *Não... não! Tens de persuadi-lo justamente a não fazer Isto. As causas justas não podem ser julgadas assim... outras violências viriam. Filho, ó preciso perdoar. Setenta vezes sete vezes ó preciso perdoar. Assim é preciso fazer!*

As mãos do velho estremeçam em sua cabeça, ele hesita, depois diz rapidamente:

— *Caio, meu filho, é preciso que me confesse contigo, que sempre tiveste o maior amor para conosco. Vê só, já sou muito velho, a vista não me fará tanta falta... Agora ouve bem: Quando vim para cá, o pai de teu pai era ainda jovem. Servi-o e depois servi a teu pai. Serviria a ti e a teus filhos se os dias do homem não fossem limitados... Quando eras pequenino e choravas á noite, tomava-te*

nos braços e levava-te para os últimos cômodos da casa, para que teus pais dormissem. O mesmo amor que dei a meus filhos, del-o a ti...

— *Sim, eu sei, eu sei... — Diz Caio com emoção. Eu poderia dizer que me amaste mais do que meus próprios pais. Tens sido aquele em quem confio, aquele que me compreende em tudo... Por isso não posso aceitar o que fizeram contigo... Dize-me, Antistlos, tu és mesmo cristão como alegaram?*

— *Isso queria dizer-te. — Responde o cego lentamente. — Sim, sou cristão. Cresceste, és um rapaz decente. Escuta, pois: todos estes dias tenho pensado em ti e satisfaz-me saber que te posso falar com franqueza. Os anos não me ajudam, sinto que não poderei suportar mais... ontem à noite percebi que a vida me escapa. Deixo para atrás Andreas... É tão pequenino... Andreas me esquecerá e, esquecendo-me, quanto lhe tenho ensinado se apagará. Esse pensamento doe em mim. Necessito de tua colaboração, filho, para que não possa esquecer. Só tu me podes prometer isto. Tu o farás?*

— *Antistios, dize-me: qual tem sido o segredo de tua bondade, de tua paciência, de *eu desvelo' em todos estes anos? Por que deseias que teus ofensores sejam perdoados, não uma, mas setenta vezes sete vezes? Jesus ensinou-te assim? Julgas que possa ter sido Ele? Tua resposta é importante para mim, fala-me com sinceridade.*

A voz de Antistios se torna trêmula e morna de emoção:

— *Sim, filho, de Jesus me tem vindo o melhor...*

— *Antistios, pede então a Jesus que te conceda o tempo de vida suficiente a que me instruas. Quero ser um cristão como tu. Tu me ensinarás, eu ensinarei ao pequeno... Estamos combinados?*

No silêncio da casa a voz do velho anue:

— *Sim, estamos combinados! Oremos juntos então...*

...

— *Vamos Andreas, agora tu! — Animava Caio ao pequeno de quem se encarregara, anos antes, o que lhe valera o apelido.*

Andreas, para imitá-lo desejava ofertar-me o casulo de lagarta que encontrara não se sabia onde e que muito, interessava aos seus olhos muito azuis e muito espertos. Até que se decidiu:

— *Toma! — Disse entregando-me o emaranhado cor-de-palha. — Perdeste a casa de teus carneirinhos, fica com a casa da minha borboleta.*

O pequeno discurso foi saudado com risadas e palmas. Beijei Andreas e pus-me a acariciar o seu rosto gorducho, iluminado por um calmo sorriso. Aquelas tristezas e aquelas alegrias davam-me a sensação de existir. Outrora, na infância, eu era como a paisagem difusa, antes do dia nascer. Minha personalidade se definia em contornos, Prisco era o instante mesmo do erguer do Sol.

Eu tinha brasas no coração, mas em minha boca havia fios de mel. Era como no canto da bem amada de Salomão, o rei, muitas de cujas estrofes João sabia repetir de cor. O amor era assim: as coisas agrestes, os espinheiros, o leite, o mel.

No ano e meio que se seguiria, eu deveria conhecer, encontrar muita gente. A manhã do dia seguinte estava marcada para Jântio.

Quase ao Sol a pino eu me refugiara sob uma fresca abóbada das ruínas, bem próximo ao rio. Ele remava contra a correnteza, desenvolvendo grandes esforços e pos-se a gritar quando me viu. Com valentes remadas abicou para o remanso onde eu estava e atirou-me a corda de cânhamo.

— *Ora, viva! — Disse passando o nó pelo galho de uma framboezeira silvestre.*

Estalei os dedos chamando Coronna e ao vê-la aproximar-se perguntei-lhe:

— *Quem és, e o que desejas?*

— *Tu és Galla? É Galla quem está aí?*

Era um modo estranho de falar, tão estranho quanto a personalidade toda com que eu defrontava.

— *Sou Jântio, o pintor.*

Jântio, o pintor era pisco e tinha os gestos mais desconexos que eu jamais vira em toda a minha vida. Se não fora o rubor que fluía e refluiu em sua face, denotando o seu embaraço e a funda

tristeza que havia nos seus olhos escuros, poderia ser tomado por um cômico de feira e provocaria o riso. De qualquer forma, eu me sentia surpreendida demais para me rir, sobretudo por que me chamara pelo nome, o que não fora explicado ainda.

Percebendo que me assustava purpurejou mais violentamente e pediu desculpas. Coronna mostrava-lhe os dentes rosnando ameaças.

Se... nos sentássemos, — Ele propôs visivelmente nervoso e com desgosto. — Talvez o cão se acalme...

Assentamo-nos e o nosso movimento natural realmente acalmou as desconfianças da cadela. Eu acabara de verificar que o pintor era também gago e tinha esgares tão violentos que, olhando-o, vinha-me a impressão de ver não uma fisionomia, porém muitas ao mesmo tempo.

O que me contou em seguida, entretanto, foi de tudo, o máis inesperado e surpreendente:

— Tenho um amigo, — Disse-me. — um romano aquartelado na XII. Propôs-me o teu retrato. Entre condições... Ninguém poderá saber, além de ti. Se de todo não fosse possível vê-la, pintar de imaginação ou fazer o retrato de um ponto qualquer... aqui por perto... de onde não me visses... Eu não teria facilidade alguma, de sua parte... Teria de me arranjar...

Não fiz comentários e fiquei muda de surpresa a fixá-lo. O meu olhar o incomodava pois que se virou ligeiramente, oferecendo-me apenas o perfil. Porém mesmo assim era tão dramático e penoso vê-lo que minha estupefação se transformou em dó. O meu comportamento não o acalmava. Uma onda de simpatia borbotou em mim. Ele dizia:

— Afinal não é fácil me arranjar... eu assusto as pessoas... Tu te sentes assustada!

— Oh! Não, não como pensas. Não te assustarias se, de súbito, alguém quizesse um teu retrato. Jântio pareceu se animar.

— Está claro! — Seus olhos brilharam com uma certa alegria: — O preço que me pagam é tanto mais elevado pela dificuldade que devia encontrar...

— Sim, eu lhe disse sorrindo, mas desconfio que tu levarás a vantagem. Não serei eu quem criará dificuldades para ti.

— Oh! Honestamente? Isso ó bom... eu necessito vender os quadros, ganhar encomendas para poder viver...

— Eu compreendo...

Jântio suspirou desafogado e eu percebi que seu rosto e seus movimentos serenavam.

— Como então, — Voltei a falar. — um romano da XII deseja o meu retrato. E qual deles entre um tal de Nfcalo e um tal de Prisco?

— Um tal de Prisco...

Jântio avançou até a borda do barco e retirou de sob o banco uma cesta de junco onde, certamente, guardava o seu material de pintor.

— Gostarias de mostrar alguns trabalhos meus... não me conheces nem sabes se sou mesmo pintor... ou se, valerá perder teu tempo posando para mim... Vê!

Alinhou contra os arbustos uma pequena fileira de miniaturas lindas que extremamente provavam a favor de seu talento.

— Também fazes esculturas...

— Sim, quando o modelo inspira essa espécie de trabalho.

Em três dos medalhões que me mostrava, o perfil fora esculpido em baixo relevo antes de ser pátinado suavemente em azul e branco, oferecendo um aspecto macio de porcelana.

— Não aprecias o vermelho e o negro, como os artistas gregos?

— Não... o vermelho e o negro, eles me perturbam...

Essa confissão trouxe um momento de embaraço que procurei desfazer dizendo-lhe:

— Sinto não possuir nenhuma roupa mais bonita, ou pelo menos mais leve, com que posar.

— Não tem importância. O necessário é que consintas e que ninguém saiba... Podemos começar...

hoje mesmo?

— Sim,, como queiras.

Ele saiu a escolher o lugar com as luzes favoráveis e eu, sentindo-me só, deixei-me levar pela nova emoção. Longe de mim, Prisco desejava ver-me mesmo através de um pedaço de madeira esculpida e pintada. Céus! Era amor aquilo? Imaginar e recordar, como eu fazia, não lhe bastavam. Mas, estava claro que não!

Ocorreu-me então que seu orgulho se quebrava, o desejo por aquele retrato era uma confissão de humildade nascente. Ao invés de investir, de arrebatá-lo, ele despertara para a necessidade de nossa segurança, que lhe fugia das mãos, e lá restara, remoendo seu constrangimento e, quiçá, percebendo o temor pela primeira vez. O orgulhoso senhor consentia: não mais o modelo, o esboço tão somente.

Uma onda de sangue borbotou de meu coração enchendo-me de calor e de alegria. Eu tinha um desejo insano de saltar e cantar. Oh! Prisco, oh! Prisco! Como eu posaria feliz para aquele retrato!

Corri ao encaixe de Jântio e pus-me a segui-lo enquanto encontrava o ponto que lhe favorecia. Depois, passivamente, deixei que me assentasse, agitasse as dobras de meu manto, com dedos tímidos tocasse-me a face, acertando o ângulo de seu gosto.

— Serias capaz de sorrir?

Oh! Sim, eu era capaz de sorrir o dia inteiro e, à noite sorriria nos sonhos. E sorri. Jântio também sorriu, humilde, em seus esgares.

Como seria engraçado se os outros viessem me encontrar ali, fingindo de estúpido e como seria impossível a alguém saber a felicidade e a alegria que dançavam por detrás daquela impassibilidade!

Foi a minha felicidade que me fez sentir a desgraça de Jântio. Ele se absorvia no trabalho, porém o rito doloroso e dramático de seu rosto não se desfazia. E, embora a relativa calma de sua fisionomia, aquela curiosa impressão de máscaras superpondo-se continuava. Até que a idéia me veio.

Veio sob a forma de uma correlação: Jântio e o jovem libertado por **Jesus** dos espíritos impuros. Sim, ali estava o caso. Eu precisava falar-lhe a tal respeito, e, febrilmente, pus-me a esperar que se detivesse. A- bordaria o assunto mesmo abruptamente. Jântio podia libertar-se também. Bastava que quizesse, que soubesse como...

Era, aquela, uma intenção curiosamente prosaica dentro de minha emoção. Jântio descansou um instante e eu me aproveitei. Conte-lhe a passagem, falando rapidamente, descrevi-lhe outros casos de cura realizados nos tempos apostólicos e ainda agora, no seio da comunidade, pela imposição das mãos. Ele ouvia de olhos baixos, sem, nem por um momento olhar para mim.

— Bastaria que tivesses respeito e humildade. — Disse-lhe para terminar.

Ele levantou a cabeça e pôs-se a olhar a correnteza do rio. Suspirou.

— É um esforço conjugado... as águas, a terra, as plantas... e- mociona essa humilde mudez, essa eficiência...

— É como se nada quizesse perder tempo, nada, nem as pequeninas coisas. Tudo prossegue rapidamente, com segurança.

— Mesmo depois que tivermos passado e partido, elas recomeçarão tudo de novo, com essa veemente ousadia que me toca e me enche de coragem.

— Dentro da natureza tudo parece dizer: "Sim"! Já reparaste? Mesmo quando as condições são as mais adversas, ouve-se essa resposta afirmativa: "Sim!" dizem os seixos, os minúsculos animais entre os grãos de areia, a menor haste de grama, ainda que no seio escuro e seco da terra, lutando para emergir.

— Porque todos processos não são agradáveis?

— Porque são justos e salutares. Qs melhores são os mais terríveis.

Ele se voltou repentinamente para mim:

— Eu devo tentar, preciso tentar... Basta que eu tenha respeito e humildade, tu disseste...

Não sabes o que tem sido estes anos todos... dores bastantes para que o respeito e a humildade não se fizessem presentes ...

- Quantos anos tens, Jântio?
- Vinte.

As luzes se tinham modificado, ele começou a reunir seus pertences.

— Há ainda alguma coisa a dizer-te... — Eu voltei a falar. — Há riscos a correr. Estarás entre os cristãos, pensa no que isso pode representar.

- Tu és cristã?

Balancei a cabeça confirmando. Jântio deu de ombros:

— Tu e eu nos compreendemos, falamos a mesma linguagem. Eu me entenderei com os cristãos também... Quanto aos riscos... quais, dentre os inimigos, são os mais terríveis? Queres ver o esboço?

Eu não quis ver. Mas perguntei a ele:

- Sabes porque a encomenda te foi feita?
- Ele deverá regressar...
- Regressar?
- Sim, para Roma, em breve... Por Isso quer o teu retrato... Para levar consigo...

CAPITULO — XI

No dia seguinte voltei ao mesmo lugar das ruínas, junto ao rio, e fiquei a esperar por Jântio. Ele não veio. Não sei quantas idéias me passaram pela cabeça. Distanciei do local por algum tempo e depois, nem sei porque, tornei a voltar. Agora o bote estava preso nos ramos da framboe-zeira.

Chamei por ele e não tive resposta. O estojo de junco com seus apetrechos estava esquecido por debaixo do banco, numa poça d'água, dando-me a impressão de que o ocupante do barco saltara precipitada e desastrosamente. Retirei o estojo e pu-lo no seco. Aquela impressão de pressa se intensificou quando olhei melhor para a corda passada entre os galhos. Foi preciso refazer o nó para evitar que o barco se perdesse...

Andei por volta a procurá-lo e tornei a chamar. Coronna, de orelhas levantadas, correu para o cômodo. Segui-a Vi Jântio de longe e tive medo. Dava-me a impressão de um bêbado, a trocar as pernas, a fazer gestos desconexos. Foi um momento só, ele desapareceu ao meu olhar.

As horas foram passando e outras vezes o vi, deambulando pelas redondezas, como um animal, em convulsões selvagens. Tive vontade de tocar a trompa ou de voltar, porém a piedade foi mais forte.

Subi ao cômodo e fiquei vigiando. Já de tarde vi que se aproximava por detrás das ruínas. Segui-o atentamente até que desapareceu entre as altas arcadas. Pouco depois ouvi um grito, um grito horrível, de desespero e dor. Corri naquela direção e seus gemidos fizeram-me encontrá-lo. Cai- ra no fundo de um poço abandonado e não muito fundo, num dos páteos do forte. Debruçando-me na borda vi-o, sem sentidos. Eu necessitava tirá- io iá de dentro. Voltei, reuni quatro das nossas cabras mais fortes, as que trabalhavam no plostelum e, prendendo-as com a corda que sempre trazia, desci ao poço.

Não foi muito difícil puxá-lo, amarrado pelos ombros, para o lado de fora. E vê-lo à luz, de perto, aumentou minha comisseração. Jântio ferira-se nos espinhos e sangrava em muitos pontos. Um suor de agonia empapava-lhe os cabelos, profundas olheiras marcavam-lhe as covas das órbitas, em torno das pálpebras violáceas.

Tratei-lhe as feridas com o sumo de algumas folhas que conhecia e lavei-lhe o rosto. Tentei dar-lhe de beber do meu cabaz, porém não o consegui. Sentei-me ao seu lado e ali estive muito tempo a orar.

Jântio parecia dormir, um sono profundo de exaustão, e eu já começava a me preocupar quando

despertou. Levantou-se com dificuldade e foi assentar-se a pequena distância de onde me achava, porém dali sorriu-me tristemente, como a pedir desculpas. Eu me aproximei e estendi-lhe o cabaz, do qual ele bebeu com sofreguidão, pois estivera por horas, a vagar ao Sol. Depois disso uma palidez mortal se pintou em seu rosto. Sua cabeça descaiu com desânimo.

Ajoelhei-me por perto e tentei fazê-lo reagir. Chamei-o. Seu rosto se havia asserenado porém as estranhas mutações já se faziam sentir. Uma estranha coragem se apossou de mim. Estremeci sentindo que aquele assomo de piedade e decisão se transformava numa força viva a promanar de mim. Meu coração irradiava. Tomei o rosto dele entre as mãos e ordenei-lhe que repetisse comigo a rogativa que ia fazer. Ele se contagiou recostou-se e, de olhos nos meus, pôs-se a repetir quanto eu falava.

Invoquei as forças espirituais do amor, da caridade e da paz em nome de Jesus. Longamente oramos juntos, eu cheia de inesperada firmeza e obstinação, ele de humildade, desalento e emoção. Pedi fervorosamente a libertação de Jântio, implorando assistência e luzes para quantos o jungiam àquela horrível e desesperada escravidão. E quando terminei tive a certeza de que, embora momentaneamente, tínhamos levado a melhor. A cor voltara ao seu rosto, sua disposição melhorou o suficiente a que se decidisse a trabalhar um pouco.

Naquela tarde, a seu pedido, ensinei-lhe a repetir as palavras do Pai Nosso, contando-lhe as circunstâncias em que Jesus as transmitira aos seus seguidores. Analisamos juntos as frases feitas de entrega e humilde expectativa em que os anseios pelo céu se cruzam à visão dos perigos da terra. O "não nos deixes cair nas tentações" inflamou a imaginação de Jântio e estivemos a conversar a este respeito. Tentei analisar com ele os aspectos diversos da nossa invigilância, extendendo-me às causas remotas, em vidas pretéritas. E foi por isso que o convidei a vir a nossa casa.

Certamente a questão do retrato e tudo o mais deveria ser mantido como um pequenino segredo entre nós dois. Aconselhei-o a explicar e confiar os detalhes todos de seu caso à experiência de Filoctemo. O coração dizia-me que íamos acertar.

Ele se despediu cheio de gratidão. Largando o barco ao sabor da correnteza, rio abaixo, acenava-me adeuses.

— Vem amanhã, — Eu lhe dizia. — Levar-te-ei à minha casa... Tu estarás então com eles.

Jântio abanava a cabeça dizendo que sim. Voltei atrás e fiquei esperando o chamado de casa. Houve um silêncio na tarde em que nem as ovelhas baliavam e em que eu ouvia o escoar das águas entre as pedras. Em seguida uma balsa ganhou a curva do rio. "EU Eil", gritavam-me dela.

Angio e Cândido passaram rapidamente dirigindo-me acenos, ao sabor das águas. Depois o silêncio voltou. Olhei o ponto onde me estava posando para o retrato. Aquele fundo cinzento de pedra, aquela luz iam seguir representadas em tintas, para muito longe...

Depois que Jântio me falara sobre a partida de Prisco, uma só coisa sucedera: aquela doida alegria que me assaltara se me surgiu amarga, como uma galhofa que eu mesma me fizesse, e teve a força de trazer meus sentimentos para seus antigos lugares. Só isso. Nenhum acréscimo de tristeza, nenhum desespero. Depois, havia Jântio ali tão perto, confrangendo-me o coração. Sinderamente eu desejara ajudá-lo, e esse esforço tivera a virtude de ocupar lugares em meus pensamentos, de absorver uma parte da força do meu coração.

Desgastar-me, exaurir-me, fazer de minha dor a maior de todas, serviria apenas para trazer-me uma sensação de culpa que não desejava. Todos éramos criaturas, Prisco, Filoctemo, Jântio, eu. Seria monstruoso por o meu problema à frente. Na realidade tínhamos invadido os terrenos uns dos outros. Ontem? Hoje? que importava. Os limites tinham sido confundidos, por bem ou por mal, de qualquer forma arrastando responsabilidades que era preciso enfrentar.

Voltei para casa e, nessa noite, estando a sós com João e Cirilo, falei-lhes a respeito de Jântio. Tínhamo-nos assentado nos degraus da frente, no escuro, a ouvir os grilos e a assistir à queda das estrelas, na direção do Norte.

Sem mencionar o retrato contei-lhes que Jântio, saia a pintar os campos e que, assim, o encontrara. Descrevi-lhes aquela estranha máscara líquida que eu surpreendera no moço:

— Assim como vários rostos superpostos e refletidos na água em movimento, tentei explicar, buscando uma imagem para as modificações que se processavam no rosto do pintor.

— Muitas faces? — Perguntou Cirilo com interesse.

— Sim, algumas pelo menos.

Concentrei-me e tentei recordar o quanto vira. Depois fui mais explícita:

— Às vezes o esgar de um rufião, depois a expressão de uma profunda tristeza, em seguida a máscara da loucura. Alternam-se, confundem-se... Os músculos de sua face parecem impotentes a todas essas pJas- magens, reagem convulsos, em pequenos espasmos... É terrível...

— Não sabemos ainda o bastante a respeito de tudo isso, dessas **Invasões** à casa física alheia...

— Disse Cirilo. — Um dia, porém, o homem alcançará o conhecimento desse mecanismo. Então será mais fácil

— Pobre Jântio! — Eu disse sentindo um vago desconforto. — O- xalá possamos fazer alguma coisa por ele!

— Sim, será possível. — Fez João com firmeza. — E não será tão difícil! Basta que ele venha e que alcancemos realizar um conjunto de circunstâncias favoráveis. Estás segura de que ele virá?

Fora, pelo menos, o que Jântio me garantira.

— Será preciso que Gemma esteja presente. — João prosseguiu.

E voltou-se para Cirilo: — Achas que ela virá?

Foi a vez de Cirilo dizer que sim. Eu, porém, ainda não estava **entendendo e** mesmo sem que perguntasse, meu irmão veio em meu socorro.

— Filoctemo e Gemma têm o dom de profetizar, sabias?

Não, eu não sabia.

— Queres dizer que será possível dialogar com os espíritos através deles? — Perguntei.

— Se tivermos uma boa assistência...

— Sim, isso será bom, dará certo! — Concordei.

Era o que Adastro costumava fazer: falar aos espíritos dos mortos, deles haurindo roteiros e orientação, se fossem esclarecidos e bem intencionados, ou aconselhando-os, favorecendo-os com os benefícios da prece, se estivessem perturbados ou se fossem maus por ignorância. Não era difícil distingui-los. Bastava, como ensina João, verificar com segurança se vinham de Deus. "Vede se os espíritos vêm de Deus!", o apóstolo escrevera.

Jântio não faltou no dia seguinte. Estava mais calmo e mais seguro, porém de imediato percebi, por suas pálpebras vermelhas e inchadas que ele, seguramente chorara abundantemente. Quis fazer-lhe perguntas mas não me atrevi. Nos olhos pisados, o seu olhar era doce e implorativo, como o do cão espancado que encontra de volta o seu senhor. O que se teria passado?

JANTIO

Mora num suburblo, sozinho... De tarde, dispensa os serviçais com receio do que vai se passar à noite, pois à noite sempre vem o pior. "Eles" redobram sua força, as sombras os fortalecem, tornam-se irresistíveis e insaciáveis.

Por dentro a casa é sombria e triste. Noite alta Jântio desperta no solo, molhado em líquidos repugnantes A cabeça doi-lhe desesperadamente. Levanta-se e desce cambaleante a pequena escada que conduz aos depósitos de água. Lava-se o melhor que pode. A cabeça, com uma ponta de lança em brasa lá dentro, é toda ela uma dor sem remédio. Volta exausto para dentro. A atmosfera da casa deprime-o, desperta o seu desespero.

Jântio percebe que o brinquedo de gato e rato se iniciou. "Eles" o deixaram livre, mas o espiam de pata levantada, esperando. São monstros de olhos de fogo e grotescas cabeças. Jântio não pode

escapar deles, o mais que pode é furtar aos outros o hediondo espetáculo, por vergonha, por piedade, por horror.

A coisa vem de longe, de sua infância, porém nunca pudera habi tuar-se. Sai a tropeçar em seus cavaletes, nos materiais de pintura que & travancam a sala, abre a porta e sai para a rua. É madrugada e de longe vem o choro de uma criança. Na esquina ele passa pela oficina do ferreiro. De pé, o homem golpeia alguma coisa com o seu martelo. Tem o dorso nú, seu braço é maciço, seus golpes fortes e certos hipnotizam Jântio. Eles atingem um bloco de ferro rubro que, batida a batida, vai se moldando numa lâmina comprida.

Jântio fica a olhar. Como gostaria de se libertar bem depressa. I- magina sua cabeça no lugar do bloco em chamas e depois um golpe, um golpe só. O trabalhador olha-o com estranheza, ele sal a andar com passos trôpegos de bêbado. É-lhe dificultoso respirar, porém segue, segue sempre.

O Sol se levanta, inicia o seu círculo de ouro sobre a cidade, em busca do horizonte. Jântio está exausto, porém há aliviado. Urge que vol- 98 } e à casa, porém a idéia amedronta-o e desgosta-o. Precisamente no momento em que se detém para descansar, recorda-se do modelo, da moça cristã das colinas. Suas palavras tinham sido doces, ela é bela e suave. Suas mãos, sobre o rosto em chamas, tinha sido um brando refrigerio. Incitara-o a buscar auxílio na prece e isso fizera com ele, renovando suas torças.

Mas, agora, Jântio esqueceu. Necessita o remédio e o esqueceu. Como é mesmo? Como é mesmo? O Rabi judeu ensinara aquela rogativa num domingo. Como é? Como é?

Jântio volta sucumbido, lentamente. Se ao menos pudesse lembrar o nome do Rabi... Aquilo era força, a verdadeira força... Era o poder Imortal que renascia dos espetáculos dos circos, das cinzas dos incêndios, que triunfava da morte no martírio. Franze o cenho, retesa-se, acua sua memória torturada. Então relaxa-se: Jesus é o nome.

Jântio sente o primeiro estremecer de seus músculos cansados e estuga o passo. A coisa vai se dar. "Eles" renteiam.

Entra em casa e, apressadamente tranca-se no quarto. Tem presente o nome daquele que a pastora chama o "Mestre do Amor". Jântio vai fazer outro esforço desesperado e arrancar de sua cabeça em fogo as palavras da prece. Assenta-se. Concentra-se. Transpira, cheio de ansias, em pranto, tentando lutar contra o círculo que se aperta. Oh! Deus, oh! Deus, ele encontra as palavras!

— Pai nosso que estás em todas as partes, glorificado seja o teu nome, venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade...

Agora o círculo de fogo se distende. Ondula, reverbera, mas se distende. Jântio sente-se mais seguro. A idéia de que pode lutar desafoga-o, fortifica-o. Concentra-se no nome de Jesus e, lentamente, repete as palavras da rogativa, tal como a jovem lhe ensinara. Respira descongesto. Em seu redor as forças, "eles", palpitam, rondam, agitam-se, mas não podem se aproximar...

Jântio quer gritar o seu alívio. Cal de braços sobre o leito e chora desvairadamente, repetindo cem, mil vezes o nome de Jesus. Por quanto tempo?

Sabe que se poderá libertar. Sua força em Jesus é débil, mas poderá desenvolvê-la, poderá fazê-la crescer. Então expulsará de uma vez por todas os brutais carcereiros. Isso? Não, não será assim! É preciso fazê-los compreender. Jântio deve dar-lhes o amor que recebe!

No silêncio do quarto, entre soluços, ouve-se baixinho:

— Possa eu ser, Jesus, como a sombra humilde sobre o solo e debaixo de Teus pés...

** * **

Pintou algumas horas e, depois, convidou-o a acompanhar-me. Mãe veio nos esperar do lado de fora e levou-o para dentro. Oeiu conosco, entre João e Cirilo. Eu tive de levar os cântaros à fonte e quando voltei já os encontrei ao lado de Filoctemo e de vários dos outros, debruçados sobre os papiros.

— Salve! — Filoctemo me disse.

— Filoctemo acaba de mostrar-me, nos escritos, os episódios de que me falaste. — Disse-me Jântio com simplicidade.

— É bom que a reunião se faça tão cedo quanto possível. — Falei depositando a bilha no escabelo. A noite se aproxima... Jântio não te falou? E Gemma, veio?

Olhei em torno procurando-a e antes que Filoctemo confirmasse a sua vinda, vi-a no canto oposto da sala. Aquele olhar serviu também para que eu verificasse como o número de freqüentadores para a reunião de estudos crescia, dia a dia.

— Preocupas-te por Jântio...

— Sim, o pobre sofre muito. O que pensas da situação?

Não esperei, entretanto que ele respondesse e aduzi:

— Nunca me falaste de tuas faculdades, eu não sabia!

— Sabes que não nos falamos há quase uma semana?

Filoctemo não era de se queixar. Isso e o modo como disse estas últimas palavras fez com que eu me voltasse surpreendida para ele.

— Isso mesmo, confirmou. Há quase uma semana! — Seus olhos sorriam plenos de simpatia e ternura. — E, falando em faculdade, tenho élos novos.

Quase advinhei, porém, como sempre, neguei-me a admitir. Disse:

— Oh! Não!

— Oh! Sim! — Fez Filoctemo levando para frente meu ar de caçoda. — Jântio e Gútrio.

Gútrio também! Eu quase me esquecera de Gútrio, o último e inesperado hóspede da casa. Entretanto, a meiga reprovação que Filoctemo me endereçara ainda perdurava em mim, na forma de uma desagradável sensação de remorso. Eu ia dizer alguma coisa quando Cirilo se interpôs entre nós. Era preciso iniciar a reunião se quiséssemos dispor de mais tempo.

Sim, por um breve instante eu me esquecera. Busquei Jântio. Estava desconcertado e nervoso a um canto. Com as duas mãos procurava esconder as agitações e impaciências de todo o seu rosto.

Assentei-me junto dele para reconfortá-lo. Ao cerrar os olhos para a prece inicial, vi, por último, a pequena assembléia em silêncio, iluminada por uma única candeia, João à cabeceira da mesa, designado para presidir. Gemma e Filoctemo ao seu lado. Depois ouvi apenas. Posso, todavia, lembrar uma a uma as palavras que foram ditas e os silêncios que caíram sobre nós, às vezes angustiados e pesados, finalmente leves e reconfortantes, os gritos e gemidos, as violentas imprecações, as frases de terror, de delírios de insubmissão, mas também a voz tranquila e aprazível de João entre preces, renovando advertências, aconselhando, pedindo, orientando com ternura e amor.

Como eu imaginara, eram três os perseguidores invisíveis de nosso pobre Jântio. E um a um se apresentaram, embora entre protestos e altercações. Uma força sobre-humana, entretanto, tangia-os por invisíveis canais. Posso ainda ouvir a voz do primeiro deles, apresentando-se a gritar:

— Por Júpiter! Por Júpiter! — A tatear o vazio em derredor de si, como que momentaneamente cego.

E já não era mais a voz de Jântio aquela, porém uma voz trovejante e áspera, que me fez estremecer. Minutos depois já tínhamos elementos suficientes para a identificação do espírito que se apresentava. Trata-se do próprio avô de Jânfo revoltado ainda por seu nascimento em condições que não nos *era* difícil adivinhar.

Enquanto João falava-lhe, exortando e explicando, nós orávamos incessantemente. Suponho que esse homem irreduzível e duro foi arrebatado pelas poderosas forças espirituais ao recinto do trabalho, pois que sua voz expirou pela garganta de Jântio entre urros e negações, sempre a repetir:

— Por Júpiter, por Júpiter!

Nem bem o reconfortante silêncio se fizera, o segundo deles se apresentou. Como o primeiro e

o outro que ainda deveria vir, era um ser perdido e desgraçado pela ignorância. Embora se expressasse num idioma estranho e que éramos incapazes de compreender, suas frases eram repassadas de uma tristeza tão grande que me confrangeu o coração. Teve um primeiro e longo monólogo e então o dom de Gemma se exerceu. Valendo-se do mesmo idioma, pos-se a falar com ele e era uma mulher presente. Seu tom de voz também era triste porém, às vezes, repassado de um sopro de vitalidade. Eia, com certeza, insuflava-lhe coragem, a- cenava-lhe com possibilidades embora, talvez, a um alto preço. E quando osse melancólico diálogo cessou, indicando que seus participantes se redravam, por Filoctemo tivemos a palavra elevada de nobre trabalhador e-vangélico na esfera espiritual.

Tínhamos estado, contou-nos ele, em presença de antigo soberano eriarate, um dos primeiros reis daquela raça. Nesse passado remoto, chamara um certo artista a embelezar-lhe o palácio. O serviço, porém, não chegara a completar-se. Roubando-lhe a alegria e a paz, o artista partira levando consigo a esposa favorita. O passado, naquela noite, ressuscitara. Os tres se defrontaram.

Requisitando preces, o orientador silenciou.

Pressenti, então, que a vez do rufião chegara. Veio entre assobios e pequenos trechos de canções canalhas que, obstado por qualquer coisa, não conseguia articular completamente. Era um pândego maldoso, um sátiro em busca das orgias às quais esperava levar o jovem artista. Mas Jântio o decepcionava. Sua vitória tardava e já se sentia decepcionado. João desejoso de motivar o seu despertamento, falou-lhe longamente, mas não houve receptividade.

— Adeus, adeus... — Despediu-se ele a rir e assobiar. Jântio não é companhia que me sirva, nem vós o sois. Ficai com vosso palavrório, toca divertir-me...

Por último ouvimo-lo a cantar baixinho: "Vénus emerge nas águas... sacode os cabelos úmidos e orvalha os medronheiros... as pequeninas gotas vestem-lhe os seios..."

Na pausa que se fez eu tive a certeza de que Jântio se libertara.

GÚTRIO

Queres apertar-me a mão? — Pergunta-lhe a senhora estendendo-lha.

Está assentada num pequeno banco junto de seu catre. Furtivamente ele olha-a. Sentada, e apesar do insólito da situação, de quanto de mau ele lhe fizera, tem um ar suave e tranqdllo.

De fato, durante aqueles dias, Gútrio tivera dificuldades em compreender quanto se passava em torno dele, o que lhe faziam e o que diziam. Mas, suas dores tinham sido tão fortes que ele terminara por se a- garrar àquela mão compadecida que se extendia para ele, paciente e solícita, nos momentos piores. Era a mão que suavlsava sua febre com almofadas umedecidas, que curava seus ferimentos e levava aos seus lábios a agua que o dessedentava e a papa com que se nutria.

Fora, porém, a dor que o levara a tomar aquela Iniciativa que a senhora, aceitara com naturalidade.

— *Queres apertar-me a mão? — Ela pergunta com benignidade.*

Gútrio volta o rosto para a parede, morde os lábios e fecha os olhos com força.

— *Por que tens tanto medo das pessoas? — Ela pergunta.*

Ele não responde, porém, subitamente, apercebe-se da inutilidade de reagir. A mão dela tem um poder mágico: suas dores de pouco em pouco cedem, basta que a aperte com força. Agora não são mais do que um calor ao longo dos músculos feridos, que latejam.

Ao perceber que as crispações passaram, a mulher se levanta. Suavemente retira sua mão. Quando já está à porta percebe que ele se move rapidamente, no leito. Até aquele instante Gútrio não trocara uma única palavra com a gente estranha daquela casa.

— *Queres conversar comigo? — A senhora pergunta detendo-se.*

— *Não! — É a primeira palavra que ele diz.*

Ela, porém, não se afasta, fica esperando:

— *Mais tarde, talvez...*

Gútrio articula uma frase longa, porém no seu Idioma tribal, que, seguramente, ela não compreende. Porém mesmo assim volta a assentar-se no escabelo.

— *Sei que entendes quando te falo. Sei também que és capaz de me responder em minha língua. O que foi que disseste?*

— *Que incendiei o vosso aprisco... invadi vossa casa. Entre os meus não se perdoa nem se é perdoado.*

— *Mas entre os meus perdoa-se e se é perdoado. Não é preferível?*

Gútrio não responde à pergunta, mas diz em tom de orgulho e bravata, que faz a senhora sorrir:

— *Quando me sentir melhor... reconstruirei o vosso aprisco, muito mais alto, mais forte, melhor.*

— *Isso será excelente. E se precisares, terás muitas mãos a ajudar-te. Mas, o importante agora é que melhores de saúde e ponhas em ordem*

•

os teus pensamentos. Tens necessidade de pensar. Compreendes o que quero dizer?

— *Quereis que eu pense... Tenho pensado! Tenho pensado! Tendes razão em tudo quanto dizeis, em quanto fazeis. Por que tendes sempre razão?*

— *Porque seguimos os conselhos de um maravilhoso instrutor: Jesus, esse de quem te tenho falado, embora finjas não me ouvir.*

— *E é Jesus quem ensina a dar a mão da saúde, como o fazeis, aos ladrões desconhecidos?*

— *Não és um ladrão nem um desconhecido. És como Cirilo, como João, como todos os que chegam: meus filhos. Só que os outros entram pela porta, tu entraste pelo redil... — ela termina a sorrir.*

— *Por que Jesus só ensina a vós? Deveria ensinar a toda gente.*

O trabalho de Jesus é para os séculos e apenas se inicia agora.

Além disso nem todos querem ouvi-Lo. Tu poderás ouvi-Lo. Gostarias?

Pela primeira vez olham-se nos olhos.

— *Então? — A senhora insiste.*

Gútrio assenta-se no estrado:

— *Vede, — Diz. — terei de ser uma pessoa completamente nova*

— *Sim, e a isso chamarás o teu renascimento espiritual. Não sentes mais dores?*

Ele sacode a cabeça negando, a mulher se levanta.

— *Vem. — Diz baixinho, aproximemo-nos sem ruído...*

Descerrei os olhos e ví Gútrio na porta em frente, amparado por mamãe. Era um vulto magro e apagado, de pescoço comprido e fino, como o de uma ave. Em seu rosto amarelado, os olhos levemente amendoados traziam uma tal expressão de alívio, que devo ter aberto a boca de espanto. Silenciosamente ela o sentou, mesmo a tempo de ouvir Filoctemo novamente ocupado pelo conselheiro invisível, a nos dizer:

— *Meus jovens e queridíssimos filhos: O cristianismo é, sobretudo, nós em Cristo, tanto quanto Cristo vive em nós.*

A fim de alcançar, porém, essa fórmula de integração divina, para que o apostolado santificante da Boa Nova se estenda por toda a Terra, através de nossa fé renovadora, não basta a confissão exterior de nosso modo de *crer*.

É imprescindível nos ajustemos ao ideal, à ação, à conduta e à atitude do Mestre perante a vida, convertendo-nos, assim, em espelhos de sua vontade misericordiosa e justa.

O Evangelho não é um florilégio de afirmativas filosóficas, a caminho dos museus literários, e

sim roteiro vivo, que nos cabe observar, negando a nós mesmos, tomando a cruz de nossas responsabilidades individuais e seguindo ao encontro de nossa união com o Benfeitor Celestial. Não desfrutamos, por enquanto, o direito de tudo compreender, mas atingimos por graça do Senhor a oportunidade de servir em Seu Nome.

Nesse sentido, não vemos o Cristo, em sua gloriosa passagem no mundo, internado no labirinto das inquirições sem propósito, acerca da natureza divina, nem mergulhado na teorização quanto a esse ou aquele setor do incognoscível, mas em todos os instantes, extremamente consagrado a Deus na pessoa das criaturas, exemplificando o imediatismo do bem, no reerguimento das almas, dando-nos assim, a entender que a extensão do Reino do Céu à comunidade humana, é serviço afeto à nossa própria responsabilidade de espíritos endividados à frente do mundo — milenária escola de nossas consciências — que tudo nos tem dado e que espera de nós a conjugação do verbo ressarcir.

Enquadrando-nos, desse modo, nos padrões de ordem moral que Jesus nos legou, abandonemos a pesada concha do "eu" que nos retém nas trevas do egoísmo esterelizante e avancemos na direção do alto, a- longando braços e corações, no culto da verdadeira fraternidade, para com o próximo mais próximo.

Desce a luz para clarear as sombras.

Corre a fonte para fertilizar a terra seca.

Amadurece o fruto para alimentar.

Surge o remédio para socorrer.

Brilha a sabedoria para eliminar a ignorância.

Nasce o amor para a desintegração do ódio.

Floresce, vitoriosa, a fé viva para aquecer as almas enregeladas na indiferença.

O cristão, igualmente, é uma dádiva do Céu à Terra, para que a vida se faça melhor e mais digna de ser vivida.

Cristianismo, pois, sem atividade regeneradora dos aprendizes que o esposam, é pregação morta no túmulo adornado das bibliotecas sem proveito ou no cárcere da inteligência sem amor.

Compete-nos, portanto, avançar para a frente, centralizando-nos em Jesus, em favor de nossa integral comunhão com Ele, a benefício da redenção total do mundo.

Nós em Cristo para que o Cristo reine em nós.

A reunião terminou pela prece habitual. Lembro-me de que, em seguida, as atenções se dividiram entre Gútrio. Jântio e Cândido que, tendo em mãos a sua poliptycha conseguida, grafando rapidamente e por certo auxiliado pelo espírito, que falara pausadamente, anotar o texto integral da mensagem que nos fora endereçada.

Eu percebia em todos a profunda impressão que não apenas os acontecimentos da noite, porém ainda aquela advertência em forma de um roteiro, lograra alcançar. Fui para um canto da sala e, cheia de preocupação, me pus a manejar o colum. Mamãe e Gemma vieram fazer-me* companhia. Gemma não tomara acordo de quanto se passara. Parecia-me inteiramente normal e apenas suas faces infantis purpurejavam. Trocávamos raros monossílabos e, enquanto isso, meu pensamento trabalhava. Estávamos assistindo a maravilhas. O rosto repousado e renovado de Jântio... Os olhos brilhantes e o sorriso tímido de Gútrio... As eloqüentes palavras que do outro lado da fronteira da morte nos chegavam, precisas e claras.

Cercado por João, Nfcalo e Filoctemo, Cândido virava as tabuinhas forradas de cera, onde escrevera aquela espécie de testamento. Eu ardia por falar a Filoctemo porém tinha de esperar, pacientemente que a oportunidade chegasse. Teria ele se apercebido de que a oportunidade chegasse? Teria ele se apercebido de que nos fora outorgado um plano de realizações? Sim, com certeza. A máscara preocupada de João, a ruga que se formara entre seus supercílios, diziam de sua preocupação ao seguir a leitura daquelas palavras.

Perto de mim, Gútrio espantava-se por que o chamavam pelo nome-

— Como o sabeis? — Perguntava.

— Tu nô-lo disseste quando deliravas. — Disse-lhe Nfcalo.

E foi aqui que mamãe se levantou:

— Gútrio necessita deitar-se. Ide conversar em torno de seu leitol

A sala esvaziou-se, porém vi que Jãntio voltava atrás. Assentou-se diante de mim e, tomando da candeia, iluminou seu próprio rosto, sem nada dizer. Eu o fitei detidamente:

— Pareces o mesmo, mas quão diferente estás!

Ele depos a luz sobre o aparador e apertou o rosto com força, entre as duas mãos. Eu ouvia o bater descontrolado de seu coração:

— Bastaria que eu tivesse respeito e humildade, foi o que disseste. Lembras-te?

Sim, como eu me lembrava. Eu disse:

— Tu tiveste... agora está feito!

Jãntio se levantou, correu porta afora e foi assentar-se nos degraus mais baixos da escada, refugiando-se no escuro. Gemma, espantada, também ergueu-se para seguf-io, porém eu a detive:

— Não, não vás! Ele deseja estar a sós... talvez pela primeira vez esteja realmente a sós.

Cirilo estava de pé às nossas costas e os três ficamos olhando em silêncio a porta por onde Jãntio se escapara. A noite da estepe embria- gava-se de estrelas claras e faiscantes como pequenas labaredas azuis. Pareceu-me que era o momento de me retirar e deixei meu irmão e Gemma a sós, para que alimentassem seu inocente romance.

Fui me debruçar na janela, no outro extremo da sala e fiquei a perscrutar o escuro. Entre as colinas suaves, na direção de Sebastes, uma claridade baça, ao rés da terra, indicava a cidade. Prisco estava ali, preparando-se, fazendo planos para a viagem de regresso a Roma.

Que fazia Otávia, naquele mesmo instante? Em imaginação vi-a sobre um coxim de seda oriental, envolta em suas leves sedas, na moldura iluminada do palácio de Mamerco, onde se acolhia.

Se estivesse a conversar com Prisco, com certeza, de quando em vez, lhe ocorreria aquela história absurda e então, sem que ninguém soubesse porque, talvez se risse... Toquei minhas roupas ásperas, olhei as cavernas de pedra que nos serviam de modesto lar... Se Jãntio não estivesse ali, ao alcance dos meus olhos, se não estivesse realizado o trabalho que Prisco desejara e pedira, eu diria, uma vez mais que sonhava.

Fora um ciclo. Ele regressava à cidade dos Césares, Otávia regressaria também. Podia ser que voltassem juntos. Entfio, talvez tudo lhes parecesse apenas um sonho e o silêncio tornaria a cair sobre mim.

Olhei para Cirilo e Gemma. Que contraste eu fazia com meu irmão: Em face de sua simplicidade e candura, eu era um ser complexo, dramático e absurdo. Eu não podia, nem por sombras, tentar comparar-me a Gemma... Embora não chegasse a ser um ano mais velha do que ela, minhas experiências, por comparação, faziam-me cem anos mais vivida. Meus sobressaltos e angústias, minhas arrasadoras interrogações, o dolorido amor que era meu, seriam sombras de irremediável desastre naquela alma aprazível.

— E por que nãb nos organizarmos num grupo cristão de moços para o estudo e o trabalho, conforme o plano que nos ó oferecido? — Ouvi a voz de Nfcalo na porta.

— Sim, porque não? Reunindo-nos em dias certos; e se nos mantivermos fiéis aos imperativos emancipadores do Evangelho quem sabe não lograremos conexão constante com protetores e amigos, na esfera espiritual!?

— Para esse intercâmbio orientador já contamos com as facutda? des de profetização, de dois dos companheiros. Outros surgirão...

— Alongar os braços e corações, no culto da verdadeira fraternidade , para com o próximo

mais próximo, dissera o celestial mensageiro na noite de hoje.

— Não se identificou! Quem poderia ser?

— Quem fala em avançar para a frente, centralizado em Jesus, em favor de nossa integral comunhão com Ele, há-de ser um fiel seguidor do Mestre.

— Em trezentos anos, nossas necessidades continuam as mesmas. As advertências são e continuarão sendo, certamente, por muito tempo, talvez séculos e séculos, pela reforma íntima das criaturas e a aplicação do Evangelho através do serviço.

— A generosa entidade que se fez sensível na noite de hoje, retornará? — Perguntou Melécio pensativamente.

— Sim, retornará.

Eu estava de costas e me virei ao ouvir a voz de Gemma.

— Como sabes? — Cirilo indagou.

A voz de Gemma era natural e suave, ao esclarecer:

— Ele o diz. Está ao vosso lado, entre Angio e Sisínio. É um jovem, como vós. Diz que o grupo deverá crescer nos próximos meses e que devemos preparar o clima espiritual para os que virão. Serão muitos. Será preciso encontrar um local para as reuniões, porém no justo momento ele nos inspirará. Com outros jovens do mundo espiritual estará conosco sempre que possível. Sibírcio é o seu nome... Cirilo e Galla nos dirão quem é!...

— Sim, nós sabemos! — Disse Cirilo com vivacidade.

— Sibírcio diz, — Prosseguiu Gemma com lucidez, como quem reproduz o ditado de alguém invisível, — que a pretexto de novas reuniões, não deveremos desertar dos trabalhos da ecclesia. Adastro necessita de todos. Enquanto Adastro permanecer à testa da comunidade, é dever a colaboração intensa, a assistência constante.

Ao mesmo tempo que a lembrança de Sibírcio assaltava-me a memória, a referência feita a Adastro enchia-me de uma dolorosa interrogação. Eu não disse nada. Não podia saber se os mesmos pensamentos tinham ocorrido a alguém mais. Não houve manifestação. Todavia, naquela pequena reprodução de um discurso inapercebível aos nossos ouvidos ordinários, estava uma insinuação: "Enquanto" Adastro permanecer...

Por quanto tempo o bondoso ancião, já fatigado e sofrido permaneceria conosco? Enquanto Adastro permanecesse, era dever não nos distanciarmos. E depois?

O que estaria por suceder? Que modificações se esboçavam? Chegaria um momento em que as responsabilidades estariam extintas? Chegaria um momento em que o dever se transformaria em imperativo de a- fastamento?

Um versículo evangélico subitamente se delineou, embora obscuramente em meio às minhas cogitações, enchendo-me de tristeza e de uma vaga aflição: "Se o vosso olho for motivo de escândalo, arrancai-o..."

Pressenti Filoctemo junto de mim.

— Não te amedrontes. — Dizia-me baixinho, como que, advinhando meus inarticulados pesares. — Aconteça o que acontecer, éetareíhps firmes! E, está claro que não nos faltará auxílio. Estamos ;fio jugardsrfó¹, no momento exato!

Desfeita a visão de Gemma, Cirilo centralizou o grupo' assombrado e feliz. Quem era Sibírcio? O que Cirilo sabia?

— Conta-nos tu mesma Galla. — Filoctemo ppdiu. :—Quem é Sí-
bfrício?

Daquele instante para a frente, milhares de vezes pronunciaríamos aquele nome. Eu me lembrava de Sibírcio, embora fosse pequena ao tempo em que tudo aquilo se tinha transcorrido. Mãe e Cirilo 'seriam capazes de narrar melhor, com maiores detalhes.

Em 305 eu tinha quatro anos. No dia 1º de maio daquele ano Dió-
cleciano e Maximiano, ninguém

sabia porque, simultaneamente tinham abdicado. Isso se deu na vicennialia mesma de Maximiano e houjera ansiedade e agitação em Sebastes, quando a notícia chegara.

Diocleciano, eu ouvira dizer mais tarde, depois de pe/seguir e fazer matar, escravizar nas minas e torturar os seguidores de Jesus, enlou- cuecera. Substituindo os dois imperadores, Constâncio Cloro e tialerp tomaram o título de Augustos. Severo e Maximiano Daza fizeram-se Césares. O Império foi, então, partilhado: Galero ficou com o Illyricum e a Asia Menor. A Maximiano foi confiado o resto do Oriente. A Constâncio Cloro coube a Gália é a Bretanha, a Severo a Itália, Espanha e África. (

Só em **311**, com o édito de Galero, viríamos a ter um pouco de paz Derrotado, por Licínio em Tzirillum, Maximiano, morreria em Tarso em **313**.

Maximiano ia deixar uma reputação de ausência de escrúpulos e crueldades. Foi um tirano de costumes arrepiantes, que estabeleceu sacerdotes idólatras em todas as vilas e cidades, um grande-sacerdote em cada província, servindo-se, para isso, dos magistrados que se tinham mais brilhantemente distinguido em todos os cargos e aos quais dava uma coorte de soldados e guardas- Ordenou a construção de templos e a zelosa conservação dos santuários destruídos pelo tempo.

Foi essa, por excelência, a época dos vexames, das grandes riquezas acumuladas à custa dos impostos escorchantes e das maiores injustiças . Os governadores e os chefes militares eram encorajados à pilhagem, a cupidez, a agirem, em relação aos seus subordinados, como o modelo que tinham para a tirania.

Os cristãos suportaram o ferro-e-fogo. Foram crucificados, entregues às feras, atirados aos abismos do mar, mutilados, lançados aos subterrâneos das minas e às prisões. As mães de família eram obrigadas ao adultério, as virgens raptadas.

Nosso pai, com Sibfrcio, vovô e muitos outros foram presos de emboscada, ao saírem de uma reunião dos homens da comunidade. Mulheres e crianças, com fundados motivos, já não frequentavam as assembléias quase de todo desertas. Posto sem sentidos por uma violenta lancetada, Adastro escapou protegido pela treva da noite e os detritos do monturo onde fora cair.

Os prisioneiros foram poupados. Maximiano preparava-se para a guerra e necessitava de armas. Nossos homens foram levados às oficinas onde fundiam-se armaduras, couraças, elmos, escudos e lanças. As últimas notícias que nos chegaram deles vinham da costa, onde foram postos a trabalhar em armas destinadas aos combates marítimos.

Sibírcio e papai morreram no equinócio do inverno, em **307**. Obrigados a participar dos sacrifícios prestados aos deuses em favor de Maximiano, com um grupo de outros cristãos, recusaram-se.

A ofensa foi considerada de suma importância. O Imperador estava gravemente enfermo, atacado por um abcesso nas partes secretas do corpo, por úlceras fistulosas que os médicos não conseguiam fazer sarar. Seu corpo, ao qual a glotonoria deu um excesso de graxa, oferecia um espetáculo intolerável. Muitos dos seus médicos, incapazes de tolerar o mau cheiro que tresandava, foram decapitados. Outros, infelizes em seus processos de cura, atirados às ondas e mortos sem piedade. Fora preciso propiciar aos deuses e, nesse momento mesmo, os prisioneiros se negaram.

Inúmeras foram as torturas imaginadas. As mulheres eram dependuradas nuas, pelos pés, depois de terem sofrido o esfolamento de todo o corpo, com unhas de ferro.

Papai foi morto entre os ramos de uma árvore. Fortes galhos foram vergados e neles os seus membros atados. Depois dexaram que voltassem a sua posição normal.

Muitas e muitas vezes chorei perdidamente, imaginando essa terrível separação dos membros, de um único golpe.

Sibírcio não tinha ainda vinte anos. Mandado ao espetáculo, orando tranqüilamente, intrépido e imperturbável, sofreu a arremetida de ursos e leopardos que respiravam furor e morte. As bestas tocavam-lhe as carnes, porém se retraíam. Uma força divina, inexprimível, parecia guardá-lo. Um

touro selvagem, espicaçado pelo ferro em brasa fora também inócuo contra o bravo rapaz. O que as feras não puderam fazer, entretanto, um homem fez. Sibírcio foi degolado ante a platéia ululante e insaciável.

O Ocidente conheceu a tranquilidade sob o reinado de Maxêncio; o édito de Galero, em **311**, trouxe a paz ao Oriente. Ou porque lutando contra seus males, a consciência o acusava, ou porque, vendo por detrás de Galero as mãos de Licínio e Constantino, desejosos de preparar a restauração geral pela tolerância, Maximiano se retratou.

Ordenanças imperiais publicadas em todas as cidades rezavam assim:

"O imperador Cesar Galerius Valerius Maximianus, invencível, Augusto, grande soberano pontífice, grande Germânico, grande Egípcio, grande Tebaico, cinco vezes grande Sarmático, duas vezes grande Pérsico, três vezes grande Armênico, grande Médico, três vezes grande Adiabênico, revisto da força tribunícia vinte vezes, aclamado imperador dezenove vezes, cônsul oito vezes, pai da pátria, proconsul, e o imperador Cesar Flavius Valerius Constantinus, piedoso, feliz, invencível, Augusto, muito grande soberano pontífice, revestido da força tribunícia, aclamado imperador cinco vezes, cônsul, pai da pátria, proconsul-

"Entre as medidas que havíamos tomado para a utilidade e vantagem dos povos, queremos que tudo seja de novo considerado segundo as leis antigas e as instituições públicas dos Romanos e decidimos que os cristãos que haviam desertado da seita de seus ancestrais podiam retornar ao bom-senso. Mas, por suas próprias reflexões, um tal orgulho se apoderou deles que não seguiram o que havia sido estabelecido pelos homens de outrora e mesmo o que seus ancestrais haviam instituído, mas fizeram eles mesmos suas leis, conforme seus propósitos e como cada um entendia, e observaram suas próprias leis e exibiram, em diferentes lugares, loucuras diferentes.

"Por causa disso, um édito de nossa parte foi exarado, para que eles retornassem às instituições de seus antepassados. Um grande número foi posto em perigo de morte; um grande número foi afligido e sofreu toda a espécie de morte.

"E como a maioria permanecia na mesma loucura, verificamos que não concordavam com a adoração que lhes é devida, nem aos deuses celestes, nem ao Deus dos cristãos- Considerando nossa filantropia e costume constante na virtude, pela qual temos o hábito de conceder perdão a todos os homens, pensamos que era preciso, sem tardança, estender nossa clemência mesmo ao caso presente, a fim de que os cristãos sejam tolerados e reconstruam as casas nas quais se reuniam, mas de tal maneira que não façam nada contrário à ordem pública. Por uma outra carta, indicaremos aos juizes o que lhes competirá observar. Em retribuição, conforme a nossa clemência, eles deverão orar a seu Deus por nossa saúde, a do Estado e suas próprias, a fim de que, de todas as maneiras, os negócios públicos fiquem em bom estado e que possam viver sem inquietudes em seus lares."

Este édito foi traduzido, da língua romana para o grego e, em ambas, afixado em Sebastes.

A carta à qual se referia, rezaria:

"É com um zelo muito brilhante e santificado, que a divindade de nossos senhores, os muito divinos imperadores, decidiu, de há muito tempo, orientar os espíritos de todos os homens para o caminho santo e direito da vida, de modo a que mesmo aqueles que parecem seguir um costume estranho ao dos Romanos prestem aos deuses imortais as adorações que lhes são devidas. Mas a obstinação de alguns e sua vontade muito tenaz os desviaram a um tal ponto que não puderam nem ser distanciados de sua própria determinação' pela justa consideração da ordem dada, nem ser amedrontados pelo castigo de que foram ameaçados.

"Como, entretanto, sucedeu que, por força dessa maneira de agir, muitos se punham a si mesmos em perigo, inspirando-se na generosidade natural de sua piedade, a divindade de nossos senhores, os todo poderosos imperadores, estimou que era estranho à sua própria e muito divina determinação atirar os homens, por um tal motivo, em tão grande perigo e ordenou fosse escrito a Tua Perspicácia, por intermédio de minha Devção, que, se alguns dos cristãos estão convencidos de observar a

religião de seus próprios povos, tu deves livrá-los de embaraços e perigos e não olhar como puníveis de castigo nenhum deles, por este pretexto. Com efeito, foi estabelecido, pelo curso de um tempo muito longo, que eles não podem ser persuadidos por nenhum meio a renunciar a uma conduta tão opiniática.

'Tua Solicitude deve, pois, escrever aos curadores, aos strateges e aos praefecti para que saibam que, de hora em diante, não Ihs convém se preocuparem com aquele édito.'

Então, mutilado e em deplorável estado, vovô regressou. Tíhhamos ainda esperanças de que papai estivesse vivo. Chorando e articulando sons que nos aterrorizavam ele escreveu, no dipticQ aquela história de sangue.

Exangue mamãe ia lendo em voz alta, Cirilo e eu ouvíamos, de o- !hos arregalados, engulindo \nossas lágrimas. Lembro-me ainda daquela cena, das barbas brancas de vovô empapadas de lágrimas e de sua trémula mão a grafar as palavras até onde a cera o permitia. Nervosa e arre- tabadamente mamãe alisava a superfície, apagando os escritos, para saber mais.

— Querias saber de Sibírcio, — Disse eu a Filoctemo, — e terminei por informar-te acerca de papai e vovô.

Ele estava de cabeça baixa e não me respondeu de pronto. No breve silêncio ouvi o pio de uma ave noturna lá fora e, muito longe, o escoar das águas amarelas do Halys.

— Foi assim para eles, — Disse Filoctemo vagorosamente. — Para nós, como terá de ser? Foi a minha vez de silenciar.

Aquela noite, quando me deitei, senti uma dolorida saudade de nosso pai, um desejo absurdo de ter outra vez cinco anos e estar nos seus braços, puxando sua barba loira, vendo bem de perto os seus dentes brancos e fortes no largo sorriso.

Quando adormeci sonhei com Prisco. Eu me envolvia numa pele de urso sedosa e ampla. Prisco olhava para mim e sorria aquele belo sorriso que lhe extravasava um pouco pelos olhos e dizia:

— Como ela ficou alegre.

Subitamente percebi que Jântio estava ao lado dele. Prisco falava-lhe e Jântio respondia:

— É verdade, meu velhol

Quis chamar a atenção deles, porém não me perceberam. Eu chorava e sorria. Prisco voltou-se para mim e ofereceu-me um ramo de flores. No sonho ele dizia:

— Toma-as, com amor!

Eu as tomava, porém, no momento seguinte estava depositando-as sobre um monte de terra fofa. Eu soluçava fortemente.

— Que queres que te dê? — Uma voz me perguntava. — E eu respondia:

— A candeia...

Acordei com o rosto molhado e tive medo de tornar a dormir.

CAPITULO — XII

Os dias passavam celeremente. O Outono já se fazia, mais e mais sentir. Os primeiros sopros de ar frio percorriam as estepes, amarelando os rododendros, as carpas e juníferos no vale raso do rio. Na plantação vovô e Cirilo acionavam a nora mais vigorosamente, pois os cachos da videira em breve sazoniariam. As figueiras exibiam seus frutos já grandinhos, as pequenas plantações de cevada e trigo exibiam seus pendões promissores .

A estepe se fazia mais triste no Outono, antecipando os dias e as noites longas do Inverno, com os grandes ventos assoprando. Com o desaparecimento do pouco verdor existente, aquela impressão comum de desolação em tonalidades mil de marrom e castanho avermelhado se tornava mais intensa.

Os cabeços de pedra, a terra, a água do rio, a cor dos gaviões e das codornizes, nossa pele, se identificavam. De tarde e pela manhã o rio se embuçava em mantos de névoa branca que, ao se

esfarraparem tangidas pela brisa, simulavam pálidos fantasmas a voitar sobre os jungos e os espinheiros.

Jântio não podia vir todos os dias e, assim, o retrato progredia lentamente. Embora nunca lhe falasse sobre isso, a cada vez que ele não vinha uma pequena alegria me visitava. Enquanto o retrato não fosse entregue, eu podia ter certeza de que Prisco continuava em Sebastes.

Algumas vezes tive de sofrer, junto dele e de Nícalo, o desejo de tocar no assunto. Entretanto, saber porque ele não se fora ainda, podia muito bem significar mais um golpe para mim. Assim eu me acovardava e mantinha o silêncio. De que valia, também, saberi

As reuniões em nossa casa prosseguiam com animação augurando os melhores resultados. Filoctemo vinha sempre, porém nossas relações não passavam de breves sorrisos e monossílabos rápidos e sem significação. Creio que ele compreendia e respeitava o meu desejo de silêncio e reflexão. Quando o grupo chegava, geralmente eu já me encontrava no canto que apreciava, junto da janela, às voltas com a lâ do Verão, empunhando o colum. E ali ficava, distraíndo-me entre o trabalho e a ouvi-los, por vezes remoendo lembranças, outras apertando uma saudade dolorosa em meu coração.

No Outono, o vale do rio era mais favorável ao pastoreio pois, ali os animais e eu, nos abrigávamos mais facilmente dos ventos. Assim, constantemente, eu voltava para junto das ruínas da fortaleza Cabiria.

Uma vez subi até a arcada de onde Prisco estivera a olhar-me. Depois que o amor viera, minha sensibilidade como que se dilatara, exarcebava-se e as menores coisas ganhavam significação, causando-me alegrias e lágrimas. Fiquei ali, onde duas vezes o vira, encostei-me na parede onde ele se encostava e coloquei minha mão onde a dele estivera. Um suave e confortador sentimento tomou conta de mim. Eu descobri que valera a pena. Eu possuía agora pequenos tesouros de lembranças e de emoções que talvez nunca tivesse, não fora tudo aquilo.

Percebi que renunciar a ele era um divino tormento para minha alma, mil vezes preferível à embriaguês dos sentidos e à paixão. Os meus sentimentos eram virginais e suaves, não se tinham violentado ao fogo do instinto, como advinhava que se passava com Otávia. E tive pena dela. Muitas vezes temera viver com um deserto em torno, e um deserto dentro de mim. Entretanto, se fosse recomeçar, eu escolheria o deserto outra vez.

Assentava-me nas pedras e via as primeiras folhas que caíam, como pássaros feridos de morte, do pouso imprudente dos galhos mais altos. Depois cantava. Antes de vovô ser mutilado nós cantávamos juntos. Ele era capaz de tocar a flauta e a cítara. Então nos acompanhava depois de nos ter ensinado, a Cirilo e a mim, as músicas de sua mocidade.

Toca pastor a trompa de chifre Recurvo. Toca a flauta pastor!

As ninfas saltam muitas brancas

da flor do espinheiro negrol

Não te confundas com os sátiros

Vê que os sons que atroas

Não tenham o sabor das gargalhadas...

As abelhas se embriagam Se o mel é azedo...

Não te atordoas pastor Vê se teu passo ainda é firme No carreiro, à frente das cabras!

Toca pastor a trompa de chifre Recurvo! Toca a flauta pastor!

Depois que vovô regressou da prisão, um dia, pensativamente, teve a cítara e a flauta entre as mãos. Não dedilhou, nem de leve, as cordas, nem levou o caniço aos lábios. Olhou-os pela última vez e foi guardá-las no fundo da canastra. Creio que nunca mais quis vê-los.

Sai deus rubicundo e saltitante Busca os que se esfregam com mosto E se enfeitam com pâmpanos! Ofereço leite espumoso e doce Das cabras e ovelhas: Tu não queres!

Desejas o esfuziante suco das uvas,

Mas as minhas quatro musas são:

A lã, o leite, o queijo e a manteiga...

Muitas vezes eu tinha vontade de me aprofundar pelas ruínas, explorando as arcadas, os pátios e os corredores enumeráveis. Tantas paredes tinham ruído que não era mais possível, pelo interior, chegar até ao desembarcadouro, no lado oposto. Eu tinha medo, todavia- Muitos eram os perigos além do de encontrar um intruso lá dentro: as serpentes, os poços simulados sob a erva rasteira, os desabamentos^

Pensava nesse desejo insatisfeito.no dia em que Jântio chegou trazendo Acácio consigo.

ACÁCIO

Não era uma dor física, era uma dor moral. Seu coração doía sem parar. Sala de casa e se punha a deambular de um para outro ponto e quando voltava era para ver multiplicada sua aflição. A mãe fenece. Ele faz o oposto de falar-lhe, porém quando a defronta, as palavras perdem seu sentido.

Na casa, de pouco em pouco, tornam-se estranhos uns aos outros. Há uma atmosfera doentia e má entre as portas e janelas mal abertas. A mãe chora, o pai vocifera revoltado e Acácio tem a impressão de que ele se refugia no vinho. Com passos vacilantes, já o viu retornar à casa várias vezes. E o vinho aumenta-lhe os caprichos.

Na realidade, nenhum deles luta contra a força maléfica da tristeza, é capaz de encontrar um remédio que valha contra ela. E Acácio já não pode tratar com a mãe, apesar de toda a piedade que lhe causa, nem tão pouco com o pai, pois se arreceia.

Hoje esteve fora, bem longe, nos campos, ouvindo o vento assoprar entre os castanheiros. Já ô tarde, mas, como é Verão, ainda está claro, um resto de Sol doira o contorno das montanhas, tarjando o horizonte inflamado- Então, vê-al É um vulto meio indistinto, mas que violentamente desperta sua atenção. A altura, o modo de vestir-se, os cabelos soltos na brisa, tudo faz-lhe recordar a irmã gêmea consigo, Corina, a mocinha de tranças cor-de-ouro, que levara para o túmulo a paz e as riquezas espirituais de sua casa.

A semelhança é tanta que, não a tivesse morta em suas lembranças tão frescas, teria gritado, chamando-a pelo nome. Está parada numa graciosa e natural postura, como quando posava para suas estatuetas de argila. E é curioso que, embora não lhe possa vislumbrar as feições, sente a desconhecida a sorrir e a falar-lhe, embora suas palavras sejam Incompreensíveis aos seus ouvidos: um murmúrio longínquo e abafado.

Acácio fica um largo tempo assentado, olhando-a, e a figura não se move. Depois vem-lhe uma disposição diferente e a ela se submete. Levanta-se e caminha em direção ao vulto. Ele se move. Ve-a agora de costas, caminhando de volta à cidade e ele, levemente, segue-a- Agora apercebe-se de que não há casualidade no encontro, mas uma deliberada intenção. Aperta o passo: a distância entre eles o vulto não se modifica. E mesmo pelas costas pode mencionar dezenas de semelhanças com a jovem morta.

Caminham entre as casas da cidade; já é noite. O espaço entre eles, de pouco em pouco se encurta. É possível o encontro com sua irmã, com Corina. Um misterioso detalhe apenas necessita contribuir para a aproximação. A moça entra por uma porta. Acácio irá vê-la. Mas este primeiro pátio está vazio; também o segundo...

Acácio se encontra num recinto onde muitas pessoas, em respeitoso silêncio, ouvem um homem que começou a falar. Bem à sua frente, mas ainda de costas, está a jovem. Entretanto ele não pode se aproximar mais. Entre bancos estreitamente aproximados, não sabe como ela fora lá parar. Acácio fica a vigiá-la.

O homem fala de Jesus, o carpinteiro judeu que, até bem pouco, movimentava o poder público em medidas enérgicas de proibição e castigo. Mas pouco lhe importa a cautela nesse momento. O orador, com simplicidade e emoção, descreve o quadro da volta daquele a quem chama Senhor e Mestre, das

sombras do túmulo para o reencontro dos companheiros perplexos. A descrição é empolgante. Esperança e alegria palpitam em ânsias de luz no peito da mulher no horto chamado das Oliveiras.

Acácio deixa-se empolgar. Suas emoções se sucedem, sempre diversas e, sobretudo, repousantes e benignas. No júbilo do instante em que a morte é vencida, o relator recorda antigos momentos de pregação, entre frases que enxugam lágrimas e curam feridas.

Acácio sente que o pranto borbulha-lhe nos olhos e, como que a pressentir sua emoção, a desconhecida se volta. Acácio não se surpreende quando seus olhos encontram os de Corina. Havia de ser ela. A irmãzinha som-lhe e, como a assembléia se concentra em preces, em lágrimas abundantes, ele cerra os olhos ante a formosa e reconfortadora visão. Participa da vibração contrita e sabe que, ao descerrar as pálpebras, a visão estará apagada.

Mas~. que importa! Ela trouxera-o à ilha da esperança. Agora estavam juntos num destino comum. A mensagem é clara: neste e no outro lado da vida, eles seguirão a Jesus.

tf # * *

Era um jovem de cabelos cacheados que Jântio viera a conhecer no mercado de artefatos, em Sebastes. Acácio era ceramista e procurava, no vale do Halys, o tipo de argila que necessitava para seus trabalhos. Dividimos nossos farnéis e comemos junto à beira do rio. E, como ele se desencantasse da pesquisa daquele lado, pusemo-nos a conversar. Ao contrário de Jântio, era prosa, rico de adjetivos, risonho. Mesmo ao examinar a contextura da lama, nos barrancos, seus dedos tinham uma agilidade e uma delicadeza que me maravilharam. Conversamos sobre os terrenos em derredor da cidade. Além do vale do Halys, descrevi-lhe as lagoas salobras, existentes no altiplano.

Acácio falou de sua irmã morta, Corina. Viera de um lugar na Grécia, por nome Tanagra.

— Há muitas Corinas em Tanagra, — Contou-nos ele. — Em verdade orgulhamo-nos da maravilhosa mulher, a poetisa que se chamou assim.

Eu silencieei escondendo minha ignorância e fiquei a ouvir a descrição do túmulo da poetisa venerada pelo povo, da qual Acácio pôde reproduzir um verso extremamente belo, que ralâva dos delfins do grande mar.

O grego, movimentando entre os dedos um bocado de argila doirada, inconscientemente moldava-o. Ofereceu-me o resultado. Era uma bonita forma, porém não era um delfim como eu imaginara. Era um peixe simplesmente, num bonito movimento, de cauda erguida e barbatanas arrepiadas.

— Mas... não é um delfim! — Eu exclamei.

E de súbito fez-se claro em meu espírito. Fui explícita demais:

— Isto é um peixe. Tu és um cristão!

Acácio empalideceu. Jântio voltou-se rapidamente para nós e eu percebi corando que não estava sendo razoável.

— Os dois somos cristãos também, não te assustes.

Houve um breve silêncio e, de repente, Acácio deixou escapar uma estrondosa gargalhada. Eu e Jântio, entretanto, o olhávamos sem compreender.

— Não és um cristão? — Perguntei com leve irritação.

Ele balançou a cabeça confirmando e seu riso se fez tão contagiante, que o acompanhamos num coro de gargalhadas.

Havia já tempos que não me ria assim e o esforço fez-me bem. Eu sentia o sangue fluindo-me nos pulsos, meu cotação batia com força. Creio que o motivo da hilariedade fora antes o meu susto, depois o dele.

'Acácio mostrou-nos, retirando-as do cesto de materiais, alguns exemplares de trabalhos seus. — *Terra sigillata*. — Disse pondo-os em fila, diante de mim.

Eram animais graciosos e finamente modelados, mas, sobretudo, deliciosas figurinhas de mulheres em gentis posições. Algumas pareciam-me aladas, outras tinham sido mobilizadas num movimento exótico de dança. Tinham um encanto musical que enchiam Jântio de admiração. E foi por

causa daquilo que eu vi o retrato. Jântio mostrou-o e eu o vi finalmente. Estava terminado.

Jântio apenas entalhara o medalhão, certos detalhes do vestido e do penteado. No mais usara suas cores, os seus azuis e cinzas, os seus brancos e rosados. Eu estava ali, com o manto sobre a cabeça e as mãos esquecidas no colo. Minhas tranças pendiam dos lados da cabeça a meio desnatradas e, como que agitados pela brisa, alguns cachos de cabelo esvoaçavam em torno da cabeça.

— Belo! Belo! — Ouvi Acácio dizer. — Está terminado, tu poderás levá-lo ainda hoje!

— Não, não ó meu... — Respondi contrafeita.

Ele olhou para mim e Jântio sem compreender.

— Trata-se de uma encomenda. — Jântio explicou. — Galla se dispôs a servir-me, posando de modelo.

A explicação parecia convincente. Jântio guardou o retrato entre **seus** pertences e eu nunca mais tornaria a vê-lo.

→ Bem, — Jântio disse, — voltamos?

Falei a Acácio sobre nossas reuniões de estudos.

— A próxima estâ marcada para daqui a dois dias. Vem se quiseres! Será uma oportunidade para conheceres outros jovens cristãos de tua idade.

Ele aceitou o convite e uma idéia me passou pela cabeça: Filocte- mo. Queria ver o que iria dizer.-

— Iremos juntos. — Ouvi Jântio dizer.

Acompanhei-os até o bote e vi-os sumir por detrás dos juncos, levados pela correnteza. Como, então, o retrato estava pronto! Se Prisco esperava por ele, já podia partir- Mas, estaria em Sebastes? Meu coração dizia que sim. De outro mbdo Jântio teria dito alguma coisa, por exemplo* que necessitava conseguir um portador para mandá-lo, ou outra qualquer coisa no género.

Entretanto, Prisco estava ainda erh Sebastes e eü deveria tornar a vê-lo ainda no dia seguinte. Eu estava no lugar mesmo onde Jântio costuma encostar e Coronna pôs-se a latir excitadamente. Zanguei com ela e insisti para que se calasse, pois eu nada via. Então, um pato assustado bateu as asas por detrás dos juncos e voou à superfície das águas. Movendo-se bem junto à margem Prisco surgiu aos meus olhos num pequeno bote.

Fiquei imóvel acampanhando o ritmado mover dos remos espadanando a água barrenta. Coronna gania e saltava em torno de mim. Ele começou a afagá-la e a falar-lhe baixinho. A saudade e o carinho do animal, os curtos latidos de alegria, os seus olhos humildes e cheios de devo« ção trouxeram-me lágrimas aos olhos.

Prisco ergueu-se e ficamos um diante do outro sem atinar com o que dizer. Mas no seu olhar sério havia um brilho desesperado. Eu adivinhei. O retrato truxera-o. E foi o. que me disse quando subimos o pequeno trilho e fomos nos assentar ao céu aberto.

Deitada aos pés de Prisco, Coronna comprazia-se em lambar-lhe as mãos que, distraidamente, ele deixava ao seu alcance.

— Seria bom se pudéssemos reagir como os animais. Ele disse. E o sangue pôs-se a latejar-me nas têmporas.

— Não. — / Eu respondi. — Como homens, "mésmo apésar de tudo!

— De nós três, apenas Coronna pode viver o seu instante de integral alegria.

Eu olhava fascinada para ele. A saudade, a tristeza, apurara-lhe os traços e sua beleza era como um morno clarão que desejaria fazer meu e não podia. Nossas vozes soavam abafadas de emoção. Eu disse:

— Sempre te vais, então!

— É melhor...

Sua agoniada indecisão se fez clara para mim, tão clara como se **ele** a confessasse com suas próprias palavras. Compreendia o seu propósito e a infernal disposição que o levava entre

proteções, a necessidade de partir e o desejo de ficar. E subitamente, como que tangidos pelos mesmos pensamentos, compreendemos a inutilidade de separar o nosso mundo íntimo exaustivamente cheio de interrogações e aceitamentos, e o mundo exterior com seus longos silêncios. Já não nos queríamos calar um a frente do outro, mas nos deixar embalar pela onda de amor que nos empolgava.

Assim, com palavras simples, confessamo-nos o nosso amor. Ele falava, eu falava. Olhava para ele e sentia mil sóis dentro de mim. Prisco envolvia-me em seu olhar melancólico e eu pensava: "Agora vamos nos aferrar um nos braços do outro e chorar perdidamente, É isso que vai acontecer, pois assim sucedia com Cirilo, quando éramos meninos!" Mas, ao contrário, nós nos imobilizávamos sérios e sem gestos, apenas a nos fitar. Poderíamos passar o resto de nossas vidas assim, se tal fosse possível.

— Sim, amo-a... amo-a... — Ele repetia às vezes.

E eu pensava: "Estou aumentando a coleção de espinhos que guardo em meu coração!" Ele tinha as mãos Caídas e os olhos baixos, eu sentia um vago sentimento de culpa. Quis romper de vez com a barreira do meu bom senso e repetir também mil vezes o quanto o amava, mas ao tocar de leve a mão dele, a emoção perturbou-mó.

— Por favor, perdoe-me... perdoe-me... — Eu disse baixinho* com as lágrimas a correr.

Prisco ergueu para mim o olhar onde havia espanto e temor.

—: Não penses e nem nunca digas isso... nunca mais...

Nossas mãos se apertaram, firmemente, e um maravilhoso flúido fez-nos estremecer.

— Antes que eu parta, deves saber tudo. Pode ser horrível, mas precisas saber. A verdade será tua aliada quando tiveres de recordar, e te será mais fácil compreender... Pobre Galla! Pobre Gallai

Eu me voltara ansiosa e expectante e fitava de olhos muito abertos o seu rosto onde as escuras sombrancelhas nervosamente contraídas eram como asas de corvos prestes a desatar vôo. Mas, nesse mesmo instante, a trompa de vovô chamou-me. Uma vez mais nos esquecêramos do tempo. Eu precisava, entretanto, saber. Minha curiosidade de mulher se àoltara.

— Dize! Dize! Pedi com insistência.

Agora é tarde... — Ele respondeu com desânimo. Há muito para dizer, é preciso tempo! Eu voltarei.

— Quando?

—> Quando estiver seguro de não ser visto. Alugarei o bote outra vez. Longe de mim, não corres perigo, ou, pelo menos, não corres tanto perigo.

— É tão sério assim?

— Quem se responsabilizaria por um insano cuja forma de loucura fosse a crueldade e o assassinio?

Ele estava pálido, sua expressão dura e pesada.

— A trompa soa pela segunda vez. Deves ir!

De mãos dadas, segui-o até o bote.

Voltei para casa e vi transcorrerem as derradeiras horas do dia. Caiu a noite e as sombras me pareceram frígidas e espessas. Eu acompanhava os movimentos domésticos e outra vez me parecia surpreendente que a vida de todos corresse tão placidamente.

Lá fora, de inopino, a lua cheia se levantou e esparziu pela estepe um clarão avermelhado de incêndio.

"Antes que eu parta deves saber tudo! É horrível, mas deves saber!"

Enquanto me despia repetia essas frases e separava as palavras, tentando descobrir a misteriosa significação que cada uma delas pudesse ter. Se ao menos eu pudesse falar a alguém! Mas não ousava, era preciso guardar reserva e proceder cuidadosamente. Quem poderia responsabilizar-se por uma pessoa insana cuja loucura era a crueldade e o crime? O que queria Prisco dizer com aquilo? Ele

tomava precauções, só viera depois de ter descoberto, certamente através de Jântio, o caminho do rio. Nós nos tornáramos molestos a alguém que tinha muito poder e, estava claro, eu era muito mais fácil de ser atingida do que ele. Então, a segurança de minha família, como já me fora dito, por Otávia em pessoa, estava em jogo!

Ajoelhei-me na cama e abri a janela devagarzinho. Não interceptada a luz do luar banhou-me a face e os braços. Orei. Depois pus-me*á o- Ihar as colinas vestidas de rala vegetação, os contrafortes do Taurus, no largo espaço, a linha do picos contra o céu brilhante. O murmúrio do rio chegava abafado e, um pouco à direita eu via o clarão que marcava Se- bastes. Respirei fundo e tentei afastar as preocupações que afugentavam meu sono. "Daqui há muitos anos, pensei, quando tivermos partido, outras pessoas estarão nestes mesmo lugares, olhando as luzes, da çidade, as colinas, os contrafortes do Taurus, ouvindo o ruído do rio. Mas se puder, onde quer que me encontre, e mesmo que séculos se tenham passado, tentarei recordar e sonhar que estou aqui."

Aos meus ouvidos chegou um rumor de rodas e de cascos a pateár na distância. O ruído cresceu e depois tornou a diminuir e, por fím, não era mais que um leve rastro sonoro no silêncio. Debrucei-me para fora, e, de pouco em pouco identifiquei-me com o espaço livre. Minha pulsação casava-se à pulsação da noite. Um impulso, como uma exaltação, se apoderou de mim. Sentia-me segura de minhas ações. Eu não necessitava de consolo porque estava certa. Necessitava apenas esperar. Se falhasse, isso adviria apenas da minha impaciência.

De manhã acordei descansada e pus-me a fazer os primeiros aprestos para sair.

— Vê como nos observa. — Disse mamãe referindo-se a Gútrio.

De fato, ossudo ainda, porém já mais animado, ele assentara-se na cama e nos olhava cheio de curiosidade, como, se ao contrário de estarmos envolvidas com os afazeres mais comezinhos, estivéssemos obrando coisas maravilhosas. Aquela curiosidade que o fazia virar a cabeça de um para *outro* lado, como fazem os cachorrinhos ainda novos, deu-me vontade de rir. Mamãe, entretanto, tocando-me com o cotovelo, advertiu-me para que me contivesse.

- Fica assim o dia inteiro, o pobre! - Disse-me sem que ele percebesse. - A ordem de um lar sedentário pode parecer estranha e surpeen- dente a um nômade, acostumado a tendas.

- No fundo "o pobre" sente-se bem .tratado e afeiçoa-se a nós. - Respondi sacudindo as mantas de nossos leitos. - A perspectiva é de uma nova boca e de um bom apetite. Quero ver como te vais arranjar com os coletores da *anona!*

As cobertas estalaram mais fortemente nas mãos dela.

- Nós nos arranharemos. E, ademais, podemos, por enquanto, contar com a despensa comunal. Enquanto teu irmão se entretém com seus amigos aqui, desceremos à ecclesia, ainda hoje. Teu avô irá conosco.

Cirilo estava por perto e ouviu essa conversação. Trocamos então um Olhar de entendimento: Mamãe já encaixara Gútrio em seu esquema, o que não era de admirar já que, durante todos aqueles dias estivera a suspirar e a falar do "pobre rapaz" que podia muito bem ser seu filho, como João, o outro "pobre rapaz".

- Afinal, - Ela costumava dizer, - como poderemos saber? A cada vez vêm num grupo diferente, para que o nosso amor se dilate.

Daquela vez viéramos Cirilo e eu; papai morrera, faltara-lhe tempo para ter outros! Comprendíamos que se sentisse pobre quando, em geral nas famílias, as irmandades eram tão grandes...

Naquela manhã Gútrio ganhou duas roupas de Cirilo e desceu com vovô e João para a margem do rio. Em breve começariam as colheitas e era oportuno obter mais braços. João, Cirilo e eu estávamos acostumados ao serviço duro desde muito pequenos. Não ia ser fácil ao novo trabalhador a iniciação dos primeiros dias. A gente de sua raça trabalhava o cobre e tecia tapetes vistosos, entretanto, em nossa casa, de pouco serviriam aquelas habilidades.

Eu estava carregando o leite que acabava de ser tirado e os via a conversar animadamente, com seus instrumentos às costas. Não era difícil verificar que Gútrio se punha à vontade. De natureza arisca e subjetiva, como quase todos os de sua raça, eu não me enganava ao descobrir nele uma inteligência vivaz e rápida. Estivera em muitas das cidades do Ponto e conhecera outros cristãos além de nós. Eram bons, davam alimentos à tribo, protegiam as crianças doentes. Muitas vezes eu olhava os seus cabelos e aquela trança forte, a sair do alto de sua cabeça por um anel de cobre com estranhos sinais. Dava-me o que pensar.

Não sabia onde vira qualquer coisa como aquilo. Se me não enganava tratava-se de um sinal de nobreza. O pai de Gútrio devia ser um homem de importância na tribo, se não o mais importante.

Aquele rabicho a balançar de um para outro lado, aquele anel, implicaram-me ao vê-lo a descer, falando, para o Halys. E na mesma tarde, quando fiquei a sós com Cirilo e João falhei-lhes a respeito.

— Mas se é uma pessoa de importância, por que motivo sua ausência não foi ainda notada, por que não o procuraram ao menos?

Eu virei um pouco mais a bilha para que a água se entornasse nas mãos deles: estávamos junto ao redil e eles se lavavam para entrar.

— Como sabes que não notaram, ou que não o procuraram?

Eles levantaram o rosto molhado para mim.

— Gútrio se deixou pegar porque estava desesperado e faminto. Já não o está. Pode sair à noite, falar ao que os procuram, como um gato, como o seu povo furtivo, sem que nem sequer suspeitemos.

A expressão de espanto que tiveram fêz-me dar uma risada curta e satisfeita.

— Mas, se fala aos seus, afinal, que mal pode haver? — Perguntei.

— Bem, se é assim, por que não o faria com o assentimento de mamãe, à luz do dia?

— Lembra-te de que a situação é nova e estranha para ele. Há também o modo de proceder natural à sua gente.

— Sim! — Cirilo concordou. — Mas esta noite vou tirar tudo a limpo.

— Não vais tirar tudo a limpo, — exatamente, — fez João. Vamos observar e saber o que se passa.

Íamos subindo os degraus quando Cirilo se voltou para mim:

— Como sabes? Viste alguma coisa?

Não, eu não sabia, nem vira coisa alguma. Apenas me ocorrera que plausivelmente, fosse assim.

— Coronna não me aceita ainda. — Disse-nos Gútrio ao entrarmos. — Vede como me olha.

A cadela estava assentada nas patas trazeiras e olhava para ele friamente, como se, ainda desconfiada, julgasse oportuno continuar a vigiar. Isso fez-me lembrar da alegria com que fora ao encontro de Prisco, dois dias antes e do afeto que lhe testemunhara. Gútrio se aproximou dela e tentou afagar-lhe o pelo macio, cor-de-castanha e branco. Suas orelhas se espetaram, seus olhos se acenderam cheios de desconfiança. Coronna rosou aborrecida e procurou se afastar.

— É diferente para cada pessoa. — Disse o moço com desconcerto.

— Ela terminará por te aceitar. — Comentou Cirilo vindo em meu auxílio. — Mas é preciso que tenhas paciência.

— Gútrio? — Eu perguntei. — Esse anel que usas no cabelo e mesmo o modo como o penteias, não é comum aos homens todos de Jeu povo. Significam alguma coisa de especial.

HM

Ele olhou para mim. Seu olhar era lento e sincero.

— Trata-se de um sinal. — Disse.

Gútrio percebeu a curiosidade pintada em nosso rosto e por isso, mesmo sem que perguntássemos mais, prosseguiu:

— ... do sinal do filho do chefe... do rei...

Retive a respiração. Ele era, pois, o filho do rei, o príncipe. No pequeno silêncio que se fez, Cirilo estalou os dedos, chamando Coronna.

— Chega-te aqui. — Disse a Gútrio, querendo, certamente, provar que aquele assunto não importava e nem era de nosso interesse. — Vamos fazer a primeira tentativa de restabelecer tuas relações com ela.

Ele, em primeiro lugar, pôs-se a afagá-la. Depois fez sinal para que Gútrio a tocasse. A cauda da cadela, que balançava de um para outro lado, com alegria, se inteiriçou. Cirilo, entretanto, começou a falar com ela, entre curtas frases, afagando-a e dando-lhe tapinhas afetuosos. O resultado foi que, afastando-se dali a pouco, vimos que Coronna suportava o contato com Gútrio.

— Valha-nos Deus. — Disse João assistindo a cena.

Coronna dormitava e permitia que Gútrio coçasse, brandamente, o seu ventre mosqueado.

Acácio veio com Jântio. Aproximei-o de Filoctemo e disse muito Séria, mas fingindo brincar:

— Tu o aceitas?

Filoctemo sorriu e bateu amigavelmente nas costas do grego:

— Em verdade e inteiramente.

Nós nos rimos e, embora levando tudo à conta de uma graça, Acácio riu-se também.

— Hoje não estarei convosco. — Expliquei. Acompanharei mamãe e vovô à reunião da ecclesia.

— Há um estudo especial para esta noite? — Acácio perguntou.

— Sim, Paulo aos filipenses. Os primeiros passos apenas.

— Nunca vos ouvi falar de Paulo. — Disse Gútrio com timidez. — Não era um dos seguidores imediatos?

— Sim, porém não um companheiro direto do Mestre.

Filoctemo e Acácio puseram-se a explicar-lhe alguns dos episódios dos Atos. Gútrio acenava perplexo com a cabeça.

— Então, sentindo-se nascer de novo, depois de ter conhecido a Cristo, para iniciar a nova vida, rompendo com seu passado, escolheu um novo nome.

— Ah! Sim! Fez Gútrio pensativamente.

Já estavam quase todos em nossa casa quando saímos. E ainda hoje, fechando os olhos, posso rever a figura de Gútrio, assentado à minha frente, - insulado numa faixa de pensamentos que não podíamos partilhar.

Quando regressamos, embora os outros já tivessem partido, ele, João e Cirilo ainda estavam de pé. Não foi difícil adivinhar que alguma coisa sucedera em nossa ausência quando Cirilo veio ao nosso encontro e nos disse:

— Vêde o que acaba de suceder: Gútrio não se quer chamar mais Gútrio.

— Sim, — Fez o outro com insistência, do fundo da sala enquanto João nos olhava com perplexidade: — Sim, por favor, ajudai-me.

Eu bati palmas e disse arrebataadamente:

— Sim, sim, podes contar comigo.

Mas as sombrancelhas de mamãe se tinham encontrado e um vinco marcava-lhe a testa. Ela perguntou:

— Mas por que isso?

— Por causa de Paulo. — Cirilo esclareceu.

— Filho, tu não conheces a história toda. Contaram-te os problemas surgidos entre o apóstolo e sua família? Tu tens igualmente uma família, um povo. Pensa no que pode ocorrer desse teu gesto.

Eu quiz argumentar em favor de Gútrio porém refreei-me embora o seu olhar suplicante.

Houve um silêncio de expectativa entre nós. Vovô que estivera a nos olhar com os seus olhos azuis arregalados, fez um gesto como a dizer:

— E daí, como ficamos?

Então eu resolvi intervir:

— Se Gútrio deseja ter um novo nome e uma nova vida, — Eu disse com convicção. — não sei que mal possa haver nisso. Ele pode agir com cuidado relativamente ao seu povo. Prudentemente. Penso mesmo que, na tribo, não precisarão saber tão de pronto...

— Sim, sim... — Fazia Gútrio com satisfação.

Creio que, no fundo, a idéia não deixava de ser agradável a mamãe, embora a sua prudência necessária. Ela limpou a garganta:

— Bem! — Disse olhando meditativamente a ponta de seu manto, que torcia entre as mãos, — Digamos que, por enquanto, tudo ficará aqui, entre nós.

Então Gútrio disse algo que fez o seu rosto resplandecer:

— Mas, como me chamarei senhora? Peço-vos que nomeies o novo Gútrio que está nascendo.

Aquela era a oportunidade de fazê-lo um seu filho. Percebi que o sangue afluía em seu rosto bonito. Ela teve um momento de hesitação em que torceu, ainda mais nervosamente, a ponta do seu manto.

Gútrio parecia desperto do torpor de uma imaginação exausta.

— Não quero enganar-me mais, não quero enganar-me mais! Ele dizia. — Por favor, ajudai-me.

Mamãe encontrara o nome, pois seus olhos relampejaram. Ela colocou a mão sobre a cabeça de Gútrio e disse:

— Para nós tu te chamarás Eliano. Gostas?

Aquela brilhante insinuação de Sol agradou a Gútrio.

Pus-me outra vez a bater palmas, enquanto os outros r: m Há muito tempo eu não via vovô rir como ria agora. E meu entusiasmo era tão grande que Cirilo também pôs-se a bater palmas.

— Sim, vede só. — Disse mamãe divertida e feliz voltando-se para nós. — £ como se voltássemos dez anos atrás. Batei palmas crianças... batei...

CAPITULO — XIII

Nos dias que se seguiram pastoreei sob um céu amarelado, velado de pó, pois os primeiros ventos outoniços, já carregados de frio, nos atingiam, ressecando-me a pele dos braços e do rosto, e gretando-me os lábios.

As águas do rio, em grossas ondas, quebrando-se com estouro de encontro às margens mais altas, avançavam e recuavam raivosas pelas estreitas praias, no lugares em que os animais, medrosos, costumavam beber.

Eu me abrigava entre as pedras e ficava a ouvir o gemido abafado e taciturno do vento Noroeste, a varrer a estepe. Por vezes, abrigada no pequeno vale do rio, via tufos de relva crestada passando bem alto, como aves desgarradas, voando sobre minha cabeça. Iniciava-se a melancólica estação com seus rumores monótonos e constantes aos quais nos acostumáramos desde a infância, mas que causavam inquietação e tristeza aos forasteiros.

De manhã, acoçados pelo mau tempo, os gaviões esvoaçavam em derredor de nossa casa, agitando as escuras asas, em círculos próximos.

Saimos para fora e ficávamos a vê-los, sem, no entretanto, encontrar uma explicação para o fato. Lembro-me de que, naquela estação, quando aquilo se deu, o rufiar das asas castanhas e seus gritos agudos encheram-me de uma vaga aflição.

— Talvez a mudança dos ventos dificulte a volta deles para os ninhos na cordilheira. — Disse Cirilo olhando para o alto. — Era, pelo menos, o que papai supunha...

Fiquei parada ao lado dele acompanhando o rumo de seu olhar. Ia-me afastar para longe da casa com Coronna e o rebanho quando ele me deteve.

— Tinha razão! Disse-me acenando para que João se aproximasse. — Estivemos, João e eu a vigiar o nosso Gútrio...

Contou-me então que, pela madrugada, Gútrio saiu furtivamente para fora e estivera a confabular com três dos seus antigos companheiros, ao pé da escada.

— Pouco antes, — Disse-me ele, — tínhamos ouvido qualquer coisa como um pio de mocho repetido a intervalos, até que Gútrio saiu. Estiveram a parlamentar algum tempo, depois Gútrio tornou a entrar e deitou-se.

— Vais contar isso a nossa mãe? — Perguntei.

— Não, não vou. João e eu concordamos em que não há motivo para criar suspeitas em relação a ele. Isso que nos parece estranho, esse comportamento de Gútrio, está de acordo com o mundo em que viveu. E mesmo que ele se transforme, os seus companheiros não se transformarão. Ele terá de viver, pelo menos durante algum tempo, nessa fronteira de confiança e desconfiança, de franquezas e subterfúgios... Não tens razão?

Concordei com ele. Não muito longe de nós, indiferente ao frio, a penas com um leve vestido sobre a pele trigueira, Gútrio trabalhava correndo e meticulosamente na reconstrução da paliçada, tarefa para qual negava-se a aceitar qualquer auxílio nosso. Estávamos a observá-lo quando vimos que a mãe se aproximava dele pela passagem do redil. Trajava uma das capas que fizera para Cirilo no Inverno do ano passado, muito bem dobrada no braço. Pô-la sobre os ombros de Gútrio e nós surpreendemos o seu gesto de surpresa e depois de contentamento. Puseram-se a falar, porém o vento soprava contra nós e não pudemos captar o diálogo. Mas ao se voltar, o rosto bonito e sereno dela irradiava contentamento.

— Mãe nasceu para a maternidade, — Disse Cirilo ao meu lado. — Nunca nos ocorreu pensar o quanto deve ter sido amargo para ela ver o curso de sua atividade interrompida.

Não respondi. Mas aquilo que ocorria a meu irmão agora, vezes e vezes me ocorrera antes, talvez porque eu também fosse mulher e pudesse melhor compreender. Voltei-me para ele mudando de assunto:

— Estiveste a falar em Gútrio. Não te esqueças, agora ele se chama Eliano...

Durante alguns dias, como que a instalar o Outono, o vento arfou e as ondas do rio roncaram sem parar. O sibilar dos ramos que se desnudavam, aquele conjunto de sons queixosos e repetidos enchiam-me de melancolia e de uma vaga irritação. À noite dormia mal. Ficava desperta ouvindo o ruído desassossegado do vento e o marulhar das águas, entre tecendo-os com pensamentos agitados. O fato de Prisco não voltar podia significar que as coisas não corriam bem para ele em Sebastes e que, pelo menos, faltaria-lhe condições de segurança para tomar outra vez o bote e vir até onde eu estava.

Naquele prenúncio de estação descemos à igreja e levamos Eliano conosco. Intimidou-se no meio de tanta gente desconhecida, abaixou a cabeça e ficou mudo em um canto, apenas a ouvir.

Ví Filoctemo de longe e não me foi difícil perceber que havia novidade. Filoctemo tinha a transparência da brisa.

— O que há de novo? — Perguntei-lhe ao nos encontrarmos.

— Já sei, tenho a transparência da brisa!

— Mais ou menos. Eu diria que estás alegre e preocupado.

— Bem, temos novidades aqui na igreja e eu, pessoalmente, tenho um novo éolo! Um outro! Vês o rapaz acolá, o de cabelos ruivos, junto da mocinha também com cabelos ruivos? Ela é Zenóbia, ele Heráclio... em breve os conhecerás...

HERÁCLIO

O avô não estava satisfeito. Para ele os criados da casa eram pessoas brancas, levianas e perigosas. O avô também desconfiava. Dizia-se que a religião dos homens do Caminho se propagava

rapidamente, como a peste, sobretudo contagiando as pessoas simples e, por isso, mesmo, mais sujeitas a se deixarem levar. Além disso guardava a impressão de que os servidores faziam causa comum com as crianças- Eram, aliás, duas adoráveis crianças, além do mais, órfãs de mãe e com o pai em terras distantes, refazendo a fortuna. Mas o avô era homem que sempre encontrara processos rápidos para resolver seus problemas. E tinha recursos para segregar os pequenos do convívio com os servidores da casa.

Reuniu-os e dispôs novas ordens. Decretou que as crianças ficariam alojadas na ala em separado, aos fundos do grande pátio central e com apenas quatro contactos diários com o mordomo e a governanta.

Ao espírito do pessoal reunido surgiu clara a idéia de que o amo estava abalado em suas faculdades mentais-

Ao ser chamado, Heráclio chegara trazendo a pequena Zenóbia pela mão. E provou o seu brando temperamento quando, ao ser informado sobre o regulamento, soube agradecer a medida ao avô, concordando com quanto desejava.

Aqueles quatro contactos representavam as três refeições e a hora do banho. Sucedeu que, poucos dias depois de instalados nas dependências dos fundos, as duas crianças já não tinham o que se dizer nem. -o que fazer. Foi quando decidiram explorar as dependências e foram dar a uma espécie de sótão empoeirado, cujo respiradouro se abria sobre a grossa muralha que contorna a propriedade, isolando-a das vizinhas. E ainda nessa noite, caminhando sobre o respaldo da muralha, põem-se a explorar as redondezas. E de pouco em pouco, curiosos e excitados, vão mais longe.

Pelo lado Sul a casa divide com um pátio que se torna o local preferido das escapadas noturnas. Muitas pessoas se reúnem ali. Abraçam-se amigavelmente, falam-se com ternas palavras- Envoltas nas sombras da noite e ocultadas pelos altos ciprestes, as crianças assentam-se lá e ficam a vê-los e a ouvi-los.

No dia em que são descobertas, uma alta escada ô encostada à parede e elas são descidas. Há quanto tempo estão espiando dali? Muito tempo! Um Verão, depois o outro. Zenóbia crescera quase um palmo, He- táclio quase dois. O menino diz ao grupo perplexo, sem constrangimento:

- Não vos assusteis. Já agora, também nós somos cristão, a mana e eu!*
- Por isso não fugistes quando vos vimos.*
- Sim, por isso. Também julgávamos que já era tempo vos falarmos. Queremos regressar para junto de nosso pai. Podeis nos ajudar.*

- Queridas crianças, como poderemos vos ajudar?*
- Orando conosco para que ele venha, ou que mande alguém...*

A longa escada já não sai de junto ao paredão.

Esta manhã Memento chega à casa. Na presença do avô, o sereno ancião faia assim:

- Trago cartas de vosso genro e ordens para, com vossa permissão, levar os pequenos de volta.*

Em viagem Heráclio dirige-se com simplicidade ao mensageiro:

- Todos estes meses oramos para que viesses. Advinho-te bom e compassivo. Dize-me Memento, és cristão? Nós o somos.*

O olhar de Memento fulgura:

- Deus nos abençoe, eu também o sou!*

*
**

- Além disso, o que há?*

Filoctemo relutou em responder:

- Verás daqui há pouco! Chega-te aqui...*

Segui-o e fomos ao encontro de Heráclio e de sua irmã, duas bonitas criaturas, que chegavam da Licaonia. Memento, filiado à igreja de Sebastes aceitara, anos passados, encarregar-se da educação

deles. Voltava agora trazendo-os consigo enquanto o progenitor regressava a Roma convidado a participar de movimentos políticos ainda não de todo definidos-

Informava-me disso quando Mélon, acompanhado por um desconhecido e por Adastro entraram na sala.

— Aí tens a segunda surpresa, — Disse-me Filoctemo num oprimido.

Um pesado silêncio caiu sobre a assembleia.

O desconhecido era de mediana estatura e bem formado. Tinha os cabelos castanhos, a boca pequena e móvel, o nariz aquilino. Seus olhos percorreram a sala e, de imediato, percebi-lhe o brilho intenso, a expressão amável e enérgica.

Adastro apresentou-o e eu contive a respiração surpreendida. Como, então, a igreja de Sebastes ganhava importância?! Estávamos diante de Atanásio, diácono de Alexandria, representando o próprio Alexandre.

Entretanto ainda no ano anterior ouvira dizer que se encontrava refugiado nas grutas do deserto da Tebaida onde, igualmente, habitava o célebre Antão.

Por causa de Antão e, depois, de Atanásio, muitas discussões se levantaram em torno da palavra grega "ascetismo" que significava praticar. Lembro-me de que Adastro recusava a vida ascética. A aspiração por um plano espiritual mais elevado era inerente ao espírito humano mas a ideia de que tal ideal pode ser atingido apenas pela solidão era um engano perigoso.

— Sentimos, — Dizia Adastro. — o trabalho espiritual intenso a se desenvolver em derredor do homem desde toda a eternidade. O que seria de nós se os nossos inspiradores e guardiães, nas Esferas Maiores, se refugassem à distância da Humanidade sofredora e iludida! Se Jesus recusasse o contacto com a massa, seus próprios seguidores optassem pela solidão egoísta e improdutivo O sentido de treinamento espiritual da alma para as disputas contra as tentações da natureza animal também é incompatível com o próprio exemplo dos nossos sublimes antecessores. A natureza animal do homem é vencida na prova, na vigilância, na força irresistível do trabalho do amor entre as criaturas.

Shiva, o deus indú da destruição e da restauração dava um exemplo da vida ascética. Buda passara sete anos de solidão e silêncio sob uma figueira. Era, pois, natural que os brâmanes se retirassem para a vida de eremitas, procurando penetrar os derradeiros arcanos do ser, embora, deixando em pós de si uma Humanidade atirada aos últimos quarteirões da ignorância e da miséria física. Enquanto, nos picos dos Himaláias os monges e monjas budistas cantavam suas "imortais canções de serena sabedoria", nos vales erguiam-se os gemidos dos perseguidos, dos agonizantes e dos famintos.

Os padres do deus Serapis, no Egipto, eram ascetas e furtavam ao homem o conhecimento das verdades a que eram iniciados.

Os essênios eram ascetas e Jesus pregou à distância deles. Os silêncios e as solidões de Jesus eram os rápidos instantes da prece. Fora disso era vivência, ação ininterrupta como herança que destinaria aos seus seguidores. O exemplo de dinamismo da própria criação é um chamamento. O Sol não para, as plantas, se se detêm morrem, a água, parada, ganha miasmas mortíferas. A ordem era o trabalho produtivo com vistas ao bem geral.

Adastro, como todos nós, repeliávamos a união mística com Deus, atingível pela solidão e graças a um modo ascético de vida.

Assim sendo, fixei com desconfiança Atanásio; e quando o meu oprimido encontrou o de Filoctemo, percebi que nos entendíamos.

Atanásio nos disse que a mais importante e difícil tarefa da época era fortificar a igreja. Esse fortalecimento, entretanto, dependia da formulação de um dogma definitivo só ele capaz de garantir a difusão universal e a permanência da fé.

— Mas uma controvérsia, uma divergência ameaça dividir a igreja e venho apelar para vós.

Basicamente a questão é esta: devemos considerar Jesus Cristo como um Deus que assumiu forma humana ou simplesmente como um homem que atingiu uma perfeição quase divina?

Com vigor e vitalidade, pôs-se então a defender a doutrina da identidade de Deus e de Cristo, trazendo, em apoio da tese de que Deus Pai e Deus Filho eram um só, as próprias palavras de Cristo: Eu e meu Pai somos um.

Para nós, entretanto, que saíamos de uma igreja grega com toda a sua clareza racional, a identidade não nos parecia mais do que uma loucura, e assim pensava eu ao ouvi-lo, por vezes corando atribulada, e enervada, outras experimentando a sensação de estar envolta por sombras, aterrorizada, arfante, envolta num frio mortal.

Aquele assunto, eu o saberia depois, apaixonava o mundo mediterrâneo porém só agora nos era proposto claramente e exigia o nosso pronunciamento, a nossa decisão. E não era difícil perceber que também nós nos envolveríamos nos acerbos sentimentos que uma importante causa em jogo pode levantar. Mas, naquele instante apenas um profundo desalento se apossara de mim.

— Se permitirmos que Arrius e os seus levem a melhor, os sublimes ensinamentos do Filho de Deus se reduzirão a uma dessas doutrinas éticas que rapidamente passam com os ajustáveis padrões da moralidade. Somente um Deus pode manter o coração dos homens e exercer seu poder de redenção, alívio e bênção dos fiéis. A alegria jubilosa da fé cristã não nasceria se Cristo fosse apenas um homem. Não haverá, então, nem ressurreição nem milagre do Espírito Santo, nem graça, nem sacramento, nem redenção. Não há a misericordiosa mãe de Deus. A fé em Jesus Deus precisa se tornar o credo dominante. Mas formidáveis obstáculos estão no caminho de nossa vitória.

Arrius estava no caminho daquela vitória. Atanásio, Arrius, todos nós estávamos sobre a pedra da esquina!

- Cristo é um homem!
- Cristo é Deus!
- A verdade é razão!
- A verdade é mistério!
- A escritura prova que só há um Deus!
- A Escritura prova que Cristo é Deus!

O próprio Atanásio forneceu-me os elementos para aprender o pensamento de Arrius.

Estribando-se na autoridade de certas passagens das Escrituras, Arrius insistia em que só Deus era incriado e eterno e concluía disso que Jesus tinha de ser uma criatura de Deus e, como tal, sujeito às leis de instabilidade e de transição.

Eu não precisava mais do que isso para minha definição. Entretanto Alexandre excomungara a Arrius e Atanásio exigia a obediência ao patriarca alexandrino. Arrius reagira, solicitara aos mais plebeus chefes das igrejas orientais, entre eles Eusébio de Nicomédia, que examinassem seus ensinamentos, conseguindo por esse exame a sanção e o apoio deles.

Horror-ousion, sugeriam os elementos de conciliação, sugerindo iguais em essência. Homoi-ousion, corrigiam os arianos, semelhantes em essência. Aquele i, a menor letra do alfabeto grego, era, ela sim, o símbolo da esquina. Uma direção ia ser escolhida e dela dependeriam os séculos.

A eloquência de Atanásio tinha o poder/ da fascinação:

— Acreditamos, — Dizia ele, — em Deus Padre Onipotente, *criador* das coisas visíveis e invisíveis e em Nosso Senhor Jesus Cristo, Deus de Deus, Luz de Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus. Apelo junto de vós pelo Cristo Deus sobre o Cristo Homem, apelo junto de vós pelo mistério sobre a razão!

Como depois eu verificaria, Atanásio era desnorteante. Era intrépido e tinha a habilidade de um capitão, porém era afável de modos e agradável na conversação. Sua imaginação era fácil, seu espírito vivo e penetrante, porém era também, no fundo, um homem frio capaz de perceber o momento exato para avançar ou para recuar. Sua intuição era clara, mas era também obnubilada, de

outra forma não esposaria o que se me afigurava o fracasso do homem em face do Evangelho.

Eu estava renunciando aos sonhos de minha juventude, às esperanças mais doces de minha vida por minhas idéias. Pensar que os homens iam fantasiar sobre elas e perdê-las, enchia-me de mágoa e consternação.

Houve um silêncio longo quando Atanásio terminou de falar- Eu, não sei porque me pus de pé. Todos os olhares se voltaram para mim e o rosto aterrorizado de minha mãe pareceu crescer e se aproximar implorativo, exigindo o meu silêncio. Foi Méilton quem perguntou:

- Vais falar?
- Sim, vou! — Respondi tentando dominar-me.
- Por que?
- Porque não posso aceitar!
- Lembra-te da autoridade diante da qual te levantas! — Oisse Méilton trêmulo de irritação.
- Lembro-me de que me levanto diante da autoridade de minha própria consciência.

Senti-me de repente exausta com a penosa sensação de estar sobre as águas profundas apenas firmada sobre o leve espelho do gelo quando os ventos mais quentes começam a soprar.

— Tu não compreendeste, — Tornou Méilton com frieza. — Se tivesses compreendido verias que é nosso dever cumprir a vontade do diácono. Não podes ser julgadora neste assunto.

— Está escrito no evangelho que quem não é por Deus é por Ma- mon. Quem não está por mim, diz Jesus, é contra mim. Foi assim, por isso que papai morreu. Falo por seu sangue derramado no testemunho.

- Afrontas o diácono, deverias ter-te levantado para rogar um conselho.
- Só os loucos solicitam conselhos que não estão dispostos a seguir.

Minha voz era distante, apagada e sem brilho. Filoctemo levantou-se, veio em meu socorro:

— É leal que tudo falemos, — Disse com calma e tranquilidade, -fc* enquanto nos franqueiam a palavra em face de todos os irmãos.

— E o que mais tereis a dizer? — Indagou Méilton entre aborrecido e irônico. — Tu és livre, como todos, de seguir a igreja universal.

— Não podes estabelecer planos relativamente à igreja de Cristo, Méilton. Ela não nos pertence. Os homens poderão construir edifícios conforme o seu gosto pessoal e intitulá-los igreja. Dessa poderão dispor ao seu talante. Poderão também constituírem-se em organizações' partidárias a serviço de seus interesses materiais e a isso também chamar igreja. Aqui também o seu arbítrio pouteict imperar. Paulo, na Epístola aos Gálatas diz que a Jerusalém que é de cima, a qual é mãe de todos, ó livre. O espírito sectarista e orgulhoso dos homens poderá soprar como rajadas do fanatismo sobre as instituições apelidadas Igrejas, na Terra, transformando-as até em templos de nova idolatria ou mesmo em feiras públicas. Além da eéfera obscura da matéria, porém, resplandece o templo soberano do invisível da Igreja Rei. É augusta e livre. Só essa igreja é universal!

Houve um momento de silêncio durante o qual eu ouvia o tropel de meu coração. Móliton voltou-se para os assistentes e disse-lhes enrubescido de cólera:

- Atanásio clama contra a impiedade, a invigilância e contra Arrius e seus seguidores!
- Em nome de Alexandre de Alexandria, — Ergueu-se Atanásio a dizer, — ordeno que Méilton permaneça na igreja de Sebastes com autoridade igual à do ancião e amplos poderes para as denúncias de heresia que se fizerem necessárias.

Percebi que a mudez dos assistentes equivalia a uma aquiescência. Eu e Filoctemo nos entreolhamos. Assentamo?nos. Adastro, compungido se pós a orar, encerrando os trabalhos da noite. Naquele momento de decisão Adastro me pareceu bom e puro, muito além de mim, que podia eleger para a rebelião.

Enquanto orava em silêncio, apesar do auxílio providencial que Filoctemo me trouxera, um sentimento de solidão sorrateiramente se insinuou em meu espírito. Era qualquer coisa que me

purificava, mas que, ao mesmo tempo, trazia-me o desejo de chorar.

Ao terminar a reunião assentei-me ao lado de Eliano e, como ele, abaixei a cabeça tristemente. Seguiu-se um espaço em que estive abstrata e vazia e depois ouvi a voz de Nícalo dizer qualquer coisa a respeito de Móliton ser um caprichoso. Em seguida veio a voz de Cirilo. Nossos jovens amigos se tinham reunido, porém agora falavam reticenciosamente num tom abafado que me escapava aos ouvidos distraídos, sem conseguir reter as palavras. Mas retinha o ruído do vento lá fora e o farfalhar das folhas dos tamarineiros. Aqueles tristes rumores me reconfortaram como o fariam frases de compreensão. Apercebi-me da sala. Vi que, com seus olhos amendoados e espertos Eliano seguia agora, atentamente, quanto se passava em seu derredor. Antes de mim ele tomara cobro,.

Com sua figura de sacerdote egípcio, um ar de desprazer que não se importava em ocultar, Méilton vinha formar com o grupo jovem, trazendo Atanásio consigo. Atanásio queria convencer, explicar:

— A igreja vai se organizar, — Ele disse peremptório e fervoroso, porém sem calor..

E eu me lembrei de uma frase que ouvira algum tempo antes, a seu respeito exatamente:

— "Ninguém percebe melhor o momento de avançar ou de recuar, do silêncio ou da palavra, da ação ou do repouso".

— Deveis compreender que na unidade de vistas e na organização está a força.

— A igreja necessita de um elemento agregador, — Ouvi Méilton curiosamente dizer. — Em torno desse elemento vai ser possível o colle- gium para a congregação apostolar.

— *Como o collegium augurum?*

Nícalo se referia a uma das formas de organizações do culto pagão.

— De certa forma; a fim de que a igreja possa fazer proselitismo é preciso um acomodamento ao mundo tal como existe agora. O que pode fazer a força do paganismo, poderá fazer a força do Cristianismo. Na batalha para alcançar a maioria, não importa aderir a algumas formalidades exteriores, tais como as que tanto atraem e interessam as massas nos diversos cultos.

— Isto quer dizer que nós mesmos abriremos a brecha na muralha, de dentro para fora. — Disse João.

O olhar de Filoctemo encontrou o meu como um relâmpago. Mais ou menos aquilo eu dissera meses atrás, certa noite, ali mesmo.

Lembro-me de que a discussão se generalizou em termos de franqueza. Frases como "confortável materialismo", "absorvido pelo ambiente", "golpe de astúcia" chegavam ao meu ouvido precipitadas e candentes.

Sim, eu dizia a mim mesma, este é o momento da esquina.

A pedra ia ser rejeitada, mas era possível que os séculos se encarregassem do novo edifício. Dobraríamos a esquina e deixaríamos a pedra em pó de nossos passos.

De subitamente, uma intensa sensação de saudade se apoderou de mim. O melhor já se tinha passado, eu estava rodeada de fantasmas e eu mesma era um fantasma de mãos geladas e de olhar parado. Tinha vontade de estar a sós, de sair para fora e me por a andar por aqueles corredores e pátios, de dizer adeus. Eu podia, dizia a mim mesma, ter estado aqui mesmo, mas há duzentos anos atrás. Então assentar-me-ia junto de Abba e esconderia meu rosto em seu peito. Ela passaria as mãos sobre meus cabelos e depois mealaria de quanto era preciso fazer no futuro, para que a semente não se perdesse...

No lusco fusco de meus pensamentos, entre meu sonho triste e silencioso e a realidade contra a qual eu era impotente, ouvi o riso seco de Méilton e, logo em seguida, a frase que Atanásio dirigiu a meus companheiros e que não esqueceria mais:

— Sois passarinhos da mesma espécie!

Olhei para ele. Ante o grupo jovem e alvoroçado, ante os clarões daquelas frescas inteligências, havia uma estranha reserva de atitudes, uma tristeza estampada em suas faces. Nossos olhares se encontraram e ele caminhou para mim, carregando consigo as atenções.

— Não crês que a imposição seja verdadeira?

Neguei balançando a cabeça e respondi:

— Mas creio que ela abre um novo campo de temores!

— Leste o que prescreve Paulo quanto às mulheres? Embora eu não o faça, ele o faria.

— Escrevendo aos hebreus Paulo também dizia: "Pondo de lado todo o impedimento, corramos com perseverança a carreira que nos está proposta." Sei qual a carreira, é justo que ponha de lado os impedimentos.

Atanásio sorriu como a não levar em conta minha observação. Depois disse pensativamente:

— A carreira... O impedimento é apenas uma dificuldade, a de levar as nações politeístas a conhecer um Deus único e a mantê-las nessa idéia.

Tínhamo-nos tornado o centro do grupo e ele desviou sua atenção de mim para os circundantes. E no mesmo tom pensativo voltou a dizer:

— Seria a mais arrematada e infrutífera loucura fazê-los supor, em sua pequenez, a concepção de um ser sem igual na sua eternidade solitária. É tarefa primordial para o Cristianismo estabelecer as relações de Deus com o homem sofredor e desprezado.

— As relações de Deus com os homens não serão estabelecidas pelo próprio homem elevado à categoria de seu colaborador?

Um sorriso remoto perpassou pelo rosto do diácono:

— Um entusiasmo recente pode oferecer essa idéia que mantém Deus à distância do homem, sozinho, em seu trono de eternidade.

Nícalo fez um "Oh! não" de protesto porém Atánasio não o deixou prosseguir. Ele mesmo continuou, alto e apressadamente:

— Deus se fez homem na pessoa de Jesus e veio rebaixando-se, revestindo o envoltório miserável da Humanidade. Esta idéia ó quente e oróxíma, é capaz de cativar as imaginações como os deuses pagãos o fazem ao deixarem o Olimpo para se imiscuirem na multidão. Esta idéia enternece os corações. Se não lhes dermos este Deus, voltarão enfadados e descorçoados para os deuses de seus portes e talhes. Não podemos colocar um abismo intransponível entre a filosofia e a religião, entre o pensamento dos sábios e a piedade dos simples. Não podemos deixá-los definitivamente separados, é preciso reuni-los, conquistá-los a ambos, evitando que o Deus da razão dissipe a luz do idealismo e que a divindade das massas se corrompa na matéria extrema.

— E que solução propondes?

— Jesus mesmo é a solução. Sua dupla natureza, deus-homem, homem-deus, permite que apresentemos aos homens um Deus ao mesmo tempo tangível e abstrato, perceptível e intelectual, digno da imaginação e ao mesmo tempo acessível aos sentidos. Com a dupla natureza de Cristo, o mesmo Deus que enternece a alma piedosa de uma pobre mulher o- cupará a reflexão de um sábio. Nisto residirá o segredo da eficácia e da rápida propagação do Cristianismo.

— Mas uma eficácia em extensão, sem profundidade, uma propagação rápida em quantidade, nunca em qualidade.

— Leve Arrius a melhor e a credulidade popular não tardará a encontrar outros seres sobre-humanos para alinhar ao lado do Cristo, estabelecendo escalas entre o céu e a terra.

— A religião envolta no mistério e alicerçada sobre a fé não raciocinada terá em si, necessariamente, uma perspectiva de ignorância, de noite mental que poderá arrastar consigo a vantagem do domínio fácil sobre a massa, mas que traz em si também a possibilidade de muitos enganos entre os quais, talvez, este de estabelecer em derredor de Jesus um culto multiforme. A fé é, sobretudo, o problema da verdade.

— A verdade é o mistério!

— A verdade é a razão!

Houve uma pausa carregada de intenções de ambas as partes.

Muito em breve, passou pela minha cabeça, as criaturas estarão sendo obrigadas a crer nisto ou naquilo, independentemente do que penam. Então, quando se der com a impossibilidade de calar as consciências, cair-se-ão seus instrumentos. Os postes, as fogueiras, os suplícios terão apenas outros espectadores.

— Existe em Deus, — Ouvi remotamente a voz de Atanásio legi; lano, — unidade de substância e trindade de pessoas ao mesmo tempo Embora distintas sob o nome de primeira, segunda e terceira pessoas, Pa Filho e Espírito Santo, são igualmente eternas, perfeitas e incriadas, na mesma palavra, absolutamente iguais entre si. Nenhuma delas, em separado possui a plenitude da divindade. Jesus, fundador do Cristianismo, é a segunda pessoa e se encarnou no tempo para a redenção do gênero humano. Sois obrigados a crer assim, é o dogma

— E se a razão objetar, se esse Deus único em três pessoas não oferecer à mente uma concepção clara e consistente?

— Essa obscuridade é divina, É o mistério. Inútil dissecar os termos, inútil tentar a penetração de seus sentidos.

Muito tempo depois um doutor célebre ecreveria que, dizendo três pessoas, fala-se não para dizer alguma coisa, mas tão somente para não emudecer.

Aquela noite estávamos, pela primeira vez, face a face com o "dogma" I E, não sei porque, talvez pela necessidade de substituir um pensamento doloroso por outro que doesse menos, veio-me à mente a flor silvestre que um dia Prisco me dera. Desejei revê-la, sentir entre os dedos suas asperezas e aspirar o seu acre perfume, quase de todo apagado.

O vento outoniço desfez uma leve nuvem sobre a cidade e, inesperadamente, o que era tão raro suceder, uma pancada de chuva, como o ruído de uma saraivada de saibros, rápida e crepitante, estralejou sobre os telhados.

Eu podia contar nos dedos as vezes em que vira a chuva e, por isso, sai para fora. A luz das taedas uma leve poeira fulva se levantou no átrio em derredor do poço. Sobre a terra ressequida as gotas eram como pequenos tapas espertos e secos.

Vi-o através dos respingos fugazes, além das sombras dos tamarineiros. Saí a correr sob a chuva e ele estendia os braços ansiosos para mim. Toda a poesia de minha vida poderia resumir-se naquele instante passageiro, entre os fios prateados quando avançamos um para o outro e ele prendeu-me fortemente nos braços gelados. Estávamos perturbados os dois, porém nos sorrimos e uma maravilhosa sensação de paz caiu sobre nós. Não lhe perguntei o que trouxera nem como me descobrira ali. Eu sempre o via assim, em situações que não podia compreender.

Não pensei que estava molhada e que necessitava voltar. Pensava apenas que um irresistível anseio trouxera-o para mim. Estávamos cansados de lutar, de cem vezes negar. E naquele momento queríamos apenas sentir, sem palavras, sem frases, sem ontem e sem amanhã.

Posso ainda ver a chuva escorrendo pelo belo rosto amado e do seu olhar inundado de ternura e alegria. Pelas nossas mãos apertadas eu sentia o fluxo e o refluxo de nossos dons, riso e canto em todas as suas tonalidades, o arrebatamento, o ritmo sem o esforço da linguagem. Foi um momento de sedução apaixonada e de esquecimento. A força oculta que nos dominava e à qual terminávamos por obedecer, conduzia-nos por insuspeitados atalhos, ao Sol ou pelas trevas, porém sempre haveria alegria no momento em que partilhássemos a colheita.

Éramos diferentes, nisso estava o mistério e o milagre. Se ele me tomasse nos braços e dissesse: "Amo-te" eu talvez recuasse. É o mágico encanto se esfacelaria. Mas era um amor de adolescentes e a nossa inocência fazia com que o mágico encanto não se esfacelasse. Não fora assim aqueles instantes de ternura, — quem sabe!, — não se transformariam num marco aborrecido, banal e triste no passado.

As águas de nossa Primavera não nos arrebatavam. Sofríamos as pequenas dores como quem se prepara para as dores maiores. A vida nos tomava nos braços e nos apertaria com força e nossa

única defesa ia ser não mais esperar o venturoso enlace.

Estávamos esquecidos numa enseada de maravilhoso alheamento. Não se passou, porém, muito tempo e Nícalo surgiu. Sua presença não surpreendeu a Prisco.

— É melhor que voltes, — Disse-me ele baixinho.

Eu me sentia pacificada e obedeci. Prisco não me libertou de pronto, mas depois largou-me a mão e sorriu-me ternamente. Corri com Nícalo através do pátio e quando me voltei, já na pérgola, Prisco tinha desaparecido .

Sacudi os cabelos e recompus as dobras do manto. Nícalo sorria olhando para mim e eu sorri-lhe também. Querido Nícalo! Meu amigo! Meu aliado!

A rápida pancada de chuva já havia passado, àvidamente a terra seca bebia as poças rasas e apenas uma doce e reconfortante frescura enchia o ar.

— Estás molhada, vai à cozinha e seca-te!

Sim, nos fundos dos alojamentos haveria fogo aceso. Minha hora de beleza terminara, eu precisava retornar às coisas prosáicas.

— Tu lhe disseste que vinhas aqui? — Perguntei.

— Claro que não, não havia motivo para isso.

— Não foi ocasionalmente!

— Não, não foi. E tu, por que saíste?

— Não sei... não sei...

Então, uma suspeita, um sentimento vago de intranquilidade se assenhoreou de mim e me fez olhar de sosláio para Nícalo.

— Sabes por que ele veio?

Nícalo não respondeu de pronto. Desviou os olhos de mim para as parreiras já despidas, onde grandes cachos amadureciam.

— Não exatamente. Ele se preocupa, sente-se infeliz, — Disse lentamente. — Quis ver-te...

— Não, não é só isso, tu poderias dizer-me. Ele se vai embora, por isso veio... Quando partirá, Nícalo?

Nícalo estava na sombra mas ao voltar-se rapidamente para mim saiu outra vez para a luz. Nós nos fitamos face a face. Eu levei a mão a boca arrependida da pergunta e repentinamente arrasada.

— Oh! Não! — Disse-lhe. — Não respondas Nícalo, não respondas. Atormentada dei-lhe as costas e fugi para os compartimentos dos fundos.

CAPITULO — XIV

A visita importante de Atanásio seguiram-se muitas outras dali por diante. Em torno de Arrius e de Atanásio ardia uma febre e talvez só por causa da localização de Sebastes, extremamente central e equidistante das cidades costeiras do Ponto Euxino e do Mare Nostrum, a disputa e o debate nos estivessem chegando por último.

Uma situação possivelmente guardada havia muitos anos vinha a furo. Os primeiros bispos que visitaram Sebastes, de passagem, a serviço da propaganda, escandalizaram a comunidade.

Éramos o que se poderia chamar fiéis simples. Nossa religião não tinha artifícios, estava toda voltada para a práti: a e o exercício da vida de todos os dias. Fundando as igrejas ao longo de suas jornadas, os após* tolos do Senhor as entregavam às mãos dos presbíteros, palavra grega de presbus, velho, ancião. Adastro era um *presbus* e recusara o título de bispo, que se vinculava ao paganismo. Os visitantes que chegavam, entretanto, o aceitavam e tinham adotado por símbolo de sua autoridade, o alto cajado de ponta recurva, o *lituus* que viamos nas mãos dos sacerdotes dos cultos pagãos, chamalos *augures*, os quais eram encarregados de predizer os acontecimentos futuros

mediante a observação do tempo, o vôo e o canto dos pássaros.

O *lituus* dos bispos cristãos surgia muitas vezes magnífico, trabalhado em metais preciosos, encastoados de gemas. Lembro-me do nosso pasmo estarrecido quando vimos as primeiras roupagens especiais, os paramentos que de pouco em pouco tinham passado a usar. Eu gostaria de poder repetir os ingênuos comentários que ouvia serem feitos. Entre nossos companheiros da igreja, um deles, ílio, era *fulo* batantro. Naquele tempo a indústria do *batan* florescia por toda a parte. ílio, além de fabricar vestimentas, recebia roupas usadas para limpar e renovar. As comitivas confiavam-lhe, pois, a limpeza de suas bagagens e a cavea viminea de ílio se enchia com os mantos faustosos, as dalmáticas e as roupagens talaras. Os banhos de nitro e galactita, as fumeгаções de enxofre restituam-lhes o brilho para as apresentações públicas e cerimoniais incompreensível para nós. O pobre ílio, que tinha os sacerdotes pagãos por velhos clientes, apenas distinguia dos pertences dos inesperados fregueses pela cruz que, para uns, substituía os símbolos dos outros.

Velho e cansado, aturdido e sem forças, Adastro silenciava ante as esplendorosas visões e, mais e mais cedia a Méilton, tão altamente merecedor aos olhos dos assessores de Alexandria, o governo da igreja. As instâncias de seu coração e de sua inteligência, negava-se a abandonar o posto a que fora elevado por votos de confiança para ele inesquecíveis, mas seu rosto venerável se fazia mais fino e seu olhar mais baço. Ele servira ao Cristianismo como seus antecessores o tinham feito, desde os primeiros tempos, aceitando as tarefas mais árduas e buscando os últimos lugares. Os que chegavam agora eram cheios de superioridade, eram doutores, o mundo deles não era aquele mundo de famintos, doentes, órfãos e viúvas, de seres que choravam e gemiam por uma esperança. Era o mundo da elocubração, do pensamento.

Num anoitecer, sentindo talvez que suas forças periclitavam, Adastro veio a nossa casa. Conforme nos disse, vinha solicitar a companhia de João, se o rapaz já estivesse, como parecia, inteiramente bom. Necessitava de um companheiro, João poderia voltar com ele.

Fiquei contente quando nosso amigo concordou. Estava mais forte e mais disposto; embora nunca chegasse a ser o que se pode ter por um jovem robusto.

— Adastro faz uma boa escolha, filho. — Disse mamãe com os olhos úmidos, pondo-lhe as mãos sobre os ombros. — Vai e que Deus te abençoe!

— João será uma companhia jovem para Méilton! É possível que isso lhe faça falta. — Explicou Adastro esperançoso.

Eu e Cirilo trocamos um rápido olhar. Eles se fariam companhia sim, porém não ia ser nada divertido para ambos. João era tradicionalista, sereno e fiel. Méilton brutalizava-se na fé cega preocupando-se até o fanatismo com as conquistas de cunho temporal. Adastro, bondosamente esperava que a chama de João, alimentada pelo ardor de sua raça, pudesse aquecer o espírito de Méilton, que parecia ter sido sempre um velho, ávido e rapace.

Foi assim que João partiu ainda aquela noite. Estávamos sobre a colina, acenando-lhe adeuses quando percebi que Eliano chorava abundantemente. Mamãe subiu a escada a correr, ocultando sua emoção. Eu e Cirilo nos aproximamos dele:

— Não chores. — Cirilo lhe disse. — João estará sempre conosco.

— Ele retornará com Nícalo, com os outros.

E de fato, no dia seguinte estava conosco. Mas a reunião foi triste, feita de iatos de silêncio, embora a presença nova de Heráclio e Zenóbia. Falava-se sobre as visitas dos bispos e as novas orientações que se ofereciam à igreja; um sentimento de perplexidade e de desânimo caía sobre nós. Ao ouvir falar sobre tudo aquilo o rosto de vovô purpurejava. Fora um homem eloquente e alegre. Quando não estava a falar, cantava. O seu desejo de participar daquelas conversas, de comentar, talvez de reprovar era tão intenso que as lágrimas terminavam por escorrer pesadas e abundantes dos seus olhos azuis. E foi no meio a isso tudo que Filoctemo nos falou a respeito da horrível condição dos encarcerados da prisão da cidade.

— Oitenta em cada cem homens estão seriamente enfermos, alo* jados em montes de palha imunda. Conseguiríamos permissão para que os visitemos Nícalo? A menos que um auxílio qualquer lhes seja levado a peste vai se declarar entre eles. Então já será tarde demais.

Não era de todo impossível a Nícalo obter a permissão. Lembro-me de como essa idéia nos foi salutar. Um frêmito diferente sacudiu nossa apatia, percebi que a luz que se amortecera nos olhos de meus amigos voltava a brilhar. E quando Filoctemo sugeriu que aquele não era, naturalmente, trabalho para as mulheres, protestei com energia aliciando a simpatia de mamãe em nossa defesa.

— Como não é trabalho para mulheres? — Ela perguntou com decisão. — Se não tendes medo, nós tão pouco. Estaremos nas celas da prisão a menos que outros — não tu! — nos proibam.

O rompante de mamãe fez com que um coro de risadas se levantasse. Compreendi que tínhamos levado a melhor, mesmo porque, deixar-nos de lado seria ofender os brios médicos dela, um de seus poucos orgulhos, coisa, alías, que nunca admitiria.

Semana a semana, mês a mês, o grupo aumentava, crescia, de sorte que, em breve, a sala da casa não seria suficiente. Naquela noite o estudo evangélico foi breve e cedeu lugar a uma tentativa de comunicação com o espírito de Sibírcio.

Por Gemma mesmo se apresentou. Orou conosco e citou a passagem de Paulo aos Hebreus: Nunca te deixarei nem te desampararei!

— Há os momentos de profunda exaustão. As energias parecem esgotadas e as esperanças se retraem apáticas. É quando instala-se a sombra dentro de nós, como se espessa sombra nos envolvesse.

E qual acontece à Natureza, sob o manto noturno, embora guardemos fontes de entendimento e flores de boa vontade, na vasta extensão de nosso país interior, tudo permanece velado pelo nevoeiro de nossas inquietações.

O Todo-Misericordioso, contudo, ainda aí pão nos deixa completamente relegados à treva de nossas indecisões e desapontamentos. Assim como faz brilhar as estrelas fulgurantes no alto, desvelando os caminhos constelados do firmamento ao viajor perdido no mundo, acende nos céus de nossos ideais, convicções novas e aspirações mais elevadas* a fim de que nosso espírito não se perca na viagem para a vida superior.

"Nunca te deixarei, nem te desampararei" promete a Divina Bondade.

Nem solidão, nem abandono.

A Providência Celestial prossegue velando... Mantenhamos pois, a confortadora certeza de que toda tempestade é seguida pela atmosfera tranquila e de que não existe noite sem alvorecer.

Aquele canto de esperança ecoou em júbilos em nossas almas jovens. Sim, era preciso confiar e, sobretudo, agir. Iríamos sim visitar os enfermos do cárcere da cidade. O trabalho preparatório iria ser realizado em grupos. Muita coisa necessitava ser reunida: mantas, roupas, palhas secas e novas que, dependendo das facilidades seriam transformadas em colchões, material de limpeza, remédios.

Depois que nossos companheiros já tinham partido, foi preciso que por três vezes nossa mãe insistisse para que fôssemos dormir. Eliaro. Ci-rilo e eu estávamos empolgados. Deitada, custei a dormir. Além do alvo* roço que me causava o plano, eu não desconhecia que, a menos que partisse antes, não era difícil que eu fosse encontrar Prisco no comando da guarda da prisão, incumbência de confiança a que os *iunlores* como ele e Mcalo comumente se prestavam.

Dormi pensando nessa possibilidade e meu sono foi pesado e sem sonhos, só se interrompendo na manhã seguinte, com a tribu de Eliano cercando nossa casa. Envolvi-me na manta e saf para fora. Estava dis-oosta em meia lua sobre a colina, à meia distância da casa e, entre eles e nós, Coronna latia nervosamente.

Com expressão fechada Eliano olhava-os do portal e, sabendo que ele parlamentara muitas vezes com seus companheiros, no decorrer daqueles dias, fiquei a imaginar que espécie de conversa travara, de modo a provocar aquele cerco.

Os visitantes não pronunciavam uma única palavra. O vento agita- lhes os cabelos compridos **3** as roupas de cores muito vivas, porém mal tratadas. Um deles, alto e magestoso, enfeitado de argolas de cobre e contas coloridas despertou minha atenção. Envolvera-se num manto de pele de urso e trazia consigo, preso por uma argola atravessado nas narinas, um grande urso preto, domesticado.

Cirilo acalmava mamãe e vovó dizendo-lhes que Eliano era uma pessoa importante na tribo, uma espécie de príncipe e que estava destinado a exercer o maior posto de mando entre os seus. Tinham certamente esperado que o moço se restabelecesse de todo e agora o reclamavam, explicou fugindo de falar a respeito das escapadas noturnas que João e ele tinham testemunhado.

Eliano desceu a escada e falou-lhes no seu dialeto. O homem do urso, acompanhado dê dois outros, de cabelos brancos, se aproximavam e também pôs-se a falar. Não tinham a menor mímica e, por isso, tudo nos escapava, inteiramente. As explicações de Eliano eram longas, ele procurava reforçar o que dizia lembrando-se de argumentos em que pensara antes, o que se fazia evidente pelo seu olhar por vezes concentrado e pensativo. Os outros insistiam e repetiam monótonas narrativas em que, um após outro pareciam concordar. Até que nos deram as costas e foram-se embora.

Eliano subiu as escadas a correr sem nada nos explicar, entrou para o interior da casa porém no minuto seguinte estava de volta. Trazia' nas mãos a pequena adaga extremamente afiada que servia a vovô e Cirilo para cortarem os cabelos, e que colocou nas mãos de mamãe. Em seguida destrançou o cabelo e ofereceu a cabeça às mãos dela.

Cirilo e eu nos olhamos siderados, porém mamãe não titubeou.

— Este cabelo dá-te uma aparência de vândalo, — Ela disse. — É bom que venha abaixo.

Lembrei-me do quanto ele se sentia estranho entre os outros e concordei com ela. Poucos minutos depois os cabelos dele não diferiam dos de Cirilo a não ser na cor. Os de Cirilo eram de um loiro avermelhado, os de Eliano eram profundamente negros. Ele ficou bonito com sua nova a- parência. Trouxe o meu pequeno espelho de metal brunido e deixei que se visse. Eliano sorriu satisfeito. Balançava a cabeça, com certeza sentindo-se mais leve, e seus cabelos muito lisos dançavam livre, em todas as direções.

Saiu a correr para o seu trabalho na estacada, que ele já trazia a- diante e elaborado com uma perfeição digna de elogios, tanto mais se levássemos em conta os arranhões que trazia por todo o corpo, feitos pelos espinheiros com que lidava.

Aquele pequeno susto preparou-me para o que deveria suceder ainda na manhã do dia seguinte.

Eu voltava para junto das ruínas e a manhã transcorria tranquila. O Outono amadurecia bagas vermelhas e adocicadas nos arbustos e eu estava distraída a colhê-las, juntando-as numa dobra da túnica quando um alvoroço súbito às minhas costas fez-me voltar de chofre. As frutas se esparramaram aos meus pés. O animal estava hirto sobre o lombo da colina e apenas sua cauda retinta ondulava leve, malignamente viva na figura de pedra. Seus olhos verdes e cintilantes lançavam pequeninas fagulhas e estavam diretamente postos sobre mim. Aos meus pés Coronna se retesou arrepiada e se ia lançar sobre o terrível adversário mas eu me abaixei e contive-a segurando-a com os dois braços, fortemente, apesar de meu terror. Os latidos da cadela misturavam-se dramaticamente aos berros e balidos dos animais do rebanho, a se cabecearem cheios de horror em torno de nós. Vi o coruscar das pupilas da fera, quando se atirou sobre nós. Não posso dizer exatamente o que se passou. Rolei sobre a grama seca e a negra sombra passou sobre mim. Pus-me a assoprar freneticamente o chifre que trazia ao pescoço. Liberta, Coronna desaparecera na nuvem de pó que o rebanho levantava correndo em círculos, sem saber fugir. Eu me erguia porém os animais lançavam-me de novo ao solo, até que, livrando-me, subi a colina a gritar cheia de desespero e fazendo soar a trompa em longos toques de alarma. Eu chorava e tornava a soar a buzina. Corria em direção do cômodo de onde era possível ver a estrada do desembarcadouro.

Os *aurigas* costumavam treinar naquele trecho de estrada e foi por dois deles que me pus a gritar. Vendo que me atendiam, voltei a correr.*• O barulho das rodas e dos cascos às minhas costas

traziam de volta minha coragem. No vale esperava-me uma visão desoladora. Um sem número de cabras e ovelhas jaziam mortas, feridas ou agonizantes, esparsas por todos os lados. As demais seguiam-se umas as outras, loucamente, a saltar sobre as pedras, sem rumo certo. Pus-me de novo a gritar e a chorar. Uma pequena cria do verão passado enredara-se nos espinheiros e sobre ela a fera preparava-se agora para dar o seu pulo mortal. Esqueci a prudência. Colhi o pequeno animal e, colocando-o às minhas costas, empunhei o cajado para me defender. O felino e eu: nos defrontamos. Era uma pantera luzidia, de pelo de azeviche, um animal tão belo como eu nunca vira outro igual. Seus nervos ondulavam e suas presas amarfina- das mostravam-se para mim. Gritei por Coronna porém ela não respondeu.

E foi aí que a dor se tornou quase intolerável em mim. Só morta Coronna não me atenderia. O negro animal contraiu-se, diminuiu sobre a relva fulva, contraiu os músculos.

Foi exatamente quando arremeteu, cortando o espaço que nos separava, que o ruído da biga cresceu e o veículo se interceptou entre nós, numa louca disparada. Colhidaf no ar, a pantera descreveu um negro círculo, por sobre a copa dos rododendros desnudos, mas foi cair, num prodígio de agilidade, de pé, além, entre as pedras das ruínas. Machucara-se com certeza, pois se pôs em fuga, desaparecendo entre os corredores a- Dandonados.

Abracei-me à cabrinha trêmula, atordoada, balindo intensamente e ainda*vi quando o outro *auriga* chegava e saltava ao solo, junto de mim. Fiz um esforço para me erguer, porém o solo faltou-me debaixo dos pés e a medonha escuridão envolveu-me.

Não sei quanto tempo fiquei assim, fora de meus sentidos, coisa que me acontecia pela primeira vez na vida. A primeira coisa que tornei a ver foi a atormentada fisionomia de vovô. Depois Cirilo e mamãe. Os três rostos conhecidos levaram-me de volta ao sangrento episódio e me pus outra vez a gritar e a chorar, agarrando-me com desespero a minha mãe. Ela não disse nada, deixou que me desabafasse e, pouco depois, me sentia mais calma. Perguntei por Coronna. Cirilo mostrou-me junto a nós envolta em panos ensanguentados. Tinha os olhos fechados, mas o seu ventre arfava.

— Está muito ferida. — Cirilo me disse enquanto as lágrimas la- vam-me o rosto. — Mas nós a cuidaremos.

Percebi que eles também choravam discretamente, e que um dos desconhecidos, entre os dois que me salvaram tinha também os olhos ú- midos.

- Sois os que vieram... — Eu perguntei.
- Sim, sou Eunóico e este é Valente.
- Eunóico salvou-te. — Ele chegou primeiro.

Valente narrou como o amigo pudera interpor-se entre mim e o salto da fera. O feito de Eunóico parecia-lhe excelente, ele tinha por que se orgulhar: cometera um ato heróico, era um bravo. Eunóico, entretanto não parecia assim pensar. Seu olhar era tristonho, uma ruga de preocupação marcava-lhe o espaço entre as sombrancelhas.

Eu quis erguer-me e procurei em torno algo em que me firmar. O que acabava de suceder não combinava com a rotina dos meus dias. A- percebia-me, de inopino, que, apesar de tudo, eram dias suaves. Sentia- me delicada e frágil diante da violência. Quis acalmar a mim mesma, aceitando como de menor importância o que sucedera. Apoei-me em Cirilo, porém vacilei perigosamente e o exuberante Valente me segurou.

Quase a metade dos nossos animais estavam mortos, agonizantes, feridos; empapavam seu pelame no próprio sangue. Olhei para vovô que os carregava para o *plostelum* e senti remorsos. Ajoelhei-me, fechei os olhos e comecei a orar em silêncio, enquanto as lágrimas voltavam a lavar-me o rosto. Os outros respeitaram meu gesto, afastaram-se e só depois senti a mão carinhosa e pesada de vovô sobre minha cabeça. Ele sorria melancolicamente e tentava com a expressão do rosto dizer-me que não me preocupasse tanto. Apontou para mim, depois para seu coração e juntou as mãos olhando para o alto, figurando a gratidão espiritual.

Ciriio partiu com Eunóico e Valente em busca de socorro, pois era necessário caçar a fera, sem o que perderíamos toda a segurança. Mamãe ficou para auxiliar vovô. Pilhas de animais mortos já se amontoavam no fundo do carro. Os animais feridos baliam e faziam dolorosos esforços para se porem de pé, cortando-nos o coração. A três deles, com as visceras à mostra vovô teve de matar diante de meus olhos, para aliviar-lhes os sofrimentos. Coronna gemeu baixinho e me fui assentar junto dela. Nem ao menos reconhecia o toque de minha mão e não abriu os olhos quando lhe falei carinhosamente. Fiquei a olhar para ela silenciosa e compungida. "Ela vai morrer". Pensei sentindo um frio percorrer-me o corpo, *'e esta vai ser talvez a coisa mais triste de toda a minha vida". Seus ferimentos eram profundos porém mamãe fechara os talhos com voltas a- pertadas de tiras de pano.

Quis levantar-me e ir em auxílio de vovô e mamãe, porém não fui capaz. O rapaz que de quando em vez víamos na igreja chegou nesse momento. Seu cão de pastoreio seguia-o nos calcanhares. Olhou tristemente para Coronna, encostou seu cajado no rochedo e saiu em auxílio de mamãe, timidamente, sem dizer uma palavra. Ela arrastava um dos nossos maiores animais, agora morto, pelos pés. Ele colheu-o, colocou-o às costas e foi depositá-lo no *plostelum*.

— Podes imaginar o nosso sofrimento! — Mamãe lhe disse.

Sim, ele podia, pois era também acostumado aos animais. Pastoreava do outro lado da estrada. Trabalharam em silêncio por algum tempo.

— Entras na igreja quando o culto começa e sais assim que a prece de encerramento é feita. Não aprecias muito o contacto com o povo, não é? E fazes bem! — Ouvi mamãe dizer. — Os homens... oh! os homens!- Vê só o que nos fizeram. Um animal como este não é natural da terra. Soltaram-no para nos fazer mal.

O moço passava por *mim* e olhou-me. Eu devia ter no rosto uma expressão horrível, pois ele empalideceu. "Soltaram-no para nos fazer rral!" mamãe acabava de dizer. Abaixei a cabeça envolvida numa névoa de desânimo e terror e pus-me a correr a mão, maquinalmente, pelo pescoço ensanguentado de Coronna. Aquela verdade era capaz de me esmagar. Não importava o que mamãe dizia, sobre os romanos, os inconse- oüentes amos que tínhamos com o pé sobre nosso pescoço, e aos quais atribuía aquela besta selvagem às soltas. Se propositadamente uma mão abriera a porta da jaula, eu podia imaginar de quem era.

Foi aí, lembro-me, que o reforço que Cirilo fora buscar nos chegou. Moradores das vizinhanças, pequenos proprietários e pastores.

— Esperemos um instante. — Disse Cirilo. — Elíano não deve tardar.

E, efetivamente pouco depois Eiiano, que eu ainda não vira, che- gava com um grupo numeroso de sizudos homens de sua tribo. Vinham armados de chuços de afiadas pontas metálicas e de vara-paus. Havia alarma entre os improvisados caçadores.

— *O que há? — Ouvi Eiiano perguntar a meu irmão.

— Os homens acham que a caçada tem de ser levada a cabo ainda hoje. Temem a noite. Além de tudo, uma jaula foi encontrada aberta, para além do cômore. A besta foi solta de propósito. Atentaram deliberada- mente contra o nosso rebanho.

— Mas quem? Quem? — Mamãe perguntou. — Não temos inimigos, teu pai nunca os teve, nem teu avô.

Quis levantar-me e dizer: "Eu os tenho. O que tu, nem papai, nem vovô tivestes, eu tenho. É horrível, mas é verdade".

— Sois gente de paz. — Falou Eunóico. — Como ó possível? Visavam outra pessoa com certeza.

— Não. — Cirilo redarguiu. — Em todo este lado do rio só estamos nós.

Houve uma pequena pausa em que Coronna tornou a gemer.

— Bem. — Fez Eiiano. É melhor agirmos.

— Sim. — Concordou meu irmão. — Todos seguirão conosco, menos vovô, mamãe e Galla que retornarão a casa com o rebanho.

Aqui, entretanto, foi a vez de Eiano discordar.

— Não tendes prática destas coisas. Só estorvareis. Eu e os meus nos encarregaremos da fera. Podeis voltar a vossas casas. Nós sabemos como agir. Não são precisos muitos.

Ele assumira um tom de autoridade que silenciou os demais e que era absolutamente desconhecido nele.

— Agora ide!

Ergueu o seu chuçó e correu para as ruínas, com seus homens nos calcanhares.

O jovem pastor que viera em nosso auxílio ergueu Coronna cuidadosamente, de junto a mim, e foi depositá-la num canto livre do *plostelum*. Seus gestos foram tão leves e desvelados que a cadela não fêz um único movimento e nem pareceu sentir. Cirilo agradeceu a solicitude dizendo: Vejo-te às vezes na igreja porém nunca nos falamos. Não sei ao menos como te chamas. O meu é Cirilo...

— O meu Egdício...

EQDÍCIO

Por sou modo do talar doduziu que o homem delgado e tranquilo era uma pessoa de bem. Em seu rosto, embora comum, havia alguma coisa de Inhabitual, uma completa ausência de presunção, embora lalasse com segurança sobre a possibilidade de cura. Sua mãe julgara melhor que voltassem à casa, porém ele, à medida em que ouvia o homem, sentia-o orescer diante de seus olhos. Se tosem embora talvez nunca mais tornassem a encontrá-lo, como, de fato, iria acontecer.

Sua mãe e o desconhecido falavam e por causa do ar intensamente frio, nuvens de vapor escapavam-se-lhes da boca. Egdício vai se recordar disso durante toda a sua vida. A mãe ampara-o pois que as muletas a todo instante deslizam na terra escorregadia.

— *Deixa-me fazer o esforço, deixa-me tentar!* — *Pedi. Não Importa se vier a malograr, deixa-me tentar!*

— *Vamos ao monte.* — *O homem disse.*

A mãe julgava que podia cair, podia restrlar-se, podia adoecer, complicar ainda mais a situação. A mãe era uma mulher zelosa e temia, porém ele queria tentar.

— *Que será de mim, mãe? Serei um inútil. Tu nunca te libertarás de mim...*

A mãe põe-se a chorar e decide-se. Mas como vai contar ao marido, às pessoas da casa? "A noite estivemos com os homens crfstãos! A culpa é minha" — terá de dizer, para não envolver o menino. Será um mau pedaço contar. Vão andando, timidamente, para o monte e, com o braço, ela aperta o filho amado, o menino paráltico e difícil, só para não turvar sua vontade.

A noite é escura, cheia de névoa. Demoram-se um largo espaço antes de alcançar as ruínas do monte onde se reúnem os teimosos seguidores do carpinteiro judeu. Cruzam a ponte. Encosta acima entra sob as abóbodas arruinadas. Uma pequena multidão enche o espaço entre as velhas paredes rachadas. O homem leva-os a sentar.

M

— *Não estás cansado, estás?* — *Pergunta-lhe a mãe com carinho, desejando que, pelo menos, ele não esteja fatigado. Mas tu mesmo o quiseste.*

— *Com a proteção do Mestre, em breve, tuas tristezas serão apenas lembranças.* — *Dizem-lhes com simpatia as pessoas em torno.* — *Confiemos.*

— *Companheiros, diz o homem que os trouxera, oremos por nosso companheirinho aqui presente.. Roguemos assistência em seu favor evocando Jesus, o Médico Amado. Muito temos recebido, mas a misericórdia divina é infinita. Pedi e abrir-se-vos-á. Irmãos, oremos.*

Um silêncio profundo envolve-os. Egdício ouve as batidas do pró-prio coração. O homem estende os braços, ele sente suas mãos espalmadas sobre sua cabeça. Então, uma morna onda de calor o envolve. Entretanto aquelas mãos sobre sua cabeça parecem se Inflamar. Agora, é como uma labareda que o envolve, mais e mais... mais e mais... Egdício grita, põe-se de pé. As cabeças contritas se levantam, um arrepio agita todos os corpos. Ao seu grito sua mãe responde com um

desesperado so-¹uço. Dá um passo em sua direção porém ele a interrompe.

— *Não, não venhas! Eu Irét onde estás, mãe! Eu posso...*

Firma-se sobre as pernas trêmulas e tenta o primeiro passo, o segundo, o terceiro... Dez passos além refugia-se entre ds braços da mãe hirta e atônita. Voltam juntos para perto do benfeitor. Egdácio diz-lhe com convicção:

— *Por toda a vida vos agradecerei. Deste-me o movimento. Para ionde fores eu Irei. Serei como um cão à vossa sombra! Servir-vos-ei para 36 mprel*

Mas o homem sacode a cabeça de um lado para o outro e subtrae com firmeza:

— *Serve Aquele que te levantou, não a mim. Segue-O ao longo de tua vida e teu espirito se movimentará como tuas pernas. Dá aos outros o amor que Ele te deu. Segue a Jesus, serve a Jesus.*

— *Eu o tarei, eu o tarei... diz o adolescente.*

No céu hibernal as estrelas cintilam intensamente e parecem dizer-lhe pela suas pulsações de luz:

— *Nós te testemunhamos! Nós te testemunhamos!*

— Reunimo-nos em nossa casa para estudos e pequenos trabalhos evangélicos. Não moras longe, gostarias de vir? Somos apenas gente moça, um grupo que se afinisa...

Fui me atrasando. Minhas pernas pesavam, meu rosto ardia. Ouvei que Egdácio aceitava o convite e indagava do aprazamento para a próxima reunião, mas não ouvi o que Cirilo lhe respondeu. Meu abatimento, o suor e a terra que me emplastavam o rosto poderiam esconder o meu caso de consciência? O suor fez soltar-se o sangue coagulado de uma ferida em minha cabeça e um filete de sangue correu para o meu rosto, invadiu-me um dos olhos, e deixou-me momentaneamente cega. Eu devia falar? Não, não podia. Embora todo o prejuízo e a dor que trouxera aos meus eu só via diante de mim uma passagem: esperar- Sabia que podia colocar a família em apuros e ser, de certo modo, responsabilizada pela vida deles. Mas eu tinha de confiar em Deus. Estava atordoada e confusa, até certo ponto minha consciência negava-se a aceitar aquela realidade, porém no que dizia respeito ao silêncio não tinha qualquer dúvida. Os dias que se seguiriam eu os passaria entre mudos desesperos, mas sobreviveria.

Mil vezes dissera a mim mesma que aquela absurda e incompreensível história com Prisco estava finda e, no entretanto ela, de um ou de outro modo, prosseguia sempre. Agora já não tinha dúvidas de que o nosso breve encontro poucas noites antes, na rua da igreja, resultara no massacre do rebanho e quase em minha morte e na morte de Coronna. A situação crescia no tempo e já era tarde demais para ser revelada sem que o meu silêncio não me fizesse parecer mesquinha e suspeita. E mesmo que eu confessasse, como provar que os ataques vinham daquele ponto? E se pudéssemos provar, o que fazer? Alguém se atreveria a apresentar uma queixa?

No dia seguinte eu enxugaria as lágrimas e começaria tudo de novo. Era o único que tinha a fazer.

Na direção da cordilheira as estepes tinham seu ponto mais alto numa faixa ainda mais triste, desolada e desértica. Nenhuma planta medrava a não ser as urzes. O vento gemia noite e dia entre os cabeços de pedra e sobre a superfície de pequenas lagoas de água salobra que, na força do inverno, gelavam inteiramente. Naqueles sítios, correndo em círculos das ruínas, a fera foi se refugiar. Os homens de Eliano localizavam-na. Os lobos muita vez nos atacavam, roubavam-nos as crias ou matavam animais distraídos, oujas carcaças arrastavam para os confins do altiplano. Isso faziam, porém, por fome. O animal africano que nos atacara sofria da vertigem do sangue.

Nos dias que se seguiram várias vezes ouvi dizerem que uma droga qualquer fora-lhe ministrada, a fim de que seus instintos sanguíneos se exacerbassem. Ela, pois, enlouquecera e só assim se explicava o mais doloroso espetáculo que meus olhos viram. Soube também que, nos arredores de Sebastes o terror se propagara. Enquanto voltamos eu ouvia, mais e mais, repetidos, os aflitivos

apelos das trompas, embora não fosse ainda o momento de recolher. Até que, em determinado instante, o vale do rio e o altiplano ecoaram intermináveis toques, como ecos que se repetissem uns aos outros, sempre curtos e seguidos, significando: "volta".

Chegando à casa lavei-me e mamãe pensou meus ferimentos.

— É horrível! — Ela me disse suspirando. — Sempre tiveste tanto cuidado!

— Sim... — Respondi. — Sinto muito, mamãe!

— Ora, procura esquecer... Não tem importância.

Mamãe não percebia o quanto estava sendo contraditória.

— Tem importância sim! Foi horrível!

— Precisámos todos ter bom senso. Estás salva, é o principal para nós!

— Vovô, Cirilo, tu mesma conhecias cada animal desde que nasceu. E há também Coronna! —

Eu disse com lentidão. — Não vai ser fácil esquecer.

— Antes os animais todos e Coronna do que tu. Deus veio em nosso auxílio. Precisamos nos conformar.

Deu-me a beber a infusão das flôres das papoulas, colhidas no trigal e isso me acalmou. Dormi profundamente, por muitas horas. Quando despertei a cabeça estalava-me de dor. Conversavam do outro lado da treliça e a primeira voz que se fôz audível foi a de Valente, depois a de Eunóico.

— É difícil dizer como foi. Ela viu a cabrinha engastalbada nos espinheiros e avançou afoitamente.

— Fala-se em Sebastes sobre o sucedido. A jaula foi transportada por escravos carregadores. Abandonaram-na depois que a porta foi aberta.

Mamãe disse qualquer coisa porém outras pessoas entravam na sala e eu perdi sua frase. A conversa então se armou entre exclamações e retrospectos. Entretanto eu percebia que o animal selvagem fora morto e isso acendeu minha curiosidade. Quis levantar-me porém o quarto dançou diante de meus olhos e tive de voltar à antiga posição. Procurei concentrar-me no que diziam. Filoctemo, Jântio, Caio, Eutlquio e Gúdio estavam na sala. O aparecimento de Eunóico e Valente era tido como um verdadeiro milagre e muitas palavras de reconhecimento eram-lhes dirigidas.

— O rebanho se encontra numa agitação indescritível, — Ouvi Egdácio dizer. Serão precisos dias para que os animais voltem a se tranquilizar.

Oito carneiros e três cabras tinham sido mortos, mas Coronna, com a ajuda de Deus seria salva. A voz de mamãe soava aguda e discordante, Cirilo monossilábico.

— Está dormindo agora. Não sei como escapou e ilesa... Mandei chamar-te a fim de que cremos juntos.

Pelo que se seguiu deduzi que Coronna, em seu cesto de junco, fora trazida para o centro da sala. Fiz um esforço, erguí-me e abri a janela, dando passagem ao vento fresco da noite. Então, enquanto a voz terna de Filoctemo se fazia ouvir numa súplice rogativa, percebi que alguém estava lá fora. Concentrei meu poder visual na figura e, enquanto minhas têmporas batiam como um tambor, vi Prisco- Fui capaz de imaginar o barco preso nos juncos, numa das pequenas enseadas em direção da casa. Doidamente ele avançava pela trilha, contornava o redil e vinha parar sob a janela. Fechei os olhos imaginando estar às voltas com uma visão, depois abri-os. Ele estava lá. O que sucedeu em seguida, foi continuação de uma pura loucura. Agarrando-se a pequenas saliências da rocha, guindou-se até onde me encontrava.

— Enquanto remava, rio acima, concentrava-me em tua janela. Disse aflitivamente- E mil vezes pedia que viesses até ela e que a abrisses. Tu pudeste ouvir o apelo de meu pensamento.

Eu não sabia se o ouvia ou se ouvia Filoctemo lá dentro que, num acento apaixonado pronunciava uma das mais belas preces que eu jamais tornaria a ouvir. Levei minha mão aos lábios de Prisco e fi-lo calar-se. Ficamos então a ouvir a bela e fresca voz que, claramente, chegava até nós. E enquanto isso, ao luar eu fixava o rosto angustiado que tinha bem junto ao meu, cintilante falando de amor e

desespero. E aqueles momentos de silêncio e prece nos fizeram bem.

Se alguém se aventurasse a olhar por detrás da treliça, certamente veria a Prisco. Porém isso não se deu. Eu percebia que, em conjunto, na sala, impunham as mãos sobre o animal ferido e que, na doce paz que se fazia, misteriosas vibrações impregnando todo o ambiente, envolvendo-me em eflúvios curativos. Eu tinha uma das mãos sobre os lábios dele, a outra em sua nuca. E uma mágica comunicação se estabeleceu. Eu via o rosto dele serenar-se e a dor esfogante que me feria a cabeça se desvanecer.

Vi a surpresa e gratidão refletir-se em seu olhar e, passado aquele momento desconhecido e surpreendente, mansamente beijou-me a mão que ainda tinha sobre sua boca.

— Agora que me viste, — Disse-lhe com doçura, — retornai

— Não, não ainda.

— Por que não entras? Propus.

— Que poderia dizer-lhes? Como explicar?

— Num minuto estarão aqui, precisas ir. Querias ver-me não querias? Teu desejo foi satisfeito.

Prisco hesitou. Apertei a cabeça dele contra meu peito e beijei-lhe os cabelos. Depois disse com ternura, num sussurro:

— Estou sã e salva. Volta sossegado.

— Amanhã então?

Ele precisava ir-se, embora eu sentisse pena, assim assenti:

— Sim, amanhã!

Ele desceu, eu deitei-me. Mamãe estava entre a parede e a treliça.

— Estás acordada?

— Sim, estou.

Levei a mão ao peito. Minha roupa de dormir estava úmida. Prisco chorara, ali estava o sinal de suas lágrimas. Meus amigos cercaram-me o «eito.

— Tu te sentes melhor? — Perguntou-me Filoctemo com ternura.

— Sim, enquanto atendias Coronna o auxílio espiritual envolveu-me. Pude sentir-lo, perfeitamente. Sou-vos grata, a todos.

Eram muitos ali. Além dos habituais os dois *agitadores*, Egdício, Zenóbia e Heráclio.

— Sobretudo a vós, Eunóico e Valente, quero agradecer.

— Ora, não é preciso. Agora mesmo pensava: o encontro contigo, apesar de em situação tão lamentável, fornece um interesse novo para mim.

— É o que também penso! — Apressou-se Valente em dizer.

— Alegro-me que seja assim. — Disse-lhes.

Filoctemo olhou-os de significativa maneira:

— Sabeis agora que somos cristãos. — Falou.

— Sim, sabemos, e é tudo tão diferente do que esperávamos.

Enquanto saiam tomei a mão de Filoctemo e apertei-a nas minhas.

— Tu és muito bom. Sabes como te intitulo em meus pensamentos? ^queridíssimo amigo".

Depois quis mudar de assunto e lhe perguntei:

— Também estes?

— Sim, também estes.

Os *agitadores*, ou aurigas, competiam nas corridas dos circos. Etnos protótipos de audácia, mas não gozavam de bom conceito. O favor do povo e a estima dos poderosos fazia com que desfrutassem de certa impunidade, o que os tornava mais perigosos. Aqueles dois eram extremamente jovens e saudáveis, ainda não exibiam os sinais da perversão.

Sorri para Filoctemo:

— Onde mais irás recrutar os teus personagens? — Perguntei-lhe.

— Só Deus o sabe...

Houve uma bulha lá fora. Os que se preparavam para partir despediam-se. Eliano e seus homens regressavam da caçada. Em meio à agitação entraram para dentro da casa. O animal vinha suspenso pelas patas hum dos varapaus. Jogaram-no sobre a lage da sala.

— Queres vê-lo? — Cirilo me perguntou.

Amparou-me para que eu chegasse até lá. Era maior do que as nossas cabras, do tamanho talvez de Coronna, um bonito animal negro como a noite, bem tratado, de pelo lúcido e sedoso. Um certo golpe de lança varara-lhe o coração. Vendo-o ali, impotente, com uma baba sanguinolenta a escapar-se pelos dentes afiados, tive pena. Pior eram os homens que dele tinham feito um instrumento diabólico de impiedade e de destruição.

De inopino a sala dançou perigosamente diante de meus olhos, o animal morto se transformou num escuro borrão. Fui levada de volta para o leito atacada de insuportáveis náuseas. Mas, de pouco em pouco, o sono foi outra vez me vencendo. Vovô assentara-se à minha cabeceira e percebi, por último, que mamãe e Ciriio ofereciam aos companheiros de Eliano algumas das cabras e ovelhas mortas.

Do lado de fora vinham suas exclamações, o característico som de quem põe algo de pesado às costas. Depois passavam por debaixo de minha pequena janela entre risinhos, tagarelando em seu áspero dialeto. As *taedas* lançavam revérberos vermelhos nas gretas, a terra dura chiava sob suas pesadas sandálias. Em seguida tudo isso se apagou.

Minha memória guardou precisamente aqueles dias e hoje posso ainda ver os visitantes amigos, entre os quais Zenóbia e Gemma. Vejo-lhes os rostos jovens e sorridentes iluminados pela iucilante chama da lâmpada de óleo e procuro contar nos dedos para ver quantos já eram. Não os trinta e nove ainda, pois que muitos estavam ainda por chegar. Eu olhava para Jântio e sentia uma pura maravilha diante de seu rosto tranquilo e da alegria de seu olhar. Se o Evangelho exigia uma vigília permanente, ele a fazia.

Na tarde seguinte Eunóico e Valente estavam de volta. O que dizem as pessoas que cultivavam a respeitabilidade do mundo, vendo-os em nossa casa?]

— Voltastes! — Disse-lhes com um breve sorriso. — O que vos trouxe?

Tinham chegado juntos. À minha pergunta no rosto de cada qual o olhar se fez vago. Deram de ombro, sorriram também.

EUNÓICO

— *Quem perdeu? Quem paga?*

Há uma pequena confusão de mãos, de dedos que apontam, de vo-LOS que resmungam, que gritam. Eunóico assusta-se. é como se estivesse num acontecimento novo ou, quando não, Improvisto. Entretanto, vezes e vezes assistira àquela cena e dela participara. Tenta voltar ao seu comportamento antigo. Afinal, não há nada de mal em que os rapazes e ele mesmo tentem obter vantagens, que ponham em logo os seus ganhos. Está claro que a disputa no campo esportivo é mais decente, que a emoção sobre as bigas, no momento decisivo é uma outra coisa, mas, certamente, não há nada de mal em que os rapazes se empenhem nas suas partidas de azar.

Mas Eunóico se sente molestado. Mesmo a idéia da disputa nas corridas do circo lhe é aborrecida. Será que o terrível episódio do dia anterior dera-lhe nos nervos? Jogara com sua vida, mas não fazia o mesmo nas tardes do hipódromo, na pura loucura dos louros?

Eunóico boceja de enfado. Estar ali, ouvindo aquele coro de gritos, de palavrões, lhe parece irrelevante e vagamente triste. É como uma consciência inesperada de frio.

Entretanto, antes não era assim. Por que mudou? Tenta compreender o motivo de sua tênue angústia para depois alijá-lo. Por que não consegue colocar-se no mesmo plano dos companheiros?

Por que não mais o prazer de se fazer vencedor, de levar a vantagem sobre os demais, de gritar disputando as pilhas de denarius, de colocar-se bem, no momento certo? É possível que um modo de ser que vinha de sua adolescência se pudesse modificar assim, de salto?

— *Perde! Perde!*

Aqdeles prazeres que fazem o rosto enrubescer e a saliva secar na boca o perturbam. Percebe que pode prescindir deles e, mais do que isso, que já não os quer. E agora, diz a si mesmo, como ficamos?

Encontram-se sob as arcadas da sala de banhos. Eunôico dá às costas aos jogadores e vai saindo, lentamente para fora. No pátio seus passos são pesados, seus braços caem desolados ao longo do corpo. A- fortunadamente os ruídos do interior se tornam menos distintos. O silêncio lhe apraz. Uma ruga profunda aproxima-lhe os supercillios: é difícil entender o que se passa, é difícil entender a si mesmo. Como esperar, então, que alguém o entenda?

Se se desinteressa de tudo quanto concorria para seus prazeres antigos, por que se interessar agora? Tais sentimentos, tais pensamentos obrigam Eunôico a uma posição nova.

Ele se esforça e o esforço faz com que se desgaste fisicamente' Transpira, sua cabeça martela. Atrela a biga e sai desabalado, transpõe a Porta Dilátla. Do caminho para o desembarcadouro alcança as ondulações das estepes desoladas. Ocasionalmente aproxima-se da casa dos pastores, onde os jovens cristãos se encontram. É quando sente Valente ao seu encalço. O outro grita o seu nome:

— *EU Eunôico, espera-mel*

Detém os animais à porta e descem. Muitos outros estão chegando também e se cumprimentam fraternos ao pé da escada de lajes brutas. É mesmo a hora em que se encontram.

Ao vê-los Eunôico experimenta uma curiosa sensação de gratidão. São recebidos com simplicidade, sem alusões, porém calorosos e alegres.

A eles poderá confessar suas dúvidas. Eles o compreenderão. SSo pessoas perseguidas, experientes na dor. Vai esperar a ocasião propícia.

Ê já um entardecer outoniço, quase noite. As estepes se tingem com tons de frutos maduros. Naquela macia atmosfera entram, sentam-se e mergulham num suave silêncio. De súbito um nome atinge os seus ouvidos e ele estremece:

— *r Jesus...*

Oram e, ao chamamento daquele nome, Eunôico encontra o novo companheiro. Seus sentimentos se acalmam, seus pensamentos se pacificam.

A substituição está feitá...

VALENTE

— *Detenham-no! Detenham-no!* — *Grita um dos soldados.*

O homem corre ladeira abaixo pela rua quase deserta e, correndo, tem exclamações de terror, apela para os deuses, Júpiter e Fortuna, com gestos desesperados. Em seu rosto pinta-se o desvario.

Seu corpo é extremamente magro de maneira que as roupas dançam-lhe sobre os ossos. As pernas são tão finas que Valente põe-se a dar gargalhadas. Sua corrida, entretanto, é vigorosa, como se o desejo de escapar lhe emprestasse uma energia inesperada.

Valente está a passear, pela tarde, quando isto se dá. Encontra-se no bairro dos trabalhadores nem sabe porque, uma vez que, dantes, nunca chegara até ali. De pernas abertas, bem firmado sobre a biga, assiste ao que se passa. As portas das casas se fecham com apressuramento, pois a população pobre não faz causa comum com as autoridades. Vendedores ambulantes e transeuntes desaparecem nos becos.

O homem corre bem pelo meio da rua, fugindo também aos obstáculos e, em seu encalço, os perseguidores gritam:

— *Detenham-no! Detenham-no!*

Valente não sabe porque entra na perseguição. Os cavalos de sua biga batem as ferraduras nervosamente sobre o chão e partem na carreira. Agora o homem não tem esperanças de escapar. Põe-se a bufar, a soltar gritos de misericórdia. Os guardas ele os tinha deixado bem para atrás, porém a biga acerca-se mais e mais.

Na confluência de uma viela, o perseguido tenta um plano desesperado. O espaço é estreito demais para a biga, assim, faz uma rápida manobra e ganha o beco. Talvez possa por-se a salvo!!!

Mas Valente também medira a passagem do caminho transversal. Descrevendo um círculo com a habilidade que as disputas do hipódromo e do circo lhe tinham dado, confiando no governo sobre os animais, em sua visão perfeita, e em seu celebrado arrojo, investe pelo declive. As rédeas palpitam em suas mãos, as rodas do carro quase roçam as paredes laterais. O homem cresce à sua frente. Valente ouve um grito agudo que se desarticula: o fugitivo desaparece sob as patas dos cavalos, sob o carro, sob ele mesmo.

Então qualquer coisa desaba fragorosamente dentro dele mesmo. Um clamor terrível levanta-se em seus ouvidos, um arrepio de gelo toma-lhe a espinha. Asco e horror estalam-lhe os olhos. Com um brusco gesto contém a parelha, salta do pequeno veículo e volta atrás.

Espera encontrar o homem como uma massa informe, porém um milagre acaba de se dar: ele se ergue do solo, arqueante, sujo de lama, atordoado, com os cabelos ralos colados à cabeça porém vivo, salvo.

Valente e o homem se defrontam siderados e despertam, um para um novo terror, o outro para uma nova alegria.

— *Estais bem? — Pergunta-lhe o moço tocando-lhe os ombros com as mãos geladas.*

— *Sim... sim... Be... bem... — Contraí-se e recua. Estremece como a caça encurralada.*

— *Vinde então, depressa! — Diz-lhe Valente com apressuramento.*

Puxa o outro pelo braço, arrasta-o embora a sua débil reação.

— *Não é o que pensais! Subi na biga, eu vos tirarei daqui... estareis a salvo. Vamos. Não podeis correr mais, falta-vos fôlego. Eles vos prenderão...*

Vou deixá-lo bem longe, junto à Porta Dilátia e quando o homenzinho escapa a correr movimentando espertamente suas pernas finas, rí-se outra vez. E diz a si mesmo:

— *Ora vedei Ora só! Valente, o que fazes de ti!*

Mas sua alegria é tão autêntica e sua paz tão grande, que não pode guardá-las para si apenas. Onde, porém, ir? Não suporta ninguém, nem nenhum local dos que conhece. Nuns e noutros rir-se-ão dele! Olha pensativo em derredor e, então, lembra-se. Há um ponto de largas perspectivas para todos e ele o conhece. Manobra para sair quando Eunóico passa por ele em disparada, abstrato, sem vê-lo. Valente segue o companheiro.

Ao longo da estepe uma curiosa sensação o possui. Pezadas cortinas acabam de ter caldo. Existem outras, mais leves, que precisam ser descidas. Depois, então, talvez ele alcance a perfeita lucidez, a precisão, aquela esperança que Jesus representa.

Sim, Jesus! Valente pensa que esteve a rastejar e que está a voar agora.

— *Ei! Eunóico, espera-me!*

Aquela noite Heráclio propõe que cantem. Ora, de há muito não se faz isso na igreja, por temor, de despertar as atenções ou alvoroçar os visinhos e passantes. Zenóbia e eles tinham boas vozes e, ali, na solidão do vale, podiam cantar à vontade. Isso fizeram. Velhos hinos com os quais as primeiras gerações enfrentavam as feras nos circos foram recordados. Outros aprendidos. Iam os cantos corais a meio quando escutei o inconfundível som de uma lira.

— *Quem foi que tocou a lira? — Perguntei depois à mãe, querendo adivinhar.*

— *Imagina quem! Teu avô! Não é de admirar?*

Assim, pensei, o prejuízo material havido não é tão grande que não possa ser esquecido! Esse

pensamento alegrou-me, como me alegrara no decorrer de todas aquelas horas pois que Prisco pudera ouvir a prece de Filoctemo, e porque chorara.

Outra vez a casa adormeceu envolta num influxo balsamizante. O redil se tranqüilizara de todo, estávamos, como disse mamãe, prontos para outra. Devo ter dormido uma hora senão menos quando acordei pressentindo que Prisco estaria lá fora. Vesti-me e envolvi-me em minha manta mais escura. Dentro da casa, fatigados, dormiam um pesado sono sobre o qual falavam as respirações ritmadas e tranqüilas. Afastei a tranca e deixei que a folha corresse devagarinho. Puxei-a às minhas costas, mas, ainda fraca, teria caído se Prisco, transpondo os degraus de nos separavam, não me tivesse amparado.

Ajudou-me a descer a escada apertando-me nos braços e foi aquela maior aproximação que tivemos em toda a nossa vida. No patamar respirei fundo e o ar da noite me fortaleceu.

— Sinto-me bem agora. — Disse-lhe. — E me afastei sem precipitação.

Descemos para a margem do rio, para perto da nora, onde o barco se achava.

Tudo aconteceu sem temores nem pressa. Nem me pareceu singular essa sensação que sentíamos juntos, embora, de cada vez, nossos encontros fossem; inequivocamente furtivos e insólitos.

Perturbava-o verificar que no amor podia haver a força da destruição, e sobre isso esteve a falar. Intuí o que queria significar e tentei lhe explicar o processo da decomposição do amor. Ele, porém, me interrompeu brevemente:

— Sentes-te infeliz. Basta que imagine como eras antes e como és agora: tudo se fez pior!

Neguei com veemência:

Não tem sido fácil, é verdade, mas não me sinto infeliz. Tu não compreendes, ou ainda não compreendeste, as coisas como eu. Há uma força que nos arrasta, nadamos contra a correnteza, mas é dever nosso alcançar a margem. Pensas que nos atiraram inocentemente nas águas revoltas? Duvido que tenha sido assim! Nós caminhamos para ela, distraidamente!

— Quando? Onde?

— Em outras vidas! Onde não sei, por aí, entre outras fronteiras. O ódio de Otávia não é gratuito. Sabe Deus o que lhe fizemos. Sentirmo-nos infelizes é tão fácil... Compreender é difícil.

Ele ficou um instante a pensar. Depois perguntou:

— Não te arrependes então?

— De nos termos encontrado? Não. Essas dificuldades todas existiam em nós. Nosso encontro fez apenas que aflorassem. Nós as ignorávamos, mas existiam, eram como espinhos ocultos.

Ele repetiu várias vezes a palavra espinhos.

— É difícil... é difícil... — Disse baixinho.

— Não querido, não é! — Eu protestei com carinho. — É apenas o momento de aprendermos de vez a dizer sim ou não. De aprendermos a nos ajudar a nós mesmos...

Prisco se agitou.

— Como podemos saber que o bem é mesmo o bem e se o mal é mesmo o mal?

Não hesitei em responder:

— Jesus nos ensina, seguramente.

A sua respiração esteve um momento suspensa. Tive a impressão de que todo ele gelara. Não respondeu de pronto.

— Mas não serve para mim! — Falou em seguida afastando-se bruscamente. — Soltam-vos as bestas em cima e faiais de paz.

Havia na voz dele um surdo ressentimento. Eu retruquei quase com violência:

— Sim, de paz. Querias que eu fosse como Otávia? Seria melhor assim?

Prisco se voltou para mim impetuosamente:

— Oh! Não... não...

Então enchi-me de pena.

— Prisco, — Voltei a dizer, Otávia é infeliz por que não a amas. Eu sou feliz porque tu me amas. Isso me basta.

Houve um longo silêncio entre nós e percebi que, à repetir de novo o nome de Jesus, eu pusera tudo a perder. Estávamos em margens diferentes. Ele olhou para mim e, à luz do pálido luar eu deveria estar magra, abatida e feia, a imagem mesma da desolação. Uma vez mais nossa conversa percorrera o círculo, o mesmo círculo, e se perdera.

— Quem se confunde, tu ou eu? — Prisco perguntou.

— Nunca me confundo. Tu ficas sem saber o que seria melhor pa-~ ra nós!

— Onde existe o amor não existe decepção.

Essa frase doeu em mim, porém não respondi. Ele prosseguiu:

— É tão fácil: viver, morrer, sofrer, ser feliz se possível! É horrível transferir para depois da morte o nosso quinhão.

— Talvez o mais horrível seja a perda de nossas esperanças, Prisco. Com a palheta individual cobrimos o que nos cerca, o próprio futuro, com as cores de nossa preferência. Depois o tempo resseca as tintas, gretadas elas caem. As cores naturais surgem, nós choramos.

Ele olhou espantado para mim, porém não me desviei do mesmo tom peremptório e franco:

— Sim, isso mesmo. E depois dizeis que nós, os cristãos, somos os visionários! Quero que saibas também que o grupo de que faço parte não pesa sobre mim. O que quer que faça saberão perdoar-me. Sou a artífice de mim mesma e por mim mesma quero que o meu caminho não passe sobre o dos *outros*. A morte não me importa, pois eia não existe. Nosso quinhão no mundo, tal como os direitos, como tu os vês, são as instituições que os criam. Essas instituições entretanto, passam. Hoje assim dispõem, amanhã, como disporão? O problema aqui na Terra é antes de luta, e o risco é lutar por um ruim partido que, mesmo sendo nosso, continua sendo um ruim partido.

Ele não disse nada. Eu, porém, me fatigara e minha cabeça pen- deu-me sobre o peito. Voltamos dentro daquele silêncio. Nossos pensamentos pairavam distantes, diferentes. Depois ele me desconcertou dizendo sem amargura, mas pensativamente:

— Em minha terra, nas núpcias, a multidão nos grita: *A Talásio!* É o grito da alegria... Meus pais o ouviram, e meus avós...

A Talásio! Vi o jardim das rosas, as ondas escoachando em torno do promontório. *A Talásio!* *A Talásio!*

CAPÍTULO XV

Os dias se passaram. Depois da primeira semana, em que mamãe falou incessantemente, comentando e recomentando quanto se passara, certa manhã se apresentou muda e concentrada. Compreendi que nada havia sucedido a mais a não ser que, após uma extrema excitação, seus nervos buscavam se acomodar. E o mutismo dela nos contagiou, foi como se as palavras se tivessem esgotado para nós e não tivéssemos, uns para com os outros, mais que olhares distraídos e sorrisos pesados de uma infrutífera intenção de consolo.

E naquele silêncio pesado o vento outono batia as portas e janelas que ninguém se lembrava de fechar. Vovô olhava tristemente para nós sem compreender, eu saía para fora e percebia os outros fitarem sisudos os poucos animais que nos restaram. Cirilo levava-os e trazia-os. Eliano descia para a colheita, ao lado de vovô.

Eu me assentava nos degraus da casa, magra e enfraquecida, envolta numa espessa manta e ficava a olhar o vô migratório das aves, em fuga para a África, pois que o inverno se aproximava. Em duas manhãs os gaviões tatalaram suas asas castanhas sobre a casa, depois sumiram, foram, como papai contava, caçar seus lagartos nas quentes areias dos desertos. Levantava-me e ia parar junto ao cesto de *Coronna*, um monte de pelo disforme com dois grandes olhos amorosos e doloridos. Mamãe

trazia seu narthex, a caixa de unguentos e remédios. De joelhos ajudava nos curativos. As lágrimas escorriam-me silenciosamente pelo rosto. Dizia a mamãe:

— Amanhã Cirilo poderá voltar a ajudar vovô. Eu sairei com o rebanho.

Ela recusava:

— Não, ainda não, é cedo.

Debruçava-me na janela e meu olhar via o Outono em ação ao longo do rio, onde tinha mais a fazer. Era sempre Outono na estepe, menos na Primavera quando um leve verdor renascia nas urzes e nos espinheiros.

Na segunda noite a partir do nosso encontro à margem do rio, Prisco voltara, embora não o tivesse visto. Pela manhã, ao abrir a janela, encontrei um fresco botão de rosa no peitoril. Na terceira noite despertei alta madrugada e abri a janela. Era ainda noite fechada. No ponto mais alto da colina, postava-se alguém a cavalo. Não pude ver quem era até que o animal se moveu um tanto e a luz do luar incidiu sobre o peitoril de Prisco. Era ele sim, embora não lhe visse o rosto pois que a Lua, descrevendo sua trajetória, pusera-se às suas costas, mergulhando a face da casa em sua claridade de prata. A Estrela-Norte apagou-se: ele foi embora.

Impotentes desesperos traziam-no. Este era apenas um detalhe de seus sofrimentos.

No dia seguinte houve reunião em nossa casa. Filoctemo veio e porque nos encontrássemos à porta assentamo-nos sobre os degraus mais altos à crua luz do crepúsculo, a conversar. Houve em nossos olhos, reciprocamente, o mesmo espanto. Eu estava abatida e cansada, ele também emagrecera, um leve tom de violeta sombreava-lhe as pálpebras.

— Então, estás bem? — Ele perguntara.

— Sim, muito bem.. Tu ó que não me pareces bem.

— Nada de importância... É a estação! — Disse olhando a encosta despida. — Aqui e aqui estou ótimo, — prosseguiu sorrindo e apontando com o dedo para a cabeça e o coração. — E tu, podes dizer o mesmo?

Por algum tempo não disse nada, porém depois suspirei aliviada. Pusemo-nos a conversar naturalmente e, de súbito, senti fome. Contei-lhe isso e nos pusemos a rir.

Entrei e fui buscar pão e azeitonas conservadas, que ficamos a comer em fatias, querendo acertar os caroços mais e mais longe. Mamãe arrastou o cesto de Coronna até ali e pô-la a aquecer-se ao morno Sol da tarde. Lembro-me de que, chegando Egdício, Filoctemo e ele puseram-se a conversar sobre o instinto dos homens de Eliano e de como, seguramente, tinham localizado o animal, depois de encurralado.

— Ao atirar-se de um cabeço sobre um dos homens, este o esperou colhendo-o na ponta de sua lança.

Aquela descrição deu-me um vago nervosismo. Distraí-me da conversa, pensando na esperteza daqueles que desejavam afastar-me de seu caminho. Do ponto de vista da absoluta ausência de escrúpulos, Otávia era uma personalidade verdadeiramente fascinante, imaginativa e requintada. Seu espírito dava voltas mirabolantes. Por infelicidade, nessas voltas estava eu.

Levantei-me e, a pretexto de receber os visitantes que chegavam, subi a encosta e fui me postar em cima, de onde podia ver as estepes que c Sol crepuscular banhava até onde meu olhar podia alcançar. Ali estivera Prisco, na noite passada, e o solo ressequido ainda guardava a marca das patas de seu cavalo, as touceiras ressequidas, sinais de haverem sido tosadas, aqui e lá, pelos dentes do animal. Da escada, tranquilamente Filoctemo me olhava. Como seria feliz se pudesse fazer meu o seu mundo! Mas as nossas linhas de limitação desbordaram! Assim pensava quando vi Jântio que se aproximava. Um desconhecido chegava com ele e Filoctemo foi-lhes ao encontro. Vendo-os na trilha serpenteante, já bastante próximos para que vissemos suas feições, Filoctemo segredou-me:

— Vê só, mais um dos meus.

Poucos minutos depois estavam a nossa frente. Jântio disse-nos:

— Trouxe hoje um companheiro e, ao que espero, um novo membro para o grupo de Sibírcio. Gala. Filoctemo, Egdício, este ó meu amigo Severiano!

SEVERIANO

Severiano não diz uma palavra. Limita-se a contemplar com olhos assombrados o companheiro tão modificado. O que se passara com JAntlo naqueles últimos dias?

Conhecera-o como uma extravagante criatura que viera esconder na distante Sebastes o seu punjante drama interior, como um ser que se sentia rodeado de amigos e inimigos e não era capaz de distinguir uns dos outros. Tem Jântio na conta de um artista de talento, porém incapaz de se firmar no conceito do público, que se apagava e fugia, deliberadamente, furtando-se aos contactos indispensáveis a não ser raramente. Severiano nunca vira ninguém tomado de um medo maior e, além disso, mais destituído de ousadia e astúcia, únicas armas com que poderia enganar ou enfrentar os inimigos desconhecidos. Assim, escondia-se.

Subitamente Severiano encontra um novo ser. O próprio quadro em que estivera a trabalhar sofrera rápidos retóques. A formosa mocinha de cabelos cor de abricô que dantes recortava-se contra um rude fundo de rochas escuras, emerge agora de um obscuro e suave crepúsculo, onde não é difícil descobrir-se uma nova esperança, uma nova alegria Severiano, porém, não se atreve a fazer perguntas. Dantes Jântio não hesitava em insultar os curiosos. Ele não pode saber o que se dará agora.

E, entretanto, o próprio pintor quem lhe fala a respeito:

— Já não me fazem dano, vês?

Dirige-se ao leito e senta-se sobre ele compondo uma pose de relaxamento e descanso. Severiano sente-se pleno de uma sincera satisfação. Aquela modificação torna-o feliz e curioso. Jântio põe-se a falar com a pressa de quem necessita, urgentemente, transmitir a outrem uma fantástica descoberta. Severiano não recusa as revelações. A história de todos os povos está cheia de fatos semelhantes. Por toda a parte identifica criaturas verdadeiramente enlouquecidas no mal, que fazem do amargar os semelhantes o seu deleite. E que outra coisa poderão fazer já desgarradas do corpo físico?

A discussão surte proveitosa a ambos. Debatida a dois, a melindrosa questão parece deslindar-se. Mas é terrificante: os abismos do invisível abrem-se ao entendimento dos dois jovens. Jântio tenta reproduzir as instruções recebidas no núcleo cristão e provenientes de homens desprendidos da carne, mas em estado de lucidez e elevação moral. O assunto transporta-os ás cenas evangélicas em que Jesus expulsa os espíritos obsessores, restituindo a liberdade a Infelizes criaturas sob o jugo de potentes e aniquiladoras mentes.

Tomado de reconhecimento, JAntlo bel/a o retrato da jovem pastora que apresenta ao amigo como sua primeira instrutora.

— Aceito a doutrina de Jesus, Severiano, e desejo viver com ela e por ela. Eu era um escravo em condições mais degradantes do que a dos escravos da Terra. As portas da prisão se abriram, não podes Imaginar p que isso significa para mim.

— Posso imaginar! E, crê, Jântio, eu mesmo talvez não hesite em aceitar a nova fé.

— Falas sério? — JAntlo pergunta em júbilos. — A dor levou-me, mas se fores por ti mesmo teu mérito redundará maior.

— O simples ver-te, é concludente. Não podes imaginar como estás diferente. Só um poder maravilhoso poderia operar essa modificação. Talvez pareça estranho, mas ouvindo-te a falar de Jesus o assunto parece-me conhecido. Quando, por exemplo, falaste do sermão no monte.

"Meu jugo ó suave"... onde ouvi isto antes? Desejo, Jântio, de todo o coração submeter-me a esse jugo.

— Lá entre as colinas, eles te contarão outras coisas Iguamente belas. Iremos juntos solicitar

teu Ingresso. Queres?

Sim, Severlano quer. E a idéia fervilha de expectativas tão regosl- jantes que os dois silenciam devorados por seus próprios pensamentos.

* * *

— Vê só o que acabas de dizer» Jântio. — Disse Filoctemo com interesse. O grupo de Sibírcio! Não é que temos um nome! E melhor não haveria, nem tão a calhar...

Já estávamos reunidos na sala quando ele contou aos outros o pequeno diálogo travado entre Jântio e nós. E naquela noite mesma o gru- *»o, com agrado geral, ganhou o nome de Sibircio, sob o qual, ainda séculos depois, era denominado e lembrado nos círculos cristãos de toda a Ásia Menor.

Não se passaram muitos dias e um outro chegou, o que me fez dizer a Filoctemo, por troça:

— Eles chovem!

Eu estivera a palestrar com Acácio, ao qual aprazia chamar-me pelo nome de sua irmã, Corina. Trouxera de presente bonitas figuras de argila, nas quais representava a pastora com suas cabras e ovelhas, uma das quais tinha atravessada nos ombros, como o fazíamos com os cordeirinhos. Ergui os olhos das gentis figurinhas e vi o desconhecido.

Não era muito alto e seu modo de olhar denunciava a vista curta. De pouco em pouco a conversa geral arrefecia e agora ele, falando com tluência e com peculiar veemência, dominava o auditório. Estava bem vestido, suas mãos eram expressivas, finas e bonitas e corriam extraordinariamente em seu auxílio em gestos moderados e expressivos. As vezes cruzava-as sobre o peito o que lhe dava solenidade, concedendo-as um repouso que parecia preparar a mímica para a frase seguinte.

Tudo aquilo não me era de todo desconhecido, porém de imediato não me pude lembrar mesmo porque a exposição em que se absorvia, contagiava-me também. Entretanto, semanas transcorridas, repetindo-se a situação, a memória ajudou-me. Eu o vira, talvez um ano antes, no Fórum de Sebastes, no decorrer de um *laudatio*. Estando na cidade, Cirilo e eu entráramos justamente porque, na praça, louvava-se o jovem orador.

Um préstimo fúnebre se aproximava do Fórum. O próprio Procurador, com sua guarda, se fazia presente ao lado das famílias mais representativas da cidade. Cirilo e eu nos aproximamos o quanto nos permitia nossos trajés pobres, porém o suficiente para assistirmos a entrada da luzida comitiva no recinto a que chamavam *rostra*, onde, às vezes, expunham as cabeças dos supliciados.

Tratava-se do enterramento de um *honorati* e, assim, sempre curiosa, a população acorria pressurosa a empurrar-se entre cochichos, nas pontas dos pés. A *lectica fúnebres* foi depositada junto de uma pira e, logo em seguida, um jovem pálido, em roupas negras, destacou-se de entre a comitiva. A cena ficou-me pela força e beleza da oração fúnebre do moço, as brancas mãos a se destacarem das roupagens ltuosas.

Entretanto, de chofre, ali em nossa casa, naquele primeiro dia, a cena do *laudatio* não me ocorreu. E assim perguntei a Acácio:

— Este, quem é?

— Flávio. — Ele me respondeu.

FLÁVIO

Orientava-se reparando nos cabeços das montanhas muito distantes, um dos quais, o mais alto, marcava o Norte. Havia anoitecido completamente. Andava, pois, há quanto tempo? Três horas, desde a manhã bem cedo. Sentia urgência em se alimentar. Distraira-se com seus pensamentos e só agora, com a aguda sensação de fome e a fuga da claridade diurna se apercebia de que o tempo passara. Mas continuou a caminhar com firmeza em direção à cordilheira.

Flávio alcança o vilarejo entre as trevas da noite, porém há luar. A casa que procura tem uma pequena escada e, perto desta um poço com três castanheiros. Luzes amarelas filtram-se pelas fendas estreitas das janelas e portas. Um homem desce a viela sinuosa iluminando-se com a teada

de resina que segura bem alto. Ao se cruzarem o homem tosse e saúda-o humildemente.

Flávio sabe como se orientar pelas vielas até a pequena esplanada no sopé da montanha, pois tudo lhe fora explicado. De sorte que encontra o poço com os três castanheiros e a casa. Sobe a escada e bate à porta. Abrem-na, ele fita um homem moreno de rosto semita. O desconhecido diz-lhe com afabilidade e de maneira desconcertantemente inesperada:

— O meu nome é Jeremias, em que posso servi-lo?

Está iluminado pela candeia que segura entre os dedos. Tem qualquer coisa de militar no porte e seu sorriso, seu olhar claro, mostram uma aliciante simpatia à qual Flávio não pode fugir. Diz:

— Venho de uma longa viagem, quero falar a Basilio.

— É bom que tenhas vindo. — Diz o outro. — Que o bom Deus te abençoe. Entra...

Ele entra para o interior da casa. No centro de uma espaçosa sala Iluminada por três ou quatro candeia, Jeremias oferece-lhe um escabelo. Sorri-lhe e desaparece por uma das portas dos fundos. A noite azul e fria 'las montanhas entra por duas janelas através das quais é possível ver-se retelhos do vale enluarado. Por elas chega também o perfume de beladonas e ervas aromáticas. Através do silêncio macio da casa Jeremias volta com muitos apetrechos. Uma bacia de água fresca, toalhas, uma bilha. Depois frutos a pão. Em seguida um prato de sopa quente de perfume convidativo.

—Basilio chegará em breve. — Diz Jeremias sempre a sorrir.

E Flávio, desconcertado, percebe que nem ao menos se dera a conhecer. Procura concertar a indelicadeza e roga desculpas, declinando seu nome. Jeremias tem um cândido mover de cabeça. Então, quebra o silêncio que se faz, as vozes de muitas pessoas que cantem. É um coro sentimental, algo triste, porém agradável e dolente.

Flávio percebe que as palavras falam de uma divina esperança, de uma esperança que cresce para muito além das dores dos homens.

Faz o seu repasto ouvindo aquelas maviosas vozes e, exatamente ao terminar, o ancião entra na sala pela passagem do fundo, por onde Jeremias se movimentava. Assenta-se à sua frente. É um velho de grandes barbas brancas, que irradia serenidade e bondade.

— Sou aquele por quem procuras, filho— Dize em que posso valer-tel

Flávio sente-se reconfortado, aquecido e à vontade.

— Tenho ambições de escrever, senhor, e o dom da palavra não me é adverso. A história me apaixonou, sobretudo a vida dos grandes homens. Um amigo de meu pai, o melhor amigo de meu pai, um outro pai que tenho, animou-me a procurar-vos. Anos atrás conheceu-vos quando, ao passar por aqui, no decorrer de uma grande tormenta que durou três dias, vós o acolhestes. Esse homem assegura-me que sabeis a história do maior de todos os homens que jamais viveu. Porém só isto me disse, aflanço-me que não vos furtareis em contar-me tudo. A curiosidade trouxe-me. Quem ó, senhor, o homem cuja glória eclipsa a de todos os outros? Quem é maior do que os príncipes e reis, guerreiros e heróis?

Uma chama extraordinária parece dançar nos olhos velhos de Basilio quando, fixando profundamente o jovem interlocutor, diz-lhe com firmeza:

— Jesus, ele se chama.

— Jesus... — Flávio repete.

E o nome ressoa-lhe com doçura e calor nos mais recônditos refolhos da alma. Abre o seu bernal, retira os pergaminhos, os estiletos, os saís de escrita. Basilio repassa a maravilhosa aventura e o moço, circunspectamente escreve.

...

Lembro-me de que, ao relacioná-lo com a cerimônia do *laudatio*, certos detalhes que na ocasião nos tinham surpreendido, a Cirilo e a mim tornam-se compreensíveis. Por exemplo a simplicidade da cerimônia **8** ausência dos músicos, das *praeficaes*, carpideiras profissionais encarregadas das

nônias, das imagens dos antepassados e a abstenção do sacrifício de animais em derredor da pira fúnebre.

A falta desse cerimonial, que decepcionara a turba à espera de um espetáculo espalhafatoso, nos agradara.

— São avaros! Poupam-se os gastos! resmungavam em derredor de nós.

Mas, como viemos a saber depois, Flávio cortava suas amarras. Eram aqueles funerais os de seu próprio pai. Livre, conforme ele próprio nos contou de certa feita, seguira o chamado que a religião de Jesus lhe endereçava.

Distraí-me naquela noite a ouvi-lo. Flávio dissertava com muita oportunidade e era indiscreto relativamente à sociedade em que vivera e que agora desprezava. Comentando sua aproximação do grupo cristão, dizia com seriedade que compreendera ter chegado o momento de entrar em brios. Os outros sorriam.

— Do Cristianismo dizem ser uma moléstia que contamina. Mas eu vos digo, irmãos, é a saúde que retorna. Ora, sempre se fugiu às doenças, nunca se viu fugir à saúde!

O tom com que disse isso fez com que um coro de gargalhadas se levantasse em roda. Ele, entretanto, não ria- Olhando para fora, viu um terceiro personagem desconhecido que se apresentava e prosseguiu a representar. Fez com suas bonitas mãos um gesto largo e anunciou:

— Varões, tenho a honra de vos apresentar um ex-pagão...

— ... e um ex-escravo, disse o recém-àhegado sorrindo, enquanto Flávio completava sua frase:

— Donnato!

DONNATO

Tomou sua pollptycha e guardou-a decepcionado nos bolsos de sua túnica. Estavam cheias de palavras amargas, palavras que pareciam desagradar a própria cera onde estavam escritas e que se mostrava áspera, Indócil e dura. AH, ele mesmo escrevera ruins acontecimentos, exagerara fatos sem importância, mentira, tudo para causar ao espírito da senhora aflições e desespero.

Donnato assistira a tudo quanto, anteriormente, se passara. Vira o amo levar de volta à casa dos pais a esposa inocente, acusando-a de prevaricação. No dia do diffarreatio, a cerimônia religiosa com que se extinguia o casamento, o amo rejubilara-se entre libações que seguiram madrugada afora. Mas na manhã seguinte verificara que sua vitória ficara pela metade. Envolvida a lei, os dois filhos do casa/ tinham partido para caminhos diferentes. O menino permanecia na custódia do pai, a menina partira para a companhia da mãe, em Arnisos

E quando o amor das duas crianças imaginara uma forma de correio que desafogasse a saudade mútua, o senhor, propositadamente mantivera o pequenino Druso iletrado, a fim de que outrem redigisse suas mensagens infantis. E essas mensagens, subtraindo as palavras do menino, ele próprio as ditava. Durando isso havia meses, a alma de Donnato se enche de aflição. Sente-se responsável e, à noite, rola na cama imaginando as Inquietações e lágrimas a dois, que provocava a distância naqueles puros & Inocentes corações.

A ama, simples e afetuosa, sempre fora bondosa. Quando, menino e escravo, ele adoecia, ia pessoalmente vê-lo e tratá-lo. Donnato estava disposto a, por sua vez, também falsificar aquelas tábuas, pouco lhe importando os riscos que, não eram muitos, já que ele mesmo as expedia Mas não tinha as palavras, as frases de esperança, de alegria e encorajamento que desejaria enviar com a assinatura de Druso.

Havia poucos rolos escritos na biblioteca da casa e, na maioria, tratava de prescrições legais. Apesar de seu exterior sereno, o jovem escravo ardia. Em quatro ou cinco dias, ao mais tardar, teria de redigir uma nova mensagem e, daquela vez, não está disposto a ministrar a peçonha em forma de escrita.

Já que não pode contar com seus próprios recursos, necessita rogar o conselho de alguém. Mas

de quem?

Então Donnato lembra-se. E os hemens do Caminho? Conhecera alguns deles. Falavam com júbilo sobre a paz nos corações. Eram herdeiros da mensagem diferente de um pregador judeu, mensagem que os preparava para os maiores sofrimentos e testemunhos.

Donnato decide-se a procurá-los ainda esta noite. Desculpa-se diante do amo, alegando a necessidade de algumas aulas noturnas em que aprimore seus conhecimentos e parte sem dificuldades. Os anagnos-tes, escravos ledores, gozam de consideração superior e ele bendiz essa condição.

Donnato tem contatos seguros e não lhe custa chegar ao local das reuniões discretas, quase em segredo. O número de ouvintes, todavia, o impressiona. Ele apresenta-se respeitoso, de cabeça descoberta. Explica que deseja aprender as palavras boas e supunha poderem os cristãos mi-nis 'rá-las.

Não o tratam com reserva, é convidado a integrar o auditório e a primeira mensagem evangélica desce como chuva amiga e propicia sobre o bom terreno de seu coração.

Donnato não tem dificuldades, compreende de pronto. Sente-se alimentado espiritualmente. Os conceitos que ouve, mesmo os mais singelos são flores preciosas de amor e de luz.

Voltará amanhã, voltará em todos os dias de sua vida!

— *Perdoai-me, — Diz humildemente à guisa de explicação, à saída, — sou um escravo comum e desgraçadamente não tenho com que retribuir a Jesus o que me oferta e me ofertará, pois amanhã estarei de volta*

— *Ele não espera que retribuas, filho. — Dizem-lhe. — Surgem, entretanto, dois deveres novos para ti.*

— *E quais são?*

— *Que não retenhas só para ti o que tenhas e que te modifiques a luz de tua fé.*

Nesta noite ainda, Donnato inicia a redação em sua poliptycha. Na última delas escrevera o nome do pequeno Druso. Usa o estilete lesto e meditativo.

— *Eu tenho as palavras... eu tenho as palavras... parece dizer, jubilosamente o seu coração.*

Donnato viera ter às mãos do pai de Flávio em pagamento de débitos. Integrando herança recente, vira-se libertado, feito assalariado e pessoa de confiança junto daquele que já considerava o seu melhor amigo. Regressava de uma longa viagem que se estendera até Roma, ao percurso de muitas cidades, aqui e ali participando a parentes e amigos o desenlace de seu último senhor.

Eu apreciava ver as caras novas que chegavam e ouvir-lhes as pequenas histórias que traziam. Era curioso ficar apenas assistindo àqueles encontros. Como espectadora eu compreendia melhor as relações que se estabeleciam e os caracteres que se expunham.

Sobretudo era singular que, embora vindos de condições tão diversas, mediassem idade e concordassem em apreciações.

Muitos deles traziam sarcófagos mortuários em si mesmos, e neles jaziam os despojos dos prejuízos, das tradições, de costumes conservados a preço de sangue. Flávio, por exemplo, teria sido como Prisco. Teria compartilhado as mesmas idéias, o mesmo orgulho, lera os mesmos livros: Tifo Lívio, Ovídio, Floro e Dião Cássio. Como Prisco, antes de sua instrução, alimentara-se, pela instrução doméstica, nas fontes aparentemente inesgotáveis da tradição sobre a eternidade e a virtude de Roma. No entretanto, Flávio... estava ali!

E não era cedo demais para que eu pudesse verificar que, como Heráclio ou Nícalo, de todo se libertara.

Eu gostei dos recém-vindos. Flávio pareceria fátuo quem não o conhecesse melhor, Severiano transpirava generosidade, em Donnato eu encontrava serenidade obtida talvez sobre os fundamentos da dor. Sua imaginação ardente ia ser, com certeza, as asas de seu vôo. Lembro-me particularmente dele naquela tarde, junto de Filoctemo de quem parecia merecer particular atenção,

sobretudo pela narrativa que fazia de seus sucessos, em Roma e que julguei terríficos.

Ali, os templos pagãos, sob a sanção imperial de Constantino, estavam sendo aproveitados pelas igrejas cristãs. A preocupação com o proselitismo e a vinculação ainda muito fresca de seus dirigentes aos cultos do paganismo, davam lugar a graves medidas. Essa utilização se fazia em ruim sentido. Assim, as aras, os altares maiores e menores, dantes ocupados pelos deuses olímpicos, eram empregados para celebrações. Procurando-se expandir sua utilização, caíam, forçosamente, na cópia de cerimoniais os mais absurdos, ritualizando a religião de Jesus.

— Não se fazem nesses altares os antigos sacrifícios, as oblatas de animais vivos ou as oferendas em gêneros, porém modifica-se a singela comemoração da ceia do Senhor numa outra com caráter de sacrifício, empregando-se o pão e o vinho.

— Mas os velhos cristãos, os anciãos, aceitam isso?

— As gerações passam. De pouco em pouco, aqui e ali, copiam o mau exemplo. O dia da igreja de Sebastes chegará.

— Mas Arrius, — alguém lembrou. — Indo contra a confusão que se arma em torno de Jesus, não combaterá as novas inovações igualmente exóticas?

— Eles o afastarão.

— Sim, eles o afastarão! — Ouvi a voz de Cirilo dizer. — Não porque Arrius represente um perigo total, mas, pelo menos, porque representa um obstáculo à mitificação de Jesus.

— Ora, para um erro, sai-se de outro erro.

Lembro-me dos olhares espantados de Jântio, Eunóico e Valente.

— Mas, — Eunóico argumentou. — Se Jesus pregava nos campos, sobre as barcas, sem a necessidade de locais especiais, por que esse interesse pelos locais do paganismo?

— O belo, o grandioso atrai os homens, é natural isso. Para o cristão, entretanto, esse seria um problema de vigilância.

— Simpatia e antipatia são forças novas dentro do Cristianismo!

— A igreja se dividirá um dia?

Pensei na hipótese de regressar a Sebastes dali a duzentos anos. Então, possivelmente, eu não mais reconheceria a casa da boa Abba, a casa do caminho, aberta aos necessitados de toda a sorte. Constrangiu-me aquela idéia: era um absurdo dar-se atenção àquelas modificações tão mesquinhamente materiais.

Subitamente a lembrança das vestes faustosas levadas ao *batanero* e dos *lituus* entalhados voltaram-me a memória. E estremeci. Primeiro chegara o Paladino Audaz, intemorato. Portador da Verdade, seria o mais orgulhoso dos seres. Fez-se, entretanto, humilde e pequenino, concitando a todos para que o seguissem assim. Fez-se o Caminho e ao longo desse caminho, seus seguidores construíram suas Casas. Ele era a fonte e queriam transformá-lo em mar, mesmo que o doce manancial se apagasse na salinidade das grandes águas. "O que se passava com o homem?" Eu perguntava a mim mesmo. Material, nega-se à espiritualização! Mas, teria ele o direito de materializar o veículo dessa espiritualização?

Impregnei-me de uma vaga sensação de mal estar. Eu detestava tudo aquilo! Havia um destino irresistível pesando sobre nós, porém ele me aborrecia e eu me recusava.

Lá fora o Sol declinava e a sua luz doirada como que se desfazia numa fina névoa, esbatendo a rude paisagem outoniça e o tom côm-de-bronze da vegetação.

Eu era paciente, porém nem sempre. Às vezes a impaciência se derramava sobre mim. Era difícil esperar, sobretudo entre incertezas.

A prece com que se iniciou o culto me apaziguou. "Tudo posso naquele que me fortalece," dizia Paulo aos fiúpenses". Olhei para fora procurando reunir minhas idéias sobre o assunto tão providencial, como se amigos invisíveis quizessem falar ao meu atribulado coração.

Eu estava no ângulo entre a mesa e a janela, de onde podia ver t planície do altiplano, montando

em direção às montanhas do Taurus. Tive então a exata impressão de ver alguém que se ocultava entre as pedras, num ponto elevado de onde a casa e seus arredores podiam ser facilmente vigiados. Não era Prisco, que nunca se ocultaria assim, nem tão pouco pastores ou viajantes. No momento seguinte pude ver melhor: era alguém a cavalo, pois o corpo do animal se descobriu. A pessoa visivelmente olhava para onde eu estava, embora não me pudesse ver. Daquela distância eu tinha a desagradável sensação de estar olhando-a nos olhos, diretamente, e aquele olhar como que me enchia de desconforto e de medo. A brisa da tarde assoprando desprendeu um manto leve e largo verde esmeralda, que se abriu como as asas de um pássaro exótico. Vi também que, ao Sol, cintilavam pedrarias. Era, pois, uma mulher!

A sensação de paz que há tão pouco experimentara como que se desfêz. E veio a sensação de perigo. Olhei para meus companheiros, serenos e recolhidos, absortos no comentário evangélico. Lembrei-me do rebanho destruído, de Coronna no seu leito. "Tudo posso naquele que me fortalece" dissera o texto.

Quem quer que estivesse lá fora — e eu sabia muito bem quem era! — eu devia afastá-la antes que meus amigos saíssem, que o grande e suspeito número de pessoas não fosse notado, se o não fora ainda. Antes tinham sido os animais do rebanho, agora seres humanos estavam em jogo.

Esperei que a reunião se aproximasse do fim, ergui-me discretamente como se me fosse dirigir aos fundos, atravessei os cômodos interiores, saí para fora e contornei a casa. Eu precisava ser vista e, assim, afastei-me da sombra e me mostrei à plena claridade.

Junto ao aprisco tínhamos bilhas sempre renovadas e cheias, que nos serviam para as abluções e para o fornecimento aos animais. Esvasiei uma delas, segurei-a contra o quadril e simulei ir à fonte. Eu me retardaria ali, certa de que, daquele local, a casa não seria vista. Eu precisava ter sorte para que tudo corresse como esperava. Orei fervorosamente enquanto avançava pela trilha, dobrava o cabeça e seguia sempre em direção à nascente. Estava nervosa e excitada. A solidão aumentava o meu terror. Entretanto, eu não tinha mais a fazer.

Eu fora vista. Agora o cavalo trotava em minha direção. Olhei para atrás e consolei-me verificando que, pelo menos tinha uma única pessoa contra mim: a amazona estava só. Seu manto se agitava no ar da tarde e o seu esplendido tom de verde parecia cintilar contra o fundo fulvo da estepe outoniça.

Enfim, eu sabia do que se tratava. Era comigo. E o momento, o local, eram próprios, graças a Deus, para aquele encontro.

Eu me movia em diagonal e a visitante compreendeu, pois que avançava contra o horizonte, buscando o ponto em que nossas trajetórias iam se cruzar. Eu ia andando e pensava numa história ouvida muitas vezes em pequena, na qual os pequenos animais, sob o encanto dos olhos das serpes, avançam resignadamente para elas. Assim ia eu, sozinha, pela trilha deserta, propositadamente entregar-me, sem ter ninguém por mim a não ser eu mesma e a pequena frase escrita na mente: "Tudo posso naquele que me fortalece!"

Junto à nascente a amazona aguardava-me inclinada sobre a cela e medindo-me os passos que eram iguais e firmes. A medida em que me aproximava, via-lhe os leves movimentos das sedas que esvoaçavam na brisa da tarde. Mais uma vez ia me defrontar, face a face, com Otávia e não tinha a menor idéia do que lhe diria nem do motivo daquele encontro, para mim dolorosamente desagradável. Passou-me pela cabeça que viera informar-se, certificar-se se eu morrera ou então, saber se eu sofrera, fisicamente, estragos mais sérios. De fato, naquele instante, importava-me menos por mim do que pelos outros e disso ia tirar a minha força.

Agora eu a olhava de perto e verificava que, como pessoa, ela não conseguia atemorizar-me, não conseguia nem mesmo promover qualquer sentimento especial em mim. Pela segunda vez via-me exatamente como eu era, em meus trajes humildes, desataviada, os cabelos presos num coque de tranças, ao alto da cabeça. Naturalmente me julgaria feia, pois que os últimos sofrimentos tinham-

me tornado mais magra e marcado com mais intensidade os traços de meu rosto. Isso, quem sabe, se tornaria, para ela, um motivo de satisfação.

Parei junto à fonte, coloquei a bilha no respaldo de pedra que continha a água e me imobilizei quase contendo a respiração. Ela me olhava fixamente, examinando-me como se fosse uma peça por cuja avaliação correta dependessem os seus lances num leilão.

Disse-me:

— Ninguém viu-te sair. Estive a me certificar.

Sair sem ser vista! Certificar-se... Otávia inclinou a cabeça num gesto que era muito seu. Estava deslumbrante no seu peplu de leve Tecido esmeraldino, os cabelos arrepanhados num retículo de fios de ouro, com contas de jade entremeadas. Ela sorriu.

— Bem, disse agitando seu pequeno chicote de prata, aqui estamost

Fez um movimento de enfado, de quem estava a perder seu tempo.

Renteamo-nos e eu sentia o seu penetrante perfume. Honestamente eu poderia dizer que nunca vira uma mulher tão bela quanto aquela. Devia ser alta, de pé. Todos os seus gestos, mesmo os mais insignificantes como o de trocar as rédeas de uma para outra mão ou o de agitar a cabeça quando o manto a importunava, tinham uma afetação voluptuosa de estudados encantos e que, aos olhos dos homens, devia fazê-la irresistível. E Otávia tinha, com certeza, consciência disso.

Sentia-me, junto dela, como um vagalume junto de uma estréia. Entretanto, não era assim que ela me via, e sim como uma ladra e ela a dona incontestável de todas as coisas, por direitos que naturatmente se conferia.

— Então, sempre tiveste por bem acabar com o meu gato preto?

Não lhe respondi embaraçada pelo tom desabrido com que revelava aquilo que, até aquele momento, era apenas uma suspeita minha. Mas qualquer coisa em meu rosto deve tê-la irritada pois que seus olhos se fizeram percucientes e ardentes. Sua boca macia e rosada perdeu o sorriso distraído e, inesperadamente, senti um horrível temor de que um ataque semelhante ao outro a empolgasse, atirando-a por terra. Nesse caso, o que poderia eu fazer? Entretanto meu temor era infundado. Sua respiração apenas se fez arfante e seu rosto se aproximou ainda mais de mim. E de tal ponto que via-lhe os artifícios da pintura e que, em certo momento, pus-me a imaginar aquela face, aquele colo invadidos pela gordura, o seu pescoço se desmanchando em dobras sobre os colares de ouro e de pedrarias. E tive um pesado dó de Otávia.

Ela, evidentemente, continuava a pensar no animal que mandara soltar-me em cima, pois que me perguntou com ironia:

— É superstição tua o gato preto? — Aposto que nunca tinhas visto um outro daquele porte, nem com tal apetite. Um azar em ponto grandel

Achei que devia responder-lhe, não apenas porque era preciso encerrar aquele encontro absurdo como também para não parecer tola e insignificante por detrás do meu mutismo.

— Não, — disse. — Claro que não. Parece-me entretanto que estais a perder os vossos gatos e o vosso tempo inutilmente, senhora. Não está, nem nunca estive em meus propósitos imiscuir-me no que quer que seja que vos diga respeito. Tudo isto é um equívoco e um equívoco lamentável.

— Eu, porém, me intrometo. E esta é a primeira vez em que intrometo diretamente e as coisas não me saem como desejaria. Imagina, pois, o que reservei aos responsáveis por esse fracassol

Pôs-se então a narrar-me com detalhes os suplícios que impusera aos infelizes escravos carregadores e seus portadores. Era irreal, como um pesadelo, ver aquela boca bem feita, de linhas quase cândidas, a narrar aqueles destemperos. Eu estremeci e tentei voltar ao assunto que me interessava:

— Da primeira vez em que me vistes, senhora, já podíeis ter ajuizado! Não vedes então a distância que nos separa? Como os pobres escravos, sou de todo inofensiva a vós e já devíeis disso ter consciência. Parece-me pois Inútil que estejamos a parlamentar, o que, com todo o respeito que

me mereceis, não fica bem para vós nem para mim.

Otávia deixou escapar suas temíveis risadinhas.

— Ora, os pobres escravos não têm nenhuma importância. Se não morressem ontem morreria amanhã. Mas tu deverias ter morrido anteontem!

— Morrer não tem também nenhuma importância, senhora! Afinal ninguém morre, vossa própria religião vos assegura isso.

Os olhos dela se incendiaram:

— Os miseráveis devem morrer. Devo acreditar que não o quereis?

Não entendi bem e, por isso perguntei:

— Nada existe entre mim e Prisco.

Ela começou a rir raivosamente fazendo-me outra vez receiar o ataque. Assim continuei veementemente:

— Mesmo em superfície vê-se que isso é uma loucura. Espanta-me que não compreendais!

— E acaso não o tens visto?

O tom dessa pergunta surpreendeu-me. Era como se soubesse que ele tinha vindo. Custei a responder.

— Sim, tenho. — Disse por fim, com cansaço.

Quis explicar em que condições mas, não sei porque, não o consegui. E seria também um esforço vão. Arrependi-me de ter-lhe dado resposta. Eu fora inábil, desastrada. Se ela me apalpava, eu caíra redondamente na armadilha. Assim, redarguiu:

— E queres que te acredite?

Riu-se, um riso insultante, que me fez afoguar as faces. Depois meditou um instante antes de voltar a falar:

— Tu te contradizes! E por que julgas que ele se arreceie por ti? Por que?

— Não mais, talvez, do que o interesse de um ser humano para com outro. Para muitas pessoas, há lógica nos sentimentos. Além disso, o fato de vós me ameaçardes por sua causa pode fazê-lo responsável por mim! Dar-me a importância que me dais serve apenas contrariamente aos vossos propósitos. Prisco é sensível. As pessoas como ele reagem assim. Vós o conheceis melhor do que eu, deveis saber!

Ela me enregelou com o olhar. Seu ódio atingiu-me o peito como um golpe material. Vi que se punha de novo a rir. Eu não disse nada, porém ela continuou a rir e a manter em mim o gelo de seu olhar. Agora havia algo de novo nela, algo de rápido e furtivo que me pôs em guarda».

O que me disse a seguir revelava claramente o seu caráter, o caráter de

— É muito divertido, — Disse. — Mas, entre receber e tomar, eu sempre prefiro a força. É um esporte. Nós romanos, somos, aliás, o único povo que pode se dar a este esporte de reis. E sabes o que me ocorre agora: que seria divertido levar-te ao palácio e apresentar-te aos nossos conhecidos, numa festa especial. Gostarias de ir?

Meu constrangimento aumentava. Não respondi. O diálogo com Otávia, quando não era irônico era forçado e estúpido. Ela insistiu:

— Gostarias?

Compreendi quase num sobressalto o perigo em que se constituía aquela insistência. Não era difícil perceber o imprevisível em Otávia e eu não podia imaginar o que sucederia se lhe firmasse na mente aquela idéia de exhibir-me numa festa do palácio. De uma coisa eu não tinha dúvidas: de que eia conseguiria meios de realizar seu intento. Era quase uma humilhação responder-lhe, mas eu devia.

— Não, eu não gostaria. E não deveis esquecer de que vos é adverso envolver-me em acontecimentos que façam Prisco supor-se devedor de uma reabilitação.

Ela soltou as rédeas do cavalo e deu uma pequena volta lenta entre os tufos de espinheiros. Eu a seguia com os olhos, vagarosamente, e pensava: "Não já terão partido de nossa casa?"

Contra nós o céu, devorado em chamas rubras, já se velava nas sombras da noite. De súbito, a estrela da tarde se acendeu sobre nossas cabeças. Ocorreu-me que, mesmo no caso de nossos amigos se retardarem na casa, o que costumava acontecer, se eu conseguisse que Otávia rumasse diretamente para a cidade, eles estariam a coberto. Alfas a fonte se encontrava a meio caminho entre a estrada do porto e a casa, de sorte que não haveria necessidade de Otávia retornar, a menos que um capricho ou um acontecimento qualquer, inesperado, a levasse. Assim, eu suspirei aliviada. Essa parte, pelo menos, pudera levar a bom termo.

— Gostas de te envolveres com pessoas importantes, não é?

E em seguida a essa pergunta inoportuna, veio o pior. Com rude franqueza propôs-me que me recolhesse aos Floros, pequena encosta no bairro do circo, de má fama, onde infelizes raparigas eram acolhidas em casas de luxo, para os ruidosos divertimentos dos filhos-família de Sebastes.

Eu respondi com paciência e serenidade:

— Senhora, nada mais peço do que dar conta daquilo porque me responsabilizo.

Procurou então me interessar pelas tascas da cidade que frequentava, ao que dizia, para se desenfadar.

— Ora, fez Otávia, que idéia tola! Prisco não me acompanha nessas aventuras, logo não te poderia encontrar.

Não sei o que se passou por sua cabeça, pois, quase sem transição mudou de tom.

— Bem! ótimo! — Foi o que disse.

Retirou do pescoço um de seus deslumbrantes colares, feitos de magnificas pedras verdes e pô-lo a cintilar diante de meus olhos. Eu aceitava aquilo tudo com fatigada indiferença.

— Que tal acha?

— Magnífico.

— Gostarias que fosse teu?

Não respondi, virei a cabeça e fechei os olhos.

— Sabes, eu poderia oferecer-te um pequeno tesouro se te decidisses a partir... Para o Norte, por exemplo, para uma das cidades do Ponto. Mas não farei isso. Será divertido ter-te aqui.

Ela riu-se e sacudiu a cabeça. Eu estava farta, aborrecida com aquela prosa tola, exausta pela tensão, a ponto de chorar.

— Ora, bem, não vamos continuar a marola. Seria muito mal feito desencaminhar-te, mas muito divertido também. Bem, vou-me embora. Foi cômico encontrar-te. Queria ver o que te deixara o meu gato. Ele falhou: teve o que merecia! Sofreu antes de morrer. Deveriam tê-lo espetado lentamente. Esta seria a minha ordem!

Em seguida ela disse exatamente o que eu não desejava ouvir:

— Deixa em segredo o nosso encontro. Se preciso, te desculpes.

Não contes que estiveste comigo... nem mesmo àqueles que te foram ver, os que estão em tua casa.

— Não! — Sussurrei tomada de um súbito terror.

— Estão sempre contigo, não é? Não gostas de ficar sozinha!

— Vêm por meu irmão Cirilo. São amigos dele, divertem-se juntos... Discutem pensamentos...

— Verdade? Que extraordinário! Vêm a essa casa miserável discutir pensamentos! £ contra a natureza que tantos homens jovens percam seu tempo a discutir pensamentos. Bigas e cavalos ajaezados! Há gente de categoria entre os seus visitantes, isto é, entre os visitantes de teu irmão.

Eu não disse nada. Ela prosseguiu:

— Quem sabe eu me divertiria numa reunião em que se discutissem pensamentos! Ademais é possível que encontrasse conhecidos meus em tua casa. Tenho amigos, afinal, nos mesmos círculos. Prisco, por exemplo.

Riu-se e envolveu o rosto em seus véus, antes de partir. E disse a guiza de despedida:

— Entrego-te à proteção de Gorgona. E que Medusa faça tua a sua face...

Desapareceu no pequeno vale, no caminho da estrada. Senti-me fraca e desorientada. Minhas veias pulsavam, minha fronte latejava. A última parte de nossa conversação me parecera terrificante. O perigo se generalizava. Transcendera de mim para minha família, agora poderia atingir o grupo de nossos amigos.

Enchi a bilha e voltei. Respirei fundo antes de entrar, totalmente ignorante do tempo que gastara. Sentia-me vulnerável como um galho seco. Era estranho que ela me pedisse silêncio, equívoco e ameaçador. Era como se preparasse, com acordo implícito meu, nova tentativa, com impunidade.

Já não tinha dúvidas de que Otávia era insana. Entretanto, ocorreu-me como uma forma de desesperada esperança que talvez inesperadamente, ela pudesse se esquecer de mim? Era uma dessas idéias fantasiosas que nossa imaginação procura avidamente entre as aflições e que, por um momento, podem nos encher de uma calma maravilhosa, embora curta.

Entrei e assentei-me em meu lugar primitivo. Filoctemo, que estava a falar, se voltou para mim. Nossos olhares se encontraram e foi como se eu me visse, pálida e espantada, refletida nos seus olhos. Entretanto ele não se alterou.

Meu olhar fugiu pela sala vazia. A corrente de Filoctemo! Ela se estendia, dava voltas pela sala que, embora grande já quase não comportava os contingentes que chegavam, um elo hoje, dois amanhã... Filoctemo era a força que os reunia. Eu, se Deus não tivesse pena de mim, seria a força que os separaria.

Via-lhes as faces expectantes. O caudal crescia. Quantos eram antes? Quantos eram agora? Eliano, o mongol. Heráclio, o loiro filho de um pai nascido às margens do Danuvius.

— Como me parecerem belo* naquele instante! Seus rostos eram tranquilos e uma apaixonada obstinação luzia em seus olhos ao ouvir a mensagem daquele outro jovem, o de Tarso. E a caminho de Sebastes, entre seus véus cor de esmeralda, galopava Otávia. Os dedos que comandavam as rédeas do cavalo, comandavam também nossos destinos. Fechei os olhos e ouvi a voz de Filoctemo repetir:

— "Tudo posso naquele que me fortalece!"

CAPITULO — XVI

O Sol entrou no signo de Escorpião. Desde o equinócio do Outono preparavam-se as visitas aos cárceres. Em nossa casa os cômodos inferiores enchiam-se de materiais. As reuniões demoravam-se até mais tarde e já de muito eu não podia falar a sós com Filoctemo. Tinha desejo de contar-lhe tudo, porém, depois, hesitava. Olhava em torno da casa e a paisagem me parecia pacífica e deserta. Eu voltara ao pastoreio, não me arriscando, porém, a ir muito longe, embora nada de novo voltasse a acontecer.

Eu tinha duas direções a tomar. O plano de contar-lhe o que permanecia oculto a todos persistia. Entretanto, era possível que como Prisco não voltara, não houvesse motivos para preocupar os outros. Era verdade que de outras vezes eu fizera o mesmo raciocínio; entretanto ele regressava e outra vez eu era atingida. Voltara a Roma? Não voltara? Este era outro assunto ocioso, que me trazia sobressaltos inúteis e ao qual fugia. O que adiantava saber!

As vezes, sem que ele percebesse, eu ficava por muito tempo a observar Filoctemo. E não sei porque vinha-me a idéia de que ele sabia e silenciava também. O fato é que uma idéia de preocupação também vela o olhar trágico. Sua beleza se tornara espiritualizada e difusa. O sofrimento, como uma nuvem sutil, enevoava-lhe o rosto pálido e pensativo. Eu sabia, pois o mesmo se passava em mim.

Então eu sentia qualquer coisa de frio e agudo por dentro. Um renorso atecipado pesava em minha consciência. Como sucedera ao rebato! Era intolerável, por exemplo, imaginar que os elevados planos que nós absorviam pudessem sofrer dispersão por acontecimentos ligados a mim.

Depois que todos partiam eu me deitava e analisava os episódios que se tinham desenrolado ante

os meus olhos quase infantis, amadurecendo-me à fôrça. Era uma onda malsinada levando-me em seu bojo. Meu encontro com Prisco fora absolutamente fortuito, pelos menos no sentido que habitualmente dá-se a essa palavra. E depois disso, eu não fizera um único movimento para nossa aproximação, pelo contrário, estivera, durante o tempo todo aceitando a separação, o adeus definitivo. Entretanto prendiamo-nos inapelavelmente. E éramos como aqueles ventos mansos da estepe que, subitamente, se encontram e geram o torvelinho que convulsiona o ar e arrebatava em seu bojo quanto se lhes cercam.

Esses pensamentos levavam-me através das horas que vagamente contávamos pela posição do Sol ou o surgir e o apagar-se das estrelas. Numa dessas noites acordei e abri a janela. Vê-lo lá tora, de novo, ao re- lento, não me surpreendeu. Conheci-o pela cintilação do *balteus*, uma figura solitária e azulada de vigília sobre o cômoro. Que pensamentos iam- lhe por dentro? E que temores? Não tornei a dormir. De madrugada a névoa, silenciosamente subindo do rio envolvera a casa e se erguera do vale para o respaldo da colina. Ainda assim eu o via, entre os brancos vapores e meu coração doía contendo o desejo de correr para ele e aquecê-lo em meus braços. Quando o carmesim do crepúsculo matutino coloriu o céu ele se ergueu num movimento lento e entorpecido, montou e foi- se.

Bem cedo, nesse mesmo dia, um mensageiro da igreja trazia-nos a notícia de que Adastro quedara enfermo. João mandara o recado. Por um acaso, coisa que raramente sucedia, mamãe não se levantara boa. A nuca doía-lhe e sua experiência intui-lhe uma sangria, coisa de que vovô se encarregou. Combinamos então que Eliano me substituiria conduzindo o rebanho às pastagens. Eu desceria à igreja em visita ao querido amigo.

Vesti-me e cobri a cabeça de modo a que, com facilidade, pudesse esconder o rosto, e cheguei ao suburbio do Estuque com facilidade.

Entrei na igreja. As janelas ainda se encontravam fechadas àquela hora matinal e eu respirei algo de reconfortador no salão penumbroso e rresco. Assentei-me num banco para descansar e, com um doce sentimento na alma, evoquei a figura de Abba e de Barnabé, aos quais roguei o auxílio providencial para minhas dificuldades. Vindo dos fundos eu ouvia os ruídos do trabalho intenso: não se interrompera o auxílio aos doentes e sofredores. Fiquei a respirar no ambiente impregnado de paz que imitava de perto as Casas do Caminho onde diligenciavam os primeiros companheiros do Mestre. Levantei-me, fui a um dos extremos e descerrei a janela do pátio. A luz do Sol iluminou os bancos toscos, as despreten- sas paredes sem ornatos.

— Sim, pensei, daqui, de lugares como este, vai se irradiar a luz para o mundo. Se as casas de pregação não configurarem o ensino de Jesus em sua total simplicidade, se não se absterem das preocupações exteriores, como as almas à feição de mansões espirituais, poderão se libertar das preocupações de aparências?!

Mas a luz do dia, pondo desenhos de luz e sombra no piso rústico, fez qualquer coisa, coisa nova e polida, brilhar a um canto. Aproximei-me. ' Estava montado a uma boa altura do solo como um palanque, ou como o lugar mais destacado dos teatros ao qual chamavámos *pulpitum*. E tudo fazia crer que seria empregado com a finalidade da palavra oral. Aquela construção chocou-me. Nas assembléias, até então, o comentário ínter- pretativo era franqueado a todos, sem locais especiais. O receio de romper-se com as prescrições da humildade e com o mandamento dos últimos lugares, mantinha o caráter inaugurado pelos próprios apóstolos. Sentia-me como uma hóspede não convidada que, por engano, fora dar onde não tenciosava entrar. Aquela peça dissonante, só ela, fazia com que todo o ambiente me parecesse estranho. Minhas pernas tremeram, senti- me desfalecer.

O local que amava desde a infância dava-me agora a sensação de perda avassaladora. Olhei em torno atordoada. Minha vida fora plena' e tranquila. A semente da impacificação, porém, estava lançada no ar.

Estava inteiriçada no banco, fria e hirta. Aquela pálida estátua era eu- Seria para sempre assim? Sem idade? Para onde fugira a minha mocidade? Amparei-me na mesa rústica onde se partilhava o

pão na lembrança da última ceia do Senhor. Então passou-me pela cabeça que a doutrina de Jesus ia ser modificada mas que, se um número suficiente de espíritos já se tivesse impregnado dela, não importando o tempo, esse grupo reagiria, retornaria, proclamaria com o preço de suas vidas o caminho verdadeiro.

Percebi no ar uma leve fragrância, como se uma flor invisível pairasse em torno de mim. Respirei fundo, inebriada e foi como se meu coração se lavasse. Avancei até o extremo da sala e olhei para atrás. Muito tempo, certamente, se passaria, muitas alterações se processariam até que, um dia, tudo voltaria a ser como era. A Assembléia não teria um local, seria a Terra ínteira. A palavra de Jesus falaria aos corações, não aos olhos. Seria vital, como o ar que respiramos, e que sempre e mais puro a céu aberto. A fragrância, que se intensificara no ar, agora envolvia-me como um canteiro florido, lembrando os cravos. Ouvei passos atrás de mim. Era Méilton. Em seu rosto inteligente e agudo as narinas palpitavam enquanto olhava entre surpreso e reprovador para mim.

— Veio por alguma coisa? — Perguntou-me falando-baixinho.

— Vim pela enfermidade de Adastro!

Ele sorriu misteriosamente e eu fiquei sem saber o que falar. A- diante-se. Pensei que fosse se dirigir ao *púlpitum* porém a meio caminho se voltou para mim. Recuei embaraçada, ainda tonta. Estávamos tão próximos que eu podia ver a trama de veias azuis em sua fronte amarelada.

— Deveria ter entrado diretamente pelos fundos, — Eu lhe disse. — mas desejei descansar aqui. Abri uma das janelas. Fecho-a eu mesma antes de sair.

— Certo viste a inovação que trouxemos! — Perguntou suavemente.

Eu pensei:

"Por que será que sussurra? Vamos todos falar baixinho daqui por diante?"

— Vi sim, porém não alcanço sua utilidade.

— Servirá às prédicas.

Não sei porque me sentia mais à vontade. A calma que até o momento da entrada de Méilton me refrigerara a alma, agora refluía. Foi assim que comentei:

— Dás uma função nova ao *púlpitum*. Até agora servira aos atores, no teatro.

— O teatro pode também servir-nos. É preciso impressionar.

— Interior ou exteriormente?

— Exteriormente antes, interiormente depois.

— Gostaria de estar certa de que dará certo, em se tratando de almas, Méilton. O Cristianismo é tão abstrato! O esforço de concretizá-lo pode apenas materializá-lo.

. Ele ignorou meu argumento e disse:

— Não percebes que estivemos desorganizados até agora? É preciso sair dessa fase empirista e sistematizar.

— Sistematizar sobre sentimentos — e não te esqueças de que os Evangelhos vieram para, em primeiro lugar, iluminar os sentimentos — não impor a fé cega.

Méilton era, habitualmente, reservado e inacessível, nessa manhã entretanto, mostrava-se quase familiar. Esse tom, porém, cochichado quase, parecia-me mais enfadado.

Quis provocá-lo a nos mostrarmos naturais. Disse-lhe secamente:

— Para os sistemas necessariamente os dogmas, para os dogmas necessariamente uma teologia.

Ele, porém, apenas assentiu. Disse:

— Sim!

— É curioso que Jesus não tenha sentido a necessidade de uma teologia. E, por certo, não o julgamos mentalmente incapaz da empreitada.

— Bem, digamos que lidamos com um organismo que cresce. São necessárias normas de rigidez.

— É preciso, pois, apertar as cravelhas? Isto é, por melhor dizer, é preciso passar o Cristianismo do seu estado fluido ao sólido?

Ele não respondeu e ficou de cabeça baixa, a olhar pensativamente para um ponto no solo. Eu continuei:

— É preciso transformar um movimento que perdura num movimento que não muda. Não é isso?

— No seio da igreja, — Ele disse — podem-se produzir correntes de idéias capazes de abrir, em se desenvolvendo, caminhos diferentes. É preciso tolher a oportunidade de escolha.

— Isso pensais em Alexandria?

— Sim, isso pensamos em Alexandria. E Alexandre é uma lua que se apaga, é um Sol no ocaso. Para o grande trabalho fora preciso um homem de génio, de força, um homem jovem. E ele apareceu!

— Atanásio?

— Atanásio! Vai ser possível fixar agora o dogma, estabelecê-lo por um longo tempo. Destruir a semente da revolta, antes que brote e viceje, eis o segundo trabalho.

— Menosprezas a capacidade de outros homens, Mélliton. Como Arrius. Na realidade sabes que a semente já brotou.

— Nós a arrancaremos, a qualquer custo nós as arrancaremos. Arrancaremos o joio, a heresia. É preciso, a qualquer custo...

— Mas para muitos, eu mesma inclusive, a planta má, o joio, sois vós. Isso cria um problema muito sério.

Mélliton não se agastou. Acredito que supusesse uma possibilidade de me convencer. Ao invés de me responder redarguiu:

Tenta compreender: Se há na doutrina cristã uma concepção que mõece o nome de central, esta deve ser a idéia que se deve fazer da pessoa de Cristo e das relações desta pessoa com Deus e com a Humanidade. Concordas?

Eu respondi dubiamente:

— Tal teoria sobre o Cristo, tal teoria sobre o Cristianismo.

— Até agora Jesus tem sido apenas um profeta, um Messias, É preciso tirar-lhe os traços semíticos. Esta teoria...

Eu o interrompi quase de chofre:

— Recolhe-te às anotações de Levi, aos textos mais antigos ou mesmo às anotações de Lucas e Marcos. Está ali o sentido de filho de Deus, sem nada de transcendente ou metafísico. Jesus ó filho de Deus como eu ou tu o somos.

Mélliton sorriu com paciência:

— O helenismo tem e deve assimilar o Cristo semítico. Contemplemos o sublime espetáculo: a loucura da cruz e a sabedoria grega fundem-se e dessa união nasce a teologia.

— isso pode acontecer, está claro, É bem possível que aconteça. Mas a idéia de unidade divina poderá se firmar apenas como uma tradição. E o que sucederá no momento em que as tradições ruírem ao sopro da Verdade que é eterna, Mélliton? O assunto não é novo. Orígenes nega a iguldade do Pai e do Filho. Este é eterno, sim, diz explicitamente, pois que as almas são eternas e essa eternidade do Verbo não o separa especificamente das outras criaturas. Numa palavra, o Cristo de Orígenes, tão prl ximo de Deus, não difere senão pelo grau de súa perfeição espiritual dos outros seres racionais e morais.

Ele olhou espantado para mim e eu agradeci a Deus a chegada de Nícalo a nossa casa. Aproveitei-me para dizer:

— Outros homens cogitarão também assim. E ninguém poderá de-

tê-ios.

- Nós os deteremos. Nossos enviados se encontram aos pés de C^onstantino, em Roma.
- E por que não em Bizâncio, ao lado de Licínio?

Méiiton riu-se e não me respondeu. Ao contrário prosseguiu no assunto que eu interrompera:

— Propomos um concílio. E Constantino compreender-nos-á. Constantino sente a necessidade de unificar o Império. E o que poderá unificar o Império? A religião! E o unitarismo é impotente para conter e transformar o mundo pagão. A Encarnação divina será eficaz sobre a maioria dos espíritos e dos corações. Sem a Trindade a Encarnação faz-se Sem va ", é incrível que todos não percebeis isso. A Trindade conquistará o mundo greco-romano para o monoteísmo.

Méiiton silenciara. Percebi que sua mão estava pousada sobre meu braço e que me apertava como uma garra de ferro, numa força inimaginável diante de sua fragilidade.

Libertei-me e disse:

- Preciso ver Aداstro.

Antes de sair voltei-me e vi-o na mesma posição. Seu olhar se fizera esgazeado. Méiiton sonhava, via o mundo greco-romano conquistado. E esse propósito de conquista em nome de Jesus bem possibilitaria que, num certo tempo, os homens se estivessem digladiando, chacinando-se uns aos outros. Enquanto me dirigia aos aposentos em que Aداstro se albergava pensava naquele concílio sob o patrocínio direto de Constantino. fca era uma brilhante idéia, uma cartada definitiva se os representantes das igrejas estivessem convenientemente trabalhados. Era também o maior perigo com que se defrontava a doutrina cristã desde que Jesus a enunciara nas terras longínquas, "em derredor do lago de Genesaré.

Constantino, por enquanto em guerrra contra Licínio, daria o seu beneplácito? Estava claro que Méiiton e os seus contavam com a vitória de Constantino sobre Licínio.

Elementos espertos, políticos, hábeis, movimentavam-se já não mais para a conquista do território imponderável das almas entregues às trevas da ignorância e do erro, mas para a conquista do vasto mundo greco-romano .

Encontrei Aداstro tranqüilo depois de uma crise dispnéica que durara toda a noite. Profundas olheiras marcavam-lhe o rosto que segurava, fixamente, um sorriso bondoso. A sua cabeceira conheci um jovem entendido em medicina, de nome Alexandre, o qual Aداstro apresentou-me como pessoa recém chegada a Sebastes.

ALEXANDRE

Era uma situação aflitiva. Necessitava ir atender a um doente, do outro lado da montanha, mas o forte temporal fizera correr terras e rochas da vertente em horríveis desmoronamentos que recobriram as estreitas trilhas e sobre as quais os camponeses falavam de olhos estatelados Ele poderia procurar outra passagem nos desfiladeiros, mas para isso necessitaria do cavalo. O velho animal, todavia, poucos dias antes do temporal, adoecera, ele não pudera salvá-lo: morrera. Estava esgotado pelo trabalho e não havia como arranjar outro de empréstimo em toda a vizinhança. Então o médico tomara uma decisão. Mandara que o menino fechasse a casa — portas e janelas! — e Alexandre, intrigado, obedecera.

- Agora vem comigo — Ordenara.

Deitara-se de comprido em seu leito e dera uma instrução:

— *Vou tentar projetar meu espírito até a casa do velho. Não te espantes, pois isso é possível. Tu ficas encarregado de vigiar a casa petõ lado de fora. Não permitirás que ninguém entre e nem tão pouco farás barulho, para que eu não seja perturbado. Compreendeste?*

Alexandre compreendera. Abandonara o quarto fechando mansamente a porta às suas costas. Saíra para fora e pusera-se a vigiar.

Ê de tarde e as sombras da noite envolvem mais e mais a Terra. O Sol esconde-se por detrás das

cordilheiras de sorte que, lá òmbaixo, no vale, já é inteiramente noite. Alexandre está de vigia no galho do castanheiro que lhe parece o melhor ponto e de onde pode abarcar todos os arredores da casa.

Ele gosta do bom módico e por isso obedece com cuidado. O velho ensina-lhe as artes da cura, o segredo das folhas e das raízes das plantas o mistério dos fluidos. O assunto interessa-lhe fundamentalmente.

Alexandre está atento muito compenetrado no seu galho quando o fato esquisito se dá. O velho surge a boiar por sobre a cobertura da casa. Pára um instante além do ponto mais elevado, entre as acróteras e depois, sempre levitando, toma a direção da montanha. Um tênue fio cor-de-prata fica desenhado no ar, firmemente, como um rastro a marcar a direção de seu vôo. Alexandre, curiosamente aguçado, põe reparo no que vê. Sobre a casa o fio cai perpendicular, prende-se, com certeza, ao corpo de carne do homem.

O rapazinho não se assusta. Desde há muitos anos acostumara-se a presenciar fatos que escapam aos olhos dos outros e que aprendeu a guardar para si, a fim de que não o Julguem influenciado pelo ruím luar.

O tempo passa e a tranqüilidade da casa não é perturbada. Alexandre sente-se sonolento quando, entre uma e outra piscadela, no escuro que o trilar dos grilos enche, vê que o fio se encorpa. O velho retorna e tudo se passa em sentido oposto. Sabe que, em breve, gritará por ele. E Isso se dá.

— Alexandre! — Grita a voz roufenha.

Alexandre salta do seu ponto de observação. As pessoas acham os hábitos do velho muito estranhos. Por exemplo, chama a todos os que o procuram por "irmão¹¹" e a ele, Alexandre, "irmãozinho". Mas o velho é cristão, e os cristãos tratam-se assim. Alexandre lá decidiu que ele também vai falar assim.

O velho está satisfeito. Esfrega as mãos com satisfação.

— Tudo satisfatório. — Diz.

A velha Ânía vira-o e ele a instruíra para que fizesse tisanas de II- quens e de raízes. Tudo vai correr bem.

— Tu me contaste que Jesus andou sobre as águas do mar. Foi assim como o fizeste hoje?

O velho coça a cabeça e pigarreja. Bem, ele não tem certeza. O Mestre tinha forças espirituais desenvolvidas, atuantes. Assegurara, entretanto, que todos poderemos fazer o que Ele fazia.

— Como?

— Treinando-te à luz dos Evangelhos, no amor a todas as criaturas.

— E essas possibilidades espirituais, são muitas?

— Muitas.

— Vamos enumerá-las pelas narrativas evangélicas?

— Vá contando nos dedos...

Aproximando-se João, estivemos a palestrar de leve à cabeceira do enfermo. Passei ali o dia inteiro, prestando a assistência ao meu alcance. Alexandre era desvelado e lúcido em seu diagnóstico. Para tristeza nossa fez-nos saber que o estado de Adastro era grave. Ele se desprende ao crepúsculo entre nós três. Orávamos em silêncio contendo as lá-? grimas quando o querido companheiro pareceu serenar. Abriu os olhos respirando com o desafogo da saúde plena e perguntou a João:

— Para quando a visita aos nossos irmãos dos cárceres?

— Para daqui a três dias.

Ele sorriu:

— Bem, se me derdes esse prazo, eu vos acompanharei.

Nós nos entreolhamos. Vi, em seguida, que Adastro morria. O devotado lidador, aquele que seria o último ancião das igrejas da terra cerrou os olhos plácida e seguramente. Nenhuma ruga de seu

rosto venerável se modificou. Lembro-me ainda de suas feições tismadas pelo Sol, de suas rudes mãos, do seu sono no catre rústico. Ali terminava uma esteira de trabalhos que, com a graça de Deus, ia prosseguir nos mundos espirituais.

João e Alexandre vestiram-lhe a estamena grosseira e o deitaram sobre uma enxerga montada no pequeno salão da frente. Em grave silêncio os protegidos da igreja se aproximavam em lágrimas, louvando-lhe a lembrança. Lembro-me bem das crianças e velhos a lhe beijarem as mãos calejadas pelo trabalho, a acariciarem as paternas barbas brancas. Lembro-me da sala iluminada pelo candeeiro fumacento e do fixo olhar de Mélon aos pés do catre.

Aquele enigmático instante fazia-me ausente de todas as preocupações, era como se os jogos estivessem feitos, à espera. E em minha mente despovoada havia um largo espaço para a saudade. O vento do Outono, áspero como lixa, arrastava folhas secas no pátio, enquanto as vozes ciciavam:

— Abba, a boa Abba o levou.

— Adastro adormeceu profundamente!

Gemma e Filoctemo chegaram em seguida e ela nos disse:

— Rodeado por aqueles que o sustêm nos braços, Adastro nos diz adeus!

— Ele parte, tu chegas. — Filoctemo disse tristemente a Alexandre.

— Sim. João falou-me, dos trabalhos que encetais. Serei um dos vossos.

— Sei que o serás. — Ele redarguiu.

Houve um intervalo de silêncio e depois ouvi Gemma dizer:

— Adastro parte vestido de luz. Adastro rompe os últimos laços que o prendem ao corpo físico.

Ele parte- Oh! Como é belo! Como é belo... belo...

Transfigurada Gemma chorava e eu me pus a chorar também.

Vejo como uma sequência irreal não apenas aquele porém todos os dias *que se seguiram*. Vejo mãe e vovô chegarem e o modo como ele se debruçou *em* pranto sobre o morto querido, os seus olhos em lágrimas e os lábios trêmulos a desejarem fazer perguntas que não podíamos adivinhar. Lembro-me também de Mélon, compenetrado, de olhar pesado de preocupação, a ruminar suas idéias andando de um lado para o outro, olhando para os pés. E em meio a tudo isto a primeira neve caiu de um céu cor de nacar, esfarinhando a terra tostada, as árvores escuras, o casario sujo de Sebastes.

Adastro foi sepultado ao amanhecer, por medida de precaução, pois que um grande acompanhamento estava previsto. Ainda envoltos nas sombras da noite nos afastamos da *ecclesia* levando-o num esquife humilde pelas mãos do numeroso grupo jovem comandado por Filoctemo. E eu me recordo com particular força do cemitério deserto à margem da via Silaha, o caminho Sul-Este, onde foi preciso acenderem-se *taedas* para os derradeiros aprestamentos. O envoltório físico de Adastro foi descido a uma cova comum do cemitério grego, ao lado mesmo da quadra romana enfeitada de brancos e faustosos monumentos. Um de seus mais antigos companheiros, Teótínio pronunciou, com voz embargada a prece derradeira.

Regressamos para nossa casa ao despontar do dia e já em plena estepe a neve recomeçou a cair.

Passamos aquele dia revistando os depósitos nas partes mais baixas da casa, onde vovô e Cirilo acumulavam a forragem dos animais. Com o rebanho diminuído, havia alimento mais do que suficiente. Era preciso preparar os nossos alojamentos para a fria estação quando descíamos para a gruta inferior. Por uma porta larga e baixa os animais eram também, à noite, admitidos ali. Abrigados dos ventos na profunda escavação natural da rocha, partilhávamos o calor do rebanho, pois a madeira a queimar era escassa e necessitava ser poupada. Tínhamos cada qual o nosso pequeno nicho e no de Cirilo foi armado um outro leito para Eliano- Depois era necessário pôr para fora os rústicos teares, os *colus* separar as raízes e os materiais com os quais íamos tingir os fios, em suma prepararmo-nos para o trabalho próprio aos infundáveis dias do Inverno.

Na última noite em que dormi no compartimento de cima, pela madrugada despertei assustada.

De chofre ocorreu-me que Prisco estaria lá fora. Abri a janela e vi-o. O azul da noite estava sujo e cinzento. En- ' volvi-me num manto e saí. A neve parara de cair porém o orvalho, no vale do rio era abundante. Ele estava molhado e frio. Acolhemo-nos num respaldo de rocha. Eu me sentia desesperada e pedi-lhe que não mais fizesse aquilo.

Meu sangue e tendências eram diferentes, eu não podia compreender o arrebatamento apaixonado que era próprio de sua gente. Acusei-o de roubar o sossego do meu sono e fí-lo perceber o quanto me era intolerável sabê-lo ao relento por minha causa. Enquanto isso enxugava-o com meu manto e foi naquele instante que, pela primeira vez, senti a duplicidade dos sentimentos de toda a mulher que ama, pois que Prisco era, ao mesmo tempo o homem bem amado e o filho.

Eu percebia o seu temor e, uma vez mais, tentei fazê-lo compreender que minha confiança nos poderes em que cria eram a minha melhor guarda.

— Não estou sozinha. — Repeti-lhe dezenas de vezes. — Forças irremovíveis palpitam em torno de mim. Se confio, tu deves confiar também.

— Cres mesmo que o teu Jesus não te faltará?

— Sim, querido, tenho certeza de que ele não faltará.

Rapidamente falei-lhe dos episódios de Pedro e Paulo, entre perigos. E o comentário que ele fez em seguida deu-me vontade de rir:

— Eu deveria estar ao teu lado, defendendo-te. É incrível que Jesus tenha de tomar o meu lugar.

Entretanto, o que veio em seguida apagou o meu sorriso:

— Aliás Jesus é o meu rival. Ocupou todo o lugar em teu coração, nunca haverá espaço para mim. — Prisco demonstrava rancor ao dizer: — Disputamos e ele sempre leva a melhor!

— Jesus é o Amor Não Amado, tentei explicar com cuidado. Ele é a Aspiração, e ó assim, nessa Aspiração que eu te amo, Prisco.

Então beijei-o no rosto, como fazia com Cirilo. A expressão dele se suavizou. Fez uma pausa e depois disse com brandura:

— Bem, se nada te vier a acontecer, sempre poderei ser grato a Jesus!

Quis perguntar-lhe em que pé estava sua viagem de retorno a Roma, porém não me atrevi.

— Tu não vens mais, estamos combinados? Daremos um voto de confiança ao tempo! — Foi o que eu disse.

Prisco, entretanto, hesitou. Procurei atilar-me para resolver a situação. Percebia que era preciso prometer-lhe alguma coisa, e, então, lembrei-me das visitas programadas às prisões. Falei-lhe desses planos e, embora se tornando sisudo, não fez comentários. Expliquei-lhe que, acompanhando Cirilo e mamãe eu poderia vê-lo, talvez faiar-lhe, e perguntei:

— Pelo regulamento, quantas vezes tens de servir no forte?

— Uma vez por semana.

— Pedirei a Nícalo que te avise.

Estava claro que a idéia não lhe era agradável, porém eu era decisiva e fingia ignorar seu aborrecimento. Ao mesmo tempo, entretanto, enchia-me de pena. O jovem e orgulhoso romano se amansava à força de circunstâncias ineludíveis independentes mesmo de mim própria.

Fez-se, no dia seguinte, a primeira visita aos cárceres. O acontecimento, conforme ficou combinado, comemoraria o retorno de Adastro às esferas espirituais. Por medida de prudência, em caráter de experiência, apenas os homens compareceram e vovô seguiu com eles. Nícalo aplainara as maiores dificuldades e a iniciativa coroou-se de êxito. Fizeram-se curativos, os enfermos foram cuidados conforme as possibilidades e o recém-chegado, Alexandre, teve oportunidade de encher suas tabuinhas com anotações sobre providências médicas a serem executadas quando de retorno. As primeiras mantas foram também distribuídas, dando-se preferência aos velhos e aos doentes.

O trabalho, entretanto, era grande. E para atacá-lo com eficiência fora preciso aliciar simpatias,

obter o apoio de elementos ligados à administração .

Cirilo e Eliano retornaram em estado de euforia. Tudo correra tão bem,, em atmosfera de tanta alegria e paz, que se fazia óbvia a cobertura espiritual.

— Podíamos, — Cirilo contava corado e exultante, — quase sentir Adastro ao nosso lado.

O querido e velho companheiro cumprira, pois sua promessa! Ouvi cinquenta vezes repetido, para leve despeito de mamãe, o nome de Alexandre, o jovem iniciado nas ciências médicas. E sabíamos do melhor? Alexandre levava consigo um outro jovem. Não tínhamos notado um estranho nas exéquias de Adastro? Não, não tínhamos.

— Ê pena, pois era esse. E Alexandre...

Mamãe o interrompeu:

— Pois trouxe cá esse tal de Alexandre que eu quero vê-lo.

Nós nos puzemos a rir e ela terminou por rir também. O "tal de A-lexandre" veio no dia seguinte e com ele o novato, por nome Hesíquio.

HESÍQUIO

Os carregadores tinham depositado a liteira à margem do rio e procuravam com cuidado o melhor lugar por onde achar um vau na água ex- Uemamente fria. Nesse mesmo momento um Jato brilhante do Sol no ocaso varou o céu leitoso, ameaçando nevasca, e caiu sobre a cidade. O campo visual de Hesíquio como que se aclarou. Trepou vlvamente pelo talude e perscrutou o casario distante, além do pequeno regato à margem do qual tinham parado e do Halys, junto a cuja ponte o pequeno curso barrento vai desaguar.

Ê curioso como se lembra de já ter estado alil Mas esta é a primeira viagem da família, a primeira vez que pisa o solo da Capadócia, que seus olhos se põem sobre a cidade de Sebastes, a rainha do Ponto. Em todo o caso Hesíquio quer se certificar.

— Já estivemos aqui, pai?

O pai nega aborrecido, Ê claro que nunca tinham estado. A caravana atravessa o ribeiro e avança. Hesíquio vai caminhando pela franja de terra que desborda a estrada. As estepes nesse começo de Inverno fogem castanhas e tristes à frente de seus olhos. O vento frio da tarde sopra nos espinheiros ralos, carrega pés e grama seca pelo ar. Aproximam-se de uma das portas da cidade Como é estranho! Ele reconhece tudo aquilo! O que se passa, afinal? Não pode explicar nem dar-se conta de quanto sente e, assim, silencia. Olha de soslaio em todas as direções e vai dizendo a si mesmo o que existe ao fim desta viela, antecipa a chegada aos logradouros públicos, aos templos e aos monumentos da cidade-

Instalam-se na nova casa e ele tem movimentos de impaciência. Seu rosto está corado de excitação, suas narinas fremem, seus olhos brilham. Espera com ansiedade o momento, após a ceia, em que possa dar a desculpa de uma voltinha, para certificar-se. E quando o momento chega, põe-se a correr escada abaixo, em direção à rua.

Ê noitinha, o palor da Lua mostra-se por detrás do céu emaciado. Ele para um momento ordenando suas emoções por seus pensamentos e ouve a voz do pai que sugere do portal:

— Não te extravies. Lembra-te de que estás numa cidade estranha. Não vás longe e volta depressa.

Numa cidade estranha? Não! Ele vai prová-lo a si mesmo. Sal a caminhar e antecipa o que lhe vem ao encontro Acerta.

— Vou descer esta rua e três transversais depois estarei nos banhos.

E três transversais depois está nos banhos.

Hesíquio percorre a cidade com o desembaraço de um velho conhecido que retorna. Seu coração amorna-se. Descobre uma ternura antiga, recordações de dores e alegrias situam-se naquelas praças e ruas. Tem vontade de saltar e cantar, mas também de chorar. Então vemrlhe a sensação de um

hábito ao qual necessita atender. Trata-se de qualquer coisa que se relaciona com aquela hora da noite e ele deixa-se guiar pelo misterioso instinto, abandona-se e segue. Cruza praças, desce ao longo de vielas, detém-se diante de um edifício singelo, servido por um pátio plantado de tamarineiros.

Hesiquio entra, segue pessoas que se dirigem á parte dos fundos. Uma pequena multidão de olhos húmidos, silenciosa, cerca o cadáver de um velho de cãs veneráveis. Oram e, seguindo-lhes as palavras, Hesiquio participa do momento de emoção e ternura. Os outros tratam com ele simples e fraternais. Hesiquio aproxima-se de singela prateleira onde se aninham rolos escritos em papiros e pergaminhos. Consulta-os sem surpresa e, aii mesmo, trava contacto com um outro moço de sua idade, um jovem médico, Alexandre.

Põe-se a conversar. Hesiquio fala-lhe de suas surpresas.

— *Vês Alexandre! — Hesiquio diz com espanto. — Eu era cristão e não o sabia.*

Mas Alexandre tem um sorriso no rosto cansado e responde:

— *Mas ó simples: tu és cristão pela segunda vez!*

Não houve competição entre mamãe e Alexandre, mesmo porque o instinto maternal dela era forte demais para que as coisas se passassem de outra forma. Da próxima vez, quando fôssemos em grupo cerrado, os dois combinariam seus esforços em clima de entendimento e alegria.

Cirilo impressionara-se com um preso, Cúdio:

— Não há de ter mais idade do que eu! Mãe sobretudo vais ficar chocada. Causa dó vê-lo entre criminosos vulgares, assaltantes de caravanas e beberrões.

— Mas porque foi encarcerado?

— Por rir-se.

— **Por rir-se?**

— Sim, por riso e desacato. Ele nos contará da próxima vez.

Eunóico intromete-se na conversa:

— Não contei ainda que convidei Esmaragdo para as nossas reuniões.

Os outros quiseram saber: Esmaragdo? Quem era.

— **O guarda espadaúdo e simpático. O que nos acompanhou. Fiz mal?**

Então eu quis participar e disse à guisa de pergunta:

— **Falaste a Filoctemo?**

— **Sim. Ele animou-me a fazer o convite**

— Então está bem!

Nícalo olhou-me com curiosidade e perguntou:

— Por que?

— A sua intuição! Tu sabes...

E então pensei que vivia rodeada de segredos. Tinha os meus e tinha aquele, a cuja participação Filoctemo me convidara.

— Na semana entrante mamãe, tu, Gemma, Zenóbia, podereis ir. — Disse-me Cirilo com entusiasmo, mais tarde, quando ficamos a sós.

E a idéia me agradava, alegrava-me. Nesse estado de espírito podia pensar que Prisco ia-se embora, que Melécio ia tomar o governo da igreja, que Otávia poderia estar, naquele mesmo momento, tramando algo contra mim; podia pensar no rebanho diminuído e em Coronna ainda fraca e ferida.

Foi assim que se transcorreram os primeiros dias de mais um Inverno nas estepes, com a neve leve peneirada sobre o altiplano cheio de ventos, e o uluar dos lobos à distância, nas noites compactas e negras.

CAPITULO XVII

Nícalo apareceu numa certa manhã daquele Inverno, coisa que ele ou qualquer dos outros amigos nossos não tinham feito até então, exceto no dia em que fomos ver os ibis. Não deu qualquer explicação para sua vinda, antes pôs-se a conversar displicentemente, depois dos cumprimentos normais. Vovô, Cirilo e Eliano terminavam a estacada, dando-lhe os retoques finais mas como estava frio lá fora, ele entrou para a sala onde trabalhávamos a lã. Creio que foi a respeito das modificações por que Eliano passara e sobre aquela estacada que estivemos de principio a falar.

Mamãe julgava natural que Eliano, de sangue mongol, uma criatura nômade das estepes, recusasse o trabalho da terra como o fazia. Revelara-se entretanto bom para o pastoreio e a lida com os animais.

Eu suspeitava fortemente de que Nícalo viera falar comigo: alguma coisa relativa a mim estava em jogo! Mas, com mamãe por perto, era preciso esperar e, por isso, nós ambos tínhamos por vezes pequenos movimentos de impaciência, como quando eu perdia o ritmo do movimento do *colus* ou ele desfazia, estabranadamente, flocos de lã entre os dedos.

Assim, o assunto saltou para a visita ao cárcere que ele julgava o empreendimento mais sério e importante do grupo. Alegrou-se falando a respeito, fazendo-me recordar certas passagens dos Atos em que um júbilo semelhante transfigura os convertidos nas tarefas das Casas do Caminho.

Depois falou-nos das primeiras vitórias de Constantino sobre Licínio, o que me fez lembrar a conversa entretida com Mélliton, pouco tempo antes. Em Cibalis, na Panônia, Licínio sofrera perdas irreparáveis. Essa era uma boa notícia para os agrupamentos cristãos.

— Entretanto, — Disse-nos Nícalo naquele dia. — Devemos ver em Constantino antes uma adesão ao Cristianismo do que aos Evangelhos.

E Nícalo queria significar por Cristianismo a doutrina já posta em jogo sujeita a alterações, e por Evangelho a vivência pura como nos primeiros tempos. Nícalo era um espírito culto, ágil, o ambiente em que se criara fazia-o naturalmente interessado nos jogos e nos jogadores da política, coisa que muito pouco nos importava já que constituíamos, naquilo tudo, simplesmente as pedras do jogo.

Eu esperava que mamãe saísse por um momento e, quando isso se deu, convidei-o a ir para fora. Ficamos ao lado de sua pequena biga sob um pálido Sol, vendo o trabalho que se fazia pelo lado de dentro da cerca. Mostrei-lhe algumas das ovelhas e cabras que traziam marcas de horríveis escoriações. Nícalo retirou de um bolso sob a túnica umas tabuinhas de escrita que me entregou. Eram de Prisco e diziam:

"Tenho saudades. Atenta para o que Nícalo tem a dizer. Não posso deixar de repetir: meu amor. P.

A letra era alta, fina, masculina, tomava todo o espaço sobre a cera. Fechei as tabuinhas e fiquei olhando o estilete que se balançava como um pêndulo de marfim, entre meus dedos. Eu necessitava saber o que Nícalo tinha a dizer-me a mais, antes de apagar as palavras e mandar minha resposta.

— Ele menciona alguma coisa que me tens a dizer.

— Tu lhe contaste sobre as excursões às prisões. Decidiu comandar a guarda nesses dias. Não é incrível? Sem que ninguém lhe pedisse! Perguntou-me se as mulheres participarão do trabalho e quando lhe disse que sim fez-se pálido. "Dize-lhe que não venha!" pediu-me. "Promete que a convencerás!" "Não posso prometer-te", respondi. "Ela é teimosa. Se pôs isso na cabeça... Conheço-a bem!" Fie silenciou com que sofrendo intimamente. "Será horrível vê-la em tais lugares!" disse depois. "Tu compreendes, minha mãe ou minha irmã... nunca as vi fazer tal coisa!"

Nícalo ficara sem saber que comentário fazer. Eu, ouvindo aquela narrativa, tinha os olhos em lágrimas.

— Havia uma dolorosa perplexidade nele todo. Não deve ser fácil aos outros compreender muitas das coisas que fazemos. Eu me curvo sempre respeitoso diante daqueles que

amam. Não sei o que farás nem o que te aconselhar.

— Tiveste razão! — Eu disse. — Eu irei. Era isto que tinhas a dizer?

— Não, não é. Ele deseja contratar um guarda, ou guardas, para vigiar a casa. Diz que se sentirá melhor assim.

Abri as tabuinhas, apaguei o recado e escrevi: "Continuo preferindo os meus guardas!" Ia grafar minha inicial quando uma idéia ocupou-me a mente. Voltei-me para Nícalo:

— Ele vai fazer o comando nos dias das visitas! Não se vai embora então? Para Roma?

— Não, não vai. Suas hesitações terminaram. Entre estar a alguns *gradus* de ti em Sebastes e alguns *actus*, em Roma, ele prefere os *gradus* de Sebastes.

"As mulheres encarceradas são nossas irmãs. Procura compreender ou perdoar-me, se não puderes compreender. Eu também o amo. G."

Fechei a *diptica* e Nícalo guardou-a. Conversamos ainda por algum tempo, porém eu tinha dificuldade em me concentrar no que dizia. Antes Prisco, depois Otávia enchiam-me a imaginação. Sabia que, quase com certeza, no tocante ao guarda, ele me seria contrário. E depois, com **aquele guarda e os** espiões de Otávia que drama não se desenrolaria ali, na **soledade estepe?! Por que eu o via, ao homem de Otávia. Inúmeras vezes. Saindo ocasionalmente**, percebia-o de relance entre as rochas fargmenta-**das, muitas** delas capazes de, facilmente, ocultar um homem de pé. A Co-**ronna também** o estranho não passava despercebido- Um bom número de **vezes vira-a** a farejar o ar quando a direção da brisa se modificava e depois **por-se** a latir nervosamente.

Havia trilhas e trilhas na estepe, silenciosas e inapercebidas, por **onde podia** com segurança ir e vir. Eram carreiros de cabras, usados em **diferentes estações**. Os homens, por exemplo, que soltaram a pantera, **sabiam** exatamente onde me encontrava naquele dia. Não fora ocasional o **encontro**, como de resto, tudo provava.

Eu pensava em tudo isso, calmamente, sem experimentar o apavorante **receio** de que o inimigo se atirasse inesperadamente sobre mim e **alcançasse** um triunfo. Eu não queria apenas tranquilizar a Prisco quando **recusara a** guarda. Confiava mesmo, realmente, em minha proteção **invisível**. Creio que, embebida por aqueles pensamentos deixei que meu **subconsciente** atuasse. Assim, devç ter interrompido um assunto qualquer para **perguntar** a Nícalo, de chofre:

— **Tu** a vês sempre?

— A Otávia?

— **Sim.**

Não sei que espécie de cara eu pusera, ele começou a rir e seu riso **fez com que** se desfizesse a gravidade dos meus pensamentos e ajudou- **me mais do** que qualquer outra coisa. Sim, ele a via de quando em vez. **Quem vivesse ao** lado de Prisco tinha, necessariamente de vê-la. **Compreendi o que** significava esse de quando em vez.

— **De** certa feita contaste como tu e ele seguistes para Roma. **Otávia fizera o** mesmo, mais ou menos na mesma época. Mas o que a **trouxe a** Sebastes?

A resposta haveria de ser óbvia, porém mesmo assim a fiz.

— **Otávia ouvira** falar da sensualidade oriental. Quiz ver a coisa **em suas fontes**. **Não é** uma coisa muito bonita, não é? Mas é a verdade! **Roma estava**, como ela mesma dizia, amarela e azeda. É uma dessas pessoas **que não gostam** de repetir emoções. Chegamos por caminhos **diferentes e nem por** sombra esperávamos encontrá-la aqui- Prisco raciocinara **que fosse** pousar em Bizâncio, a bela ave! Não foi sorte tua, nem **dele a modificação** do vôo!

— **Sim, concordei.** A não ser que consigamos transformar as **desvantagens em** vantagens.

— Prisco, entretanto, jamais compreenderá a situação como tu o fazes. O **tempo** te provará. Em verdade tua maturidade é surpreendente **mesmo para mim.**

— **Ora, assim** está escrito...

Houve uma pausa entre nós. Eu prossegui:

— **Tu**, que tens acesso a Otávia, poderias dizer... não isso... —

Eu me artapalhei. — Dizer-lhe que não existe as possibilidades ou a situação que ela imagina. Prisco certamente teria esquecido se tudo tivesse acalmado. A excitação, o sentimento do perigo une duas pessoas.

Quis dizer-lhe que me sentia cansada e que sobretudo os diálogos que tinha mantido com Otávia irritavam-me e enfadavam-me ao mesmo tempo. Eram como a tortura da gota d'água, sempre igual e sempre sem importância maior, mas que operava pela constância.

— Capaz seria, porém ela se rirá em minha cara. E a situação é tanto mais crítica porque, por este tempo, já terá esgotado o seu aprendizado do sensualismo oriental.

Enrubesci tão fortemente que ele julgou dever explicar:

— Estás aqui, metida neste vale, não podes nem imaginar o que campeia nos círculos frequentados pela alta administração romana. É como te dizia, Otávia já terá esgotado Sebastes. Com certeza a cidade para ela já está amarela e azeda. Ela necessita voltar, porém, com garantias. Há motivos para que se preocupe com essas garantias. É um fato da natureza que um acompanhante legal se faça necessário. Principalmente por tudo quanto está implicitamente aceito como facultado a uma mulher casada, na alta roda romana e vedado a uma mulher solteira. Um marido complacente é uma mercadoria de alto preço. À beleza física de Prisco, a sua fortuna e ao seu nascimento somam-se os fatores que o feitio natural dele, distante e sonhador, faz Otávia desejar.

Estas últimas frases estalavam-me no rosto, sucessivamente, como bofetadas. Meu rubor se fez tão intenso que minhas faces queimavam. Eu me recusava a aceitar o que Nícalo dizia. Minha voz estava trêmula quando lhe disse:

— Não pode ser, tu vais longe demais em teu julgamento.

— Oh! Não! E por tudo isto tenho dúvidas, sempre tive, se te deves afastar ou não. Prisco é mais do que um amigo, é um irmão, é claro que eu desejaria favorecê-lo. Vi no amor dele por ti uma salvação, uma salvação natural, que surgia espontânea, como a única força capaz de anular um trabalho caviloso, esperto e eficiente, como o que Albina Sexta havia tramado, para usar o termo exato. Um jovem sensível, emotivo, longe do lar pode ser como alguém atirado à correnteza e que se agarra ao que estiver mais perto. Peço-te que não te escandalizes, porém não que deixes de te incomodar com o que disse. Pelo contrário, este é um motivo para que penses, e muito.

Eu suspirei e disse:

— Bem, o que aconteceu não foi bastante para que me torne pessimista. Gostei que tenhas vindo! Foi uma boa manhã...

Ele gritou adeus aos outros e saltou para a sua leve biga. Rompeu em disparada através do ar frio, eu voltei para dentro e me pus outra vez a fiar. Mancando ainda e magra, Coronna veio deitar-se junto a mim. Tentava,, quase sem poder, alguns movimentos alegres com o rabo felpudo e a cada vez que sentia meus olhos nos seus contraía as orelhas humildemente, como a rogar excusas. Tive vontade de conversar com ela e lhe disse baixinho:

— Sinto-me feliz porque estás viva. Na Primavera voltamos juntas às **mesmas** colinas. E brincaremos, como quando éramos pequenas, as duas. O tempo bom retornará... Nós esperaremos por ele...

Ciriio também andara a prosear com Prisco, porém eu ainda não **sabia**. **Contou-me** enquanto comíamos, com uma referência de simpatia: — **Em** menino aprendi a temer aos romanos. Não os odiei porque era **um cristão**. É mesmo assim, quando nosso pai morreu e vovô apareceu **mutilado**... não sei! Se aquilo não foi rancor, o que foi então! Lembra-te **da** carantonha do homem das *anonas*, mãe? E dos *limitaneis*, agressivos e ferozes? Eu aprendera a ver em cada um deles uma fera prestes a nos engolir. Pois não é que agora temos amigos romanos! Vêm a nossa casa, **comem** conosco, comungam-nos as nossas idéias. E o mais curioso é que não foi difícil aceitá-los!

— Nícalo abriu o caminho! Desconfiamos dele no primeiro dia, lembras-te?

Ciriio fez-se pensativo por um breve lapso de tempo, depois voltou- **se para mim**:

— Não te contei que estive a falar com aquele amigo de Nícalo... como se chama mesmo? O que veio para ver os ibis...

— Prisco. — Eu disse corando ligeiramente.

A **palavra era**, todavia, pequena demais para que meu irmão se a- **percebesse de minha** confusão. Assim prosseguiu:

— A **meio** caminho das prisões o encontramos e ele, depois de ver a **Nícalo e de** nos reconhecer, decidiu voltar conosco. Desceu do cavalo **e caminhou a pé**, ao meu lado. Deve ter visto, de um lugar qualquer, no **forte, o trabalho** que iniciamos pois mencionou-o e depois teve uma **exclamação**: "Pondes idéias completamente malucas na cabeça! Repetireis **o que foi feito hoje?**" Eu disse que sim. "Isso pode dar uma atrapalhada **infernall!**", **ele** disse. E depois, de cenho franzido acrescentou com **preocupação**: "Alguém precisa vos ajudar. O que fazeis sempre representa **um risco, e não o ignorais**. É impossível saber como o Procurador reagirá **ao saber disso!**" Então chamou Nícalo e combinou com ele. Encarregar- **se-á da guarda** nesses dias. Por seu lado Nícalo solicitará igualmente **trabalho para** os mesmos períodos. Com o guarda Esmaragdo, que virou uma **espécie de sombra nossa** e que Eunóico, ingenuamente convidou para **nossas reuniões...**

— Mas depois de ter consultado Filoctemo?

— Sim, depois de ter consultado Filoctemo... temos três de nosso **lado, no Forte**. Está bom, não está?

Eu então arrisquei-me:

— **E Prisco?** Achas que podes contar mesmo com ele? Que podes confiar!

Meu irmão foi incisivo:

— **Claro!** — Disse. — É uma pessoa de honra, o primeiro romano que, sendo um aristocrata e sem ser cristão, trata as pessoas de igual para igual.

Ocorreu-me o quanto seria triste se, ao invés daquela apreciação, eu tivesse ouvido dos lábios de meu irmão a descrição de um comportamento arrogante e depreciativo, e uma onda de calor aqueceu-me o coração. Não importava como, naquele trabalho nas celas da prisão de Sebas- tes, ele estava aliado a nós; de uma *forma* qualquer servia conosco! Eu me senti tão alegre que, dando as infinitas voltas do *colus*, pus-me a cantar, entremeando canções pagãs de pastoreio com hinos do cristianismo, e isso até que mamãe veio chamar minha atenção, dizendo que o conjunto fazia dissonância. Eu que me decidisse!

Mas o assunto Prisco não ficara por aí. Ainda naquele dia uma terceira pessoa viria falar-me dele: Filoctemo.

Chegou alegre, a brincar, um pouco mais cedo do que os outros e, comparando-me com os juncos extremamente finos àquela parte do ano, chamou-me de magrela.

— Bem, um passeio não te fará mal, se resistires ao vento!

Rimos desanuviados. Eu sabia porque me sentia alegre. E ele, porque estaria naquela disposição? Envolvi-me em minhas mantas mais quentes e saímos. Fizemos o caminho até o alto da encosta quase em silêncio.

A brisa da tarde se anunciava com intermitentes arrepios na vegetação escura e quase rígida. A luz empalidecia sobre as estepes e, muito ao longe, a linha do Taurus desfazia seus contornos em lilaz e violeta.

Então, medindo cuidadosamente minhas palavras e esperando que ele não me fizesse perguntas que não pudesse responder, falei-lhe outra vez a respeito da depedração do rebanho e de minhas suspeitas quanto a uma vigilância que se fazia em torno da casa. Não mencionei o nome de Otávia nem o de Prisco, e também não fiz referências pessoais a minha pessoa. Eu discorrera de modo vago, tentando sugerir que a presença de tantas visitas na casa poderia

parecer significativa, principalmente por que entre elas contavam-se homens de uniforme como Nfcalo ou outras rruito conhecidas na cidade como Eunóico, Valente, Flávio.

Não sei se ele intuía a situação. Senti-me diminuída aos seus olhos e uma onda de mal estar sufocou-me a voz na garganta. Filoctemo estava sério e compenetrado. O que me disse me pareceu tão surpreendente e inesperado que julguei não estar ouvindo bem.

— Está muito bom! — Foi o que disse.

— Bom? Como bom? — Indaguei com perplexidade. — Eu te disse que estamos sendo espionados. Podem supor até mesmo que nos reunimos para conspirar contra a autoridade do Procurador. Sei lá o que pode passar pela cabeça deles. Não boas coisas necessariamente. E dizes que está bom.

Ele esperou pacientemente que eu terminasse. Silenciei quando percebi o quanto estava sendo estouvada.

— Ê bom porque vai nos fazer decidir, afinal. Há tempos penso na necessidade que temos de um local em separado, para nossas reuniões. A sala de tua casa já quase não é suficiente. E não chegaram todos ainda...

Neste ponto da conversação nossos olhares se encontraram significativamente. Eu repeti:

— Não chegaram todos? E sabes ainda por quanto temos de esperar?

— Sim, eu os contei uma noite destas. Sem mencionar Cúdio e Es- maragdo e sem contar dois que tu conhecerás hoje ou por estes dias, faltam ainda dezi E entre estes dez, o jovem romano, Prisco!

Eu ainda não me acostumara de todo e saltava de uma surpresa para outra. Cúdio e Esmaragdo, ainda estava bem. Porém Prisco!

— Com Esmaragdo e Cúdio, mais os dois que chegam e os dez que virão, — eu comentei, — somam catorze. Mas eu lamento dizer-te, Filoc- temo, que receio seriamente que podeis contar apenas com treze.

— Exclues...

— Prisco.

Ele me olhou profundamente.

— Não cres que ele venha?

— Sinceramente, não!

O rosto dele se mostrou contristado. Pareceu meditar um instante e depois acrescentou:

— Pois eu sim. Tenho certeza, absoluta certeza.

Silenciei para não parecer perversa e teimosa. Aquele sonho era- me importante, eu necessitava, quando menos, respeitá-lo e foi assim que voltei ao assunto do novo local.

— É o salão da *ecclessia*, algumas vezes por semana?

— Não agora, que Adastro está morto. É preciso construir um local.

— Isso é difícil. E construir onde?

Ele correu os olhos pelo estreito vale do rio:

— Em qualquer ponto, por aqui. Cirilo nos dirá onde. Deve ser um local que possa ser alcançado por trilhas diferentes e facilitado por um desembarcadouro.

Esses cuidados foram outra surpresa para mim. Afinal o perigo não era apenas uma hipótese, como eu imaginava?

— Então a situação é mais grave do que imagino? Corremos efetivamente algum perigo? — Perguntei falando rapidamente.

— A situação em Sebastes é tal como a imaginas. Vais, entretanto, conhecer em breve dois amigos nossos chegados do Ponto. Tanto em Zela quanto em Arnaceia houve violências contra a igreja. Nas duas vezes os Procuradores, em pessoa, ordenaram as medidas punitivas. Licínio nos odeia, tu sabes, e Constantino o acúa.

Eu não sabia. Desde que vovô voltara para casa estávamos como que esquecidos.

— Não pode ser um *engano*? Um fato diferente? Não exatamente uma perseguição gratuita contra os nossos?

— São notícias recentes. Domiciano e Teódulo assistiram aos fatos.

DOMICIANO

No paredão do aqueduto tinham posto um cartaz: "O circo necessita de músicos, malabaristas, atores para representações".

O coração do jovem bateu descompassadamente. Ele sorriu largamente. AU estava a sua grande oportunidade, a oportunidade que, ainda no dia anterior, no Templo de Minerva, rogara à deusa, insistentemente. Perdê-la agora será perdê-la para sempre.

Até então estivera, inutilmente a oferecer seus serviços, recebendo, em troca, risadas de escárnio:

— *Dê o fora franguelho. Desocupa, desocupa... — Diziam-lhe.*

Agora, entretanto, ouvi-lo-ão. Estão pedindo que se apresentem os artistas. O circo necessita de artistas. Ademais, aquela é uma cidade grande, o circo está em condições de empregar. Todos terão seus postos e Domiciano terá o seu também. Por isso felicita-se. Aliás, dois dias antes, quando entrara na cidade, uma coisa qualquer lhe dissera, por dentro, que aquele ia ser o local do seu destino. E amaldiçoados fossem os que não acreditassem nos pressentimentos!

Acontece, porém, que Domiciano não sabe como chegar ao circo. O crepúsculo se fizera noite enquanto, às tontas, eles saíram a perambular, partindo do muro do aqueduto onde vira o cartaz pregado. Mas há muita gente na rua e todos parecem seguir a uma mesma direção. Mulheres e crianças, velhos, jovens como ele e até anciãos. E ao passarem por Domiciano, se estes lhes vêem os rostos, percebe-os felizes, tão felizes quanto, por certo, há de estar o seu. E Domiciano percebe a situação. Aqueles não devem ser, forçosamente, outros candidatos ao circo, é isso! Basta, pois, segui-los para chegar ao local certo. E segue-os.

Rumam para fora da cidade e à medida que ganham o arrabalde, o número de pessoas parece crescer. Isso aborrece um pouco a Domiciano. Quer dizer que haverá concorrência. Mas, ele está disposto a tentar. E segue confiante. Seu coração o fortalece e anima, parece repetir que aquele era o momento certo e o local azado.

Os caminheiros, entretanto, não desaguam no circo, mas no portão de uma quinta às escuras, mais ou menos oculta entre grandes oliveiras. Mas, e então? Na passagem, iluminado pela Lua em ascensão, Domiciano percebe aquele que deve ser o porteiro. Recebe os recém-chegados com tanta afabilidade como nunca vira, a dizer:

— *Sêde bem-vindos!*

Domiciano está intrigado. "Todos são bem-vindos? Bem, eu também serei bem-vindo! E se este é o local da contratação, exibirei o que sei, sem constrangimento, e solicitarei trabalho. Afinal dizem-me que sou bem-vindo!"

Reunem-se nos lugares da quinta, à luz de tochas de resina e, ao entrar um homem alto, de grisalhas barbas, levantam-se todos e põem-se a cantar baixinho. "Pois então, Domiciano pensa, não é que estão ensaiados!" Sabem todos o hino nostálgico que ele tenta acompanhar, o melhor que pode. E singularmente as palavras entram-lhe no coração. As palavras são mansas, a música suave, falam de um Reino para além deste mundo. É um instante de tanto arrebatamento que ele sente os olhos úmidos. Esboça-se, em seguida, um espetáculo tocante, algo que ele nunca esperara ver: após haverem partilhado, com ternura e emoção um simples pedaço de pão do qual ele mesmo se serve, o homem grisalho lembra palavras e feitos de Jesus, o Cristo de Deus. Sua voz é desataviada e cálida e, seguindo a este, outros homens erguem-se para discorrer. E todos falam do princípio da caridade, do amor entre as criaturas, do abandono aos bens materiais, do trabalho da terra e da

alegria do céu.

Domiciano ouve e ouve. Percebe que cometeu um tremendo equivoco e chama-se "bestalhão, parvo e bronco", porém sua auto-censura não é uma lamentação. O coração prossegue a dizer-lhe que este é o grande dia.

Ao término da reunião acerca-se do homem grisalho e ele diz:

— *Vim ter aqui por acaso, porém não foi por um s'mples acaso...*

Embaraça-se e põe-se a gaguejar. Mas o homem compreende e ri-se no que ele o acompanha.

— *Quis dizer que vim ocasionalmente, mas que quero ficar! — Domiciano explica.*

— *Percebo-te a sinceridade. Nós te aceitaremos! Mas não creio que vieste ocasional mente... Alguém te trouxe.*

— *Quem?*

— *Quem imaginas?*

— *Jesus?*

TEÓDULO

Era aquele momento de profunda paz, entre o dia e a noite, em que tudo parece tão fugaz pois quanto vemos em breve vai desaparecer...

O corpo doe-lhe pois que, ainda há poucas horas, fora amarrado ao poste e azorragado.

Naquela manhã tinha sido preso e levado ao magistrado.

— *Es o copista?*

— *Sim, sou, porém não o copista, simplesmente um dos copistas.*

O homem tomara um rolo de pergaminho-

Reconheces tua letra? Foste tu que copiaste estas folhas? E as copiaste para quem? Para ti mesmo? Para outrem? Por que copiaste estas folhas? Quando as copiaste?

Teódulo não reconhecera a letra: não copiara aqueles textos e, portanto, não podia saber a quem pertenciam, porque nem quando tinham sido feitas. O interrogatório é insuportável. Jurara que aquela não era a sua letra e nem o seu estilo de escrever. Não pode atinar porque o acusam, baseados em que atribuem-lhe aquela escrita. Insistira em que nada tinha a ver com o assunto. Deixassem-no em paz! Os seus juizes decidiram então que ele ia ter tempo para examinar os textos e certificar-se de que fora ele mesmo quem os redatara ou, em caso contrário, de encontrar elementos capazes de identificar o copista. Certamente, tinham se esquecido dele. No decorrer daquelas horas absorvera-se na leitura das folhas execradas. E o que verificara enchera-o de pasmo Estava ali o mais alto e o mais belo legado que um pensador alcançaria deixar à Humanidade. Era a fórmula para a reforma e a libertação dos homens. Postas em prática aquelas prescrições amorosas transformariam as feras em anjos. AU estavam letras de ouro, marcadas a fogo: nenhum fanatismo as destruiria.

Teódulo tem tempo para demorar-se no exame das passagens grafadas carinhosamente e atribuídas a um tal de Levi, Mateus em grego. Embora carecente de alimento e água para se dessedentar, sente-se transposto a uma espécie de céu interior. Nunca sonhara com nada como aquilo. Era soberbo.

Os homens voltaram à tarde e o levaram outra vez a interrogatório. Corajosamente exclama:

— *Senhor Procurador, afirmo-vos uma vez mais que não sou o responsável por esta cópia. O texto grafado entretanto, me parece tão nobre e de tão peregrina dignidade que eu inverteria nele o mais meticoloso empenho se me fosse dado transcrevê-lo.*

Fora levado desnudo 'ao poste da suplicação. Era fato que, pelo e- xame comparativo com outros textos e trabalhos pessoais seus, tivera reconhecida sua inocência. Mas o desacato à autoridade necessitava ser punido O azorrage corta-lhe as espáduas, seus músculos estremecem, o suor

poreja, o sangue corre-lhe pelo corpo. Um pensamento entretanto, luminoso e forte, paira-lhe na cabeça pendida:

— Até que ponto podemos nós sofrer pela verdade?

Teódulo olha a noite que devora a paisagem, levanta-se, encosta-se, porta da casa e segue em busca do local em que se reúnem os homens do Caminho. Entra discretamente e ouve com caloroso interesse. Aquela mensagem, é sua, pois já sofrera por ela.

E quando cerra os olhos a ouvir a prece de encerramento dos trabalhos, mente e coração unem-se-lhe numa pequena mensagem:

— Jesus, tenho a oferecer-te hoje minhas feridas ainda frescas. Que as Tuas palavras em meu espírito durem o que as cicatrizes durarem Senhor! E que assim se ja...

— São os que esperas para hoje?

— Sim. Teódulo foi supliciado, Ê um copista e as autoridades, por qualquer motivo decidiram proibir que se copiem os Evangelhos.

Esperei que dissesse mais alguma coisa, porém Filoctemo se calou. Novas complicações estavam, pois, à vista- E, como mais tarde ficaria sabendo, aquele ia ser o último estertor, no mundo antigo, da intolerância voltada contra a Mensagem Cristã. Mais tarde, com outras aparências e títulos diferentes, os verdugos voltariam. E os impropriamente chamados cristãos se encarregariam das perseguições e renovados desatinos. Filoctemo percebeu minha preocupação:

— Eu não te diria se não viesses, em breve, a saber. No passado as coisas começavam assim: aqui... lá... Depois vinha a crise, o incêndio. Todavia, não nos deixemos abater. Os séculos esperam por nós!

Houve uma pequena pausa, em seguida ele mencionou o nome de Prisco perguntando-me:

Eu fiz que não.

— Prisco levou-os. Deve ter suspeitado de que as convicções deles eram as nossas. Apresentou-os e partiu quase de imediato, como a dizer: Agora revelem-se. Não foi difícil identificá-los, mesmo porque, uma vez mais, eu estava diante de personagens de meu sonho. É estranho que Prisco não encontre o seu caminho!

Eu o olhei desconfiada. Sem saber porque o mencionava, pela segunda vez naquele dia. Entretanto não havia astúcia em seu olhar.

— Ê que, nesse ponto, o teu sonho te enganou, ou tu mesmo te enganaste.

Filoctemo, porém, me pareceu desinteressado de voltar à questão do sonho. Pós-se a falar-me de Domiciano, que era ator, ator do *margites* um gênero de comédia que eu nunca vira representar, mas sobre o qual falou-me animadamente. Era vivaz e alegre, em versos jámbicos.

— Homero, — Explicou-me. — além da Batracomiomaquia inventou também o Margites. Domiciano nega essa paternidade, atribuindo-a a Pi-gres de Halicarnaso. Mas Homero é o autor!

Lembro-me de que, naquela noite, com Domiciano, Nícalo e Flóvio presentes, a discussão em torno dessa autoria se generalizara.

— A Batracomiomaquia é oriunda de passagens de Alceo, um poeta cômico grego.

— Isso é querer ir de encontro a Aristófanes, Arquíloco e ainda Aristóteles!

— Sim, margites é o pai da comédia. O Margites está para a comédia assim como a Ilíada e a Odisséia estão para a tragédia.

Domiciano era claro, de olhos azuis, pertencia à raça a que chamávamos hiperbórios e tínhamos como o povo que vivia sob o céu mais belo do mundo inteiro. Mas, ao contrário de sua gente e talvez por ser um ator, era loquaz. Imaginei que, por detrás daquela loquacidade, embora a sua juventude, havia um problema de alma. Sua extroversão era, então, uma forma de compensação que eu não podia alcançar.

Teódulo era tardo de gestos e ria-se ingenuamente, como as crianças, mas via-se que havia deliberações e força em sua alma transparente, isso ficou sobretudo claro ao falar do que se passara

em Arnacea e Zela.

— Os velhos se atrasaram, foram tangidos de volta, trancados no prédio da igreja. Incendiaram-na então! Para salvar mulheres e crianças não pudemos voltar. Era um aberto e o luar estava extremamente claro. Foi horrível!

— Mas por que essa medida? O que motivou-a?

— A denúncia de que agitadores da Comana Pôntina se encontravam homisiados entre os cristãos da cidade. Tudo sucedeu com a rapidez do raio.

— Há anos não ocorria nada!

— Sim, há seis anos.

— Em vista disso, — Filoctemo falou com voz calma. — parece-me oportuno que escolhamos um terreno neutro para nossas reuniões.

Chamando a atenção para a sala já exígua, disse que, antes de mais nada, julgava importante conhecer o ponto-de-vista dos companheiros e servir-se da experiência geral. Sem mencionar sua descrença relativamente à nova orientação da igreja de Sebastes, agora entregue às mãos de Méilton, deixava perceber a necessidade de um local particular, de uma espécie de segundo lar para eles, templo e oficina ao mesmo tempo. Certamente o assunto deveria permanecer restrito e se possível, não transcender o círculo dos interessados.

— Estes não são tempos comuns. Não foram necessários éditos para as medidas de violência tomadas contra nossos companheiros da costa, É preciso compreender, a igreja de Sebastes tem passado despercebida, porém não é ignorada.

Vovô, que seguia a peroração -com redobrada atenção balançou a cabeça concordando. E mamãe perguntou:

— Queres dizer que nos afastaremos da igreja?

— Bem, talvez seja cedo ainda para decidirmos a esse respeito...

— Não. — Disse João. — Não abandonaremos a igreja a menos que situações muito especiais se nos esbarrem. Digamos que o nosso grupo, com a orientação espiritual de Sibírcio, será um movimento paralelo, o que não afasta a necessidade de uma sede.

Eu estava assentada no meu canto, ouvindo o que diziam. Embora não se fizessem referências a Méilton, não nos quedava dúvidas de que desaprovava aqueles programas e procuraria freiá-los. O diálogo que travara com ele, no dia da morte de Adestro, era a maior garantia que eu pessoalmente tinha, de quanto nos distanciávamos espiritualmente. Pensando assim, algo me ocorreu:

— Adestro não desaprovava a visita e a assistência aos cárceres. Méilton seria contrário?

— Pode ser temerário dizer que sim! — Disse Filoctemo. — Tenho ido estas manhãs à igreja e sobre isto quero falar-vos ainda hoje, embori. lamentando fazê-lo. Méilton pretende interromper o serviço assistencial mantido até agora. Afirma que a igreja é, em última análise, um templo,, a casa de Deus, como a chamou. A balbúrdia dos necessitados não se coaduna com o novo conceito. Julga também que os fundos comunais devem ser empregados para transformar as instalações num monumento não inferior, por confronto, aos demais templos da cidade. Assim como está julga-a mesquinha.

— Um templo, não mais a Casa do Caminhol

— Sim. Méilton não se opõe a qualquer forma de trabalho junto aos desamparados, mas esse trabalho deve ser desenvolvido à distância, por grupos que dele queiram se encarregar.

Eu, entretanto, não entendera bem:

— A casa de Deus? Como a casa de Deus? — Perguntei perplexa — Não é o universo inteiro a casa de Deus? Os pagãos constroem **casas** para os seus deuses!

— Méilton não pensa assim e, seguramente, centenas de outras pessoas já pensam diferente. Julga ver nisso uma necessidade.

— Uma necessidade perigosa. — Redargui desabrida.

— É curioso que Jesus não tenha sentido necessidade de edifícios para suas pregações. — Ouvi alguém dizer. — Fazia-as de aldeia em aldeia, à beira dos caminhos, à borda dos lagos; a mais importante delas nas encostas de um monte. Nossas instituições, até hoje, não são cópias de nada que ele deixou. São, isto sim, cópias das realizações apostolares e isto me parece o máximo a que poderíamos chegar. Não mais. As Casas do Caminho em que o socorro espiritual não afaste o socorro material- Não somos espíritos ainda, somos seres materiais com necessidades espirituais.

Era Alexandre a falar e eu olhei para ele procurando externar o calor de minha aprovação.

— Sim, é realmente assim.

— Em vista disso, Filoctemo — Completou, — podemos compreender que seria de todo inútil nos sediar-mos junto da igreja. Pelo contrário, o litígio que viesse a surgir, caso nos firmássemos nos pontos de vista tradicionais apenas traria prejuízos gerais. Arnaceia e Zela dizem-nos que não é momento para isso. Sejamos cautelosos. Numa sede singela seguiremos nossos trabalhos e estudos conforme o programa antigo. Com o tempo, quiçá, estenderemos mãos amigas aos necessitados, acolhendo-os junto a nós. Não é difícil perceber a mão sábia de Sibírcio a nos orientar. Estudo e trabalho. Os cárceres de Sebastes são obrigação nossa.

— Nós mesmos, em momentos de folga, nos encarregaremos dessa construção. E prosseguiremos nas tarefas iniciadas.

— Naturalmente teremos dias maus. Essa perspectiva poderá ser suavizada pela boa-vontade.

— Foi dito o que necessitava ser dito e ouvido o que precisava ser ouvido. Temos o problema em sua realidade.

Eu tinha as faces em fogo e as mãos frias como gelo. Quando Filoctemo citara a intervenção de Sibírcio em forma de inspiração, para o trabalho tão oportuno junto dos encarcerados viera-me à mente a colaboração de Prisco. Eu costumava sentir-me, por causa dele, sobre uma linha desagradável e quase insustentável de remorsos e receios. Aquela impressão de que ele colaborava, valia ouro para mim. Essa inesperada alegria da-va-me impulsos de entrar nos debates, porém o medo de uma inhabilidade me constrangia. Assim, engulia em seco e silenciava.

Agora era Domiciano quem *falava*. Sua voz bem treinada era cariciosa e rica. Podíamos ouvir um simples sussurro seu, que se fazia audível como se fora dito em voz normal. Sua profissão levava-o a diferentes partes e, por isso, ligara-se a núcleos cristãos nas costas africanas da Cl-renáica, na Síria, Cilícia, Pamfília e Lícia. À medida que Domiciano discorria eu adivinhava, antecipava. E se papai fosse vivo e nos estivesse a ouvir, sem dúvida teria uma frase habitual sua mais ou menos o seguinte: — Falais demais, todos falais em demasia! Teria dito.

O que Domiciano nos contou foi mais ou menos o seguinte: Os chefes das igrejas, por toda a parte, se intitulavam bispos, que era um título de chefia já em uso corrente entre judeus, gregos e romanos. Essa condição de chefia favorecia-os e contribuía fortemente para que pudessem estender seu poder e atender-lhes aos desejos ambiciosos. Conforme Domiciano nos prevenia e, nos próximos anos assistiríamos, não lhes seria difícil persuadir aos fiéis de que, para evitar confusão, era necessário submeter muitos pastores a um só padre, muitos padres a um bispo e muitos bispos ao metropolitano.

Pedro, o apóstolo, criara o diaconato e este termo significava "servidor", "homem de serviço". Escolhera sete homens para não negligenciar o ensinamento de Jesus. Mas todas as escolhas sempre foram feitas pela soberania popular. Felipe, Procorus, Nicanor, Simão, Parmenas e Nicolau de Antióquia e ainda Etienna, este último, conforme ouvira desde pequenina, homem cheio de fé, mas cuja exaltação e zelo fanáticos bem cedo tinham levado a assembléia ao terceiro julgamento do Sanhedrím.

— Vê-se que triunfará a ordem inversa. O metropolitano escolherá os bispos, estes os padres, os padres os diáconos.

Cirilo se levantou e foi até a janela.

— Quer dizer que a igreja não respeitará mais o direito popular? É um princípio eternamente verdadeiro!

— Não. A igreja seguramente não conformará mais assim a sua conduta.

— Pois é ruim, é péssimo.

— Mas, o que pensais que se passou aqui mesmo, em Sebastes? Então não vedes? — Eu perguntei- — Méiton, quem o escolheu? Ouve algum sufrágio, foi alguém consultado?

Domiciano encostou-se sem jeito contra a parede e esse movimento permitiu que eu visse o rosto de meu irmão, até então oculto na sombra. Estava rubro, com os lábios a tremer.

— Bom, acho melhor nos contares o resto. — Disse a Domiciano. — Isto é, se não te cansaste.

— Claro que não, o outro murmurou vivamente.

— Em Gradus e Pola, onde templos pagãos abandonados foram aproveitados pelas igrejas cristãs, os nichos de onde foram arreadas as estátuas dos deuses maiores e menores voltam a ser usados e recebem as efígies dos mártires, de Jesus ou de sua Mãe.

Estava claro que aquilo havia de impressionar os profitentes e encher as vistas.

— Em suma, destroem o trabalho dos que vieram antes, semeando com sangue um ideal sagrado.

— Disse Cândido tristemente.

— É como uma onda que cresce...

— E até tão pouco não se diria...

Eu tinha a impressão de estar fitando ruínas irrecuperáveis- Os altares já estavam sendo usados e os ídolos voltavam aos seus nichos, o fulo batanero, enchera-se de roupagens disparatadas, o Iltuus fora adotado e os sacrifícios nas aras substituiu a humildade e encantadora partilha do pão.

Houve um silêncio em que cada um de nós se engolfou em seus pensamentos. De onde eu estava não podia ver Filoctemo ou NicaAo. Oi* rito dera-me as costas, na janela.

Quando voltaram a talar foi para se dividirem em turmas capacitadas a diferentes funções, para a construção da sede, como, aliás, já tinham leito por ocasião dos preparativos para a assistência à prisões.

Em nosso canto, a fiar, mamãe e eu permanecemos os únicos seres a parte aquela noite. Ela cardava e eu fazia geirar o *collus*, em movimentos automáticos e duros. Nossos pensamentos estavam distantes e nada tínhamos a dizer uma à outra. Possuía-me a impressão de que o dia fora excessivo para mim. Ansiava por me ver sozinha e esperava quase com impaciência o momento em que ia descer e enfiar-me no meu pequeno nicho, lá embaixo, envolta na quentura dos animais adormecidos. Parecia-me pesado e desatentador dividir-me entre as preocupações pessoais e as perspectivas do grupo a que pertencia. Tinha a viva consciência de que qualquer ruptura, mesmo passageira, seria mortal. As almas iam se aproximar de um Cristianismo exteriorizado, modificado, cômodo e acomodador e se habituariam a ele.

Os cegos iam conduzir outros cegos. Eu via longas filas através dos anos, das vidas sucessivas. Por que as facilidades e a quantidade eram tão vitais aos homens? E dizia a mim mesma: "ê uma tolice esse teu arruamento! Só deve valer o teu ponto de vista interior. Segue-me tu, foi o que Jesus disse."

Mas eu me sentia desalentada e me deixava invadir pela tristeza e pelo cansaço. Abandonei o trabalho e desci para meu pequenino cômodo. Atirei rime sobre o catete e me pus a orar cheia de piedade para com todo o pérr tuimano e perr mim mesma. Não conseguia encontrar uma única íoeiE que me isconfriasse, nada que me fizesse aguardar com um resto ne ategrite o novo as que m nasce'.

Adormeci e sonhei que Pr meo se aproximava de mim numa bige vermelha. Dorri ao saueame e meus dedos tocaram © seu pBixo&ti meiaiÍCX DTGÈ a parwp te- um teao esteie esculpiste. Damo-ncs as mãos s tete tf «SE:

— P&8B sm VE? !

Ei, dj fite i sm ITTC e tfúe mecc Bmaranim» a aos ~~o~~ rce parede?

— tiãc Item imizier tencte. — Ee ms dsae. — Suas mães *zasaram* jflgni mrma *Gatmrg** g de '«acamrmc ete ftni tesfszsrco nTimfes trarçss.. E 2 *íz VIR* ptetfs te sais dites me aqueciã; peeda dfeiHne rreves hausto» de *Moa. & :ie* disccsiãc para seguir ac aiccntro de imnfãas dúuitias de **minhas teientcaas** angústias Be disse ainda::

— Nãc devem cs descansar se estamos à esperai'

Sim. porque seccionar nessa vida? Por que? Par que dizer. Nãc sei do paasaoci Nãc sei do future!

Errtãc a face de Otãvia surgiu entre nós. Meu passo não vacilou e meu peito nãc teve o mínimo arfar. Não, não era ilusão! A face dela era *I fr* vida e traduzia um ódio mortai. Depois desfez-se na sombra. Um instinto

poderoso me dominou, eu o apertei contra meu peito, voHtei no ar e fui arrastada peta brisa. O rosto apaixonado de Prisco substituía ao vivo a outra face dura, de lívidas narinas, aquele rosto belo e terrível.

— Que fizeste à tarde? — Quis saber.

— Cuidávamos de um lugar para nos reunirmos.

— À distância da igreja? — Ele estranhou. — Por que?

Mesmo no sonho eu corei violentamente. Não podia falar-lhe de quanto se passava. Eu não me atrevia. O que pensaria ele de minha fé? Tomei-lhe as mãos e não respondi diretamente:

— Eles falavam e eu pensava em ti!

— Sim? — Ele perguntou. — **E** prosseguiu: — Esse lugar será como um pouso para os vossos vôos. Estarão todos muito ocupados então?

A voz dele era plácida, como se falássemos de coisas simples e habituais.

— Tu me contarás quanto fizeres.

— E não te aborrecerás?

— Além de ti tudo é aborrecido demais. Então, os aborrecimentos que me dás se transformam em alegrias. Entendes? Ê estranho, não é?

— Sim, como tudo o mais...

CAPITULO XVIII

Levantamo-nos muito cedo e quase não conversamos enquanto nos aprestávamos para sair. Antes de nos dirigirmos às prisões deveríamos passar pela casa da *anona* e entregar a nossa parte da colheita do último Outono, pois o prazo já se esgotava. O imposto sobre a lã não era aceito em bruto, mas em fios e tecidos já feitos. Assim tínhamos trabalhado juntos naquele começo de Inverno para satisfazer ao fisco.

O *plostelum* foi carregado e saímos sob um agradável e morno Sol, enquanto vovô ficava a tomar conta da casa. Eu não tinha idéia do que resultaria daquele plano envolvendo os cárceres e, nos últimos momentos, a idéia me parecia fantasiosa e irrealizável.

Entretanto os esforços primeiros já tinham sido feitos. Eu não tinha dúvidas quanto a espécie de gente que ia encontrar. Íamos enfrentar a mais miserável classe humana, ladrões, assassinos, rufiões e bêbedos entre perseguidos políticos revoltados contra a dominação romana que os espoliava.

Prisco deveria estar na chefia da guarda. Estaria mesmo?

Nós nos detivemos na *anona* e descarregamos uma parte do que havia no *plostelum*. Os funcionários da arrecadação eram mal humorados e não hesitavam em nos atirar palavrões. Haviam de ter problemas sobre problemas para arrancar aos contribuintes, muitos deles míseros que mal faziam para se sustentarem, o *jugum* aplicado arbitrariamente por outros funcionários, aos quais

pouco importavam as sonegações e os reclamos. Então descarregavam sobre uns e outros o seu mau humor em forma de esbarrões, de gritos e frases grosseiras.

Respiramos aliviados quando nos vimos livres daquele encargo e rumamos com impaciência na direção da Porta *Iavolena*, além da qual ficavam as prisões. Transpuzemo-la e já na estrada, outra vez em plena estepe, fomos encontrando os companheiros da empreitada. Chegavam em pequenos grupos e, em breve, éramos um magote compacto de cerca de trinta pessoas a tagarelarem ininterruptamente até que, mostrando-se à distância o Fortim, Filoctemo nos deteve lembrando que bem *faríamos o* - 'ando antes de chegar.

A estrada, na manhã de Inverno, estava solitária e sossegada. Fizemos nossa prece em silêncio, ao morno Sol e, por cima de nossas cabeças, de quando em vez, os gaviões soltavam o seu grito estridente e agudo. Éramos cinco mulheres: mamãe e eu, Zenóbia, Gemma e a irmã de João. Juntas vencemos o percurso que nos separava de nosso objetivo.

Lembro-me bem daquela primeira caminhada não apenas pelo meu natural nervosismo ante uma situação inteiramente nova e o possível encontro com Prisco, mas também por um diálogo que foi travado junto a mim.

Eu vinha notando que Domiciano, ao se referir às assembléias da igreja, denominava-as *missa*, título esse que me soava estranho e totalmente desconhecido.

A Donnato, que se encontrava ao meu lado perguntei se compreendia o que Domiciano queria significar. Eu supunha que, num momento de tantas inovações estranhas e inesperadas, se tratasse de uma nova cerimônia ou coisa equivalente. Ante a perplexidade de nosso amigo, abordamos Domiciano. O que era a *missa*? Um cerimonial? Um ato novo introduzido no até então singelo desenrolar das reuniões cristãs?

— Não, não! — Ele nos respondeu. — Nada de novo. À reunião chamam *missa*.

Então Donnato lembrou-se:

— Em Roma, para encerrar as reuniões, os bispos costumam dizer: *Ite, missa est!* Isso quer dizer que podíamos ir embora, tudo estava terminado.

Nícalo, entretanto, divergiu:

— O termo pode estar chegando de Roma, mas não passa de uma compreensão errônea, de um mal-entendido que ganha corpo, tudo por que o pão e o vinho que passaram a empregar para o sacrifício são enviados pelos frequentadores, pelos povo: *ex donis a populo missis*.

— Bem, — Disse Heráclio — com mais um pouco estarei tão estranho dentro do próprio Cristianismo quanto estaria hoje entre os cultuadores de Prosérpina.

Estávamos então, diante dos portões do edifício fortificado por grossos paredões de pedra. Ficava do outro lado de um pequeno valado, ao centro do qual uma lagoa de águas salobras e apodrecidas fornecia a água para o fosso que contornava as muralhas. Àquela hora, em aonéis e odres, alguns dos detentos colhiam o líquido torvo e viscoso para os serviços do interior. Paramos um instante a olhá-los enquanto um guarda cheio de desconfiança dividia sua atenção entre nós e eles a emitir pequenos gritos próprios ao governo dos animais de carga.

— Ei! Oa! Oa! Ei! — repetia.

O Sol hibernal, erguendo-se à posição a pino revelava cruamente a miséria daqueles homens sob penalidade e fazia parecer repulsiva a água que colhiam a escorregar desageitadamente na vasa esverdecida. Era preciso espantar com as mãos o lodo e as imundícies, antes de mergulhar os vasilhames. Depois punham-nos às costas e se agrupavam para voltar. De onde estávamos podíamos contar-lhes as costelas sob as roupas em farrapos. Um deles, vendo-nos, começou a rir em momices de idiotia, enrugando o rosto magro e deixando ver um único dente podre no maxilar pontudo como o bico de uma ave e isso até que um golpe de lança, não de todo inofensivo, fê-lo calar-se.

A mão de Zenóbia estava fria e úmida na minha.

— Serás capaz? — Perguntei-lhe baixinho?

Eu me recomporei!

Seguimos o pequeno cortejo hirsuto e cabeludo e foi um pequeno ruído familiar o responsável pelo retorno de minha coragem. Mamãe tinha a mão no bolso de seu avental e lá de dentro vinha o familiar ruído da pedra de afiar sobre o *tonsorium*.

— Está ruim esta questão da água. — Ela disse a meu irmão. E depois voltou-se para os outros. — É o que precisamos ver primeiro. Carecemos de água boa,, limpa e em bastante quantidade.

Alexandre, que se debruçava sobre a lagoa, concordou com ela:

— Sim, é o que vem primeiro.

— É impossível que não exista algum manancial por aqui. — Ela prosseguiu! Esta água, de onde vem? Estamos num valado, o lugar não é mau.

Então ouvi uma voz desconhecida e humilde a dizer:

— Pode parecer um pouco esquisito, porém às vezes consigo descobrir onde existe um lençol d'água.

— Tu podes descobrir? Mas como?

— Com a ajuda de uma vareta. Mas não posso garantir; seria uma tentativa. Tenho conseguido, mas uma vez ou outra pode falhar.

Houve quem risse levando a afirmativa à conta de brincadeira.

— Bem, não custa tentar. Mas não tens muito tempo. De que espécie de vara precisas.

— Eu mesmo saberei encontrá-la. A espécie e a forma podem ser importantes.

O grupo moveu-se com o novato à frente em direção a um pequeno renque de vegetação, às margens da água estagnada. Nós nos sentamos sobre as pedras, a esperar. Mamãe estava visivelmente interessada e eu lhe perguntei vagamente, sem esperar que ela pudesse me responder.

— Esse quem é?

— Ora, quem imaginas que seja, Valério, o do *mansio*. Depois que Cleante o acolheu, ganhou corpo, cresceu. Foi uma boa obra. Quem viu este Valério e quem o vê!...

VALÉRIO

O albergue é um recinto espaçoso, para o qual entra-se por sob pérgolas enredadas de videiras. Aos cantos e ao centro estão as mesas menores, onde se sentam os camponeses de roupas cinza amareladas, rústicas; as mesas maiores, as da frente, ficam reservadas aos viajantes e às posses e aos romanos.

Ao longo das paredes estão enfileirados os odres e os barris. Do lado de fora, numa placa, está escrito em vermelho e preto: Mansio. O movimento é intenso pois que, por ali, entra-se e sai-se da cidade passando pelo mercado e os entrepostos de compra e venda.

A mesa dos pobres é sempre desleixada, pois que estes são silenciosos e fáceis de tratar, são tranquilos e apenas ficam a seguir com os olhos os que entram e saem, com lentidão e indiferença. Entretanto as primeiras mesas são animadas, estrepitosas, emporcalhadas e Valério recolhe murros e bofetões em torno delas. Em certos dias são quase Insuportáveis essas agressões físicas. E foi assim este dia.

Já ó muito tarde e todas as luzes estão apagadas. Ele pode, exausto, procurar o seu cubículo e seu catre.

Tem equimoses nos braços, no rosto, nas pernas. Fede a vinho azedo e suor, pois duas vezes atiraram-lhe canecos à face. O mais negro desalento envolve-lhe a alma infantil. Empurra a porta e dali mesmo cai em pranto sobre a esteira e as mantas ralas em que dorme. Sua fadiga e desolação extravasam em gemidos curtos e roucos, para os quais não existe q bênção das lágrimas. Então, sem saber como entrara, vê a mocinha ao seu lado. Ela sorri com doçura e olha-o de soslaio. Seu braço se estende, sua mão acaricia-lhe mansamente os cabelos, É mluda, de olhos tristes e tem duas tranças compridas pendendo-lhe aos lados da cabeça. Quando aquele olhar tristonho toca o seu, uma

espécie de névoa rosada e macia parece expandir-se em torno dele, acalmando o seu desespero. E ela dá-lhe uma impressão de velho conhecimento, como se soubesse por antecipação tudo quanto lhe era referente.

Entretanto, com um sobressalto, Valério retorna ao seu natural e pergunta:

— *Desejas alguma coisa?*

— *Venho pedir-te um favor.*

Valério se sobressalta- Um favor. Ele balbucia um monossílabo:

— *Mas...*

— Um favor! Amanhã, muito cedo, um homem deve vir falar-te. Não tenhas medo. Acata e aceita quanto te disser. Parte com ele! Entendes bem? Não tenhas medo: Parte com ele!

— *Parto com ele!*

— Sim! Ele enxugará tuas lágrimas e curará tuas feridas. Ensinar-te-á os segredos da vida. Aprende-os e segue-os. E àquele com quem seguirás respeita e ama. Tu o abençoarás em todos os dias de tua vida.

Valério vê-a agora de perfil. Seu rosto é suave e sério. Ela se vira completamente e desaparece nas trevas do corredor-

Valério está vencido pelo cansaço e dorme profundamente até que os galos o despertam. Ter-se-à atrasado? Corre ao pátio e mesmo ali um homem intercepta-lhe os passos e diz-lhe:

— *Responde-me ligeiro: tens pais? Tens família?*

O homem fala apressado e, assim, nervosamente, Valério agita a cabeça, significando que não.

— *Acabo de adquirir a estalagem do outro lado da cidade e meu nome é Cleante. Isto deve te bastar por ora- Levo-te comigo. Corre e vai esperar-me além do alcantil, na curva da estrada.*

— *A bondosa desconhecida mandou-vos, senhor?*

— *Não, ninguém mandou-me. Vi o que te fazem! Tratam-te como a um animal se não pior que a um animal. Vamos apressa-te.*

— *Mas, se a moça não vos mandou, por que me levas, senhor?*

O homem desenha um peixe sobre a areia.

— *Sabes o que significa isto.*

Valério não sabe.

— *Bem, levo-te em nome daquele que disse: "Deixai vir a mim os pequenos." Vens ou não vens?*

— *Sim, vou, porque a moça disse-me que vos acompanhasse. Dís-se-me ontem, à noite.*

Cleante olha-o com curiosidade.

— *Já tinhas visto essa moça antes?*

— *Não, senhor, não tinha.*

O olhar de Cleante faz-se vago:

— *E é possível que nunca mais a vejas.*

E foi assim. Mas, naquele instante, Valério apenas pôs-se a correr, desabaladamente em direção à curva do caminho...

Entre as árvores Valério procurava, muito compenetrado, o que lhe convinha. Eu o seguia com olhar de dúvida. Aprofundou-se entre as moitas das bétulas desnudas e, quando voltou, trazia uma espécie de forquilha com um dos ramos em ângulo reto, apontando para a frente.

— *Este talvez sirva- Ouvi-o dizer.*

— *Este galho vai descobrir a água potável? Como?*

— *Não sei, não posso explicar. E não posso dizer que será água potável. Talvez seja possível descobrir uma fonte, isto apenas. Vamos tentar.*

Apertando a forquilha nas mãos pôs-se a caminhar. Notei que se inteirava e que toda a sua atenção parecia concentrar-se na vareta. Andando de um lado para o outro, em movimentos regulares, foi cobrindo a extensão da encosta. Nós o seguíamos e eu procurei rentear-me a ele. Não

observava nenhum movimento estranho na vareta, porém Valério dava-me a impressão de estar sendo arrastado por um misterioso fio. De súbito, ou atraída por qualquer coisa no seio da terra ou movida por uma sua contração muscular, a vareta pendeu como que ganhando peso e marcou um ponto aos pés do experimentador. Este, não se dando por satisfeito, apenas marcando com o pé o ponto inicial, afastou-se em outra direção. E outra vez foi se acercando até que idêntico movimento voltou a marcar o ponto já assinalado. E isto se passou três ou quatro vezes antes que se convencesse:

- Deve ser aqui. — Disse- — É quase certo encontrarmos uma boa nascente por aqui!
- Então, enfrentemos o melhor. Vai ser preciso pedir no forte o material para cavar.
- Não vai ser preciso. — Ouvi mamãe dizer triunfantemente. — Eu já esperava por isto.

Levantou a palha que forrava o *piostellum* e exibiu nossos instrumentos de lavoura.

- Vô só, — Eu cochichei a Cirilo e João que se encontravam ao meu lado.

Com a pá nas mãos mamãe parece uma guerreira.

Ingenuamente nós nos orgulhamos de sua beleza e de sua irradiante vivacidade. E eu tive vontade de bater palmas quando, com aquele mesmo gesto decidido ela retirou a principal arma de seu arsenal, a sua caixa de remédios, a sua grande *narthex*, que dependurou por correias de couro, a tiracolo.

Enquanto um grupo se punha a cavar, nós nos dirigimos, já agora confiantemente, para a guarda postada ante o grande portão. No pátio interior ao primeiro olhar, vi a biga de Prisco.

- Desejamos falar ao chefe da guarda! — Disse Filoctemo respeitoso aos soldados.

Não sei onde Prisco se encontrava, mas certamente muito por perto, pois que, no momento seguinte, se aproximava de nós. Olhou para mim com ar de conspirador e ainda hoje posso rever aqueles olhos muito negros, brilhando através dos cílios grossos e compridos. Eu fiquei a imaginar se não estivera num daqueles corredios mais altos a espiar-nos pelas seteiras, acompanhando a mágica procura da água que Valério encetara.

Filoctemo, formalmente, solicitou-lhe permissão para atendermos aos encarcerados enfermos, em nome da filantropia e embora o momento fosse de seriedade tive de me conter para não rir. É que, ouvindo-se as explicações de Filoctemo, tinha-se a impressão de que a filantropia, em cujo nome falava, era uma pessoa importante e real, cujo pedido precisava ser acatado. Aquelas frases propositais entretanto, faziam sentido para os guardas brancos, aos olhos dos quais as medidas que iam se tomar ficavam plenamente justificadas. A filantropia não podia passar, no mínimo, da esposa de um dos primeiros funcionários ou de pessoa ligada diretamente ao Procurador. Aquelas mulheres eram todas umas excêntricas, não era de admirar que, subitamente, se tomassem de atenções pelos prisioneiros.

Eu me divertia acompanhando-lhes furtivamente as expressões de pasmò e assentimento e percebia que, bem à frente de Prisco, Nicalo parecia, rubro e tenso, prestes a explodir numa gargalhada.

A situação pareceu tanto mais plausível porque Prisco, ouvindo com atenção olhava para o chão muito compenetrado e assentia dizendo:

- Certamente, certamente!

Fez depois um gesto de mão dando-nos passagem e disse acenando para um jovem soldado que se encontrava a pouco distância:

- Encarregarei o soldado Esmaragdo de vos acompanhar e servir no que for possível.

Não sei como foi que meu olhar encontrou o de Nicalo e aquilo bastou. Soltamos cada qual uma gargalhada e ríamos ainda quando, olhando-me fugidamente, Prisco deu-nos as costas e desapareceu numa das passagens laterais.

Lembro-me de que todas as visitas feitas à prisão de Sebates tiveram aquele pretexto e passaram a constituir uma espécie de cumprimento às ordens da Filantropia. Durante meses riamos ao nos lembrar daquilo e mesmo depois, quando os anos passaram, eu ainda sorria ao ouvir prõ-

nunciada essa palavra.

— Ele cumpriu o que prometeu! — Ouvi Cirilo dizer.

Sim, ele cumprira o prometido. Mas eu não me podia esquecer de que ao me rir junto de Nícalo, Prisco não se deixara contagiar. E por detrás de sua aparência indiferente eu podia adivinhar o seu aborrecimento. Ser-lhe-ia difícil agir de outro modo. Como ele mesmo dissera a Nícalo, sua mãe e irmã nunca procederiam daquela maneira. Nossa iniciativa não podia deixar de parecer-lhe importuna e desarrazoada.

Não era difícil imaginar sua posição no caso, a menos que se tivesse mudado muito, o que não acontecera. Para ele os culpados precisavam ser castigados, pois eram infratores. Qualquer intromissão nesse fato concluso era apenas uma maneira de complicar as coisas.

— Da outra vez estivemos do lado de fora das grades, desta vez desejamos entrar. — Filoctemo disse com naturalidade a Esmaragdo.

O outro estranhou:

— Isso nunca foi feito! — disse hesitante. — Há toda uma série de riscos a correr.

— Não se nos puseres lá dentro e fechares novamente a porta.

Era uma proposta incrível. Esmaragdo nos olhava assustado, sem sombra de sorriso.

— Serei responsabilizado pelo que suceder.

— Asseguro-te que nada nos sucederá. Vô só, julgas que estejam em situação de nos agredir?

Do outro lado das grades grupos esqueléticos e de expressões sofredoras, em meio a montes de palha podre, fitavam-nos com desinteresse.

Houve um curto silêncio e Esmaragdo assentiu:

— Sim, creio que dará certo.

Eu suspirei aliviada. Uma onda de entusiasmo percorreu-me, como um arrepio. Lembro-me de como, trabalhando rapidamente, entramos nas celas e recolhemos a palha velha. Com vassouras que mamãe trouxera varremo-las e substituímos as mantas velhas por novas.

A distribuição de agasalhos e alimentos que tinha sido feita antes, aplainava-nos as dificuldades. Os presos colaboravam com facilidade, um pouco desorientados, porém sem agressividade. Com mamãe à frente, fomos repassando, uma a uma as celas espaçosas, onde se amontoavam; e mamãe dizia-lhes:

— Em breve, se tudo correr bem, nós vos daremos enxergões e boa água, roupas e remédios para vossos males.

Não foi difícil imaginar a inutilidade que seria falar-lhes das coisas do espírito, ao menos por enquanto. Em extrema miséria física necessitavam dos cuidados *materiais* antes de mais nada. Além disso receiávamos pôr a perder o trabalho, mencionando os Evangelhos.

O fedor das celas era quase intolerável. Entrava-nos pelas narinas e parecia arder dentro da cabeça. O melhor, segundo mamãe, seria lavar as celas, porém esse serviço só poderia ser feito depois que as tarefas mais urgentes, junto dos enfermos, estivesse realizada. Empurrávamos os montões de detritos em direção às grades e, ali outros vinham coletá-los. Depois, pelo lado de fora, forneciam-nos a palha seca e cheirosa que tiravam do *plostellum*. Mamãe e Alexandre, com a caixa de remédios ao lado, cuidavam dos doentes. Era tudo um espetáculo desolador de imundície, enfermidade moral e física. Percebi que, discretamente, Zenóbia pusera-se a vomitar por duas vezes. Eu e Gemma, entretanto, aguentávamos firmes e procurávamos animar a companheira mais frágil, dizendo-lhe:

— Tu te acostumarás! Tu te acostumarás!

As celas eram penumbrosas e frias. Até que o movimento aqueceu-me estive a tiritar, batendo os dentes. Hoje penso que uma potente força espiritual nos comandava. Com raras exceções a passividade dos sentenciados me espantava. Recordo-me de que mamãe os aconselhou a cortar os

cabelos e de que, pondo-me o *tonsorium* entre as mãos, apontou-me dizendo-lhes:

— Ela vos ajudará, sede dóceis.

Assentei-me num dos degraus mais altos e eles foram chegando. As⁹entavam-se aos meus pés e ofereciam-me a cabeça. O *tonsorium* não era suave. Puxava os cabelos e causava dores. Eles entretanto, não se queixavam, submetiam-se sem murmurar. Tinham bichos nas melenas e estavam tão sujos que não se lhes podia ver a cor das peles.

Lembro-me de como o trabalho começou e de como terminou, porém não posso saber por quanto tempo estivemos ali. Houve um momento em que os potes de mamãe se esvaziaram e em que suas faixas limpas se acabaram. O *plostellum* se esvaziara de palha, os cestos de pão estavam limpos. Mas as celas todas já tinham sido percorridas e, no interior delas, certamente aliviados, a maioria dos presos dormia ocultos na palha quente.

O dia morria e mamãe estava com as duas mãos nas cadeiras, no meio do pátio.

— Fizemos o melhor que podíamos! — Ela disse. — O ideal seria dar-lhes água para se lavarem e, depois, um bom prato de sopa quente, uma caneca de leite fresco.

Olhei para o céu e respirei profundamente. Esmaragdo estava perto de mim e seguia com curiosidade uma gota de suor que me descia das têmporas para o pescoço. Enxuguei-a e perguntei a ele:

— E teu chefe, onde está?

— Passou por aqui há pouco.

Não fizera comentários, estava claro. Olhei para meus braços, para minhas vestes e estremeci. Eu estava imunda, suja de sangue e de pus. Compreendi que devia poupá-lo. Descansando em sua comprida lança, Esmaragdo dizia-me qualquer coisa que eu não podia ouvir e sorria simpaticamente para mim. Creio que mencionava seu propósito de nos visitar e o fato de, sendo cristãos, termos soldados no grupo, pois que mamãe deu uma curta risada e disse:

— Ora, nós nos arranjamos muito bem, uns e outros!

Escondi-me por detrás de Zenóbia e Gemma quando Filoctemo se dirigiu ao guarda pedindo-lhe que fizesse Prisco saber que desejávamos agradecer-lhe antes de partir. Meu desejo de ocultar-me, entretanto, resultou vário. Ele se encontrava muito por perto, e chegou pelo lado oposto, de sorte que, sobressaltada e confusa, terminei vendo-me à frente dele.

— Temos a impressão de que nosso trabalho singelo não merecerá vossa reprovação. — Filoctemo disse-lhe. — E sendo assim, rogamos vossa permissão para voltarmos periodicamente, tornando este gesto de boa vontade uma responsabilidade pessoal para cada um de nós.

Olhar dele estava pousado em mim e tinha qualquer coisa de triste e duro. Eu me podia ver pelas suas pupilas. Nunca me distanciara tanto da figura pura de mármore que deveria deslizar por entre as colunas da mansão do Cabo Taenarum.

— A permissão é concedida subordinando-se, entretanto, à minha permissão como encarregado da guarda.

A voz dele parecia aborrecida e tinha um leve tom de rancor que não me passou despercebido. Eu o olhei fixamente e desejei que ele pudesse ouvi o meu pensamento:

"Preferirias que eu fosse uma irresponsável criança que pudesses acariciar e dizer: "Faze isso ou faze aquilo-" Mas eu desejo que tudo se me tome sério e desejo ser madura..."

— Somos imensamente gratos! — Filoctemo disse.

Prisco fez um cumprimento de cabeça ao qual todos responderam, menos eu. Senti uma espécie de dor física quando me libertei do olhar dele e me virei para sair. Não olhei para atrás. "Como se eterniza tudo isto!" pensava cheia de desânimo. Ele caminhava numa direção, eu noutra e o mais doloroso era que nem ao menos compartilhávamos os pensamentos naquilo que pudesse nos recompensar.

Tomei a olhar para minhas roupas imundas, enodadas de matéria sanguinolenta e de lama e

imaginei Prisco no interior do Fortim, limpo, belo, romano e senhor.

Sáímos através do pesado portão que se abria com um guincho rouco e lúgubre e exatamente nesse instante houve uma bulha em derredor do poço que cavavam. A água tinha borbulhado, clara e pura e jorrava num grosso fio. O grupo aplaudia.

— Com a água farta, — Mãe dizia cheia de felicidade, — tudo será diferente.

— Valério precisa ser nomeado o mordomo-mór das águas. — Disse alguém a rir.

— O fato é que vamos cuidar desta nascente, — Ouvi Valério responder. — Vamos murá-la, construir um tanque para reter a água e plantar arbustos em torno.

Jântio estava ao meu lado, enlameado, mas com uma plácida expressão no rosto, a olhar interessado e sorridente o guicho transparente.

Quando voltávamos, já no lusco fusco da tarde de Inverno, Filoctemo perguntou-me se vira Cúdio.

— Um moço solícito que se dispusera a nos ajudar.

Eu não podia lembrar. Absorvera-me no trabalho.

— Tu no-lo mostrarás quando vier. — Disse a ele. — Quer dizer que estás agora entre um preso e seu guardião.

— Não gostas de um guarda e de um preso?

O sorriso descuidado e familiar de Filoctemo, aquele tom de ingênua provocação com que me falava fizeram-me sorrir. Pedi-lhe:

— Olha bem para mim! Estou horrível, não estou.

Ele não estranhou minha pergunta:

— Tu és sempre bonita aos meus olhos. E as máculas que hoje trazes são a única auréola que podemos exhibir na terra.

Eu me ri:

— Tu estás imundo também, mas julgo-te atraente assim.

Não era de todo uma brincadeira o que eu dizia. Eu estaria irresistivelmente atraída para ele se Prisco não tivesse surgido.

João se interpôs entre nós:

— Pelo visto podemos mesmo contar com o guarda.

— Sim podemos. Merece a nossa confiança.

— E no outro, podemos também confiar?

— Tenho certeza que sim.

— Lembra-te de que em todo o grupo há sempre um que volta atrás. — Era Valente a dizer.

Filoctemo foi incisivo ao responder:

— Sim, mas não te arreceies por Cúdio. Se um de nós voltar atrás, não será ele.

CÚDIO

Finalmente o amo descobrira e Cúdio jamais poderá saber quem o denunciou. E como a alegação não era suficiente para que o entregassem à lei, acusaram-no de haver subtraído peças de prata da baixela da casa. Assim ele fora parar no Fortim.

Mas, ainda agora Cúdio ri-se ao pensar naquela história.

Tudo ocorrera dois anos antes. O amo tinha se casado de novo com uma rica viúva que lhe trouxera, com seus bens de fortuna, dois moleques sarapantados e terríveis.

Na vida tediosa da casa, até ali houvera, para Cúdio, um momento único de alegre distração. E era assistir à sesta do amo. O homem punha uma cara tonta para dormir, roncava como um porco, assobiava como uma pega, careteava como um mico e assoprava-se como um burro ao espantar as moscas. Era todo um circo de animais. Esse espetáculo era uma atração irresistível para o rapazelho. E à hora da sesta, podia estar onde estivesse, largava seus afazeres e vinha espiar pelo

reposteiro, de onde ficava a abafar as gargalhadas ante as proezas do homem adormecido. Aquilo dava-lhe, diariamente, um bom pedaço de bom rir.

Até que os dois zangõezinhos vieram para dentro de casa e descobriram sua fantástica forma de diversão. E que o espetáculo era realmente hilariante provou-o a imediata adesão dos dois novos espectadores.

Então a coisa crescera em interêsse pois que, em três, tudo parecia muito mais engraçado. Entre uma espiada e outra os três corriam para o pluviarium onde punham-se a rolar sobre a grama, tontos de tanto rir.

No dia em que ele fora chamado à presença do amo, o mundo parecera vir abaixo. Estava claro que a responsabilidade era toda sua, acrescida ainda da perda moral que os rebentos da ama tinham sofrido. Ao ter de confessar que há cinco anos ria-se do amo adormecido, Cúdio teve a Impressão de que o homem lá ficar possesso. Aquilo foi considerado o crime supremo. Era preciso que medidas extremas fossem tomadas para escarmento do resto da criadagem.

E, entregue à Justiça sob acusações delituosas, Cúdio é condenado a dois anos de reclusão.

Agora que esse grupo de jovens se põe a trabalhar nos calabouços, ele ganha um motivo sério para meditar. Pela primeira vez ocorre-lhe que sua alegria não é exatamente sadia. Eles amparam os prisioneiros, realizam as tarefas mais rudes, expontaneamente, e parecem divertir-se, riem-se, dirigem-se brincadeiras.

Cúdio pergunta-lhes se têm uma forma de religião e eles desconversam, dizem que a filantropia mandou-os. Cúdio, porém, não é tolo. Sabe que não existe nenhuma repartição com aquele nome e nem pessoa de carne e osso. E na segunda vez que fala a um dos Jovens, diz-lhe sem reбуços:

— Vós sois cristãos, não há motivo para o ocultardes Junto a mim.

O outro não nega e, de imediato, oferece-lhe as primeiras mensagens reconfortantes da nova fé. Ê próprio das religiões a soturnidade e o silêncio. Por que os cristãos não são assim?

— Os cristãos não têm motivo para serem tristes. São felizes aqueles que conhecem as leis e cumprem-nas. Nunca cairão em erro. A tristeza ô a escolta do erro.

— Jesus era alegre?

— Sim, era o portador da esperança, e onde está a esperança, está a alegria. Ele transformou a alegria da Terra em júbilo celestial.

— E no que consiste o Jubilo celestial?

— Em servir.

— Sairei em breve e irei ter convosco Vós me recebereis?

— E por que não haveríamos de te receber?

Cúdio arde de impaciência esperando o instante em que as portas de prisão se abrissem.

Filoctemo convidara a Cúdio. Era impossível não relacionar Filoctemo com as coisas boas. Com sua doçura natural, seu encanto, como não aceitar um seu convite?

Eu saíra do Fortim e não olhara para atrás. Distraidamente, entre pensamentos e divagações ouvia as conversas que se travavam em torno. Meus companheiros sentiam-se realizados e felizes. Constituíam um grupo sujo e mal cheirosos porém álcere e cheio de risos. Dentre todos eu era quiçá a única pessoa que não se sentia inteiramente feliz.

Outra vez, na Porta lavonela, nos separamos.

Quando tomei meu lugar à mesa da ceia, ainda tinha os cabelos úmidos do banho fardo que tomara. Filoctemo e Nícalo não se contiveram e, muito tempo não se tinha passado, ouvimos o rodar da pequena biga que se aproximava. A temperatura caíra depois do Sol posto; eu me sentia fatigada, friorenta e cheia de sono. Desci a escadinha de pedra e, à luz de uma candeia fui me refugiar no meu nicho, com Coronna. Entretanto os dois, com Cirilo e mamãe, vieram se assentar na cozinha, onde o fogo continuava aceso e assim suas vozes chégavam até onde eu estava.

Antes falaram de Méilton e Nícalo fez considerações sobre a lógica aristotélica mal

interpretada. Essa má interpretação era, naturalmente, atribuída a Mélliton que cassara a palavra livre nas assembléias e atribuía-se o direito exclusivo sobre o comentário.

Depois disso ouvi o seguinte diálogo:

— O Cristianismo promete o desenvolvimento de uma doutrina racionalista. Para Mélliton e os seus companheiros de Alexandria esse desenvolvimento menoscaba o fundamento do dogma!

— As urtigas o dogma!

— E essa doutrina, conforme Mélliton diz, dissimulará ante o público sua crueza que repugna com o sentimento privativo da tradição.

— Ora vede só! Quem anda a falar da tradição. Quantos sentidos tem a palavra?

— Mas, de qualquer forma, se a tradição não é expansiva, para que teria vindo Jesus?

Nícalo, pelo visto, andara mantendo discussões sérias com Mélliton— Olhava iracundo o crescimento da teologia. Entretanto, conforme apreendi aquela noite, também do outro lado, entre os seguidores de Alexandre e Atanásio, não faltavam trabalhos. A questão da pouca precisão dos termos da teologia fundamental, obsessão deles, era motivo de sérias preocupações. A falta de adaptação dos termos da filosofia grega conforme Nícalo asseverava, ainda motivaria muitos e muitos conflitos, mesmo que se ganhassem as primeiras batalhas.

Por exemplo *physis*, natureza, *ousia*, essência e *ypostasjs*, substância, tomavam mais tempo e custavam mais suores do que todas as celas da prisão de Sebastes nos custaram aquela manhã.

—* Por que lhes parece tão importante deixar perfeitamente clara a questão da natureza de Jesus? — Mamãe perguntava.

— O que pensava Orígenes disso? — Vinha a voz de Cirilo.

— Que Jesus é filho e subordinado ao Pai. E Dionísio, em Alexandria mesmo, também afirmava que o filho era criatura ou obra do pai.

Um coro de risadas quis dizer que o comentário de mamãe além de pouco filosófico subestimava a gravidade do assunto. Depois que o riso morreu foi Cirilo quem voltou a falar:

— Donnato conta que, em Alexandria, celebram um ritual junto aos agonizantes. Tocam-lhes as frentes com óleos, repetem frases e fazem gestos. Já ouvistes falar disso?

Sim, os outros tinham ouvido falar, talvez por Donnato mesmo.

— Estive a reler os Evangelhos procurando uma indicação, qualquer coisa de semelhante. Não achei. A esse ritual chamam, onde o fazem, *viaticum*.

— *Viaticum?* Mamãe perguntou interessada.

— Sim, *viaticum*.

— Mas são as merendas e refrigerantes que ofereço aos hóspedes! — Ela esclareceu prosaicamente.

O som de novas risadas chegou lá de cima.

— O que mais pode significar isso? — Ela perguntou surpresa.

— Aquele que os gregos lhe dão, o de provisão e bagagem para viajar, incluindo dinheiro, víveres, roupas.

O que veio a seguir era claro para mim. Eu já pensara ou já ouvira, falar a respeito. Era, de qualquer forma, o meu ponto de vista.

— Qual vai ser o destino da igreja?

Essa pergunta eu já ouvira formulada uma centena de vezes e continuaria a ouvi-la ainda por muito tempo.

— Constantino vencerá Licínio. Vitorioso, Constantino terá de unificar o Império. A religião presta-se a isso. Mas uma parte do Império é ainda defensora das religiões tradicionais. Que fazer então?

— Amalgamar as religiões.

— Sim, amalgamar as religiões. E por isso usam-se as roupagens, os rituais, os templos

e os altares. Está claro que, para tudo isso¹ o interessado terá, mais cedo ou mais tarde de favorecer o flanco teológico. Mesmo que suas convicções íntimas sejam diferentes, o interesse político a isso obrigará.

Houve uma pausa de silêncio.

— Mas está muito bom. — Era Filoctemo. — A religião de Jesus é inatingível. Lembremo-nos da parábola do semeador. A primeira semeadura falhou porque os pássaros comeram-na; a segunda o Sol crestou-a; a terceira os espinheiros afogaram. A quarta semeadura encontrará um bom terreno e a colheita compensará o trabalho. Cem por um!

— As gerações vindouras assistirão à vitória! á pena, eu quisera assisti-la.

— Tu assisti-í-a-ás. Em um outro corpo de carne, depois que tiveres renascido muitas vezes. Estaremos presentes, se Deus quiser, no seio dessas gerações.

— E então, quem sabe, por um milagre da memória... não nos lembraremos das lutas antigas, das ansiedades e temores...

— O Cristianismo não é uma religião, é a religião. Por esse caráter necessita o tempo em processos preliminares de aplaínamento. Ele se manterá. Está claro que com pequenas minorias, mas se manterá.

A conversa se fez, depois disso, pausada e cheia de iatos de silêncio. Nícalo voltou a Móliton e sua administração.

— O afastamento dos órfãos e dos sofredores trouxe frequentadores novos ao recinto da igreja. Não é incrível?

Eu nunca pensara que a visão do sofrimento pudesse ser tão molesta assim. Para mim, que era mulher, o trunfo do jovem pregador de Alexandre estaria no embelezamento progressivo das instalações. Eu não duvidava da eficiência da beleza para exercer atração.

Mas não conseguia, entretanto, pôr-me no lugar daquelas imaginações tão simples que podiam ver em um simples edifício de adobe e pedra; a casa de Deus e que, por isso, buscassem tão credulamente honrá-lo com as brilhantes insignificâncias com que os homens se sentem honrados. Todavia assim procediam nos diversos templos dos múltiplos cultos existentes em Sebastes. E os homens acorriam apressados e temerosos.

Um dia, quando éramos meninos, perguntei a Cirilo se tinha temor por Deus.

— Creio que não. Por que?

Estávamos na cidade, à entrada de um templo, e mostrei-lhe os rostos receiosos dos que entravam levando suas oferendas para propiciar seus deuses.

— Eles o temem. — Eu disse a meu irmão.

Jeová era também um Deus aterrorizante, se o aceitássemos como era pregado nas sinagogas dos judeus. E o Deus que o acemete mencionava era igualmente iracundo e implacável. Mandava as criaturas por toda a eternidade a gemer nas profundezas inflamadas dos infernos, distribuía arbitrariamente suas reservas de dores e de alegrias e até mesmo ao criar os seres tinha caprichos que lesavam a muitos.

— O amor liberta o homem do medo. — Cirilo me explicou. — Não tens medo a Deus porque o recebeste através de Jesus, que nos ensina ser Ele o Pai e nos faz perceber sua justiça perfeita, o seu Amor Infinito. Quando passamos a ver em Deus nosso pai, tudo se modifica. Não ó belo isso?

Essa lembrança ocorreu-me porque, lá em cima, a conversa saltava de um assunto para outro, como os pequenos grilos dos campos saltam entre os talos da relva. Não sei o que levara Nicalo a falar dos livros sibílicos que já lera e, particularmente, dos *Comentarij* dos arúspices. Nícalo acompanhara sua família muitas vezes quando, depois de interpretações pessimistas dos adivinhos, era preciso fazer orações, procissões e sacrifícios para evitar a consumação dos males. Nessas ocasiões, em que era preciso *procurara prodiglum*, o menino se sentia aterrorizado.

Lá em baixo eu procurava imaginar o estado de espírito daquelas pessoas obrigadas a aplacar uma

fúria avassaladora. Tínhamos a constante sensação da presença de Deus em nós e em torno de nós, como paz, bondade e sabedoria e só por isso éramos, no caótico e embriagante mundo em que vivíamos, qualquer coisa como uma ilha de paz que vai sendo, irresistivelmente atraída para o frenético continente.

Em breve estaríamos de novo tentando comprar os favores divinos mesmo ao preço das coisas materiais. Se a verdade libertaria os homens, como o próprio Jesus afiançara, era então preciso cultivar a ignorância.

— Aos deuses do paganismo são particularmente agradáveis as coisas materiais. Uma coluaa ao templo por um desejo alcançado, incenso, flores, jóias, dinheiro, pelos males conjurados. O culto à caridade, o amor aos irmãos caídos tem sido a grande falência das religiões. O mo- saísmo prescrevera: "Ama a Deus sobre todas as coisas", e Jesus acrescentou: "E ao próximo como a ti mesmo". No que está compreendido espiritualmente entre estes dois mandamentos, situa-se a religião em espírito e verdade. Será possível que isto também venha a se modificar?

Ficaram assim, a conversar até bem tarde. O som monótono do vento já fora enublou o meu espírito e adormeci. Não sei quantas horas dormi, não muitas pois que o escuro da noite mostrava-se impenetrável ouando despertei. O rebanho estava silencioso e, dos nichos em torno vinha o ritmado respirar das pessoas profundamente mergulhados no sono. Mas havia qualquer coisa no ar, qualquer coisa que me despertava e tornara tensa tão logo abri os olhos no escuro.

Passos bem leves na laje, sobre nossas cabeças? Levantei-me e, de pés descalços, esgueirei pela passagem que levava à estreita escada de pedra. Subi seus degraus e, no alçapão, me detive à escuta. Houve um breve lapso de silêncio e depois o leve bater de uma pequena pedra na janela de meu quarto.

Detive-me no escuro procurando distinguir entre os ruídos da casa adormecida, e o que vinha lá de fora. Depois avancei através dos cômodos superiores, todos desertos e me dirigi à porta. Os pequenos seixos continuavam a ricochetear, a intervalos, contra a parede de rocha. Levantei cuidadosamente a tranca da porta, abri uma das folhas e olhei para fora. Além sobre a colina, os metais de uma biga brilhavam à baça claridade da noite. Não me passava pela cabeça mais nada a não ser que Prisco viera outra vez.

Entretanto, não havia viva alma em toda a extensão que eu podia divisar da porta entre-aberta. Mas estava fresca ainda em mim a idéia que o humilhara em seu amor e de que o ferira e foi isso que me fez avançar. Saí e desci os degraus da escada. A pele se me arrepiou ao ar livre e um golpe de ar gelado atravessou a camisa de lã grossa que eu vestia. Tive um pressentimento, um súbito terror.

O pio triste de um mocho chegou aos meus ouvidos vindo da baixada do rio. E outra vez, e mais outra ele piou. Um estremecimento me sar cudiu e eu quis voltar, mas era tarde demais.

Foram dois os que avançaram e o mais alto, envolto numa *palia* escura rapidamente apertou a mão forte e grossa contra minha boca. Facilmente me levou pelos ares. Tudo se passou muito rapidamente em seguida. A correr lestamente, como se eu fosse um fácil e leve fardo, transpu- *zeram* a distância que os separava da biga. Instantes depois o chicote estalava na anca dos cavalos e nós corríamos em disparada, em direção da cidade. Eu não podia ver a pessoa que me manietava porém via, em perfil perdido, o outro que, habilmente, mantinha a parelha a correr por entre as rochas e os espinheiros, no escuro da noite. Ganhamos a estrada e apenas com um sinal às sentinelas da Porta Dilatia, a transpuzemos. Depois enveredamos pelas ruas da cidade adormecida. Havia um tropel dentro de minha cabeça, uma angustiante sensação de irrealidade que fazia um suor frio empapar-me as roupas e uma náusea horrível convulsionar-me o estômago. A mão que me apertava a boca era grande e pesada. Aos sacolejos do veículo muitas vezes se comprimia contra minhas narinas e eu tinha ligeiros desmaios, sufocada. Mas o vento noturno, sibilando em meus ouvidos, na louca carreira, me reanimava. Creio que chorava pois que uma sensação de frio intenso na parte inferior do rosto não era o suor apenas que a causava.

Eu pensava e tornava a pensar que sonhava, procurava agarrar-me a essa idéia como a única capaz de me consolar. Eu ia despertar em meu leito, com o coração galopando, não cavalos. Outras vezes já sucedera. E depois, talvez tarde, tornaria a conciliar o sono. Apenas isso...

Agora, entretanto, o palácio do Procurador surgia diante de meus olhos e acordei definitivamente para a realidade. Transpuzemos o largo portão sem nos determos. As sentinelas arredava n-se à nossa passagem. Através das lágrimas eu via o clarão das luzes que iluminavam lá dentro, as grandes tochas acesas diante da colunata principal. Depois ouvi o som de gritos, ritos e música. Rodávamos pelas aléias desnudas pela estação, sob a galharia magra, labiríntica das sebes, entre largos canteiros ao centro nos quais as fontes murmurantes casavam seu ruído ao do vento hibernal. Ocorreu-me que Adastro plantara aqueles renques, aquelas touceiras de plantas floríferas e ricas de perfumes nas estações amenas. Por um instante os trechos ajardinados se emplastaram diante dos meus olhos outra vez em pranto.

Quis orar, porém a prece saía-me desconexadamente, tentei gritar porém apenas um débil gemido partiu de minha garganta tensa. Então, nas escadarias da parte posterior do edifício, a biga se deteve. Com a mesma facilidade o gigante transportou-me degraus acima e foi hirta, tonta, deslumbrada pelos mil fulgores dos tocheiros acesos que me vi levada para o interior- Depois novas escadas, corredores, salas, *atriums*.

Mudaram-me de mãos. Um lenço de seda fina substituiu a manopla que me sufocava, um outro atou-me os pulsos, às costas. Duas escravas negras empurravam-me através de reposteiros de seda através de novas salas e corredores. Eu percebia que mais e mais nos aproximávamos dos cômodos da frente, pois que o ruído desenfreado do festim ganhava tom aos meus ouvidos. Detivemo-nos numa pequena câmara forrada de tapeçarias orientais e almofadões de seda. Uma grande gaiola doirada, montada sobre uma espécie de liteira, vazia, encontrava-se a um canto, porém, naquele momento não lhe dei importância maior. Em torno de mim representou-se então um ato de autômatos e eu posso ver ainda as duas mulheres que não falavam nem riam, que nem sequer deixavam transparecer qualquer curiosidade se encarregarem de mim. De olhos baixos, nem uma vez me fitaram. Era como se eu fosse uma morta e lhes importasse bem pouco o que sucedesse ao meu corpo. Estavam bem vestidas, e suas mãos escuras eram finas. Despiram-me lesta e habilmente e vi com terror minha roupa grosseira amontoar no tapete belamente colorido. Trocaram-na por outras muito finas, bordadas de pedrarias, com mantos esvoaçantes e uma infinidade de penas encrespadas. Soltaram-me os cabelos e sobre minha frente fixaram um toucado de grandes plumas e contas reluzentes. Pintaram-me as pálpebras, as faces, por último os lábios. Cobriram-me de enfeites e um perfume doce e enjoativo escorreu-me sobre a nuca e o colo. Vendo minhas formas por sob os tecidos sutis, os braços e as pernas desnudas, eu tremia como se a febre me devorasse e chorava amargamente.

Os preparativos tinham terminado, assentaram-me sobre um pequeno tamborete e ainda com os pulsos atados puseram-me a esperar. Sefla impossível dizer quanto tempo passou. Veio, porém, o momento em que dois hercúleos negros levantaram as cortinas da pequena câmara. Senti-me tonta, os ouvidos zoavam-me a sala dançava em volta de mim.

— Meu Deus, — Pus-me a implorar baixinho. — suceda o que suceder, possa eu ter consciência de tudo. Ser-me-á mais leve o fardo.

Desprenderam-me as mãos e fui conduzida à gaiola doirada e fechada lá dentro. Ah! Sim, eu compreendia agora o traje que envergava. Presa aos varais, a gaiola foi levantada e levada. Eu me agarrava aos juncos pintados de doirado para não cair. Não sei que caminhos percorremos, mas o ruído da festa crescia sempre. Um pequeno corredor, uma escadaria e estávamos no amplo e suntuoso local da festa. O alarido arrefeceu por um breve instante e só a música se fez ouvir. A sala regorgitava de convidados, homens e mulheres ricamente ataviados e negligentemente atirados em promiscuidade sobre os coxís magníficos.

Meu atordoamento cresceu e foi acuada no meio da jaula posta ao centro da sala que ouvi o ruído ensurdecedor dos aplausos, os gritos aporbativos as flores que atiravam sobre mim. A música cresceu, os homens erguiam-se cambaleantes e rubros pelas libações e aplaudiam delirantemente. Como pássaro aterrorizado eu estava sendo um sucesso. Essa consciência entretanto, irritou-me e teve a propriedade de me tornar mais calma. Voltei-me e vi Otávia, vi Albina Sexta, vi Emílio Lépidio Mamerco, o Procurador. Com um sorriso de bêbado na face e o vinho a escorrer distraidamente de sua taça de ouro, olhava-me matreiro e avaliador. A seus pés, rodeada por cortejadores, Otávia degustava o seu triunfo, sorria e acentava aos que a aplaudiam gritando o seu nome e atirando-lhe flores.

E *aquelas* flores, por sua vez ela m'as atirava. Eu me resguardava com as mãos e com os cabelos soltos. Então, alguma coisa de estranho se passou. Os convidados voltaram-se para Otávia e gritavam:

— A charada! A charada!

Nunca pude saber o que significava isso. Otávia olhava para mim, sorria fixamente e não parecia importar-se.

— *A charada! A charada!* — Prosseguiam a *gritar entre os sons das músicas*.

Pus um olhar em torno, ansiando por uma face amiga, por alguém que me salvasse, que viesse ao meu socorro. Nfcalo! Entretanto o meu olhar apenas abarcava faces desconhecidas, congestionadas pelo vinho, a rir doidamente por todo o lado. Abriram a porta da gaiola e eu quis fugir. Vi a escada. Por ali viera, talvez por ali me pudesse safar. Mas não ia ser fácil a retirada. Eu deveria, antes, representar o pássaro prestes a ser capturado. O que aconteceu em seguida foi quase uma loucura. Eu estava do lado de fora da gaiola e os sátiros alcoolizados tentavam me alcançar. Acercavam-se de mim em carantonhas, rindo-se, excitados, mas eu levava a vantagem de ser jovem, ágil, de estar ainda de plena posse de minha consciência e, sobretudo, de ser uma pessoa aterrorizada, obstinadamente disposta a fazer seu último esforço para não se entregar.

Rasgavam-me os véus ao me pegarem de relance, ou colhiam as longas plumas. O divertimento crescia em interesse e meus esforços redobravam agora que me via tangida de um lado para o outro e encurralada. E eu não sabia porque continuavam a gritar:

— A charada! A charada!

A perseguição que me moviam durou até que, em dado momento me refugiei entre os músicos. Dali não me foi difícil, agilmente correr pela escadaria acima. Um oh! de decepção ecoou às minhas costas, mas então, eu já me agarrara a uma desesperada esperança de fuga.

O tempo ia me salvar. Se eu tivesse despertado mais cedo e se os homens encarregados de me capturar tivessem logrado seu intento com uma ou duas horas de antecedência, tudo estaria perdido para mim. Eu, entretanto, deitara-me extremamente fatigada, meu sono fora pesado e longo. Isto deu tempo a que os convivas se encharcassem de vinho. Eu chegara um pouco tarde demais à festa para que os planos de Otávia tivessem vingado inteiramente.

Ao me voltar ligeiramente no topo da escada, vi o rosto fatigado e indiferente dos escravos negros a me olharem com desinteresse e, lá embaixo, a rolares pelos tapetes, os meus atoleimados caçadores. Em desabalada carreira tomei pelo corredor da esquerda. Meu espírito trabalhava rapidamente e eu tentava sempre rumar em sentido contrário ao em que viera. Atravessei salas, corredores e pátios. Uma misteriosa mão levava-me por caminhos desertos e, deslizando descalça e silenciosa, muitas vezes pessoas passaram em disparada muito por perto, em salas contíguas, no extremo da colunata em cuja sombra eu me ocultava. Estava claro que não iam perder a partida facilmente. Alguém pusera os guardas em meu encalço. Por duas vezes me ocultei com sucesso, uma delas por detrás de um reposteiro, outra sob uma grande mesa coberta de pergaminhos.

De repente o ruído das fontes, o ruído natural e bom da água que corre chegou a meus ouvidos, fazendo-me o coração bater mais rapidamente. Pelo menos o céu aberto, pelo qual eu tanto ansiava,

não estava distante. Transpus um grande vestíbulo espelhante. Além da escadaria da fachada, iluminada pelas altas tochas de bronze eu via o parque ajardinado, o balaustre, depois a rua.

Parei ofegante nos degraus mais altos procurando orientar-me na reta para o portão mais próximo, identificando os obstáculos. A frente de dois pequenos contingentes que vinham render a guarda estava Nicalo e, um pouco alóm, Prisco. Subiam a escada em minha direção e o primeiro pensamento que me veio foi o de que ele também chegara tarde.

Tínhamos vencido com a cumplicidade do tempo! Creio que meu rosto se encheu de alívio e de alegria. O que veio depois ficou em minha lembrança como um acender e apagar de luzes, extremamente rápido *rpb* velando-me faces, corpos, cenas desconexas, uma sucessão de impressões, alívio e terror, angústia e desespero, sonho e realidade. Prisco de pé, pa- ralizado entre dois degraus. Seu rosto lívido como o de um morto. O corredor às minhas costas. Os ruídos lá de dentro. O som doa calçados da guarda sobre as lajes. Os olhos vítreos de Nicalo. O seu rosto cheio de terror. A aléia que conduzia ao portão! O portão! A rua! Outra vez Prisco! Outra vez Nicalo! O portão! A rua!

Depois Nicalo fez um movimento, porém Prisco o afastou com um gesto. Eu quis falar, não pude! Tinha um nó na garganta, veio-me um seco soluço. Não posso chorar! Nem ao menos posso chorar. Ele pode adivinhar? Não! Não pode adivinhar! Então, como poderá compreender?

O que parecia eu ali, semi-desnuda, entre as sedas leves que o vento da madrugada agitava, de faces pintadas, coberta de jóias e braceletes tilintantes.

Branco, de olhos em fogo ele subiu os degraus que nos separavam:

— És tu mesma? — Perguntou num murmúrio.

Nicalo estava às suas costas e também dizia:

— Sim, és tu mesma, Gala? És tu mesma?

Foi em seguida que Prisco exclamou, ferindo-me mais do que quanto se passara, atingindo-me ao vivo:

— Quanto mais pensas que podes fazer?

A frase sibilou, colérica, cortante, fria de gelo. Rapidamente relatei aquele "quanto" ao episódio nos cárceres, pela manhã. Sem pensar eu pus a mão na haste quente da trípode e uma viva dor acometeu-me. Arranquei os braceletes, os colares, o toucado e atirei-os ao chão. Deâr pojei-me violentamente de quanto me vestia, menos o essencial a cobrir-me a nudez. Num gesto rápido Nicalo envolveu-me em sua túnica. Tinha o rosto morto de Prisco à minha frente, o seu olhar terrível e não me podia libertar.

Creio que Nicalo, estarecido me quis deter. Eu o empurrei:

— Deixa-me! Deixa-me!

Desesperadamente descí a branca escadaria, abri caminho entre a guarda estarecida, segui correndo através das liteiras *que* enchiam o pátio fronteiro, tropeçando nos escravos carregadores adormecidos. Não sei como transpus o portão. As lágrimas cegavam-me, eu tropeçava e corria doidamente, caía e tornava a me erguer. Muitas vezes me apoiei soluçando nas paredes e foi assim que me vi na Praça do Mercado.

Tropeçando nas roupas incômodas e compridas, orientei-me em direção à *Porta Oilatia*. O suor banhava-me o rosto e misturava-se às minhas lágrimas abundantes. Quando transpus a Porta, entre guardas sonolentos e ganhei a estepe aberta, uma força nova me reanimou. Não me perseguiram.

Sim, não me perseguiram! Ajoelhei-me e me pus a chorar. Fora ter- rivél, porém eu estava ali, sã e salva a caminho de minha casa, seguindo para junto dos meus. Compreendia que fora poupada, que o pior não me sucedera! Eu era ainda a mesma, graças a Deus! Descansei respirando profundamente por um breve instante, ergui-me e comecei outra vez a correr, seguramente, pelas trilhas conhecidas. Os calhaus feriam-me os pés descalços, a grama enregelada era aguda como : unhais, porém nada disso me podia deter.

Olhei as estrelas, serenas e calmas, mas, muito ao longe, na linha do nascente já podia divisar

uma leve pincelada cor-de-rosa.

Corria mais rapidamente. Eu contaria? Podia imaginar a dor dos outros, os seus temores? Não! se possível, eu calaria mais uma vez. Não me sentia com direito de lançar aquela sombra a mais. Calar-me-ia e rogaria a Nícalo que se calasse também.

Eu precisava chegar em tempo à casa.

Vi-a num hausto de conforto. Subi os degraus chorando de felicidade: a porta estava ainda aberta. Voltei atrás e corri ao rio. Firmando-me ao seguro braço da nora e livrando-me da túnica de Nicalo entrei pela áfc gua gelada, afoítamente e mergulhei na correnteza. Retirei as finas roupagens e deixei que a corredeira as levasse. A água feria-me a pele, cortava como mil navalhas mas tinha a virtude de lavar o adocicado e repugnante perfume que haviam vertido sobre mim.

Uma névoa leitosa se erguia da superfície movediça e dançava em torno de meu corpo a cada movimento que eu fazia. Lavei-me muitas vezes e ao sair uma sensação de limpeza e frescura me tomou. Envolvi-me outra vez na manta de Nicalo e voltei para casa. E no curto trajeto recompus os cabelos, refazendo as tranças. Entrei, fechei a porta. O mesmo silêncio morno e reconfortante dominava lá dentro. Fui fazendo o caminho de volta na ponta dos pés, contendo a respiração. E dizia a mim mesma.

— É incrível! É incrível!

Desci a escada, entrei em meu nicho, deitei-me e cobri a cabeça. Belisquei-me para ter a certeza de que estava acordada e que voltava da mais terrível aventura de toda a minha vida. Eu estava acordada, sim, com os cabelos molhados, com os pés feridos e na pele ainda um fugaz vestígio de perfume.

Em breve ia ouvir o bocejar de vovô e isso significaria um novo dia, maravilhoso, como todos os outros, um dia que se ia iniciar para mim e os meus, pois ainda estávamos juntos.

Orei emocionadamente e uma leve sonolência me invadiu. Mas exatamente quando estava para dormir ouvi outra vez aquele som fantasma que me acompanharia como um pesadelo pelo resto da vida:

— Charada! Charada!

Apertei os ouvidos com as mãos e quis esquecer aqueles gritos, mas, então, vi a face pálida de Prisco à minha frente, seus olhos fulgurantes e encolerizados.

— Quanto mais pensas que podes fazer? — Ele perguntava.

O que pensava, santo Deus? Àquele mesmo momento, o que estaria pensando, eu me perguntava rolando de um lado para o outro, apertando as mãos contra a boca, num mudo desespero.

Não sei quanto tempo isso durou. Adormeci exausta. E quando despertei, minha mão tinha pendido para fora do leito e Coronna lambia-a a olhar-me com seus olhos líquidos e cheios de humildade.

CAPITULO — XIX

O dia seguinte se passou entre lucilações de minha memória. Havia momentos em que, como um vendaval, os episódios da noite chicoteavam-me o espírito fatigado, provocando-me atroz sofrimentos. Minhas sensações eram tão extremas e terrificantes que corria a um canto onde ninguém me pudesse ver e ali, entre espasmos, vomitava em abundância biles verde e amarga. Mas depois vinham os momentos brancos de abulia, em que ficava a olhar um ponto à minha irente sem nada ver, ouvir nem sofrer.

Na casa, nem por sonhos podiam adivinhar quanto se passava. Trancados para as tarefas do Inverno faziamo-nos subjetivos. E entre a gruta do rebanho, as acomodações inferiores e os salões de cima, havia bastante sombra e bastante espaço para que pudesse esconder minhas olheiras e tornar despercebido meu abatimento.

Ao fim da tarde, para fazer exercício, mamãe foi ela mesma ã fonte. Ficando sozinha, assentei-

me nos degraus de frente da casa, fria e pálida, procurando idéias felizes com que encher um ócio doloroso. De propósito Nícalo chegou mais cedo.

Vi-o se aproximar e não fiz nenhum movimento. Ele vinha na agonizante luz da tarde, eu estava na sombra, de modo que só de bem perto pôde ver-me nitidamente. O meu aspecto devia ser lamentável pois se deteve junto a mim e não foi capaz de dizer uma palavra. Eu também nada disse. Entretanto podia acompanhar sua emoção e vi que ele chorava. Com gestos lentos e desacorçoados pus-me a quebrar um pequeno ramo seco que achara ao alcance da mão.

— Podíamos ter chegado mais cedo! — Ele murmurou auto-censurando-se, entre lágrimas. — Eu teria feito qualquer coisa...

— Não, Nícalo, não poderias! Não naquela hora! Mas podemos agora. Tu podes fazer alguma coisa por mim não dizendo uma palavra e nem deixando transparecer o que se passou.

— É justo que eu tema por ti.

— Prometo ser mais cautelosa daqui para a frente. Ademais seria perfeitamente inútil! Não há nada a fazer, nada! Compreendes o que quero dizer?

— Não sei, não sei...

Com um gesto pesado enxuguei-lhe as lágrimas do rosto. Meus olhos estavam secos e me lembrei de que, depois da madrugada, não tornara a chorar. Havia qualquer coisa de duro dentro de mim, como se me tivesse transformado numa estátua de madeira dotada de uns poucos movimentos. Disse a Nícalo:

— Esquece o que aconteceu! Quero que colabores com os outros como se nada tivesse sucedido. Tendes muito a fazer. Cirilo tem novidades para ti. Ouvi-o a trocar idéias com Eliano. Pensa que o lugar para as reuniões está mais fácil e mais próximo do que imaginamos.

Uma sombra de interesse modificou o rosto dele.

— E onde está Cirilo?

— Saiu com Eliano. Está fazendo segredo de sua idéia. Deseja se certificar. Mas pela cara que põe há de ser algo de aproveitável. — Disse eu tentando sorrir. — Inda hoje vos contará a todos!

Houve um breve silêncio entre nós. Com a ponta do dedo ele reuniu os pedacinhos do arbusto seco que eu ia quebrando.

— E Prisco, não queres que lhe diga alguma coisa? — Perguntou em seguida.

— Não! Não te preocupes mais com isso e nem digas mais uma palavra sobre o assunto.

Ele não se mostrou muito satisfeito:

— Está bem! Se achas que deve ser assim...

— Sim, acho que deve ser assim! E agora procuremos nos tranquilizar. Tu te aborreceste, não deixes que os outros percebam.

Tentamos encaminhar nossa conversa para vários assuntos, porém a todo instante um penoso silêncio nos envolvia. Mãe voltou e passou por nós distraidamente. Fiquei olhando para ela enquanto subia os degraus. Pusera uma bilha à cabeça e a outra trazia-a apertada contra o quadril. Seus movimentos eram harmoniosos, quase perfeitos. Não sei porque pensei em minha avó, que eu não conhecera e o desfile de todas as mulheres de minha família que se tinham sucedido antes de mim percorreu-me a cabeça dolorida.. Quais tinham sido os seus dramas e suas angústias? Que pesadelos tinham enevoado os dias de sua mocidade?!

Depois tornei a pensar que, ainda bem recentemente, eu era a menina que saía a pastorear. Estouvada, impaciente e franca! Quem era aquela mulher estranha, pálida e febril que se sentava agora nos degraus da casa? Quem era a velha fatigada e tarda de gestos?

Todas essas idéias se modificavam e enchiam os espaços entre os meus repentes, e tinha de ser assim embora eu esperasse ansiosamente o instante em que se acalmassem, pois, então, poderia repousar.

Depois foram chegando os outros.

ESMARAGDO

A moça estava de joelhos e acariciava a face da velha como para apaziguá-la. E seu gesto, o calor de seu colo, onde a cabeça desgrenhada repousava, tinha poderosa torça pois que a resistência da velha prisioneira traquejou e ela se entregou aos curativos que as outras Intentavam fazer-lhe nas pernas escalavradas. Esmaragdo notara que, de quando em quando, tanto as mulheres quanto os homens todos a mediar em idade com ele e que se tinham oferecido espontaneamente para aquele incrível trabalho — ensimesmavam-se e que, então, ligados certamente ao deus junto ao qual se socorriam, pareciam irradiar um brando fluido curativo e pacificador.

Nos dois dias em que tinham vindo, enchendo de calor os corredores sombrios e melancólicos da prisão, aquele fluido parecia atuar misteriosamente, garantindo o êxito do empreendimento que lhe perecera pura loucura. Envoltos nele entravam e saíam das enxovias, pacíficos e naturais, tratavam com os mais temíveis criminosos com os loucos e os mais rebeldes prisioneiros.

Supusera tratar-se de um encantamento, de palavras mágicas, mas, em certo momento pudera ouvi-los. Faziam, emocionados e sinceros, uma rogativa aos espíritos superiores, em nome de Jesus. A curiosidade de Esmaragdo se acende Quer saber mais e melhor a respeito daquilo e premedita uma conversação. Sempre se penalizara diante das míseras criaturas sob sua guarda, fazia-se tolerante, mas faltava-lhe libertar-se para a bondade integral. O exemplo que tinha diante dos olhos era contagiante.

A sensação de estranheza de Esmaragdo é atuante só até que ele descobre: seus sentimentos são idênticos aos do jovem e laborioso enxame. E quando dois deles, Eunóico, o áuriga do circo e Filoctemo, atendem-lhe à curiosidade em rápidos diálogos travados fortuitamente, a doutrina cristã não lhe parece incompreensível. Só um mal entendido, um jogo de interesses escusos pode fazer os seguidores de Jesus perseguidos.

Esmaragdo sente-se triste. Depois de havê-los conhecido vai ser difícil viver longe deles. Fora fulminante e avassaladora a onda de afeto que o arrebatara para com aqueles singelos e afetuosos corações.

Vê com alegria que voltarem e sente o maior prazer de toda sua vida em colaborar com eles. Mas à tarde partem, acenam-lhe e desaparecem na curva da estrada. E ele fica a sós com uma ansiosa tristeza.

Tenta falar a respeito deles com os companheiros do Forte, porém eles riem-se ironicamente. São infelizes, desequilibrados e loucos e um Outro insano, tosse lá quem fosse, te-los-la mandado.

Desequilibrados, loucos, Esmaragdo decidiu que quer Ser como eles, que quer ser um deles. Pergunta-se a si mesmo as razões de seu desejo mas não sabe responder. Só sabe que, antes, nunca lhe acontecera nada de semelhante. Sente-se triste, mas também desprezível.

Uma pessoa necessita penetrar na dor dos outros para comprovar que existe como ser humano. Em verdade quanto assistira e quanto ouvira não entra em contradição consigo mesmo.

Um reconfortante sentimento invade-o ao pensar que pode também caminhar entre lutas e perigos, levado por aquela onda boa, com o inflexível e magnífico Jesus à frente.

Ele vai ter folga na noite do dia seguinte e vê as horas transcorrerem impacientemente. Quando lhe dão a senha e vê-se finalmente senhor de seu tempo, monta a cavalo e parte em disparada, pois que todos os minutos lhe são preciosos e importantes.

Na vida, pensa, entre os sofrimentos necessários, há sempre um excesso doloroso que o homem mesmo motiva por desajuste e ignorância- E isso é impacificação e desonra. Esmaragdo sabe que chegou àquela encruzilhada para construir sua vida espiritual em verdadeira paz e em verdadeira honra.

Ah! Mas a direção? Como lha ensinaram eles? Oh! Sim... para a lémb da Porta Dilátla, pelas trilhas à direita...

Eram um bando maciço e, entre Eunóico e Filoctemo, o guarda Esmaragdo estava com eles. As convicções de Filoctemo eram tão grandes que ninguém era capaz de discutir com ele. Não nos ocorreu que Esmaragdo poderia constituir um erro. Ele não teria nem mesmo um período comprobatório. Quando escolhessem o lugar secreto conhece-lo-ia e, desde a primeira reunião, se capacitaria em igualdade de condições com os mais antigos, dos problemas e projetos do grupo.

Eu entrara e fora me refugiar no canto mais obscuro. Quando Filoctemo se aproximou de mim, desastradamente fugi-lhe ao olhar.

— O que se passa contigo? — Perguntou-me com ar parado.

Tentei sorrir:

. — Dormi mal, só isto. — E comecei a girar o colus.

Se olhasse para ele, Filoctemo mergulharia em minha alma. Fizera-o por um leve instante, porém eu me negara e ele voltara à superfície. Disse fracamente, com muita ternura na voz:

— Se eu pudesse saber...

Fui imprudente pela segunda vez.

— Por favor, por favor... — Pedi quase num sopro. — E não concluí a frase.

Cirilo entrou com Eliano. Estavam excitados e satisfeitos.

— Temos o local, temos o local! — Meu irmão foi dizendo.

Puseram-se todos a falar ao mesmo tempo e Filoctemo voltouse para o grupo. Iam construir, lenta e laboriosamente o local. Já o tinham agora? Como?

— Nós o veremos ainda hoje. E é nosso, posso garantir. Não quero dizer que não nos custará algum trabalho, mas será o de menos! Vinde comigo.

Eliano já tinha mãos as taedas de resina. Saíram porta afora, a saltar os degraus exteriores e já eram tantos que me senti ligeiramente atordoados vendo-os passar através da porta estreita.

Lá fora o crepúsculo ganhava tons de violeta e a noite se avizinhava rapidamente. Se eu pretendia não levantar suspeitas devia proceder exatamente como nas situações normais. Assim, saí com eles. Com Cirilo e Eliano á frente descemos para o rio e, em seguida, entre os juncos pardacentos e a vegetação despida enveredamos por uma pequena trilha quase de todo oculta e desapercibida.

De imediato percebi para onde seguíamos. O caminho era estreito e fomos obrigados a seguir em fila e isso era bom: Eu não precisava participar das conversas e não tinha também nenhum olhar posto sobre mim. **Alcançamos** o local em que vira Prisco pela primeira vez, passamos pela **pequena enseada em que** Jãntio abicava o seu barco e onde o próprio **Prisco viera, duas** ou três vezes encontrar-se comigo, e fomos além. Então *Cirilo e Eliano* mostraram-nos o que lhes parecia o local ideal para seus encontros. Era um lado da Fortaleza Cabiria, um ângulo completamente isolado pois que se distanciava do desembarcadouro por um labirinto de pátios, muralhas caldas, corredores e vedava-se por tufos de rododendros, espinheiros e plantas selvagens pelo lado Norte- Pelo lado Sul bordejava o rio. A parte que despertara o interesse de meu irmão era uma vasta sala coberta e ainda com as paredes intactas, na qual entramos por uma passagem larga que precisava ser fechada em parte e receber uma -porta menor. Essa sala era iluminada por altos respiradouros abertos nas muralhas e dava, por três arcos, para um formoso pátio de pedras largas e pesadas que avançavam até a correnteza do rio, facilitando, nos tempos antigos, a carga e a descarga das balsas e barcos. Lembro-me de como me pareceu lindo aquele local em parte coberto pelo lance superior da fortaleza e dos dois lados fechado pela ramalhada de árvores que cresciam nas barrancas e passavam por cima dos muros laterais. Aqueles galhos estavam refertos de ninhos abandonados e se recortavam contra o céu violáceo como um teto de renda cor-de-cinza. Andei até o extremo do calçamento, onde grandes argolões enferrujados se mostravam entre montes de folhas mortas e fiquei a olhar as águas amareladas que murmuravam aos meus pés.

Os outros exploravam o local e ouvia-lhes os comentários satisfeitos. O lugar era realmente ótimo. Além daquele pátio aprazível e do grande salão, tinha, aos fundos, três celas grandes, dotadas

de respiradouros, cobertas e perfeitamente aproveitáveis como depósitos e alojamentos. Era além de tudo à prova de som. Em caso de necessidade, não sendo possível usar a entrada que convencionaram ser a da frente, era possível evacuar o local pelo rio ou por uma outra passagem alcançável por uma es-« treita escada espiralada existente numa das celas, e que, dando para os altos da fortaleza, era vedada por uma grade de ferro facilmente removível.

Estive a olhar os diferentes pontos, porém a esplanada encantadora me atraía e voltei a ela. Percorri-a até o outro extremo e foi ali que, num nicho, arruinado, fui deparar com a velha estátua de Ma, a deusa dos ariates. A partir do nicho uma canaleta levava ao rio o sangue dos sacrificios que ainda impregnava e dava um tom entre verde e castanho esouro às pedras por onde correra.

Cúdio alvitrou que uma semana de trabalhos bem organizados, em conjunto, era suficiente para que os reparos necessários fossem feitos. Além de instalar a porta iam raspar e lavar a sala grande e, se possível, em seguida, construiriam uma pequena jangada, ou um bote que ficaria sempre à mão, na esplanada, para o caso de uma emergência.

Cirilo e Eliano já tinham feito uma primeira tentativa de limpeza numa parte da sala grande. Por debaixo da camada de terra e de folhas que o vento carreara, e seguramente algumas inundações nos últimos séculos, havia um sólido e bem feito lajeado unido a argamassa.

Depois de tudo visto e planejado voltamos para casa. E a noite caiu de todo. Mamãe e vovô já tinham acendido as candeias. Tornamos a nos assentar nos lugares primitivos e a reunião habitual teve início. Eu vçltara a um daqueles estados de semi-anestesia, uma condição de espírito em que, como meio de defesa, a memória se embota e jaz inerte. Depois daquilo minha mente voltaria a se aguçar fazendo com que uma terrível dor nascesse no centro de minha sensibilidade, como uma luz forte demais para que a pudesse suportar.

Creio entretanto, — agora que tanto tempo se passou, — que aquilo tudo me fez bem e me manteve no círculo estreito da realidade. Seria perigoso que eu me ausentasse mais e mais de mim mesma, procurando anestesiá-me pelo esquecimento artificial e isso até que fugisse com a imaginação para o mundo da loucura.

— Céus! — Ouvi dizerem no centro da sala, como se faz isso?

Apertei a fronte com as mãos, endireitei-me no escabelo.

— Pela própria facilidade de assimilação que tem, o Cristianismo nesta fase de diluição.

Levantei a cabeça, Nícalo olhava atentamente para mim. Meu rosto descrevia torturadas interrogações? Extremas dores? Com um rápido sorriso ele quis oferecer-me a paz. Vê-lo deu-me saudades de Prisco. Por um rápido instante vi seu rosto como da última vez, a dor e um furioso orgulho confundidos.

Quase pude imaginar o que se passara entre ele e Nícalo na escada, depois daquele momento irreal e absurdo; Nícalo tentando me explicar, querendo saber o que se passara, Prisco irredutível, excluindo-me. Não haveria porquê nem quando, apenas a inaceitação. Eu podia com facilidade por-me no lugar dele e refazer, uma a uma, as suas reações. Nícalo, supondo que, passado o primeiro choque, Prisco compreenderia, voltaria, ou pelo menos tentaria voltar ao assunto:

— Está decidido que não quero ouvir mais nada sobre isso! — Prisco diria como, aliás, eu mesma o fizera.

Só que eu estava humilde e dolorosa, ele duro e amargo. Nícalo usaria o velho argumento das coisas sem propósito e ele redarguiria:

— Não importa se foi ou se não foi de propósito. Que diferença faz? O importante é que a coisa se passou.

Ele teria diante de seus olhos duas imagens minhas igualmente a-, borrecidas e, uma delas, odiosa, pois eu evoluiria nesse sentido: antes coberta de suor, de pus e de sangue, saindo de um lugar infame onde jamais desceria uma mulher de sua *gens*; depois desnuda, envolta em sedas e plumas, pintada e perfumada como as rameiras do bairro da Ponte Papínia.

— Ostia e hóstia são a mesma coisa- — Dizia Heráclio. — E não têm outro sentido que não seja o de vítima.

Estavam enredados entre o grego medíocre, eivado de regionalismos, que falávamos, o grego puro e o latim.

— Exatamente. — Flávio assentiu. — O velho costume romano de oferecer sacrifícios sangrentos fez com que se chamasse *hostiae*, *ab hostibus caedendis* ao animal sacrificado antes. Presta! bem atenção: antes *de* qualquer coisa ser alcançada como graça dos deuses. Chamava-se vítima, *vfctls hostibus* ao animal sacrificado depois, como agradecimento.

— As hóstias eram carneiros e cordeiros. As vítimas bois e burros.

— Sim, mas existe ainda a *hostiae piaculares* que é diferente das duas enumeradas. Esta se destina a tornar os deuses favoráveis.

Fitei os rostos atentos e outra vez achei-os belos, agradáveis, pacificados e queridos ao meu coração. Eu era jovem e a juventude pode ter estranhas reviravoltas de ânimo e eu as tinha. Olhando aqueles rostos con- liantes e graves, abertos e expectantes eu disse a mim mesma: não posso morrer ainda mesmo que muito mais me aconteça. Perguntei:

— Mas que importam essas vítimas e ostias?

Flávio e Heráclio sorriram e eu percebi que estivera ausente de quase tudo quanto haviam dito.

— Pois não ouviste o que nos contam sobre as igrejas da costa? — Cirilo me perguntou.

— Mas não entendi! Desculpe-me. — E pensei: lá vem outra vez as igrejas da costa.

— Depois do sínodo de o drama de Jesus no Gólgota passou a ser visto como um sacrifício de sangue que aboliu todos os outros...

— Que outros?

— Bem, a idéia do sacrifício está em todos os cultos em meio aos quais o Cristianismo procura se desenvolver.

— Mas é forçar e subverter uma situação.

— Concordo, mas os outros não pensam assim. Para eles Jesus se torna a mais pura óstia, depois da qual nenhuma outra deve ser imolada. No entretanto, para conservar o sacrifício no culto... vê bem... para conservar o sacrifício no culto, instituíram a missa — lembra-te? — a fim de que se celebrasse um sacrifício sem sangue no que denominam Eucaristia. E a óstia é o corpo e o sangue de Jesus sob a aparência do pão e do vinho.

— É preciso concordar em que têm uma soberba imaginação, mesmo considerando-se a cópia aos cultos diversos do paganismo.

— Mas essa eucaristia...

— Está sendo mais e mais aceita. É o que se comentava.

Então, pela décima vez repeti a frase que já se estereotipara em minha mente:

— Nas narrativas evangélicas não há nada disso.

— Mas ultimamente dá-se pouca importância às narrativas evangélicas. Mais valor tem a imaginação dos teólogos. Essas inovações horríveis servem apenas para envelhecer uma religião nova e ameaçá-la.

— Viste isso? — Perguntei a Heráclio.

— Sim, mais de uma vez. Em alguns lugares a óstia é ainda o pão comum e o cálice para o vinho, de madeira ou de barro. Os fiéis se apresentam de pé, a cabeça inclinada, as mãos nuas se é um homem, cobertas por uma toalha se é mulher. O celebrante pronuncia uma fórmula... deixa-me lembrar... *sancta sanctus*. Sim, é isto! As coisas santas para os santos. E os fiéis respondem: "Um só santo, um só, o Senhor Jesus Cristo na glória do Pai, amém." Então recebe o pão sobre as mãos cruzadas, come-o ou leva-o para sua casa, conforme queira. O oficiante, em seguida apresenta o copo dizendo: O sangue de Cristo...

— Ou o cálice da vida.

— Sim, um ou outro, conforme o lugar. As pessoas respondem cu- tra vez; "Amém". Toma o cálice nas mãos e bebe.

nouve um silêncio pesado e embaraçoso.

— Esmaragdo e os novos precisam saber que tudo ístd de situa muito além do Evangelho de Jesus. São práticas exteriores inadmissíveis. Oremos e retomemos ao estudo das cartas paulinas.

Filoctemo falava e foi ele quem dirigiu a reunião através de inspirada rogativa- Depois, abrindo ao acaso leu: "Porque isto fez ele, oferecen- do-se a si mesmo." Epístola aos Hebreus, **7,27**.

Oferecido o comentário a João, ouvimo-lo dizer:

— Nós criaturas humanas, nos sentimos bem na casa farta, sob um céu azul sem nuvens. Entretanto, assim apareçam as dificuldades, eis a procura de quem nos substitua nos lugares de aborrecimento e de dor.

Quando podemos não hesitamos em pagar preços elevados pela fuga e adiamos assim, iodefinitamente a experiência benéfica a que fomos convidados pela mão do Senhor.

É por isso que os religiosos de ontem, assim como os de agora, estabelecem complicados problemas com respeito às oferendas da fé. Nos rituais primitivos não se hesitava ante o sacrifício de jovens e de crianças. Com o passar do tempo o homem passou à matança de ovelhas, touros e bodes nos santuários, como, aliás, vemos ainda.

Por séculos perdura o plano de óbolos em preciosidades e riquezas destinadas aos serviços do culto.

Com todas essas demonstrações, porém, o homem procura aliciar a simpatia exclusiva dos Poderes Maiores, como se as Forças Criadoras estivessem inclinadas aos particularismos terrestres.

A maioria dos que oferecem dádivas materiais, nas casas da fé, não procede assim por amor à obra divina, mas com o propósito deliberado de comprar o favor do céu, eximindo-se ao trabalho de auto-aperfeiçoamento.

Nesse sentido, contudo, Jesus forneceu preciosa, clara e concludente resposta aos seus tutelados do mundo. Longe de pleitear quaisquer prerrogativas, não enviou substitutos ao Calvário, animais aos templos ou Qualquer classe de oferendas e, sim, abraçou ele m^simo a cruz pesada, imolando-se em favor das criaturas e dando a entender que todos os discípulos serão compelidos ao testemunho próprio, no altar da própria vida.

Fiquei a olhar o céu noturno e uma estrela ainda exângue no quadro da janela. O mocho piou no rio e um sopro frio e ativo entrou pela porta escancarada. Por um momento tive a impressão de que nada de diferente me acontecera e que a antiga sensação de perfeita paz morava comigo sem nenhuma nuvem, e que era perfeito o céu de minha alma. Voltei a pensar em Prisco e mesmo assim os meus sentimentos eram suaves, como se tudo aquilo se tivesse passado há muito e muito tempo e que, entre nós, não houvesse senão a saudade de uns poucos e incorruptíveis momentos.

Lembro-me daquela noite feliz e de como, olhando para Esmaragdo me certifiquei de que, de fato, Filoctemo não se enganara: era um dos nossos. O ar sonhador, a suave expressão de seu rosto juvenil depois daquele primeiro contato com o Evangelho tocaram-me profundamente. Sua al- rra como que transbordava e fazia promessas, antecipando o futuro. Tive um desejo absurdo de me levantar e de ir até onde ele estava para dizer- lhe o quanto me alegrava por que estava conosco. Mas não fiz nenhum movimento. Nos dias que se iam seguir muitas vezes Esmaragdo veria Prisco, falaria com ele. Prisco encarregara-o de nos atender no dia anterior. Possivelmente eram amigos, contavam-se experiências e riam juntos, tratavam-se com intimidade, pois disso eu tivera a prova. Por acaso, quem sabe, ele falaria a meu respeito e, então, um silêncio de gelo e indiferença conduziria a conversa num rumo diferente.

Não esperei que partissem para descer e procurar o leito. Outra vez dormi profundamente, mas talvez à mesma hora em que me despertara na outra noite, qualquer coisa, um reflexo de meu subconsciente, arrancou- me subitamente do sono.

Havia um impressionante silêncio lá fora e nem mesmo o vento assoprava. Não sei o que se passou comigo. Levantei-me, subi as escadas» e outra vez atravessei os cômodos vazios e silenciosos. Senti no rosto uma corrente de ar. Alguém deixara uma janela, ou a porta aberta. Avancei cautelosamente. A pequena janela de meu quarto estava aberta. Fechei-a e fiquei ali a tremer, ouvindo o ruído cfe minha própria respiração acelerada.

Por fim voltei para minha cama e tornei a deitar e adormeci outra vez.

Os dias daquele inverno se sucederam assim. Eu enrolava intermináveis fios de lã, dava milhares de voltas aos *colus*, cardava a lã. Depois levava os rolos torcidos ou as meadas à cozinha, onde mamãe os cozinhava com folhas, sementes ou raízes, conforme desejava a cor. Cirilo e seus amigos iam e vinham entre nossa casa e as ruínas. As vezes eu ia para a porta com Coronna e via-os azafamados. Riam-se e acenavam-me com as mãos. Embora os instrumentos de trabalho lhes pesassem nos ombros, seus passos eram ligeiros. Cirilo falava tanto que minha mudez passava despercebida. Vovô e mamãe se deixaram contagiar por aquele entusiasmo e passavam horas a falar sobre isso ou aquilo que precisava ser feito ou cuidados que precisavam ser tomados.

Mas o trabalho não ficou realizado numa única semana e estava apenas pela metade quando a segunda terminou. Foi por causa de dobradiças especiais que necessitavam ser fundidas e por causa da grade de ferro que fechava uma das passagens, nas ruínas, que Bibiano entrou em nossas vidas e, em certa manhã, surgiu em nossa casa.

BIBIANO

— *Toda a questão é te decidires! Depois, nunca mais voltarás atrás!* — *Dizia o tio rindo-se paciente ao partir, sempre rigoroso no horário, como quem se entrega a importante empresa e que está seguro do que fez.*

Bibiano, entretanto, não se decide. Já falta apenas uma semana para que retorne a Roma e não se resolvera a acompanhar o tio. Este é manso e bom. Em Roma, Bibiano conta nos dedos os dias que o separam do momento de seguir para sua amável companhia, sempre à mesma época do ano, hábito que vinha dos seus tempos de garoto.

A quinta do rio fica no Massicus, é um pequeno paraíso entre o Lácio e a Campânia. Bibiano ama tanto o velho tio quanto a bela e reconfortante paisagem e, por isso, se apoquentava quando o momento de regressar se aproxima. O convite do tio também era muito velho. E embora o mocinho não se decidisse convidava-o como por obrigação:

— *Não queres vir comigo?*

— *Não tío, hoje não!*

No início da semana Bibiano perguntara ao seu bondoso hospedeiro:

— *Tio, por que será que não me decido a acompanhar-te? Tu Influês sobre mim, sempre acato tua opinião, por sabê-la justa e firmada na bondade de teu coração. Sempre te amei. Mas apesar de todos os convites que tens feito, em todos estes anos, não me decido. Por que?*

O tio sorria calmamente ao responder:

— *As maçãs ainda verdes, no galho da macieira, ao verem suas irmãs da colheita anterior, certamente lhes perguntam: Como sois belas! Oh! Por que não temos essa bela coloração, esse perfume, esse brilho? Mas as maçãs colhidas não de redarguir: Não surgimos da flor assim como somos. Tivemos de esperar. Vós tereis de esperar o momento!*

Conversavam no pomar bem cuidado e, três dias depois Bibiano teria de ir-se embora. Ele não tem segredos diante deste irmão de seu pai. Preferindo acima de tudo a sua companhia, acompanhava-o em tudo quanto faz, nos trabalhos da propriedade, na alfabetização dos trabalhadores e seus filhos, nas visitas constantes que faz pelas redondezas a levar recursos materiais e morais aos homens esgotados pelo trabalho, às crianças enfermas, às viúvas. Só não se anima a segui-lo para as

assembléias cristãs.

Nesta noite o velho cumprira com sua obrigação:

— Vens comigo?

Bibiano abaixara a cabeça e acenara que não. Esta é a sua última noite na casa. Amanhã partirá de volta. O tio prepara-se com simplicidade, despede-se e parte. A visita de Bibiano naquele ano também frustrara-se. Bibiano põe-se a passear de um lado para o outro, no jardim que cerca a casa. Não se passa muito tempo e sucede o inesperado. Um servidor horrorizado vem avisá-lo de que as cavalariças se incendiaram. Os animais foram libertados, porém a construção que guarda os veículos corre risco sério. É preciso chamar o amo e desse encargo se encarrega Bibiano.

Põe-se a correr. Sabe onde se fazem as reuniões, num velho celeiro entre as propriedades vizinhas. Não é longe e, bem empregando suas pernas Juvenis, Bibiano chega ao local. Vê o tio mas a reunião acaba de ter início. Ele entra na ponta dos pés para não perturbar e nem chamar a atenção e aproxima-se do parente. Os olhos do tio arredondam-se de surpresa ao vê-lo. Escorrega no banco para dar-lhe um lugar. Bibiano segreda-lhe ao ouvido quanto se passa, porém a mão do tio, como se o entendimento da grave situação não o alcançasse, bate-lhe na perna descansadamente. Bibiano torna a se explicar, mas o velho sorri e bate-lhe na perna outra vez, como a dizer-lhe que se acalme, que espere.

— Já agora Bibiano não pode sair. As últimas pessoas que chegam barram-lhe o caminho, fecham-se em seu redor. Ele se move aflito. Vai ter de assistir a reunião!

E assiste-al

O verbo cristão 6 excelente. Jatos de luz surgem em forma das mais belas exortações pela boca de um orador desataviado. Empolgado o jovem chega a se esquecer do Incêndio. E já salda confessa ao velho feliz:

— Tio, 6 formidável! Compreendo agora porque tu és o que és. A doutrina de Jesus é pura luz. Eu a estudarei e serei teu companheiro.

O tio assente em júbilos.

— Queres ser preceptista. Dedicar-te ao consolatio. Nos ensinamentos de Jesus encontrarás motivos para uma tarefa que engrandecerá teu espírito.

Em seguida o rosto do velho ganha uma expressão gaiata e ele põe-se a rir.

— Por que te ris? Bibiano quer saber.

— RI o-me porque, se as maçãs amadurecem pelo sol, foi preciso o fogo para que Bibiano amadurecesse!

Bibiano ligava-se à casa do Procurador em importante função da administração romana. Era um moço culto, de família financeiramente bem aquinhoadada. Em Roma, até ser convocado para o funcionalismo fora um escritor de *consolatio*, isto é, uma espécie de preceptista que redigia peças com a finalidade de consolar os atribulados em suas desgraças. No dia em que fiquei sabendo de tudo isso e de que, em cartas e hexâmetros Bibiano entremeava os ensinamentos consoladores da doutrina de Cristo com os filósofos estoicos, sobre os quais ouvira meus amigos exaustivamente falar, pareceu-me incompreensível que seu entrosamento ao grupo fosse motivado por uma grade de ferro e a necessidade de dobradiças especiais para a porta.

O próprio Bibiano satisfez à minha curiosidade.

— Eu tinha um tio na Campanha, para ser exatado no Massicua Mons, entre o Lácio e a Campanha um irmão de meu pai, o mais velho, ao qual me ligava por uma grande afinidade. Nas Primeiras Larentales era mandado de Roma para sua companhia. Compraziamos-nos juntos e foi esse tio quem me levou à Doutrina de Jesus. Havia, em sua quinta, uma pequena forja dedicada aos reparos e à execução de pequenos serviços.

Nessa forja tio e sobrinho costumavam longamente distrair-se e foi assim que Bibiano também se apaixonou pela arte de transformar o metal rude, áspero e feio em belas utilidades, como ele

mesmo dizia.

Ora, ao identificar-se junto a Jântio como cristão, veio a conhecer o problema que surgira ao grupo. Não havia pessoa de confiança, nenhum companheiro de crença nas forjas de Sebastes.

— E então? — Bibiano dissera para pasmo de seu ouvinte. — Deixai a dobradiça e a grade por minha conta.

De seus hexâmetros para aquelas peças fundidas ao rubro havia uma grande distância, porém Bibiano vencia-a com facilidade. Nurr.a oficina nas redondezas da casa de Jântio fê-las, extremamente bem feitas. & bonitas ainda por cima.

Lembro-me de toda a espécie de brincadeiras e trocadilhos que cercaram a admissão de Bibiano ao grupo. A mamãe sobretudo agradou de imediato. Fazia-lhe longas descrições da paisagem vulcânica em cujos vales verdejantes havia os extensos vinhedos de onde tiravam o famoso vinho mássico, que os ricos bebiam.

Falava-lhe das margens do rio Liri e do Volturmo e eu tinha pena de mamãe, imaginando que nunca veria aquelas soberbas paisagens em que o verde imperava, aquelas águas claras a refletirem as nuvens do céu, com que tanto sonhava. Acompanhava-a com os olhos quando, depois destas palavras, ficava a olhar a estepe sem fim, fulva como a juba de um leão, a relva crestada pela geada, o amarelado dos espinheiros e as urzes raquílicas. E sua face se velava de tristeza. Mamãe tinha saudades do que nunca vira nesta vida, talvez de uma vida antiga, em que vivera entre os o- livais prateados dos quais tanto gostava de falar, das campinas florescidas e dos regatos frescos e rumorejantes.

Posso vê-la ainda, encostada à porta, o seu vulto erecto e a bela cabeça elegantemente plantada sobre os ombros, e o sorriso vazio com que se voltava para mim, ao regressar desses devaneios inocentes.

Depois de Bibiano chegou Cúdio, já liberto. Esmaragdo trouxe-o e chegou vexado, acanhado, fazendo-me lembrar os primeiros dias de Cúrio e de Eliano.

Naqueles dias inúmeros foram os momentos em que me senti deprimida e exausta, e também muitos aqueles em que chorei perdidamente, no silêncio do meu nicho de pedra, ou num ponto qualquer às margens desertas do rio. Então eu punha um sorriso fixo nos lábios e muitas vezes devia ser miserável a expressão de meu rosto.

Emagreci e meu rosto se afilou. Um dia mamãe o notou. Mas o e- pisódio com a fera ainda não era remoto e pode servir como uma explicação. Entretanto, a presença de todas aquelas criaturas amigas, aqueles rostos suados, vermelhos e sorridentes, os bondosos corações junto aos quais me refugiava, eram iatos de paz entre minhas tempestades.

Ficava a olhar, cismativamente um ponto ou outro onde Prisco estivera ou a me lembrar de uma frase que dissera. Meus amigos presentea- vam-me, trazíam-me o melhor que tinham, bolos, frutas que eu mordiscava e não conseguia comer. Depois, como ficavam a me olhar apreensivos, eu engolia uns nacos para satisfazê-los.

Mesmo nos raros momentos em que ficávamos a sós, Nícalo não tornou a tocar no assunto para o qual eu pedira o seu silêncio. Mas redobrara em suas atenções. Eu percebia que, no fundo, ele guardava uma ponta de remorso em relação a mim, certamente porque se relacionava aos meus perseguidores e aos perseguidores de todo o meu povo pelos laços do sangue e da tradição que ele, entretanto, desprezava.

Nos dias em que o vento hibernal não se fazia muito rijo eu ia com Eliano e Cirilo para a fortaleza e ficava a passear enquanto eles trabalhavam. Olhava atentamente, mas muitas vezes sem ver- Tentava distrair-me no trabalho, trazendo-lhes água nos *peliques* da pequena esplanada onde mergulhava-os no rio, mas não tardava e logo vinha alguém que me tomava os vasos e. assim, eu voltava a devanear.

Já agora podia relembrar, um a um, os acontecimentos da noite em que fora levada ao palácio.

Mas, quase sempre, quem se lembrava não era uma pessoa de carne e osso, era um boneco que estava tomando o meu lugar. Nessas recordações, apenas o momento em que revia a face triunfante de Otávia ou aquele em que defrontava o rosto lívido e irado de Prisco podiam me comover. Eu não conseguia sentir ódio ou exprimir em termos de rancor meus sentimentos para com Otávia. Tudo aquilo era incrível demais, distante demais! Era como odiar o espinheiro que me ferisse ou o vento que me vergastasse.

E quanto a Prisco, havia também aquela sensação de irrealidade, uma sensação contrária às outras, e que era toda feita de impotência, embora o amor que eu pudesse sentir por ele. Prisco estava do outro lado, no mesmo lado em que se encontrava Otávia. Eu não podia senão contemplá-los e tudo quanto partisse de lá me parecia irrelevante e inofensivo, assim como uma pura perda de tempo.

Assim o inverno avançou e foi se aproximando de seu final. Não o vi e não esperava vê-lo. Era de todo inútil receber o seu olhar de gelo e dar-lhe em troca o meu sorriso de maneira esculpida.

Eu confiava no tempo e esperava com paciência que os dias passassem. Houve um abrandamento em minhas emoções, menos num ponto que, dia a dia se tornava mais intensamente doloroso. É que todos os episódios se apagavam, mas o olhar que ele me endereçara não se apagava. Pelo contrário, como se algo alimentasse aquela imagem alucinatória, eu sentia aquele olhar me atravessando, perseguindo-me para além de mim mesma, furioso, frio, implacável, fixo num lugar de tortura dentro de minha alma.

Todavia, ao mesmo tempo, fui me tornando mais e mais capaz de me dobrar sobre a prece e, assim escorada em minha dor, eu seguia ao longo daqueles estranhos dias de minha juventude.

O trabalho nas ruínas adiantava-se e atrasava-se, embora não esmorecesse e, muitas vezes, prosseguia à luz das *taedas* discretamente afixadas em ângulos propícios- A jangada também fora montada, com troncos fortes, molhos de juncos e vimes.

O lagoado foi limpo, a esplanada varrida, a imagem brutal da deusa atirada às águas. Mas ainda faltavam coisas e elas foram, de pouco em pouco chegando também. A grande mesa, bancos, bilhas, um sortimento de tochas resinadas.

O trabalho estava a terminar quando apareci com febre alta. Vovô fez gestos alarmados, querendo significar que eu apanhara a febre palustre.

— Não vês que é Inverno! — Respondeu-lhe mamãe aborrecida pois que, se assim fosse, ela saberia como me tratar.

Supôs que eu estava com uma febre nervosa e me sentenciou à cama. Então, à tarde, os amigos vinham assentasse ao meu lado, ora um, ora outro, revesando-se amorosamente como se me tivesse tornado um outro trabalho para eles. Aquilo foi bom porque me aproximou de suas vidas. Contavam-me de seus dias antigos e, acima de tudo, interessava-me vivamente a narrativa de como haviam se acercado dos Evangelhos de Jesus, em oportunidades tão diferentes, com disposições psicológicas diversas, mas chegando a um ponto comum, sob a Luz,

Filoctemo impunha-me as mãos e orava, munindo-me de forças novas. Uma noite anunciou que viria no dia seguinte na pequena biga de Nef- calo e que me levaria a passear, se eu quizesse e se mamãe permitisse.

Veio pela manhã e, como o vento amainara e um morno Sol se mostrava, mamãe consentiu que eu saísse com ele. Agasalhei-me bem e salmos.

Filoctemo deu uma grande volta, contornando a cidade e, depois da corrida, por um instante, fomos nos deter na colina do cemitério. Mas as coisas não corriam bem para mim. A velocidade, o vento frio em meu rosto traziam-me tremendas recordações. De pouco em pouco faltava-me a vista e estava prestes a sofrer um desmaio quando ele deteve os animais.

Foi preciso que me amparasse.

— Não tens de suportar nada sozinha, ele me disse lentamente.

Eu silencieei. Talvez tudo se desfizesse se eu falasse, mas não tinha certeza. Eu não tinha

facilidade em mentir e, se falasse não facilitaria nada. ia ser terrível embora não fosse o pior que me poderia ter acontecido.

Filoctemo tinha os olhos baixos mas ergueu a cabeça e dardejou em mim um olhar percuciente e magoadado. Levantei-me e andei até o túmulo de Adastro. Então me acalmei, compreendendo o motivo daquela paz que chegava. O bom e velho amigo estaria conosco. Adastro sabia, bastava que ele soubesse. Rapidamente minha mente trabalhou. Liguei o espírito de Adastro ao pedido que fizera nas aiéias do palácio do Procurador. Lembrei-me também da confiança e do amor que aproximara o antigo chefe da igreja de Sebastes a Filoctemo, de imediato, a partir do momento em que este se apresentara pela primeira vez. Naquele clima de elevada confiança, pareceu-me que deveria silenciar ainda. Filoctemo precisava compreender!

Pedi-lhe que me deixasse a sós por alguns instantes. Eu desejava orar, sentia necessidade de solidão. Como era esperado, bondosamente se acedeu. Antes, porém, de se afastar, retirou suas tabuinhas de escrita de um bolso da túnica e estendeu-mas dizendo:

— Lê, mas só depois de tua meditação e de tua prece.

Tomei-as, ele voltou-me as costas e desapareceu entre os túmulos ostentosos e belos do cemitério romano. Eu assentei-me sobre um túmulo anônimo e procurei, pelo pensamento, agradecer a Adastro o amparo que me dera. Confessei-lhe meus temores, minha instabilidade, não me abstive de nenhum pensamento, mesmo daqueles que representavam uma confissão *adversa* a mim. Sentindo a força poderosa que me amparava, fiz um percuciente exame de todo o meu comportamento, emoções, reações- O Sol me envolvia morno e eu prossegui longamente, naquela confissão imaginária. Quanto tempo se passou? Eu não tinha a menor idéia; só se- Pia que pusera para fora aquele extravagante e malvado segredo. Suspirei profundamente. Percebi que estava de pé. Eu andara de um lado para o outro, assentara-me, tornara a me erguer.

Olhei o céu baço, depois as pobres sepulturas em torno de mim. Senti as tabuinhas entre minhas mãos, abri-as e li a escrita rápida e incisiva sobre a camada de cera.

"Filha: Bem aventurado é o espírito que compreende a provação e aceite-a sem relutar. Raras, todavia, são as criaturas que conseguem entender-lhe e suportá-la.

Por vezes a dor generosa que vem do Alto, simbolo de desvelado amor, atinge o campo da criatura traduzindo oportunidade sagrada e silenciosa, mas, na maioria das ocasiões a mente encarnada repele o agrjo- Ihão salvador, mergulha dentro da noite do desânimo, elimina possibilita* des preciosas e qualifica de infortúnio insuportável a influência renovado*¹ ra a clarear-lhe os caminhos da Vida.

Muita gente, em face do fenômeno regenerativo, apela para a fuga espetacular da situação difícil e entrega-se inerte ao suicídio lento, abandonando-se à indiferença integral pelo próprio destino.

Quem assim procede não pode ser tratado por aprendiz do Pai, porquanto isolou a si mesmo, afastando-se da Providência Divina e ergueu compactas paredes de sombra entre o próprio coração e as bênçãos eternas. Aqueles que compreendem as lições do Todo-Misericordioso, reajustam-se em círculos de vida nova e promissor.

Vencida a tempestade íntima, revalorizam as oportunidades de aprender, servir e construir, e, fundamentados nas amargas experiências de ontem, aplicam a graça da vida superior com vistas ao amanhã.

Filha, quando o sofrimento alcançar-te o caminho, aceita-o por treino do Senhor, humildemente, convicta de que constitui verdadeira mensagem do Céu."

E estava assinado "Adastro, servidor de todos."

Quis chamar Filoctemo, porém alguma coisa me apertava a garganta e a emoção, com sua mão suave e forte me calava. Fiquei a chorar silenciosamente, ao Sol da manhã e quando Filoctemo se aproximou vi que a emoção enublava-lhe os olhos também. Assim, ele soubera! Pela mensagem de Adastro ele soubera.

Estávamos muito próximos um do outro, eu tomei-lhe a mão apertei-a contra meu rosto e molhei-a com as minhas lágrimas. Depois daqui- Jo que fora escrito na macia superfície encerada, ninguém mais precisava pizer-lhe nada. Um vento amável começou a soprar e secou-me as lágrimas. Eu me senti alegre e amparada. Muita coisa podia suceder ainda, porém eu me sentia apaziguada e disposta. Perguntei a ele:

— Quando a recebeste?

— Ante-ontem, bem tarde da noite. Por isso quis que saisses comi' gol Para mostrar-te.

Lancei-lhe um olhar de gratidão pela sua discreta atenção. Em casa a emocionante mensagem iria despertar todas as atenções, seria analisada e discutida. Então, quem sabe, as suspeitas nasceriam... O que se tens, assado afinal? O que ocorria?

— Sentes-te bem?

— Tenho agora uma arma nova, algo que me fará atravessar as 'ormentas se eu cooperar com ela. Há coisas maravilhosas entre nós, já viste? Uma compreensão tão bela e tão grande que... sô este sentimento teria justificado minha vldal

Eu fora absoitamente sincera ao dizer e o rosto dele irradiou. Dé- mo-nos as mãos como dois irmãos e fomos voltando para a estrada. Eu tinha medo de que nunca mais uma situação como aquela, de pura emoção, se repetisse entre nós e, por isso beijei-o na face, levemente, tomando Adastro por testemunha da pureza de meus sentimentos.

Montamos na biga e ele dirigiu em direção ao desolado do altiplano. Vimos, a trotar medrosas e ariscas, uma mãe raposa e suas raposinhas. Os filhotes a correr tropeçavam ou se atropelavam mutuamente. Era engraçado e nós rimos. Eu sentia paz dentro de mim, embora não sentisse alegria. Mas podia rir, o que já era muito. Era como se um peso, um excesso, me tivesse sido tiradò e me ficasse o fardo que eu podia carregar. O riso de Filoctemo, sua terna beleza, sua voz mansa e tranquila faziam-me recordar, por comparação, o rosto triste e sombrio de Prisco, o seu o- Ihar melancólico e luminoso.

Agradei-lhe efusivamente quando me deixou à porta da casa.

— Volto amanhã. — Ele me disse. — Tu necessitas te distraíres, necessitas de ar, de espaço. Por um dia ainda a biga de Nícalo ó minha*

— Eu te esperarei, respondi.

Inclinei a cabeça e sorri-lhe.

Ele veio no dia seguinte e entramos pela vastidão da estepe em direção dos lagos. Era a região mais triste de Sebastes. Agreste, exposta aos vendavais. A vegetação já escassa da estepe ia mais e mais raleando, até chegar onde apenas as urzes raquílicas e inclinadas pelo vento se firmavam no terreno rochoso.

Filoctemo conteve os animais e se aproximou da água, porém os animais a recusaram.

— É salobra. — Expliquei-lhe.

Os lagos escuros sucediam-se uns aos outros, depositados nas an- fratuosidades das rochas, provindos de misteriosas nascentes. Nos Invernos gelavam de todo. Mas os dias não tinham sido excessivamente frios e apenas uma leve camada brilhante e transparente recobria as superfícies imóveis.

Encostei-me às rochas castanhas e frias e uma súbita tristeza me avassalou.

— Tenho frio, eu disse. E é tão triste aqui...

— Sim, partamos...

Ele entretanto não voltou tão depressa. Subímos à biga, Filoctemo colocou o dedo Indicador sobre o coração e disse:

— Sabes, alguma coisa me fala... Que voltaremos... e que vai ser triste voltar.

Havia ansiedade em sua voz. Eu contrapus:

— Não, não voltaremos se não quisermos voltar.

Filoctemo sorriu pálido e triste e disse:

7T Quem sabe?...

Eu entretanto, envolta em minha tristeza, não podia aceitar:

— Por que? Por que?

Mas, depois disso ele reagiu. Riu-se, bateu em minha cabeça um alegre piparote.

— Minha querida, por que contracenias comigo?!

Fez uma careta amável, estalou as rédeas e partimos. Filoctemo mudou o percurso e fomos nos deter no *mansio* de Cleante. Valério correu ao nosso encontro e Filoctemo pediu:

— Algo para uma juvenzinha pálida e enregelada. Tens?

Sentamo-nos sob a pérgula desnuda e Valério trouxe-me a beber algo em que pingara algumas gotas de um licor reconfortante. Em breve sentia-me melhor e mais aquecida. Comemos peras e maçãs assadas, recém tiradas do forno e regadas a mel. E porque àquela hora o movimento ainda não começara Cleante e Valério ficaram a conversar conosco.

— Somos aqui obrigados a ouvir o que queremos e o que não queremos. — Disse-nos Cleante a certa altura. — E sabes o que bem pode acontecer em breve, e isto ouvido da boca de um dos *agentes in rebus*?

Fez uma pausa em que ficou a olhar para nós fixamente. Depois prosseguiu:

— Um recrutamento para a Divisão Nativa da XII Légio. Pelo que o homem dizia — e eu ouvia entre uma vinda e outra — esta é uma das preocupações do Procurador. E quem o aperta? Licínio, que vai de fasto e necessita de tropas frescas, bem treinadas. Era fatal que acontecesse! E na idade de Valério, na tua...

— Já pensaste nisso? — Disse Valério voltando-se para Filoctemo. — Nós recrutados?!

Mas o seu tom foi tão gaiato que nos pusemos a rir e esse riso roubou ao assunto a sua gravidade. Não sei mais o que foi dito. Voltamos para casa e eu declarei a Filoctemo que me sentia excelentemente.

— Tua missão está terminada! Foi ótimo! — Disse-lhe.

E ele se foi, o meu terno e bom Filoctemo. Voltei ao trabalho naquele dia e ajudei mamãe nas tarefas mais pesadas. Efetivamente as forças me voltavam.

— Deixa-me ver. — Disse mamãe naquela tarde tocando-me a fronte. — É a hora de tua febre. Mas a febre se tinha ido.

CAPITULO - XX

Uma semana, duas se passaram entre os trabalhos comuns da casa. Enquanto os tecidos de mamãe se avolumavam no tear os trabalhos nas ruínas também progrediam.

Fiquei alguns dias sem aparecer, porém quando voltei admirou-me o progresso que haviam feito. O interior já nem parecia o mesmo, estava claro, confortável e quase bonito. Tinham desobstruído duas clarabóias altas que, uma dando para o nascente, a outra para o poente, deixava entrar luz e ar. O serviço de limpeza revelara baixos-relevos impressionantes ao longo de duas das paredes, representando, um, o rei com seus vassalos, prisioneiros de guerra, carros puxados a leões e obreiros em suas funções. O outro mostrava cenas de caçadas e as diversas fases do plantio do trigo, sua moagem e a feitura do pão.

Achei tudo acolhedor. O Sol, na tarde, entrando por um dos óculos rendilhados desenhava bonitos efeitos de luz sobre o vasto iageado muito liso e difundia uma branca poeira no ar. Pela outra rosácea, a lua nascendo também enviaria sua claridade azul para o interior. Nas noites quentes poderiam fazer as reuniões na esplanada.

— Está realmente ótimo! — Comentei com entusiasmo. — Não seria possível encontrar nada melhor!

Recordo-me de que, ainda naquela semana, vindos de pontos completamente diversos dois outros elementos aderiram ao grupo.

Um deles estabelecera-se no mercado representando o negócio do próprio pai em Sebastes, no ramo do sal. Era evidentemente de família próspera pois que aquele gênero de comércio florescia e prosperava no seio do povo. O sal era largamente usado nos rituais dos templos. Naquele tempo servia para "amadurecer", como se dizia, os alimentos, nos sacrifícios oferecidos à divindade. Os romanos não prescindiam dele à mesa, considerando o saleiro pouco mais ou menos como um objeto sagrado. Cláudio viera para uma casa do sal.

CLÁUDIO

Cláudio ouvia com grande atenção e entendimento o que se dizia.

Aquela doutrina era uma violenta ameaça à estrutura podre do mundo em que viviam- Era inteligível e lógica, tão lógica que a instituição humana, profundamente Ilógica como se óhcònirava, com todos os seus valores subvertidos, teria, naturalmente de rebelar-se contra ela.

A nova doutrina o empolga, Cláudio adere apaixonadamente a ela. Jesus é um líder e ele o aceita como tal-

Cláudio ama profundamente seu pai e todas as criaturas de seu mundo familiar. Arde de impaciência por falar com ele sobre aquela mensagem que faz sua cabeça esquentar de alegria. Mas alguma coisa o detém. Suspeita que a mesma simpatia não se fará sentir na alma do genitor. O pai poderá não entender e dar-se exatamente o contrário do que ele Intenta.

E a cada vez que se aproxima do genitor, esperando por um pretexto, termina por silenciar sorrindo timidamente. Vivia, pois, transferindo a realização de seu projeto, porém decidira-se a abordar a mãe tão cedo quanto fosse possível. De lá chegaria ao pai.

Cláudio fizera-se pensativo. Não lhe agradava ter de esconder como um crime alguma coisa que lhe parecia tão digna, a maior ventura que jamais sucedera ao homem-

E, assim, passam-se os dias e as noites.

Hoje Cláudio pode falar à mãe. Explíca-lhe que se trata de um assunto de extrema Importância, porém ela o dissuade de imediato, afirmando que, se se trata de motivo tão grave, é melhor que fale ao pai, que é o chefe da casa-

Cláudio reconhece, então, que estará Irremediavelmente sô dentro de seu lar. E, pior do que Isso, ia enganá-los, ia deixá-los na Ignorância de que era um novo Cláudio, com outros problemas, uma nova posição diante de si mesmo, deles, dos outros homens. E se dissessem dificuldades, não poderia contar com ninguém a não ser consigo mesmo e as forças espirituais às quais se relacionava.

*Apesar disso o moço se abate diante dessa descoberta. Uma *profunda tristeza ajusta-se em toda sua alma. Em casa, de pouco em pouco, notam-lhe a melancolia. Uma Inconsciente reserva afasta-o do núcleo familiar. Tem receio do que possa dizer por casualidade, de que notem certos termos que entraram para seu vocabulário, seus aceitamentos e repulsas-*

Cláudio pode ver as dificuldades como algo a vencer: vê-as como tropeços transponíveis. Deve esquecer, banir de sua mente a nova mensagem? Voltar a ser o jovem de dantes, sem maiores preocupações, Identificado à atmosfera em que fora criado?

Não, não pode, não o conseguiria. A doutrina de Jesus 6 desperta- mento para a a Mãe, ele não poderá voltar a dormir mesmo que o queira- Tem de amargar o seu pesadelo desperto.

Nesta noite Cláudio acorre à assembléia cristã. Pela primeira vez 6 convidado a um trabalho em torno do Evangelho, porém com significado diferente. Alguns companheiros dotados da faculdade da profecia, funcionando como Instrumentos dos Espíritos, trazem revelações e conselhos aos assistentes.

Abre-se a reunião com sentida prece e, logo mais, seguindo-se a um breve silêncio em que se

completa a preparação espiritual, alguém do mundo Invisível, como que adivinhando suas negras apreensões, òirige-lhe a palavra:

— Cláudio, meu filho, por quanto tempo pensas que Jesus espera que lhe dêem ouvidos? Cultiva a paciência em relação aos que amas. Enquanto não podes transmitir tua luz aos outros, fá-la mais forte através do trabalho, da vigilância, da modificação de tua paisagem espiritual, tarefa essa para a qual também tu necessitas do auxílio do tempo. A Humanidade toda ó a tua nova família. Ora e confia. Em face dos outros muito mais e melhor do que tuas palavras, convencerão teus exemplos, tuas atitudes e teus pensamentos iluminados pelo Evangelho de Jesus. Filho, não te esqueças de que aquele que confia antecipa a realização•

— Sim, sim... Ele assente baixinho!

— Um desejo constante é uma promessa que a vida nos faz!

— Sim... sim... Cláudio torna a assentir. Mas, desta vez, ele chora.

No mercado de Sebastes podíamos ver os saleiros feitos de metais nobres, de ouro com pedrarias. As classes mais pobres os compravam de prata. Como se acredita hoje em dia, derramar sal à mesa era um mau presságio. Mas oferecê-lo a um hóspede era um símbolo de amizade.

Tudo isso me ocorre ao rememorar a chegada de Cláudio. O outro era Sacerdon o menino que, com sua mãe, uma pobre viuva amparada pela igreja, e um outro irmãozinho, em outros tempos víramos frequentemente nas assembléias.

SACERDON

Naquele ensejo do regresso, quis ver outra vez a casa em que viviam. Caminha entre as ruelas do cortiço. Agora um charco se formou no local em que se levantava a casa tão pobre e pequenina, e dentro dela bolavam bancos quebrados, trapos e um grande cesto esburacado.

Sacerdon recorda aquele tempo. Ele e seu irmão a apregoar mercadorias para os vendedores do mercado, puxando os compradores pelos Saíos, frisando que lhes carregaria as cestas, gratuitamente, se comprassem ali. Depois, folgados, a jogar dados no molhe do porto com um bando falador e esfarrapado, ou a mergulhar os corpos magros nas águas barrentas e amareladas do rio.

O pai ficava em casa, m'nado por traíçoeiro mal, encurvado, murmurando sua dor num fio de voz que dia a dia se apagava. Com orgulho e emoção Sacerdon recorda a mãe, meúda e pequenina, vivaz, sempre ocupada por suas improvisações, tentando melhorar a situação aflitiva do metido enfermo ou dos filhos famintos.

O céu frio e pardacento do inverno se reflete nas águas paradas do charco. "Sim! O Inverno ali!" Sacerdon monologa em silêncio. A fome é menos má do que o frio. A fome nos torna sonolentos, e Isso ajuda. Mas o frio desperta e torna a fome ativa.

Recorda o carvoeiro resmungão mas paciente. Entre uma pá de carvão e outra ajudava-os a atravessar os dias mais longos e penosos do Inverno, entre a Brumàlia e as Festas Sementinas. Depois o pai morrera e a mãe fora trabalhar nas cozinhas das tabernas. Então a pobreza suavisara um pouco para eles: trazia-lhes os restos das com'das e, passando o tempo, os meninos se fizeram altos e mais fortes, já podiam ganhar um pouco e até mesmo comer em seus serviços. Já não necessitavam resp'gar os campos, depois das colheitas, nem juntar lenha e gravetos, disputando-os aos outros meninos miseráveis.

Sacerdon não pode lembrar-se de quando ouwra o nome de Jopus Dela primeira vez. Era muito pequeno e fora a mãe, a mulher pequenina « corajosa, quem o pronunciara. A partir da enfermidade do marido ela se aproximara da igreja cristã e ali tinham, ela e os filhos, encontrado o calor da verdade, ra fraternidade. A generosa diligência de Adastro carreava-lhe agasalhos e roupas, remédios e alimentos. Providenciara para que lossem admitidos na escola para o aprendizado das letras e, ao morrer o genitor, Adastro encontrara trabalho para a mãe em casa digna. Na igreja de Se- bastes robustecera a planta digna de sua fé. Resignadamente vira a mãe e o irmão partirem para

a vida espiritual. Ele porém, não ficava a sós. A juventude da igreja era sua irmã pelo coração e em cada uma daquelas mulheres simples e ricas de sentimentos, tinha uma outra mãe. Rapazelho, decidira-se a partir. Adastro munira-o de cartas e conselhos salutareis. Engajando-se numa das caravanas que desciam em direção ao mar, partira. Agora voltava bem posto na vida, como auxiliar de confiança de negociantes influentes no mercado de lãs e tapetes.

Sacerdon pensa que foi bom ter sofrido tanto, que nenhuma outra experiência da vida ofertou-lhe tanto quanto a luta e a dor. Foram como a pedra de polimento que fere a fim de que a luz possa se refletir. Ele pensa e relembra sem pesar ou abominação. Sente-se feliz, agora as menores coisas causam-lhe satisfação. Hoje Sacerdon desvia, alarga ou encurta o passo, a fim de poupar o inseto humilde que cruza em seu caminho. Tudo quanto pode causar alegria, descanso, esperança, alívio e paz aos outros, é o seu capital. Toda a alegria que armazena em seu íntimo ocupa um lugar que a dor preparou. Por isso Sacerdon ama os Evangelhos de J&us, onde a dor do homem se sublima em êxtase e em cânticos de júbilo.

— "Dai antes a esmola do que tiverdes!" disse Jesus.

Foi quando nada tinha que Sacerdon aprendeu realmente a dar.

Quando Sacerdon chegou ele e Cirilo se abraçaram.

— Lembra-te de quando vinhas e corríamos a nadar na enseada do rio?

Sacerdon se lembrava. E eu também me lembrava. Éramos pequeninos, porém eu os seguia e invejava-os quando, assentada nas margens, via-os se distraírem patinhando na água, mergulhando do varal da nora para a água profunda. Papai era vivo e quando se excediam, levavam varadas nas pernas magras o que, em parte, me consolava por ficar à parte.

— Tua mãe dava-nos grossas fatias de pão e bolo, vestia-nos, a meu irmão e a mim, com as vossas roupas.

— Lembro-me de ti! — Disse mamãe ao vê-lo.

Levou-o para junto do tear e fê-lo assentar-se perto dela a fim de que lhe contasse o que fizera no decorrer de todos aqueles anos. Sacerdon acedeu prazeroso, mas eu achei que mamãe teria feito melhor abstendo-se de suas exclamações a respeito da "pobre Metis!". Não era assim que Sacerdon recordava sua mãe, uma brava mulher, que não desistira de lutar até o fim.

A chegada de Cláudio e Sacerdon marcou o período em que o grupo, por causa das modificações que eram impostas à igreja, se interessara vivamente pelos vultos antigos da igreja. Foi quando, pela primeira vez, ouvi citarem o nome de Paulo de Samosata, Theodoto de Bizâncio, Artemon e outros.

Parece que esses primitivos conversos já advinhavam os conflitos que deveriam surgir em torno da realidade humana de Cristo e sua essência divina.

— Precisamente por isso, — Nícalo dizia, — em plena igreja de Roma, Theodoto e Artemon afirmavam que era preciso que os cristãos se ativessem ao Cristo dos três primeiros Evangelhos.

Eu estava interessada em Paulo de Samosata e quis conhecer o seu ponto-de-vista.

— Para Paulo de Samosata Cristo era verdadeiramente um homem, porém um homem tornado divino por sua perfeição espiritual.

Eu me senti empolgada e disse:

— É exatamente como penso, sem nem mais um ponto ou vírgula. Por favor, prossiga!

— Paulo julga que o Verbo Divino é, em Deus como no homem, o princípio interno do pensamento e da consciência, e não uma pessoa distinta. Ele eleva em direção a Deus a razão e a vontade de todo homem e foi uma ação da mesma natureza que se exerceu, porém de maneira excelente, sobre a alma daquele que depois seria conhecido por Jesus de Nazaré.

Fiquei, em seguida, sabendo que Sabelius tinha, com Paulo de Samosata, o mesmo ponto-de-vista sobre a personalidade e a encarnação do Verbo e o Quarto Evangelho.

O esforço racionalista para reter a corrente em ascensão, da idéia do mistério era, pois, antigo. Mas seria potente? Esta era a pergunta que eu fazia.

De pouco em pouco eu reunia e montava as peças que deveriam construir para mim mesma uma posição definitiva, através dos séculos.

O sabelianismo tinha sido a primeira doutrina condenada formalmente por um Concílio, um Concílio oriental reunido em Alexandria — sempre Alexandria! — cinquenta e tantos anos atrás, isto é, em **261** do nascimento de Cristo.

Paulo de Samosata fora deposto pelos bispos da Síria reunidos em Concílio, em Antióquia, oito anos mais tarde. Já se montava, pois, a situação. Eu me empolgava ao ouvir falar desse Paulo tanto quanto me empolgaria, meses depois, ao ouvir falar de Arrius.

Naqueles dias aprendíamos a descer de nós mesmos, de nosso orgulho ao mesmo tempo em que, por orgulho, outros procuravam subir. Eu meditava em minha própria covardia, ou media o quanto necessitava oferecer & vida e procurava conhecer o que seria mais vergonhoso e mais degradante não para aquele furtivo momento em Sebastes, na Capadócia, porém na Eternidade que pairava sobre nossas cabeças.

Uma segura intuição dizia-nos que aquilo que íamos fazer era verdadeiro e o fazíamos sem presunção visto que remávamos contra a correnteza e não faltariam aqueles que iriam dizer:

— Em minha opinião errais e incidis no erro.

Foi naquele tempo que aprendi o quanto é perigoso dar ouvidos, pelo menos na ocasião, às maiorias. Aprendi também que as maiorias são cruéis e ainda vejo que estava certa.

Os trabalhos da reconstrução estavam tão adiantados que já se falava em marcar-se um dia para a inauguração. E foi em meio a isso que, certa tarde, descemos para uma das últimas reuniões a que eu assistiria na igreja de Sebastes.

Surpreendeu-me verificar que Méilton conseguia convencer. Obtivera adesões importantes e estava visivelmente satisfeito. Alguns ricos comerciantes da cidade aproximaram-se dele e Méilton destinara-lhes, para honrá-los, as primeiras filas, os lugares privilegiados da sala, providenciando almofadas e confortos. O resultado foi que se transformaram em benfeitores da igreja, facilitando as modificações que o diácono desejava. Nós nos confundimos com o povo comum e assistimos à prédica elo- quente e terrível sobre a paisagem horrenda dos infernos e a necessidade das almas atenderem, pressurosas, às recomendações de Deus.

Méilton falava do seu púlpito e eu observava o grande argumento que era o terror, agindo sobre as almas simples. Não se franqueou o comentário aos assistentes e, ao descer a pequena escada vi, assombrada, que ele adotara a sotaina negra dos sacerdotes de Mitra, roupa à qual chamavamos *heirocoraces*, pois que ao corvo de negra plumagem chamavamos *corax*.

Outra inovação que despertou minha curiosidade e para a qual chamei a atenção de Cirilo foi a pequena divisão feita aos fundos do saião, por detrás do púlpito.

— O que pensas que seja aquilo? — Perguntei baixinho.

— Já viste o lugar onde -os sacerdotes, nos templos, depositam as suas coisas sagradas e que, por tal, chamam *sacrário*?

Sim eu já vira, nos diversos templos que ocasionalmdnte visitara.

— Pois ó isso!

— Não isso exatamente. — Nícalo cochichou-me. — Méilton chama ao seu compartimento *sacristia*.

— A palavra sofreu, está visto, uma pequena evolução.

Não vimos muitos dos antigos companheiros, porém os rostos es- tianhos abundavam. Isso nos fez contrafeitos e estranhos. Notei que, no canto de seu banco, mamãe se impacientava. Lembrome também de quanto ela se sentiu contrafeita, embora silenciasse, quando, ao sairmos Cirilo fez o duro comentário de que a igreja se fortalecia materialmente, o que não se podia negar a Méilton.

Os fundos da igreja estavam silenciosos e desertos. As crianças tinham partido, eu não sabia para onde e isso me encheu de aflição.

A tradição e o costume era que, ao nascer uma criança, fosse posta ao solo. Se o pai a levantava estava perfilhada. Se não o fizesse deveria ser exposta no lugar do mercado, ou à margem do rio. Então, aqueles que se encarregavam desses infelizes passavam a ter, assegurados, direitos de escravidão.

Por isso, a cada dia, Adastro em pessoa ou seus enviados de confiança percorria esses lugares recolhendo os recém-nascidos e livrando-os de um destino desgraçado. O rosto pálido e o olhar coruscante de mamãe deu-me a perceber que os mesmos pensamentos que me ocorriam estavam em sua mente. Os olhos dela não se umideceram como poderia ter-se dado. Ela empinou a cabeça e seu rosto se fez duro, virou-se e atravessou o pátio tesa, como quando voltava com os cântaros cheios, da fonte no vale. E eu disse a Cirilo:

— Mamãe não retornará nunca mais!

E eu tinha razão. Ela evitaria fazer comentários, porém não voltaria nunca mais.

Em minha memória algumas lembranças não envelhecem e essa é uma delas. Uma fria mão apertou-me o coração. Eu vi o corpo de papai despedaçado porque ele se mantivera fiel aos Evangelhos e vi também mamãe dar às costas à igreja e abandoná-la para sempre. Ela não olhou para atrás, pois seria terrível aquela última visão, seria um castigo e ela se sentia ferida demais para aceitá-lo.

Eu era passível de bruscas modificações íntimas, porém mamãe não éra assim. O que fazia parecia-me resultado de uma decantação rapidamente alcançada. Ela pegou vovô pelo braço, deixou-nos para atrás e foi- Se embora. Ante a memória de papai não lhes restava outra coisa!

Eu senti uma grande saudade. Quanto se passasse depois disso, minha indignação ou minha recusa, eram apenas formas de saudade.

Eu e Cirilo saímos em silencio, atravessamos a cidade, transpusemos a porta e alcançamos a estepe sem uma única palavra. Através da noite intensamente escura uma neve rala e leve começou a cair. Eu quis escapar ao presente, quis escapar de minha saudade e, de súbito, vi-me com uma fresca veste, não o manto pesado e grosseiro, caminhando ociosamente por um gramado verde. Depois fui assentar-me sob um caramanchel e Prisco veio juntar-se a mim. Ao nosso lado havia romãs muito maduras e refrigerantes cor-de-rosa que eu servia a ele, recobertos de neve. Conversamos e rimos, ele me levou até onde estavam seus amigos. Comentavam festas a que tinham assistido, batiam nas costas de Prisco e, interceptando nossos olhares, punham-se a rir.

Mas, eu teria apreciado tudo isso? Não, eu não teria. Aquela fantasia era uma espécie de ironia. Eu preferia mesmo estar voltando para casa, deixando atrás tudo aquilo que tanto amara, a casa de Abba e os pavilhões de Adastro, a igreja que Felipe instalara.

"Assim", pensei fatalista, "tudo estava muito bem!" Avançamos pelas trilhas desertas e eu, não sei porque, tive de novo a impressão de que nos espionavam. Olhava para os cabeços de rocha cheia de desconfiança e meu coração disparava quando os pequenos galhos estalavam pesados de neve. Mas chegamos à casa sem incidentes e poucò depois tínhamos deitado.

Não sei o que se passara pela cabeça de Cirilo durante aquele tempo, porém não foi difícil imaginar quando, ao rumarmos para nossos nichos ele se virou para mim com circunspeção e disse:

— Não nos devemos contentar oom uma esperança, é isso! O essencial é termos uma certeza!

Sim, eu pensei, o essencial é termos uma certeza! Mas eu me contentava também com minhas cálidas esperanças, e foi com elas que me entreguei ao sono que chegava.

Nos dias que se seguiram, a imagem de Prisco renasceu mais fortemente em mim. A impressão de que nunca mais iria vê-lo dava-me alter nados estados de espírito: às vezes alívio, outras uma funda desolação.

O Inverno avançava em direção ao seu final, mas fazia um frio intenso ainda e, pelas manhãs, não raro, a leve precipitação que se fazia sobre a estepe esparzia brancas manchas sobre a terra tostada. E embora o valezinho do rio estivesse sempre nevado, antes do Sol nascer, eu me embrulhava em grossas mantas e saía a percorrer vagarosamente as trilhas, levando Coronna comigo. Ela

já se tornara quase a mesma. Seus ladridos se faziam fortes e, naquelas manhãs, corria a espantar os corvos madrugadores e barulhentos que nunca se davam ao trabalho das imigrações, como os outros pássaros faziam.

E de cada vez, sem que eu mesma me pudesse explicar porque, voltava-me aquela impressão de olhos estranhos a me espiarem ocultamente. Tudo quanto sucedera anteriormente servia para que eu pudesse ter a certeza de que aquilo se dava. Entretanto a impressão nítida e contundente vinha ocasionalmente, carreando súbitos terrores, como se zonas de percepção inapercebidas se pusessem, a espaços, em ação.

Foi o que se deu, quase visualmente, numa daquelas manhãs. Voltei-me rapidamente mas o Sol incidiu-me sobre os olhos, furtando aquele momento de verificação visual.

À tarde voltei ao mesmo lugar e a sensação se repetiu. Observei então que me encontrava num ponto a descoberto para uns cabeços rochosos existentes um pouco além, na linha do vale. Chamei Coronna e, tentando desfazer minhas preocupações, dirigi-me para lá. Caminhava à distância dos obstáculos, de forma a não possibilitar nenhuma aproximação furtiva e Coronna, com as orelhas tesas, olfateava o ar antecipando meus receios.

Ela me guiou para o ponto do qual eu suspeitava. Havia inequívocos sinais de que alguém se postara por muitas horas ali. A grama em torno do penedo estava pisoteada, havia uma manta rasgada e suja oculta numa reentrância entre duas lajes.

Dois dias depois o observador se mostrou. Saiu por detrás da rocha e ficou a me olhar atentamente, seguindo o meu lento passeio pela margem do rio. Vi-o depois, outras vezes e outras vezes, em pontos diversos. Embora a distância, era-me possível nitidamente ver-lhe o rosto tostado de Sol, de expressão rapace, os olhinhos vivos e ávidos, a rebrilharem como pedras lapidadas. Todavia, agora que nos defrontávamos os meus receios se desvaneciam.

Tudo estaria bem para nós enquanto Prisco se mantivesse à distância e já fazia não sei quanto tempo não o via. O perigo que correria nossos amigos estava praticamente afastado, pois que as reuniões, embora os trabalhos na fortaleza não estivessem terminados, já se faziam ali.

Fui até bem longe e voltei. O homem estava lá, na mesma posição. Depois, quando voltei, não o vi. Tinha desaparecido.

O frio me pareceu opressivo aquele resto de dia. Senti-me inesperadamente enervada e inquieta, mas não disse uma única palavra a ninguém.

No dia seguinte amanheci com os nervos tensos. Alguma coisa dizia-me que havia algo à minha espera. Andei impaciente pela casa. Sim, eu estava absolutamente certa e, pois, era de todo inútil aumentar os momentos de tensão, permitir que meus nervos sustentassem a lenta agonia, a dolorosa expectativa que se renovaria a cada dia, se eu não lhe fosse ao encontro.

Eu ia correr o risco, pois havia um risco a correr. Fui premeditada e fria. Prendi Coronna e resisti aos seus ganidos intuitivos, ao seu olhar inteligente e implorativo quando tomei da bilha e saí em direção à fonte.

Contei os degraus da casa ao descer. Um, dois, três... dezoito degraus. Agora contava os passos ao longo do caminho, compenetrada, lúcida. Ao chegar à fonte, minha tensão se relaxou. Enchi a bilha com paciência e deliberação. O jorro gelado e claro cantava no bojo da vasilha, num vago ruído de caverna. A bilha gorgolejava á vida. Depois ouvi o ruído das patas do cavalo sobre a terra gelada. Pararam atrás de mim, a tempo que a bilha vasasse. Tomei-a então nas duas mãos e voltei-me. Ela estava ali, sobre o seu bonito cavalo árabe. Outra vez suas leves sedas a envolviam, dançavam como fumaças coloridas no ar frio, brotando dos recortes de um pesado manto cor de amaranto enfeitado de peles. Tornei a enfrentar o seu sorriso diabólico, tal como naquela noite, no palácio, mas ocorreu-me que, embora a máscara de formoso demônio, ela era um ser que respirava e vivia, com sentimentos que poderiam ser bons e capazes de fazê-la feliz, mas que ela transformava em maus, com força bastante para fazê-la sofrer ainda mais do que fazia sofrer aos outros.

Pensando nisso veio-me também a estranha e conclusiva impressão de que, naquela orgia terrível à qual fora precipitada em forma de pássaro cativo, eu estivera em meio a uma multidão de mortos. Falavam, gritavam, riam, procuravam esquecer, com desesperadas libações, que estavam mortos. Eu, -entretanto, estava viva. "Eu sou o caminho, a verdade e a vida dissera Jesus. "Esta é a água viva e quem dela beber mesmo morto vive- rói" Eu estava viva, sentia-me tão agudamente viva que não podia afastar uma extrema piedade para com todos eles.

Olhei tranqüilamente o seu rosto belo e pálido, contornado pela rica pele de um grande capuz. Entre seus cabelos, um punhado de gaze escapava-se num extremo azul de campânula, e se eu fizesse abstração do maldoso luzir de seus olhos, facilmente a identificaria a um dos membros da família soberana, conforme os baixos relevos descobertos na fortaleza.

, Otávia me olhava hipnotizada, imóvel, como uma flor lindamente matizada, porém gelada, recortada contra o fundo monótono das estepes.

Eu a chamei:

— Senhora?

Ela pareceu despertar e vi, então, que estava embriagada. Era muito cedo ainda. Ela teria, com certeza, vestido o manto sobre o seu traje de festa. Passara pelos seus aposentos apenas para se agasalhar, descera à cavalaria e viera. O cavalo se moveu sobre as patas trazeiras e ela teve um perigoso movimento que me fez avançar em sua direção para sustê-la a queda. Mas, como sucede aos bêbedos, rapidamente se susteve. Mas eu estava bastante próximo agora para ver-lhe as olheiras pisadas por detrás da pintura espessa.

Aquela aproximação favoreceu-a também. Ao seu olhar perscrutador não escapou, igualmente, o sinal do sofrimento em mim. Eu quase me alegrei imaginando que devia estar feia, de rosto afilado e cor-de-cera, como ela, com sombrias marcas em derredor dos olhos, É impossível saber que impressão lhe fiz. Ela me pareceu devastada. Eu esperava encontrá-la a sorrir, malévola, sarcástica, porém sua visão me surpreendia tanto que, se ao chamá-la me tivesse respondido, não saberia como justificar minha interpelação. Ela, entretanto falou, embora desconexamente:

— Conseguiste o que desejas, não conseguiste? Estás contente, não estás? Sentes-te feliz, não te sentes? — Perguntou monotonamente.

Assim falando virou a cabeça e olhou um ponto entre as pedras que; dali por diante, pareceu enfeitiçá-la, embora eu nada visse ali. Mas ao fazer esse pequeno movimento seu corpo dançou outra vez e eu cheguei a erguer a mão para contê-la. Em retanto Otávia devia estar habituada a estados como aqueles pois sua mente, entre instantes desconexos, lucilava clara e razoável.

Não entendi o que se pôs a falar em seguida, em latim, muito rapidamente. Era uma espécie de monólogo pois que não se dirigia, aparentemente, a mim, porém àquele ponto de atração para o qual se voltara. Sua fala intempestiva tinha exclamações e ela estremecia, deixando que as lágrimas rolassem por seu rosto.

Fiquei sem saber o que fazer até que se dirigiu objetivamente a mim:

— Por que se apaixonou por ti, por que?

Era evidentemente inútil negar e, assim, eu disse:

— Não sei porque. As coisas absurdas têm também sua margem de ocorrência!

Otávia iiiuniuve suas absurdas frases Interrogativas:

— Sabes certamente que eu a odeio. Sabes?

— Sim, mas por que haveréis de me odiar? Mais de uma vez insisto em que tudo isto é um equívoco, um equívoco que se faz lamentável para todos nós. Tu...

Ela se fez rubra de cólera:

— Tuteias-me! Quem te deu tal direito! «

Ergueu o seu pequeno rebenque de cabo de prata e tentou atingir-me a face. Eu, porém, instintivamente, me subtraí ao golpe.

Otávia rugiu e me seria de todo impossível repetir os palavrões que fugiam atropeladamente de sua boca, em grego e latim.

— Mentos! Mentos! Mentos! — Sibilou por fim.

Eu percebi a inutilidade de uma argumentação. S-ilenciei tomada de um estranho desejo de segurança, e deixei que, outra vez, atropelasse um dilúvio de frases, supondo que aquilo lhe faria bem. Quando silenciou tentei fazer uma luz chegar à sua mente e expliquei mais uma vez a minha própria negativa diante da situação. Disse que, realmente, pessoas de posições diversas por vezes se casam, mais isso apenas quando existe uma pequena margem de separação.

— Não ó o que se passa entre nós. Vós, senhora, estais perto. Com um gesto o tereis se souberdes fazer esse gesto. — Eu disse para tran-qüilizá-la.

A resposta, porém, não foi o que eu esperava:

— Sim... se ele fosse feliz. Basta vê-lo para se saber que é infeliz. Ê uma vergonha! Tu o fizeste! Tu!

— Oh! Não, não! sS Retruquei com energia. Ele é nobre, é bom, como eu poderia torná-lo deliberadamente infeliz?

Por um momento me descontrolei e ela soube aproveitar-se desse momento. Num movimento extremamente rápido e inesperado, conseguiu me acertar. A lambada alcançou-me a face esquerda e o pescoço. Senti uma dor aguda como se produzida por uma queimadura. Ela atirou a cabeça para atrás e riu-se. Percebi então que suas lágrimas e o resto não passavam de uma comédia de ébrio. Na realidade não lhe ocorria nem lhe passava pela cabeça que Prisco fosse feliz ou deixasse de sê-lo. Uma outra intenção, um outro propósito havia nela, embora eu não o pudesse, de pronto descobrir. Todavia eu já não a temia. Naquele momento sentia, a- penas piedade e um sentimento desconfortante em face de sua miserabi- lidade. Mas não a temia mais.

Não sei o que foi que meu rosto deixou transparecer pois uma onda de ira crispou-lhe a face.

— És uma miserável vagabunda, uma qualquer da sarjeta, uma... uma...

Ela chorava ao dizer isso e compunha as dolorosas atitudes e esgares das pessoas alcoolizadas. Ficou a gaguejar, a mastigar outra frase, perdida num lusco fusco de inconsciência. Entretanto eu ainda não tivera a prova do que a trouxera. Certamente aquela chicotada não era suficiente, Otávia ia necessitar de algo mais para encher a taça terrível do seu orgulho.

, — ... sair do triclinio de sua gente para se ir espojar na sarjeta... só na sarjeta fala-se tanto em sofrimento, em dor alheia... Sofrimento... dor, são termos inferiores... Foram frases que ouvi fragmentariamente, entre gritos e trágicas momices.

O que disse em seguida foi mais claro, fez mais sentido para mim:

— Não está, ausentou-se! Saiu, não sabemos para onde! Não está no momento! Onde está ele? Descubram onde se encontra ele! Voltem a procurá-lo! Oh! Por todos os deuses infernais! Já sei, saiu, está ausente! Não te esqueças de que sou livre, ele diz! Não te esqueças! Como vim de Roma para Sebastes?

Otávia soltou um rugido que me fez estremecer e gritou alucinadamente:

— Oh! Deixai-me entrar na jaula dos tigres! Deixai-me!

Eu estremeci violentamente ante aquela explosão terrível. Otávia, como que sufocada rasgou e fez soltar, histericamente os panos e enfeites de seu decote. Depois caiu para a frente, sobre o pescoço do cavalo e ficou hirta e muda.

Fiquei a olhar seus cabelos soltos, sua cabeça pendida, sem saber o que fazer.

Não se tinha erguido ainda quando ouvi-a dizer, baixinho, repisando bem as palavras:

— Ele merece, ele merece... Eu lhe darei o que quer! É fácil. Eu te ajudarei, a ti e a ele, a construirdes o vosso inferno... Queres partir e não podes... É divertido ajudar. Tu o castigas, castigamo-lo juntas! Ao pulha...

Eu não dizia nada. Esperava que os vapores do álcool se desanuviassem a fim de que ela pudesse

partir. Eu sabia que um desconhecido perigo pairava sobre minha cabeça, tinha a aguda intuição das armadilhas do seu ódio profundo, mas ainda assim permaneci firme e alerta, sem me descuidar da mão sorradeira que empunhava o chicote.

— Os deuses erraram... os deuses erraram...

Otávia ergueu a cabeça e tive a impressão que se recompuzera. O relampejar insano de seus olhos desaparecera. Olhou para mim silenciosa, quase normalmente e disse com uma naturalidade que me encheu de espanto:

— Nunca foi um rapaz atrevido, sabes? Eu lhe disse muitas vezes: Os deuses erraram, nascemos em sexos contrários, eu deveria ser o homem. .. Crescemos juntos e eu o atazanava: Os deuses erraram! Sempre foi belo... como uma estátua. Não havia mulher que não se voltasse, para a criança, para o menino, para o homem feito! Paravam para vê-lo e ele parecia não notar, não se importava. Mas eu me importava e notava. Eu o espicaçava: "Vês como olharam para ti?" "Que me importa", ele dizia aborrecido, com um ar distante e enfadado. Eu me alegrava. Antes assim. Ele deveria ser meu. "Ele será meu", eu dizia a mim mesma. Mas desde menino já era um velho. Eu lhe dizia: "Vamos, deixa de bobagem, aproveitemos! Todos se divertem..Tomava-o pela mão e tentava forçá-lo. Porém ele fugia, "Ê manha, quer se fazer de rogado, diziam os homens" ..

"É belo, como um deus de mármore moreno, diziam as mulheres. Eu, entretanto, sabia que ele era triste. Por que? Por que seus pais morreram sob o solário? Não, ele seria triste de qualquer modo. "Não adianta", eu dizia a mim mesma, "quereres dar-lhe alegria". Alegra-te tu. Oh! Mas eu não posso amar a ninguém, não posso! Não esta forma de alegria! Ela terá de vir, eu o arrastarei! Eu o obrigarei! Mas como dominá-lo? Ele luta pelas rédeas, depois espaca-se. Leva-o o mar... levam-no os vaies, as montanhas, as noites, os dias. Podemos amar alguém e depois odiar? Depois tornar a amar e odiar ainda? Já enfiaste um alfinete na carne e o deixaste aí, a doer, a doer? Um dia corremos os dois, em nossos cavalos, na praia da enseada. Ele me ultrapassou mas eu o alcancei e investi sobre ele. Chicoteei-o. Estava furiosa. Todas as fúrias estavam em meu braço, dobrando-me as forças. Goipeei-o, a ele e ao cavalo. Estávamos sobre os penedos; desgovernados rolamos sobre as rochas, as ondas nos tragaram. Safamo-nos, mas aos cavalos, nunca mais os vimos. Prisco estava ferido, uma ferida longa e fina, da orelha ao pescoço. Viste a cicatriz? Eu ria enquanto nadávamos para a praia e lhe dizia: Marquei-te! Marquei-te. Agora tu tens o selo de minha ira.

Eu olhava muda e fascinada para Otávia e ela continuou:

— O sangue corria abundantemente e listrava-o de rubro. Pôs um olhar fixo e terrificante nas altas ondas em que tinham desaparecido os animais e então as lágrimas lavaram-lhe o rosto. Mas não olhou para mim, deu-me as costas. Ninguém pode dominá-lo. Tu pudeste? Será? Não há ninguém assim tão independente nem com tanta e tão obstinada coragem. Muitas vezes, no seu frágil barco, punha-se ao mar, embora a tempestade rugisse e as ondas se fizessem tão altas quanto uma casa. Desaparecia. "Morreu", diziam! "Não morreu!" eu gritava, "o pequeno leão não morre! Ele regressava mudo, encharcado, muitas vezes ferido. E quando retornava ao mar eu lhe pedia que me levasse, implorava, rolava pela areia entre gritos, feria-o com as unhas. Ele não dizia nada, olhava-me com seus olhos escuros e tristonhos, empurrava agilmente o barco e desaparecia batido pelo vento, os cabelos esvoaçando como algas negras, entre os arrecifes bordados de espuma. Eu gritava e o ameaçava, porém apenas as gaivotas respondiam-me tatalando suas asas. Eu tomava minha besta e franspassava-as com minhas setas, calava as com a morte. E assim passamos os anos de nossa infância. Fiz-me bonita, todos diziam que eu era bela. "Sou bela?" perguntava-lhe. Ele não respondia. E então eu permitia que outros jovens, muito jovens se aproximassem. Ele, entretanto, não se importava com coisa alguma, nem com ninguém. Veio para Sebastes, tu acertaste com o *filtro*. Fizeste-o beber, subjugaste-o. Digo que és uma feiticeira! Será fácil acabar contigo. Se és uma feiticeira!

Otávia se interrompeu com uma feroz expressão no rosto:

— *Só tu* **6** subjugaste.

— Não, não o subjuguei! Estais *doente*, deveis ir-vos embora...

Por favor, ide-vos!

Outra vez me pegou desprevenida e me atingiu brutalmente, mas a grossa manta protegeu-me, atenuando o golpe.

— Tu o subjugaste, tu o subjugaste, mas eu o libertarei. Verás como eu o libertarei.

Essa ameaça encheu-me de terror:

— Não, eu implorei, não...

— Sim! Tu verás!

— Ide-vos, ide-vos!

— Não servirias para ocupar o lugar da última de minhas escravas! Rir-se-iam de ti, embora capadócia! Queria ver o papel que farias entre os de sua raça; gostaria de ver o triste papel que tu farias. Gostaria de saber o que ele pensaria ao ver-te longe de teu curral, gostaria de vê-lo quando estivesses entre os meus amigos, no triclinio, e tu cheirando a cabra!

— Ide-vos, ide-vos embora! Eu implorava.

Outra vez ela me castigou com seu rebenque e enquanto isso gritava:

— Como ousas mandar-me, pequena prostituta? Como ousas? E depois o que mais? Irás correndo para os braços dele, contar que **te gritei** na cara as verdades que precisavas ouvir? Irás correndo delatar-me? **Irás?**

— Não sei onde se encontra, como poderei falar-lhe? Mil **vezes** tenho dito: nada existe entre nós!

Ela fez um tal movimento sobre a cela que, apenas por um triz, não foi parar ao chão.

— Eu te contei tantas coisas, não te contei? Perguntou-me com um esgar. Por que não me contas outras tantas?

Achei desnecessário responder. Ela mergulhou no seu vórtice íntimo e regressou num daqueles breves solilóquios:

— Avia, ele me chamava quando éramos pequenos. Um dia estávamos no jardim das rosas, ele colheu uma delas, quase doirada, e m'a deu. Mas a rosa tinha espinhos. Eu o feri com ela. Ele gritou e gotas muito rubras minaram da palma de sua mão. Eu posso ferí-lo, é estranho! E ele está sempre perto, ao alcance, quando quero ferí-lo.

Tentei outra vez dissuadí-la de tudo aquilo. Era como lutar contra alguém que já morreu; eu lhe disse, porém ela não fazia caso e ria-se.

— Não, não quero saber de nada, dizia, e balançava a cabeça, sempre rindo. Curvou-se e chegou seu rosto até bem perto de meu. Senti-lhe o bafio avinhado e por um instante fui acometida por náuseas.

— Digo-te que não adiantai — Ela sibilou. — Ainda **que eu** morra não me vencerás!

Estremeci considerando a profunda ameaça que residia por detrás daquelas palavras aparentemente inconscientes. E o efeito delas sobre mim fez com que eu recuasse um passo entontecida e respirasse fundo, para me livrar de seu hálito queimante e embriagador.

— Tens, porém, uma oportunidade de salvação. Uma oportunidade de salvação para ti e para ele, disse obrigando o cavalo a se aproximar mais e mais, até que eu fiquei prisioneira entre ela e o rochedo.

Eu experimentava uma estranha sensação de inconsciência, de torpor, a náusea contida me fazia sentir que desmaiava.

Ela falava junto ao meu rosto e seus olhos estavam tão próximos que me pareciam um só, a dardejarem um fluido nefasto ante o qual minhas defesas se desvaneciam:

— Há um meio. Vês isto?

Ela acionou uma pequena mola oculta ao lado de uma pequena áspide de ouro que lhe cercava um

dos dedos. A pequena cabeça de luzentes olhos verdes se bipartiu. Havia um' pequenino escrínio ali e, dentro dele, inocente e fosco como um minúsculo ovo de passarinho, uma espécie de conta amarfinada. Otávia colheu-a entre as unhas.

— Toma-a e ele se salvará. Não sentirás nada. Basta que quebres entre os dentes a casca delicada. É tão fácil... Não sentirás nada... apenas sonol Se o amas serás capaz...

Eu me esforçava por respirar e arfava.

— Por que tens medo? Não és feliz? És? De que te adiantará uns dias a mais, uns miseráveis dias em que apenas ve-lo-ás sofrer e morrer?

Fiz que não, balançando a cabeça e essa fraca negativa febricitou-a:

— Ah! Sim, já comesas a compreender. Vês o quanto podes fazer por ele. Devolvè-lo à vida. Vamos, abre a boca, eu te ajudarei...

Meus lábios tremiam, eu fui abrindo a boca de pouco em pouco, e, diante de meus olhos, avançando, com a pequenina esfera entre as unhas polidas, a mão de Otávia crescia... Ela falava e aquele vapor cálido era como uma névoa através da qual as chispas dos seus olhos desmesuradamente abertos e próximos pareciam crepitar em pequeninas labaredas cor-de-sangue.

— Nem a mais leve dor... nem nada...

Vive-se por amor, eu pensava em relâmpagos, morre-se por amor. Sim, era fácil... Agora o nevoeiro era mais denso e a claridade do dia se fazia trevas. Sensações como o gosto das lágrimas em minha boca entreaberta ou o solo fugindo sob meus pés, se faziam mais e mais remotas e, entre as sombras, o sussurro envolvente e amigo assegurava:

— E depois... mais nada...

E então vi: o rosto cadavérico de Otávia e, em derredor dela, volitando, estranhos e diabólicos pássaros, sombrias criaturas em esgares de loucura, a gesticular, a apontar e murmurar em torvelinho, aos seus ouvidos. E os obscuros seres nos diziam, a mim e a ela, as mesmas frases de fuga:

— E depois, mais nada... E depois, mais nada...

E afogueava-nos com seus hálitos imundos e pestilentos, num vórtice que mais e mais nos carreava para o seu centro de treva. Nós nos entregávamos, Otávia e eu. Quis reagir, lutar, mas não pude. Infundáveis fios, como emaranhada e tenebrosa teia, nos envolvia a ambas. E, assim, a pequenina esfera estava suspensa, inexorável, sobre minha boca. Minhas pálpebras penderam, pesadas como chumbo, a sutil conta do mal tocou-me os lábios e foi ai que ouvi, através das vozes que argumentavam e da espessa névoa, um som conhecido, o ladrado alarmado de Coronna.

Abrí os olhos, o quadro se modificara. Poucos passos além de nós estava Adastro e, a seus pés, arrepiada e agressiva, a rosnar mostrando as presas, o fiel animal. Uma branda claridade iridescente parecia envolver a figura do ancião. Os escuros seres se agitaram incomodados e a tecer sua rede tornada impotente e vã, zumbiam como abelhas inquietas. Eu cuspi a conta envenenada. Depois não sei o que se passou **1**

Lambendo-me o rosto, Coronna trouxe-me de volta à consciência. Abri os olhos: estava a sós. No silêncio da estepe apenas a água cantava a sua voz mansa e doce. As visões se tinham apagado. Mesmo a visão benfazeja se apagara. Eu sonhara? Não, pois que Coronna estava ali. Não sabia quanto tempo se passara, não muito pois a sombra do penedo pouco se modificara.

Ergui-me, alcei a bilha e voltei para casa.

CAPITULO — XXI

A Primavera chegou finalmente, porém ao se despedir o Inverno, assopraram os ventos hostis em meio aos quais o terrível Natus que, segundo a crença popular, nascia no Tifeo e ao qual era preciso, à noite, sacrificar gaios e carneiros negros.

Assim que os primeiros talos verdes surgissem eu voltaria ao pastoreio, libertando os animais já fartos da longa prisão e do estreito recinto onde corcoveavam e davam-se marradas.

Numa clara manhã, com o vento assobiando em derredor de mim eu trocava a água dos animais, já no redil exterior, quando ouvi um alarido de vozes em frente à casa. Não podia ver quem chegava porém foi fácil, mesmo através da ventania, reconhecer as vozes de muitos de nossos amigos, entre os quais Eunóico e Nícalo. Entraram, mas como eu voltava à gruta, pude ouvir o que falavam.

— Mais do que certeza. — Nícalo dizia. — Leôncio viu-o e ouviu-o em Porserna. Prepara-se para alcançar Antióquia e descerá o rio até Sebastes. Será pura loucura perder tal oportunidade!

— Melhor será mandar alguém ao seu encontro, num porto qualquer, fio acima. Depois o acompanhará até aqui.

— Angio e Cândido poderão se encarregar disso. Ainda que não possam vê-lo pessoalmente, instruirão nossos companheiros de Torus e Lucus para que nos avisem com tempo de esperá-lo.

— Leôncio conta que foge às manifestações. Não deseja tão pouco que se altere o ritmo dos trabalhos comuns.

— O que é justo e compatível com a idéia que dele fazemos. Mas a questão é esta: Méliton recusará recebê-lo na igreja.

Houve uma pausa até que Cirilo disse com vivacidade:

— Não, não receberá, está claro que não. Entretanto...

Houve uma pequena confusão de vozes e logo depois a voz de meu irmão explicando:

— Mas, se trata de um homem acostumado a disciplinas severas! Não lhe será desagradável hospedar-se nas ruínas...

As ruínas estavam limpas e agradáveis. Quem iria hospedar-se nelas? A idéia vingou, pois um outro pequeno tumulto se estabeleceu. Mas, desta vez tinha o calor inequívoco dos aplausos. Uma das vozes alvitrou que estavam no momento asado para a sessão inauguratória. E daria tanto certo porque "ele" estaria conosco por aqueles dias. Eu ainda não pudera saber do que ou de quem falavam.

— ... da segunda vez avisarei a todos!... isso e porque tratarei de trazer Leôncio comigo. Veio para ficar!

Era pois um novo elemento a chegar. Mas, por que motivo causava tanta excitação? Subí a escada e entrei na cozinha. Meu irmão correu ao meu encontro:

— Sabes quem está para chegar? perguntou-me com euforia.

— Leôncio, respondi.

LEÔNCIO

Era no fim do Outono e, por isso, a noite estava intensamente fria. Os homens se juntaram diante da casa senhorial envolta na névoa. Os grupos estariam invisíveis na névoa e no escuro intenso da noite não fosse as taedas que dois deles seguravam mais ou menos ao nível de suas cabeças, de modo que seus rostos podiam ser reconhecidos.

Lá dentro o velho amo estava morto e sendo velado. Eles esperam o novo que foi mandado chamar. Este riouo senhor é o assunto das conversas dos homens e Leôncio fica atentamente a ouvi-los. Um dos homens diz que o filho do amo tinha idade e altura de Leôncio, quando se fora embora. Não houvera propriamente um atrito, apenas, como diziam, o pássaro fortalecera as asas e voara. Isso porque a casa senhorial configurava uma jaula e todos eles eram, de certa forma condenados.

Agora tratava-se de saber se o regime da prisão ia se tornar mais ou menos suportável. Por esse motivo os homens mais velhos tossiam nervosamente, na expectativa da chegada do novo amo.

O frio se fazia mais e mais intenso, porém era impossível se recolherem. Não apenas pelo dever de esperar, porém também pela incerteza. Não era bom levar a incerteza para o travesseiro, pois se transformaria numa noite de insônia. Assim, até os mais velhos permaneciam, firmes, mesmo porque, por seguro, era melhor dar ao senhor a prova de uma consideração que, muito provavelmente

se deveria tornar em subserviência.

A espera já se torna insuportável quando o tropel dos cavalos se faz ouvir. As taedas são levantadas alto, a fim de que o rosto do recém vindo possa ser bem visto. E ei-lo finalmente. É um homem no qual a mocidade já fenece, de cabelos grisalhos e rosto anuviado pelo cansaço. Diante dos servidores, entretanto, tem uma saudação inesperada, que os põe mudos de surpresa:

— A paz seja convoscol — É o que diz.

Leôncio gosta de lembrar esta noite outoniça que dera inicio a tão grandes modificações em sua vida. Nos dias que se tinham seguido o novo amo quisera conhecer os escravos e assalariados da casa, um a um. Depois disso criara um novo hábito: reunia-se a eles no grande átrio, a principio para conversar sobre os problemas da propriedade, consultando e trocando idéias com o despenseiro, a cozinheira, os homens das lavouras e os pêões. Os escravos eram chamados a opinar com brandura e consideração. Isso até o dia em que os libertara a todos.

— Um homem não tem o direito c/ e escravisar outrodjpmem! — Dissera. v í

Mas já aqui a situação se modificara tanto que nenhum deles o a- bandonou.

Numa dessas noites, no átrio maior, o amo falou-lhes de Jesus. Uma grande estrela calra, riscando de azul o negro espaço entre agudos ciprestes. Como quem estivesse placidamente â espera de um pretexto, o amo falara-lhe sobre a cena bucólica do nascimento do estranho rei que desdenhara as púrpuras do mundò. Os ouvintes se enlearam nas malhas da cativante história que prosseguira, noite após noite. O amo era um pintor de palavras. As pessoas e circunstâncias surgiam vivas e irresistíveis de seus gestos, de sua voz, do reluzir de seus olhos.

A alma de Leôncio era um pergaminho em branco onde o prodigioso roteiro, de pouco em pouco, se traçava. Dos acontecimentos da Judéia distante transcendiam deveres e responsabilidades, expectativas novas para cada criatura em si mesma ou em relação com as outras. E havia emocionadas promessas, visões que deslumbravam a alma do adolescente.

O novo amo era também um homem paciente. Deixou que o tempo corresse sossegadamente e só quando sentira no jovem servidor as raízes já robustas e aprofundadas de uma nova atitude, de um novo comportamento, anunciou-lhe sua intenção de mandá-lo a Roma para os estudos necessários ao aprimoramento de sua sensível inteligência. Leôncio concordaria?

E no dia em que partira o "novo senhor", que assim prosseguiria sendo chamado mesmo já dobrado pelos anos, como uma significação, talvez, da nova vida que trouxera a todos, dissera-lhe:

— A palavra de Jesus seja como um selo sobre tua fronte e sobre teu coração...

Leôncio gosta de lembrar isso com o prazer com que alguns degustam, lentamente, o mais saboroso vinho.

Cirilo se confundiu:

— Sim, Leôncio, porém não apenas ele... Arrius!

Pronunciou o nome de Arrius e ficou a me olhar, esperando pela reação que eu pudesse ter.

— Mas ó excelente! — Comentei.

— Muito mais do que isso! Os outros gritaram. É alguma coisa com a qual nunca sonhamos na vida.

— Providenciaremos para que fique hospedado nas ruínas.

— Com ele inauguraremos nossa sede de trabalhos!

— Ouviremos, diretamente, sua palavra!

Frases como estas chooveram em torno de mim. Em outros tempos eu teria me posto a falar com eles, acumulando exclamações. Mas andava com o raciocínio lento e confuso, como se tivesse dormido um longo e pesado sono e não tivesse despertado.

Foram-se embora e ficaram de voltar mais tarde, comtas outros, antes da noite cair. Não vi quando regressaram e perdi toda uma parte das combinações que fizeram. Naquela tarde,

desgovernado pelo vento um Oarco encalhara num banco de areia, à altura da nora. Vovô e Eliano foram ajudar a desprendê-lo. O vento assoprava furiosamente porém mesmo assim fui com eles. Assentei-me junto à nora e fiquei a acompanhar o árduo trabalho. Puxavam contra a corrente, usando os grossos cordoames; e a água amarela crescia e espumava em torno deles. A noite caía quando conseguiram embicar o barco para o canal.

Quando entrei na casa o grupo já se amontoava na sala e Filoctemo veio ao meu encontro:

- Não sabes da melhor! Com a notícia da vinda de Arrius, Nícalo trouxe-me um novo élo.
- LeÔncio?
- Sim, Leôncio. Venha conhecê-lo.

Fui. LeÔncio era possuidor de cultura. Viera a Sebaestes substituir um velho *grammateus* recentemente falecido, na mesma função. Por esse termo entendia-se, naquele tempo, uma espécie de escrivão que, ao curso da *anacris*, ou instrução, no começo das sessões do tribunal, lia as peças redigidas.

Sua rápida ascensão, apesar de sua juventude, devia-se também ao fato de, como depois viríamos a saber, ser um hábil estenógrafo, um perfeito conhecedor das *notae ironianae*, sinais utilizados para recolher os discursos dos oradores. Era um procedimento complicado, supondo um esforço imenso de memória, já que o número de sinais se elevava a alguns milhares. ^

Leôncio ouvira Arrius nas pregações de Porsena. Na companhia de seu fiel amigo Euzoio, dirigia-se a Antióquia. O objetivo da viagem era, 'entretanto, alcançar Cesareia, a cidade de Eusébio. Leôncio nos contou, por tê-lo ouvido de fonte insuspeita, o episódio havido entre Arrius e Alexandre, em Alexandria, quando fora refutada, corajosamente a trindade de pessoas.

— Ouvi-o de Euzoio em pessoa. — disse o recém-vindo com segurança. — Tudo se passou assim: Arrius era o presbítero de uma das *eccle- sias* de Alexandria. Um dia, no Inverno do ano que se passara, ouvira o patriarca Alexandre expor, numa conferência, o mistério da Trindade...

Fizera-se silêncio na sala e, um pouco alheia, eu podia ouvir o leve arfar das respirações.

— Alexandre ensinava que as três pessoas divinas eram entre elas perfeitamente unidas e iguais. Então o presbítero se levantou energicamente contra essa doutrina que lhe parecia inoportuna. Sustentar aquela igualdade perfeita era, disse, reproduzir os erros de Sabelius que não quisera ver nessas diferentes pessoas senão nomes diversos e atributos especiais do mesmo ser. Igualá-los a esse ponto era confundí-los. Depois expos este raciocínio: Se o Pai engendrou o Filho, aquele que engendrou existe antes do engendrado. Assim, houve um tempo em que o Filho não existia, Alexandre reprovava asperamente a Arrius, acusando-o, por sua vez, de reproduzir a doutrina de Paulo de Samosata, condenado pelo Concílio de Antióquia, 50 anos antes.

— A reunião terminou com grande escândalo. Mas o argumento de Arrius pareceu irretorquível a muita gente e a notícia começou a correr rapidamente. Alexandre, aborrecido com o progresso do adversário...

— ... e excitado pelo zelo de seu secretário privado, Atanásio!

— Sim, Alexandre creu dever submeter o assunto a um concílio.

Soubemos então que, com certeza, já se trabalhava para um novo Concílio.

— Onde se realizará?

— Não se sabe ainda. Convocaram-se os bispos da Líbia, do Egito, de Pentápoles. E, recentemente Alexandre declarara anátema à pessoa e à doutrina de Arrius. Mas a medida serve apenas para alimentar o incêndio.

Arrius estava levando sua profissão de fé aos bispos circunvizinhos, desejoso de discutir com eles pois, como dizia, necessitava ser esclarecido se estava em erro. Todavia, se julgassem que não estava em erro, rogava que o protegessem. Assim, já fora à Bitínia e Nizal Passaria por Nazianze, Tiane e, finalmente, depois de Antióquia e Cesareia, à Palestina. E por toda parte pregava com tanto

sucesso que ganhava importantes adesões.

Leôncio repetiu-nos a frase com que Arrius terminava sua pregação em Porsena:

— ... e o Pai é incompreensível e invisível mesmo para o Filho» DOIS que o que começou não pode conhecer o eterno.

Era o que pensávamos! Naquela noite li a cópia que Leôncio fizera de uma carta dirigida ainda recentemente por Arrius a Alexandre, na qual reafirmava serenamente seus pontos-de-vista, e da qual um certo trecho me ficou gravado na memória e posso, mais ou menos, repetir:

... "Nós reconhecemos um único Deus, único não engedrado, único eterno e sem princípio, único verdadeiro, imortal, sábio, bom poderoso, juiz de tudo, que conduz e governa tudo, o Deus da Lei, dos Profetas do Novo Testamento, que engendrou o filho antes dos tempos e dos séculos terrestres, pois que ele fez os séculos e as criaturas. Deu o seu ser por sua própria vontade. Esse Filho é a criatura perfeita de Deus, mas não como as outras criaturas. Ele não "havia" ao mesmo tempo que o Pai, como querem afirmar, introduzindo dois princípios não engendrados."

Lembro-me do sorriso melancólico de Filoctemo, do seu silêncio naquela noite, em meio aos vivazes comentários dos outros. Para ele pouco importavam as pequenas vitórias que se acendessem aqui e ali. Nos alicerces, firme e seguramente, aquilo que não desejávamos progredia, firmava-se, e já erguia a cabeça.

Ainda pelo recém-vindo, ouvimos, naquele mesmo serão, que, em cidades diferentes, as igrejas cristãs mudavam-se para os templos pagãos. Os nichos nos altares estavam sendo usados. Em certa parte fizeram-se estátuas de cera em que mártires e apóstolos eram representados. Lembro-me de que corei ao ouvir isto. Os Interiores de todos os templos que já vira sarabandearam em minha imaginação! Lembro-me também da incômoda sensação de insegurança e vazio, como se me faltassem as escoras insuspeitadas nas quais baseava a arquitetura de minha fortaleza. Eu não ia poder ficar nem do lado de dentro nem do lado de fora. Encontraria dentro de mim mesma o necessário em que me abrigar?

Ouvi que marcavam para dali a dois dias uma nova visita às prisões . Percebi então, com uma espécie de dor física, a passagem do tempo numa forma diferente. Não estações ou meses, mas as parcelas pequeninas, famélicas e ferozes dos dias e das noites que me separavam de Prisco. O tempo era meu, fora-me dado, porém os dias e as noites, como in- percebidos e silenciosos vermes destruidores trabalhavam ansiosamente ém torno de mim, devorando-me a mocidade. E eu era inócua ante eles. Quis calcular o tempo que me separava do repugnante episódio na casa do procurador e não fui capaz. Sabia apenas que ó Inverno agonizava e que já era possível reconhecer os primeiros estremecimentos da Primavera nas encostas do rio. Eu estivera a deambular pela casa e em derredor dela como uma sonâmbula. Nesse torpor aceitara que Prisco não viesse, que não fizesse um único esforço para permitir que me explicasse. A muralha do seu orgulho frio e surdo nos separava cada vez mais. Pouco importava os meus mudos desesperos, a minha vergonha, pouco importava que eu vivesse ou morresse, entre amargas visões.

Foi dividindo-me entre os meus pensamentos e o que se passava na sala que ouvi esta frase:

- Duvidoso porque Prisco, o romano, já não estará presente.
- Como não estará presente? Cirilo indagou apreensivo.
- Esmaragdo não lhes contou? Foi ontem, ontem à noite...
- Esmaragdo não esteve aqui, não vemos Esmaragdo desde a última reunião.

Eu ouvia rígida como uma estátua de pedra aquelas frases vagas e torturantes que se sucediam.

- Flecharam-no em pleno peito, na praça dos banhos.

Houve um silêncio em que a sala desapareceu devorada por uma nuvem cor-de-cinza, ante meus olhos. Depois Nícalo murmurou sufocado:

- Deus do céu
- Não sabias?

Era a voz ansiosa de nossa mãe.

— Não, não sabia. E Jântio, onde está?

— Jântio não apareceu ainda.

— Mas como soubeste?

A pergunta era dirigida a Nícalo.

— Estive de serviço à noite. Em seguida rumei para cá! Mas, como foi, como sucedeu isso?

— Vai ser difícil saber. Frustram-se as investigações. De muitos pontos poderia ser atingido mas em todos esses pontos não se encontrou viva alma. Ninguém viu nada, ninguém sabe de nada.

— Mas é horrível! — Lamentou-se mamãe. Foi bom para conosco, o pobre rapaz! É horrível...

— Levava a biga com moderação e foi o que o salvou. Caiu para a frente, mesmo no espaço entre as rodas...

Eu não disse uma só palavra. Tinha a impressão de que minha respiração morrera em meu peito. Não sei tão pouco o que foi dito em seguida. Debruçei-me sobre um morno e acolhedor vazio em que minhas dores milagrosamente se apagaram. Devo ter passado por um leve desmaio no meu canto despercebido. Tornei a mim com um toque em meu braço. Abri os olhos e o plácido olhar de João cruzou com o meu.

— Tentaremos vê-lo. Gostarias de nos acompanhar?

Balancei a cabeça afirmativamente e depois disse*

— Ele agoniza, não é isso?

João não respondeu diretamente à minha pergunta, mas disse em seguida baixinho.

— Gostarias de vê-lo ainda vivo?

— Sim! Tenho motivos de sobra para dizer que sim.

— Ainda hoje o verás, prometo-te...

Guardo confusamente a lembrança de quanto se passou em seguida. Filoctemo julgava um dever de gratidão ir obter notícias do ferido. Nícalo tentaria remover as dificuldades. Ouvi mamãe a lamentar outra vez o pobre rapaz, tão belo, apesar de altivo, e tão distante do seu lar. Apoiei-me à parede e levantei-me. Meus olhos corriam de João para* Filoctemo e depois para ela. Fiz esse movimento centenas de vezes, fixa e automaticamente. Eu tinha alguma coisa de duro e pesado dentro de mim, a própria ansiedade que me dominava era arrastada e brutal. O peso foi demasiado, minhas pernas fraquejaram, tive de me assentar outra vez.

Há quantos anos começou esse diálogo entre eles? Perguntava a mim mesma. Mamãe se aproximou. Seus lábios se moviam, agitavam-se mas agora eu já não ouvia os sons articulados. Ela esperou um momento, eu não respondi. Depois Filoctemo aproximou-se. Reuni todos os meus esforços em meus ouvidos de pedra e ouvi o que ele dizia:

— Serias capaz?

—Capaz de que?

— De ir conosco. Conheces o suficiente para fazer alguma coisa. Queres ir?

Nícalo estava agora à minha frente. Mamãe perguntou:

— Tens certeza de que estará em separado? Longe dos outros?

Sim, Nícalo tinha certeza, os alojamentos nos *iunores* eram independentes na *castra*.

— Sim, eu irei! — Respondi.

Éramos quatro a sair. João subiu à garupa do cavalo de Nícalo, eu me assentei às costas de Filoctemo. Mamãe desceu a escada a correr com sua caixa de unguentos e plantas à qual João se agarrou com um dos braços. Enquanto galopávamos pelas trilhas, demandando à porta Dilátia, eu pensava no incrível que acabara de suceder, na adesão absolutamente insensata de mamãe àquela idéia louca, na convivência dos outros, de João, do próprio Filoctemo. Enchi-me de desânimo, porém mesmo assim deixei que os cavalos prosseguissem na corrida. Embora não pudesse compreender, a

situação começou a fazer sentido quando estávamos para abandonar o carreiro para entrar na estrada. Encontramos Jântio. Vinha a pé. Estava ainda claro bastante para que nos reconhecesse e, assim, já de longe acenava para que parássemos.

— Para onde vão? — Perguntou-nos com agitação em meio à nuvem de pó que os animais levantaram ao estacar.

Foi Nicalo quem respondeu:

— Prisco. Não soubeste o que se passou?

^f — Sim, simi

— Vamos vê-lo. Sabes deie? Como está?

Jântio apontou a porta guardada da muralha, extremamente pálido:

— Vais uar agora a tua palavra de que não atravessarás aquela porta. Pelo menos nas próximas horas.

— Mas, por que? O que foi que houve?

— Faze meia volta, e tu também Filoctemo. Eu os encontrarei no pequeno vale.

Não nos disse mais nada e meus amigos o obedeceram. Esperamo-lo no pequeno vale, mas Jântio não apareceu. Por várias vezes Nicalo subiu ao câmore e perscrutou os carreiros, o terreno, sem vê-lo.

— Jântio desapareceu nos carreiros na única direção por onde poderia desaparecer: pelos lados do rio... — Disse Filoctemo.

Voltamos para casa em silêncio. Apelamos dos animais e nos assentamos nos degraus da entrada pois o culto já havia começado lá dentro e ficamos em silêncio a olhar as colinas.

— Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça. Paulo, Epistola aos Romanos, capítulo **12**, versículo **20**.

"É melhor que estejas aqui, assentada nos degraus de tua casa", eu disse a mim mesma. "Vivo ou morto, é melhor que estejas aqui". O vento mudou a sua direção, assoprou contra nós e arriou-me o manto da cabeça para os ombros.

— Um homem, geralmente, quando decidido ao serviço do bem, encontra fileiras de adversários gratuitos, por onde passe, qual ocorre à claridade, invariavelmente assediada pelo antagonismo das sombras.

Às vezes, porém, seja por equívocos do passado ou por incompreensões do presente, é defrontado por inimigos mais fortes, que se transformam em ameaças constantes à sua tranqüilidade.

Contar com inimigos desse jaez é padecer dolorosa enfermidade no intimo, quando a criatura ainda não se afeiçoou às experiências vivas do Evangelho. Quase sempre o aprendiz de boa vontade desenvolve o máximo das próprias forças a favor da reconciliação; no entanto, o mais amplo esforço parece baldado. A impenetrabilidade caracteriza o coração do outro e os melhores gestos de amor passam por ele despercebidos. Contra essa situação, todavia, o Livro Divino oferece receita salutar. Não convém agravar atritos, desenvolver discussões e muito menos desfazer-se a criatura bem intencionada em gestos bajulatórios. Espere-se peia oportunidade de manifestar o bem. Desde o minuto em que o ofendido esquece a dissensão e volta ao amor, o serviço de Jesus é reatado; entretanto, a visão do ofensor é mais tardia, e em muitas ocasiões, somente compreende a nova luz quando esta se lhe converte em vantagem pessoal.

Um discípulo sincero de Cristo liberta-se facilmente dos laços inferiores, mas o antagonista de ontem pode persistir muito tempo no endurecimento do coração. Eis o motivo pelo qual dar-lhe tódo o bem, no momento oportuno, é amontoar o fogo renovador sobre a sua cabeça, curando-lhe o ódio, cheio de expressões infernais.

Sim, eu pensei, assim deve ser. Eu não me perturbarei. Mil vezes perturbei-me e mil vezes a palavra do Evangelho restituiu-me à calma. Deus sabe quantas vezes não cometerei os mesmos erros

de esquecimento, de pessimismo. Embora não seja conveniente, eu sou assim, serei assim até que o Evangelho endureça-me a fibra.

Estivesse Prisco morto ou estivesse vivo, eu necessitava descartar-me dos sentimentos supérfluos. Sim, eu disse a mim mesma, esta é uma boa idéia.

Jântio não veio aquela noite e mesmo depois que todos haviam partido e que as últimas esperanças de que aparecesse se tinham desfeito, eu me sentia calma. Mas enquanto auxiliava minha mãe a pôr em ordem os trastes da sala, o meu olhar, a todo instante incidia sobre a *narthex*, a caixa dos medicamentos. Deitei-me e tentei adormecer naquela faixa de pensamentos. Quem sabia lá que espécie de notícias chegariam... De qualquer forma eu necessitava governar-me. Adormeci e era muito tarde quando tornei a despertar. Uma canalização diferente do ar, dentro da casa, teria-me despertado. Havia uma porta ou uma janela aberta. Se a porta, necessariamente havia que ser a da frente. Entretanto essa eu mesma tinha fechado. Levantei-me e, com precaução, avancei pela casa. Meu coração pôs-se em disparada quando vi uma risca de luar projetada no solo. A porta estava aberta.

Recuei, ia gritar e chamar os outros, mas, por acaso apoiei-me no lugar em que deixara a *narthex* de mamãe. Não estava mais lá. Mamãe fora chamada e saíra sem que eu despertasse?

Fui ao seu quarto: Ciríio e vovô dormiam profundamente, poréfn Eliano não estava em seu catre. Mamãe, saíra pois, e não era a primeira vez que sucedia aquilo. Algum vizinho viera chamá-la e Eliano acompanhara-a. Encostei um tamborete à porta, voltei à cama e tornei a adormecer.

O dia transcorreu sem incidentes até a hora em que Ciríio e vovô regressaram, à *tarde*. Estavam alarmados. Um curtidor que costumava a- parecer pelas margens do rio, cortando plantas taninosas para seu preparo, çontara-me que o tribuno romano ferido, duas noites antes, desaparecera de seus alojamentos. O *procurador* ordenava buscas rigorosas em *cada* casa de Sebastes e de seus arredores.

Por gestos vovô quis explicar que o curtidor estava ébrio e eu, tentando ocultar minha surpresa, anuí:

— Como poderia desaparecer de seus alojamentos se estava, como foi dito, ferido mortalmente?

Mas Cirilo insistiu, falando alto, para que todos ouvissem:

— A ordem foi dada, para que revistassem cada quarto, de cada casa. Logo aconteceu alguma coisa. Verás que aparecerão por aqui.

Eu avançara muito, para recuar agora. Perguntei:

— E o homem contou-te o que se passou?

— Prisco estava acamado, delirante, sem que os médicos se animassem a arrancar a seta que se encravarara em seu peito. Uma porta comunica o cômodo com um pequeno pátio, aos fundos dos alojamentos. Tiraram-no ou ele ergueu-se e saiu por si, logo depois do escurecer.

— Logo depois de escurecer... logo depois de nos encontrarmos com Jântio. E Jântio sabia de alguma coisa.

— Raptaram-no. — Disse Cirilo. — Mas por que o raptaram? Quem correria o risco de fazer tal coisa? E por que?

— Quiseram matá-lo e não foram de todo bem sucedidos. Por que não tentariam completar a obra?

Eu fora a autora daquelas duas frases lentas e terríveis que fizeram com que meu irmão e vovô olhassem angustiados para mim. Eu insisti:

— Sim, por que não? Alguém que desejasse eliminá-lo de vez.

Vovô teve um gesto cansado, como a significar: "Aborrecimentos, mais aborrecimentos!", e nós entramos. O assunto ficou no ar, entre nós, no decorrer de todo o repasto, importuno e fatigante, até o momento em que Jântio chegou.

— Jântio e Filoctemo apenas têm o direito de falar-vos. — Disse mamãe mal o pintor puzera os pés na sala.

— Falar o que? — Cirilo indagou.

Eu tinha os nervos tensos e apertava as mãos contra o peito tentando abafar as batidas desordenadas de meu coração. Mamãe não conteve um sorriso malicioso:

— Vamos Jântio! — conta-lhes.

— Prisco está oculto nas ruínas! — Jântio disse.

Houve um lapso de silêncio depois do qual o comentário de Cirilo me pareceu completamente idiota:

— Mas Arrius não vai ser hospedado ali?

— E então? Há espaço de sobra. Nós o puzemos num dos cômodos interiores.

— E por que fizestes isso? — Perguntei com a voz trêmula, cansada já de fingir.

— Não fui eu só. Outros me auxiliaram. E eu te digo porque. Meia hora depois de socorrido, por acaso Esmaragdo notou que a coloração do unguento deixado pelo médico se modificava. Limpamos rapidamente o ferimento. Eu o examinei em seguida. Não há dúvidas, desejam liquidá-lo de vez. Veneno, possivelmente de serpente, fora acrescentando ao remédio.

— E como fizestes para tirá-lo?

— Saímos pela frente, à vista de todos. Ao cair da noite voltamos pela parte dos fundos. Prisco estava inconsciente e ninguém nos viu. Envolvemo-lo num lençol e o levamos. Escondemo-nos entre os juncos, à margem do rio, enquanto Esmaragdo voltava e dispunha de modo a entrar pela frente. A sorte ajudou-nos. Esmaragdo estava acompanhado por um outro soldado, ocasionalmente surgido, ao entrar no aposento e encontrá-lo vasio. Deram o alarme. Em seguida, aproveitamo-nos da súbita confusão colocamos Prisco no fundo de um bote e remamos rio acima. Filoctemo nos esperava nas ruínas. Esmaragdo regressou levando o bote de volta. Depois viemos em busca de tua mãe. Foi isso...

— O assunto deverá permanecer absolutamente secreto. Disse mamãe. — Privativo de nós apenas. Isso é importante. Corremos sério risco!

— É o que digo. — Fez Jântio.

Filoctemo entrou na sala:

— Asseguro-te a fidelidade do grupo. — Disse ele.

— Confio em teu parecer. Mas em que te baseias?

— Num sonho. Não queiras saber mais, ó complicado e longo.

Filoctemo voltou-se para mamãe e fez-lhe a pergunta que estava em meus lábios:

— E Prisco, como está?

— Com um pouco de sorte talvez escape desta. Gorgônio e Severiano revesam-se ao lado dele.

Ao ouvir isto assentei-me e cruzei as mãos sobre o colo. Fiquei ali a ouvi-los falar, muito quieta, um delicioso alívio no coração. Todo o perigo pelo qual passávamos e íamos passar, parecia-me, depois daquilo, uma deliciosa aventura.

Ouvi contarem como mamãe cuidara o ferimento e de como, com Filoctemo, tinha orado e imposto as mãos sobre o enfermo, muitas vezes ho dècorrèr da noite. Pela madrugada Prisco se vovera no leito e a flecha caíra sobre o lençol. Desprendera-se sozinha. E a hemorragia, que tanto receiavam e que seria mortal, fora evitada. Prisco ardia em febre alta, mas tinha uma oportunidade.

Eu me impacientava aguardando a chegada dos que vinham da cidade a fim de saber mais sobre o que se passava ali. Os recém-vindos nos contaram como as residências de fato iam sendo, de rua em rua, revistadas, por ordem do Procurador. Quando muito no dia seguinte estariam em nossa casa.

— Se chegarem à fortaleza, com facilidade retiraremos Prisco com o auxílio da balsa.

Oh! Como eu desejaria ir até lá! Levantei-me e saí para fora. Andei de um lado para o outro, tentando desgastar minhas ansiedades. Ouvei o som de passos na terra dura e seca. Nícalo viera ao meu encontro:

— Iremos até lá. Disse-me. — Mas esperemos que escureça um *pouco* mais. Os riscos estão centuplicados agora.

— Sim! — Balbuciei.

Ele se encostou em uma das grandes pedras, no contraforte da casa.

— ^ EstamoS mais aliviados, pois não?

— Certamente!

Eu não quis *magóá-lo*, *Se isso era possível*.

— Ele foi bom para conosco. — Completei.

— Sim! Filoctemo confia em Prisco. Também eu confio nele.

Pensei em quanto me parecia discutível a confiança de Filoctemo, toda baseada no aspecto profético de seu sonho. Prisco era um ser completamente distante de nós.

— Prisco é completamente distante de nós. — Eu disse alto. — Embora seja mas próximo de ti. Tu o conheces... É absurdo que possa participar de qualquer coisa com Filoctemo, Cirilo, João e os outros.

— A confiança de Filoctemo repousa em valores morais. Nisso somos todos iguais! — Havia um pouco de censura e agastamento na voz dele. Além do mais, é um pouco cedo nos pronunciarmos em definitivo.

Eu não me deixei intimidar.

— Não sou nem ao menos capaz de imaginar como receberá ele o auxílio que lhe oferecemos. Ele já sabe do que se passou?

— Não, não sabe, está com febre alta e ainda inconsciente.

Nícalo olhou-me firmemente e disse:

— Ele pode morrer ainda! ê bom que o saibas. Filoctemo e João já planejam o que fazer com seu corpo se isso vier a acontecer.

Eu não disse nada. Nícalo prosseguiu:

— Vô bem, até que exale o último suspiro pode se modificar. E se o fizer, não tenhas dúvida, estará sendo mais sincero do que eu, do que tu, do que qualquer um de nós.

Apertei-lhe a mão na minha:

— És um bom e generoso amigo! — Disse-lhe. — Alegra-me que sejas meu amigo também. Achas que poderíamos ir agora?

— Sim. Desce até ao rio. Entraremos pela passagem do aprisco.

Em pouco, enquanto Eliano e vovô permaneciam na casa, os demais reuniam-se a mim, à sombra dos rododendros. Mamãe nos acompanhava e deixou-me entre as mãos um pote ainda quente. Ela me disse baixinho:

— Faremos com que engula este caldo grosso. Não vencemos ainda.

Suspirou e depois teve um desabafo bem junto de mim:

— Eis-nos metidas em nova aventura! — Riu abafadamente, um pouco com bonomia, um pouco irônica também.

Avançávamos em silêncio entre os juncos, juníperos e rododendros, em cujas sombras confundiam-se os nossos mantos escuros. Ao chegarmos ao local nitidamente percebi o quanto fora feliz aquela idéia. Plantas selvagens, espinheiros, carpas, grandes blocos de pedra roladas das ruínas disfarçavam quase que completamente a passagem. Os reparos feitos na parede fronteira, onde fora adaptada uma porta, sabidamente mantinham a aparência de agreste abandono dos paredões.

Um sinal convencional foi batido na porta, esta se abriu e nós entramos. Pelo lado de dentro tinham recuperado um grande salão, duas celas e a espaçosa esplanada que limitada pelas arcadas,

terminava em forma de ancoradouro, nas águas profundas do rio. Esta esplanada, porque as muralhas laterais avançavam até às margens, ficava invisível e completamente isolada do exterior.

Limpo e cuidado, à luz das *taedas*, o local, apesar de rústico, parecia agradável e calmo. Lembrome do marulhar adormecedor da correnteza ecoando doce e cavamente entre as arcadas vazias e de quanto me pareceu solene e belo, à luz vermelha das tochas, o desfile real se alongando em dezenas de figuras esculpidas ao longo das paredes centrais.

A pessoa que nos abria a porta voltou-se para nós e eu pude vê-la à flamejante luz. Era um jovem desconhecido, de rosto anguloso e cabelos anelados caídos sobre a testa. Jântio apontou-o enquanto ele nos olhava tristemente, com circunspeção. Era Gorgônio.

GORGÔNIO

Gorgônio já conseguira uma grande intimidade com a velha. Ela o convidava à sua casa e punha-o assentado ao seu lado, perguntando-lhe de sua saúde, de como estavam as pessoas de sua casa, se o seu iogo, feito em pedaços, pudera ser concertado.

Gorgônio arquitetara arditosamente obter aquela amizade em meio a uma absurda crise emotiva: precisava a qualquer preço alcançar o prêmio. Gastara noites insone planejando, imaginando atitudes, frases, situações, cuidadosa e minuciosamente. Seu pai continuava encarcerado, mas quando fosse reclamar o prêmio, de conformidade com o édito poderia, em lugar da recompensa em dinheiro, adquirir a liberdade dele, ou, quando menos, o abrandamento da pena.

As autoridades punham empenho em descobrir onde os cristãos, postos fora da lei, se reuniam. Um secreto instinto levava-o à velha. Avizinhavam e suas atitudes sempre lhe tinham parecido estranhas. Pusera-se a vigiá-la mas exatamente naquela situação o reumatismo a prostara e ela deixara de sair à noite, como tinha por costume, sempre discretamente, procurando não se fazer notada, renteando a sombra das casas, escolhendo as ruas menos frequentadas.

Gorgônio estava certo de descobrir o que queria. Entretanto a moléstia se alongava. Desde, porém, que não era possível segui-la aos esconderijos, precisava proceder de maneira a que, pelo menos, ela lhe contasse o que desejava saber. De principio sorria-lhe pela janela até que para à frente da casa e trocara as primeiras palavras de uma conversação que se ia entabular afavelmente, pois, de pouco em pouco, a coisa progredira.

Agora não cabia dúvidas: a velha confiava nele. Atravessavam horas e horas a trocar confidências. A velha ria-se de seus desacertos ou então contava-lhe histórias de sua mocidade. À medida em que se encontravam, era promovido em sua estima. A velha pedia-lhe pequenos favores aos quais atendia surpreendido. Poderia levar um pequeno presente a uma sua conhecida, três quadras além da casa? Gorgônio espiava o Interior do cesto: continha viveres e a conhecida era uma viúva sobrecarregada de filhos. Outra vez era um pacotezinho para um velho amigo: o embrulho continha moedas e o amigo se encontrava enfermo e sem recursos.

— *Filho, convidava-o outras vezes, na casinha, entre os salgueiros, d margem do regato, encontra-se uma mãe aflita rodeada de crianças enfermas. De olhos fechados concentremo-nos ali, rogando aos poderes celestiais paz e saúde para nossos irmãos.*

Gorgônio atendia-a embora, intimamente, estivesse suspeito de que os poderes celestiais da velha eram, nada mais nada menos que o Jesus dos cristãos.

Os dias passaram até que ele viu evaporada uma boa porção de seu entusiasmo. Gorgônio tentava avivar os Impulsos esmaecidos garantindo a si mesmo que a velha não seria envolvida nem atingida. Ele tomara cautela para que tal não ocorresse.

Estavam a sós na pérgola quando a senhora alegremente lhe contara que suas dores se tinham acabado. Dera alguns passos sobre o laçado e Gorgônio sentiu como que um terrível golpe no peito. Mas o dever filial deveria falar mais alto entre todas as suas vozes íntimas.

Esta noite a velha lhe faz o convite esperado. Gostaria de acompanhá-la a uma reunião de amigos?

Nessa reunião se travariam conversas sobre assuntos elevados que muito úteh seriam ao seu coração. Gorgônio agarra-se á oportunidade. C OM a velha dirige-se bem para longe, a remoto moinho para além das últimas casas da cidade. Ali realiza-se o culto em torno do livro sagrado dos cristãos, os Evangelhos. Ê tal como suspeitara. Entretanto Gorgônio ouve, às claras, a primeira exortação diretamente feita a sua alma.

Tarde regressam e uma brasa viva arde em seu peito. Despede-se aa velha amiga e corre para seu lar entre conflitos dolorosos. Vê entre olanos enganosos transcorrer as horas noturnas. Pela manhã dirige-se às autoridades. Mas, nas escadarias do ediflôio público as pernas fraquejam- Ihe. Decide-se e volta a correr, ganha a rua em que vive e bate á porta da anciã. Esta abre sem surpresa e o menino atira-se em seus braços. Con- fessa-lhe seus tristes propósitos e em pranto roga-lhe perdão. A velha, longe de expulsá-lo, beija-lhe a face úmida pelas lágrimas, afaga-lhe os cabelos.

— *Eu a enganei! Eu a enganei! — Gorgônio soluça.*

Não, tolinho, não me enganaste. Eu conhecia o teu amor filial e percebera também que me vigiavas. Joguei a partida contigo. E saibas que por todo o tempo confiei em til Sabia que me darias o melhor. Filhi- nho confiemos a libertação de teu pai a Jesus. Ê mais seguro do que confiá-la aos homens, percebes? Agora já sabes o bastante para concordares comigo. O que dizes?

Gorgônio assente apaixonadamente com a cabeça:

— *Mas concordareis em que vos acompanhe todas as vezes, mesmo depois disto?*

— *Ora, e como não! Principalmente depois disto!*

— *Ê verdade? Ê verdade?*

Qorgônio põe-se a saltar e, entre lágrimas rí-se alegremente.

— *Inconsciente ainda?*

— *Sim.*

— *Febre?*

— *Muita.*

Cirilo estendeu-lhe um cesto.

— *Deves ter fome. Trouxemos-te alguma coisa.*

Gorgônio debruçou-se sobre o cesto. Havia uma espécie de corredor largo entre o grande vestíbulo que ia ser destinado às reuniões e as celas, numa das quais se encontrava Prisco. Cabisbaixa rumei para o interior, seguindo mamãe e os outros. Uma candeia de óleo lucilava sobre um açafate, ao pé do rústico leito onde o haviam deitado. Em torno de nós as paredes eram muito altas e no ápice de uma delas, uma espécie de vão dotado de grades deixava entrar a luz azulada da lua. Vi-lhe o rosto lustroso de suor e meu coração se encheu de ternura e dor. Ele arfava e suas faces pareciam arder. Mamãe levou a mão à sua frente e disse:

— *Ele se defende. A febre é isso...*

Em torno de suas pálpebras, unidas pelo fio dos cílios negros e espessos, uma sombra violeta marcava-lhe as olheiras fundamente cavadas. Desamparado e inerte, Prisco me fez chorar. Afastei-me do leito enquanto acendiam uma tocha para que mamãe pudesse trocar os curativos. Os acontecimentos obedeciam a uma ordem e eu acreditava que essa ordem fosse sensível e justa. Estava porém impertigada e ereta nas sombras, com as lágrimas a me escorrerem dos olhos. Eu não via o romano Prisco sobre o grosseiro leito sujo de sangue, via o menino da casa do Taenarum, o menino que os braços de sua mãe envolviam mornamente e que eia beijava antes de adormecer. Que ele estivesse ali, naquele ponto remoto do mundo, lutando contra a morte, entre as sombrias paredes daquela velha fortaleza, significava, aos meus olhos, que a humanidade toda estava doida . Não muito longe dali nos tínhamos encontrado ingenuamente um dia e tínhamos também querido que a chama do amor nos aquecesse, embora por um breve instante.

Mamãe desfizera o grande penso ensanguentado e mesmo de longe eu podia ver o entumecido e negro ponto em que a seta se encravara. Minhas pernas relutavam, um frio suor escorria-me do rosto

pelo pescoço. Mamãe e os outros, entretanto, pareciam atentos e tranquilos, ela sobretudo parecia-me mais eficiente e protetora do que nunca, com suas hábeis mãos a manipular seus potes. Éramos todos a gente miúda que sofria o jugo romano. Ante o poder não tínhamos o que reservar para nós próprios. Entretanto um milagre, a força viva da doutrina de Cristo, se operava publicamente e não nos entregávamos às lamentações, pelo contrário estávamos como naquele instante, debruçados sobre o inimigo cheios de zelo, tentando restituí-lo à vida.

A verificação desse respeito, dessa forma de libertação pelo amor me acalmou e estancou minhas lágrimas. Olhei o fio de fumaça que se erguia fino e leve, da *taeda* para a cúpula em trevas, respirei o aroma reconfortante que dos unguentos rescendiam. Além das paredes, um pássaro noturno crocitou. Eu já tinha as faces secas e me aproximei do grupo. Ajoelhei-me junto de minha mãe e ajudei-a a cruzar faixas protetoras em torno do ferimento. Sua habilidade era admirável. Sua mão, como um pequeno animal furtivo desaparecia entre as espáduas de Prisco e o lençol, indo surgir do outro lado imperceptível e rápida, oferecendo-me a outra ponta da atadura. Findo o curativo, jeitosamente pôs-se a ministrar-lhe o caldo que trouxera. Tinha um modo especial de forçar os lábios do paciente e levá-lo a engulir o líquido reconfortante, valendo-se de uma certa inclinação a que obrigava a cabeça.

Em dado instante Prisco gemeu alto e isso fez Cirilo estremecer.

— Mãe, o que achas? Ele viverá?

Mamãe não respondeu de pronto. Continuou a manejar a colher de madeira, sempre precisa e bem sucedida. Em seguida argumentou:

— Não poderemos remediar. Uma perda exagerada de sangue. Depois não haverá obstáculos à recuperação.

Cirilo ouviu-a sem comentários, mas com certa ansiedade no olhar. Mamãe prosseguiu:

— Confio nos meus vegetais, no entretanto precisamos ministrar-lhe nosso melhor remédio. Vamos orar. Tu farás a prece, João lhe imporá as mãos.

Sem aquilatar o efeito que suas palavras produziam em mim João orou rogando a assistência espiritual dos missionários da bondade, não apenas para o nosso enfermo mas para todos os sofredores da Terra e encerrou a súplica com palavras cheias de confiança em relação ao serviço da cura espiritual.

Durante algum tempo perdemo-nos no silêncio suave que se nos cercou. Obedecendo ao impulso da prece, minha excitação de todo asse- renou. Não sei quanto tempo durou a amorável vibração pelo ferido. Quando voltei a abrir os olhos percebi que os débeis gemidos de Prisco tinham cessado. Pensei: "Sabes o que eu faria por ti se pudesse. Com tão grande distância entre tu e nós, estás tão próximo agora... tão próximo que a tua dor é a minha. Não poderei partilhar nunca quanto te possa fazer feliz mas partilharei por enquanto teu sofrimento e tua tristeza. Vive! Necessito que tu vivas. Como poderemos manter nossa esperança se não viveres?"

Saí discretamente da cela e fui me assentar na grande sala. Uma série de bancos tinham sido dispostos em torno de uma mesa transversal para as reuniões habituais. Ali se encontravam Severiano e Gorgônio. Gorgônio era simpático, porém franco e incisivo:

— Tu estiveste chorando. Ele me'disse. — Tens os olhos de quem esteve chorando.

— É justo. — Severiano aprovou suspirando. — Não deverias ter ido vê-lo.

Eu meneei a cabeça e virei-me protegendo-me da luz. Voltando-me percebi a figura de Filoctemo movendo-se em nossa direção.

— Tu e Gorgônio voltareis esta noite. Disse ele imperativo, Ê a - conselhável que não se note a falta de ninguém.

—" E quem permanecerá?

— Um outro de nós.

— Gostarei de ficar, se mamãe permitir. — Eu disse com voz um tanto estrfdula.

Tomei o silêncio dele por uma aprovação e corri a consultar mamãe. Ela hesitou, porém eu insisti:

— Não dormiste a noite que passou, eu sim. Deixa que te substitua.

João veio em meu socorro:

— Eu ficarei também.

— Então, creio que está bem.

Antes que João percebesse minha intenção, apertei-lhe a mão com alegria e gratidão.

— Mamãe concorda. Tu não me mandarás embora, não ó? Está bem?

A expressão de Filoctemo era sombria e sua resposta foi quase um cício:

— Aprecio que fiques. Vale a pena que nos incomodemos por ele.

Olhou-me fixamente e depois sussurrou-me com doçura inesperada:

— Conta-me as razões todas que te fazem ficar, se não for segredo!

— É segredo. Respondi simplesmente.

Depois as horas passaram celeremente. Jântio adormeceu estirado sobre um dos bancos. Fiquei distraidamente a ouvir a conversa que se processava em voz baixa, em torno de mim. De quando em quando mamãe se levantava e ia até a cela. Algumas vezes seguia-a e, de pouco em pouco, parecia-me que a respiração de Prisco se normalizava.

— Terás cjué alimentá-lo durante a noite, três vezes pelo menos. E pela madrugada refarás o curativo. Entendeste?

Eu entendera. Ajudei-a a fazer um pequeno braseiro e assoprávamos os gravetos quando Jântio despertou e veio se acocorar junto de nós. Eu ainda não pudera estar com ele a sós e ansiava por conhecer os incidentes todos que envolviam a tentativa de assassinato de Prisco. Ele bocejou espreguiçando-se longamente.

— Estás morto de sono... — Disse-lhe.

As chamas se levantaram e eu completei a trempe com pequenas pedras chatas. Em seguida, como ele se levantasse e fosse assentar-se no paredão, junto à correnteza, eu o segui:

— Como foi que aconteceu? — Perguntei. E por que?

Jântio atirou um pequeno cascalho à correnteza.

— Foste sempre bondosa para comigo e não desejaria causar-te nenhuma tristeza. Queres mesmo conversar a este respeito?

— Sim, e, sobretudo, não quero que mintas.

Ele levantou os olhos e encontrou os meus, francos, inquiridores.

Depois desviou-os para as águas barrentas, para a brilhante e fugidia correnteza.

— Eu fiz uma descoberta. Um judeu, um odreiro viu o homem que feriu a Prisco. Escondia apressado o arco sob o manto, mas o judeu o viu. Esse tal é Caleb, um dos *lecticarii* de Otávia. Combina agora tudo isto. Imaginas o que poderia ter dado causa a essa ordem?

— Sei, com efeito, o que deu causa. — Respondi com tristeza.

— Não te responsabilizo, vô beinl Otávia sente-se humilhada. Quer destruir o que não pode ser seu. Algo de muito sério deve se ter passado entre eles. S a única maneira de compreender a exasperação dela. Não quis responsabilizar-te, juro...

— Sei que não quiseste, mas, mesmo assim, sinto-me responsável.

E se Prisco morrer terei dificuldades em reunir forças suficientes para resistir a essa idéia. Otávia está mal informada, compreende erradamente. Tudo isso é horrível e irônico.

— Sinto muito. Ele disse lentamente. Também já pensei nisso. Eu os estimo... a ambos...

— Tu és bom, Jântio. O que fizeste prova tua coragem e teu amor por nós.

Jântio sacudiu a cabeça.

— Esta é a forma de refazer o passado, não é? Tento fazer o melhor, mas não é fácil, sabes! Sou ainda como um navio entre dias claros e inesperados nevoeiros.

Eu o compreendi, pois eu mesma era assim e isso lhe disse.

— Não posso devassar o meu passado, do qual surjo instável, cheia de momentos de coragem e de intraduzíveis pavores, de esperança e fé e de noites de dúvidas, anseios e profunda melancolia. Eu o compreendo...

Os olhos de Jântio encheram-se de lágrimas. Meneou a cabeça, abaixou-se, colheu outro pequeno pedregulho e atirou-o às águas. Depois olhou as paredes em torno:

— Viste o rei indo à caça, o rei com seu séquito? — Perguntou-me. Cumprimi os lábios com ar pensativo. Os poderosos são gente esquisita, o poder faz inverossímil não apenas a história dos povos, mas também a história de cada homem.

Nesse instante mamãe surgiu ao nosso lado.

— Então, sempre ficas? perguntou-me.

— Sim, fico.

Ela sorriu e beijou-me.

João trancou a porta às costas dos que se foram opondo-lhe uma pesada trave e nós ficamos a sós no recesso da fortaleza.

— Tenta dormir. Eu lhe disse. — Quando me sentir fatigada ou necessitar de ajuda virei chamar-te.

João assentiu. Voltei à cela, Prisco continuava a dormir, profundamente. A luz da candeia revisei os remédios que mamãe deixara, puxei um escabelo e assentei-me, Prisco oferecia-me ao olhar a visão de um rosto cansado e marcado pela dor. Não pude resistir. Ergui-me de leve e beijei-lhe os cabelos empapados de suor. Teve um leve movimento e sua mão se ergueu tateando o vazio. Tomei-a e apertei-a docemente entre as minhas.

Fiquei ali, assentada, por muito tempo a olhá-lo, guardando entre as minhas aquela mão amada, dantes forte e morena, agora pálida e inerte. Seu rosto, que naquela última e horrível noite parecera-me transtornado e descolorido pela ira, estava agora mais magro e incendiado pela febre intensa. Era-me caro ouvir o som de sua respiração, perceber o seu peito arfar sob as cobertas. Sua proximidade encheia-me ao mesmo tempo de uma grande alegria e de uma funda tristeza.

Orei naquele instante e as horas que se seguiram passei-as intensamente ativa. Trocava-lhe as compressas da frente, pingava-lhe nos lábios o suco das ervas curativas, ministrava-lhe o caldo reconfortante ou o leite de cabra que mantinha ao calor das brasas. Madrugada alta João auxiliou-me a renovar os unguentos sobre o ferimento. Bocejei e ele julgou que já era tempo de eu ir deitar-me um pouco.

— É agora minha vez. — Disse-me.

Eu, porém, recusei. Outras vezes ele voltou a insistir. Eu lhe dizia:

— Mantém o fogo vivo!

Até que, cansados, adormecemos os dois. Quando despertei a mão de Prisco pressionava suavemente a minha e eu tive um pequeno sobressalto. Lá por fora já havia prenúncios da manhã pois, embora a luz da candeia agonizasse, eu podia ver-lhe nitidamente o rosto. Estava desperto e alhava-me. Não fez o mais leve movimento quando nos fitamos. Sua mão estava morna na minha. Toquei-lhe a frente e ele não se moveu.

— Acordaste? — Murmurei. Como te sentes? Tua temperatura está mais baixa.

Prisco prosseguiu mudo a me fixar. Isso me incomodou.

— Em que pensas? — Perguntei-lhe.

— Antes prosseguia sonhando. Não reconhecia este lugar. De- DOÍIS vi-te e levei a situação a sério. Onde estamos?

— Numa parte da fortaleza, junto ao rio. Jântio trouxe-te, rou- bou-te da castra. Julgou que só assim poderia salvar-te. Nícalo, João, Cirilo, todos os outros o auxiliaram.

— E tu por que vieste?

— Mamãe encarregou-se de ti. Estiveste muito mal, receiavam que morresses...

Ele sorriu tristemente e por um instante olhou em silêncio a luz que escorria rosa e doirada pelas paredes escuras. Depois perguntou-me baixo e com desânimo:

— Até que ponto me amas?

Não fui capaz de responder. Ele voltou o rosto ao meu silêncio:

— É tarde demais. É isto que não sabes dizer.

Seu olhar era doloroso no fundo das olheiras.

— Oh! Não, não... — Balbuciei.

— Sim, sim. — Redarguii pesadamente. Já estamos feridos demais. Bastará que ela prossiga um pouco mais, que nos acerte um golpe ainda. E então... Não foi isso que desejei, dia após dia.

Fugiu ao meu olhar ao dizer:

— Não sabes como te amei desde o primeiro dia... não sabes quanto te tenho amado...

— Sim, sim...

— Sempre o soube... desde menino sempre o soube. Eu e ela disputávamos e eu vencia. Ela dizia: Não te alegres ainda, eu levarei a melhor por último. A última vitória será minha e te lembrarás do que te disse. Assim foi...

— Mas não estás vencido ainda e ninguém te vencerá!

— Otávia venceu...

Senti-me subitamente desesperada:

— Não o repitas! — Pedi-lhe. — Por favor não o repitas.

— Otávia venceu.

Ele silenciou alheado, suspirou profundamente e voltou-se para mim perguntando:

— Lembras-te do que te contei sobre o solário?

— Sim, lembro-me. — Assenti. — Foi há muito tempo...

— ... quando meu pai e minha mãe morreram! O solário desabou- lhes sobre a cabeça.

— Sim, sei. Mas silencia agora. Deves descansar! Tenta dormir!

— Não, é preciso que te conte.

— Já me contaste. — Insisti. — Procura agora esquecer.

O olhar dele se fez súplice:

— Tu podes compreender... Não foi acidentalmente que o solário ruiu, não foi porque fosse velho e porque a neve se acumulara sobre ele...

A mão dele prendeu-me como uma garra de aço e eu tive a impressão de que as paredes oscilavam perigosamente em torno de nós quando o ouvi dizer, pausadamente:

— Eu fui o responsável.

Lembro-me de ter gemido uma negativa desesperada:

— Não... não...

— Um cavalo feroso fora atado à coluna principal de sustentação. Não foi um acidente. Eu chicoteei o animal. Bati-lhe com fúria até que ele arrancou em disparada e pôs por terra a coluna. Então o resto do solário veio abaixo. Caiu-lhes pesado de neve sobre as cabeças! Eu os assassinei. Agora sabes que eu os assassinei. Falaste-me tanto de teus princípios, de tua religião, das leis que respeitas e nas quais crês. Pensa em tudo isso agora, pensa e depois me dirás: Serás capaz de me amar ainda?

CAPITULO XXII

Ouvi o ruído das aves já despertas, revoando entre as ruínas e as árvores ribeirinhas. Depois o deslizar monótono das águas, nas corre* deiras, atirando o seu óco para dentro das arcadas escuras e cavas, no pesado silêncio que nos oprimia. No ar subitamente solidificado eu não seria capaz de um gesto. Mas a mão de Prisco cumprindo num círculo de brasa a minha própria mão, transmitia-me a

sua agitada pulsação, assim como eu lhe transmitia a minha.

Fizera-se um vácuo em meu peito, em minha cabeça e eu pensava: "Deve ser desta forma que caímos no abismo. Antes desejamos nos agarrar em qualquer coisa que passe, depois aceitamos a impossibilidade". Ficara de joelhos aos pés do catre, o meu corpo próximo ao dele. Estávamos a sós no bojo da fortaleza que assistira a assaltos e combates furiosos, a atos de coragem e de covardia. Tudo, porém, passara, conforme eu própria podia testemunhar. E no final era uma infantilidade ressentir-se. Meus próprios pensamentos eram como peças desconjuntadas e inúteis. Cerrei os olhos e tornei a abri-los. Eu já não tinha braços nem coração.

— Agora que já sabes, podes ir-te embora. E tua fé, tua fé poderá bastar-te?

Foi como se ele me batesse com força sobre a face. De pálida e desfeita fiz-me rubra, o sangue correu-me com força, expulso de um coração intempestivo. Prisco vacilou um instante, em busca de melhor expressão, talvez um pouco arrependido, porém mesmo assim insistiu, amargo:

— Tua fé deverá basta-te. Crés que te baste?

— E a ti. — Perguntei. — Tua fé bastará?

Ele se havia levantado um pouco, dos travesseiros. Agitou as mãos trémulas, aflitamente e depois se curvou para atrás, como se, subitamente o tivessem puxado. Nossos olhares se separaram, ele não me respondeu.

Houve um outro silêncio em que, agora, eu dominava. Continuava fíxando-o. E um sentimento de avidez e de tristeza se apossava de mim. A luz se fizera mais intensa e eu podia ver cada fio de suas sombrancelhas escuras, a formosa e varonil forma de seu rosto, seu olhar pesado de desânimo que se fixava em algo que eu não podia ver. Depois voltou-se e fez um movimento de erguer-se. Mas uma expressão de intensa dor crispou-lhe o rosto emagrecido e um engulho penoso agitou-lhe o peito enfaixado. Eu o apertei em meus braços, ansiosa, sem nenhum receio. Gotas de suor perolaram-lhe a face, ele fechou os olhos. Por um longo tempo esteve assim, exânime. Depois me disse quase num sopro:

— Tu desviaste o assunto...

— Não! — Retruquei baixinho. — Falávamos daquilo em que cremos. Tu e eu.

— Ah! — Exclamou com um lampejo nos olhos.

Eu tinha sua cabeça desfeita apoiada contra meu peito e minha mão estava fresca enquanto eu a corria pela sua face e acariciava os seus cabelos.

— Os deuses estão longe, Roma está longe. — Disse em seguida. — Já não tenho senão uma convicção: a de que Otávia está perto e de que venceu. Disse-te que matei meus pais... Eu, entretanto, tive a morte mais cruel, a morte interior. Depois amei-te acima de tudo neste mundo e esse amor, puro e verdadeiro, não pode levantar-me de entre os mortos. O bem é uma ilusão, a verdade nunca triunfará. Otávia venceu.

Eu o beijei e disse-lhe:

— Eu o amo, Prisco.

— Não deves amar-me. Consulta os astrólogos, os mágicos, aqueles que lidam com a morte. Eles te dirão que não deves amar-me.

— Sim, devo.

— Otávia venceu. Vai-te embora por favor.

— Não, não nos separemos! — Implorei. — Pelo menos não nos separemos por decisão tua ou minha. Já não temos segredos nem sombras. Podemos estar juntos, podemos ser a alegria um do outro. Por favor, querido, diga que podemos...

— Tu, os outros, quereis que eu viva, quereis que eu reaja, que me levante.

— Não, não isso. Tu viverás sempre, pois que és imortal. A vida prossegue para além do túmulo. Quero apenas que estejamos juntos, não importa por quanto tempo.

— Queres que te mantenha ao meu lado entre os desastres. Tenho as mãos sujas do sangue de

meu próprios pais, tu o sabes agora. Teus princípios religiosos não são contra o assassinio?

— Sim, mas não são contra o amor...

— Dividir-nos-emos entre os receios do presente e os terrores do passado. Tens tantos motivos para viver, tantos. Tu crês, e a fé nos impulsiona para o amanhã. Vamos esperar que Otávia acabe conosco, é isto que queres?

Eu não respondi, ele voltou-se para mim de repente, terrível:

— E supondo que seja possível livrar-me dela. Perguntou-me. — Tu aceitarias um terceiro assassinato?

— Oh! Não, não!

— Não, não, não mais violência, não mais...

Ele deixou pender a cabeça e seus olhos cansados se fecharam.

— Não mais violência, não mais, repetiu fatigadamente. Oh! Quem dera a paz, quem dera! Quantos anos tenho? Tantos que meus sonhos já se foram, tantos que desejaria morrer...

Um novo espasmo doloroso contraiu-lhe os músculos do pescoço e do rosto. Lembrei-me do que mamãe dissera, do perigo de uma hemorragia. -Eu o perturbava, o exaltava. Percebi que ia dizer alguma coisa, porém rapidamente pus-lhe a mão sobre a boca.

— Não digas mais. — Roguei-lhe trêmula.

Ele silenciou, mas seu olhar lúcido e veemente se prendeu ao meu, doloroso e surpreso. Tive pena.

— Estás muito doente ainda. Eu te exaspero, faço-te áofrér. Terei de ir-me embora senão repousares.

Um relâmpago de dúvida lucilou-lhe no olhar, depois fez que não com a cabeça. Retirei a mão que o calava, enxuguei-lhe o suor, dei-lhe de beber. Depois troquei as ataduras. Ele obedecia quedo e silente.

— Agora irás tomar o leite quente.

Fui, voltei. Prisco me olhava sempre e não mudara de posição. Tomou o leite e eu lhe disse:

— Tenta dormir um pouco.

Creio que adormeceu, se não fingiu apenas. Em breve João despertaria, as outras pessoas estariam de volta. Nossos momentos a sós estavam contados. E supondo que chegasse alguém? Minha mão prendia-se na dele! "Não posso me preocupar também com isso ou enlouquecerei."

Meu calor, minha débil coragem, o meu rubor, onde estavam? Sob um solário ruído entre montões de neve alvinitente. E por debaixo da neve, dos mármorees partidos, uma coluna tombada, dois corpos inanimados. Não sei quanto tempo passou. Ele abriu os olhos, pô-los em mim e não foi preciso que falasse.

— Não estás vencido ainda. Nem eu. Estamos vivos, não estamos?

Ouvi ruído de passos sobre as lages de pedra. Era mamãe que regressava com seus farnéis. relatei-lhe quanto fizera e ela em silêncio me aprovou. A febre de Prisco baixara, mas um sinistro borrão vermelho era visível em torno e pelo lado de fora das ataduras. Isso fez com que seu cenho se contraísse. Refez as ataduras com olhar atento, depois, usando um trapo umedecido na água morna, refrescou-lhe o rosto e os ombros. Então renovou-lhe as cobertas. Prisco submetia-se de boa-vontade e quando ela lhe sorriu, vi que retribuía embora melancolicamente. Quando Gor- gônio e Jântio chegaram, ela me disse.

— Voltarás agora. Eu ficarei um pouco mais. Ainda hoje teremos soldados à nossa porta. Se chegarem antes de meu regresso, age com calma.

Falávamos à distância do leito, para que ele não nos ouvisse. Nossos olhos se encontraram eu dei-lhe as costas e parti. Voltei para casa e me entretivê com pequenos trabalhos. Cirilo saíra com vovô, Eliano encarregara-se do pastoreio. Saí quando ouvi o tropel dos cavalos que se aproximavam. Não me perguntaram nada, apenas desmontaram, subiram os degraus a correr e varejaram os cômodos da casa, revirando desnecessariamente a 9 mesãs, os leitos, tombando os cestos. Um dos melhores

e maiores vasos que tínhamos, foi posto por terra e despedaçado.

Da cozinha desceram ao aprisco vazio. Eu assistia em silêncio aos seus esforços. O homem em comando se aproximou do fogão e destampou as panelas.

— A comida é bem feita? — Perguntou.

Enfiou a mão no cozido e, apesar da fervura, pôs-se a comer avidamente, retirando grandes bocados que assoprava fazendo-os saltar de uma para outra mão.

— Quantos sois na casa? — Perguntou-me cuspidando-me pequenas porções ao rosto.

— Cinco pessoas.

— Onde as outras.

— Vovô e meu Irmão na plantação, junto ao rio. Um agregado, no pastoreio. Mamãe está por chegar.

— Chegar de onde?

— Dos arredores. Procura raízes, ervas...

— Oh! Sim, o homem fez mansamente. Tu tens boa aparência. Deves estar contente por que chega a Primavera? Não queres sair um pouco, aí por fora?

Entreabriu os lábios besuntados de gordura num sorriso ardiloso e pôs-me a mão peluda sobre o braço.

— Não queres sair também aí pelos arredores, a catar ervas menina?

— E por que haveria de ir? — Disse-lhe rispidamente, fugindo ao seu contacto.

E nesse instante mamãe se aproximava de nós. O homem se desconcertou ao olhar frio que ela lhe endereçou. Ele se voltou para os outros e vociferou:

— Evacuai esta toca de ratos suja e pestilenta.

Foram-se embora e ainda ouvi mamãe pálida de indignação resmungar:

— Estes honrados romanos... estes bastardos idiotas e malvados!

Ao meio-dia Nfcalo veio por um breve instante e ficamos sabendo que as buscas prosseguiram e que o Procurador prometera uma gorda gratificação a quem fornecesse informes sobre o desaparecido. As mais desencontradas notícias empolgavam Sebastes, interessando à curiosidade de toda a população.

Não retornei às ruínas nem à tarde nem aquela noite. Eu tinha um ar de desalento e cansaço que não podia esconder. Terminado o repasto da tarde, um pequeno grupo chegou à nossa casa. Cándido e Angio tinham podido estabelecer contacto com Euzótio; Arrius estaria conosco dentro de três dias. A notícia motivou as conversações pela noite a dentro. Filoctemo chegara e, em torno dele, fizeram-se os planos para a recepção aos visitantes. Méliton negara-se a receber Arrius na *ecclesia* de Sebastes e assim, para um contacto geral com os cristãos da cidade, era preciso encontrar um local qualquer, já que não lhes parecia aceitável tornar conhecido o ponto de reunião nas ruínas.

Foi Domiciano, com sua experiência de representações teatrais quem pôde encontrar a melhor solução. Arrius se dirigiria ao povo num velho teatro grego próximo ao porto do rio, uma ou duas horas antes de sua partida. O grupo se encarregaria de avisar os círculos cristãos. Arrius se dirigiria à comunidade e em seguida embarcaria. Essa era a maneira de poupá-lo a um incidente mais grave na agitada cidade capadócia.

Dizia-se que Arrius era um homem acostumado a enérgicas disciplinas, era um filósofo. Sem estranheza Euzótio e ele aceitariam as celas preparadas na fortaleza.

— É pena que Adastro não esteja aqui para dar-lhes as boas-vindas, ouvi dizerem.

Vovó teve um grunhido de aprovação e coçou a cabeça. Depois gesticulou querendo dizer que Arrius era um grande homem.

— Sim. — Disse Filoctemo. — E por isso devemos guardá-lo bem. Os grandes homens nunca são amados ou compreendidos em seu tempo. Arrius não tem talento para as tricas e as traições, é bravo e justo.

Vovô tornou a gesticular, dramaticamente, querendo saber por que motivo Méilton recusava-se a receber o hóspede ilustre na *ecclesia*. Havia um enigmático sorriso no rosto de Filoctemo quando ele intentou dar a explicação. Eu me sentia sonolenta e abafada. Fui me assentar nos degraus de cima da escada, para respirar o ar da noite primaveril. Dali pude ouvir o que conversavam. Para Méilton, Arrius intentava diminuir a importância de Jesus. Aos seus olhos e aos olhos daqueles que o seguiam, Jesus era menos do que para os ortodoxos. Méilton era contra as simplificações.

— Uma simplificação chamará outra e não tardará exatamente a atingir os novos sacramentos, as disciplinas, a própria Igreja, foi o que disse.

Não sei o que foi que vovô argumentou, porém ouvi a voz de Cirilo:

— Mas, se os sacramentos e as disciplinas não existiam em torno do próprio Cristo, para que inventá-las? Por que o Cristianismo não se manteria simples como sempre foi?

— Méilton odeia Arrius. Para ele, assim como para todo o grupo ligado a Atanásio e Alexandre, Arrius torna impossível a formação de uma autoridade independente do Estado.

— E o que pretenderá essa autoridade? — Perguntara-lhe Filoctemo. O domínio e a escravidão dos espíritos?

A esse argumento Méilton rira-se.

— "Sim, — Dissera. — aos espíritos não resta obviamente senão obedecer. E a constituição dessa autoridade, sua concentração numa única mão só será alcançada afastando Arrius. Como queres, pois, que o receba, que lhe tribute honras?"

Esse diálogo repetido se tornaria para mim em motivo para amargas reflexões. Estava claro que não apenas eu, porém o próprio Cristianismo se encontrava numa situação embaraçosa e perigosa. Fosse bem não fôssemos responsáveis por isso, afligia-nos estar naquela esquina.

Filoctemo assentou-se junto a mim.

— Teu avô pergunta se Méilton não fará mal a Arrius. — Disse. E depois teve uma exclamação: — O pobre velhinho!

Foi nessa noite que me entregou as suas tabuinhas de escrita, a sua *diptycha*. Estava envolta num lenço de lã e fortemente atada.

— Tu deves guardar este embrulho assim, como está. Eu te direi quando deverás abri-lo. Talvez demore ainda algum tempo. Guarda-o em lugar seguro e onde te lembres de encontrá-lo quando te disser.

O rosto dele fizera-se sombrio enquanto me falava.

— Posso perguntar por que?

Filoctemo fez que não com a cabeça. Eu silencieei a contragosto e ele o notou. Apalpei o embrulho e lhe disse:

— São as tuas tábuas de escrita, elas te fazem falta.

— Tenho outras. — Disse abaixando a cabeça e estremecendo. Então eu disse:

— Está bem!

— Obrigada! — Ele disse com amabilidade. — Tu és sempre bondosa. Desta vez ajudas-me a cumprir com ordens recebidas.

A essas palavras sorriu e empertigou-se, pondo-se a falar com volubilidade sobre a visita esperada. Eu fiquei ainda um instante a fitá-lo, indecisa, apreciando com ternura nos olhos o seu porte cheio de serena dignidade.

Depois que eles partiram deitei-me e, apesar das tristes idéias que me apoquentavam, dormi profundamente. Acordei na manhã seguinte muito cedo e foi só então que a conversa que tinha entretido com Prisco surgiu mais clara em minha mente. Era como se meu espírito encontrasse uma forma de reação se recolhendo, estabelecendo um espaço de defesa. Na realidade Prisco contara-me coisas terríveis, confessara-me uma versão diferente do desastre do solário, versão de onde saía culpado de um crime horrível. Estaria ainda delirando? Não, não acreditava que estivesse. Mas

eu não conhecia as circunstâncias, não podia saber como sucedera tudo aquilo, para que pudesse pacificar integralmente meus sobressaltos. Assistira também ao espetáculo do seu desânimo, do seu aceitação de uma situação de pura destruição pessoal.

A tristeza dele tinha contornos, a minha se fizera informe. De fato eu não tinha nem ao menos em que pensar. Ouvira e assistira ao seu próprio julgamento de justiça e depois deixara transcorrerem as horas, recebera aos soldados, trabalhara na casa, conversara com os amigos e com Filoctemo, e tudo estava como que adormecido em mim.

Agora, deitada na cama, eu temia o despertar interior pois que, assim, eu poderia ver naufragar inteiramente todas as minhas intenções de alegria e de felicidade.

O que **9**e passara no Cabo Taenarum, na casa junto ao mar, dizia respeito a Otávia, o que sucedera no solário envolvia-os a ambos. E eu precisava saber, muito embora o mal perpetrado também se voltasse contra mim. Foi rápido e simples tomar esta decisão. Eu necessitava ter uma nova conferência particular com Prisco e essa oportunidade chegou na véspera do dia em que Arrius chegaria. Trabalhávamos na casa e eu me dirigi como que ocasionalmente a nossa mãe:

— Gostaria de voltar à fortaleza, achas que posso?

Ela voltara de lá bem cedo e trouxera notícias favoráveis sobre o enfermo.

— Mas tu andas cansada! — Instara com um pequeno gesto afetivo. — Não te debes esfalfar.

— Hoje não permitiste que eu fosse nem ao menos à fonte. Gostaria de caminhar um pouco...

Ela puxou um banco, assentou-se e concordou para meu alívio, dizendo:

— Sim, ficar sempre em casa é uma coisa daninha. Gostaria de saber um pouco mais a respeito das propriedades curativas do ar primaveril. Ele nos ajuda e nos ensina a viver. Podes ir.

Corri ao longo da trilha, com impaciência, até que cheguei à porta oculta pela vegetação. Bati os sinais convencionais e a porta se abriu.

— Salve, Eutíquio disse-me contente.

— Salve! Respondi.

— Agora vai ser fácil. Tu ficarás aqui enquanto reabasteço as bilhas. Uma ou duas viagens apenas.

Estava quente no interior. Disse a Eutíquio que se Prisco estava melhor talvez não houvesse impedimentos para que o trouxéssemos à esplanada, onde poderia ficar até o anoitecer.

— Com efeito. E ele está melhor. Passamos uma hora a conversar. Se pegares nos pés do leito, eu na cabeceira, conseguiremos trazê-lo.

Éntamos* juntos na cela. Prisco dormitava, mas abriu os olhos quando nos aproximamos.

— Perdoa-me por te despertar. — Disse a guiza de cumprimento.

— Era uma névoa esgarça dc sono. Através dela ouvia-te a falar com Eutíquio.

— Viemos buscar-te. Sentir-te-ás melhor na esplanada. Alí terás um pouco de Sol e as virações frescas do rio.

— Ah! — Ele fez alisando a barba crescida.

Eutíquio levantou o leito e eu me agarrei aos pés. Tive alguma dificuldade e o peso todo pendeu para o lado dele. Eu estava mais fraca do que podia imaginar e procurava vencer a dificuldade fingindo uma falta de jeito que estava longe de possuir. Do corredor para a frente foi mais fácil. Pusemos Prisco mesmo rente à correnteza, no canto onde os galhos das árvores mais altas avançavam por cima das muralhas e se debruçavam sobre a esplanada. Eu trouxe um pequeno escabelo e coloquei-o junto ao leito. Eutíquio já reunira as bilhas, a- companhei-o até a porta que abri e tornei a fechar às suas costas.

— Dize o que queres qu^ faça. — Pedi voltando para junto de Prisco. — Temos frutas frescas, compotas, leite. Mamãe permite que hoje tomes um pequeno gole de vinho diluído.

Ele tinha sede. Dei-lhe de beber e, como mamãe fazia, ao doce Sol primaveril, corri-lhe um pano embebido em água morna pela face, o tronco e os braços. Ele silenciava pensativo, pálido,

extremamente e- magrecido. Aos menores esforços profusas bagas de suor perlavam-lhe a fronte. Tive um intenso desejo de me debulhar em lágrimas, porém me contive. Em verdade, em todo o tempo que nos conhecemos, nunca o amei tanto quanto naqueles instantes em que configurava ao meu olhar emocionado o bem amado e o filho indefeso.

Assentei-me a seus pés. Ele não dissera ainda uma única palavra. Olhava o céu azul e translúcido através dos galhos, absorto e prostrado. Por um largo espaço ficamos a ouvir o pipilar das aves desinquietas, o murmúrio das águas ou o sibilar flébil do vento. O rio corria aos nossos pés e além dele, após a faixa verde ribeirinha, prosseguiram as estepes e elas, como as águas, eram daquele mesmo ocre amarelado que revestia a minha pele. De fato a correnteza assemelhava-se à própria terra a escorrer, liquefeita.

Ouvi o grito agudo do gavião sobre nossas cabeças e, em seguida, o chilrear desinquieto dos pequenos pássaros ocultos nos ramos verdes. Depois, repentinamente, fez-se um lapso de silêncio no qual, entretanto, o vento e as águas misturaram suas vozes. Então eu disse, pressentindo nele os mesmos pensamentos:

— Ciriio chama-os "os murmúrios felizes". São as velhas vozes de nossa infância. Foram bons tempos aqueles, os de nossa infância.

Inteiramente absorto em suas reflexões ele não parecia perceber minha presença. Mesmo assim perguntei:

— Também foste feliz, não foste?

Um sopro de paz no rosto dele assegurou-me do que desejava saber. Sorri-lhe afável e estendi-lhe a mão.

— Por um curto tempo fui. — Disse-me em seguida. — Eu tinha tudo e a vida me parecia divertida. Aos dez anos diziam-me que eu possuía a quadriga que me levaria ao êxito: educação, riqueza, inteligência e beleza. Já nesse tempo essa afirmativa não parecia me interessar. O que se tinha por vitória e êxito me parecia ruidoso demais e importuno. Eu tinha sérias dúvidas. Em minha profunda consciência eu perguntava a mim mesmo se as honras estrepitosas, os aplausos, não era o que aproximava as criaturas do abismo. Minha mãe percebia o meu desagrado e me apoiava. O importante, ela dizia, era ser feliz. Tomava-me pela mão e levava-me ao solário, ao jardim das rosas, ou à sombra das laranjeiras onde, juntos, liamos Marco Aurélio. Hoje percebo que, como eu, ela secretamente desconfiava daquela quadriga. Ela apenas não bastava para a arrancada decisiva.

Quis dizer-lhe que sabia o que faltava e que aquele elemento infalível, capaz de, sozinho, substituir todos os outros, eu estava tentando dar-lhe durante todo aquele tempo sem que ele o quisesse receber. Todavia, receei roubar-lhe o momento de suave reminiscência e me calei.

— Foi nesse tempo que uma complicada partilha de herança trouxe vizinhos novos para junto de nós e que ela surgiu.

Otávia, pensei. Otávia surgia.

— Era uma família patriciana, gente igual a nós. Otávia era filha única, polida e amaneirada e todos julgaram que ia constituir uma excelente companhia para mim. Em breve, dos dois lados, embora eu não percebesse, alimentava-se o projeto de um casamento futuro. Bem cedo, entretanto, pude vê-la sem os véus da dissimulação com que a educação cuidada e sutil a envolvia. Aos dez anos conhecia segredos com os quais eu ainda não sonhava. Ela revelou-mos conforme os arrancara dos escravos da casa, movida por um poderoso instinto.

Brincávamos nos pomares, nas praias, sobre os penedos e ela, quando se aborrecia não hesitava em gritar-me os piores palavrões. Depois ria-se de meu ingênuo sobressalto. Quando m'os dirigiu pela terceira ou quarta vez, enfureci-me e castiguei-a com murros. Pensei que fosse voltar correndo à casa, para queixar-se de mim. Subiu, porém as escarpas e do alto, se pôs novamente a rir. Esperou que me distraísse, paciente e, subitamente, vingou-se, fazendo-me rolar pelas anfratuosidades recobertas de conchas afiadas. Agarrei-me a um pequeno desvão e ela pisou-me os dedos, rindo-se

sempre, até que me deixei cair sobre as ondas. Isso me tornou cauteloso mas em breve eu me acostumava. Ela não dissimulava mais eu a via tal qual era, malévola, devassa, astuciosa,] cínica e mentirosa, um pequeno monstro contra o qual todos os meus sentidos se tinham de manter em guarda. Entretanto, ante meus pais e os seus, seu comportamento era perfeito.

Eu nunca tinha certeza do que ela era capaz de fazer. Assim, **1** crescemos juntos e embora partilhássemos quanto nossas famílias nos | ofereciam eu, no fundo, desprezava-a. Creio que teve seus primeiros j amantes aos onze ou doze anos. Eu a desprezei ainda mais e ela se vingava contandome, obrigando-me a ouvir o relato repulsivo de suas aventuras. Alguns dos jovens escravos, pescadores, vinhateiros eram os protagonistas de suas alucinações.

Prisco se interrompeu e eu tive a impressão de vê-los ao longo das praias claras, ante o mar azul e as verdes colinas do Taenarum, o seu rosto triste, o seu olhar severo que eu tanto amava, e a figura esbelta, graciosa, cheia de vida de Otávia, suas roupas esvoaçantes, o seu riso fácil, I aquele jeito de lançar a cabeça para trás com desafio e arrogância.

— De pouco em pouco meu desprezo se transformou em ódio. Não foram poucas as vezes que nos ferimos seriamente, em disputas, j embora, de ambos os lados, escondêssemos os motivos reais ao chegarmos à casa ou ao sermos transportados, nos momentos mais graves. Eu lhe dizia que era melhor não nos vermos mais, revelava-lhe meus sentimentos a respeito dela. Otávia ria-se. Depois providenciava sutilmente de sorte a que meus pais me chamassem e exigissem que me desculpassem diante dela.

Quando nos tornamos maiores, ao nos ofendermos, ela já não hesitava em agredir-me, fiando-se em meus sentimentos de honra. Marcava-me com as unhas, esbofeteava-me ou me vergastava com o chicote que usava ao cavalgar. Até que perdi o respeito. Muitas vezes esbofeteei-a e então ela se engalfinhava a mim, atirava-me ao solo e, para aumentar minha fúria, punha-se a me beijar com desesperação. Eu precisava reunir todas as minhas forças para me libertar, livrava-me dela com visível náusea, até que decidi aceitar igualmente suas injúrias físicas, contanto que me pudesse manter à distância.

Ela, entretanto, encontrava novas formas de me atingir. Eu tinha meus lugares secretos desde a infância, os locais de minha predileção onde fruía momentos de leitura, meditação ou de simples solidão ociosa. Ela os descobria espionando-me furtivamente. Dirigia-me a um deles e encontrava-a lançada por terra com um daqueles homens, entre os quais alguns eram criaturas de péssimos antecedentes, rufiões repugnantes, viajantes colhidos de passagem, à margem do caminho... Eu ameaçava contar tudo a seus pais, porém ela sacudia os ombros.

— Terás de provar. Serás capaz? Eu direi que foste tu.

Atirava a cabeça para atrás e ria-se. Assim perdi, um a um, os meus pequenos e bem amados retiros. Entretanto necessitava estar a sós, amava a solidão e o único modo de me isolar que encontrei foi obter um pequeno barco, no qual fugia para as enseadas, ao longo da costa, e de onde sô voltava na maré juzante. Otávia fazia-me indiferente e descrente de todas as criaturas. Eu pensava: Mesmo que tenham um milésimo de sua maldade, eu não as poderei tolerar.

Prisco se deteve e olhou fixamente para mim. Eu sorri a encorajá-lo, mas sem nada dizer. Ele mediu a frase a me dizer:

— Foste tu que mé fizeste mudar...

Ruborizei intensamente e ele prosseguiu com monotonia:

— Muitos dias passei a vê-la antes daquele em que descí da muralha, lembra-te?

Ah! Sim, como eu me lembrava! O seu vulto alto e nobre como o de um deus, o seu rosto tão belo como nunca eu vira outro.

— Da primeira vez assustei-me, negaceei com minhas próprias e- moções. A bucólica cena que oferecias lembrava-me coisas distantes... Mas eras diferente. Notava a graça natural de tuas atitudes, naturais mas como que sempre alerta. Os animais amavam-te, nunca fugiam de ti. A

fidelidade de Coronna falava do amor que lhe inspiravas. Um dia aproximei-me cautelosamente. Mudara a direção do vento e Coronna não pode me denunciar. Tinhas soltado os cabelos e refazias as tranças cantando. Vi-te bem de perto. Teu rosto era mesmo aquele que eu te daria se pudesse. Mas não tive coragem de me acercar mais, até o dia em que me viste e então falei-te. Em teus lábios a voz equilibrada revelava uma inesperada maturidade. Eu me desarmeii...

Interrompeu a narrativa e ficou a olhar as águas que corriam. Seu semblante se enublou.

— Conte-te sobre o solário, não contei?

— Sim, contaste, mas tinhas febre, deliravas...

— Não, não delirava! Não quero mentir-te. Quero que saibas como tudo se passou... Tínhamos treze anos, eu e ela. Um dia estava na praia. As gaivotas gritavam sobre as ondas, disputando detritos que os barcos de pescadores devolviam às águas. Seguindo-as afastei-me de nossa casa e atravessei a divisa da propriedade. Junto aos penedos encontrei Otávia. Ela trazia, atada por uma fita de couro, uma pobre escrava já avançada em anos. A mulher chorava abundantemente. O rosto de Otávia estava esculpido em gelo, a ira chispava-lhe nos olhos. Não sei o que fizerá a desgraçada, mas ia ser castigada agora. Entretanto a punição escolhi-a era bárbara demais. Há muitos e muitos anos não mais se empregava tal forma de castigo, era um processo do qual se falava como se fala de um costume infernal que felizmente o tempo pôde repudiar.

Havia num penedo uma argola profundamente encravada. E, ao pé dessa argola um poço natural que as ondas, mesmo na maré vasante, escondia de todo. Contava-se que, em tempos idos, atavam-se escravos ali. Ao subir a maré, as águas chegavam-lhe aos pescoços. Mas não morriam por afogamento. Os caranguejos devoravam-nos vivos...

Prisco falava agora de um modo brusco, entrecortado. Rememorar todas aquelas coisas era-lhe penoso e horrível, mas eu percebia que seria inútil tentar detê-lo.

— Não sei em que hora aziaga Otávia ouvira falar do martfrio já de todo abolido. Cheguei até onde estava e tentei dissuadi-la. A mulher chorava entre gemidos e as lágrimas escorriam-lhe pelas faces marcadas pelas rugas profundas. Tive pena. Insisti. Otávia agradeceu:

— Preferes uma outra coisa? Uma crucificação?

Está claro que eu também não preferia isso. Ela riu-se e convidou-me a escolher a modalidade da execução. Como eu não me decidisse despiu-se inteiramente e avançou pela água levando a mulher que, esfalfada, a obedecia. Eu me senti irado e revoltado ao mesmo tempo. Não podia aturar aquela imundície, tinha de fazer alguma coisa. Uma idéia me veio. Desafiei-a para uma competição, das muitas que fazíamos. Otávia pareceu interessada. Deve ter tido também uma idéia, pois que voltou ao seco e se vestiu.

— Uma aposta tríplice, propôs. Aceitas?

Eu me agarraria a qualquer coisa. Aceitei.

— Dados, três vezes. Se ganhares três vezes ficas com a mulher, sem nenhuma condição. Duas vezes ficas com a mulher e perdes alguma coisa que terei o direito de escolher e cobrarei depois. Se perderes três vezes dou a velha aos caranguejos e cobro-te ainda alguma coisa. Aceitas?

Eu via que era muito, la ser arriscado! Mas a escrava seguia nosso diálogo com olhos tão esperançados que me decidi.

— Vou buscar os dados, disse a Otávia.

Fui, entrei correndo em casa e iogo estava de retorno. Encontrei-a a nadar, indiferentemente. Acocorada na praia, de mãos presas às costas, a velha olhava-me como a implorar que, peio menos, eu acertasse duas vezes, Otávia veio ao meu encontro inteiramente nua e vestiu suas roupas sobre o corpo molhado. Nem eu nem a mulher estranhávamos seu procedimento. Acocoramo-nos na areia.

— O mesmo para mim, o mesmo para ti, disse-lhe querendo significar que ela ficava sujeita às mesmas condições da aposta.

Eu não podia supor que, rolando aqueles quadrados inofensivos, de marfim, entre as mãs-s

adolescentes, eu jogava com mais de uma vida. A primeira tentativa era minha. Seis olhos atentos seguiram os dados quando rolaram pela areia. Ganhei a primeira vez e a segunda. Otávia trincava os lábios irada, fazendo-os sangrar. A mulher já era minha, estava salva.

— Estás salva, eu lhe disse. Soltei-lhe as mãos e disse: Vai-te embora, estás livre.

Via a velha a correr, tropegamente e desaparecer além das dunas. Joguei pela terceira vez, fiz cinco pontos. Otávia tinha ainda uma possibilidade. Ela jogou. Empatamos. Era preciso fazer o desempate. Eu estava nervoso, minhas mãos suavam. Sabia que alguma coisa de muito desagradável me sucederia se perdesse. Conhecia-a o suficiente para saber que, tendo em vista que não fora estipulada a terceira condição, ela certamente escolheria o pior. Eu cometera um terrível engano e tardiamente arrependia-me.

— Vamos, vamos, ela dizia, acabemos com isto.

Hesitei um instante e joguei os dados. Fiz quatro pontos. Ela colheu os cubos de marfim e pareceu acariciá-los. Fechou as mãos, uma contra a outra e suas unhas de águia, afiladas e cintilantes se tocaram. Então atirou os dados. Eles rolaram nervosamente e um deles deu ainda uma pequena cambalhota sobre a ponta de um coral enterrado na areia. Otávia fez cinco pontos. Ganhara!

Ficou a olhar para mim, a observar-me na minha decepção.

— És sempre o mesmo, disse depois. Ganhas, mas por fim quem vence sou eu!

Ergueu-se num salto e pôs-se a rir divertidamente. Riu até que não se pôde manter de pé e rolou pela areia, sempre às gargalhadas. Foi rolando em direção à linha das águas e ficou ali, envolta pelas ondas mansas, contorcendo-se de riso. Tive um ímpeto ensandecido de ir até onde se achava e apertar-lhe o pescoço com as mãos até que suas gargalhadas cessassem.

Ergui-me e ia dar-lhe as costas mas ela me deteve a gritar:

— Tens honra? Perdi, paguei, tens de pagar também.

— Srm, perdi e pagarei, gritei enfurecido. E como queres que te pague? Dize, dize já!

Ela voltou a rir e me atirava a água salgada à face, servindo-se das mãos.

— Seria muito fácil para ti, se me decidisse agora. Terás de esperar até que pense. Já sabe que não vai ser um favo de mel!

Fiz menção de ir-me embora e novamente ela me conteve.

— Espera, eu posso ter me decidido agora. Tens honra, não tens?

O meu sangue fervia. Ela me olhava da cabeça aos pés e eu percebia bem o que lhe passava pela cabeça. Então uma idéia se formou nítida em minha mente. Eu a mataria ali mesmo, se ela exigisse de mim qualquer coisa de físico. Otávia, porém, brincava como o gato brinca com o rato.

— Representaríamos bem o papel de marido e mulher, não crês? perguntou a sorrir. Suponha que eu exija que te cases comigo, suponha?

Não respondi, mas por dentro devorava-me o mais violento dos ódios.

— Ora, de que vale afinal um casamento? disse com um sorriso de desafio. Não vale a pena incomodar-te com essa instituição grotesca. Também eu não gosto da idéia...

Ela se ergueu e ficou de pé à minha frente, sorrindo sempre e agitando as roupas molhadas na brisa, para que secassem.

— Casar-me contigo teria um ponto favorável. Eu gostaria de ter um filho teu. Dos outros não. Teu! Casar-me contigo teria esta vantagem.

— Não teria esta vantagem porque nunca terias um filho meu! disse-lhe friamente.

— Papai diz que um filho nosso reuniria as duas propriedades.

— Pensa bem, disse-lhe brutalmente. Eu pagaria a aposta simplesmente casando-me contigo. Tudo quanto viesse depois seria à parte e eu não estaria obrigado a pagar-te. Sabes o que sinto por ti. Dou-te a palavra que não te encostaria um só dedo após celebrado o contrato. Tu me aborreces, tudo quanto fazes me enoja!

Ela se modificou ao ouvir isto. Pestanejou. Sua mão Cortou o ar e atingiu-me violentamente a

face. Não retribuí o gesto. Não sei porque aquilo me deu prazer. Eu a atingira, era isso. Sorri. Meu sorriso teve o dom de enfurecê-la. Quis atingir-me outra vez, porém a contive prendendo-a pelos pulsos e mantendo-a à distância, mesmo de seus ponta-pés. Ela gritava e se contorcia. Uma chuva de impropérios e palavrões do mais baixo calão choveram-lhe da boca. E dessa vez era eu quem ria, desferrando-me, sentindo-me vingado.

Depois ela serenou. Qualquer coisa ocorreu-lhe, mas só mais tarde eu viria a saber o que. Tinha a cabeça pendida mas depois ergueu-a e olhou-me bem nos olhos. Otávia tinha maturidade, mas uma maturidade sazoadada no mal. Eu era um adolescente, sabia-a astuciosa e má, porém não fui capaz de ler-lhe o que ia na mente.

Larguei-a, ela se recompôs calmamente, ageitou os cabelos e me disse com tranqüilidade aparente:

— Um destes dias irei a tua casa, cobrar o que me deves.

Sua voz não tinha já nenhuma nuance de ira e eu me surpreendi com aquela rápida mudança. Deu-me as costas e voltou para sua casa. Inda fiquei um instante a olhá-la, a meditar, depois colhi os dados esquecidos sobre a areia e também regresssei.

Passei os dias que se seguiram preocupado, a espera do que ela viria propor-me. Não podia fazer idéia da forma de pagamento que ela exigiria de mim. Ela tardava, certamente para aumentar minhas horas de tortura é eu me sentia doente a cada vez que imaginava a lista de torpezas às quais se habituara e que poderia exigir também de mim.

Finalmente, uma manhã ela surgiu a cavalo.

— Vim cobrar-te, anunciou.

Todo o Outono transcorrera e o Inverno ia a meio.

— O que resolveste, perguntei com desconfiança.

— Ora, nada de sério! Terás que te submeter a uma prova de perícia, a cavalo.

Não nos tínhamos visto nos últimos meses, ela se teria modificado? Suspirei aliviado e ela o percebeu.

— Mas não te alegres, obtemperou. Terás de fazer a prova de olhos vendados, no meu cavalo.

Ainda não estava mal. Olhei para o animal que ela cavalgava, era um potro arisco e selvagem, que só ela dominava. Trazia um forte arreio, porém aquilo não me causou suspeitas, nem tão pouco o rolo de forte tira de couro cru que ela trazia ao ombro.

Fizera frio intenso pela manhã, porém naquele momento o Sol brilhava e eu lhe disse que ia lá dentro trocar de roupa. Subi as escadas a correr. Pela janela de meu quarto vi que, estendidos aos mornos raios do Sol hibernal, meu pai e minha mãe dormitavam tranquilamente no solário. Tinham-se deitado sobre baixos leitos de junco e se envolviam em mantas de peles. Fiquei a olhá-los por um momento, comprazendo-me com a paz que transparecia de seus olhos pacificados no sono. Ao me voltar dei com Otávia às minhas costas. Entrara silenciosamente e também olhava o par adormecido.

— Nesta estação e a estas horas estão sempre aí, não é? sussurrou-me.

— Sim, assenti. E tornei a olhar para aquele ponto da casa, na parte mais antiga da construção. Às colunas de sustentação tinham sido aproveitadas para uma pérgola sobre a qual as plantas trepadeiras tinham se entrelaçado fortemente e que, agora, mostrava-se acumulada pesadamente pela neve endurecida.

Descemos juntos. Eu me sentia despreocupado e por mais que procurasse um vestígio de maldade no semblante de Otávia, não o encontrava. Pelo contrário, poucas vezes eu a vira assim tão cordata e calma.

Não me deixou sair.

— Tenho tudo pronto, disse. Enquanto subiste eu me aprestei. Vou te vender primeiro, depois te levarei.

Submeti-me pacificamente. Ela me amarrou um lenço negro sobre os olhos, apertadamente,

alegando que a medida visava que não a burlasse. E pôs-me um rebenque às mãos dizendo:

— Pelágio tem a boca dura na saída. Terás que bater-lhe com toda a tua força. E depois terás de cavalgar às cegas, até onde te leve.

Não será difícil, pensei. Ele me levará, o mais longe, à sua cavalaça. Será suficiente que me aguente na sela e procure defender a cabeça contra algum galho baixo, mantendo-a ao nível de sua própria cabeça.

Levou-me para fora e eu sentia o Sol em meu rosto. Supus que dávamos a volta à casa e eu ouvia a voz de Otávia a serená-lo. Ajudou-me a montar apaziguando o animal com tapinhas e afagos. Pelágio empinou mal me vi na sela.

— Agora vai, ela gritou. Bata-lhe, use a chibata.

Eu queria livrar-me daquele compromisso importuno e fazia o que mandava. Segurei fortemente a chibata e vergastei o lombo do animal. Alguma coisa, entretanto, o prendia. Arremeteu uma vez, duas vezes...

— Meta-lhe o rebenque, Otávia gritava.

E eu obedecia. Q cavalo relinchava loucamente. Metí a chibata rijamente em seu lombo e então ouvi uma exclamação de meu pai, acima de minha cabeça e, em seguida, um grito de minha mãe. Nesse mesmo instante Pelágio arremeteu com fúria infernal, libertou-se e alguma coisa fui estrepitosamente atrás de mim. Foi um fragor horrível que me acompanhou em pesadelos através dos anos, enchendo de sobressaltos os anos de minha juventude. Arranquei a venda. Dez passos além de mim o solário viera abaixo afundando-se sob a pérgola e soterrando meus pais entre os escombros. A forte correia que Otávia trouxera prendia-se, fortemente atada, do peito do cavalo à principal coluna de sustentação. A construção antiga, sob o peso da neve, não resistira aos empuxões.

Eu estava transido de horror. Lestamente Otávia se movia em derredor de mim. Soltou a correia nos dois extremos, enrolou-a e prendeu-a ao arnez da sela.

Os servidores da casa, surpreendidos, acorriam em desespero.

— O senhor e a senhora, gritavam os mais velhos arrancando os cabelos em pranto.

Apeei, ou fui apeiado do cavalo. Eu me transformara numa estátua de pedra. Sob a direção de Teodósio, o velho mordomo da casa, os escravos se puseram a remover os escombros. Minha mãe foi retirada morta e meu pai sobreviveu-a, inconsciente, apenas algumas horas. Quizeram arrancar de mim um testemunho, porém eu mergulhara num mutismo que durou alguns meses. E naquela penumbra mental, entretanto, eu podia lembrar-me da explicação que, adiantando-se a mim, a própria Otávia dera. Estávamos os dois nos preparando para um passeio e o solário viera abaixo. O primeiro ruído partira da coluna mestra que oscilara e ruíra em seguida. O resto do pequeno edifício acompanhou-a. Fora só isso. Em minha presença ela falou assim. E todos acreditaram.

Prisco fez uma pausa. Continuava de olhos fixos nas águas que rolavam escoachando, surdas e indiferentes. Em seguida voltou-se para mim sem me fitar:

— Isto étudo, concluiu. Depois foi o longo crepúsculo. Mas eu era jovem e forte, chegou o dia em que pude recobrar-me. Era tarde e inútil contar como tudo se passara. Quando muito poriem em dúvida a minha sanidade mental. Viajei para longe, acompanhado por Teodósio, fomos para as Gálias, onde reside um irmão de meu pai. E o contacto com novas paisagens, com outras pessoas, sobretudo o tempo, fez-me aos poucos esquecer. Voltei ao Taenarum. Nícalo, que fora um companheiro ocasional de infância, *procurou-me em seguida*. Apesar de quanto tentava fazer por mim, era-me intolerável permanecer na casa. Foi com alívio que recebi, através dele a notícia de que fôramos recrutados pelo *delectus militum* e que deveríamos nos dirigir ao exército consular, em Roma. No Taenarum furtara-me a qualquer encontro com Otávia. Vagamente soubera que dividia seu tempo entre a casa paterna e a alta sociedade romana onde se sentia feliz entre os prazeres que uma vasta corte de admiradores lhe assegurava. Julguei que estivesse esquecido, entretanto ela veio ao meu encontro,

impassível, como se nenhum fato tenebroso se interpusesse entre nós. Fugi-lhe mais uma vez cheio de asco e horror. E foi o pior a fazer. Suas perseguições aumentaram até que um dia não pude suportar mais. Fui às mais altas autoridades e solicitei transferência para longe. Meu nome antigo e respeitado oferecia-me facilidades.

— Para onde queres ir, indagaram surpresos.

Lembrei-me de que o pai de meu avô fora *cônsul suffectus* em Se- bastes e que a cidade era um ponto remoto ao centro da Capadócia.

— Quero ir para Sebastes, na Capadócia.

O homem assobiou. Era um fim de mundo que eu desejava. Ali, disse-me estacionava a XII Legio.

— ótimo, afirmei, É o **que desejo**.

E saí satisfeito a andar pelas ruas de Roma. De repente sentia-me cheio de esperanças e, pela primeira vez, depois de muitos anos, uma onda de desafogada alegria borbulhava em meu peito. Nós podemos adivinhar! Eu adivinhava que vinha ao teu encontro. Aguardei avidamente a visão da cidade e quando a tive aos olhos, meu coração pulsava.

— Irra, que lugar tão bruto, tão triste, tão feio, diziam os companheiros, entre eles Nícalo, que me seguira.

— Não, não, eu os contrariava com sinceridade.

— Verás que espécie de gente são os capadócios, agouravam eles.

— Nem tanto assim, eu contradizia a rir. O mesmo estarão a dizer de nós.

— Para tudo arranjas uma resposta, diziam eles. E me apupavam alegremente.

Nem bem uma semana depois eu saí a passeio pelas colinas da estepe e vi-te pela primeira vez. Um mês transcorreu e nos falamos. Mas no dia seguinte a esse, quando eu mais me alegrava, Nícalo contou-me que Otávia se encontrava na cidade, hóspede na casa do Procurador...

Houve um silêncio entre nós. Tomei-lhe a mão e afaguei-a como se o fizesse a um pássaro ferido. Ele aceitou pacificamente aquela carícia como, aliás, vinha aceitando tudo quanto lhe fazíamos.

— Nossa alma pode apodrecer como apodrece o corpo? perguntou devagarzinho.

— Construímos o bem e o mal, mas só desgastamos o mal, nunca o bem. Compreendes o que quero dizer?

Ele não disse nada e eu não podia saber em que pensava. Receei que se aborrecesse ao ouvir-me mais uma vez desenrolar as minhas idéias, que não podia aceitar.

— Sois todos bons para comigo, disse suspirando. Tendes paz e conseguis dá-la aos outros. Mas de que vale isso se temos de viver lá fora?

O tom de profundo abatimento com que disse aquilo, doeu em mim. Quis procurar alguma coisa, alguma frase de esperança, de confiança para dizer-lhe, algo que nos envolvesse a ambos como num cálido manto de reconforto, mas não encontrei. Suas revelações tinham-me perturbado.

— Senta-te ao pé da cama para que eu possa ver-te, pediu.

Atendi e ficamos a nos olhar. A luz do Sol em declínio, atravessava a ramada naquele ponto e punha-lhe tons esverdeados sobre o rosto. Lima mecha de seu cabelo pendia-lhe sobre a testa e seus olhos escuros, misteriosos e tristes, eram como aquelas lagoas salobras e adormecidas que Filoctemo e eu tínhamos visto nas elevações inóspitas da estepe.

Assim lembro-o ainda, tal como estava, a fitar-me desencorajado e enfermo, naquela tarde. Então eu lhe disse:

— Uma vez Jesus falava aos que o seguiam, na encosta de uma montanha, e muita coisa bela e sábia disse. Bem aventurados os aflitos, pois que serão pacificados. Bem aventurados os que choram, pois que serão consolados...

Falei-lhe ternamente no sermão inesquecível e Prisco ouvia de o- Ihos presos aos meus. Repeti as passagens que sabia de cor e elas soavam cheias de paz e de uma estranha e suave força, entre o marulhar das águas e o farfalhar das folhas.

Houve em seguida um meditativo silêncio entre nós e, então, o convencional sinal ressoou entre as arcadas. Eutíouio voltava...

Levantei-me e fui abrir a porta.

CAPITULO — XXIII

Eu fazia parte do grupo que esteve no porto do rio para recepcionar a Arrius. Lembro-me bem daquele barco dotado apenas de *thalamitas*, isto é, de uma única fila de remadores porque sua vela era negra, o que denotava luto.

Ficara com Zenóbia na retaguarda do grupo, um pouco distanciadas, pois tinha-se decidido que a recepção seria discreta, como convinha à situação.

Eu ouvia o murmúrio das vozes no cais não muito amplo e que se prolongava até um ponto mais profundo do leito do rio por uma prancha rústica de madeira que facilitava o desembarque.

Prisco ainda estava oculto na fortaleza, no local mesmo para onde o pregador seria levado. Lentamente se recobrava e, naqueles dois últimos dias, muitas horas eu tinha passado ao lado dele, vivendo suas decepções e desencantos, seus sonhos e pesadelos. Minhas tristes lembranças de Otávia tinham sido acrescidas pelas dele. Eu crescera junto dela, no Taenarum, e me enchera de pavor por sua conduta desnorteante e alucinada. Depois ajudara-a a dar o nó fatal em torno da coluna e fizera ruir o solário. Mas eu também dera muito de mim a ele, o que possuía de mais importante e vital e ele ouvira-me calado, sem nada dizer.

E agora que as partes do quebra-cabeças estavam reunidas, eu concordava com ele: Otávia estava inexoravelmente à nossa sombra e não havia como removê-la. Éramos três prisioneiros sem esperança de libertação.

Eu pensava e olhava em volta de mim, sem encontrar uma porta que se nos abrisse. Talvez aquele obstáculo constituído por nossas idéias antípodas pudesse ser removido por uma espécie de tolerância que, embora dolorosa, o amor permitiria. Em teoria isso era possível, porém não na prática. Eu não me modificara o bastante, embora registrasse sensações novas e desconhecidas. Eu temia Otávia, porém me alegrava com o fato de que em uma vez ao menos fora capaz de odiá-la. Sabendo-a perversa e dada à violência, percebia o quanto não devia ser miserável e infeliz. E tinha uma imensa piedade. Ferindo e atormentando, quanto não se ferira e atormentara!

Batido e alquebrado, com o peito quase varado pela seta que ela ordenara fosse disparada, Prisco entregara-se finalmente ao seu poder. Mas eu nunca sentira essa força atuando sobre mim e nisso estava talvez a possibilidade de nossa salvação a dois. E Otávia fora impotente apenas porque a impressão de um outro poder era perfeita em mim. Assim, eu lhe escapava sempre, reagindo à sua teia de obsessão e de morte.

Eu não desconhecia os poderes que a mente tem. Jesus afirmara em certa passagem: "vós sois deuses". Otávia podia partilhar comigo muitas horas do dia, pois que incessantemente eu pensava, analisava, recordava, mas era sempre alguém ante a qual eu lastimava, envolta em piedade. Dentro de minha cabeça podia gargalhar perdidamente; eu mantinha o lenço para secar-lhe as lágrimas.

Mesmo naquele dia meditara longamente sobre nós. Prisco nunca a amara, nem ela a ele. Por que, então, aquele insano sentimento? Eu não podia imaginar em que ponto do passado a mão infernal do ódio mais intenso atara o nó terrível. Agora defrontávamo-nos mais uma vez. Por que? Para que? Para uma tentativa de libertação recíproca, não havia dúvidas. Mas, onde as possibilidades? Este era o ponto mais intenso de meus pensamentos. Eu não encontrava, para nenhum de nós, qualquer possibilidade. Estávamos juntos para a grande prova, para nos vencermos uns aos outros de uma vez por todas. Mas, de que maneira desprezar as armas antigas, profanar o santuário de nossos vícios, de nossas imperfeições? Como desprezar definitivamente as terríveis divindades ante as quais nos depúnhamos uns aos outros, à maneira de sangrentos ofertórios?!

O vozerio aumentou quando o navio se aproximou sobre as águas barrentas e tocou ao pranchão. Marinheiros miseráveis, em tangas imundas, saltaram lestos, trazendo enormes rolos de cordas enroladas ao corpo e foram fixá-las ao pontão antes que a correnteza levasse o barco para os bancos de areia.

A curiosidade natural do povo exigia uma explicação para a vela enlutada. E em breve, repetida de boca em boca, a explicação surgia passando de Zenóbia para mim. A filha do proprietário do barco, um grego chamado Milas, falecera.

O barco, que era cargueiro e transportava fardos de lã, tapetes, trigo e couro, trazia poucos passageiros. Não desceu ninguém que pudesse ser identificado como o esperado.

— Não terá vindo? — Zenóbia perguntou.

— Sim, veio, — Disse Bibiano. — Mas deve estar esperando que o movimento diminua para descer. O que é muito bem lembrado.

Ficamos a assistir a disputa dos trabalhadores em torno dos fardos que deveriam ser descarregados, disputa que se renovou quando outros tantos tiveram que ser levados para bordo. Depois o movimento cessou. Os curiosos que costumavam assistir ao espetáculo dos barcos atracando, aqueles que tinham vindo esperar os viajantes, os vendedores de frutas e legumes, que abasteciam as cozinhas flutuantes, todos partiram.

Então Arrius surgiu. Vi-o sobre o pontão, caminhando em direção a nós, como que a adivinhar quem éramos. Vestia-se modestamente: uma túnica grosseira, sem mangas, e um manto estreito, como os filósofos os usavam. Hoje ainda, se fechar os olhos, sou capaz de revô-lo.

Era alto, grave e sério. A virtude e a austeridade pintavam-se em seu rosto. Mas apesar desse ar de severidade e de tristeza que a meditação imprime à fronte daqueles que se devotam aos tormentos do pensamento, era irresistivelmente atraente.

Nós nos detivemos emocionados, incapazes de dar um passo à frente, silenciosos, e só ele se movimentava, lentamente, sorrindo compreensivo, como a esperar que retornássemos à calma. Fechei os olhos e mesmo assim sentia a sua aproximação irradiante. Muitos de nós tínhamos os olhos marejados de lágrimas e essa emoção profunda, curiosamente, fazia-nos um grande bem.

Com ele chegava um homem claro, de expressão aberta e cordial, que acertamente imaginei ser Euzótio, e ainda dois jovens, na idade aproximada de meus companheiros e que não pude saber quem fossem.

Ante o grupo, Arrius cumprimentou-nos sem expressões formalísticas* empregando a saudação que frequentemente usava: *Glória ao Pai pelo Filho, no Espírito Santo*, e que seus adversários transformaram na expressão que atravessou os séculos intrínseca e sutilmente modificada: *Glória ao Padre, ao Filho, ao Espírito Santo*.

/ Arrius sorria ainda ao curvar sua alta estatura diante nós e depois -^nos disse em tom sincero e afetuoso:

— Meus excelentes amigos!

Foi Filoctemo quem tomou a palavra saudando-o brevemente e quem, em seguida, identificou os presentes. Por fim Arrius viu-nos, admiradas e tímidas à retaguarda e se aproximou de nós. Como fizera aos outros, tocou-nos o ombro com a mão direita ao ouvir-nos o nome e em seguida, a Zenóbia e a mim, também tocou-nos as cabeças descobertas.

— Euzótio, Ilésio e Lisímaco também desejam conhecê-los. — Disse em seguida voltando-se para seus acompanhantes.

Não tardei a perceber que Ilésio e Lisímaco tinham vindo para ficar. A alegria que o olhar de Filoctemo irradiava ao se fixar neles foi o bastante para que se desfizessem minhas dúvidas, se as tivesse.

ILÊSIO

Os olhos de Ilésio relampejavam.

— *Ê elel — Tinham dito.*

Então abriu-se a porta e, um momento depois, vira-o. Era alto, quase um gigante. Seu rosto, de barbas e cabelos escuros porém já evemente agrisalhados, tinha a gravidade melancólica de um filósofo. Seu trajar era despido de qualquer ostentação, seu modo de fitar as pessoas direto e desanuviado.

Ilésio aborda-o:

— *Desejaria falar-vos, senhor.*

— *Como te chamas?*

— *Ilésio. Sou um estudante da metafísica e aspiro os bancos do aprendizado cristão, mas senhor, nos terrenos mais altos da especulação, na filosofia, no campo dos conhecimentos superiores, transcendentos. Quisera orientar-me para os liceus doutrinários onde, bafejado pela solidão, pudesse entregar-me aos estudos necessários. Dizei-me senhor, em que parte possui o cristianismo suas academias, para que eu possa nelas inscrever-me. Em Jerusalém? Em Atenas? Em Alexandria?*

Arrius sorri e seu sorriso é triste.

— *Dize-me, filho, crês em Deus, o Criador, pois não? — Perguntô-lhe.*

— *Oh! Sim, e desde a tenra infância cultuo Aquele que ensina o verme a rastejar, o arbusto a se desenvolver, o homem a raciocinar.*

— *Sabes da expectativa do Supremo Senhor a nosso respeito?*

— *Oh! Sim! Ajuda-nos a crescer, de existência em existência para que, um dia, possamos servir-IO integrando-nos vitoriosos em seu divino amor, glorificando-O em face da vida.*

— *Ah! Ilésio, filho do meu coração. — Diz o homem com acento profundo e inesquecível. — Achas que a semelhante condição chegaremos simplesmente através dos mil modos e da coloração brilhante dos nossos raciocínios?*

— *Nossa cultura é, sem dúvida, indispensável, e, em essência, constitui a robustez do tronco respeitável.*

— *Exatamente. Assim como os nossos sentimentos, preciosos e necessários, representam o requisito imprescindível à colheita dos frutos.*

Ilésio compreende, mas seu olhar deixa transparecer o desencanto.

— *De sorte que...*

— *De sorte que o Pai só é glorificado quando nos abrimos aos seus decretos de amor universal, produzindo para o bem eterno.*

— *E vos estribais em Jesus para isso afirmardes, senhor?*

— *Sim, nestas palavras textuais: "Nisto é glorificado meu Pai: que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos".*

Ilésio encontra-se na última assembléia em Arnasea e Arrius dá-lhe a palavra para o comentário. Discorre eloqüente e longamente sobre os ensinamentos legados por João e que, por todo aquele dia, o tinham ocupado. E fecha sua alocução dizendo assim:

— *Que nossa atividade, dentro da vida, produza muito fruto de paz e sabedoria, amor e esperança, fé e alegria, justiça e misericórdia, em trabalho pessoal, digno, constante, mútuo, porquanto somente assim o Pai será por nós glorificado e só nessa condição seremos discípulos do Mestre Redivivo.*

LISIMACO

— *Ao carvoeiro se aplicará o que merece — Disse o pretor. — e o que o centurião considere justo. Já estamos fartos de homens como este carvoeiro e todos os de sua laia. É preciso acabar com eles e nisto seguramente estarão comigo os presentes.*

— *Ó carvoeiro não infringiu nenhum disposto em lei, trata-se de útna questão de Justiça. O carvoeiro é um chefe de família, um cumpridor cioso de seus deveres e obrigações. As testemunhas Já foram ouvidas, confirmando este arrazoado.*

O pai de Lisimaco se encontrava de pé entre o pretor e o centurião, tentando influir na situação. Mas o pretor tinha a decisão em suas mãos.

— *O carvoeiro é acusado de sedição, disse secamente.*

O carvoeiro se encontrava, atado de mãos e pés, bem em meio ao recinto. Para ele já não havia nenhuma esperança, porém não parecia dar por isso. Não tinha um único gesto de agitação ou desesoero e seu olhar mostra-se sereno. Era como se o iulgamento e a pena fossem habituais em sua vida. O centurião levou-o para o pátio e leu a sentença do pretor. O pai de Lisimaco acompanha o réu e o menino segue-o de longe. O carvoeiro é atado ao poste e, em seguida, os soldados, comandados pelo centurião, enchem-no de flechas como se fora um cardo. Seu último olhar sobre todas aquelas faces que o fixam com duvidoso interesse não era o de quem fitasse inimigos. Era um olhar cáldo, como o de um cão ferido.

Lisimaco volta-se e se põe a vomitar. O pai acerca-se, ampara-o, percebe o que lhe vai por dentro. Criara-o no mais entranhado amor e respeito à instituição da justiça que ele mesmo cultivava como homem da lei por vocação natural. Mas a justiça mais uma vez falhara horrivelmente. E o pai procura explicar:

— *Não entendas mal a situação. É possível que a aplicação da lei, embora diversa do que tu e eu entendemos, por interpretação, esteja certa. Há, neste caso, a questão da conformação às disciplinas...*

O menino sorri pálido e estranho. Recompõe-se.

— *Pai, a justiça dos homens há de ser sempre sujeita ao critério dos homens.*

O pai se desconcerta, percebe que as dúvidas do filho não serão facilmente removíveis e que sua intromissão, agora, será de todo desnecessária. Será melhor deixar que o episódio se apague na memória do jovem. Este, entretanto, se demora no assunto:

— *Pai, segundo o critério da justiça humana, o que mais intensamente vai contra o critério comum?*

A face do homem empalidece. Ele próprio se devotara em a-primorar a argúcia e a penetração daquela jovem inteligência. Neste momento quase se arrepende.

— *Por que? — Pergunta.*

— *Tu me ensinaste a cultivar a justiça e o direito. Para não perder esse amor que me inculcaste, necessito ir além do que tu podes, talvez, levar-me. Assim, permita que eu siga sozinho em busca da visão de conjunto. Por favor responde ao que te perguntei.*

— *Bem... o que vai mais diretamente contra o critério comum? Bem... certamente o que condenou o carvoeiro, embora inocente. Em suma essas idéias nocivas em torno de um Cristo, isso que os judeus divulgam intitulando-se nazarenos...*

E não diz mais nada. E nem ao menos tenta interceptar os passos do adolescente que, dando-lhe as costas, abandona o pretório.

Lisimaco tem a sensação de ter chegado ao lugar certo. Ao homem postado à porta diz com séria honestidade:

— *Vim por causa do carvoeiro. Peço-vos que me permitais entrar, ver e ouvir.*

— *Tu vens por causa do carvoeiro?* — *Indaga o porteiro perplexo, observando-lhe as roupas caras e bem postas.*

— *Sim, por causa do carvoeiro e da justiça.*

Passa. Lá dentro, lê-se o texto de um manuscrito e, depois com apaixonado ardor, comentam-no. Lisímaco não percebe a passagem do tempo. Minuto a minuto dão a Lei em forma de Esperança, Alegria e Amor entre todas as criaturas. A justiça esplende cercada em luzes ;m- perecedouras. Não poderá nunca mais esquecer tudo aquilo . Necessita de mais e mais.

— *Como se intitula e quem escreveu o código que leu e estudou esta noite? Vai perguntar ao instrutor, mal encerrada a assembléia singela.*

Chamamo-lo o Sermão da Montanha, responde o outro baixinho. Escreveu-o Mateus, o publicano, conforme a palavra de Jesus.

Lisímaco caminha devagar. Tem pouca vontade de voltar.

Lisímaco e Ilésio tinham-se reunido à bordo em torno de Arrius. Ilésio regressava ao lar depois de demorados estudos em Bizâncio. Sua inteligência atraíra a atenção de Arrius que empregara os dias transcorridos em viagem, a instruí-los sobre as verdades evangélicas. Lisímaco, apesar de seus verdes anos, era já um hábil jurisconsulto e como tal aportava em Sebastes onde se estabeleceria na profissão, substituindo um tio, Porfírio, o Velho, do qual muitas vezes ouvíramos falar entre questões do âmbito da justiça.

Euzótio abraçava-os quando deixamos o porto e, em pequúoos grupos cautelosos, cobrimos os quinhentos metros da estrada até onde os trilhos estreitos das cabras cortavam os renques de carpas, juníperòs, a- moreiras silvestres e rododendros, até onde era possível, com segurança e a coberto, alcançar a passagem secreta da fortaleza.

Já distanciadas da estrada, Zerióbia e eu apressamos o passo e alcançamos o grupo de que Arrius e Euzótio faziam parte. Filoctemo explicava aos dois pregadores quanto se passava em nossa cidade relativamente à comunidade dos seguidores de Cristo. E, sem críticas a Méiiton, desculpava-se pela simplicidade rústica do local que lhes fora reservado. Entretanto, se a preocupação e o desagrado pintaram-se no rosto dos visitantes à narrativa dos rumos que tomava a *ecclesia* de Sebastes, já no interior da fortaleza essas expressões se modificaram.

— *Mas é tão calmo.* — Fez Arrius com agrado, percorrendo com os olhos as altas paredes onde as lucilações das águas dançavam irisadas dando a ilusão de movimentos aos cortejos reais imobilizados nos frisos. Vô Euzótio, um local como este, como nos conviria.

Pareceu apurar o ouvido para captar o éco débil das águas a correr, respondido pelas profundas arcadas e nós silenciámos respeitando-lhe a atenção. Depois avançou pela esplanada a sua figura alta e nobre e foi se deter junto ao ancoradouro, olhando as águas amarelas que escoachavam ansiosas em plena corredeira. Então voltou-se para nós a dizer:

— *Crede, eu desejaria permanecer convosco indefinidamente. A alegria de vossa arguta mocidade, o encanto inesquecível deste lugar...*

Levamo-los às suas celas, mas ao serem informados acerca do enfermo com o qual avizinhariam, desejaram vê-lo. Prisco enfrentou-os com serenidade e pronunciou palavras protoco: .res ao ouvir-lhes a declinação dos nomes já famosos em todo o Oriente. E talvez movido pela sua polidez, na qual não pude distinguir nenhum traço dé frigidez e apenas uma vaga tristeza, Arrius colheu-lhe a mão na sua e assentou-se no escabelo indagando-lhe de sua região natal naquele tom de voz suave e profundo oue era, sem dúvida, uma de suas grandes armas de conquista.

Eu não tive dúvidas de que sua linguagem pura e quente, o magnetismo de seu olhar não foram indiferentes a Prisco pois que, durante todo o tempo que se seguiu, a cada vez que Arrius se dirigiu ao grupo, nas reuniões coletivas, pediu para que o transportassem para a sala principal. E com emoção eu percebia que Arrius não o ignorava, embora o seu silêncio constante. Dirigia o olhar para o catre

em que se deixava ficar e sorria-lhe, aquele sorriso nostálgico ao qual vagamente Prisco correspondia com não menor melancolia.

Deixamos os visitantes a sós, com os leitos prontos e alimentação fácil à mão, para que tivessem o primeiro descanso em terra. Acácio permaneceu para atender-lhes às possíveis solicitações e assistir ao enfermo. Lismaco e Ilésio, na companhia de Jântio se dirigiram à cidade, onde já dispunham de alojamentos.

Vi impacientemente decorrer as horas do dia e à tarde, quando regresssei à fortaleza, com Cirilo e João, um grupo compacto já se tinha formado em torno de Arrius, assentado no local que se lhe tornara o predileto, na esplanada, sob a galharia selvagem das árvores ribeirinhas.

— Gostaria que me levassem para fora. Disse-me Prisco quando me aproximei dele. — O silêncio cansa-me. Conversam lá fora, não conversam?

Pedi a Eliano e Flávio que me ajudassem a levá-lo. Transportamo-lo para o canto, onde se reuniam os outros. Ali, de pouco em pouco, sua impaciência se aquietou. Removi as ataduras em torno da ferida profunda. A peie, dilacerada horrivelmente, quando desabara da biga, agora, progressivamente se refazia. Mamãe dissera que o processo de cicatrização, para ser seguro, teria de vir de dentro para fora. O pulmão ferido já não o incomodava tanto e sua febre aplacara-se de todo. Enquanto substituí os unguentos e repunha os cataplasmos de folhas curativas, ouvia a palestra que se travava poucos passos além. Aos pés de Arrius e Euzótio, encontravam-se os elementos mais cultos de nosso grupo: Oonnato, Filoc-teno, Nlcalo, Flávio, Leôncio e Lisímaco.

A todo instante o sinal convencional se fazia ouvir à porta e um de nós se levantava para ir abrir. Lembro-me de que fui eu quem acendeu as *taedas* quando as sombras do crepúsculo se acentuaram e de que, com extraordinária penetração, naquele instante, Arrius discorria acerca dos segredos da dialética peripatética. Disso, — perfeitamente familiar às doutrinas de Platão, — passou a falar sobre o *daemos* de Sócrates. Sua conversa e suas maneiras, não obstante a gravidade que nem por um único instante o abandonava, eram cheias de graça e de amenidade. Creio hoje, que nenhum homem foi, jamais tão caluniado por seus inimigos. O- brigados a render justiça à sua virtude e ao seu saber, acusavam-no de se servir de ambos para enganar os seguidores de Jesus e provocar confusões. Um dia, iam dizer que era o mais louco dos homens, um celerado capaz de todos os crimes e, nos anos que se seguiram, tudo isso eu ouvi.

Mas naquele entardecer em Sebastes, sob as antigas paredes, nós o olhávamos demoradamente em meio a um clima de respeito e admiração a que todos partilhávamos. Imponente e sereno, conciso e lícido, suas vestes rudes, sua barba longa, seu profundo olhar davam-lhe o Inesquecível ar de um profeta antigo. E eu, embevecida e maravilhada, não poderia nunca imaginar que, não muitos anos depois, aquela figura alta e augusta rolaria ao pó das ruas de Alexandria, fulminada por uma dose letal de veneno, ministrada a mando de seus desafetos.

Envolta na pecha da heresia, a memória de Arrius atravessaria os séculos, seus escritos se perderiam, seu nome se sepultaria entre os detritos da fé, mas um dia outro homem voltaria, dentro da religião, a apelar outra vez para a razão e inscreveria no pórtico de seus templos: "Fé só é aquela que pode enfrentar a razão face a face". Então o nobre e generoso arauto ressurgiria para prosseguir a obra interrompida e diria aos homens como em outros tempos: — Glória ao Pai pelo Filho, no Espírito Santo.

Lembro-me também de que naquela primeira noite, informalmente, porém com os Evangelhos nas mãos, Arrius agitou a questão principal que motivava a crise daqueles tempos: a profissão de fé católica que substituiria a fé cristã, a voz consubstancial, *omousios*, aplicada para designar o caráter de igualdade de Jesus com o Pai.

Visto de perto, nas primeiras vezes, como tudo aquilo me parecera tolo! Não menos do que as intermináveis questões casuísticas com que gastavam seus dias os rabinos das sinagogas.

Colocando-me num plano de observação, todavia, eu não tardaria a compreender que aquela era a

fonte espúria de onde promanaria, antes, a teologia improdutiva e absurda, o dogma escravizador, depois. O edifício que aprisionaria as almas, nos séculos que se seguiriam, seria levantado sobre aquela pedra. E o recurso à violência, ao fanatismo e à intolerância, com o nome inocente de Jesus à frente, se inauguraria ali também.

— Nos três primeiros Evangelhos — mencionava Lucas, Mateus e Marcos — e mesmo em João, o Filho é muito nitidamente subordinado ao Pai. E como entender essa subordinação explícita em mais de uma passagem?

Orã, se o Filho é subordinado ao Pai, Ele não é, absolutamente Deus, Ele não é tudo quanto o Pai é, o que quer dizü. que não é igual ao Pai. De outra forma, haveria dois deuses iguais em tudo, o que é politeísmo.

Ao lado do incriado não pode haver senão o criado, e quem diz criado diz o que começou, o que nasceu no tempo. Assim, pois, o Filho é criatura, é obra. É um protótipo, sem dúvida, um maravilhoso espírito, ma9 criatura enfim.

Isso nos disse Arrius e eu percebi, naquele mesmo instante, porque seria derrotado, vilimpendiado e assassinado: sua obra não poderia viver num mundo vazio de senso, como o de então, entre o triteísmo e o unitarismo. Como um monoteísta, Arrius era como um daqueles profetas antigos, cuja figura os textos bíblicos antigos nos trouxeram e era assim, tão extremamente um semítico, que não podia admitir uma geração do Filho essencialmente distinta da criação. E, finalmente, platônico, não podia fazer do Verbo, do Logos, senão a idéia arquetipa de Deus, realizado para servir à produção do mundo.

Em tudo quanto dizia havia um forte elemento de racionalismo, porém vestido de simplicidade, de proposital sentido comum, tal qual o farias, quinze séculos depois, Allan Kardec, o Coodificador da Doutrina Espírita.

— Os ortodoxos querem impor a obrigação de crer. — Ouvi Flávio dizer. — É inútil, eles dizem, a penetração dos sentidos. A obscuridade é divina. Não é revoltante fechar a boca ao homem com a palavra: mistério?

Tive a impressão de que a voz de Arrius ganhara um toque de severidade maior ao responder, embora com brandura:

— Os preconceitos fizeram vítimas em todos os tempos e os herdeiros do Cristianismo, de posse do dogma não faltarão, possivelmente, a esse concerto de incompreensões. Hoje ainda, diante de nossos olhos, os processos sectários do paganismo, embora menos rigorosos nas manifestações, continuam ferindo corações e menosprezando sentimentos.

Nos primeiros tempos do colégio apostólico, os discípulos procedentes do Judaísmo provocaram violentos atritos em face das tradições referentes às comidas puras e impuras. Agora já não temos o problema das carnes sacrificadas nos templos, entretanto novos formalismos religiosos ameaçam substituir os velhos motivos de polêmica e discordância.

Muitos já são os que só se sentem seguidores de Cristo celebrando ofícios que se lhes tornam obrigações; e muitos já são também os que apenas julgam serviço espiritual assistir, em dias certos, às reuniões costumeiras. E talvez não tardem a surgir aqueles que suporão ser a prece simples atitude corporal

Entretanto, se compreendemos o Evangelho em espírito e verdade, poderemos sempre, mesmo diante desses quadros, estender-lhes os benefícios em silêncio. Claro que nesse silêncio não está implícita uma ausência deliberada às demonstrações convenc.onais e exteriores, mas não nos esqueçamos igualmente de que seria ausência de caridade atirar impropérios aos pobres irmãos que ainda se encontram em conflitos mentais sem dúvida angustiosos, tentando encontrar a si mesmos dentro da idéia augusta de Deus.

Assim, a cada vez que depararmos com irmãos prisioneiros dessas ilusões e que tentam outros aprisionar em idêntica masmorra, lembremo- nos, antes de tudo, de que Jesus foi à cruz também

por eles. Situemos sempre que possível a bondade à frente da análise e nossa observação será construtiva e santificante a nossa exortação.

Não importa o que possam fazer a nós: a toda vez que houver compreensão no cântaro de nossa alma, encontraremos infinitos recursos para auxiliar, amar e servir.

A estas palavras seguiu-se um momento de silêncio que ainda hoje mora em minha lembrança. Ali estava um dos mais célebres homens de seu tempo e sua atitude à frente de suas idéias. Ambas podíamos fazer nossas. E embora muitas vezes viéssemos a esquecer de tudo isso, passageiramente e rumando para derrotas precipitadas e infelizes, é certo que sempre pudemos recordar aquele instante e voltar atrás.

Posso recordar aquela cena com profundos contornos e ver ao grupo reunido, ver a Arrius que prosseguia no diálogo, Nícalo que oferecera sua interpretação quanto à unidade de substância e trindade de pessoas e que arrematara por dizer:

— E chamam a Jesus de Deus!

E a esta frase vejo o percuciente olhar de Arrius posto sobre mim e o sorriso bondoso que se pintara outra vez em seu rosto em face da perplexidade e o escândalo que se fizeram no meu. Ouço-o em seguida dizer:

— Desde os primeiros tempos, entre os apóstolos e seguidores, Jesus recebeu nomes diversos. Não certamente, o chamaram Deus, foi denominado Rabi, Mestre, Pastor, Messias, Salvador, Príncipe da Paz. Todos estes títulos são justos e veneráveis. Entretanto, ao lado de todas as evocações sublimes, podemos indagar qual deve ser a mais própria designação de Cristo em face do Evangelho.

E aqui nos surge a inesperada apresentação de João, o Batista. Consultemos Lucas, capítulo 3, versículo 17: "Ele tem a pá em sua mão; limpará sua eira e ajuntará o trigo no seu celeiro, mas queimará a palha com o fogo que nunca se apaga".

Interessante notar que João não apresenta o Senhor empunhando leis, cheio de ordenações e pergaminhos, nem se refere a Ele, de acordo com as velhas tradições judaicas que aguardavam o Divino Libertador num carro de glórias magnificentes, nem de outra qualquer maneira.

Refere-se ao trabalhador abnegado e otimista. A pá rústica não descansa ao seu lado, mas permanece vigilante em suas mãos; e em seu espírito reina a esperança de limpar a terra que lhe foi confiada às diretrizes salvadoras.

Todos nós, que vivemos empenhados nos serviços terrestres, lutando por uma era melhor, mantenhamos aceso no coração o devotamento à causa do Evangelho. Não nos cerceiam as dificuldades ou perseguições. Desdobremos nossas atividades sob o precioso estímulo da fé, porque conosco vai à frente, abençoando-nos a humilde cooperação, aquele trabalhador divino que limpará a eira do mundo.

Arrius silenciou e nós nos encaramos sem nada dizer. Eu podia adivinhar o efeito que faziam no espírito dos outros aquelas palavras que, para mim, tinham tão particular significação. Enquanto Arrius falava eu procurava ouvir com os meus ouvidos, com os seus, e com os ouvidos de Prisco. Que sentido fariam para ele a exortação exata e veemente que retratava o espírito mesmo da mensagem de Cristo?

A cada pausa eu notava que o silêncio se fazia mais intenso. Agora eu ouvia o ruído de nossas respirações sobre o fundo murmúrio das águas a correr.

— Se me é permitido falar, senhor, — Ouvi Domiciano calmamente dizer. — gostaria de ouvir-vos sobre o Verbo. Dizei-nos como devemos transmitir o ensinamento de João às criaturas simples que esperam por nossa palavra.

Arrius olhava para ele e fez um gesto de assentimento. Em seguida disse, a princípio baixo, como a meditar:

— Sim, nunca será demais comentar a importância e o caráter sagrado da palavra. O Evangelho

nos assevera que no princípio era o Verbo.

E se examinarmos atentamente a posição atual do mundo, reconheceremos que todas as situações difíceis se originam do podur verbalista mal aplicado.

Falsos discursos enganaram e podem enganar indivíduos, famílias e nações. Muitos são os que acreditam nas promessas vãs, nas teorias falaciosas, nas perspectivas da liberdade sem obrigações. E raças, agrupamentos e criaturas, identificando-se com a ilusão, atritam-se, mutuamente, sem encontrar a paternidade das culpas. Muito sangue e muita lágrima tem cusido a criação do verbo humano, impossível por agora computar esse preço doloroso ou determinar quanto tempo se fará necessário ao resgate preciso.

No turbilhão de lutas, todavia, o amigo do Cristo pode valer-se do tesouro evangélico, em proveito de sua esfera individual. Cumprir a palavra do Mestre em nós é o programa divino. Sem a execução desse plano de salvação, os demais serviços sob nossa responsabilidade constituirão sublimada teologia, raciocínios brilhantes, magnífica literatura, muita admiração e respeito por parte dos círculos inferiores do mundo, mas nunca a realização necessária.

Eis o motivo pelo qual é sempre perigoso estacionar no caminho, a ouvir quem foge à realidade dos deveres.

A noite terminou num clima de serenidade, de impregnação espiritual tão intensa que muitas vezes chorei tocada por aquela qualquer coisa sutil e inefável que invadia os nossos corações, sem dúvida a presença dos velhos batalhadores da verdade cristã ali presentes, alimentando as correntes de nossa fé em sublime confraternização com o venerável apóstolo que ia representar o derradeiro baluarte evangélico no mundo antigo. Lembro-me com emoção das altas paredes com seus reis e generais, dos reflexos rubros das *taedas* no trêmulo espelho das águas correntes. Lembro-me do rosto grave de Prisco e das centelhas que coruscavam nos olhos de meus amigos; das inefáveis expressões, da sonora e fascinante voz de Arrius a falar de sua infância decorrida na Cirenaica, dos tempos em que, jovem como nós, fora discípulo de Luciano de Antióquia, o mártir, aquele que, segundo afirmava, fora o maior crítico de seu tempo. Naquela noite também cantou para nós ouvirmos. Euzótio acompanhava-o à cítara e, por vezes, seguia-o nos estribilhos. Eram aquelas as canções que todo o povo de Constantinopla cantava e que o próprio Arrius, com seus companheiros Bardesano e Valentino havia composto, exaltando a simplicidade da vida cristã, o companheirismo de Cristo. Uma falava de Jesus como o adorável irmão maior que recebera do Pai a tutela da família humana. Outra, sutilmente tratava de sua doxologia subversiva, o "Glória ao Pai pelo Filho no Espírito Santo", contrapondo-a ao "Glória ao Pai, e ao Filho e ao Espírito Santo" que seus adversários ofereciam. *

Retiramo-nos entre respeitosas despedidas, já bem tarde, deixando Gorgônio e Jântio junto a Prisco, encarregados também de atender aos visitantes. O barco em que haviam chegado desatracaria ao meio dia, assim, as horas da manhã deveriam ser gastas para terminar o serviço já iniciado e que era o de avisar e convidar a comunidade cristã para esse encontro com o pregador.

— Méliton rosou de desprezo. — Ouvi Sisínio contar enquanto progredíamos ao longo da trilha manchada de luar e sombra. — E não podemos contar com muita gente por causa do *consecratio*.

— Já me disseram o que é o *consecratio*. Eu disse. — Mas não me lembro.

— Méliton vai realizar amanhã uma cerimônia de consagração da igreja de Sebastes.

— O que significa que mais um ritual dos templos pagãos se incorpora ao Cristianismo.

Lancei-lhes um olhar de pasmo e disse:

— Mas ó extraordinário. E como sabes?

— Assim me disseram os que lá têm ido. Todos ouviram, todos sabem.

— Bem... "Cirilo deu de ombros. — Isso significa outra prática formalística que não aproveita a ninguém.

Eu ainda não entendera e por isso insisti junto de Sisínio:

— Tu já viste uma coisa como esta.

— Eu não, Flávio viu. É uma cerimônia mediante a qual se consagra uma coisa, móvel ou imóvel aos deuses.

— Mas, que tem a igreja de Sebastes e Méliton a ver com os deuses?

Sfsínio deteve-se para *tomar a respiração* e depois riu-se baixinho:

— Bem, talvez desejem, desse modo, traní formar as igrejas em *res sacrae*.

Eu tão pouco sabia o que vinha a ser *res sacrae* mas silencie; ouvindo alguém à retaguarda murmurar:

— Se há o que não posso tolerar são os traidores.

— Talvez julguem que seja uma vantagem para a igreja ser transformada em *res sacrae*. Deixemo-lo suas consagrações, façam-lhes bom proveito. A igreja já não pede amor, pede obediência, obediência absoluta e imediata.

Eu, entretanto, estava com minha curiosidade desperta. Assim, voltei-me de novo para Sfsínio:

— Que história é essa de *res sacrae*?

— Mas ou menos o seguinte: convertendo a propriedade, com seus bens móveis, em *res sacrae*, os sacerdotes pagãos põem-na fora do comércio dos homens. Entendeu agora? Per isso fazem o *consecratio* nos templos. Não sei como será para a igreja de Sebastes. Habitualmente magistrados e pontífices tomam parte da cerimônia que exige uma lei votada nos comícios. Não sei como fazem em se tratando dos templos cristãos ...

— Méliton obteve uma permissão da Sede Primada, em Roma.

Então eu fiz a pergunta que se tornava cacete à fôrça de ser repetida:

— Antes fazia-se isso? Digo, nos núcleos primitivos?

— Não, claro que não!

Silenciei. Sentia-me feliz porque Arrius viera e se encontrava entre nós. Não desejava, assim, que nenhum outro sentimento modificasse o encantamento que me ficava e que fazia, a cada momento, retroceder ao longo das imagens ainda recentes, recapturando as palavras recentes que me faziam pulsar forte o coração. Seguindo pela trilha, íamo-nos separando. Mamãe nos esperava junto ao fogo, ainda desperta, porém vovô dormia. Abri a janela e deixei que a brisa fresca tocasse pela abertura da chaminé a fumaça azulada que brincava no ar parado da cozinha.

— Se estás acordada, por que não aproveitas este ar delicioso? — perguntei-lhe.

Cirilo estava no corredor, próximo à porta e foi a ele que mamãe se dirigiu.

— As buscas prosseguem. — Disse. — E a meu ver voltarão em breve.

— Como assim? — Perguntei escondendo minhas mãos que tremiam.

— Prosseguem. Ela confirmou desalentada. — e acontecimentos lamentáveis têm-se dado. Aquela dama, Otávia, sobrinha ou neta do Procurador está pessoalmente à frente das patrulhas de busca. É uma mulher importuna, que gosta de dar ordens. Semeia violências e brutalidades. O jovem romano é um seu companheiro de infância... ou seu noivo.

Senti meu coração pesado como bronze; o rosto de Cirilo se fez grave. Mamãe apercebeu-se de nossa preocupação e disse:

— Era preciso dizer-lhes tudo, com toda a franqueza. Eles voltarão oois tornaram a revistar outras casas.

Mamãe não fizera nenhuma alusão mas seus receios por nossa segurança e, seguramente, pela segurança de Arrius e Euzótio estava implícita . Efetivamente, o que sucederia se fossem encontrados ao lado de Prisco?

De súbito tive Otávia diante de meus olhos, sobre o cavalo, empunhando o seu rebenque. Ela não poderá amedrontrar-me mais, disse a mim mesma, porém o bronze prosseguiu apertando-me o coração e, na tela de minha imaginação, a figura respeitável de Arrius surgia cercada pelo enxame terrível de soldados.

Deitei-me e perguntei a mim mesma se poderia fazer alguma coisa. Não tinha sombra de dúvida de que Otávia voltaria. Que outro lugar, além de nossa casa poderia ocupar-lhe mais intensamente os pensamentos? Ela viria e eu estava certa de uma coisa: não suportaria outra vez um encontro a sós com ela.

Fiquei assentada, olhando a noite pela janela aberta, depois que todos se recolheram na casa, tentando abrir caminho entre meus pensamentos e emoções, a fim de afirmar a mim mesma que, de qualquer modo, eu devia ter calma e sangue frio.

Manhã alta eles chegaram e eu senti-me segura como desejava. Para matar o tempo e controlar meu nervosismo tinha ido colher as flores azuis que a primavera espalha nas estepes. Subia com elas os degraus da frente da casa quando ouvi o tropel da cavalgada. Antes de vê-lo, pelo dó que erguiam, seguí-lhe a rota pelas colinas e minha calma surgiu do alívio experimentado quando verifiquei que não quebravam em direção às ruínas, mas que rumavam diretamente a nós. Gritei por mamãe e pensei que sempre nos podíamos alegrar por um mal menor.

Otávia vinha à frente, tal como, em imaginação, eu a vira na noite anterior. Deteve seu animal com violência ao pé da escada e nós, uma vez mais, nos entrefitamos face a face. Mas à luz clara e doce da manhã pareceu-me cansada, pálida, envelhecida. Grandes círculos roxos, que a pintura não podia ocultar, marcavam-lhe os belcs e cintilantes olhos.

Mamãe pôs as mãos à cintura, com irritação, no degrau da porta.

— Não compreendo o que mais desejais! — Disse ela ao decurião que comandava a tropa. — Vindes outra vez pôr-nos a casa em reboliço. Levareis a vida toda a abcrrecer-nos assim.

O decurião empurrou-a e mamãe mudou de posição. Eu olhei-a com olhos aflitos, como a pedir que se calasse. Vi que entrou, enervada, atrás do último homem e fiz menção de segui-la, mas não fui capaz.

— A casa já foi revistada, eu disse a Otávia.

— Com efeito. Mas esqueçamos que o foi e revistemo-la ainda. Terias objeções a fazer?

— Não, a não ser as objeções naturais àqueles que não têm o hábito de ver suas casas invadidas.

Ela chasqueou:

— É uma história bem triste esta tua.

— É impossível que contes encontrar algo que vos interesse aqui. — Redargui olhando-a de frente e experimentando uma ligeira impaciência. — Sei o que buscais e mais uma vez parece-me que esta suposição subestima vossa inteligência. O que viria fazer aqui um tribuno romano e por cima enfermo?

Ela prosseguiu a fitar-me e depois disse:

— Não te esqueças de que estes ares sempre lhe foram saudáveis.

— Estes ares deixaram de ser saudáveis há algum tempo. — Respondi friamente.

Ela compreendeu minha clara alusão mas apenas sorriu e perguntou:

— Tu és religiosa?

— Que quereis dizer?

— És religiosa? Acreditas nos deuses, não?

— E vós acreditais?

— Não tenho grandes convicções a tal respeito, riu-se ela com despreocupação e volubilidade.

Os deuses estão distantes de nosso campo de ação.

Senti-me num momento extremamente perigoso, do qual o decurião veio tirar-me. Ficou claro que Otávia falara-lhe a meu respeito quando o interrogatório assumiu um aspecto diferente.

— Onde te encontravas exatamente ao entardecer, três dias atrás?

E que fazias?

— Encontrava-me aqui em casa. Exatamente o que fazia não me posso lembrar. Seguramente

os trabalhos habituais da casa a essa hora.

— Conheces Sebastes, naturalmente?

-r- Sim, , ,

— Possuís carro ou coisa assim?

— Apenas o *plostellum*, que podeis ver por detrás do aprisco.

— Tu aprecias as aventuras, pois não?

— Não, é evidente que não.

Aqui notei o ar estranho do decurião e o divertido sorriso que se pintava no rosto de Otávia. O diálogo que se seguiu foi mortificante. Mãe e vovô, às minhas costas, seguiram-no pálidos de indignação. Todavia, neles, como em mim, a advertência era de silêncio e paciência. No silêncio e na paciência, no sangue frio estavam nossa oportunidade de escapar.

— Mas deverias gostar, o decurião prosseguiu melifluamente. Toda a XII Legio se apaixonaria por ti. Não são comuns as moças bonitas neste país de serpentes. Se soubesses aproveitar tua beleza e mocidade poderias sair daqui e te ocupares de melhores coisas.

Eu não respondi, ele prosseguiu aproximando-se:

— Quem pode afirmar que não aprecias as coisas divertidas da vida? Agora não te interessam, preferes cuidar das cabras e de todos estes bichos fedorentos. Mas com o tempo mudarias!

Percebi que os soldados, agrupados nos degraus da entrada, tinham todos a atenção posta em mim. Eu me sentia humilhada e encolerizada ao mesmo tempo. Agora era a voz de Otávia que soava, concordando:

— Oh! Sim, certo que mudaria. Todas gostam de guardar as cabras na idade dela. E de cometer tolices, naturalmente.

Riram em torno de mim e depois houve um curto silêncio.

— Então estavas aqui naquela tarde? — Voltou a perguntar o homem.

— Como vos disse.

— E relações, tu as tens muitas na cidade?

— Não tantas.

— Sabes o que procuramos.

— Todas as pessoas sabem. E esta é a segunda vez que nos revistam a casa.

— E existe qualquer outra construção nos arredores.

Uma névoa correu-me à frente dos olhos.

— É fácil verificar-se.

O decurião voltou-se para os soldados.

— Os arredores foram verificados?

— Sim, foram, disse um deles.

— E não existe mais nada.

— Nada a não ser, rio abaixo, as ruínas da fortaleza.

Por um momento faltou-me a respiração. Creio que, em seguida, sorri levemente, imaginando o que diriam se desmaiasse agora. Seria o mesmo que contar-lhes pessoalmente onde se encontrava Prisco. "E quando falou-se na fortaleza ela desmaiou!" contariam depois. Esses pensamentos me ampararam. O decurião falava com Otávia:

— São as ruínas lá embaixo, junto ao desembarcadouro. Mas o local já foi vasculhado algumas vezes e não oferece muito onde procurar. Umas paredes arrebitadas, onde as tropas bivacam.

Nesse momento duas coisas sucederam simultaneamente: com a chegada de Cirilo e Coronna, uma forte lufada de vento que nos envolveu levantando uma cortina de pó e talos de grama secos. Nossas roupas farfalharam loucamente e um dos véus de Otávia foi violentamente arrancado e levado como um grande pássaro de fogo, a ondular pelas alturas.

Precipitadamente desci a escada e corri em direção a meu irmão. E como Coronna avançasse

latindo furiosamente, ajoelhei-me no chão e colhia-a nos braços, dirigindo-lhe curtas recriminações, no propósito de contê-la e acalmá-la.

Não sei o que passou pela cabeça de Otávia. Certamente ò vento insólito e o pó a aborreceram. Chibateou o cavalo e cavalgou colina acima. Protegi os olhos com as mãos e vi os soldados que montavam precipites, com o decurião à frente. Enquanto se afastavam as nuvens providenciais de vermelha poeira os envolviam por vezes tão completamente que os perdia de vista.

Entramos e fechamos as janelas na direção do vento. A preocupação mais intensa pintava-se no rosto de minha mãe, de Cirilo e de meu a- vô. Eliano chegara por último e Cirilo pôs-se a narrar-lhe quanto se passara. E enquanto isso mamãe me olhava de uma estranha maneira. Creio que, pela primeira vez, se apercebia de que já era uma mulher feita. As maldosas sugestões do decurião faziam-me sentir que eu corria riscos em meio àquele mundo corrompido, dividido entre senhores e escravos sem direitos.

Depois pusemo-nos a restabelecer a ordem e ela não disse uma única palavra. Em volta da casa o vento ululava bombardeando-nos com gravetos, galhos secos e pequenos calhaus. E eu o abençoava. Vovô tocou-me o ombro e eu voltei-me.

— Deus mandou-nos esse vento. — Disse-me por sinais, pondo depois a mão em concha contra a orelha, a ouvir os sons exteriores.

Seus olhos estavam esgazeados e sua boca entreaberta deixava escapar sons confusos. Vovô estava cheio de medo e isso confrangeu-me o coração. Voltou a traçar gestos rápidos no ar. Queria dizer-me que os romanos eram loucos, que não sabiam ao certo o que queriam a não ser a guerra. Ouvira as palavras torpes do decurião e por isso dizia-me agora:

— Tu deves sofrer, os filhos de Deus devem sofrer!

Eu concordava com ele meneando a cabeça em afirmativas e redargui:

— Tu e meu pai me endureceste a fibra, não tenhas receios!

— Em último caso, — ele prosseguiu, — a morte é a solução. Deixa-te morrer.

-- Sim, sim, eu respondia.

Acabamos de pôr ordem à casa e eu fui prostar-me à janela, olhando a ventania. Depois saf, descí até a nora e fiquei a olhar as águas pardas encapeladas pelo vento. Cirilo seguira-me e veio assentar-se sobre o longo banco de madeira.

— O que achas que sucederia se o encontrassem? — Perguntei-lhe.

— Jântio diz que preparavam-lhe uma longa agonia. O veneno empregado nos unguentos é qualquer coisa que ataca aos poucos, sutilmente. Depois o sangue começa a fluir por cada poro do corpo.

- E depois? A morte, talvez?

— Sim, a morte.

O vento amainou tão subitamente quanto se levantara e eu comentei:

— Vê só, o vento foi-se.

Viramos os nossos rostos para o Sol e ficamos um instante imersos na morna claridade, com os bem amados ruídos da natureza em nossos ouvidos. Em que infelizes especulações o homem malbaratava o seu tempo! A nobreza era inerente a cada coisa e tudo se revestia da maior importância. Era estranhamente bom viver desde que nos fosse possível nos afastarmos da cruel injustiça dos homens em seu trato uns para com os outros.

— Aquele que perseverar até ao fim será salvo! — Eu disse lentamente dando vasão aos meus pensamentos.

— É Mateus.

Olhei para Cirilo e comentei vendo-lhe as fundas rugas entre as sombrancelhas:

— Sei no que pensas! Nos esbirros a nos invadirem a casa, atirando nossos trastes de um lado para outro, empurrando-nos, dirigindo-nos infamantes palavras.

— Não bem isto. No pouco que lhes interessa à justiça. Sabes, não é sempre que sinto conforto na suave filosofia que Jesus nos ensina. Por vezes sinto o desejo de interpor-me e dizer: Alto! Já basta! Mas depois ocorre-me que minha vida se entrelaça até mesmo àqueles que nos perseguem e ferem. Nesse sentido são nossos irmãos. Perdoar setenta vezes sete vezes é um raciocínio cheio de sensatez. Volto atrás sobre meus pensamentos, substituo-os pelas lições do Evangelho e elas arejam meu espírito, reconciliam-me com a sorte.

Eu olhava nossa casa enfiada no rochedo, as colinas das estepes, as margens do rio, forradas de um verde recente, mais além, entre as carpas e os rododendros abotoados de vermelho, as paredes escarpadas da fortaleza, por detrás das quais escondia-se o homem que eu amava. Depois eu disse:

— Não é apenas o nosso pequeno mundo que se perturba. Em conjunto a existência humana é sem significação, aflitiva, apenas nós não sabíamos disso. Agora sabemos, sabemos e vemos que a vida dos outros, lá onde pululam às centenas de milhares, escoá-se por essa passagem de mortal aflição. Mas nós sabemos a origem desse sofrimento, Cirilo, e basta que despertemos nossas lembranças para que possamos compreendê-los. Tu sabes, o homem vai longe em sua estúpida desobediência.

Cirilo saltou do braço da nora e balançou a cabeça.

— Sabes, às vezes me ocorre: perdeu-se toda a paciente tarefa de reabilitação; desde os primeiros esforços de Jesus se perdeu. Houve um erro, falhara a experiência. O homem está hoje ainda pior do que dantes. E que se pode dizer em seu favor?

— Tu te sentes triste, mas tua explosão não me perturba. Se algum dia o homem necessitou de Jesus, foi de seu tempo para agora, daqui para o futuro. E nossa próxima medida será sempre recomeçar, levar tudo para a frente. É preciso dar tempo ao homem para que se recomponha. Sabes disso, seria perda de tempo argumentar contigo.

Ele olhou para mim e perguntou:

— O que se deu contigo?

— Também eu tenho andado aflita, meu caro. — Respondi corando levemente. — E essa aflição faz-me bem quase que extremamente feliz.

A bela fisionomia de meu irmão abriu-se num sorriso.

— Por que andas extremamente feliz? — Quis saber. — Conta-me tudo.

Encostei-me ao braço dele e disse com um sorriso matreiro:

— **Porque tenho um irmão e, suponho, porque tu és esse irmão.**

CAPITULO _ XIV

Mamãe abriu a porta e olhou com satisfação a bela manhã. As flo- rôzinhas silvestres, o tom transparente do céu, as vergôntes trêmulas e verdes, embora escassas enchiam-na de prazer, embora não lhe dessem muito o que dizer. Respirou fundo e depois disse:

— Pediremos que vovô fique a vigiar a casa. Eliano soltará o rebanho mais tarde e iremos todos assistir à partida de Arrius. Iremos juntos.

Assentara-se placidamente ao último degrau da escada, porém nem bem o fizera, ergueu-se. O movimento dela, brusco fez com que me aproximasse da porta. E Cirilo, que chegava pelos fundos, acompanhou-me. Mamãe cerrou os punhos e brandiu-os no ar.

— Estamos sendo vigiados, — Disse asperamente. — e por que hão de nos vigiar? Já viram que não escondemos ninguém.

— Não foi um engano teu? — Cirilo perguntou apreensivo.

— Infelizmente, não. Vi um homem lá em cima, junto aos cabeços. Ele se escondeu. Não há dúvida nenhuma.

Eu sabia também que não havia dúvida.

— Vou até lá... — Disse meu irmão fazendo menção de sair.

— Não, não debes ir, mamãe redarguiu com firmeza. Deixa que se canse, que se vá embora. Tu e teus amigos tendes o lugar para a reuniãc entre as ruínas. Não temos o que temer aqui.

A voz dela deixou transparecer um certo alívio quando prosseguiu:

— Depois, em breve o romano poderá regressar à cidade. Assim Acaremos livres de todos eles. É uma estupidez supor que pudéssemos guardá-lo aqui.

Ficamos os três em silêncio, olhando o Sol da manhã sobre os cabeços rochosos e eu via a ruga de preocupação que se formara no cenho de minha mãe e de meu irmão. Até que Cirilo perguntou:

— E então? Sempre iremos ao porto?

Mamãe confirmou, hesitante. Era visível que sua alegria apagara-se. Seus olhos estavam cheios de ansiedade. Disse:

— Sairemos pelo fundo do aprisco e seguiremos eim linha **reta** até à vegetação das margens. Dali alcançaremos a fortaleza sem **perigo** de sermos vistos. Tu e Galla precisais ir ao encontro de Arrius, isso **representará** muito para ambos, nos anos que virão.

Ela tinha razão. Nos anos que se iriam seguir, aquele encontro representaria muito para nós ambos. E assim, principalmente porque ela o quis, saímos aquela manhã. Enveredando por entre os juncos e a vegetação mais alta. que a estação bafejava, alcançamos as ruínas sem dificuldade, certos de não sermos vistos.

Cantavam baixinho no interior da fortaleza e era uma das canções de Arrius aquela, baseada na Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, no trecho que, significativamente, diz assim: "Porque o Cristo me enviou, não para batizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, para que a cruz do Cristo se não faça vã." E essa letra pouco mais ou menos diria assim, se pudesse ser traduzida hoje:

"Não sentimos vaidoso prazer

Em atrair pessoas para o nosso modo de crer.

Não consultemos os santos livros procurando Afirmativas vulneráveis em nosso opositor Pois que isso só não basta.

Se procuramos sinceramente compreender a Cristo Renovemo-nos inteiramente na conduta interior. Jesus no coração ccnverte o homem E se ele sai a evangelizar, com a própria vida, Se alcança Jesus não se detém Nc porto das palavras reluzentes Mas vive com o Mestre exemplificando O trabalho e o amor que iluminam a vida Para que a glória da cruz não se faça vã.

Assentados em torno da venerável figura, cantavam baixinho para que, além das paredes, não pudessem ouvi-los. Prisco estava também ali no canto da esplanada, pálido e emagrecido. Olhava o grupo que cantava e que me parecia tão belo. E em meio a ele, com sua roupa rústica e singela, os seus olhos brilhantes de entusiasmo e de amor, Arrius dava-me mais uma vez a sensação de estar a ver uma daquelas antigas figuras de que a Bíblia é tão rica, um daqueles profetas que traziam ao povo eleito as primeiras revelações do mundo espiritual.

Eu me enternecia e meu olhar fugia para Prisco. Uma onda de tristeza subia então dos absconsos confins de meu ser ante a sua sombria beleza. Eu me separava dele sempre a correr, com terríveis notícias e ainda antes que terminasse o sobressalto um outro se levantava. Por jssso nosso amor era cheio de consternação e embora toda a ternura que havia em nós, embora a centelha espiritual em mim, estávamos os dois exaustos e incapazes de esconder por mais tempo as angústias vividas.

Houve, no decorrer daqueles instantes em que cantavam, um rápido momento em que, muito próximos, ele me estendeu, distraidamente a mão, prestes a apertar a minha. Eu, entretanto, fingi não haver percebido, limitei-me a olhá-lo nos olhos e me afastei em seguida.

Foi mamãe quem reabasteceu os farnéis dos viajantes, munindo-os de alimentos e ao vê-la colocá-los sobre o banco, as alças suspensas ao modo mesmo como deveriam ser erguidos para a partida,

todos nós nos sentimos tomados de uma vaga aflição. Arrius levantou-se e Euzótio ergueu-se também. Então, todos os imitaram e houve um momento de silêncio doloroso.

Aquele homem trouxera um hausto vivificador à nossa perplexa e perturbada mocidade. Em derredor dele, eu vira amortecer-se o meu de-sassocego e quase esquecera a tragédia que pesava sobre mim. Assim sendo, senti-me impaciente quando o visitante percorreu com o olhar claro e percuciente as velhas paredes que o tinham abrigado em Sebastes, as águas murmurantes do rio, a trama da galharia sobre a esplanada e depois pousou-o sobre nós. Então pareceu abstrair-se por um rápido instante antes de nos dizer com voz pausada e cheia de velada emoção:

— Este é o meu adeus: Levo de vós a lembrança mais bela e única de uma igreja: a primeira assembléia de jovens seguidores de Jesus. Honrai o espírito que vos impregna, honrai a vossa mocidade. Inumeráveis vezes me lembrarei de vós, de vossas faces sem rugas, de vossa sadia a-egría e vos acompanharei pelo pensamento, perguntando notícias a quem chegue aos distantes lugares que atingirem meus passos.

Não desejai isenção de dificuldades. Lembrai de que, sem o esforço iluminativo para o íntimo, ninguém penetrará o santuário da Verdade Divina, sobre a qual tantos falarão, mas que tão poucos poderão alcançar.

Reunidos pela derradeira vez, alimentemos o espírito com o pão do Evangelho. Relembremos o Senhor na repetição de sua ceia fraternal.

Tomou do pão que se encontrava sobre a mesa e partiu-o em pedaços. Depois, depositando-o de novo na cesta em que se encontrava, passou-a aos assistentes. Vi o rústico utensílio correr de mão em mão, num denso silêncio e, mais e mais, aproximar-se de Prisco. Por fim estava nas mãos de Filoctemo que m'a passou. Eu colhi trêmula o meu pedaço e percebi enrubescida, que todos os olhos estavam postos em mim. Então voltei-me para ele e estendi-lha. Nossos olhos se encontraram e um fulgor se levantou, devastador, de meu desesperado olhar para o olhar dele. Prisco estremeceu mas sua mão estava segura e firme quando se ergueu e colheu a côdea. Percebi que uma lágrima arisca corria-me pela face e voltei o rosto para que não surpreendessem aquele instante fugidio, que me pertencia por exclusividade.

Dois pedaços de pão tinham restado e foram compartilhado por minha mãe, Euzótio e depois por Arrius. Nós os comemos em silêncio e quando levantei os olhos vi que muitos dos meus companheiros choravam. Eu não tinha, pois, razão para ocultar minhas lágrimas.

Arrius orou dizendo:

— Senhor Jesus, nesta hora em que relembremos o banquete de tua fraternidade, rogamos-te que nos ajudes a bem traduzir o teu Evángo-Iho em todas as línguas e em todas as culturas, para que seja exaltada tua grandeza e destacada a tua sublimidade. Ajuda-nos a semear-lhe a poesia, a comentar-lhe a verdade, mas ajuda-nos também a interpretar-lhe as lições impondo-nos o raciocínio, aprimorando-nos o coração e reformando-nos a inteligência para que elas, por Ti, através de nós, possam aperfeiçoar os costumes e aclarar os caminhos.

Senhor, ajuda-nos a encontrar o momento em que Tua mensagem sublime possa ser impressa em nós mesmos, nos refolhos de nossa mente, no recesso de nosso peito, por ações e palavras, princípios e idéias, aspirações e esperanças, gestos e pensamentos...

Porque, Senhor, em verdade, se o Céu nos permite espalhar-te a divina mensagem no mundo, espera também, nós o sabemos, que nos convertamos igualmente em traduções vivas do Evangelho na Terra.

Ajuda-nos, pois, Senhor, a trilhar as sendas humildes que nos competem, para que um dia possamos caminhar ao teu lado na rota das estrelas. Que assim seja!

Eu me encontrava à cabeceira de Prisco, no lugar mesmo em que me postaria se fosse sua noiva ou irmã, e não longe de mim, através do véu das lágrimas, via aqueles que eram para mim os seres mais caros no mundo. Prisco tinha o seu pedaço de pão entre as mãos. Não o comera. Percebendo que

eu notava a circunstância, pergunto-me em voz débil:

— Sentes que eu não o tenha comido?

— Não, eu compreendo, não é por isso que choro.

— Foi belo. — Ele comentou. — E surpreendente que se possa crer assim. Não se trata de um simples respeito às coisas exteriores, é interior. Mas eu não poderia comer este pedaço de pão sem essa força interior...

— Eu amo a tua honestidade. Dá-me o pão, eu o guardarei. Quem sabe, um dia, o queiras de volta.

Ele deu-me o pão. Seu olhar seguia os movimentos de Arrius que se aprestava para partir. Ele se aproximou de nós e seu alto vulto se deteve junto ao catre. Ele e Prisco se entrefitaram serenamente. Arrius segurou-lhe uma das mãos; postou a outra sobre sua cabeça.

— A paz de Deus fique contigo! — Falou.

Prisco tentou tartamudear qualquer coisa. Arrius sorriu-lhe:

— Já sei, queres dizer que não és cristão.

Prisco não respondeu e um belo sorriso iluminou o rosto do pregador. Ele disse sempre a sorrir, retendo a mão de Prisco na sua:

— Pelo que também na Escritura se contém: Eis que ponho em Sião a pedra principal da esquina, eleita e preciosa; e quem nela crer não será confundido.

Olhou em torno, lentamente, as paredes enegrecidas pelo tempo, a esplanada, as águas do rio a correr indiferentes. Em derredor os outros esperavam em silêncio. Arrius e Euzótio não permitiram que levassem seus farnéis. Eles próprios os puseram aos ombros. Arrius virou-se para a porta e caminhou em direção a ela. Eunóico abriu-a e eles saíram. Fiquei para trás olhando a sala imensa que se despovoava.

— Queres vê-lo partir, vail

Mas eu não me movi.

Peço-te que vás. — Ele insistiu. — O que posso der-te para tar o direito de tomar-te algo?

— Fico contigo.

Ele olhou-me fixamente. Depois disse:

— Arrasta o catre para junto da porta, de modo que eu possa fechá-la e abri-la, quando voltarem. Posso fazer isso. Atende ao que te peço. Arrius falará antes de partir. Quisera ouvir o que tem a dizer. Tu mo contarás.

— O que Arrius dirá será comentado vezes sem fim. Tu ouvirás...

— Muitas vezes falaste em tua fé sem que eu pedisse. Agora que te peço não me queres atender.

Não respondi. Agarrei-me aos pés do catre e arrastei-o para junto da porta. Ele se ergueu e segurou-se ao portál;

— Põe a tranca ao alcance de minha mão.

Atendí-o. Saí, dei alguns passos e olhei para trás. Ele me fitava com aquele seu modo tristonho, que a fraqueza acentuava. Não sei o que se passou comigo. Uma súbita emoção estrangulou-me a garganta. Atirei-me em direção a ele e nos abraçamos.

— Até onde vai a tua dor? — Perguntei entre lágrimas.

— Até onde vai a nossa dor? — Ele sussurrou.

— A vida tem exigido de ti exatamente o que não desejarias.

Ele afastou-me a cabeça e olhou-me nos olhos sorrindo frouxamente:

— Como te atreves a dizer-me isso? A vida deu-me a ti, embora não para que eu fique contigo. E se queres insinuar alguma coisa, fica sabendo que os últimos dias não têm sido tão ruins assim.

Esta última frase foi como um raio de luz em minha noite. Sorri.

— Todos têm sido bons. — Ele prosseguiu. — Uma bondade diferente. Correm riscos por minha causa, cuidam-me indiferentes à paga que possam ter...

— Todos tentamos viver aquilo que aprendemos.

— Ontem à noite estive pensando sobre tudo isto. E pareceu-me que não poderias ser outra além do que és. E talvez eu próprio não te pudesse aceitar de outra forma. Creio que em meu coração eras assim... Tinhas de ser assim.

Eu não esperava por aquelas palavras. Elas me soaram envoltas numa poeira doirada de sonho. Pela primeira vez meu jovem coração tinha a impressão de que ia estourar de alegria. Nós nos olhávamos face a face e algo de maravilhoso parecia unir-nos em cadeias inquebráveis. Os olhos dele cresceram em direção aos meus. Ele me beijou demoradamente ali na porta.

— Vai agora. — Disse com suavidade.

Saí e ouvi quando a tranca desceu. Ele fechara a porta. Corrí um bom pedaço até encontrar o grupo. Em instantes alternados, em pequenos magotes ou sozinhos, atingiam a estrada do porto.

— Santo Deus, fez minha mãe. Deixaste o pobre rapaz a sós!

— Ele pode se levantar. Fechou a porta pelo lado de dentro. Não há perigo.

— O perigo maior já passou. — Explicou mamãe. — Precisa agora de alimentos fortes para se restabelecer. Coisas que não temos em nossa casa. Infelizmente Por isso vos digo: já é hora de pensarmos em seu regresso.

Eu me sentia louca de alegria e aquela última frase projetou uma nuvem de tristeza em meu espírito. O tempo passara e era preciso pensar em sua volta. E depois, como tudo seria? Possivelmente Prisco estaria exposto a novo acidente. Escapa-se uma primeira vez! Mas, uma segunda ..

Percebi que, por egoísmo, tinha sido bom sabê-lo na fortaleza, ainda que ferido mas não correndo risco de vida. Estava tão perto! Bastava que eu corresse pela margem do rio. Nós acabávamos de ter um breve momento de esquecimento e esse momento fora pura e clara felicidade. Mas poucos minutos se haviam passado e mamãe me fazia saber que era preciso lembrar e, lembrando, pensar no que era preciso fazer. Tudo aquilo, no fundo, representava de novo a nossa separação.

Todos os homens do mundo sentiam o sabor horrível da distância. Não, a distância podia ser favorável para muitos, em inumeráveis situações, mas eu me lembrava das noites e dos dias em que não tinha tido a única notícia dele e um frio desinquietante se fazia em mim.

— É nossa vez! Sigamos em três.

Mamãe, Çúrio, eu.

— Sentes alguma coisa?

— Não, nada.

— Estás pálida.

— Só porque corri até aqui.

Chegamos à estrada e, em seguida, ao cais. Apenas os mais antigos frequentadores da *ecclesia* se faziam presentes. Vinham e nos cumprimentavam alegremente. O ar encheu-se com o rumor de vozes que cumprimentavam, dizendo:

— Auguri.

E não faltavam outras que já empregavam a expressão de Arrius:

— Glória ao Pai pelo Filho no Espírito Santo.

— Assim seja.

Enquanto o pequeno navio aprestava-se para partir, reparei que Arrius e os nossos dirigiam-se às ruínas do velho teatro. Foi se localizar sobre uma pilastra semi-desfeita pelo tempo e a multidão seguiu-o discretamente. Um silêncio feito de expectativa e respeito caiu sobre nós. E foi em meio a ele que, tomando os pergaminhos que Euzótio lhe estendia, com voz grave e pausada Arrius leu o trecho compreendido no versículo **15** do capítulo **4º** da Epístola de Paulo aos Efésios: "Antes,

seguindo a verdade com caridade, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo."

Fez uma pausa significativa e prosseguiu no tom de severidade e melancolia que, para sempre, eu seria capaz de recordar:

— Irmãos, lembramo-nos todos de que, arguido sobre a verdade, Jesus silenciou ante Poncio Pilatos. Por que silenciou o Mestre? perguntam muitos, e talvez seja difícil responder.

Porque a verdade é relativa, ela se manifesta ao homem pouco a pouco, pois que tudo no mundo avança e evolui e seria esforço vão aprisioná-la nos cárceres de conceitos que amanhã serão diferentes.

Mas, direis, como interpretá-la mesmo no âmbito de nossos momentos perecíveis, já que não nos podemos dela nos apartar? E eis que aqueles que nos respondem surgem de fileiras diferentes. São os negadores oficiosos, alardeando superioridade, a asseverar que o real não vai além das formas organizadas. Ou são aqueles que querem fanatizar a fé só admitindo revelação divina nos círculos dos dogmas que abraçam. Paulo, entretanto, vem ao nosso encontro oferecendo proveitosa indicação aos que desejam penetrar o domínio dos conhecimentos mais altos.

Necessário é que sigamos a verdade em caridade, sem propósito de encarcerá-la na gaiola da definição limitada. Convertamos em amor os ensinamentos nobres de que somos herdeiros. Verdade somada com caridade apresenta o progresso espiritual por resultante do esforço.

Sem atendermos a esse imperativo, seremos surpreendidos por vigorosos obstáculos no caminho da sublimação. Necessitamos crescer em tudo **O** que a experiência nos ofereça de útil e belo para a eternidade, com o Cristo, mas não conseguiremos realização sem transformarmos diariamente a pequena parcela de verdade possuída por nós em amor aos semelhantes.

A compreensão pede realidade tanto quanto a realidade pede compreensão.

irmãos, quem tiver olhos de ver que veja, quem tiver ouvidos de ouvir que ouça.

Houve um silêncio depois do qual, voltando-se para suas anotações, Arrius tornou a ter: "Tornou, pois Jesus a dizer-lhes: Em verdade vos digo que eu sou a porta das ovelhas". João, capítulo **10**, versículo **7**.

— Irmãos, não basta alcançar as qualidades da ovelha quanto a mansidão e ternura, para atingir o Reino Divino. É necessário que a ovelha reconheça a porta da redenção com o discernimento imprescindível, e que guarde o rumo, despreocupando-se dos apelos de ordem inferior, a eclodirem das margens do caminho.

Daí concluirmos que a cordura, para ser vitoriosa, não dispensa a cautela na orientação a seguir. Nem sempre a perda do rebanho decorre do ataque de feras, mas sim porque as ovelhas imprevidentes transpõem barreiras naturais, surdas à voz do pastor ou cegas quanto às saídas justas, em demanda das pastagens que lhe competem.

Quantas são acometidas, de inesperado, pelo lobo terrível, porque, fascinadas pela verdura dos pastos vizinhos, se desviam da estrada que lhes é própria, quebrando obstáculos para atender a destrutivos impulsos?

Assim acontece com os homens no curso da experiência. Quantos espíritos nobres hão perdido oportunidades valiosas pela própria imprudência? Senhores de admiráveis patrimônios, revelam-se, por vezes, arbitrários e caprichosos, na maioria das situações copiam a ovelha virtuosa e útil que, após a conquista de vários títulos enobrecedores, esquece a porta a ser atingida e quebra as disciplinas benéficas e necessárias, para se entregar ao lobo devorador.

Irmãos, quem tiver olhos de ver que veja, quem tiver ouvidos de ouvir que ouça.

Arrius voltou a consultar seus apontamentos e, naquela nova pausa, meus olhos encontraram-se com os de Filoctemo. Ainda não fizera uma única referência direta ao assunto que empolgava as igrejas e, no entanto, ali estava a questão, claramente oferecida à meditação de cada um. Lançando mão dos Evangelhos, numa conscienciosa intenção de não arrebatá-los os ânimos, mas de apenas levar cada criatura a concluir por si, dava-nos meridiana resposta à dúvidas e hesitações. Sua voz se fez

outra vez ouvir:

— Segunda Epístola de Paulo a Timóteo, capítulo I, versículo 13: "Conserva o modelo das sãs palavras".

— Irmãos, distribuamos os recursos que a providência nos encaminhou às mãos operosas, todavia não nos esqueçamos de que a palavra confortadora ao aflito representa serviço direto de nosso coração na sementeira do bem. O pão do corpo é uma esmola pela qual sempre receberemos a justa recompensa, mas o sorriso amigo é uma bênção para a eternidade.

Enviemos mensageiros ao socorro fraternal, contudo não deixemos pelo menos uma vez ou outra de visitar o irmão doente e ouvi-lo em pessoa. A expedição de auxílio é uma gentileza que nos angariará simpatia, no entanto a intervenção direta no amparo ao necessitado conferir-nos-á preparação espiritual à frente das próprias lutas.

Subamos à tribuna, sim, e ensinemos o caminho redentor aos semelhantes, todavia, interrompamos as preleções a fim de assinalar o lamento de um companheiro na experiência humana, ainda mesmo quando se trata de um filho do desespero ou da ignorância, para que não percamos o senso das proporções em nossa marcha.

Cultivemos as flores do jardim particular de nossas afeições mais queridas, porque, sem o canteiro de experimentação, é muito difícil atender à lavoura nobre e intensiva, mas não fujamos sistematicamente à floresta humana, com receio dos vermes e monstros que a povoam, porquanto é imprescindível nos preparemos para avançar mais tarde, dentro dela. Nos círculos da vida não olvidemos a necessidade do ensinamento gravado em nós mesmos. Assim como não podemos tomar nosso alimento individual através de alguém que nos substitua, e nem podemos aprender a lição guardando suas páginas na memória alheia, não conseguiremos comparecer ante as forças supremas da Sabedoria e do Amor, com realizações e vitórias que não tenham sido vividas e conquistadas por nós mesmos. Conservemos, pois, conosco, como nos manda Paulo, o modelo das sãs palavras.

Irmãos, Deus nos abençoe a todos.

Arrius desceu para o meio da turba.

— Bem. — Disse Cúdio ao meu lado. — Disse tudo quanto deveria dizer.

— Não, não díssel — Viramo-nos e havia dois jovens desconhecidos ao nosso lado. — Faltou dizer que religião ou filosofia pode inspirar todas essas maravilhas.

— A palavra de Deus soou pela boca desse homem! — Comentou o outro jovem de fisionomia decididamente semítica.

— Como se chama ele?

Arrius avançava pelo pontão em cujo extremo alcançaria a embarcação. Eu respondi algo distraidamente, seguindo com o olhar o vulto solene:

— Arrius.

O de fisionomia semítica teve uma exclamação:

— É o pregador cristão de quem te falava. Então gostaste! Eu não te dizia! Resolve-te de uma vez por todas, homem. Se não te decidires irei sozinho. Será hoje ou nunca.

— E como saberemos se o dia de reunião? Sabes mesmo onde se encontra a igreja?

— Mas é claro, já andei rondando. Embora o diálogo, a partir do momento em que eu pronunciara o nome de Arrius fosse articulado entre sussurros, não me escapou. Então, de inopino, algo me passou pela cabeça.

— Prometei que não saireis daqui, que esperareis até que eu voltei - Pedi-lhe abordando-os.

Eles se entreolharam e depois fixaram-me com desconfiança. Eu desejei tranquilizá-los:

— Não tereis medo de uma moça, pois não?

— Por menos orgulho que pudéssemos ter está claro que não.

(— Excelente! Eu volto num minuto.

Arrius já se encontrava no barco. Os grossos cabos eram recolhidos e, empunhando as compridas varas, os marinheiros preparavam-se para desencostar o barco. Encontrei Filoctemo enquanto essas manobras eram feitas.

— Quantos elos deve ter a tua corrente? — Perguntei-lhe de chofre.

— Contando comigo e com o romano Prisco, quarenta.

— E quantos já encontraste?

— Contando comigo?

— Sim. — Disse eu com impaciência. — Contando contigo!

— Trinta e nove.

Eu silencieei desapontada, ele todavia se interessara pelo assunto. Cogitou um pouco antes de insistir comigo:

— Que novidade tens?

— Se te faltassem dois, eu diria tê-los encontrado.

Filoctemo sorriu:

Vamos lá, onde estão?

Tomei-o pela mão e levei-o através da multidão. E, para surpresa minha, onde eu deixara os dois jovens havia um só. Detive-me encabulada e mostrei-o a Filoctemo.

— Eram dois, um não me esperou. E que dizes daquele jovem, a- cclá, junto da pilastra. Repara bem.

A mão de Filoctemo transpirava na minha:

— 'Não é preciso reparar. É o que faltava. Aproximemo-nos.

— Ele ouviu a pregação de Arrius e instava com o outro para que o acompanhasse à *ecclesia*.

Acercamo-nos do moço:

— Teu amigo não pode esperar? — Perguntei-lhe.

Ele sorriu constrangido. Eu estava perplexa e, olhando para Filoctemo, julgava descobrir um brilho de triunfo em seus olhos.

— Tu terás de te decidires sozinho. — Fez Filoctemo sorrindo-lhe. — Quase sempre é assim. Como te chamas?

Um sorriso misterioso se imprimiu no rosto de Filoctemo quando o outro respondeu:

— Atanásio.

ATANÁSIO

Cruzou a trilha até a margem do rio e se deteve. Encontrou uma árvore em que se apoiar. O frio subia das águas. Ele suspirou e ficou a olhar a noite extremamente azul, a névoa leitosa que se levantava do remanso das pequenas enseadas. Imediatamente quis prosseguir, tocar para Irente o seu plano. Aproximou-se mais e mais da margem, seus pés tocaram a água muito fria, suas pernas ficaram pesadas, a correnteza agora cantava-lhe em torno do peito. Avança mais e abre os braços, deixa-se levar sem resistência.

Atanásio luta pelo ar, a água agita-se, fecha-se, ele mergulha no escuro.

Ele tiritava apesar de enrolado em mantas grossas e de rentear o fogo aceso. O velho e a velha olham-no penalizados. O homem pergunta-lhe ao vê-lo de olhos abertos:

— És tão jovem! Por que o fizeste? Por que?

Atanásio chora desconsoladamente. Entre soluços conta sua breve história. Fala de seus pais e irmãos mortos num dia horrível em que um proprietário vizinho apropriara-se das terras de seu pai, a quem intitulava "cão judeu". Refugiado entre os galhos de uma oliveira, ele assistira à cena nefanda. Sua pequenina irmã, de apenas três anos, fora atravessada a espada diante de seus olhos angustiados. A casa ardera e os vizinhos medrosos, a ciciar reprovações, tinham chegado. Atanásio

emudecera.

Durante anos iria se alimentar de frutos estragados e restos na zona do mercado. Um dia, o fragor de um raio sobre a árvore vizinha às ruínas em que se refugiara, devolve-lhe o dom da fala. Entretanto envenena-se. Atanásio já não pode conter em si sua revolta sempre crescente. Ele não sabe perdoar. Seus pensamentos são como serpentes hostis que se emaranham umas às outras. Não pode esquecer. Toda a sua recordação **6** um ódio grande demais, uma fúria, uma dor que não pode suportar, atanásio decide apagar-se com a morte. Entretanto o velho salva-o da correnteza. Nessa noite ouvem sua horrível confissão. O homem balança j cabeça:

— Oh! As lembranças. Se são tão tristes precisam ser esquecidas! Essas coisas não servem nem para ti nem para ninguém. Pensas que os outros também não têm recordações? Cem para cada uma tua. Mas esta **6**, seguramente, a primeira vez em que tu as pões para fora. E isso é bom. Aprenderás a esquecer, eu te garanto.

Atanásio permanece na companhia dos velhos. Acompanha-os nas **1**'des da pequena gleba e, de pouco em pouco, narra-lhes os incidentes negros de seu passado. O casal ouve-o pacientemente. A noite, à luz das velas, o ancião lê um manuscrito que traz guardado cuidadosamente, envolto em panos de linho. Às vezes lêem-no juntos, mas não o convidam para ouvir. Atanásio ocupa um cômodo independente, mas sua curiosidade se acende. Quer revoltar-se, sentir-se eliminado, mas já teve as primeiras lições de humildade. Roga permissão para ouvir a leitura dos serões. O velho sorri:

Muito bem. E vais aprender a ler para ocupar nosso lugar. A vista vai nos faltando. Tens bons olhos!

E da primeira vez a voz do velho repete:

— É preciso perdoar sete vezes setenta vezes. Se te bateres na lace esquerda, oferece também a direita. Entre agulhões e espinheiros, serve e passa.

Nessa noite ainda lê-se o episódio do Gólgota.

— Perdoa-lhe Pai, eles não sabem o que fazem! Diz Jesus agonizante .

A figura do Mestre, serena e acolhedora, já vive nas lembranças de Atanásio, aos poucos espancando as trevas com suas doces claridades. Todavia o rapazelho se choca. Ele não poderia esperar o desfecho que lhe oferecem, está tenso, de cabelos arrepiados: Jesus agoniza no madeiro do suplício! Entretanto na outra noite surge vencedor da morte no esplendor da ressurreição. A alma de Atanásio se rejubila. Seus pais, seus irmãos levantam-se do túmulo quando Jesus ressurge triunfante. E, junto dele, estão todos os perseguidos, os injuriados.

Nessa noite, bem tarde, Atanásio retorna às margens do rio. Apoia-se no tronco de uma árvore, olha a névoa esgarça sobre as enseadas enluaradas e põe-se de joelhos.

— Perdoa-me, Senhor, como perdoaste e ensinaste a perdoar. E porque, por minha vez, também aprendo a perdoar, ajuda-me Jesus, a esquecer. ..

— Gosto de teu nome Atanósio.

—* Não é nome comum entre os de minha raça.

— Eu **me** chamo Filoctemo **e** penso que temos muito a conversar.

A partida do barco, entretanto, desviou-nos as atenções. Afastando-se lentamente, à força de varas, tendia para a correnteza. Nossos amigos moviam-se pelo pontão cobrindo a distância crescente que nos separava mais **e** mais do pregador. Filoctemo tomou Atanásio pelo braço.

— Vamos! Disse.

Arrius fazia acenos de adeus e sua voz chegou até nós, pela última vez repetindo sua saudação habitual:

— Glória ao Pai pelo Filho no Espírito Santo.

Reunidos, emocionados, agitando as mãos em gestos de adeus, meus amigos, o grupo de Sibírcio, respondia em coro:

— Glória ao Pai peio Rlho no Espírito Santo.

De onde eu estava podia ainda ver-lhe os olhos escuros, de expressão sempre severa e triste, embora bondosa. Depois a distância foi-lhe roubando os traços, ficou-lhe o vulto alto na amurada e depois nem isto.

Voltei para onde mamãe estava. Para ela aquelas horas transcorridas, desde a chegada de Arrius e Euzótio, tinham sido algumas das mais belas de sua vida. Ouvi que Filoctemo dizia ao recém vindo: ... e seria feliz se viesses conosco. Foi verdadeiramente ótimo que tenhas chegado a tempo de ouvir a Arrius. Em breve o grupo todo estará aqui. Conhecerás um por um.

Eu pensei: "Como ele confia!" Eu desejei ser como Filoctemo. Havia um caminho ensolarado passando por dentro dele. Fiquei a reparar quando o grupo cercou-os. Era estranha a aceitação que tinham das deliberações tomadas por Filoctemo. Sua liderança era suave e amável, fruto de uma autoconfiança ganha em dias perigosos de crise e definições. E a prova de que a adesão de Atanásio era definitiva foi vê-lo envolvido nos comentários comuns. O entusiasmo de Atanásio para com Arrius era sincero e ele o demonstrava em palavras apropriadas. Acácio perguntou com a simplicidade que lhe era natural:

— A consecratio de Méilton poderia ser comparada ao que tivemos hoje?

— Mesmo os estranhos se impressionaram!

— Por que não podemos gritar aos quatro ventos que somos cristãos? — Disse Cúdio com euforia.

— Sim, ó maravilhoso o Cristianismo e é incrível que queiram danificá-lo, mistificando-lhe os princípios...

— ... modificando-o para pior. A religião de Jesus, entretanto, nos séculos futuros se erguerá de suas cinzas.

— Arrius não atacou a ninguém. Ele não aprova conflitos no seio da igreja. Foi darol Deseja apenas que cada um cumpra com seu dever.

— Nosso dever é manter a religião tal como foi ensinada à mulher samaritana, isto é, em espírito e verdade. Só em espírito e verdade.

— Os que esperavam uma palavra de fogo estão decepcionados.

— Arrius legou-nos, para debate e meditação, o problema da compreensão da verdade e do exercício da verdade. A verdade abstrata, a verdade na alma da coletividade, a verdade dentro de nós mesmos.

— Arrius! Como perdurará o seu nome nos séculos a vir?

— Conforme os interesses vencedores.

— Não poderia haver momento mais feliz para inaugurarmos nossa casa de trabalhos, nem mais propício.

— E essa aglomeração no ancoradouro, não terá despertado curiosidades? É melhor partirmos!

Em breve percorríamos a trilha conhecida. Eu viera por ali com a alma cantando de alegria, mas agora um véu toldava essa irradiação, pois ele devia partir, devia ir-se embora. Falávamos tanto do amor, da força do amor, só ele é capaz de fazer as criaturas felizes. Eu amava e sofria. Amar dóia. Chegamos à porta e batemos. Ninguém respondeu. Tentei outra vez, já levemente aflita. Mamãe forçou a porta e ela se abriu.

Eu o chamei. Chamei de novo. Minha voz soou cava e o silêncio penumbroso das arcadas pareceu-me desolador e fúnebre. Fiz um movimento para entrar, porém mamãe me conteve espantada e contrafeita. Libertei-me dela e transpus o limiar. Vi o seu catre vazio. Corri à esplanada, depois às celas. Estava tudo vazio. Voltei andando pesadamente até à margem do rio e fiquei olhando as águas que corriam, barrentas e opacas.

Outras pessoas tinham chegado, pois ouvia a voz de mamãe em explicações precipitadas. Depois

outras vozes se misturaram à dela, mas esses sons se distanciaram em meus ouvidos. Tive a impressão de que as águas cresciam até mim, lisas, cintilantes, no seu monótono tom ocre amarelado.

Uma coisa fria tocou-me a face e eu não vi mais nada.

CAPITULO XXV

Prisco pedira a Nícalo que o levasse de volta a Sebastes. Sobre a mesa encontraram a *diptycha* na qual Nícalo deixara o recado. Prisco não ignorava os perigos que corríamos com ele ali. Conforme escrevera agradecendo "para evitar que, a bondade de todos ainda o retivessem", rogara a Nícalo que aproveitasse a nossa ausência.

Vi-me de novo entre os acontecimentos de todos os dias. Jântio veio contar-nos que Prisco, alegando o extremo estado de fraqueza em que se encontrava, solicitara permissão ao legado para residir em casa de Nícalo. Ali encontrava-se entre servidores de confiança. Não sei como explicou sua ausência, mas a desculpa foi plausível, uma vez que não ouvi referências a respeito. Entretanto eu sabia que uma sombra de perigo prosseguia pairando sobre a sua cabeça. Esse perigo estendia-se a nós, uma vez que o homem continuava mostrando-se nas colinas. Seguia os nossos movimentos. Coronna não o ignorava. Vivia desassossegada e frequentes vezes latia em direção aos cabeços.

Depois que, de pura tensão, eu desmaiara nas ruínas, um dia Nícalo veio falar comigo.

— Tu e ele tendes de viver. De um ou de outro modo é preciso assegurar condições para isso. Se te abates tudo ficará mais difícil para ele.

Eu precisava me acostumar à sua ausência e me satisfazer apenas com as notícias ocasionais. Lembraria os momentos fugazes de alegria que havíamos partilhado e tentaria esquecer o restante. Faria mil pequeninas coisas esperando que as horas passassem; à noite deitar-me-ia remoendo meus pensamentos. E toda a vez que alguém se aproximasse da casa meu coração começaria a bater descompassado, esperando que fosse dada uma notícia que não gostaria de ouvir.

Nas reuniões, eu ficaria pacientemente esperando que Nícalo ou Jântio se lembrassem de dizer-me alguma coisa, que articulassem uma única palavra a seu respeito. Mas, se se esquecessem, eu não teria coragem de lembrar-lhes e voltaria decepcionada e triste para casa, aguardando o ensejo de um novo encontro.

Prisco era bastante romano para quebrar suas reservas a ponto de dizer a um deles que repetissem junto a mim uma palavra de saudação ou de carinho. Se por ventura em um dado momento não aguentasse mais, teria um dos seus gestos extremos e viria ele pessoalmente.

Isso eu esperava e terminou por se dar.

Meus companheiros encontravam-se eufóricos com o novo lugar que tinham arranjado. As reuniões sempre eram animadas e no final delas cantavam um daqueles hinos que tinham aprendido com Arrius e Euzótio. A música tinha a faculdade de me acalmar e naqueles últimos dias eu tinha adquirido o hábito de cantá-las nos momentos de tristeza e depressão. Havia uma especialmene que guardava minhas preferências. Tinha uma bela melodia e suas palavras diziam mais ou menos o seguinte:

Jesus é o caminho permanente,

Por essa via bendita chegam as sementes Para o aprendizado e a elevação.

Se o terreno do teu coração Vive ocupado pelas ervas daninhas,

Cultiva-o com carinho, abrigando As sementes celestes nas leiras de tua alma.

O verbo é humano, mas as palavras do Senhor São imperecíveis.

Aceita-as e cumpre-as, pois, se te furtas Ao imperativo da eterna vida Cedo ou tarde o anjo da angústia Nos visitará a alma Indicando-nos novos rumos.

Graças às facilidades conseguidas por Esmaragdo, voltamos outras vezes à prisão. Repetimos nossos esforços para o reconforto daquelas inelutáveis criaturas. E embora nas duas primeiras vezes

Prisco não estivesse presente, nas últimas já o encontramos, e foi animados por sua presença que, ao lado-dos benefícios materiais, foi possível iniciar o trabalho da pregação evangélica àquelas rudes almas. Essa tarefa era realizada em forma de conversa em que pequenas histórias consoladoras eram empregadas. E de todos nós, o obreiro mais devotado era Cúdio, o jovem que por ali transitara na qualidade de infrator da ordem. A confiança que Fi-loctemo parecia depositar nele era uma próspera sementeira em seu coração. Obtivera emprego junto a próspero oleiro da cidade e, constante e dedicado, Cúdio dividia-se agora entre os pesados trabalhos e as reuniões na fortaleza.

Mas as notícias que chegavam das cidades da costa continuavam alarmantes. Em breve, por medida de precaução, teríamos de interromper as visitas aos cárceres. A prudência mandava que fôssemos cautelosos. Lembro-me da última vez em que socorremos os detentos, pois estivemos reunidos em torno da fonte que Valério descobrira. Posso ainda ver-lhes as cabeças jovens e sorridentes. Um profundo dom espiritual parecia envol- vé-los e a medida disso era a alegria natural e espontânea com que se reuniam, igualando diferentes culturas, diferentes níveis de inteligência e condições sociais, reunindo-os numa inflexível deliberação de viver as lições da Boa Nova. Confraternizados em nome de Jesus, eram todos iguais e nem a mais leve diferença os separava. O Grupo Sibírcio era uma confraternização pelo coração. E hoje quando vejo as lições rudimentares da física, versando sobre os vasos comunicantes, não sei porque me lembro deles, talvez porque me ocorra que um sistema espiritual da mesma lei funcionasse no grupo e eles se igualassem e se identificassem abastecendo- se pelas correntes do sentimento verdadeiro.

Eu vi Prisco nas últimas vezes em que visitei a prisão. Quando chegávamos já estava lá. E depois, durante todo o tempo que gastávamos nas diferentes tarefas, facilitadas agora não só por Esmaragdo mas ainda pela própria adesão dos detentos, eu o sentia por perto, embora só raramente o pudesse ver.

Ele se fazia mais forte, mas aquela sombra dúbia e triste não se desanuviava em seu rosto. Eu tinha um desejo cruel de vê-lo sorrir, de assistir ao espetáculo dos seus olhos negros emitindo pequenas fagulhas, como acontecia quando ria, por qualquer motivo.

Apenas uma coisa me alegrava em meio a tudo aquilo. Era a lealdade de Nícalo e Jântio e, agora, a de Esmaragdo também. Eram os seus maiores aliados e caminhavam com ele ao longo das estradas e ruas, cheios de ansiedades e riscos. Prisco não se referia a mim; eles respeitavam o seu silêncio. Mas Nícalo por vezes se aborrecia e exclamava:

— Não ó justol

— SimI — Eu redarguia. — Tudo se configura um mal. Mas não seria possível, Nícalo, transformar esse mal em algo de bom para cada um de nós?

Um dia me perguntou:

— O homem continua vigiando das colinas?

— Não o vemos, mas há claros indícios de que continua.

— Prisco sabe disso. Resolveu o problema pagando um espia para vigiar o espia.

Rimos os dois, pouco à vontade, com essa tolice. Depois o rosto dele se fez sério:

— Aquele homem continuará lá até enervar Prisco e fazê-lo perder a paciência. Receio que, inesperadamente, venha a cometer uma imprudência.

— Ele não pode tomar tal atitude, sabes bem disso Nícalo. É preciso que o convenças. É melhor deixar passar o tempo. Otávia desanimará. Afinal as reuniões na fortaleza não têm sido prejudicadas. O homem poderá ficar ali cem anos, se quiser.

Mas eu sabia que idéias andavam na cabeça de Prisco, pois, de enervante maneira às vezes também me ocorriam. Via aquele homem diante de Otávia, com seu ar de raposa, ao ser interrogado. Ela quer saber a que horas deu-se isto ou aquilo. A que horas saí, entrei. Onde fui, o que fiz. Se alguém nos visitara a que horas entrara e saía esse visitante.

Eu ia para a cama e por vezes passara noites inteiras vendo a cara enrugada do homem, sabendo-

o lá fora, esperando. De certa forma aquilo significava que Prisco estava proibido de ir até ali. Eu imaginava sua mentalidade cuidadosa, lenta, cheia de susceptibilidade, o seu reconhecimento dos direitos patrícios, o seu orgulho de raça e o seu orgulho pessoal que ela aprendera tão bem a ferir. O que estaria passando pela cabeça dele? O que estaria crescendo no espírito dele? Supondo que tomasse alguma iniciativa...

Mas eu precisava, necessariamente, ignorar a marcha daquele processo. Não podia prever. E, assim, passavam-se os dias.

Na semana seguinte à da partida de Arrius, Móliton, recordando as advertências quanto à tolerância que nos foram pregadas — e que seguramente tinham sido levadas ao seu conhecimento — convocou-nos para uma reunião geral na igreja. Comparecemos em massa, à hora prescrita. Acompanhei meus familiares, mas já não sentia a menor parcela de prazer. Os sentimentos antigos estavam mortos para sempre.

Méliton repetiu inflamado, em seu púlpito, que, sem fazer de Jesus um Deus, o monoteísmo cristão não poderia substituir o politeísmo e acolher a filosofia grega, convertendo o velho mundo.

Na realidade a filosofia grega não nos interessava naquele momento e, por outro lado, suas palavras não faziam sentido aos ouvidos da maioria dos conversos. Para nós Méliton e os seus propunham apenas substituir um politeísmo por outro politeísmo.

— O novo Deus Cristão. — Disse ele. — Reúne todas as qualidades e todas as vantagens para sair vitorioso. Não desejais a vitória do Cristianismo? Esse Deus realiza o Verbo da filosofia grega e da teologia exotérica, dá-lhe um corpo e uma história, toma-o visível e acessível a todos, faz com que saia do plano do raciocínio para impulsioná-lo definitivamente aos planos da imaginação e do sentimento. Vede esta maravilha: os cristãos podem dizer: Vós filósofos tendes razão, o Verbo de Deus veio, estamos certos disso, nós ouvimos. Credo em Jesus, tomamos em proveito de nossa fé tudo quanto eles, os filósofos, entreviram sobre a existência desse Verbo Divino, mas tudo quanto é obscuro para eles, é claro para nós.

Assim, de acordo com Méliton, o Cristianismo se serviria, de um lado, da filosofia para demonstrar ao povo a existência do verbo e de outra parte do hábito que tinha o povo de acreditar nas encarnações celestes para demonstrar aos filósofos que o Verbo, que eles conheciam e do qual afirmavam a existência, tinha verdadeiramente encarnado.

— O Deus novo, tornado homem. — Repetia ele. — Conduz ao monoteísmo rígido, ao deísmo.

Eu concordava com ele num ponto, a saber: o deísmo com Jesus, tal como nos chegava pela narrativa dos três primeiros Evangelhos, não poderia absorver a crença filosófica, não abordava de nenhum modo o problema da natureza divina e não dava ao povo o manjar da imaginação, a idéia dos seres invisíveis a cujas encarnações estava acostumado.

E para nós estava bem claro, igualmente, que a idéia do Deus-homem, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, seria a base da construção de uma religião nova, o início da formação dos dogmas, a fonte de símbolos e de cultos, com uma tremenda força de propagação no seio das massas pagãs daquele tempo. Era o dogma fundamental.

Posso ainda hoje lembrar uma frase característica de Méliton, repetida aquela noite:

— A cruz despojada do homem-Deus, a cruz nua de Arrius, sem apresentar o Verbo de Deus para ser adorado, não tem forças e nem virtudes para mudar o velho mundo.

E, para nossa surpresa ergueu um objeto oculto no púlpito. Era uma cruz habilmente entalhada e nela, esculpido com muito gosto, em cera, pendia, morto, o corpo de Jesus. Um frêmito percorreu a assistência. Era aquela a primeira vez que eu via um crucifixo!

Foi naquela reunião que, para nós, se definiram definitivamente as posições, separando-nos de uma vez por todas e pondo, de um lado, os novos cristãos que se passariam a se chamarem *católicos*, e nós outros remanescentes de cristãos primitivos, que ainda nos poderíamos denominar *gente do Caminho*. E isso ficou bem claro quando Méliton terminou de falar e nos erguemos como se fôssemos

uma única pessoa e começamos a nos retirar. Méilton se enfureceu. Ainda do púlpito nos interpelou:

— Não quereis a vitória, não sois católicos?

Foi João quem serenamente respondeu:

— Não, Méilton, não somos católicos, somos apenas cristãos.

Alguma coisa tocou-me o coração enquanto saía.. Tive vontade de chorar ao olhar o pátio, os pés de tamarineiros, aquele ponto da calçada onde, certa noite, quando caíra uma ligeira chuva, eu me encontrara com Prisco. Aquelas paredes tinham assistido ao meu crescimento, as minhas preces, minhas secretas dores e aos júbilos de minha fé. Não ia voltar nunca mais...

Aquela estação terminou, veio o outono, quando as árvores ao longo do rio se avermelhavam e depois perdiam as folhas.

Certa manhã uma estranha sensação acordou-me. Assentei-me na cama cheia de susto, com o coração a bater desgovernado. Abri; um pouco a janela. Não havia nenhuma aragem e as luzes do dia começavam a matizar a noite. Atravessei a casa e abri a porta. Todos dormiam. As colinas estavam escuras e eu descí a escada. A atmosfera pareceu-me sombria e uma impressão de dor se apossou de meu coração.

Coronna dera a volta em torno da casa e agora estava ao meu lado, calma, espreguiçando-se. Se houvesse alguma coisa a temer o seu profundo instinto já a teria alertado. Percebi alguém à porta e voltei-me. Era Cirilo.

— É muito cedo ainda. — Disse-lhe. — Também não pudeste dormir?

Assentei-me e ele se acomodou ao meu lado.

— Não, também não pude.

Não quis fazer-lhe perguntas e fiquei a esperar que ele se decidisse a contar-me. Por fim disse cruzando os braços sobre os joelhos e apoiando o queixo na mão:

— Um *conquistador* está na cidade.

Assim eram chamados os oficiais encarregados do recrutamento de novos soldados e de receber-lhes o juramento militar. Tinham plenos poderes para arrolar todos os homens que fossem precisos.

— Achas que serás chamado?

— Sem dúvida. Não apenas eu, porém todos nós que mediamos em idade. Esmaragdo explicou-me como procedem. Recolhem diariamente as tropas regulares para, na qualidade de *militēs adscriptitii*, irem substituir as baixas, conforme as ordens de Licínio. Prisco não seguiu ainda porque suas condições de saúde não lhe permitem. E Esmaragdo porque está responsável pela prisão. Tudo vai mudar e é pena. Gosto de minha vida tal como vai transcorrendo.

Eu não soube encontrar uma palavra de consolo para dizer-lhe. Ergui-me mas tinha as pernas frouxas e tive de apoiar-me às pedras. Minha garganta secara-se, as mãos se enregelaram.

— Não gosto da vida militar! Não me agrada! — Disse meu irmão com voz cansada.

— Talvez não sejas recrutado.

— É difícil. Esmaragdo acha que o Imperador não tem outra saída. Tem de lançar mão dos *militēs provinciales*, tem de convocar tropas nativas, se não quiser ficar desguarnecido. Segundo a lei, pelo *delectus mUi-*

tum podemos ser convocados em prazo de horas, conforme a prescrição a que os romanos denominam *tumulto*. Nesse caso seremos chamados com carácter de *militēs subitarii*, isto é, recrutados em caso de apuro, prescindindo das condições prescritas pela lei. De um modo ou de outro seremos recrutados.

— Mamãe já sabe?

— Ainda não. Julguei melhor esperar a fixação do *catálogo*.

— Talvez não sejas chamado. — Repeti.

— É difícil, só Deus o sabe.

Não demorou uma semana para que o catálogo fosse afixado. Era uma espécie de lista e ter o nome nela equivalia estar convocado para servir no exército. Quase sempre dividia os nomes em quatro grupos, conforme as condições de fortuna, mas, bem como fora dito, realizando a chamada em caráter excepcional, os recrutas tinham sido incluídos na quarta classe à qual denominavam tetes, para prestar serviços militares a soldo, na infantaria.

Entre outros tantos nomes desconhecidos, lemos ali os trinta e oito nomes dos integrantes do grupo Sibircio. O engajamento de João, frágil e sempre em precárias condições de saúde, pareceu-me uma brutalidade. O próprio Mélliton não escapara aos olhos averiguadores do *consitor*, não lhe cabendo a menor prerrogativa religiosa, em face do poder da época. E essa ausência de força na religião, que nos séculos seguintes se fortaleceria mais e mais, ficou evidente quando ele lançou mão de um re- curso ao qual denominavam *exomosis*, que se aplicava, por exemplo, para eximir-se alguém de uma missão ou de uma prestação, por incapacidade ou enfermidade, devendo afirmar, sob juramento, a verdade do motivo alegado.

Seria subestimar a inteligência de Móliton supor que não tivesse encontrado um motivo suficientemente bom. Todavia ainda assim não obteve isenção.

Eu procurava animar Cirilo, João e Eliano, cada vez que voltavam do quartel. Então dizia-lhes:

- Contai-me tudo! Que foi que disseram? Por que foi que ficastes lá todo esse tempo.
- O conquistador volta e insiste sempre em um tal juramento que teremos de fazer, demorando-se em detalhes que não nos interessam. Depois faz as mesmas perguntas que já fez ontem e anteontem. Temos prática de exercícios? O que pensamos do Imperador? Que espécie de relações temos com os romanos? Como se usa uma lança? O que faríamos se fôssemos atacados assim ou assado?

- Alguns fugiram, desapareceram nas estepes. Estão ao seu encalço para castigos terríveis.
- Será melhor manter o sangue frio. — Disse Eliano.
- Não é justo fugir. — Concordou João com doçura. — Somos todos iguais. Se alguém tem de ficar, fiquemos todos.

Esse aceitamento do mais frágil, a despreocupação e a alegria que João ostentava, serviam aos outros de ducha de água fria. Cirilo abraçava-o.

- Não temos um programa agradável pela frentel — Dizia. — Mas quando te ouço falar assim, percebo claramente o que tenho a fazer. Vamos encarar a coisa de frente, sem desviar os olhos.

Eu percebia que mamãe chorava às escondidas. Frequentes vezes encontrava-a com as mãos na cabeça, assentada nos cantos, e perguntava- lhe se sentia alguma coisa, desejando que se desabafasse comigo. Mas apenas dizia:

- Estou cansada, filha. Tão cansada que não posso ver nem ouvir coisa alguma. Deixa-me sozinha, em silêncio, por algum tempo.

Chegou o momento em que Cirilo teve de contar a vovô o que se passava e foi doloroso assistir a sua perturbação. Pôs-se a chorar e a tentar dizer, desesperadamente, alguma coisa, engrolando sons e grunhidos, batendo com os punhos na mesa e nas paredes. Cirilo abraçou-o e vi que choravam juntos.

Sempre que podia, Filoctemo vinha até nossa casa.

- O pior é que já não poderemos nos reunir tantas vezes.

De fato as reuniões na fortaleza se tinham reduzido a apenas uma por semana e isto embora os novos recrutas não tivessem sido chamados definitivamente à *castra*. Depois disso nunca mais poderiam totalizar o grupo, já que a saída não podia ser facilitada senão a grupos diferentes, a espaços diferentes.

Os equipamentos tiveram de ser pagos por nós e isso trouxe um problema diferente à nossa casa. Mamãe passou dias revirando guardados, desocupando canastras, em busca de alguma coisa que pudesse ser vendida para atender àquelas despesas.

Quando o agente *in rebus* surgiu, tentou mais uma vez dialogar com ele, explicando a nova situação surgida, porém foi tudo em vão. Vendemos o que foi possível, às escondidas, para que os estranhos não percebessem nossas dificuldades. Já não podíamos nos valer do fundo comunal, pois a organização da igreja se modificara. Todavia tanto fizemos que, por fim, os três tiveram o dinheiro suficiente. E um dia chegaram à casa cansados e carregados de coisas. O mínimo a que eram obrigados eram a *galea*, a *lorica*, o *ocreae*, o *clipeus* e a *hasta*, isto ó, coisas como o capacete, a cota de malha, o escudo e a lança.

Até que um dia foram definitivamente alojados na *castra* para os preparos físicos e as instruções necessárias. Vê-los engajados na XII Legio era coisa com a qual jamais teria sonhado em toda a minha vida.

Agora a casa se tornara terrivelmente triste, o trabalho triplicado para nós. Voltei ao pastoreio e mamãe se encarregou de auxiliar vovô nos cuidados da plantação. Era terrível para mim vê-la chegar coberta de lama, depois de ter passado horas acionando a nora, sem o que a umidade necessária não seria levada à singela gleba. A noite, quando nos fechávamos dentro de casa, nossa conversa se tornava vaga.

— Ainda não faz frio, não achas? — Minha mãe dizia.

— O Aquilon ainda não começou a soprar.

Ela erguia os olhos de seu trabalho:

— Como se arranjarão na *castra* quando o *Aquilon* soprar?

Seu olhar corria furtivo por mim e ela mudava de assunto, porém não de pensamentos:

— A balsa desceu o rio quando voltávamos. Foi triste não ouvir a voz de Cândido e Angio.

Eu percebia o olhar de vovô claro e quase vazio de expressão posto sobre nós.

— Gostaria que não tivesses que sair para o pastoreio. A trompa está boa? Julgas que ouviremos lá em baixo, se a fizeres soar?

— Ora, certamente. E não estás contando com a companhia de Coronna.

— Não sei... não sei...

Eu dizia:

— Mamãe, a prece nos defenderá. Vamos orar, vamos rogar que a confiança em Deus não nos falte. As dificuldades têm um começo e um fim.

Abríamos nossas anotações, líamos ao acaso e, de cada vez, como que propositadamente, acertávamos com a linha ou o trecho que nos podia animar e reconfortar. Então eu dizia voltando-me para ela:

— Vês? Não estamos sós, nunca estamos sós!

Orávamos implorando proteção para nós e nossos amados ausentes. Mamãe me dizia:

— Não penses que me revolto! Mas sinto um vazio tão grande! Tento me acostumar, mas preciso de tempo. Se ao menos teu pai estivesse conosco! Quando uma mulher vai envelhecendo vai também se cansando. Sente falta de um companheiro, se não o tem. Os filhos, naturalmente, partem... É lei natural que partam. Mas, coisa estranha! Nunca pensamos que vão partir um dia, até que chega esse dia.

Eu me fazia de forte, ia buscar a lã e distribuía o serviço. Ficávamos a cardar ou a tecer à luz da candeia, até que a fadiga nos vencia.

Íamos para a cama sem olhar para os catres vazios, mas ao desdobrar as mantas a mente nos traía.

Uma tarde, quando terminávamos a ceia, ouvi o ruído de um cavalo a galope. Corri à janela. Ao chegar ao alto da colina o cavaleiro teve uma manobra estranha que me fez adivinhar a sua identidade. Rumou antes para a direita, depois para a esquerda, como a vistoriar os cabeços de pedra. Só depois tocou para nossa casa. Tive quase a certeza de que era Prifco e de fato era ele.

Veio parar sob a janela em que me encontrava e me saudou. Devo ter gaguejado qualquer coisa,

sem atinar com o motivo que o trouxera, embora fosse de seu feitio uma decisão como a que tomara.

— Vim vê-la e gostaria de falar com tua mãe.

Disse-lhe que entrasse. Ele subiu a escada e transpôs a porta. Mais uma vez nossa rústica simplicidade não pareceu atrair-lhe a atenção. Vovô curvou-se cumprimentando.

— Ele não pode falar

— Por que não?

— Cortaram-lhe a língua.

O conhecido vinco se desenhou na testa dele, aproximando-lhe as sombrancelhas. Perguntou:

— Como foi? Quando?

— Há quinze anos atrás quando foi publicado o último édito contra os cristãos. Papai foi morto. Vovô sobreviveu, mas chegou em casa mutilado. — Era um assunto difícil e eu julguei preferível encegrá-lo. — Mamãe não demora. Desceu ao aprisco. Deve voltar imediatamente.

Ofereci-lhe um dos bancos e assentei-me no outro.

— E tu, como estás?

— Assim como me vês. E tu?

Não ouvi mamãe entrar e quando percebi ela estava por detrás de nós. Ela pareceu contrafeita.

— Nossa casa não é o que desejaríamos oferecer-te! — Disse usando uma velha forma de polidez.

— Vim para vos agradecer quanto foi feito por mim. Devo-vos a vida. Vossa bondade foi extrema!

— Tudo foi feito com espontaneidade e alegria.

— Ocorreu-me vir dizer-vos que ficarei por algum tempo em Sebastes. Como tribuno estarei bem próximo de vosso filho e seus amigos. Te-rqi imenso prazer em fazer por eles o que me for possível. Se isso puder dar-vos algum descanso, quero dar minha palavra de que não me esquecerei de nenhum deles um só instante.

Aquilo foi demais para nós três. Mamãe e vovô não contiveram as lágrimas, eu me levantei e fui me debruçar à janela. Prisco ficou a nos olhar e houve uma pausa em que apenas os soluços de mamãe soaram na sala. Ela disse enxugando os olhos no avental:

— Crede, nossa pobreza é até uma pobreza de palavras. Não tenho como agradecer-vos.

Ele não disse nada mas se levantou e despediu-se. Eu descí com elê até onde o cavalo fora atado. Prisco recolheu as rédeas, porém não montou.

— Poderias caminhar comigo?

Assenti com a cabeça. — Ele disse:

— Saber esperar não é virtude minha. Vou até onde posso. Hoje disse a mim mesmo: "Pelas fúras!" Montei e vim. Agora estou aqui, está feito! Mas estive a espiar lá por cima. Nada vi.

— Talvez tenham modificado ou até mesmo desistido de seus planos. ' ~

Lehtëmente fomos, subindo a colina, ele levando o animal pelas ré-deas. A noite vinha caindo e, suavemente, uma estrela surgiu sobre nossas cabeças.

— Quando eu era menina desejava que as estrelas caíssem como a chuva. Eu. desejava ter os braços e o rosto respingado por elas.

Ele sorriu.

— Sabes qual tem sidomriinha única distração? — Perguntou-me.

Fiz que não.

— Planejar uma fuga para nós dois. Para muito longe. Seria agradável e, certamente, o mais acertado e conforme as circunstâncias. Qualquer outro casal do mundo não hesitaria em tomar essa decisão.

Não respondi e ele perguntou:

— Esperas que eu creia que te sentes feliz?

- Não! Mas em minha felicidade pesa muito a felicidade dos outros.
 - A-felicidade dos outros deveria ser a minha felicidade.
- Estás tentando tornar tudo mais difícil.
- Não, não estou. Se quiseres iremos embora todos. Tua mãe, o velho, Cirilo, até João e Eliano. Sou rico, eu não teria dificuldades.
 - Saíste de nossa casa. Não viste o que somos? Pensa em teus amigos, no ambiente em que vives. Na realidade seríamos apenas um problema para ti.
 - Tua mãe, tu, Cirilo vos adaptareis. Os anos do velho não podem ser contados pelos nossos.
 - Terias uma esposa bárbara, plebéia e cristã.
 - Não precisarias dizer isso a toda hora, se quisesses.
 - Tens o teu orgulho, eu tenho o meu. Quando me eleges, o que vêes em mim? A mãe de teus filhos. Pois bem, se eu fosse capaz de trair o que tenho por mais sagrado, como poderias confiar em mim depois? Agora nos amamos dentro do que existe de mais alto e mais belo: a confiança. E depois? Como seria depois?

Foi a vez dele silenciar. Eu prossegui com doçura:

- É bom sonhar, mas a realidade é esta. Temos de ser coerentes conosco mesmos, não temos? É a única forma de nos respeitarmos e de podermos respeitar os outros. Uma questão de verdade pessoal. Não penses que não te amo. Sim, amo-te, e agora mais do que nunca. Hoje nos vieste trazer paz e alegria. És a ponte entre nós e aqueles que mais amamos.

Houve uma pausa entre nós, em seguida ele perguntou:

- **Que fazer então?**
- **Esperar!**
- Até quando?
- **Não sei até quando.**

Eu o pusera ante o seu orgulho. Seria um engano pensar que poderíamos permanecer juntos enquanto o muro não ruísse. Nós nos amávamos, mas além do amor não havia entre nós um diálogo verdadeiro. Nossas linguagens eram diferentes. Poderíamos fugir, mas o obstáculo fugiria conosco. Estava em mim, estava nele. No começo poderíamos aceitar a enganosa situação. Mas, e depois? Eu já não era capaz de sonhar. Os sonhos não teriam forças para derrubar a muralha. O tempo teria de trabalhar nos dois domínios, no meu e no dele, porém em cada um com instrumentos diferentes.

Sentamo-nos nos lisos rochedos que a floravam do chão. Ele me parecia tão infeliz que me cortou o coração.

- Continuas em casa de Nícalo? — Nícalo me disse que manténs um homem aqui, de vigília.
- Sim.
- Prisco, é triste que tenhamos de desperdiçar os raros momentos que temos de estar juntos.
- Não quero parecer impertinente, mas, para ser franco, estou cansado de toda essa situação. Meus dias, minhas noites, são longas e cansativas. Empilho os mesmos pensamentos, eles me pesam.
- Sinto muito! — Eu disse lentamente. — Esta é, realmente, uma coisa com a qual não nos podemos acostumar.

Ele se voltou ansiosamente para mim. Tomei-lhe o rosto entre as mãos e corri as pontas dos dedos pelos vincos do seu rosto. Até que o vi inteiramente desanuviado.

- Há muito não te vejo sorrir. Esta ruguinha, por exemplo, está se tornando mais funda, quase permanente.

Eu tinha a ponta do dedo sobre aquele conhecido vinco, que quase unia as sombrancelhas dele. Seu rosto parecia tranquilo agora que as luzes o iluminavam com seus doces tons de ouro

e rosa. Pensei: Um homem tão belo deveria ser o mais feliz do mundo. A beleza ó boa? A beleza podia ser um tropeço. A mão dele escorregou do meu ombro até prender meus dedos. Sua expressão não mudou quando tranquilamente disse:

— Viver é difícil, viver não é bom. Sou uma pessoa igual às outras, não compreendo por que tudo há de ser tão extraordinário em relação a mim. Seria pedir demais, que a minha vida fosse como a de toda gente?

— Mas, tu desejas mesmo isto? Na prisão do casulo a lagarta julga preferível prosseguir coleando pelos troncos. Mas quando ganha o céu nas asas da borboleta, guarda ainda o mesmo propósito?

Ante minhas frases tão de acordo com o mundo em que eu vivia, ele sorriu apertando levemente os olhos. E aquela chispa que eu tanto amava cintilou em suas pupilas:

— Eis a menina que ainda vive em ti.

— É uma imagem simples, mas não uma infantilidade. Teu linguajar não menciona a esperança e eu tenho razões de sobra para mantê-la viva. Julgas que a vida se circunscreve a isto tão-somente? Eu não partilho tal suposição. Sei que tudo prossegue para além do que os nossos olhos podem enxergar e os nossos ouvidos ouvir.

Ele me olhou dubitativo e eu prossegui:

— Há mundos de glória além das provações que possamos sofrer. Prisco fez um gesto largo com o braço.

— Talvez tenhas razão! Quem sabe! Mas o que desejo é tão pouco e tão simples. Apenas o que a vida programa para a maioria das pessoas. Não está errada! As portas dessas altas moradas fechar-se-iam ao rapaz que almeja a sua paz, o seu trabalho, a alegria de abraçar a mulher amada e seguir com ela através dos anos? Ultimamente tenho gasto horas a rememorar a casa de meu pai sobre o promontório, o jardim, a enseada, as pequenas ilhas, todos os locais prediletos de minha adolescência e que desejaria compartilhar contigo. Lugares que eram só meus, mas que já não posso tolerar sozinho. Há por detrás da casa um bosque de pinheiros e cedros tão antigos que ninguém jamais teve a coragem de cortá-los. Ali respira-se o perfume úmido da resina fresca e os raios do Sol desenharam, entre galhos, leques de pluma imponderável. Há uma trilha que desce coleando por entre os troncos, entre lianas e azáleas. Lá embaixo fica um pequeno vale cortado por uma torrente. É tudo uma beleza ali. Eu me deitava sobre a relva fresca e ficava horas inteiras, espiando as nuvens muito brancas correndo no céu puro e azul. Das encostas, do outro lado, vinha a voz dos trabalhadores que cantavam nas vinhas. Eu me sentia seguro e feliz. Gostaria de voltar a correr por aquela trilha levando-te pela mão. Lavaríamos os pés na água gelada e clara da torrente e colheríamos os frutos dos morangueiros silvestres.

Ele se aproximara muito de mim. Eu sentia no rosto a sua respiração.

— Naquele tempo eu não partilharia com ninguém o prazer daqueles momentos. Mas já não penso assim. Terás entrada em meu jardim secreto.

Eu quedara muda, emocionada a ponto de chorar. Quis dizer qualquer coisa e só pude articular:

— Eu gostaria! Oh! Como eu gostaria!

Ele suspirou:

— É tão pouco! E é demais para nós!

— Não, não! — Eu disse apressadamente: — Um desejo intenso é apenas uma promessa que a vida nos faz...

— Um desejo intenso é uma promessa que a vida nos faz... — Ele repetiu pensativamente.

Era quase noite e eu percebi que mamãe nos olhava pela janela. Levantei-me, ele também se levantou e montou a cavalo.

— Encontrarei uma desculpa e um meio para voltar.

— Então adeus...

Aquela noite não foi diferente das outras, nem o dia seguinte. Sai bem cedo para o pastoreio, mamãe e vovô desceram para a plantação. Lembro-me de que ela mencionou o fato de que, naquele dia iriam começar a colheita. Depois daquele período estafante começaria o torpor dos meses do Inverno. A visita de Prisco contentara mamãe. Ela não estranhou, ou pareceu não estranhar o fato de termos estado a conversar. Não tocou no caso. Quando entrei fazia ruídos na cosinha e isso significava que estava satisfeita e disposta. A visita de Prisco fizera-lhe bem. Quando nos reunimos para o desjejum, vovô sorria comendo o seu pedaço de pão. Guardei para sempre a lembrança daquela refeição a três, sobretudo de vovô, com os cotovelos postos sobre a mesa, em suas roupas rústicas, as mãos gretadas pelo trabalho intenso segurando a côlea de pão escuro, o seu rosto encarquilhado que a barba branca envolvia, ligando-se aos cabelos também nevados. Seus olhos azuis estavam brilhantes e ele me fez uma mesura alegre quando me assentei. Em meu retorno vi-o apenas ligeiramente, pois haveria reunião nas ruínas e eu decidira comparecer. Quando mencionei minha disposição, mamãe decidiu-se a me acompanhar. A- final uma parte dos nossos amigos recrutados estaria presente, talvez Filoctemo, Nícalo, João ou Eliano. Quem sabe o próprio Cirilo!

Depois que tudo estava nos lugares e a casa fechada, mamãe explicou a vovô q*ue íamos sair. Coronna ficaria com ele. Insistiu para que não abrisse a porta para absolutamente ninguém, a menos que fosse uma voz conhecida. E não tivemos nenhum pressentimento.

— Nada de estranhos! E se não se identificarem tu ficarás quieto e não abrirás a porta.

Ele assentiu com a cabeça e pareceu compenetrado fazendo gestos em direção à porta.

A noite estava calma quando, silenciosamente, nos esgueiramos até margem do rio. As árvores outonais mostravam-se tristonhas no lusco-fusco da tarde. Havia um curioso aroma no ar, aquele olor característico de folhas pisadas e frutos silvestres amadurecidos e passados.

Conforme vinha acontecendo, apenas uma parte do grupo estava presente e foi Eutíquio quem nos abriu a porta quando batemos os sinais convencionais.

— Esperava que viésseis! — Disse-nos alegremente, pois Cirilo deverá chegar em breve, com alguns outros companheiros.

Aquela era a melhor notícia que poderiam dar a mamãe? E João?

E Eliano?

— João e Eliano não estarão conosco. Vai ser assim agora, precisamos nos acostumar.

Cirilo chegava dali a pouco instantes. Correu para nós e o apertamos nos braços, cheias de saudade e carinho. Não foi difícil descobrir a *razão* de seu atraso. Filoctemo e ele tinham ido buscar Gemma. Mamãe estava comovida, mas libertou-os dos braços apontando a sorrir para onde se encontrava Gemma e dizendo-lhe:

— Vai! Vai!

Eu tinha minhas mãos presas nas de Filoctemo.

— Então, ele me perguntou, sempre te lembras de mim!

— Sabes que sim!

— Tudo me sai bem quando te tenho em meus pensamentos. E no meio de toda essa atrapalhada, é preciso que nos saíamos bem.

Estava mais queimado pelo Sol e mais magro.

— Ainda não me habituei a me ver cercada por tantos uniformes. Tu ficas diferente, todos ficais diferentes. Vê só, não parece uma reunião de quartel? E nós, as mulheres, vivandeiras.

Rimo-nos os dois.

— Sabes. — Eu lhe disse, aguardo curiosamente a marcha dos acontecimentos. Com exceção de Prisco, estás com tua corrente completa. O teu sonho praticamente se realizou. Sereis quarenta se substituíres Prisco por Méliton. Mas, por que, para que, estais reunidos?

— Não sei! Eu mesmo penso nisto. Nota um detalhe curioso: estivemos todos aqui com Arrius, Prisco inclusive. Toda uma sequência de acontecimentos trouxe-o para cá: Foi o inesperado, o

incrível. Méilton, entretanto, esteve ausente. Aliás, ele não fez parte do sonho. De qualquer forma, mesmo Prisco não sendo um dos nossos, estamos todos reunidos na XII Legio. O que irá suceder em seguida, eu mesmo me pergunto.

Filoctemo silenciou numa pausa em que seus olhos perpassaram distraídos pelas paredes.

— É mesmo curioso. Apenas Prisco distoa no conjunto.

— Prisco tem um espírito e os espíritos são mutáveis. Não suponhas que seja tão infranqueável quanto possa parecer. Preocupa-se conosco e, muitas vezes, com sacrifício pessoal, assume o comando para nos favorecer. Temo-lo constantemente por perto e, há poucos dias, exigiu que mantas melhores nos fossem fornecidas. Tenho a impressão de que se sente bem conosco e se dirige a todos quando se põe a falar com Nícalo ou Jântio.

— Isso me alegra.

— Ele não parecia o tipo capaz de tudo isto, mas é. Um dia destes encontrei-mo com ele no alojamento. "O que pretendem os adversários de Arrius?", perguntou-me. Tentei explicar-lhe a questão da trindade e ele fez uma observação curiosa: "Alexandre e Atanásio são de Alexandria, não é isto?" Sim, eu respondi. "A religião dos egípcios possui uma trindade Osiris, Isis e Horus. Essa personificação pode ser muito inspiradora". Eu apenas respondi Talvez", mas fiquei pensando que ele poderia ter razão. De qualquer forma procura sempre tomar as coisas mais macias para nós. Não precisava fazer isto, ó um romano, uma personagem da primeira linha. Creio ter motivos para acreditar em Prisco.

A reunião teve início com estudos em tomo da Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, destacando-se o versículo 7 do capítulo IO, que diz assim: "Não vos façais, pois, idólatras". A palavra foi franqueada aos presentes, quase todos participando com anotações oportunas e elevadas, em ambientes de grande paz.

Deixamos as ruínas reconfortados. Filoctemo, Cirilo e Gemma nos acompanharam até nossa casa. Seguíamos tranquilos, conversando em voz baixa quando, à distância, ouvimos os latidos frenéticos de Coronna. No silêncio da noite outoniça tinham qualquer coisa de alarmante e fúnebre que fez com que meu coração se apertasse.

— Alguma coisa sucedeu! — Disse Cirilo. — Coronna não costuma proceder assim.

Fizemos menção de sair a correr, porém mamãe nos deteve com um gemido:

— Oh! Deus do céu! Tenho medo de deixá-los ir.

— Mas vovô está sozinho. Se estiver acontecendo alguma coisa é preciso que saíamos em seu socorro.

Saímos a correr, um atrás do outro, pela trilha. O suor corria-me pelo rosto. Tropecei algumas vezes e foi preciso Filoctemo me amparar. E os ladridos alarmantes mais e mais se aproximavam de nós. Quando chegamos ao cotovelo de onde deveríamos subir para a casa, uma nuvem velou a luz da lua. Mamãe outra vez nos deteve, segurando-me tão fortemente que meu braço doeu.

— Vocês ficam. — Disse com decisão. — Deixem que eu vá primeiro. Vovô está velho, no fim da vida. A mim, pouco importa. Ficai atentos! Eu ordeno! Se algo me acontecer eu gritarei. Nesse caso voltareis pelo mesmo caminho.

— Pelo amor de Deus, mãe! — Fez Cirilo com desespero. — Não me peças isto.

— Não peço, ordeno.

Deu-nos as costas e, com decisão, enveredou pelo caminho sinuoso que levava à porta dos fundos da casa. Olhei para a lua. Com mais um pouco mamãe poderia chegar ao alto relativamente encoberta, pois vestia um manto vermelho-escuro sobre a túnica castanha. Os espinheiros e a sombra de um junípero roubou-a à nossa observação. Os latidos de Coronna faziam-se roucos e Isso levou Cirilo a observar:

— Coronna está latindo há muito tempo. Está rouca. Isto quer dizer que se algo aconteceu, como deve ter acontecido, foi há bastante tempo...

Agora o luar caía intenso e azulava as águas do rio, tomando as sombras mais densas e aterrorizantes. Meus antigos temores retomaram. Eu tinha a impressão de que Coronna latia há séculos. E apesar da noite estar fria, o suor empapava-me. Minhas mãos, entretanto, se enregelavam. Senti uma mão pousar em meu ombro. Era Filoctemo. Comecei a tremer tão intensamente que, no silêncio, ouvia meus dentes batendo.

— Por que mamãe demora tanto? — Ouví a voz angustiada de Cirilo.

As peças metálicas dos uniformes que ele e Filoctemo envergavam luziam aos raios da lua.

Tínhamos sido criados num regime de fiel obediência e eu sentia a luta que se desenrolava no espírito de meu irmão. Ficar ou correr pela rampa acima? Eu pensei: “Se isto durar mais um pouco, será demais para mim”. Filoctemo me abraçou no momento exato em que meu corpo pendeu. Não sei quanto tempo de inconsciência tive ali. O frio metálico de seu peitoral foi a primeira impressão que tive. Depois ouvi os latidos alarmantes que vinham do aprisco. Abri os olhos. O rosto ansioso de Filoctemo estava a dois dedos do meu. Sentindo-me entre as brumas de um sonho horrível, ergui a mão e tateei o vazio. Depois toquei-o. Ele era real e seu rosto também porejava suor. Mas aquela sensação de irrealidade deveria acompanhar-me ao longo das horas seguintes. Foi naquele instante que, saindo por detrás do junípero, mamãe surgiu de volta e nos disse:

— Podeis vir!

Seguimo-la e eu fiquei para trás com Filoctemo que me amparava, pois minhas pernas tremiam e eu cambaleava. Ela nos conduziu em direção à porta da frente, contornando o aprisco rodeado de espinheiros. Lá dentro Coronna fazia desesperados movimentos acompanhando a direção que seguíamos e latindo sem parar. Assustadas, as ovelhas e cabras baliavam surdamente e saltavam umas por sobre as outras.

Aos pés dos degraus da frente um espetáculo horrível nos esperava. Um vulto estava caído de costas, com uma lança espetada no peito. Não foi difícil adivinhar quem estava ali deitado, hirto, mantendo em suas carnes aquela lança tesa no ar.

Ajoelhamo-nos em torno de vovô. À luz da lua eu podia ver os seus olhos azuis abertos e úmidos pelo orvalho da noite. Uma grande mancha de sangue pintava-lhe a túnica rude, em tomo do ferimento mortal. Antes de morrer ele pudera ainda descansar as duas mãos sobre o peito e dava-nos agora uma estranha sensação de estar dormindo. Cirilo tocava-o e nos dizia:

— Está completamente frio. Foi há algum tempo...

Os dois moços levantaram-nos nos braços e o levaram para dentro. Eu ouvi a voz de mamãe:

— A porta estava aberta.

— Pode haver gente aí dentro.

— Não, não há, eu já verifiquei.

Ela acendera uma candeia e veio colocá-la junto ao morto. Tinham-no deitado sobre o chão e a lança, com o movimento, pôs-se a balançar de um lado para o outro. Era preciso retirá-la, mas havia em cada um de nós um pouco de constrangimento. Ninguém se animava e ninguém falava tão pouco. Foi Cirilo quem tomou a decisão. A ponta da lança, denteada, enroscara-se nos ossos e foi preciso um violento esforço para retirá-la. A cena encheu-me de terror mortal, foi um dos espetáculos mais horríveis a que assisti em toda a minha vida. O rosto de meu irmão se fez lívido e minha mãe segurava um soluço apertando a boca com as mãos. Qemma começou a chorar. Esgueirei-me até a janela perdida num mar de sentimentos contraditórios e não encontrei lágrimas para aliviar meu desespero. Por que o tinham feito? Por que? Era um velho inofensivo. Quem poderia ter sido tão mau? Seria eu a causa? Era aquela uma resposta à visita de Prisco? Vi mamãe assentar-se ao chão, junto ao corpo. Ela fechou os olhos de vovô com um dos seus amoráveis gestos. Chorava quietamente e sua voz parecia normal quando disse a Cirilo:

— Filho, desce ao aprisco e aquietá Coronna...

Cirilo enveredou para dentro da casa. No silêncio que se seguiu ouvi seus passos. Retirou a tranca

do alçapão, desceu os degraus. Depois ouvi as frases com que tentava serenar o animal. Coronna gania emitindo sons de alegria entre ladridos de inquietação. Para banir de meus pensamentos a figura de vovô transpassado pela lança, eu tentava imaginar o encontro de meu irmão e Coronna. Os acenos humildes e amorosos dela, suas orelhas encolhidas, sua língua côr-de-rosa a lambe-lhe o rosto e as mãos. Era, um espetáculo de vida e amor. Eu dizia a mim mesma que havia morto vovô. Sim, tudo fora por minha causa e minha vida estava estragada para sempre. Eu nunca mais lograria esquecer. Eu o via estendido à luz da candeia, a brutal mancha de sangue sobre seu peito. Um pobre velho abatido e indefeso ante um ódio que ele desconhecia. Para todos ali a ira que o prostrara era indeterminada, menos para mim. Eu sabia. A desgraça caíra sobre a casa pela força do único amor que tive e teria no decorrer de toda a minha vida. Um sentimento cândido e puro podia ter consequências horríveis, transformar-se em morte e terror.

Cirilo voltou com Coronna nos seus calcanhares. Ela se aproximou de vovô e começou a cheirá-lo. Erguia para nós os olhos desinquietos e interrogativos. Quis levantá-lo com o focinho, depois foi estirar-se junto à porta com a cabeça repousando sobre as patas dianteiras. Mas, de quando em vez olhava para fora e suas orelhas se espetavam, ela rugia roucamente.

Fiquei parada junto à janela, sem saber o que fazer nem dizer. Os outros faziam suposições, queriam saber o que se passara em nossa ausência. A mim, todavia, tudo aquilo importava bem pouco. Antes fora o aprisco; o golpe falhara, eu continuara viva; depois chegara a vez de Prisco. Vovô morrera sem nenhum pretexto a não ser o capricho.

— Temos hora certa para estar de volta, mãe! Ouvei Cirilo dizer, das é intolerável pensar em deixá-las, a tí e a Galla sozinhas depois disso.

— Podemos fazer alguma coisa. Fez Filoctemo baixinho. Avisaremos meus pais. Gemma ficará aqui.

— Vai tu. Disse Cirilo com desespero na voz. — Não voltarei ao quartel Filoctemo, não posso deixar esta casa.

— Queres aumentar a desgraça, eie ponderpu. Tens de voltar! Eles te liquidarão se desertares. Mamãe parecia assenhorear-se da situação. Disse com energia:

— Tens de ir. E irás imediatamente com Filoctemo, a tempo de levardes Gemma. Tudo isto já foi demais para ela. Galla e eu ficaremos aqui dentro, com as portas fechadas, até que nasça o dia. Coronna nos protegerá. Filoctemo dirá em sua casa que venham para o sepultamento. É quanto basta.

Havia um tom firme na voz dela e eles se aprestaram para partir.

— Temos que regressar pelas ruínas. Os cavalos ficaram lá.

— Tem cuidado. É preciso protegeres os teus companheiros. Há um ser maligno e ardiloso oculto na escuridão, é preciso que vos acauteleis. Eia avançou para a janela e olhou a noite. Por cima de meus ombros podia ver as estepes envoltas no luar, os lisos cabeços dos rochedos e as sombras profundas que eles projetavam. Havia um silêncio sepulcral lá fora.

Antes de sair. Cirilo me abraçou:

— Tens medo? — Perguntou-me. — É horrível deixá-las.

— Lembra de nosso pai. Somos o sangue do seu sangue, a alma de sua alma. Nada fizemos, não temos culpa. Estamos inocentes diante da morte. Isto não nos basta?

Ele me olhou firmemente e disse:

— Sim, em verdade isto nos basta.

Beije-o. Depois caminhei tensa e fria até onde estava Filoctemo e beije-o também. Ignorei o seu olhar transbordante de cuidado e ternura. Se fosse ele e não Prisco, tudo estaria resolvido. Filoctemo me fixava e seu olhar dizia: "Amo-te!" Mas era tarde demais. Os meus caminhos não eram retos e luminosos. Meu coração me conduzira para o país dos labirintos e dos abismos sombrios. Meu amor desconhecia a Primavera, era uma estação de ventos mortíferos que me despedaçavam o

coração. O que diria Prisco ? O que fora feito do vigia que encarregara de manter nossa casa fora de risco? Possivelmente entre as ravinas um outro corpo se enrijecia sob o frio luar.

Ouvia mamãe despedir-se dele dizendo:

— Ide com Deus! — E sua voz não tremeu.

Mamãe ergueu a porta do alçapão, depois desceu-a. Iam passar pelos fundos. Se alguém nos vigiasse julgaria que as pessoas não tinham deixado a casa. Depois ela se assentou e creio que se pôs a orar. Eu pensava em nossa segurança. Já não era capaz de fazer nenhuma previsão para o futuro e pouco me importava o que pudesse suceder dali para a frente. Ao ver vovô caído, morto, eu dissera adeus à minha mocidade. Lá fora o vento começou a assoprar. Mamãe levantou a cabeça e disse. — É Boreas. Chega o inverno.

Depois olhou para vovô e balançou a cabeça:

— Eu lhe disse que não abrisse a porta. Pobre pai, era tão indefeso que não poderia nem ao menos gritar por socorro.

Por minha cabeça passou a cena dramática. De algum modo, lançando mão de qualquer estratégia tinham conseguido que ele abrisse a porta. Ter-se-iam desculpado com pedidos de informes... Uma idéia fulminante me passou pela cabeça. Uma voz de mulher poderia ter chamado pelo lado de fora. Sim, fora isso, só por isso vovô abria. Depois ela se poria a falar e vovô responderia fazendo sinais, emitindo aqueles horríveis sons. Reparei em sua face. Havia uma marca larga e rubra atravessando-a da sombrancelha ao maxilar. O rebenque de Otávia. Antes de ordenar que o matassem ela vergastara-o.

Mil vezes eu me perguntaria como se tinha passado a cena, como fora. E nunca tive uma resposta. Mas de cada vez enchia-me de aflição imaginando o terror do pobre velho, seus grunhidos e, finalmente, o seu corpo caindo na escada.

Alguma coisa dé terrível acontecera na estepe aquela noite. E nós a avaliamos quando o dia nasceu e as pessoas que vieram ter conosco contaram, horrorizadas, que um outro homem fora encontrado morto entre os rochedos. Lutara, mas fora ferido de morte. Seu sangue salpicara as rochas e os espinheiros mais próximos. Tal como eu supusera Não disse nada, mas não tive sombra de dúvida de que o desconhecido era o homem que Prisco contratara para nos garantir.

De tarde, quando seguimos para o enterramento, cruzamos com Prisco na estrada. Seu rosto se cadaverizara. Ele desceu do cavalo e descobriu o rosto de vovô. Envolto em seus cabelos e em sua barba branca ele parecia dormir.

— O outro, o outro era o homem que pagavas? — Perguntei num sopro.

Ele me olhou assentindo. E eu continuei:

— Como soubeste?

— Filoctemo e Cirilo contaram aos outros. Nícalo avisou-me.

O cortejo seguiu e eu permaneci um breve instante ao lado dele. Dei uns passos sem saber o que dizer e ouvi a voz dele clara e maquinalmente balbuciar:

— Ela venceu.

Sem me deter virei a cabeça. E enquanto nos afastávamos trocamos um desolado olhar.

CAPÍTULO — XXVI

Perdi a noção do tempo. Sei que o Outono se transformou em Inverno, com o frio vento noroeste assoprando sobre a desolação da estepe. Mamãe e eu terminamos a colheita minguada e recolhemos o que foi possível. Enquanto estávamos fora, a casa era fechada e Coronna posta a vigiar os animais. Quando retiramos o derradeiro molho de forragem, tivemos um melancólico olhar para o pequeno trato de terra. Não sei se o mesmo pensamento ocorria a mamãe, mas eu estava me despedindo dele

para sempre.

— Teus avós trabalharam aqui. E teu pai, desde menino. Só Deus sabe quantos anos esta nora temi — Disse mamãe. Era manual, um longo tronco em cuja extremidade um saco de couro recolhia a água no leito do rio. Eu me banhara ali, na gélida madrugada em que fugira do palácio. Enrolei-me fortemente em minha manta e me aproximei de mamãe. Ela se absorvia em seus pensamentos. O vento sibilava nos juncos e os pés de rododendros estavam despidos de suas últimas folhas. Ao sopro violento, a nora rangia e estremecia agitando-se de um para outro lado.

Ao voltar atravessamos a minúscula vinha feita de desolados e antigos troncos enroscados como serpentes ressequidas. O trabalho de vovô ainda era visível ali. Os espaços estavam livres das ervas ruins e molhos de palha tinham sido amontoados rente aos troncos para protegê-los. Um instrumento chamado *bipalium* pendurava-se a um cepo.

Agora eu já não tinha vontade de ficar em casa. E com o Inverno avançando era tempo de descermos para dormir nos cômodos inferiores. Os cômodos de cima permaneciam tristes, frios e vazios. O silêncio entre nós duas às vezes pesava de maneira quase intolerável. E até Coronna sentia esse constrangimento, pois ia deitar-se pelos cantos a dormir entre olhares de interrogação e censura.

Certa manhã mamãe trancou o alçapão pelo lado de baixo e me ocorreu que ela estava sentindo medo. Procurando ser natural me disse que era preferível fazermos o trabalho da noite ali mesmo. Vi que já tinha trazido todo o necessário para fiarmos e tecermos, tarefas essas exclusivas dos meses de inverno. Em baixo, além de Coronna, tínhamos os animais e a cerca de espinheiros. Em cima apenas uma porta sem reforço nos separava de um ataque exterior. Ela, entretanto, se desculpou lembrando que lá em baixo, permaneceríamos mais aquecidas com a proximidade do rebanho.

Se mamãe tinha pressentimentos, eles começaram a se manifestar. Uma onda de violências se desencadeou sobre os cristãos mais conhecidos de Sebastes. Nenhum édito fora proclamado e nossos amigos balançavam a cabeça sem compreender.

Um certo Andréas, ourives de profissão, foi atado a um cavalo e arrastado pelas ruas da cidade, não se sabia porque. Ao terminar o castigo estava morto. Seus bens foram confiscados.

O segundo foi Antístios, negociante de tecidos, morto enquanto sua casa era saqueada. Este era um homem avançado em anos, antigo morador de Sebastes.

Quando soubemos dos fatos mamãe comentou agourentamente:

— Trata-se de um simples experimento. Foi assim das outras vezes. Tateiam antes de nos cair em cima. Em Sebastes não existem cristãos nos altos postos administrativos. Isto é ruim para nós. Atijam a cobiça dos depredadores, oferecem-lhes repastos: "O despojo é vosso!" Depois disso a tarefa fica-lhes mais fácil. A oficina de Andréas, a loja de Antístios... Muito bem. Pelo processo habitual justificam-se a dilapidação e o assassinio. Mas isto só não basta. Alguma coisa de sério e grave precisa suceder contra os bens públicos. Depois seguir-se-á uma acusação frontal contra os cristãos. Isto se dará! Vereis...

Estávamos à porta da casa, ela, eu e Saturnino, um frequentador da igreja a quem fornecíamos couro para o fabrico de sandálias. Era um homem encurvado e tímido e eu ainda me lembro do seu ar medroso e assustado enquanto mamãe lhe falava. Ele tartamudeou:

— Mas não é lícito! Não houve édito! O último édito continua em vigor. Não é lícito.

— Sim, está claro, não é lícito. Mas quem tem o poder nas mãos tem forças ilimitadas, é tão simples. O aborrecimento é apenas para os subjugados. Os dominadores são sempre inocentes, dizem que não podem evitar. A ordem tem de ser mantida nos países estrangeiros^ E não há quem os acuse. Quem poderia sustentar uma acusação contra o poder romano?

— Acusação? Mas a oficina e o armazém saqueados, Andréas e Antístios mortos...

— E onde encontrar testemunhas que atestem ter visto apaniguados dos romanos ordenando

o assassínio e o saque?

— Mas todos sabem que foram eles.

— Sempre soubemos que foram eles. Mas recorra à população de Sebastes inteira! Saia batendo de porta em porta, perguntando se alguém viu Andréas ser arrastado pelas ruas, ou Antístios ter a cabeça arreventada por um golpe de sabre. Ninguém viu. Baterão a porta em tua cara e correrão para o fundo da casa.

Saturnino tinha um ar apalermado. Mamãe prosseguiu:

— Os fortes têm a maioria do seu lado. Os romanos são os proprietários do mundo.

— Mas no caso da morte de teu pai, vais fazer alguma coisa?

— Fazer o que? Acusar a quem?

— Não sei. Talvez recorrer ao *pretor peregrino*, ao *pretor urbano*...

— As cortes de justiça são romanas. E eles apresentam **também** os melhores álibis, as melhores provas. Fica descansado, já vivi o **suficiente** para ver o melhor e o pior. Foi assim antes, vai ser assim **agora e talvez** continui depois.

— Mas até quando?

— Não sei até quando. Sei que não nos deixaremos vencer.

Dias depois, quando viemos a saber que um dos armazéns da *annona* fora incendiado, ela sorriu tristemente. Eram provisões de viveres, especialmente de trigo. Aquela chama ateou também o fogo de toda uma série de violências indescritíveis. Depois de quinze anos, o medo voltou a se instalar nos corações.

Ainda não tínhamos recolhido à despensa comunal a nossa cota da colheita e mamãe, com as modificações efetuadas na igreja, decidiu não levá-la. A igreja, pelo que estávamos informados, já não se preocupava com os necessitados da cidade. Os cristãos particularmente ficariam com - o encargo de auxiliar quem e quando fosse possível. Depois de ter tomado aquela deliberação, mamãe passou dois dias inquieta. No terceiro voltou atrás. Reuniu o que pode no *plostelum* e decidiu que eu iria à igreja. Conversaria com o diácono e procuraria saber se alguém necessitava de nossa contribuição. Méilton fora recrutado e um homem desconhecido substituído-o como diácono, em suas ausências. Percebi que as modificações pelas quais passava a igreja iam bem longe do que eu podia imaginar. O novo critério adotado era agora o seguinte:

— Os bens da comunidade estão divididos em duas partes. Os bens temporais, que ficarão na propriedade privada de seus membros. E os bens espirituais, que constituem o tesouro comum.

Agradei os informes e regressei.

— Bem! — Disse mamãe contraindo os lábios. — Nossos grãos voltam para seus lugares. E a menos que nos suceda o que sucedeu à *annona*, saberemos o que fazer com eles.

— Essa da divisãc dos bens em temporais e espirituais! Até certo ponto é bem imaginada. É sem dúvida sempre mais fácil repartir os bens espirituais retendo os materiais. Muita gente vai aplaudir a medida...

Ela riu, mas sua risada soou falso:

— E vão levar tudo muito a sério. Conheço a alma humana!

— Jesus sugeriu que déssemos a Cesar o que é de Cesar, a Deus o que é de Deus. Isso quer dizer que, em face das necessidades espirituais, devemos despender bens espirituais. Em face das necessidades materiais, os bens materiais, é tão simples...

Ela sacudiu os ombros e o assunto ficou encerrado.

Houve reunião nas ruínas e nela soubemos que o *defensor civitates* **estava em ação**. O clima da reunião foi de melancolia; a antiga alegria **espontânea e** sadia parecia morta. Cúdio e Valente estiveram presentes **ao inquérito** levado a **efeito no** incêndio da *annona*. Os vigias juraram que os incendiários usaram como instrumentos cruces inflamadas. Tinham **surgido** da noite, embuçados, empunhando aqueles símbolos em **combustão**. O magistrado se impressionara, ou

fingira impressionar-se. Tudo **parecia** dar uma idéia de vingança. O que recordava aquelas cruzes? Era preciso aplicar as leis, aproveitar aquelas óbvias circunstâncias, era preciso que os cristãos aprendessem o significado da justiça.

- E para tanto os soldados romanos são muito competentes.
- E em que número estão ainda em Sebastes?
- Uns quinze ou vinte.
- Espero que não exijam nossa participação em tais empresas.
- E se formos mandados? Somos obrigados a obedecer.

Então Sisínio fez uma pergunta e sua voz pareceu-me soar estranhamente clara e forte:

- já pensastes no que será de nós, se formos denunciados?

Houve uma pausa.

- Pelo amor de Deus!— Disse Gorgônio — Isso não pode acontecer.

Senti um aperto no coração.

- Pode acontecer, Gorgônio. — Era a voz de Ângio. — Pode **acontecer**.

O outro comentou lentamente:

- Seria horrível! Mas nós não recuaremos.
- Somos muitos, eles não se atreveriam.

Houve outro silêncio pesado e amargo. Foi Gorgônio quem tornou a **falar**:

- É inútil fazer previsões. Dentro em pouco saberemos.

Lá fora estava muito frio, porém no interior das ruínas as *taedas* acesas faziam o ar mais quente. Do rio, entretanto, subiam tênues névoas que iam avançando através da esplanada. Vi que um espesso suor escorria pela frente de Gorgônio. Seu rosto estava rubro, era a excitação que o fazia transpirar. Ele continuou:

- Somos muitos e sei que seremos coerentes, firmes, um encadeado **ao** outro como uma corrente que não poderão partir.

Estremeci a ouvir aquela imagem. Uma corrente que não poderão partir! Como um raio o sonho de Filoctemo veio-me à cabeça. A corrente e seus elos! Gorgônio seguia dizendo:

- E se formos uma forte corrente, nós os deteremos. Eles não conseguirão passar, por Deus que não!

Eu guardava a impressão de estar com febre. Minhas têmporas **latejavam**, sentia-me arder, meu coração disparava às vezes, outras parecia **deter-se**. Nos iatos faltava-me a respiração.

• "Deus do céu, o que precisava ainda acontecer? O fardo pesava a **cada** instante. Era urgente sue Deus me desse forças para transportá-lo até onde fosse preciso. Tive um impulso absurdo de correr até minha mãe e contar-lhe tudo mas, não sei porque, temi que ela me olhasse com horror. Diante de tudo quanto acontecera o meu comportamento iria parecer-lhe irônico e frio.

Voltei para casa como-um autômato hirto e mudo, e mamãe não me prestou atenção, engolfada em seus próprios pensamentos. E dai para a frente tudo correu muito rapidamente. Episódios lamentáveis, envolvendo pessoas inocentes e respeitáveis se sucediam. Raro era o dia em que não tomávamos conhecimento de algo de novo e de terrível. Tinham aprimorado uma técnica nova. Cercavam casas pela madrugada, impossibilitando a saída dos moradores. Em seguida soltavam os vigamentos principais que sustinham a cobertura. As construções primitivas e de especial feitio, como aquelas de Sebastes, serviam excepcionalmente à prática. Os moradores morriam esmagados como ratos.

E quando a população timidamente estranhava aquelas portas esfaqueadas, as passagens pregadas, alegavam que fora a posterior, para impedir a entrada dos desavisados e prevenir acidentes.

Assim os desabamentos sucederam-se naquelas semanas. Eu teria preferido não saber de tudo aquilo, porém mamãe não se furtava de comentar cada uma das novidades que chegavam aos seus

ouvidos. Éramos apenas duas e tínhamos que nos tolerar. E se fosse para escolher entre os nossos silêncios e as palestras macabras, eu preferia estas. Ela Conhecia quase todas as pessoas envolvidas nos trágicos desabamentos. Tinha sempre algo a contar, a comentar a respeito delas e, desse modo, passávamos as horas. A última reunião da fortaleza se mantinha em minha mente como uma lembrança irremovível. Eu sabia que o risco que Cirilo corria não escapara a mamãe, entretanto, como se tivéssemos combinado, nunca tocávamos naquilo. Mas nossas cabeças trabalhavam e isso eu percebia por fragmentos de frases, pálidas insinuações entre um assunto e outro.

Uma tarde Prisco apareceu e eu o vi aproximar-se com um lasso e fatigado olhar. Sentamo-nos nos degraus da escada enquanto as sombras da noite se anunciavam e nossa conversa se arrastou entre pausas e monossílabos que o vento arrastava fazendo-nos voltar a nos consultar um ao outro dizendo:

— Como? Desculpa, eu não ouvi direito.

Depois entrou mais diretamente no assunto. Cirilo pedira-lhe que viesse. Meu irmão não se sentia tranquilo. Pensava na forragem que podia não dar para os animais todos. Além de tudo não valia a pena sairmos todos os dias.

— Depois do que tem acontecido aos outros, dentro de suas casas, não vejo em que possa resolver fecharmo-nos em nossas casas.

— A casa em que morais é diferente pela construção. Seria impossível remover a rocha! Ele disse com energia.

Mamãe se aproximou por nossas costas e eu lhe falei das preocupações de Cirilo.

— E o que meu filho sugere como melhor?

— Que levem uma parte do rebanho ao mercado.

— Levar uma parte do rebanho ao mercado? Mas as crias acabam de nascer! E contamos com elas para repor as perdas sofridas.

— É o que lhe parece mais acertado. Sei que não tenho nenhum direito, mas também penso como ele. E se pudesse tira-las-ía daqui.

Mamãe ficou pensativa e depois comentou:

— São muitos fios que nos prendem uns aos outros. E quando o primeiro cair, cairemos todos.

Prisco mudou de posição e eu o vi a uma luz mais favorável. Estava pálido, com uma expressão grave e desolada. Eu lhe disse de inopiho:

— Por que não voltas a tua pátria. De todos nós és o que pode partir, o que tem os caminhos abertos.

— Desejarias que eu fosse?

— Sim, desejaria. Como, em sã consciência, poderia querer-te neste clima de tensão, angústia e terror?

— Sim! Concordou minha mãe. Por que ficar? Pudesse dizer a meu filho: Vai-te! — E lhe diria.

Prisco não respondeu de pronto. Seu olhar se perdeu num ponto no horizonte da estepe. Depois murmurou:

— É tarde demais.

— Não, não é tarde, insistiu minha mãe. Segue, segue correndo para tuas verdes campinas, para os bosques, o mar azul de teu rincão natal.

Ele não disse nada. Eu o olhava e todo o meu ser era amor por ele. Mamãe entrou. Estava assentado num degrau inferior, então apertei sua cabeça contra o meu peito e acariciei-lhe os cabelos escuros e pesados. Não se moveu. A luz nos ofuscava e fechamos os olhos. Quando tornei a abri-los mamãe olhava para nós piscando os olhos, sem compreender. Sorri para ela, fraca e trêmula, mas não repeli a cabeça dele. Ela compreendeu. Disse:

— É como na guerra.

Prisco olhou para ela sem dar mostra de receio e prosseguiu em silêncio. Depois perguntou:

— Sabeis quem sou, pois não?

Ela silenciou e o diálogo prosseguiu entre nós dois. Eu acariciava os seus cabelos com ternura e piedade. Prisco tornou a perguntar:

— Achas que devo partir?...

— Sim acho. Choca-me o sacrifício de tua mocidade. Pobre Prisco, como te poderei recompensar?

— Permitindo que te ampare e te defenda.

— Queres dizer: deixando que te compliques ainda mais. Imagina que sigamos contigo. Como te explicarás se ficar claro que proteges e abrigas mulheres cristãs? Mamãe está certa. Deves regressar ao teu país cheio de Sol, de pássaros e de flores...

— Eu as levaria comigo. Cirilo nos seguiria.

Mamãe fez um gesto largo, de desalento:

— És bom, creio em ti. Tocaste o meu coração. Quando te vi ferido, com a morte esvoaçando sobre tua cabeça, decidi comigo que te traria à vida. Trouxe-te. Agora és, de certa forma, meu filho. Mas nem Cirilo nem tu podeis modificar esta situação desgraçada.

— E por que não?

— Porque não podemos quebrar nossos compromissos com os mortos. Seria traí-los.

— Eles estão mortos! Vós viveis.

— Mas estiveram vivos também.

Houve um curto silêncio depois do qual ela recitou Paulo dizendo lentamente:

— E o fogo provará a obra de cada um.

— Ficaremos.

— Nós sim, tu não. Não és cristão. Por que ficarias? Por Galla?

Ele não recuou:

— Sim, por ela, por vós.

— Jovem. — Disse minha mãe. — Um dia Galla será uma velha e eu mais velha ainda. E nos transformaremos em pó. Ficamos em Sebastes pelo que de eterno existe em nós. Não fiques pelo transitório.

Prisco sacudiu a cabeça:

— Também para mim já é tarde demais. Eu ficarei.

O Boreas gelado nos envolveu e nossas túnicas tatalavam como asas de pássaros enlouquecidos. Ele ergueu-se, montou e, sempre envolto no vento cortante, galopou pela colina. Do alto olhou para atrás mas não esboçou nenhum gesto.

No dia seguinte levamos parte do rebanho ao mercado. Foi penoso. Quando os animais viram-se separados e depois postos para fora da paliçada, mamãe deixou os braços descaírem. Olhou-os e depois voltou para casa.

— Menos! — Exclamou. — Cada vez menos!

Os animais baliavam e recalcitravam.

— Sabem que vão para o matadouro.

Prendemos Coronna no aprisco e seguimos colina abaixo, empunhando cajados. No Mercado a palavra "cristão" misturava-se a outras como "sangue, fogo, morte". Vendemos os animais aos lotes, quase precipitadamente pois estávamos impacientes por nos ver de volta. Aceitamos magras ofertas de emergência. Já estávamos de saída quando um grupo de soldados invadiu a praça e foi postar-se às portas de um bazar. Um homem magro, de expressão zombeteira vinha com eles e uma cena inverossímil se desenvolveu em seguida. Do interior da tenda surgiu uma gorda mulher vestida de preto. Chorava e tremia de pavor enquanto protegia entre os braços balofos um menino de onze ou

doze anos.

- É este o homem! — Chasquinhou o centurião.
- Não sei. — Gaguejou o homem.
- Não sejas idiota. — Gritou o militar. — Já os vistes e sabes **muito** bem.
- Não, não vi ninguém.
- Se estiveres mentindo, na prisão te arrancaremos a verdade.

A mulher soltou um grito:

- Não há homem aqui. Meu filho é uma criança. Não o leveis, ele não voltaria mais.
- Não permitas que me levem ao presidio, chorava o menino ter-rificado.

O centurião se aborrecia entre tantos gritos e concedeu:

- Está bem. Ninguém te mandará à prisão. Tens a certeza de que nunca viste este homem?
- Não, nunca o vi.

Então, mais calma e encorajada a multidão se fechou em torno da tenda. Já não podíamos mais ver o que se passava. Entretanto a situação em breve piorava. As pessoas corriam enquanto a mulher se lamuriava e emitia horríveis uivos. Em derredor homens e mulheres muniram-se de paus e pedras. Uma saraivada atingiu os soldados romanos. Fugimos a correr doidamente pelos becos estreitos e imundos, sem direção certa.

Soubemos que, em pontos diversos de Sebastes, casas arderam. **E do** alto da colina, enquanto houve luz e pudemos ver, foi possível mar* cá-las como traços negros de fumaça que o vento hibernal entortava no Céu escampo.

Estávamos ainda ali, a observar, entre espantadas e aflitas quando vimos que alguém corria em nossa direção, uma figura cambaleante que caía e tornava a levantar-se. Quando se aproximou mais, notamos que se tratava de uma mulher, pois seus cabelos denastravam-se ao vento. Corremos em sua direção. Era Zenóbia. Soluçava ao cair nos braços de mamãe e sua agonia era tão grande que não pudemos saber o que a afligia. Levamo-la conosco com uma terrível interrogação em nossas mentes. O que se passara em sua casa? Mamãe tentava falar-lhe, reconfortá-la, mas sua agitação era extrema. Fiquei com ela enquanto mamãe preparava o cozimento de suas raízes calmantes. Ela tomou a ti-' sana e caiu em profundo sono.

As horas correram horrivelmente lentas para nós. A noite caiu. O vento uivava como mil lobos em torno de nossa casa. Eu e minha mãe nos tínhamos assentado, mudas diante do fogo. Galhos e folhas eram atirados contra as paredes de pedra e quando sucedia de o estrépito ser mais forte, estremecíamos.

De madrugada, com um gemido, Zenóbia despertou. Pôs-se a chorar novamente mas, dessa vez, tomando-a nos braços, mamãe logrou acalmá-la.

— Filha, sossega-te! Estamos aflitas, conta-nos, o que houve.

Zenóbia contou-nos entre lágrimas. A casa de Memento fora saqueada e incendiada. Não sabia como fora poupada pois Memento e os servos tinham sido mortos. A construção que era para ela um lar plácido e bonançoso se transformara em pira funerária para seu protetor e seus fiéis servidores. Zenóbia via-se sozinha no mundo já que não podia contar com a proteção imediata de Heráclio, isolado na castra. Ela temia a reação do irmão quando soubesse do sucedido. Mamãe tranquilizou-a. Heráclio tinha amigos dedicados que saberiam aconselhá-lo. Deitamo-nos as três num catre para terminar a noite.

— Ficarás conosco, disse mamãe no dia seguinte. Não te podemos oferecer garantias, filha, É bom que saibas. Se quiseres desceremos à cidade e te deixaremos com os pais de Filoctemo. Eles te receberão como a uma filha. Aqui somos apenas duas mulheres.

Os lábios dela tremeram:

— Por meu prazer não regressarei à cidade. Pouco importam as garantias, deixai-me ficar convosco, por favor. Correrei os riscos que cor rerdes.

— Então está bem.— Disse mamãe abraçando-a. — Não penses que desejamos nos livrar de ti. É que estamos tão isoladas! Coronne é a única defesa de que dispomos. Mas se queres permanecer conosco aceitamos-te de todo o coração.

E Zenóbia ficou conosco. Os dias se passavam lentos e frios. Prisco surgiu uma tarde e mamãe já não estranhou sua presença. Com Zenóbia descemos até à nora. Lembrei-lhe o perigo que corria vindo nos ver. Se disparassem outra flecha contra ele, dessa vez teriam melhor pontaria. Ele afastou o curto mantel:

— Vê bem isto.

Vi que o seu balteus fora substituído por uma espessa couraça de bronze trabalhado, uma bela peça que lhe envolvia o peito e as costas até a altura dos rins.

— É bonita. Espero que também seja segura.

— Jântio e eu a testamos.

Voltou-me as costas e eu pude ver, entre os baixos-relevos, toda uma série de picadas quase imperceptíveis, marcando, com finas arranhaduras, o local dos ricochetes.

— Foi uma excelente idéia.

— Idéia de Jântio e Nícalo.

Assentamo-nos no madeiramento da velha nora. Zenóbia discretamente ausentou-se. Prisco me disse:

— Tenho uma boa notícia para ti. Estou a cargo do controle das saídas na castra. Teus amigos poderão sair em grupos. Vossas reuniões voltarão a ser o que eram. Têm sido tristes, não é?

— Como sabes?

— Pela expressão com que regressam.

— É uma boa notícia que me dás. Eles ficarão satisfeitos.

Sentia-me realmente alegre e aliviada. Meus olhos expediam pequeninas centelhas quando intencionalmente lhe disse:

— **Cada dia te implicas mais. Vê só, agora estás a lacunar reuniões cristãs.**

Ele sorriu:

— Possam os deuses perdoar-me!

— Obrigada, muito obrigada! — Exclamei com vivacidade.

Estávamos muito próximos um do outro. Com um movimento **simples e** natural ele beijou-me.

— Quisera dar-te coisas, muitas coisas, mas o nosso amor é difícil. **Eu** poderia cumular-te de jóias. Meus antepassados,, os varões de minha família, assim procediam para com suas bem-amadas. Um homem gosta de proceder assim. A ti não sei o que dar-te. Gostaria de trazer-te alegria, de fazer-te feliz. É difícil!!!!

— **Mas** acertas sempre, é o que importa! Quando nos ajuda a nos **aproximarmos** dos encarcerados, quando trazes esperanças a minha mãe, **quando** providencias mantas novas na castra...

Ele corou.

— Sim, Prisco, tudo isto são jóias de grande valor. São tesouros e **Quando** Jesus falou a respeito deles, mencionou-os como bens que o **ladrão não** rouba, que a ferrugem não ataca e a traça não róe.

Ele me pareceu interessado.

— O teu Jesus tinha estranhas idéias.

— E de outra feita, àqueles que o seguiam disse: Onde está o teu **tesouro**, aí está o teu coração. Prisco pareceu meditar. Depois de breve pausa eu lhe disse:

— Tudo isto tens me dado. E eu, como te tenho retribuído?

— Onde está o teu tesouro aí se encontra o teu coração. **Meu coração vive** contigo, és, pois, o meu tesouro. É o teu Jesus quem o diz.

Nossas cabeças se tocaram. Eu queria amá-lo inteiramente, aquela **era** minha possibilidade de ser feliz, mas um estranho fardo pesava **sobre a** nossa mocidade. Uma lágrima escapou da prisão de minhas pálpebras.

- Por **que** choras? É triste que meu coração esteja em ti e que sejas o **meu** coração?
- Não Prisco, não é isto.
- Por **que** então? Precisas dizer-me.

Hesitei um instante. Depois disse:

- É muita coisa a nos separar. Choro porque tu dizes: "O teu Jesus" .
- Desejarias que eu dissesse o meu, o nosso.
- **Sim!**
- **Mais que** tudo, entretanto, desejas que eu seja honesto e verdadeiro para contigo sendo-o, para isto, honesto e verdadeiro para comigo.
- Sim, é verdade!
- Perdoa-me, eu não posso refazer a frase.
- Em tua terra, entre os varões de tua raça, qual ó o maior presente **que se** oferece à mulher amada?
- A dádiva esponsalícia.
- Meu amor, essa pequenina frase será o presente que me darás quando nos unirmos para sempre. Sei que a ouvirei! Sei que a ouvirei!

Ele me olhou de estranha maneira:

- Se eu vier a dizê-la será honesta e verdadeiramente!
- Sim, tu a dirás honesta e verdadeiramente.

Ele suspirou. Voltamos de mãos dadas, iluminados pelas luzêà dò crepúsculo. Subíamos pela trilha sem palavras. Mamãe viu quando nos aproximávamos. O olhar que nos lançou parecia dizer: "Tão jovens! Tão jovens!" Ela não tinha, em sua cabeça torturada, lugar para criticar o nosso caso absurdo. Sentia a proximidade do fim e talvez para si mesma tudo aceitasse dizendo: "Que importa!".

E de fato procedíamos como namorados pela primeira e última vez. Contornamos a casa lentamente e subimos a colina. O crepúsculo rápido do Inverno se derramou sobre nós em ondas de vermelho, ouro e ametista.

A luz fugia em direção aos maciços do Taurus. Naquele instante uma força maravilhosa nos unia um ao outro em ondas de alegria e de paz. Estremeci e ele me envolveu em seus braços. As estrelas nasceram, a fria lua se levantou sobre a estepe. Depois o vento cresceu em intensidade e alvoroçou as nossas roupas. Não pensamos que podíamos estar sendo vigiados, não pensamos que não tínhamos um amanhã, não pensamos que o ódio podia se despejar de novo sobre nossas cabeças. Apenas uma verdade pairava nítida e serena, fazendo bater precipites os nossos corações. Nós nos amávamos. Podíamos amanhã estar mortos! Hoje nós nos amávamos!

Não sei quanto tempo estivemos ali. Depois ele montou e partiu. Não me acenou um adeus, ou pelo menos, foi o que sentimos naquele instante, mas um até breve. Nós nos veríamos amanhã e depois do amanhã. Para sempre ainda! Mas os nossos corações tinham enlouquecido de amor, eles mentiam e eu não tardaria a recobrar a razão.

Voltei para casa pisando as volutas de um sonho. Ignorei o olhar triste de Zenóbia e desviei o olhar de mamãe que balançava a cabeça de um lado para o outro, pois aquele gesto nada significava para mim.

- Poderão reunir-se todos outra vez. Prisco assegurou-me! — A- nunciei.
- Todos?
- Absolutamente todos.

Para Zenóbia aquilo significava falar a seu irmão, para mamãe ter Cirilo em seus braços.

E, realmente, dois dias depois reuniram-se nas ruínas. Todos vieram e eu me lembro de que a

grande sala já não me parecia tão vasta e de que, apesar do pranto abundante de Heráclio, fomos felizes ainda daquela vez. Muitas taedas foram acesas, pois aquele era um dia especial. Ao ser sorteado o ponto para o comentário da noite, fomos orientados para os Atos, no versículo seis do capítulo três, quando Pedro adverte oportunamente: "Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho te dou".

Posso ainda ter na memória cada um dos incidentes daquela noite, o grande salão com suas altas paredes de pedra, suas rudes arcadas Iluminadas pelas tochas de resina, presas em suportes de ferro; da esplanada envolta em bruma, do murmúrio das águas invisíveis do rio, fluindo por detrás da névoa; das fileiras de bancos e da curiosa impressão de Quartel que me davam sempre aquelas trinta e nove figuras uniformizadas, com seus balteus metálicos, seus mantos carmezins, de capacetes nas mãos. Lembro-me das paredes contra as quais se amontoavam escudos e lanças. E vislumbrando outra vez aqueles rostos jovens e belos, inspirados e solenes, onde a chama do espírito ardia, ainda hoje as lágrimas des- cem-me pelo rosto, como o fazem agora.

E nós, as moças, éramos também tão jovens, e dizíamos brincando que, entre os homens, com seus vistosos uniformes, parecíamos alegres vivandeiras. Não sei o que teria dado para ver Prisco entre nós, em tais momentos. As ausências espirituais podem doer como as ausências físicas, e era isso que eu sentia. Com ele seriam quarenta, a corrente de Filoctemo estaria perfeita. Às vezes eu pensava em Méliton, também recrutado, mas que as circunstâncias mantinham isolado do grupo embora fosse, também um cristão.

Eu não sabia que havia algo nos unindo a todos: uma prova da qual ia depender nossas vidas. Todavia, naquele instante, isso nem me passava pela cabeça e era Filoctemo quem falava, pela última vez, naquela reunião:

— Quase sempre a lei humana se dirige ao governado, nesta fórmula: O que tens me pertence. Teus bens, mesmo a tua vida me pertence. Mas a voz do Senhor, pela boca de Pedro inspiradamente se dirige ao governado dizendo assim: O que eu tenho, isso te dou.

Irmãos, meditemos na grandeza do mundo, no dia em que os homens estiverem resolvidos a dar o que possuem para a edificação do bem geral. Nos dias em que vivemos, raramente a criatura cede ao semelhante aquilo que julga constituir sua propriedade particular, e mesmo no círculo dos seguidores do Evangelho a propriedade comum já se modifica, dividida em bens temporais e espirituais, apenas para que o instinto egoísta de reter seja atendido.

E, para se justificarem, dizem muitos: "Como poderei dar se não tiver?" E outros ainda: "Quando tiver, darei!" Mas, para o serviço real do bem eterno, fiar-se-á alguém nas posses perecíveis dos da Terra em caráter absoluto? O homem generoso distribuirá dinheiro e utilidades com os necessitados do seu caminho, entretanto não fixará em si mesmo a luz e a alegria que nascem dessas dádivas, se as não realizou com o sentimento do amor que, no fundo, é a sua riqueza imperecível a legítima.

Cada um de nós traz consigo as qualidades nobres que já conquistou e com que pode avançar sempre no terreno das aquisições espirituais de ordem superior.

Irmãos, não olvidemos a palavra amorosa de Pedro e ofereçamos de nós mesmos, no esforço de Salvação, porquanto, quem espera pelo ouro ou pela prata, a fim de contribuir nas boas obras, em verdade ainda se encontra distante da possibilidade de ajudar a si próprio.

Meditemos no que temos para oferecer em cada momento e isso ofereçamos.

Uma idéia me veio à cabeça: Vai acontecer alguma coisa? Alguma coisa de terrível está para acontecer. Mas, o que eu podia entender por uma coisa terrível? O chá amargo que mamãe fazia era horrível mas, todavia, curava minha indisposição.'

PB A luz por teus pensamentos!

— Nem tanto. Senta-te aqui, eu t'os contarei.

'— O frio não te incomoda?

Fiz que não porém mesmo assim Filoctemo tomou-me pelo braço e fomos nos assentar no canto

da esplanada onde eu costumava deixar o catre de Prisco. Ficamos a olhar a névoa movediça que as águas, a correr, tangiam-como o vento tange a fumaça das chaminés.

— Dizia a mim mesma que algo de terrível podia estar para acontecer. Mas já não sei o que é o terrível! O chá que mamãe nos obriga a beber quando estamos doentes é terrível e nos deixa bons. Ele riu. .

So Não rias, falo seriamente.

— Algumas vezes me dás a impressão de que não tens medo de nada nem de ninguém.

— Mas não sou bem assim. A maior parte do tempo sou como a chama da candeia sob o sopro do vento. Oscilo, deprimos-me mas, porque não me faltam motivos de consolo, reanimo-me outra vez. Ele olhou para mim dç modo fixo e perscrutador:

— No.fundo, porém, és uma Apequena de coragem. A chama nunca se apagará, como não se apagou. E o vento tem sido forte.

— Sim, muito forte! Eu disse hesitante pela primeira vez em face daquele olhar.

— Galla, não podemos negar a nossa fé, não importa o que suceda, o que haja. Concordas comigo?

— Sim.

Eu o observava e de súbito, pela segunda vez, um grande terror fez-me estremecer.

— Não me digas que teremos de nos separar. Não é isso, Filoctemo, dize que não é isso! — Eu pedi surdamente.

Ele não respondeu. Encostei o rosto na pedra gelada e quando virei a cabeça'encontrei a mão dele.

—“Eu suportaria tudo, — Disse prestes a cair no choro, — tudo menos deixá-los. Eu não poderia...

— Quando chegar o momento faremos o que for preciso. — Disse ele suavemente. — Para isso nos amamos Galla. Cada um de nós fará o que for preciso e tu o farás também.

Meus olhos e meu coração choravam. Meu rosto tocava a mão dele e, eu beijei-a.

— Como desejaria ter-te dado... um amor que não te. pude oferecer, um amor belo, puro. Como desejaria poder oferecer-te um amor assim!

Ele não disse nada mas seus dedos, molhados por minhas lágrimas, se contraíram. Depois falou docemente, para me consolar.

— Não nos separaremos.

— Se pudesses prometer!

— Confio em Jesus e te prometo.

— Obrigada Filoctemo. Já te ocorreu como é duro o sacrifício de nossa mocidade, dos vossos verdes anos, do melhor que temos?

— O mais alto sacrifício é o melhor...

— Tens razão, mas...

— Pobre Galla, pobre irmãzinha.

— Por que temos olhos de ver e não vemos?

— Porque não aprendemos ainda a cultivar o dom da visão.

— Não, infelizmeni » não! Pois que os olhos da carne não podem ver o que os olhos do espírito podem...

— Procura lembrar-te disso, procura lembrar-te quando a chama oscilar sob o vento mais forte.

— Perdoa-me.

— Por que? Concordo com o que eleges.

Ele sorriu mansamente. Eu disse:

— Tu vives no céu, eu ainda na Terra.

— Estamos de viagem, juntos.

A bruma nos envolvia como nuvens rasteiras.

— Lembro-me do dia em que te vi pela primeira vez. Foi um presente de Deus encontrar-te.

— Foi um dia lindo aquele! Não um dia comum. Quisera passar a mão sobre teu rosto e apagar os sinais do sofrimento. Serias como naquela tarde...

— Mas, não serei melhor agora?

— Sim, naturalmente! Abençoemos a dor. '

— Quisera poder permanecer ao teu lado pelo resto dos meus dias Filoctemo. Só tu podes me envolver em bondade. Perdoa se eu te disser com a pura franqueza do coração desnudo. Tenho te amado durante todo esse tempo. Um ano? Dois anos? Durante todo esse tempo eu tenho te amado. Mas, de quantas formas de amor somos capazes? me pergunto. De muitas. E sob umá delas eu te amo, tanto quanto não podes saber. Amar-te ó como passeiar no céu...

— Sim, eu sei e compreendo. Mas temos que passeiar pela Terra antes de buscar o céu... Nós nos fixamos intensamente.

— Sim! — Disse ele. — E aquele que teu coração elegeu, espera por ti.

— Prisco?

— Prisco!

Houve um breve silêncio, depois ele disse:

— Quisera ver-nos. A névoa esvoaçante, as tochas acesas, e nós. Deve ser belo. Um sorriso perspassou pelo rosto dele.

— Belo e bom! — Eu disse.

Filoctemo concordou:

— Sim, belo e bom.

Um súbito arrepio sacudiu-me.

— Tens frio.

E envoiveu-me em seu manto.

Ficamos em silêncio a olhar a névoa inquieta, a ouvir, por detrás dela, o escochar das águas. Eu pergunte'.

— Isto... acontecerá de novo?

— Quem sabe. Talvez muitas vidas depois oesta.

— E nesta?

— Só Deus o sabe!

Senti-me envolta em uma onda de amargura e acerquei-me dele:

— Oh! Filoctemo, tenho medo de me confundir. Tenho medo de errar...

E foi então que ele disse, ali, na esplanada do rio, naquele derrea deiro encontro coletivo que, sem saber, estávamos tendo:

— É preciso crer, lembra-te bem disto.

E depois, como a formular um adeus, repetiu as palavras **de Pedro**:

— Pelo que também na Escritura se contém: Eis que ponho em Sifio a pedra principal da esquina, eleita e preciosa; e quem nela crer não será confundido.

CAPITULO — XXVII

Prisco contou-nos tudo cabisbaixo, o olhar fixo num ponto entre a janela e o lugar onde eu estava. Depois levantou a cabeça e eu li uma mensagem final de despedida em seus olhos escuros e tristes. Era como se mais uma vez eu pudesse ouvir seus pensamentos e eles estariam dizendo: "Eu te disse que eia venceria. Otávia venceu."

Não tive o mais leve estremecimento e minha respiração não mudou. Meu coração manteve o seu ritmo, aquele ritmo costumeiro que eu podia seguir no silêncio que caiu sobre a sala. E tão pouco minha mãe chorou ou disse qualquer coisa de espantoso. Nem se levantou do banco onde se havia sentado. É que no fundo já sabíamos. Em todos aqueles dias tínhamos, de pouco em pouco, inconscientemente às vezes, conscientemente outras, nos apossado daquela verdade. Por isso não nos espantava agora. A voz de mamãe quebrou aquele silêncio e eu achei estranho que o fizesse. Eu dizia a mim mesma: "Este silêncio é inviolável, estará suspenso sobre nossas cabeças pelo tempo que vivermos!"

- Ela, porém, dizia:
- E onde estão agora?
- Sob a vigilância de uns poucos elementos jurados, na castra.
- Nas colinas... E não podemos vê-los nem falar com eles!
- Não!
- Esperava que me perguntásseis quem os delatou! — Disse Prisco.

Mamãe sacudiu a cabeça. Ele seguiu em frente com dolorosa decisão:

- Então eu vos contaria que foi uma minha companheira de infância que fez a delação. Eia se encontra em Sebastes, na casa do Procurador.
- Não precisavas dizer. Por alguém viria a denúncia. Que importa!
- Não comungo vossas idéias mas garanto-vos que daria tudo na vida para que tal não se desse.
- Não tens culpa. São coisas das quais, afinal, não podemos fugir.
- Como não poderíeis? Uma mulher delatou-vos. Se não fosse por ela, nada sucederia. Fora bastante que uma boca fosse cerrada!

— Cala-te! Nem penses nisso! É chegada a hora de que tudo isto se passe.

- Mas a morte de vosso marido, de que valeu? A quem valeu?
- A ele, a nós, à sua fé!

Houve uma outra pausa. Estávamos na sala de nossa casa e era na tarde do dia seguinte àquele em que fora possível reunirmo-nos a todos nas ruínas da fortaleza. As primeiras lufadas do vento que anunciava a noite envolveu a casa e a janela bateu. Levantei-me e atei a fita de couro que costumava mantê-la. Tornei a sentar-me e de súbito ouvi a voz de Zenóbia a cantar na parte mais baixa da casa. Era suave e afinada, como a voz de uma menina. Tive vontade de dizer: — "Vêde, contudo ela canta! Não o faz há tanto! Deixai Zenóbia cantar!"

Mas nesse mesmo instante a voz de mamãe se fez ouvir.

- Zenóbia?

O canto cessou. Ouvi seus passos rápidos pela escada e, uma fração de tempo depois, ela entrou na sala. Não a via, porém como a luz mais forte chegava pelo fundo da casa, segui seus movimentos pela sombra projetada no chão. Ela veio se aproximando num passo saltitante de passarinho, uma figurinha fina e espigada. Fez um cumprimento de cabeça a Prisco e se deteve junto de mamãe.

- Filha, este jovem, apesar de não participar de nossa fé cristã, tem sido para nós um bom e querido amigo. Ele cumpre hoje um dever custoso, qual seja o de ser portador de notícias dolorosas para todos nós. Lembro-te, de imediato, a necessidade que temos, ante o Evangelho, de guardarmos nossa confiança e serenidade. Não vês lágrimas em nossos olhos e assim esperamos que suceda contigo.

- Mas... o que houve? Sucedeu alguma coisa a Heráclio?
 - Não apenas a Heráclio mas a todos os recrutados. Houve uma denúncia formal junto ao Procurador, denúncia essa de imediato transmitida ao Governador Agrícola.
 - Uma denúncia? Que espécie de denúncia?
- Foi Prisco quem respondeu.

— A de que soldados recrutados se reúnem em sessões secretas, deliberando de acordo com as prescrições de um homem execrável para o Império, morto há quase trezentos anos, na Palestina.

— Jesus!

A voz de Zenóbia era quase um sopro. Depois ela se voltou para minha mãe a tremer:

— Achais isto possível?

— Filha, eu não desejaria aborrecê-la se não fosse preciso que te acostumes com o pior.

— E o que vai ser pior?

— Assiste ao Consistor o dever de exigir dos engajados juramento ante a *Ara Caeseris*, junto aos deuses romanos.

— E no que consiste isso?

— Um sacrifício, — Disse Prisco. — em honra aos Imperadores mortos e ao Gênio Romano.

— E eles prestarão esse muuio?

Falei pela primeira vez:

— Certamente que não.

Meus olhos encontraram os de Prisco e uma **Iu2** nova neles se acendeu. Ele me perguntou frontalmente:

— E por que não?

— Julgas que tudo anda certo como está? Julgas que este é o melhor dos mundos? Achas que é aceitável o que assistimos e que, com verdade e consciência, como tu mesmo dizes, podemos contribuir para que esta espécie de coisas se mantenha? É preciso mudar, é preciso mudar! E mudar como, se não nos decidirmos a romper com o que está velho e podre, e a começar tudo de novo? Quando aceitamos a fé e a ação de Jesus, pelo código do seu Evangelho, rompemos com os compromissos rançosos. A luta não é nossa, mas do mundo todo. Sim, sei que muitas vezes é preciso obedecer. No episódio de uma moeda simples que lhes apresentaram, Jesus nos advertiu de que era preciso dar a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar. Mas, neste instante, obedecer é pactuar com o mal, e, mais do que isto, um ato de covardia de que julgo nos-**4** sos companheiros incapazes.

Ele não redarguiu e ficou a olhar para mim tão vazio de expressão que não pude conter. Ajoelhei-me junto dele e tomei-lhe as mãos:

— És bom, mas também é certo e bom o que digo. Um dia terás a certeza disto. A vida te endereçará para novas experiências, por ti mesmo auferirás informações e concluirás. De nada serve dizer: Tens de sentir!

— Sim, — Disse mamãe. — eles não obedecerão. E nesse caso?

— Nesse caso poderemos esperar o pior.

— Sim, o pior. Ouves Zenóbia?

Zenóbia estava pálida e desfigurada. Passava automaticamente a língua pelos lábios.

— Eu poderia fazer alguma coisa para ganhar tempo! — Disse Prisco.

— Oh! Não. Seria aumentar-lhes a angústia.

Ficamos um momento em silêncio a ruminar nossos pensamentos. Depois mamãe perguntou:

— É longa a relação do catálogo? Quantos são os recrutados?

— Setenta.

— E já foi marcada a data e o local para a cerimônia?

— Sim, amanhã cedo, no Templo da Fortuna Primigênia. Ireis?

— Sim, iremos.

— Tu comandarás?

— Sou obrigado.

Eu me erguera e tornara a sentar-me no escabelo. Prisco se levantou em seguida e mamãe tomou-lhe a mão.

— Estaremos todos lá. Deus te abençoe por quanto fazes por nós. Cirilo alegra-se com a assistência que nos dás e te é grato.

Prisco saiu e eu o segui, mas parei hesitante e desanimada à porta. Ele estava no meio da escada quando se voltou e me olhou. Corri para ele.

— Tu me compreendes? Perguntei-lhe ansiosamente.

— Sim, compreendo-te. Dantes eu não te compreenderia. Hoje sim. Em meu país muitas vezes a terra treme. Em alguns lugares esses terremotos tiram edifícios inteiros do iugar. Deve ter acontecido alguma coisa assim aqui dentro, fez apontando para o próprio peito. Pelo teu amor fui tirado de um lugar e onde me encontrava. Agora descortino vistas diferentes.

Não julguei oportuno prolongar o assunto.

— Sempre irás ao juramento? — Perguntou-me.

— Sim, irei.'

— Otávia certamente estará presente. Não poderá perder o espetáculo do seu triunfo.

— O triunfo de Otávia! Otávia ainda não conseguiu me impressionar, Prisco. Tu compreendes, entre nós a questão é de mulher para mulher. Ela não tem a força suficiente para escancarar a caldeira do inferno. E a brisa que sopra do céu é refrescante e boa.

Vi que eu o perturbara e a compreensão desse fato como que me acalmou dando-me uma sensação de superioridade que eu nunca quis ter.

— Tu és refrescante...

—Especialmente sincera. Otávia tem qualquer coisa a ver com nosso passado, isto é lógico, Prisco. Nós a ferimos, ou qualquer coisa assim, contanto que erramos juntos. Entretanto, se eia deseja persistir no erro, não temos que nos entregar inermes às suas mãos, temos? Nenhum de nós dois quer ressuscitar o passado.

— Esquecê-lo e ser livre.

Havia um tom novo em sua voz e eu disse:

— Só o hoje nos pode libertar.

—r Quem lho diz?

— Jesus.

— Não temos o que possa suceder?

—2 Não.

— E por que não?

— Porque esta é a única forma de vencermos Otávia. Não silenciá-la, não coibi-la, não vingar. Esquecer, perdoar. Envoltos nas trevas transitórias, ressurgiremos para as luzes no bem que nunca morre.

— Como saber? Não é como dar a volta à colina e encontrar a estrada ali adiante.

— As palavras não são suficientes. Terás de sentir como eu sinto.

Ele olhou a distância, para além dos rododendros despídos e eu segui o seu olhar.

— O vento é forte e frlól — Disse automaticamente.

— Sim! — Respondi lentamente. — Forte e frio!

— Se pretendes ir ao templo amanhã, peço-te que não te atrazes. Seria torturante para mim ficar a esperar.

— Sim está bem.

— Então, adeus!

No dia seguinte vimos insones a manhã surgir. A noite toda o vento assoprou com fúrias e desespero ao longo da estepe, ululando entre os cabeços pedregosos, sibilando em derredor da casa.

Nós nos levantávamos e andávamos de um lado para o outro. En- contrávamos-nos como fantasmas no escuro e não nos dizíamos nada. Voltávamos para a cama trêmulas de frio e nos púnhamos a orar.

Depois, esquecidas, erguíamo-nos de novo para dar novas voltas sem sentido. Não nos ocorreu acender o fogo que nos aqueceria nem descer aos cômodos de baixo onde a proximidade das ovelhas e cabras nos traria algum calor.

Houve um momento em que abri a janela e fiquei a olhar a paisagem envolta no luar. E porque um farelo cintilante se depositasse sobre os desvãos de pedra, percebi que o sereno se congelava e que o Inverno tinha chegado cedo aquele ano. E, de súbito, vi-me menina ao lado de meu irmão. De manhã, bem cedo, antes do nascer do Sol. Corremos para fora, colhemos aquele saibro reluzente que, de tão frio, queima-nos as mãos e fazemos bolotas que nos atiramos um ao outro. Ou alvejamos a arrepiada Coronna que, de rabo entre as pernas, foge para dentro. Mas essa manhã se apaga borrada por uma dor imensa.

Curvo-me e choro ao vento, deixando que o sopro inclemente me desfaça as tranças e leve meus cabelos numa sarabanda louca, enquanto digo muitas vezes, dezenas de vezes sem cessar:

— Meu irmão! Meu irmão!

Depois fecho a janela **1** deito-me para me levantar de novo. O dia nasce e nós assentamos em silêncio para uma refeição de coisas absolutamente sem gosto, que é penoso engulir. Coronna vem me lambe a mão. Olha-me com aqueles olhos cheios de humildade e de uma tépida ternura. O instinto dos animais! Pensei. Ela sabe! Seu instinto conta-lhe o que se passa. Acaricio-lhe a cabeça macia e felpuda. Beijo-a e ela balança o rabo, vagorosamente. Está a olhar-nos quando lechamos a porta.

Uma multidão se acotovela à frente do templo da deusa.

— Isto quer dizer, fala-nos mamãe, que temos de abrir caminho. Precisamos estar lá na frente.

Ela vai abrindo passagem, dura e reta como uma estátua, indiferente aos murmúrios. E nós a seguimos surdas aos insultos que nos dirigem, aos protestos que se levantavam. *A Ara Caesaris* se encontra naquela parte à qual chamavam *tholus* e nós nos detemos por detrás das colunas, bem onde é preciso que estejamos. Sento-me coberta de suor e exausta. Há no ar aquele cheiro de especiarias queimadas que dá uma idéia de morte e de celebração fúnebre.

Os cornus soam lá fora. Centuriões a cavalo, dos poucos que ainda restam na cidade, forçam caminho em meio à multidão. Há gritos e improperios. *Os cornus* tocam outra vez, lúgubres e longamente. Eu fecho os olhos mas não posso deixar de ouvir.

A marcha sincopada sobre o lagedo diz que a Xli Legio se aproxima. Abro os olhos, a cena estava montada. Estão ali, os setenta. Parecem meninos a brincar de soldados. Estão pálidos, e a ansiedade marca-lhes as faces jovens e belas. As lágrimas me escorrem dos olhos quando vejo João. Está empertigado e teso, faz-se de forte, o pobrel

E lá na frente estão o Procurador em pessoa, o conquistador, os decurhões, os centuriões, Prisco* A multidão apinhada em torno silencia. Percebo que o Procurador se dirige à Legião, diz coisas que não entendo e não me esforço por entender, É aquele homem gordo e cor-de-cera que eu vira dantes, na festa a que fora sem ser convidada.

O tempo passa e o suor empapa-me a roupa. Minha vista falha e eu me ponho a orar. Respiro fundo, fecho os olhos e procuro repousar. Abro-os de novo. Os sacerdotes entram com seus *littuus*, como o de Atanásio. Postam-se em círculo em torno do altar. Dois-deles ba* lançam os turíbulos.

Cabe ao conquistador exigir o juramento e ele o faz. Sinto-me fria como o saibro de gelo. O que irá suceder, Santo Deus, o que irá suceder? Ouço um nome desconhecido, depois outro. E o primeiro deles se adianta e vai se deter junto ao altar. O ministro, a que chamam *camillus* estende-lhe a *acerra*, ele toma os grãos odoríferos, o *tus*, sobe os degraus e vai depositá-los sobre o *focus turicremus*. Desce os degraus de costas. Um outro nome desconhecido voa sobre nossas cabeças. Tudo se repete. Mas agora gritam o nome de Alexandre, o nosso *ascoalista* e Alexandre não se move do lugar. O nome é repetido em vão.

Um murmúrio, um frêmito percorre a multidão. Depois, silêncio. Meu corpo pende contra a coluna. É inverossímil e terrível, mas a paz me volta. Olho para o rosto de mamãe, para Zenóbia. Estão

pálidas, porém serenas.

O sacrifício aos Imperadores Romanos é aos Gênios prossegue, mas as pausas se seguem e são os nossos que as motivam. Lembro-me de que olhei o céu por entre os alvos capitéis das colunas dóricas e de que o azul me pareceu doce e macio, acessível e franqueável. Gritam o nome de Cirilo e eu sorrio em meio àquele silêncio. Mas o suave azul se embota e percebo que choro. João, Eliano...

Chamam Heráclio e a cabeça de Zenóbia está recostada na minha. Eu acaricio em gestos de sonho os cabelos compridos. Pombos rufiam asas no ar e são feitos de metal e neve. Cerro vagorosamente as pálpebras. Filoctemo! Abro-as. Há um garoto imundo junto de mim.

— Como te chamaš?

— Apios.

— Tens um irmão.

— Sim.

— Tu o amas muito?

— Sim.

— Como se chama ele?

— Júlio. Por que choras?

— Porque também tenho um irmão e amo-o muito.

— E como se chama ele?

— Cirilo.

Obrigada meu Deus porque eu posso recordar!

A cerimônia está finda e muitas frases se erguem no ar.

— Já não é possível fazer mais nada.

— E para que serve o magistrado?

— Que motivos pensas que poderão ter?

— São oristãos.

Volto-me para aqueles seres desconhecidos e respondo-lhes calmamente .

— Há muito ainda por fazer. Em verdade o trabalho está apenas começando. E não importa que não seja entendido.

Digo a outro:

— O magistrado serve para fazer cumprir as leis do mundo. Deus, as leis do céu. Tôm os mais altos motivos, a causa da Humanidade. E finalmente:

— Sim, são cristãos. Tu viverás, assim como eu viverei. E um dia descobriremos o quanto estávamos certos.

Ninguém, entretanto, faz um esforço para compreender. E isso não me *Importa*. *O tholus* vai ser evacuado. Mamãe avança. Estamos bem junto ao espaço onde os juramentados devem passar. E passam. Estão aftivos, uma pálida claridade parece banhar-lhes os rostos desfeitos. Mé-liton está com eles, também resistira. E eu repito a mim mesma:

— São quarenta, como Filoctemo esperava. E eu amo-os!

Colho os seus sorrisos quando me vêem.

— De volta à *castra* até que a punição seja escolhida.

— A punição não, a recompensa. Não entendeis? Não importa, o melhor já foi feito.

Otávia está de pé à minha frente, entre sedas cor-de-ouro. Sorrimos ambas, sorrisos diferentes.

— A estupidez de que dera prova deixa-me perplexa.

— Sim, Otávia, mas esta é uma sublime estupidez.

— Receberão o que merecem, a pena dos malfeitores de estrada. Livrar-me-ei de todos vós.

— Não te livrarás! Contudo nós nos libertaremos de ti.

— Não te sentes magoada?

— Não, eles se portaram exatamente como eu esperava. Não tive surpresas .nem mágoas.

- Bem, talvez o veredíctum te dê um choque, já que não o tiveste. Eu me esforçarei para que Isto aconteça.
- Mil vezes te disse que perdes o teu tempo.
- Oh! Não. Quem te disse. Atinjo-os através de ti.
- Pobre Otávia! Como perdeste o teu trabalho! Deste-me o melhor de minha vida. Mas o melhor está por vir e não virá de ti.
- De quem?
- De meu Deus. E recitei: "Ahl Se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia o que à tua paz pertence."
- O que queres dizer?
- Apenas repito a frase de Jesus na qual nos diz que meditemos sobre o que nos falta para a paz individual. Da glória do tempo provisório para nossa renovação. Da singela fórmula que afasta os fantasmas de nossa inquietação.

Ela riu, uma daquelas gargalhadas que enlouqueciam a Prisco. E como a querer dizer-me que me sabia cristã, arrancou um comprido estilete dos cabelos e, com gesto calmo, desenhou-me uma cruz sobre o braço nú. Não estremeci nem recuei, embora o sangue afluísse reproduzindo o desenho em dois traços rubros. E foi então que senti Prisco ao meu lado. Sua mão procurou a minha, apertando-a fortemente. O riso de Otávia morreu. Seus olhos coruscavam incontida cólera. Mas o rosto dele se conservava calmo e pacífico e aquela foi minha segunda vitória naquele dia amargo.

Vi que Otávia se afastava em direção ao tholus e meu coração pulsava doidamente. Prisco se libertara dela. O seu plácido olhar, sem terror nem desânimo, sem rancor ou ira, era o sinal que Deus me dava daquele outro triunfo em meio à tormenta.

Ele rasgou uma tira de minha túnica e me envolveu o braço. E embora um apressado soldado lhe viesse dizer que o Procurador o chamava, deu a última volta e o derradeiro nó antes de me deixar.

Não disse nada e apenas voltou para mim o rosto belo e tranquilo antes de me deixar. "Está tudo certo e perfeito!" Pensei. "Certo e perfeito!"

Mamãe, Zenóbia e eu descemos os degraus do templo e voltamos para casa.

CAPITULO — XXVIII

Dormi pesadamente e, quando acordei, na manhã seguinte, abri a janela e me debrucei em seu peitoril. Uma camada de orvalho enregelado, como pequenas gotas de leite, se espalhava pelo solo. Junto ao rio os rododendros se envolviam em densa neblina. O ar estava frio e cortante, embora o vento tivesse parado de soprar.

Olhando para a paisagem familiar e monótona, os capuchos de relva ressequida e os cabeços de rocha escura, pareceu-me que as cenas e acontecimentos do dia anterior eram apenas um sonho desenrolado há muito tempo, irreal e desconexo.

Nascia um novo dia sobre as estepes e a terra imutável, o céu fixo e impenetrável, não se preocupavam com as alegrias e pesares dos homens. Os pássaros mais retardatários imigravam para as mornas margens do Nilo, para além do Mar Interior e eu vi a forma escura de um grupo, de andorinhas chilreando no ar, rumando ao Sul. Em seguida, da direção do rio chegou até mim o ruído frenético de alguns pardais. Eu pensei: "Amanhã terão ido embora e apenas o vento cantará nas estepes. Os pássaros são felizes porque, de todos os seres da criação, são os mais livres. Suas asas os levam para onde querem. Entre as nuvens do céu não há conflitos nem as dores que avassalam as criaturas na face hostil da terra".

Vesti-me, fui renovar as rações no aprisco e fiquei a olhar os movimentos naturais da vida. Coronna que bocejava estirando as pernas bem para atrás e arqueando o lombo felpudo, côr-de-castanha e branca. As crias daquele Outono; empertigadas sobre as pernas finas, dando corcovos

umas sobre as outras, soltavam curtos balidos ou ensaiando marradas pouco certas e cômicas. Estava morno no pequeno cercado onde ficavam presas até que o leite fosse tirado.

Mamãe desceu com o seu balde e me pareceu tranquila, embora olheiras roxas lhe marcassem os olhos. Ajudei-a a amarrar as ovelhas e cabras e depois fiquei a acompanhar os seus dextros movimentos enquanto o leite esguichava espumoso e quente para o jarro.

Trazidos para fora os animais baliavam e piscavam aos primeiros raios de um pálido Sol. Depois de libertos, levados por um seguro instinto, saltavam para o cercado maior onde eu lhes abria o portãozinho rústico.. E lá dentro sabiam encontrar suas próprias crias às quais ofereciam as tetas cálidas.

A vida era cheia de milagres, eu pensava. E mesmo separados pelos compartimentos escuros da morte, tínhamos também o seguro instinto de encontrar aqueles que o misterioso desígnio da criação harmonizava e identificava como nosso próprio coração.

Mamãe e eu tínhamos tantos a nos falar, mas, mesmo assim, nada dizíamos e apenas, a espaços, olhávamos uma para a outra como a dizer: "Há sabedoria e serenidade por detrás de tudo." Só num momento teve uma frase ocasional:

— Não acordei Zenóbia. O dia vai ser longo e difícil, é bom que descanse.

Concordei com eia. Levamos o leite para dentro e nesse instante percebi, pelo ruído de vozes, que um barco passava rio abaixo. Tentei distrair-me numa série de trabalhos rotineiros. Zenóbia levantou-se, fomos tomar nosso caneco de leite com pão preto.

Tive vontade de ficar a sós pelo menos uma vez naquele dia. Chamei Coronna e descí com ela em direção ao rio. A densa névoa esvaia-se de pouco em pouco e as colinas, as árvores despidas, as águas corrediças começavam a ganhar forma e nitidez.

Fui até à nora, enchi-a e descarreguei a água sobre o canal. O saco de couro desapareceu na névoa de modo irreal, depois ficou pesado, eu acionei o singelo mecanismo e levantei-o. Fiz isso muitas vezes, imaginando os pensamentos de meus avós quando faziam aqueles movimentos, há muitos anos atrás. Como seriam eles? Teriam convicções? Sofriam por elas? "Desde que o mundo é mundo" — diziam-me desde que eu era uma criança — "o homem sofre por aquilo em que crê"

O mundo! Olhei o mundo. Quietude e graça, a doçura da mão da névoa esfumando os contornos, as cintilações do orvalho enregelado que se desfazia aos raios do Sol nascente. Por toda a parte homens nasciam e morriam. Meu bisavô, meu avó, meu pai, agora Cirilo. Lutavam e se afogavam na tristeza e, por mais que fosse a sua inquietação ou a sua dor, por mais que amargassem as lágrimas derramadas, a paz do mundo não se perturbava e sua beleza, se destruída, se refaria em breve.

Os juncos renasceriam milhares e milhares de vezes e fariam aquele belo movimento oscilante quando os pássaros detivessem seus vóos sobre eles. Os rododendros refloreciam. Os grilos e as abelhas repetiam seus gritos e seus vóos imemoriais. As águas do rio, neste ou naquele leito, prosseguiriam a sua trajetória.

Ninguém poderia jamais ofender a terra. Ela se ergueria sempre, com seu mágico impulso, protegida por incalculáveis forças, abrigada do tempo. E nós, tão franqueáveis, tão mutáveis, como nos refazeríamos? Eu sentia em mim mesma a resposta da minha eternidade, a força cálida que para mim promanava, de onde? De onde estavam os nossos sonhos!

Voltei para casa com a nítida consciência de todos os meus atos e pensamentos. Não sabia o que me estaria esperando no fim da jornada, o futuro era-me desconhecido, porém tinha a íntima convicção de que saberia quando deveria dobrar cada esquina.

Entrei ná casa e mamãe estava à minha espera.

— Já podemos ir!— Disse simplesmente.

Fechamos a casa e descemos para a cidade. Contornamos os banhos públicos, atravessamos o mercado, depois becos e ruas, deixamos a cidade às nossas costas. O quartel se encontrava, pesado e branco, sobre a colina à nossa frente.

Um grande número de pessoas se amontoava ali. E quando nos aproximamos, pelos olhos congestionados e insones, percebemos que muitos tinham passado a noite ao relento, em torno de fogueiras que ainda ardiam. Eram famílias conhecidas e embora as pessoas se vestissem com simplicidade, envoltas em suas grossas paenulas e abolias de grossa lã, sentia-se que diferentes posições sociais e níveis de riqueza confraternizavam nas mesmas ansiedades. Nós nos cumprimentávamos e minha mãe inclinava a cabeça com simplicidade, porém mesmo assim o seu movimento era belo e digno. A dor não pudera roubar a beleza natural do seu porte.

Os pais de Filoctemo vieram ao nosso encontro e Gemma se refugiou nos braços de minha mãe. Tinham rostos de cera, porém suas vozes não tremiam. Por eles soubemos que Luciano, respeitável líder cristão de Antióquia também se encontrava encarcerado em Sebastes. Preso em Nicomédia ia sendo levado de retorno a sua terra para ser julgado. Todos sabiam que Luciano ia confirmar aos seus juizes sua qualidade de cristão. Algum tempo se passaria e teríamos notícias de seu martírio e morte. Luciano se achava também no fortim e ali se rejubilava ao deparar com o numeroso grupo dos seguidores do Cristo Jesus. Nossos amigos ouviram-lhe o verbo inflamado de legítima fé. Sabiam que Luciano caminhava para a morte, mas sua firmeza e serenidade eram um apelo emocionante. A fidelidade do grupo se robusteceu.

Vimos Luciano. As portas da *castra* se abriram e ele passou por nós conduzido por um pequeno magote de soldados. Levava as mãos a-grilhoadas às costas e seu andar denotava alquebramento físico. Sorria para nós e nos encorajava. Levaram-no para o cais onde a embarcação o esperava e eu me lembrei de ter ouvido ruídos de tráfego no rio, no dia anterior.

Um pequeno grupo acompanhou-o, reconfortando-o com palavras e instando com os guardas montados para que o poupassem, a cada vez que tropeçava e caía ao pó do caminho.

O Procurador se irritara profundamente com aquele encontro inesperado. Exigindo a imediata partida de Luciano, — mandado a enfrentar seus juizes, — decidiu dobrar os quarenta renitentes da XII Legião. Por "dobrar os renitentes" podíamos compreender muitos expedientes odiosos e terríveis.

— Alegrai-vos pelos vossos filhos. — Dissera-nos Luciano ao passar, eles não cometerão apostasia!

Os presos estavam incomunicáveis e tinham fracassado todas as tentativas de remeter-lhes alguma mensagem ou de receber deles a mínima frase. De sorte que muitas pessoas acercavam-se de Luciano pedindo-lhe notícias. Ele sorria tranquilo e acenava com a cabeça dizendo:

— Há paz em seus corações! Alegrai-vos! Alegrai-vos.

Mas os boatos, articulados por vozes cautelosas, circulavam de boca em boca. O Procurador se alarmara com a perda de quarenta recrutas. No fundo o Procurador era um canalha medroso. Ele expedira um emissário rio acima, até Nesciam, solicitando tropas para o policiamento da cidade. O contingente existente em Sebastes, naquela manhã, se encontrava distribuído entre o presídio, os armazéns da *annona*, a *castra* e o palácio. Não era superior a sessenta homens, incluindo aqueles que tinham sido juramentados no dia anterior.

As horas foram passando e a fria luz do Sol não bastava para nos aquecer. "Por quantos dias nos veríamos obrigados a enfrentar aquela tortura?", perguntávamos uns aos outros. Os guardas, na passagem da paliçada, eram mudas estátuas vestidas de ferro. Depois que Luciano fora levado para o embarcadouro ninguém mais entrara ou saíra da *castre*.

Locomovi-me de um lado para o outro e olhava para dentro do pátio alimentando a secreta esperança de ver Prisco. Desde o dia anterior, quando o Procurador mandara chamá-lo, não o tornara a encontrar.

Agora já éramos algumas centenas de pessoas diante do portão. Curiosos e mecheriqueiros da cidade misturavam-se aos parentes dos detidos. E quando chegavam, faziam-nos perguntas que não éramos capazes de responder.

- O que decidiu o Procurador?
- Pensais que possa obrigá-los ao juramento?
- Que medidas serão tomadas? Quando?

Eu não sabia, ninguém sabia. Houve um momento em que experimentei aguda sensação de fome mas depois a cabeça se me tornou leve* e o corpo reconfortado.

O Sol se pôs a pino e agora se inclinava em direção ao poente. O silêncio de pouco em pouco foi substituindo o burburinho da massa e as pessoas, envoltas em amplos mantos e peplos, pareciam estátuas dispostas em grupo. Os gestos morreram ao longo dos braços pesados de desalento, os olhos olhavam sem ver, fixavam pontos vagos e turvos. Assim se postavam por longos momentos, depois se reanimavam, voltavam-se para o portão da castra, tentando verificar alguma coisa no pátio. Em seguida mais uma vez desfaleciam.

O fogo morria nas fogueiras dispersas e riscos de fumaça rabiscavam o ar frio. Eu olhava bem para todas aquelas coisas e procurava fixar na memória a silenciosa dor da multidão, admirando-me de que pudesse comover-me, entristecer-me e progredir sobre mim mesma vencendo o desalento.

Houve então um movimento no interior da castra e as pessoas como que despertaram do torpor, comprimiram-se respeitosas e cheias de temor a curta distância dos guardas. O conquistador e os decuriões, montados, reuniam-se no pátio. Um frêmito correu a multidão:

- Eles! Eles!

Fechei os olhos e senti o calor do Sol em meu rosto. Abri-os e vi que, em formação militar, os prisioneiros se alinhavam, saindo dos alojamentos. Não lhes tinham sido retirados os uniformes, eu notava apenas a falta dos escudos e lanças. Ficaram ali, erectos, a esperar. O *conquistador* gesticulava e olhava-os com expressão de rancor. Depois um veículo carregado de lenha surgiu no patio e o homem na bolóia teve ordem de sair. As rodas rangeram no saibro, o homem animava os animais e gritava:

- Eh! Eh!

Deram-lhe passagem e abriu caminho em meio a nós. Um novo murmúrio agitou a multidão. Era um carregamento comum? Ou tinha uma finalidade especial? Em dias antigos muitos dos nossos tinham sido consumidos vivos nas fogueiras. Essa lembrança arrancou queixumes e gemidos esparsos:

- Oh! Deus' do Céu! — Suplicavam vozes.'

Vi que dois tambores tomavam postos à frente do grupo. Iam sair. O conquistador assumiu o seu lugar de mando. Por sua ordem ps cavalaria avançaram por cima de nós e afugentaram a multidão. Os tambores rufiaram, mas não vi quando foi dada a ordem de marcha. A massa humana, alarmada e desinquieta tornou a se aproximar dos altos portões guardados. Éramos levados de cá para lá, empurradas, apertadas e, para não nos extraviarmos, agarrávamo-nos firmemente na túnica de mamãe. Acotovelada pelo povo achei-me de novo junto à guarida e, então, vi Pri&-co. Estava montado e foi tomar seu lugar à frente do grupo comandado. O ruído das sandálias se ergueu ao compassado do saibro.

Pus-me na ponta dos pés para poder ver bem. Pais, mães, irmãos, irmãs, crianças, anciãos de movimentos trêmulos e cabeças nevadas se comprimiam em torno de nós. O conquistador passou à frente, em seguida os tambores, depois os prisioneiros. Eram fantasmas que buscavam pali-damente sorrir à multidão estarrecida e muda. Seguiam dois a dois. Lembro-me de que Mélon exibiu uma expressão de altivez ao lado da branda humildade de João. Transpuzeram o alto pórtico fortificado, Donato e Cúdio fechavam a marcha. Vieram cinco *equites* e Prisco era um deles. Buscando-se com uma força sobrehumana, nossos olhos se encontraram, mas o seu olhar era vazio de expressão. Os decuriões encerraram a marcha e os portões se fecharam batendo com estrépito à face da multidão. Breves murmúrios erguiam-se dos grupos numerosos, mas nenhum nome foi pronunciado, nenhum choro convulso se fez ouvir. Por mais que eu apelasse para minha imaginação, não podia atinar com o que iria passar-se. A única hipótese plausível era a das fogueiras, mas aquela lenha, embora

abundante, não seria suficiente para sacrificar quarenta homens. A mesma idéia devia passar pela cabeça de mamãe, pois uma expressão de perplexa ansiedade punha uma ruga entre suas sombrancelhas. Ela não podia compreender, ninguém, entre aquelas dezenas de pessoas, podia compreender. Mas o ruído das sandálias rítmicamente batendo contra o solo, o som áspero e seco dos cascos no chão duro, envolviam meu coração de desalento. Minha mente queria trabalhar e não podia.

A marcha, monótona e igual demandou a estrada principal.

— Para onde se dirigem? — Sussurravam vozes aflitas.

— Para a cidade!

Coleando o sopé da colina, onde se encontrava a castra, a estrada corria para a cidade.

Mas quando, ao alcançar a via principal o conquistador dobrou para a direita, vimos que a cidade não era o seu objetivo. Ao longe, demandando os altiplanos, vi o carro carregado de lenha. Suas rodas rangiam\ha estrada pedregosa. As primeiras lufadas do vento da tarde nos alcançaram envolvendo-nos em nuvens de pó. A noite ia ser gelada e ainda não sabíamos para onde nos dirigíamos. Eu, entretanto, reconhecia o caminho. Certo dia, durante minha convalescença do ataque da pantera negra, saira a passear de biga com Filoctemo. Cruzamos a encruzilhada por onde se alcançava o *Manslo* onde Valente trabalhara. Á estrada ascendia em direção às paisagens mais desoladas e tristes da região e a multidão ia seguindo, cegamente aqueles que amava. Não fosse o ruído do tambor e o arrastar de nossos passos, estaríamos mergulhados no silêncio de um sonho. Não sei quanto tempo caminhamos. Ninguém mais fazia indagações, apenas seguíamos para a frente, com máscaras de incerteza afiveladas em nossos rostos.

E o tempo passava, nuvens de pó nos envolviam no vento enrege-lante, o Sol mais e mais descia em direção a um poente azul e roxo. De pouco em pouco alcançávamos os pontos mais altos da região, o altiplano vergastado por vendavais impiedosos contra os quais não se tinha nenhuma proteção. A rala vegetação da estepe dava lugar a tufos de espinheiros selvagens e urzes enfezadas. A multidão incansável, todavia, seguia sempre.

Então alcançamos o ponto onde se derramava o maior dos lagos. Eu me detivera ali com Filoctemo, arrepiada de medo. O conquistador fez sinal de alto. Nós nos detivemos também. O carro que nos antecederia descarregava sua carga a curta distância das águas. E nós ainda não podíamos compreender. Eu olhava os cabeços desolados, a paisagem tétrica, nua, as urzes raquílicas entre cujos ramos o vento ululava. Depois olhava Prisco a uma distância em tempo, uma distância de séculos padecia nos separar. Nem por um único instante fora quebrada a rigidez da formação militar.

Havíamos nos detido vinte passos à retaguarda, mudos a espiar, sem compreender, com o vento assoprando em nossos ouvidos. O carregamento do carro deu quatro pilhas de troncos e estava claro que não teriam a terrível finalidade que andava em nossas mentes.

O tambor rufiou de característica maneira. Ouvi que o *conquistador* berrava uma série de ordens diferentes e que quarenta vultos se moviam ligeiros, dispondo-se de sorte que, agora, compunham uma longa fila voltada para o lago. E eu ainda não podia compreender. Creio que a nenhum espírito, naquele centenar de pessoas podia, remotamente, ocorrer o que se ia passar. Todavia quando a ordem de marchar estrugiu clara e nítida, a verdade deflagrou em meu espírito com a força de um raio. Meu coração como que cessou de bater e minha mente começou, vívida e dolorida a trabalhar.

E enquanto isso meus olhos acompanhavam a marcha dos prisioneiros. Um passo, dois, três, dez, vinte passos, a margem do lago se aproximando, os pés sobre a lama...

A ordem de parar... O alto... Nada, a boca do *conquísitor* cerrada num ritus de crueldade...

Os pés chapinhando a água. Outros passos...

"Alto, eu dizia a mim mesma, alto!" Mas nenhuma voz de comando em meus ouvidos. O galope de meu coração rivalizando com o bater dos tambores. A água chegava-lhes às virilhas, depois às cinturas, finalmente aos ombros.

— Alto.

Sempre os tambores. Ordem de meia volta. Posso ainda ouvir a surda exclamação da multidão. Agora mesmo nos espíritos mais simples não havia dúvidas. Um outro carro chegou cantando a cantiga que as rodas cantam apertadas nos eixos. E dele foi retirada uma ara, um altar improvisado sobre o qual Júpiter Olímpico esperaria o frustrado sacrifício aos Imperadores Mortos e ao Gênio Romano. Ainda posso ver o estrado revestido de púrpura franjada, o alvo deus ante os cortinados e o *Camilus* hirto à espera do momento de desempenhar suas funções.

A multidão espectante emudeceu e no intervalo que se seguiu eu tive a impressão de que o ar se gastara e de que eu estava prestes a morrer de sufocação. O Sol se afundava na direção do poente e o vento cortante ia-se transformando no terrível Bóreas, que assoprava severo e brutal do norte enregelado. E no meio das águas tristes e frias do lago, estavam eles parados, impassíveis e silenciosos. Apenas as cabeças descobertas e iam morrer no lago salobro e escuro que o vento, conjugado à noite, iam enregelar.

Nem por um momento eu me acovardei. Do altar do deus meu olhar foi pousar na fila de cabeças descobertas. O vento agitava-lhes os cabelos em linguagem de adeus e o lago se fez inesperadamente belo. As luzes do crepúsculo, carmezins e roxas, tarjadas de coral e ouro, largamente se refletiam nas águas negras e delas faziam como que um leito de reis em pompas magestosas.

Era tão belo que os gemidos da multidão serenaram e um doce silêncio nos envolveu a todos. Logo em seguida as primeiras estrelas ali se refletiram e foi belo e triste vê-las.

Agora as fogueiras se acendiam e o conquísitor falava. Dizia que o magnânimo Procurador de Cesar houvera por bem conceder aos culpados levando em conta sua inexperiência e pouca idade, — uma nova oportunidade de jurar fidelidade aos deuses protetores do Império. Assim sendo, todo aquele que se dispusesse a queimar os *tulus* sacrificando ao deus olímpico, poderia, independentemente de ordem de comando, sair das águas e se reconfortar junto ao fogo aceso.

Isso dispuzera a magnanimidade do Procurador, permitindo que, espontaneamente, cada qual se retratasse com inteiro esquecimento do ultrajante ato de desrespeito anterior.

Todavia, nas águas, nem o mínimo movimento se esboçou. Contornei o lago. Uma providencial ponta de pedra avançava em direção em que meus amigos se encontravam. Dali não era difícil falar a Filoctemo. A seu lado postavam-se Cúdio e Méliton. Filoctemo estava ao alcance de minha mão. Todavia um guarda rugiu às minhas costas. Para falar-lhes eu teria que esperar as sombras da noite. E estas vieram, de pouco em pouco.

O Bóreas agora assoprava com furor, anelando a superfície das águas. O ar se fazia cada vez mais frio. A multidão, em grupos, se concentrava junto às grandes fogueiras já acesas, onde crepitavam grossos troncos. Muitos, entretanto, indiferentes ao frio, espalhavam-se pelas margens escorregadias e úmidas.

Houve um momento em que, montado em seu belo cavalo, Prisco passou muito próximo de mim. Estava cansado e pálido. Havia olheiras profundas em seu rosto taciturno.

Eu esperava, impacientemente, que as sombras se adensassem e eu pudesse me aproximar de Filoctemo. Não muito longe dele, eu via Círiolo, João e Eliano. E lá de longe, no lusco-fusco da tarde, sorriam. Minha mãe a todo instante levava as mãos às águas medindo-lhes a temperatura e eu notei que, em breve outras pessoas começaram a imitar-lhe o gesto.

O rosto dela fizera-se pálido de cera, nós nos olhávamos e não achávamos o que nos dizer. Uma lufada de vento cortante me envolveu. A superfície do lago se agitou e pequenas maretas molharam o rosto dos supliciados.

O lago pareceu tornar-se mais fundo, as negras águas salgadas mais cruéis e repelentes. De súbito percebi que um grande silêncio me envolvia. As famílias cristãs se haviam reunido e, ante as luzes amortecidas do poente, oravam.

Eu própria me pus a orar. Depois disso tudo nos pareceu mais brando e mais fácil. A ventania

prossegua intensa e fria mas a atmosfera já não parecia pesar como uma coluna de chumbo, sobre minha cabeça.

Uma tênue névoa começou a se erguer das águas. Por aquelas alturas já devia ser terrível estar imóvel lá dentro. Eu me movia de um lado para o outro, aproximando-me da ponta de pedra, e a cada passo imaginava os membros hirtos, enregelados, as articulações se inteirificando, a circulação se tornando preguiçosa e o coração tardo em bombear o sangue que ameaçava se tornar em gelo. Mamãe retirou a mão da água: estava dura e roxa.

Mas eles eram jovens, os nossos heróis da fé, seu sangue crepitava num calor diferente, eles iriam durar horas ainda. A chama da fé os aqueceria. Eu via que, com o passar das horas os próprios guardas se surpreendiam. Rodeavam o fogo, batiam as mãos, bafejavam-nas e depois lançavam para o meio do lago um olhar em que havia temor e respeito.

Vi Prisco, imóvel como uma estátua equestre a olhar a comprida fieira humana submersa. No meio das águas alguém se lembrou de cantar e, em breve, um dos antigos hinos que salmodiavam na igreja de Sebastes se fazia ouvir. A multidão acompanhou as palavras suaves, a contrita melodia em que o Senhor era louvado por todos os seus dons. Não havia travo de amargura ou revolta nas notas musicais que, muitas vezes, perdiam-se em soluços. Lá, do seio das águas escuras, o canto vencia o vento e chegava aos meus ouvidos:

"Ele põe óleo nas águas tumultuosas.

E eu sigo seguro a viagem.

Com Ele ao timão."

De súbito, sobrepondo-se à ventania, o hino se erguera como um grito vitorioso emitido num arroubo sobrenatural erguendo-se para o céu que a noite de pouco em pouco ganhava.

E diante daquele fragor mais forte que a ventania, aqueles que nos tinham tangido para a morte se entreolhavam e tinham gestos de espanto. Prisco não se movia, absorto e queto. O canto era belo, era como uma cascata de esperanças feita em sons a nos envolver em estremecimentos de ternura e renúncia. Trezentos anos antes, na Judéia, um homem amara e morrera por muito amar. A maravilhosa fé que soubera despertar vivia ainda e se fazia sentir em torno daquele lago selvagem, num dos países mais bárbaros da Terra. Sua voz ecoara até ali e convidava para viver a verdadeira vida, a se desdobrar para além da morte.

"Quem perseverar até o fim será salvo", cantavam as vozes e nós nos envolvíamos em suas mornas vibrações, desafiando o terror, o frio e a morte.

"Quem crer em mim, mesmo morto viverá!"

Os olhos enxugavam-se, enchiam-se de doce claridade enquanto a canção morria, docemente, num queixume de tácito aceite. Eu olhava a fila de cabeças e pensava: "O sonho de Filoctemo foi profético. Ele não mentiu exceto num detalhe. Méilton substituiu Prisco. Mas, fora pedir demais! Ali estava a corrente e seus quarenta elos!"

Já então a névoa se tornava alta e as sombras se faziam densas. Foi naquela penumbra estranha e sinistra que um grito rouco se fez ouvir partindo do seio das águas. Como um único ser a multidão silenciosa voltou-se para o lago. Alguém se aproximava da margem. Meu coração se deteve num hiato de dramática expectativa. A corrente de Filoctemo ia se quebrar? Um corpo se ergueu rígido da lama e uma face se fez visível.

— Não... eu não quero morrer! — Disse Méilton com dificuldade imensa.

Um brilho de triunfo se retratou no rosto do *conquistador* iluminado pelas chamas da fogueira. Ele inquiriu duramente:

— Sacrificarás aos deuses?

A resposta tardou um pouco porém chegou clara, embora irreal aos nossos ouvidos:

— Sim.

O sombrio fantasma avançou um pouco mais e eu me afastei tomada de horror. Méilton era um

ser fantástico surgido das águas. Vi que, vencido um primeiro momento de perplexidade,, as outras pessoas encolhiam-se, fugindo à sua sombra malfazeja. Enregelado ele se movia como um autômato. Caiu e ninguém avançou para ampará-lo. Nem sequer aqueles para 09 quais se dirigia e que poderiam se comprazer com a sua defecção adiantaram-se para prestar-lhe ajuda. Ergueu-se e avançou para a Ara Caeseris. Eu assistia trémula aos seus esforços. Ouvia 0 crepitar das toras incendiadas e 0 pulsar do sangue em minhas veias. "Não", dizia a mim mesma, "Ele não pode, ele não vai fazer feto!" Como na penumbra de um sonho vi que, em movimentos mecânicos de um títere, ele tomava os grãos do tulus e com esforço deixou que a pastilha caísse no braseiro da ara. Inquieto, sôfrego voltou-se então para a fogueira mais próxima. Estremecia e seus olhos congestos fitavam hipnotizados as labaredas. Seu rosto moreno mostrava-se verde e um sentimento de profundo terror mantinha aberta a sua boca, dilatadas suas narinas, as mãos erguidas como as garras de um animal de rapina.

As chamas lucilavam em seu corpo molhado, convidando-o, cha- mando-o, ele quis se aproximar, fez um desesperado movimento e caiu.

O *conqulsitor* ordenou que o aproximassem do fogo, porém a voz do decurião fria e desprezível, comunicou-lhe que era tarde demais. Méilton estava morto.

O que se passou em seguida foi rápido demais para que eu pudesse seguir todos os detalhes. Não olhávamos para Méilton, não mais! Todos os olhos se voltavam para a lacuna, acolá, entre as cabeças ao res das águas. E aquele vazio fazia doer e sangrar os nossos corações. Foi entãc que o silêncio estupefacto se quebrou. Um relinchar, um rápido tropel de cáscbs.

Prisco, a estátua equestre, ganhara movimento. Ele gritou. E ainda hoje, centenas de anos transcorridos, posso ouvir o tom da voz amada.

— Jântio, Nícalo, Cirilo, Filoctemo! Ele chamou. Eu vou! Aceitais- me? Recebo Jesus e se me aceitares, Jesus me receberá.

Ouvi a voz firme de Filoctemo:

— Sim, Prisco! Èu te esperava. Vem! Como Paulo a caminho de Damasco.

E as vozes disseram em coro:

— Sim, sim! VetA*

Com movimentos firmes e lestos ele virou a montaria e avançou com ela para o altar. Vi quãrtddò ò cavalo empinou e suas patas caíam com ruído sobre os estrados improvisados. Prisco pos por terra a estátua do deus, ela se fragmentou e rolou destroçada pela lama salgada.

Tomados de espanto os decuriões, os soldados, o *conquisltor* não se moviam. Agora o altar era apenas um monte de ruínas informes que as piras incendiavam. Então, tranquilamente, ele desmontou e caminhou em direção às águas. Passou por mim e não me viu. Seu rosto refletia um fogo interior e parecia irradiar. Era belo, belo e luminoso, como que banhado por um Sol invisível que meus olhos não podiam ver. Era também terrível em sua obstinação.

Marchava direto para onde a continuidade da corrente de Filocte- mo se quebrara e quando eu o vi chegar, entre as exclamações jubilosas daqueles que se preparavam para morrer, eu me deixei cair por terra.

Por mais que sofresse, que a ventania me envolvesse e meu coração sangrasse, eu não poderia nunca mais me queixar depois daquele dia. Nunca mais!

Ergui-me, esquiveí-me entre as pessoas tomadas de assombro e fui me equilibrar sobre a ponta de pedra. Assentei-me rente a água. A luz das fogueiras iluminava-nos em fugazes e trêmulos revérberos lucilantes. Vi que intensa emoção se pintara no rosto de Filoctemo:

— O teu sonho se realizou. Tinhas razão... — Disse-lhe suavemente .

Prisco vira-me e agora sorria para mim. Havia triunfo em seu olhar e eu lhe disse:

— Filoctemo sabia que virias.

— Queres trocar de lugar comigo? Assim ficarás junto dela. Tendes muito a vos dizer. Mas quase não me posso mover. Tens de me ajudar.

• — Renuncias de estar junto de mim, Filoctemo. Sei o que significa o teu sonho. Esta corrente irá deter a onda de injustiças contra os cristãos. Chegamos ao fim! Depois disto tudo será contado no tempo passado.

Ele sorriu pacificamente e comentou:

- Talvez... Talvez... Mas eu vi Prisco, eu sabia que viria.
- Eu duvidava de ti.

Quando voltares para casa poderás abrir o embrulho que te dei, lembras-te? Não deves chorar, irmãzinha. Prisco, ajuda-me. Com mais um pouco estaremos imóveis para sempre. Vem enquanto é tempo.

Prisco ajudou-o e trocaram de lugar. A ventania serenou mas agora a névoa se erguia tão alto que eu não podia ver a ninguém além de Prisco. Filoctemo e os outros se perdiam entre os vapores oscilantes.

Prisco ergueu o braço e tomou minha mão. Havia um tom cálido de alegria em sua voz:

- És minha noiva agora! — Disse com emoção.

Eu concordei.

- Sabes, não foi indignação apenas. Eu aceito Jesus e sou cristão.

Ele prosseguiu lenta e seguramente falando. Boiava acima das águas envoltas em névoa e enchia de luz os escombros dos meus sonhos. Nosso amor foi sempre assim, vivido no limiar. Agora amávamo-nos na fronteira da morte.

- Sim, sim... — Eu assentia entre lágrimas.

Agora já não havia quem nos pudesse separar. Tínhamos vencido. Já não havia terrores nem ansiedades, estaríamos juntos, juntos para sempre. Ele dizia:

- Oh! Galla, meu amor, meu amor...

Chegou-se bem perto, eu me curvei, nossos rostos se tocaram, nossas lágrimas se confundiram.

- Tu comerás a côdea do pão de Arrius em meu lugar.
- Tu agora comes o pão da vida em espírito e verdade.

Tínhamos mil coisas sobre o nosso amor, a nos confessar mas um formoso hino se ergueu nas margens e nós o ouvimos num sublime silêncio até que, baixinho, eu também me pus a cantá-lo.

- "Dedicados ao bem encontraremos as fontes da vida

Ao nos banharmos nas águas da morte Os que se comprazem no mal cancelam A ressurreição na luz,
Preciso é repetir o curso expiatório.

A volta à lição é o remédio Não há aternativ!»

A lei do retorno é síntese em Jesus E a Divina Providência é magnânima € rica.

Haverá retorno para todos Para os bons em vida nova Para os maus em nova condenação.

E sempre é cada um de nós apenas Que pode resolver.

Houve uma curta pausa e eu repeti:

- É sempre cada um de nós apenas que pode resolver! Isso fizeste.
- Quer dizer que renascemos e que, em outras vidas, estaremos juntos novamente.
- Sim, mas antes disto estaremos juntos. A morte não existe. Já não existe o que possa nos separar. Não se passará muito e estarei ao teu lado. O tempo foge ligeiro.
- Sei tão pouco de tudo quanto Jesus ensinou. Apenas o que ouvi nas ruínas e o que tu me disseste. Temos ainda algum tempo. Dize-me o que é mais importante.

E foi assim que, silenciando as palavras do nosso amor e do nosso adeus, pus-me a falar-lhe das mais consoladoras lições do Mestre Nazareno. Citei o sermão do monte e as parábolas transmitidas junto ao lago de Genesaré.

Não senti o correr das horas da noite. Meu hálito aquecia-lhe a face, eu assoprava a névoa que o envolvia como mãos de fantasmas. Pela madrugada Prisco avisou-me que Filoctemo morria.

— Ele se apaga. — Disse-me.

Para ele próprio os movimentos eram quase impossíveis. Mesmo assim, penosamente, pode trazê-lo para junto de mim. Filoctemo agonizava. Tomei seu rosto gelado entre minhas mãos e beijei-o. E bem junto ao meu ouvido percebi que tentava dizer alguma coisa. Antes advinhei do que entendi o que se passava.

— Queres me lembrar as tabuinhas.

Seus olhos piscaram. Era isso.

— Eu não me esquecerei.

Ele penosamente articulou:

— Tua mãe...

Houve o lampejo rápido de um sorriso quando ele expirou. Percebi que Prisco também não duraria muito. O lago dava pé junto à ponta rochosa e a cabeça de Filoctemo descansava bem junto à minha face direita. E na face esquerda eu sentia a sua fraca respiração. A vida se esvaia nele.

— Continua! — Pediu-me fracamente, pois que o esforço de trazer Filoctemo fora demais para ele. — Continua, fala um pouco mais.

Narrei o episódio do Gólgota e a ressurreição. O cruel desespero não me podia mais apertar em suas garras perversas. Uma grande paz havia em meu coração. O dia já nascia quando sua respiração morreu por fim. Silenciei imóvel, sentindo-lhes as faces frias e imóveis, até que as luzes da manhã iluminaram as águas negras do lago.

Estavam todos mortos. Então, silenciosamente, as pessoas entravam pela água gelada e os traziam para fora. Houve um grito:

— Está vivo!

Era Cirilo. Meu irmão ainda vivia. Fracamente o seu coração pulsava contra o ouvido de minha mãe. Não sei o que se passou no íntimo do *conquistador*. Ele se compadeceu:

— Mulher — Disse aproximando-se de minha mãe. — Só o teu filho vive. Consinto que o leves para junto do fogo e poupo-lhe a vida se tu também quiseres poupá-la.

Os olhos de mamãe estavam secos. Ela olhou-o firmemente, com desconfiança.

— Toma-lhe a mão na tua e queima *thu\$* diante do que resta da ara.

— Nunca. Eu não não poderia desrespeitá-lo. Consciente ele não o fez, como me aproveitar de sua agonia para traf-lo?

Deve então ser devolvido às águas. Só os mortos podem ser retirados. — Disse com voz dura e impaciente. — Guardas!

— Não precisais apelar para os guardas, disse mamãe com simplicidade. Eu já levei este filho nos braços muitas vezes. Tenho forças para cumprir com meu dever.

Firmemente avançou para as águas e ali esteve com meu irmão nos braços até que seu coração parou de bater. A multidão de joelhos olhava-a a orar. Depois, apertando-o firmemente nos braços, de faces enxutas, veio depositá-lo aos pés do *conquistador*.

Nós os velamos mesmo ali e, naquela tarde, levamo-los ao cemitério.

Acompanhado pelos guardas armados o conquistador se retirara. A notícia correra e uma pequena multidão se amontoava às margens do lago. Os estranhos olhavam sem compreender. Tínhamos envolvido os mortos em nossas túnicas mas suas faces espiavam jovens, belas e pálidas, banhadas pelo morno Sol da manhã. Companheiros nossos desceram à cidade e logo quarenta e uma macas rústicas chegaram até nós. Levamo-las num respeitoso silêncio. E Sebastes inteira assistiu, estática, à passagem dos corpos. Dizia-se que (amos sofrer represálias, que era preciso acautelar. O incidente pusera as famílias cristãs a descoberto.

Foram sepultados no lado grego do cemitério tríplice, num canto que avisinhava com o local em que Adastro jazia. As covas tinham sido abertas e lá dentro os depusemos, envoltos em nossos

mantos. Olhei-os um a um, pela última vez.

Tropecei ao sairmos da necrópole e, com a dor física, percebi que tinha estado completamente embotada no decorrer das últimas horas.

Havia dois dias que não púnhamos o mais leve alimento na boca. Eu me sentia como que sob o efeito do filtro de algumas plantas que serviam para acalmar a dor. Estava enregelada, de cabelos desgrenhados, suja e rota. Minhas mãos se tinham ferido nas rochas à beira da lagoa e eu não percebera e nem me importara.

Era como uma sonâmbula incapaz de sofrer. Demos as costas ao cemitério e rumamos para casa, silenciosas, cada qual mergulhada no seu anestesiado mundo. E outra vez chegava a noite e outra vez o Bóreas assoprava.

— Dia e noite, noite e dia, dia e noite... — Pus-me a dizer e a cambalear. E nem mamãe nem Zenóbia se importavam.

Quando chegamos à porta da casa, mamãe se voltou para nós e nos disse:

— Quando pudermos chorar, será melhor.

CAPITULO — XXIX

Apesar de ser aquela a segunda noite que eu passava em claro, ainda não sentia nenhum cansaço ou sono.

O sereno umedecia-me as roupas e' o frio era intenso, porém não tão intenso quanto aquele que curtira às margens do lago, entre brumas de pesadelo, na noite anterior. E Coronna, deitada junto a mim, aquecia-me os pés.

Eu estava a cavaleiro da colina do rio e, sob o luar, podia ver a sua fita serpenteante lá embaixo, àquela hora envolta no intenso nevoeiro que envolvia as margens e desenhava fantasmas brancos entre os juncos ou em torno das árvores desnudas.

Durante muito tempo o vento assoprara, gemendo e chorando em meus ouvidos e eu me abrigara por detrás de uma das lages mais elevadas. Depois serenara. Todavia eu sabia que, antes do amanhecer, voltaria a soprar.

Houve um momento em que me pus de joelhos e acariciei a cabeça de Coronna, a boa e querida companheira e, como esperava, via que sua respiração se congelava nos pelos em torno da boca, como um farelo de gelo. E tive pena. Mas eu precisava estar de vigília ali.

O Procurador exigira a presença de um Examinador, funcionário especialmente encarregado de investigar e castigar os delitos por de-fraudação. E o que se passara na XII Legião fora considerado, conforme se dizia na cidade, um ato defraudatório contra o poder.

Assim sendo, as famílias dos soJados mortos tinham decidido partir de Sebastes por algum tempo ou para sempre. Houvera um conselho entre os homens mais velhos. Não se podia supor quais seriam as medidas a serem tomadas pela autoridade esperada. Ninguém mais duvidava da opinião religiosa dos familiares dos mortos. O meio de verificar isto seria, naturalmente, exigir a prestação de tributos aos deuses, com novos episódios lamentáveis nos templos da cidade e outras tantas vidas sacrificadas. Assim sendo, era preferível partir. E os aprestos foram feitos.

Estávamos vivendo o ocaso das perseguições contra os cristãos no mundo antigo. O sonho profético de Filoctemo era uma realidade. Licínio seria vencido e sob Constantino viria dia de paz. Mas naquele- **381**

le instante rida disso podíamos saber. Ainda naquela noite os pais. de Filoctemo estiveram sm nossa casa. Bondosamente convidaram-nos a seguir com eles. Pretendiam atravessar a Capadócia e rumar para as costas da Cilicia onde possuíam pequena propriedade abandonada que, trabalhada, nos podia abastecer a despensa. Os campos eram abundantes para os rebanhos e as vinhas e oliveiras fartavam os lugares .

— Cultivaremos a terra e as nossas lembranças queridas. — Dissera o ancião de olhos úmidos. — Zenóbia seguirá conosco. Constituiremos outra família, unida pela afinidade em Jesus e, nos dias da velhice, nos aqueceremos uns aos outros.

A isso mamãe comentara:

— Até que o futuro nos leve para junto dos afetos do passado.

Lembrei-lhe que os campos da Cilícia eram verdes, as encostas tinham árvores e flores.

— E não muito longe está o mar que tu amas mesmo sem o conheceres...

— E depois, se um dia quiserdes, voltareis...

Falávamos com volubilidade, tentando esquecer a dor imensa que cada um trazia armazenada em seu coração. Eu sabia que (amos partir para uma ida sem volta. Nessa noite fui à canastra, abri-a e retirei o embrulho que Filoctemo me dera. Expliquei a seus pais e a minha mãe do que se tratava, narrando-lhes o episódio.

— *As pugilares* de Filoctemo estão aí dentro, disse a minha mãe tomando o embrulho nas mãos. Disse-me que esperasse o seu aviso para entregá-lo a ti. Ontem, no lago, pediu-me que o fizesse. Foram as últimas palavras que pronunciou. O que se encontra aí dentro te pertence, tence.

Ela desfez o pacote e puxou a candeia para mais perto, a fim de que pudesse ver melhor. Àquela luz reconheci o objeto, aquele mesmo que, quando nos conhecêramos, ele me enviara por Cirilo, com uma mensagem brincalhona. Mamãe abriu-o. Nas partes Interiores, sobre a superfície de cera, o estilete grafara uma mensagem pouco extensa. Dizia:

"Estarás perplexa quando receberes estas linhas e eu venho pe- dir-te que te reanimes e que faças a esperança brilhar em torno de ti e de Galla. Não estarás só, pois, neste mesmo momento em que te escrevo, preparo-me para regressar aos teus braços. E tu me reconhecerás por um sinal que tão bem conheces e que te saltará aos oíhos.

Com a permissão de Jesus nossos destinos se ajustam.

Beijorte o desvelado coração".

Em baixo estava escrito o nome de meu pai.

Os olhos de mamãe não se despregavam daquelas tábuas, que revirava entre os dedos. Pela mão de Filoctemo o espírito de meu pai havia escrito. Ela me perguntou:

— Compreendeste bem o que dizia?

— Sim, ele voltará para ti.

— Cirilo parte e ele regressa para nossos braços. Tinha as tábuas e guardaste segredo.

— Filoctemo recomendou-me que esperasse.

— Ele virá, mas... como? Quando? Exatamente agora que Cirilo se foi ele retorna. Oh! Se pudesse ser verdade... Se ele encontrasse como fazê-lo... Se puder...

— Ele saberá encontrar um meio. Ele prometeu-te, mãe!

— Sim! Foi um homem decidido. Saberá como proceder...

Pôs as mãos atrás da mesa e deixou que o corpo pendesse pesadamente, com incontável fadiga e abandono. Depois, erguendo a cabeça e olhando para mim começou a chorar perdidamente. Eu e Ze- nóbia avançamos para ela, abraçamo-la e, de súbito, como se alguma coisa se quebrasse em nós, também nos pusemos a chorar, entregamo- nos ao pranto sem peias .e ficamos em seus braços um tempo que não sei, a soluçar perdidamente.

Depois nossos soluços foram serenando até que um cálido silêncio nos envolveu. Quando me voltei para o pai de Filoctemo, vi que não era o vulto alquebrado que entrara na sala. Embora suas faces estivessem molhadas de lágrimas, toda a sua figura parecia irradiar serenidade e força.

Mamãe tomava-lhe as mãos e as beijava dizendo:

— Beijo as mãos de Filoctemo em vossas mãos.

— Nossos filhos estão juntos. Eles se alegrarão se nos reunir-» mos também.

— Não permitiremos que a luz que acenderam venha a se apagar. Nós a manteremos viva pelo mesmo trabalho e a mesma dedicação.

— Será longa a jornada...

— Sim. Mas nos deteremos onde quer que haja uma comunhão cristã. Há muitas igrejas disseminadas por toda a parte, nelas descansaremos .

— Partiremos contigo! — Disse mãe com firmeza.

— Os arredores de Cos são belos; mesmo nesta época do ano são aprazíveis. Oferecem veredas para passeios encantadorês. É possível que a vida nos ofereça novas dores, novas dificuldades. É possível! Nos momentos difíceis Filoctemo costumava lembrarmos Paulo falando aos Filípenses: "Fazei as coisas sem murmurações nêem contendãs". Os ânimos desanuviavam, a coragem retornava.

Ficaram os dois a elaborar planos. Nossa casa permaneceria entregue a um trabalhador de nome Pacis, chefe de numerosa família. O destino final da propriedade seria resolvido mais tarde, se não nos decidíssemos a voltar.

Os aprestos para a viagem se faziam rapidamente. Temia-se a chegada inesperada das tropas e do Examinador. Pensávamos abandonar Sebastes numa única caravana, mas os riscos seriam maiores se a medida fosse levada a cabo. O rio vinha sendo vigiado dia e noite.

Ao primeiro sinal de alarme as famílias retirantes buscariam refúgio provisório. O cômodo acima de nossa casa oferecia admirável posição, oferecendo ampla vista do rio. O pai de Filoctemo incumbira-se de ficar de vigília aquela noite. Entretanto pareceu-me absurda a idéia de deixar aquele homem avançado em anos passar tantas horas ao relento. Disse-lhe que eu o substituiria. Levaria Coronna comigo. Creio que foi o tom que me manifestei que fez prevalecer minha idéia. Não era uma consulta, mas apenas a comunicação de uma decisão tomada.

Talvez mãe tenha sentido que, daquele instante para sempre, cu tomara as rédeas do carro de meu destino em minhas próprias mãos Assim, não replicou.

Por esse motivo eu estava de vigília naquele ponto da colina. As horas foram passando. Eu meditava, rememorava, sofria. De súbito tive a sensação de que o pesadelo passara. Respirei o ar gelado muitas vezes e uma progressiva sensação de alívio foi-se apossando de mim. Então, sem susto nem terror, veio-me a impressão de que uma mão cobria a minha. Dava-me uma impressão de mornidez e apertava meus dedos doce e fortemente. Olhei para o nascente e percebi que, em breve, o dia começaria a nascer. Os primeiros tons pálidos de rosa se mesclavam ao azul enluarado da noite. Julguei que devesse voltar para despertar os outros e assim o fiz. E aquela mão invisível sobre a minha como que me levava suavemente.

Lenta, lentamente a luz do dia se acendia. E foi de encontro àquele fundo de delicada palheta que vi o denso grupo em marcha. Corón- na rosnou e, ao nos aproximarmos, percebi que a gente de Eliano estivera por perto. Naquele amanhecer seguia sua viagem nômade.

Mais tarde eu saberia que a notícia dos acontecimentos anteriores chegara aos ouvidos do chefe tribal. O corpo de Eliano fora desenterrado e queimado no decorrer da noite, conforme o culto funerário devido a um príncipe de sua raça.

Sumiram-se nos desvãos do monte e eu me aproximei da casa. Correndo à minha frente Coronna fora se deter nos degraus da frente. Teve um curto latido, retornou a mim para, ladrindo, sempre, voltar ao mesmo ponto. Havia qualquer coisa de estranho alí. Um embrulho de farrapos que ela cheirava e tentava desfazer com o auxílio da pata.

Colhi o enrolado imundo. Uma criança de dias se abrigava lá dentro. Dormia apesar do frio intenso, cuidadosamente carreguei-a para dentro. E a sensação de uma mão sobre a minha se fazia mais intensa. Todavia, no interior, cessou de todo.

Parei na casa adormecida e silenciosa. O luar não se apagara e um fio cor-de-prata brincava no *balteus* de Cirilo. Com a criança nos braços, pisando levemente, dirigi-me aos fundos.

A quantos sucede o que sucedeu a mim, costumamos dizer que foi delírio, um sonho e outras

coisas assim. Todavia eu tinha os sentidos alertados e registrava com clareza minhas impressões.

O fogo morria no braseiro e um fio de fumaça dançava no ar parado e penumbroso. Aquele foi o pretexto, pois que a fumaça se esgarçou lentamente e foi se aproximando até bem perto de mim. Nela se plasmou, clara, como que banhada em um luar misterioso, a primeira das faces. Foi Oonnato, depois Cúrio, e Flávio... E um se prendia ao outro na diáfana moldura de uma argola refulgente. De sorte que eu tive diante de meus olhos a corrente de Filoctemo. Foram passando sob meu olhar maravilhado e sorriam com doçura, belos, palpitantes, coloridos pelo viço da vida no esplendor da mocidade.

Vi João, Cirilo e Filoctemo. E este, como que envolto num júbilo que ia para além das alegrias da vida material, parecia dizer: "Eu te contei, lembraste?" Por último veio Prisco e minha alma ansiava por ele. Tinha um coração e esse coração pulsava rítmico com o meu. Nossos pensamentos confundiam-se, eu vivia nele e ele vivia em mim. Nossos espíritos se tocavam. Nós nos dissemos todo o nosso amor naquele instante fugidio, tudo quanto em cinqüenta anos de ternura e paz nos teríamos dito. E depois disto a imagem se apagou.

Mamãe encontrou-me muda no meio do cômodo com o fardo nos braços. Contei-lhe o que se passara e um misterioso pensamento deve lhe ter cruzado a mente. Pôs o embrulho sobre a mesa e febrilmente afastou os trapos. Até que viu aquilo que buscava.

Havia no pequenino braço de um frágil menininho, perfeitamente desenhada, uma mancha de nascença configurando minúscula asa. Ela tomou a criança nua nos braços e, nervosa, pediu-me que acendesse a candeia. À luz amarelada desnudou seu próprio braço e mostrou-me. Eu nunca tinha posto atenção àquela marca. Mas agora podia ver. Tinha o feitio de uma pequenina asa, era, em tudo, idêntica àquela que a criança trazia. Esta, aparentemente indiferente ao frio, parecia dirigir-nos um lúcido e confiante olhar. Mamãe apertou-a contra o seio e sua voz chegou aos meus ouvidos quase num balbúcio:

— É ele! Está de volta.

Poucas horas depois deixávamos a casa. Tangíamos um pequeno rebanho e levávamos os nossos trastes no *plostellum* puxado pelas mansas cabras. Encontramos a caravana em pleno caminho do Sul. Era muito cedo ainda e pequenas gotas de gelo se desfaziam entre as relvas requeimadas.

Dizíamo-nos uns aos outros, em forma de saudação:

— Glória ao Pai pelo Filho no Espírito Santo.

Entramos no lugar que nos foi designado. Éramos trinta e duas famílias a caminho da costa. Em conversa com outras pessoas soubemos que grupos cristãos da igreja de Sebastes tinham, igualmente, abandonado a cidade, porém por outros caminhos. Iam se recolher às grutas rochosas situadas há algumas milhas da cidade. Ali, nos anos que seguiriam, iriam construir as atualmente famosas igrejas rupestres da Capadócia, ainda existentes e que levam os estudiosos da arte sacra primitiva aos confins da Ásia menor.

Íamos andando aos pálidos raios do Sol da manhã e, olhando para atrás, tivemos a derradeira visão da cidade. Rolos densos de fumo envolviam as construções. Tfnhamos evacuado em tempo. As represálias haviam começado. Todo o bairro do estuque, onde se congregava o maior número de famílias cristãs fora incendiado. O vento tangia as labaredas e o fogo se alastrava. Foi assim que vimos Sebas- tes pela última vez. Lá longe no lombo da colina fronteira à Porta Eldana, eu podia ver o cemitério tríplice, a águia romana sobre os portais do quarteirão romano.

Um jovenzinho parara junto a mim olharído espantado as chamas que lambiam as construções e eu lhe perguntei:

— És > irmão de Flávio, pois não?

— Sim.

— E para onde vai a tua família.

— Para Nicéia, na Bitínia. Ali se reunirão todos os bispos cristãos para um Concílio. Vais

também?

— Não. Mas tu assistirás a um fato muito importante. Verás o Cristianismo desaparecer e ceder lugar a uma nova doutrina à qual denominarão Catolicismo.

— Como sabes?

— Jesus será transformado em Deus. Tu assistirás ao declínio de tudo quanto nos legou. Mas um dia o Cristianismo se erguerá das cinzas.

— Quando?

— Não sei quando. Muito tempo se passará talvez.

— E tu, para onde irás?

— Para um lugar onde há tanto por fazer que bem pouco tempo terei para falar e ouvir.

— Não vais querer ser católica?

— Não, eu continuarei simplesmente a ser cristã.

Olhei Sebastes pela última vez. Quarteirões em chamas, rolos de fumo cinzento abafando aquela que todos conheciam como a Rainha do Ponto. Alcancei Gemma e Zenóbia. Mamãe apertava a criança fortemente contra o peito e fixava um ponto ao longe e eu não poderia dizer se era o céu ou era a terra que ela olhava.

FIM

Leitor. No comentário evangélico, o que encontrares aqui de menos bom, atribui- o a nós. O melhor, ao generoso espírito Emmanuel, **Pão Nosso**, psico- grafia de Francisco Cândido Xavier, por não havermos encontrado, na bibliografia em cinco línguas nada de mais puro e nem de mais excelente.

Nota

O livro *History of the First Council of Nice*. Pelo prefácio, escrito por outro erudito na matéria, o Prof. Hilton Hotema, fica-se sabendo que **1.800** bispos estiveram presentes ao Concílio de Nicéia.

Ele afirma que... "*Constantino foi muito esperto fazendo realizar o Concílio em Nicéia, cidade da Bitínia, uma das mais remotas das províncias do Império pois, assim, çs romanos não tomariam conhecimento dos seus verdadeiros propósitos...*"

O Prof. Hotema nos informa que Sabinus, em carta destinada a um amigo, informa que, além de Constantino e Eusébio de Cesaréia, apenas **300** bispos votaram no esquema de Constantino e que estes eram... "HOMENS ILETRADOS E SIMPLES, INCAPAZES DE COMPREENDER O QUE SE PASSAVA"... Esses prelados ignorantes, aflitos de regressarem às suas cidades e temerosos de serem tomados por herejes, concordaram com o Imperador, ansiosos de ver terminado o Concílio. Foi assim que, com seus **300** votos, transformaram o Cristianismo em Catolicismo.

Os **1.800** bispos, presente, a princípio se mostraram favoráveis aos propósitos de Constantino. Mais tarde, entretanto voltaram atrás.

Vitorioso com apenas **300** votos, o Imperador se mostrou .furioso. O líder da oposição foi Arrius e a agitação que se estabeleceu fo» tão grande que a milícia teve de ser chamada para impor a ordem.

"Por esse motivo", diz o prof. Hotema, "Constantino e seus acólitos conseguiram que Arrius fosse excomungado e exilado. Isto explica porque seus escritos são tão escassos: habitualmente destruía-se toda a obra dos excomungados".

Este livro, escrito sob forte vibração espiritual foi enriquecido por esses informes quando já havia sido terminado. Acreditamos firmemente que todos os acontecimentos e personagens presentes são reais e que os acontecimentos foram apenas suavizados, uma vez que nos sentíamos dentro das cenas ao escrevê-las. Várias das personalidades retratadas já foram detectadas por nossa sensibilidade. Todavia isto não quer dizer, absolutamente, que A ESQUINA DE PEDRA, seja um livro psicografado.